



P. Cícero

do Juazeiro

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

ANAIS

Universidade Regional do Cariri
Diocese de Crato



CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

ANAIAS

18 A 22 DE JULHO/2004
JUAZEIRO DO NORTE - CEARÁ - BRASIL

ANAIS DO III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O PADRE CÍCERO DO JUAZEIRO: E... QUEM É ELE?

Editores

Annette Dumoulin

Ana Tereza Guimarães

Maria do Carmo Pagan Forti

Projeto Gráfico

Full Time Comunicação e Marketing

Editoração Eletrônica

Fábio Dutra

Fotolito

Gráfica Tipoprogresso

Impressão

**Banco do
Nordeste**



Anais do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele? /
Dumoulin, A. Guimarães, A. T., Forti, M.C.P. (Ed.) 18 a 22 de julho em Juazeiro do Norte
- CE, 2004

Anais

286p: il;

ISSN

1. Religião. 2. Padre Cícero

I. Título

CDD: 220

CDU: 28

SUMÁRIO

Introdução	13
1. O contexto da obra	15
2. O autor	17
3. O texto	21
4. O tema	23
5. O estilo	25

CONTÉUDO

1. O contexto da obra	13
2. O autor	17
3. O texto	21
4. O tema	23
5. O estilo	25
6. O conteúdo	27
7. O significado	29
8. O impacto	31
9. O legado	33
10. O futuro	35
11. O presente	37
12. O passado	39
13. O futuro	41
14. O presente	43
15. O passado	45
16. O futuro	47
17. O presente	49
18. O passado	51
19. O futuro	53
20. O presente	55
21. O passado	57
22. O futuro	59
23. O presente	61
24. O passado	63
25. O futuro	65
26. O presente	67
27. O passado	69
28. O futuro	71
29. O presente	73
30. O passado	75
31. O futuro	77
32. O presente	79
33. O passado	81
34. O futuro	83
35. O presente	85
36. O passado	87
37. O futuro	89
38. O presente	91
39. O passado	93
40. O futuro	95
41. O presente	97
42. O passado	99
43. O futuro	101
44. O presente	103
45. O passado	105
46. O futuro	107
47. O presente	109
48. O passado	111
49. O futuro	113
50. O presente	115
51. O passado	117
52. O futuro	119
53. O presente	121
54. O passado	123
55. O futuro	125
56. O presente	127
57. O passado	129
58. O futuro	131
59. O presente	133
60. O passado	135
61. O futuro	137
62. O presente	139
63. O passado	141
64. O futuro	143
65. O presente	145
66. O passado	147
67. O futuro	149
68. O presente	151
69. O passado	153
70. O futuro	155
71. O presente	157
72. O passado	159
73. O futuro	161
74. O presente	163
75. O passado	165
76. O futuro	167
77. O presente	169
78. O passado	171
79. O futuro	173
80. O presente	175
81. O passado	177
82. O futuro	179
83. O presente	181
84. O passado	183
85. O futuro	185
86. O presente	187
87. O passado	189
88. O futuro	191
89. O presente	193
90. O passado	195
91. O futuro	197
92. O presente	199
93. O passado	201
94. O futuro	203
95. O presente	205
96. O passado	207
97. O futuro	209
98. O presente	211
99. O passado	213
100. O futuro	215

"Disse Deus: 'Haja Luz', e houve luz. Deus viu que a luz era boa, e separou a luz das trevas."
(Gn. 1,3-4)

SUMÁRIO

Apresentação	11
Sessão de abertura	13
- Discursos:	
• <i>Dr. Geraldo Menezes Barbosa</i> , Presidente do Memorial Padre Cícero	15
• <i>Prof. Dr. André Herzog</i> , Reitor da Universidade Regional do Cariri – URCA	17
• <i>Dom Fernando Panico</i> , Bispo da Diocese de Crato	20
• <i>Dr. Lúcio Gonzalo de Alcântara</i> , Governador do Estado do Ceará	22
- Conferência de Abertura: Mons. Francisco Murilo de Sá Barreto	24
 O CONTEXTO	
Conferência	
- Padre Cícero nos textos e no contexto do seu tempo: <i>José Oscar Beozzo</i>	32
Mesa-redonda	
- Padre Cícero, a diocese do Ceará e o processo de romanização: <i>Edilberto Cavalcante Reis</i>	46
- Padre Cícero e o contexto eclesial de seu tempo: <i>Paulo Fernando Carneiro Andrade</i>	48
- Caminhada da pastoral da igreja do Ceará nos séculos XIX e XX: desafios pastorais: <i>Maria Socorro Tavares de Carvalho (Pê)</i>	50
- Debate	54
Painel	
- Quem é o meu senhor? Um olhar psicanalítico sobre o relato de Mons. Alexandrino: <i>Ana Lucia Macdowell Gonçalves</i>	56
- Configuração simbólica do Joazeiro celeste: <i>Francisco Salatiel de Alencar Barbosa</i>	60
- Debate	63
Comunicações	
- Padre Cícero – Leitor do Apocalipse: <i>Francisco Salatiel de Alencar Barbosa</i>	68
- Representações sociais do Padre Cícero para os moradores da Colina do Horto: <i>Mãe de Fátima de M. Pinho</i>	69
- Padre Cícero: entre a Terra e o Céu: <i>Maria Paula Jacinto Cordeiro</i>	69
- A Servidão Voluntária ao fenômeno Padre Cícero: <i>Tiago Gomes Landim</i>	70
- Ética do trabalho do Padre Cícero: <i>Cláudio Ubiratan Gonçalves</i>	72
- Padre Cícero e o coronelismo: <i>Antônio Mendes da Costa Braga</i>	72
- Para Dom Joaquim, quem é o Padre Cícero?: <i>João Jorge Corrêa Filho</i>	73
- Uma escola de mestres e santos: <i>Domingos Sávio de Almeida Cordeiro</i>	73
- Sangue e pecado na terra santa: Maria de Araújo e as Beatas no Juazeiro - 1872 A 1914: <i>Ediane dos Santos Nobre, Sônia Maria de Meneses Silva</i>	74
- O arraial do Caldeirão e o êxodo nordestino: <i>Lemuel Rodrigues da Silva</i>	75
- Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte: Significados Atribuídos: <i>Pedro Ferreira Barros</i>	76

- O Conteúdo das Cartas dos Romeiros do Padre Cícero: <i>Raimundo Luis do Nascimento</i>	76
- Imaginário Popular: Uma abordagem das marcas lexicais nas cartas dos romeiros (as) ao Padre Cícero: <i>Maria Edivângela da Silva</i>	77
- Padre Cícero na fotografia popular: <i>Titus Riedl</i>	78
- Pedidos ao Padre Cícero ⁴ , cartas votivas: <i>Titus Riedl</i>	78
- Análise da problemática do lixo nas romarias: <i>Cieusa Maria Calou e Pereira, José Levi Furtado Sampaio</i>	79
- As romarias no Ceará e o consumo do turismo religioso: <i>Tereza Neuma Martins de Abreu</i>	80
- O ensino de arte e história: historiando Juazeiro: <i>Pautilia Ferraz Araruna, Zuleide Fernandes Queiroz</i>	80
- Padre Cícero e a educação em Juazeiro/Ceará: <i>Kássia Mota de Sousa, Zuleide Fernandes Queiroz</i>	81
- A Teoria dos pressupostos básicos de Wilfredo Bion como base para um melhor entendimento das lideranças de Padre Cícero, Lampião e Antônio Conselheiro: <i>Danúzio de Macêdo Carneiro</i>	82
- O Estado e a influência do catolicismo na educação do Cariri: <i>Josier Ferreira da Silva</i>	82
- Poesia e <i>Ethos</i> : Representações do Padre Cícero no Cordel: <i>Cláudia Rejanne P. Granjeiro</i>	83
- Benditos em Juazeiro: A recriação da imagem do Padre Cícero: <i>Rafael Bezerra Siqueira Paiva</i> ...	84
- Dos benditos à música popular, da música popular aos benditos: A construção das relações entre o catolicismo popular de Juazeiro do Norte e a obra de Luiz Gonzaga: <i>João Monteiro Silva Jr</i> ...	85
- Tema: Renovação do Santo: Culto, Festa e Reciprocidade: <i>José Nilton de Figueiredo</i>	85
- Padre Cícero e a educação em Juazeiro do Norte: <i>Nubia Ferreira Almeida</i>	86
- Padre Cícero no imaginário umbandista: <i>Luiz Assunção</i>	87
- Padre Cícero no imaginário das irmandades de penitentes: <i>Anna Christina Farias de Carvalho</i> ...	88

A VIVÊNCIA

Conferência

- Histórias do passado, histórias do futuro, <i>Candace Slater</i>	90
--	----

Mesa-redonda

- O mundo sombrio do Padre Cícero (Uma leitura das Memórias de Maria da Conceição Lopes Campina), intituladas "Voz do Padre Cícero): <i>Eduardo Hoornaert</i>	97
- O fenômeno de Nazaré, o fenômeno de Juazeiro: <i>Aldo Fernandes</i>	103
- Do anátema ao acolhimento pastoral: <i>Manoel Henrique de Melo Santana</i>	108
• Debate	111

Conferência

- Romarias e o Juazeiro do Padre Cícero: <i>Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes</i>	114
--	-----

O FENÔMENO

Conferência

- Antigas controvérsias, novos paradigmas: lembranças de um pesquisador na véspera do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero: <i>Ralph Della Cava</i>	124
---	-----

Mesa-redonda

- O Padre Cícero que eu também conheci: <i>Assunção Gonçalves</i>	127
- Padre Cícero: entre a política e a religião popular: <i>Marcelo Ayres Camurça</i>	132
- Os arquivos do Padre Cícero e os Salesianos: <i>Antenor de Andrade e Silva</i>	136
• Debate	140

.....	76
..... (25)	
.....	77
.....	78
.....	78
.....	79
..... de Abreu	80
.....	80
.....	81
..... entendimento	
..... Carneiro	82
..... de Silva	82
..... R. Granjeiro	83
..... Siqueira Paiva	84
..... das relações entre	
..... Manoel Silva Jr.	85
..... Figueiredo	85
.....	86
.....	87
..... de Carvalho	88
.....	
.....	90
..... Conceição Lopes	
.....	97
.....	103
.....	108
.....	111
.....	114
.....	
.....	124
.....	127
.....	132
.....	136
.....	140

Painel

- Depoimento sobre o papel da Comissão de Estudos para a reabilitação histórico-eclesial do Padre Cícero Romão Batista: *Aroldo Braga* 143
- Considerações sobre um relato-testemunho: Paulo Elpídio de Menezes e o Padre Cícero de seu tempo: *José Nilton de Figueiredo* 145
- Debate 149

MINI-CURSOS

- Altares e oficinas: *Gilmar de Carvalho* 152
- Arquivos e pesquisas sobre o Padre Cícero: uma “cronogenealogia” para o grande acervo: *Antonio Renato Soares de Casimiro* 154
- A influência do Padre Cícero na arte popular: *Renato Dantas* 162

O CONTEMPORÂNEO E O FUTURO

Conferência

- O Padre Cícero e a “Igreja Popular”: prospectiva: *Pierre Sanchis* 166

Mesa-redonda

- Padre Cícero e a perspectiva contemporânea do turismo religioso: *Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros* 181
- Padre Cícero: tradição e modernidade: *Carlos Alberto Steil* 183
- Patrimônio cultural e turismo em Juazeiro do Norte: *Olga Paiva* 185
- Política nacional do turismo e o elemento religioso: *Anie Ribeiro* 190
- Debate 192

Painel

- Desafios à religião na sociedade pós-moderna: *Manfredo Araújo de Oliveira* 196
- Parecer sobre a pessoa do Padre Cícero: *Manoel dos Reis de Farias* 199
- Educação, ciência e tecnologia como preocupação na obra do Padre Cícero e o futuro: *Helio Guedes de Campos Barros* 201
- Debate 205

SÍNTESES

- Rocildo Alves de Lima Filho 212
- Aroldo Braga 215
- D. Manoel João Francisco 217
- José Nilton de Figueiredo 219

ANEXO

- Correspondência do Pe. ou Mons. Antonio Alexandrino de Alencar – 1892 a 1900: compilada e digitada no Centro de Psicologia da Religião, Juazeiro do Norte – CE por *Ir. Ana Teresa Guimarães e Ir. Annette Dumoulin* 222



CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

Presidente do Simpósio

Francisco Murilo de Sá Barreto

Secretário Geral

Francisco Roserlândio de Souza

Secretária Adjunta

Maria do Carmo Pagan Forti

Tesoureira

Germana Brito

Comissão de Honra

Lúcio Gonçalo de Alcântara

Governador do Estado do Ceará

Fernando Panico

Bispo Diocesano de Crato

André Herzog Cardoso

Reitor da Universidade Regional do
Cariri – URCA

Carlos Cruz

Prefeito de Juazeiro do Norte – CE

João Carlos Ribeiro

Inspetor da Congregação Salesiana
do Nordeste

Comissão Científica

Annette Dumoulin

Coordenadora

Antenor Andrade e Silva

Teólogo

Ana Tereza Guimarães

Pastoralista

Daniel Walker

Biólogo e escritor

Francisco Regis Lopes

Historiador

Gilmar de Carvalho

Escritor

Maria do Carmo Pagan Forti

Psicóloga

Renata Marinho Paz

Antropóloga

Renato Casimiro

Memorialista

Comissão Organizadora

José Carlos dos Santos

Coordenador

Agnaldo Carlos

Secretário da Cultura

Geraldo Menezes Barbosa

Presidente da Fundação Memorial
Padre Cícero

Bosco Lima

Ecônomo

Plácido Aderaldo Castelo Neto

Pró-reitor URCA

Policarpo Rodrigues Filho

Advogado

Ricardo Damasceno de Oliveira

Pró-reitor URCA

Rocildo Alves

Teólogo

Sebastião Bandeira

Vigário Paroquial de N. Sra. das Dores

APRESENTAÇÃO



Este volume dos Anais do III Simpósio Internacional sobre o “Padre Cícero do Juazeiro: E.... quem é ele ?” apresenta o resultado dos estudos e discussões de pesquisadores reunidos em Juazeiro do Norte entre 18 a 22 de julho de 2004, após um hiato de quinze anos. Os que atenderam ao nosso convite participaram deste evento brindando-nos com suas pesquisas, levadas a efeito, em sua maioria, nas melhores universidades do Brasil e do exterior. Atendem ao rigor metodológico exigido pela ciência, proporcionando uma análise amadurecida, consistente, e capaz de ampliar a visão e o conhecimento sobre a pessoa do Padre Cícero, sua obra multidimensional e atemporal, seus romeiros e as ações que ao redor deles se desenrolam.

O mote do Simpósio – E... quem é ele ? – poderia sugerir que estávamos em busca de uma resposta acabada sobre a pessoa do Padre Cícero, como aquela das idéias claras e distintas.... O que se encontrou foi o reconhecimento da complexidade dos fenômenos que existem em Juazeiro do Norte, espalhando-se por todo o país, notadamente no nordeste. Já não é mais possível valer-se de reducionismos simplistas para se entender esta realidade. As respostas não são fáceis. São complexas e reúnem muitos domínios das ciências. Devem ser analisadas sob muitos ângulos, para entendermos a riqueza de propostas, para nós hoje regidas por uma compreensão sistêmica da realidade histórico-cultural-política, se não principalmente religiosa, inscrita no fenômeno de Juazeiro do Norte. Realidade incontestada que após setenta anos do passamento do Padre Cícero Romão Batista, sua presença continua sendo um luzeiro e porto para milhões de romeiros da Mãe das Dores, pobres itinerantes da fé católica nas sendas do nordeste brasileiro. Foi o que encontramos ao convidarmos mais de setenta conferencistas para passarem conosco os cinco dias da realização dos trabalhos.

É, portanto, com grande alegria que nós, Universidade Regional do Cariri – URCA e Diocese de Crato, que elegemos a interpretação e o serviço ao povo centro nordestino como uma de nossas principais missões, apresentamos este volume dos Anais do III Simpósio Internacional sobre o Pe. Cícero. Memória e registro de um sonho realizado em parceria entre Academia e Igreja, para que as pesquisas e debates do Simpósio possam ser socializados e potencializados através desta publicação, e para que muito mais se faça.

D. Fernando Panico
Dr. André Herzog Cardoso



CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

18 de Julho de 2004

SESSÃO DE ABERTURA

Autoridades presentes,
Senhoras e senhores, boa noite!

“Se não podes entender, crê para que entendas; a fé precede, o intelecto segue.”

Com estas palavras de Santo Agostinho, a Universidade Regional do Cariri e a Diocese do Crato acolhem a todos os participantes do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero, evento que se entrelaça à celebração de seus 160 anos de nascimento e 70 anos de sua passagem para a eternidade.

Nas histórias do povo, o Padre Cícero ganha a consistência que o imaginário dos peregrinos deseja. Movidas por uma comovente fé popular, multidões de romeiros – alimentadas da esperança por um trabalho, por uma vida melhor, e pelo desejo de alcançar a salvação eterna – fazem da cidade de Juazeiro do Norte um verdadeiro santuário de peregrinação do Brasil.

Padre Cícero sempre pregou que era necessário “trabalhar como se nunca fosse morrer e orar como se fosse morrer amanhã”. Assim, oração e trabalho tornaram-se os pilares da construção da identidade desse povo, que tem em Juazeiro do Norte o seu templo, e no Padim Ciço o Conselheiro, o Padrinho que acolhe e protege.

Em reconhecimento à dimensão do Padre Cícero e dos seus devotos, e num esforço multi-institucional, a Universidade Regional do Cariri - URCA e a Diocese de Crato, realizam este III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero: E...quem é ele? instalado 15 anos após sua segunda edição. O III Simpósio objetiva dar continuidade aos estudos e discussões em torno do fenômeno Padre Cícero a partir das dimensões histórica, antropológica, cultural, pastoral e filosófica.

O III Simpósio será composto de conferências, palestras, mesas redondas, mini-cursos, debates, sessões de comunicações e grupos de trabalho, exposição de fotos, exibição de filmes, peças teatrais, grupos de danças típicas e musicais, lançamento de livros e vivência dos atos religiosos próprios da romaria.

AGRADECIMENTO AOS PATROCINADORES E PARCEIROS

Agradecemos a parceria do:

- Governo do Estado do Ceará

As instituições patrocinadoras:

- Banco do Nordeste do Brasil
- Federação das Indústrias do Estado do Ceará - FIEC/SESI
- Empresa Brasileira de Correios e Telégrafos
- Sistema Fecomércio
- Ministério das Comunicações
- Ministério do Turismo
- Bic Banco
- Sebrae/Ce

As Instituições e empresas apoiadores:

- Assembléia Legislativa do Estado do Ceará
- Museu do Ceará
- Ministério da Ciência e Tecnologia
- Ministério da Educação
- Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN

- Secretaria do Turismo do Estado do Ceará
- Frente Parlamentar de Apoio à Cultura Popular Brasileira
- Universidade Federal do Ceará
- Sistema Verdes Mares
- Universidade Estadual Vale do Acaraú - UVA
- Prefeitura Municipal de Juazeiro
- Prefeitura Municipal do Crato
- Faculdade de Medicina de Juazeiro
- FARMACE
- Arca d'Aliança
- Lojas Iane Calçados
- Cariri Shopping
- Clínica São José
- Fundação Memorial Padre Cícero
- Construtora Raimundo Coelho

Ratificando a importância deste Simpósio, os **Correios do Brasil** lançam, nesta oportunidade peças filatélicas: selo, carimbo e cartão postal alusivos ao III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero: E...quem é ele? e à sua memória.

Este evento conta com a organização da Prática Eventos

DISCURSOS

Dr. GERALDO MENEZES BARBOSA

Diretor da Fundação Memorial Padre Cícero

As portas abertas no sentido longitudinal para as buscas e respostas programadas para o IIIº Simpósio Internacional, em Juazeiro do Norte, trazem o propósito de afugentar, de uma vez por todas, a timidez daqueles que se dispuseram a abordar o fenômeno Padre Cícero sem a devida coragem e sinceridade. Esperam-se trabalhos incisivos, sem sofismas, sem adornos lingüísticos ou filosóficos de duvidosa interpretação, mas ajustados à fidelidade e alma do tema, como gostariam de fazê-lo. Uma abordagem que não estivesse ainda condicionada àquela sugestão de poder hipnótico deixada em 1890, pelo Bispo Dom Joaquim Vieira, quando ameaçou pena de excomunhão e o fogo do inferno a quantos tocassem o assunto dos "milagres" de Juazeiro. Por outro lado parece não prevalecer tão rigorosamente a mensagem do texto latino "Locuta Romana, causa finita" (Roma falou, está decidido), com aquele poder de tudo consumir sem qualquer apoio da justiça. O atual Pontífice da Igreja Católica Romana, atualizando o sentido cristão da Igreja, por mais de uma vez, em praça pública, pediu perdão a Deus e aos homens pelas falhas e erros cometidos pela Madre Igreja. Reconciliar e corrigir em nome da História e de Cristo.

Já não serão classificados como hereges aqueles que abordarem o "fenômeno" Padre Cícero quando a Diocese do Crato desfralda a bandeira da reconciliação pelo punho do antístide, Dom Fernando Panico, italiano, assumindo a parceria desse Seminário Internacional. Desaparece o "medo do bispo", de que me falou a veneranda tia Luízinha Ferreira de Menezes, octogenária, quando lhe perguntei, no ano de 1940, sobre o que viu entre o Padre Cícero e a hóstia ensanguentada. A velhinha estremeceu, olhou para os lados assustada e segredou-me numa confissão quase auricular: "Vi tudo,

meu filho, mais de uma vez o padre retirando da boca da beata a Santa Hóstia feita em sangue. Mas quem falasse naquilo seria excomungado por ordem do bispo. Era tanto o medo que as pessoas choravam sem poder falar. O padre e a beata foram levados para o Crato. A beata apanhou de palmatória até urinar-se toda e o bispo proibiu batizar qualquer criança com o nome de Cícero. Faz tempo mas tenho medo de ser castigada por estar falando nisso”.

Desobstruídos assim os caminhos para as novas pesquisas, sob a bandeira da Diocese e da intelectualidade acadêmica da URCA, afugenta-se o “medo”, para a fixação de um olhar frente à frente sobre o “fenômeno” não somente numa visão pastoral como tende orientar alguns itens do Simpósio mas uma abordagem decisiva, destemida, sem qualquer aditivo preconceituoso mas na amplitude de uma abertura álcara de quem deseja um reencontro sensacional com a Verdade. Há que se exigir mais dos pesquisadores ante a pergunta “slogan”, E... QUEM É ELE?

O escritor americano, Ralph Della Cava, que, em 1976 foi corajoso em abordagens mais profundas sobre o Patriarca de Juazeiro em época até certo ponto proibitiva pela Igreja em se escrever sobre o tema, parece-nos necessariamente responsável a complementar novas conceituações na mensagem final de sua obra “Milagre em Joazeiro”, ante a abertura de novas portas ao assunto ciceropolitano. Outros expositores estão a dever seus novos conceitos à luz do novo milênio, em resposta frontal ao “slogan” oficial do evento. Respostas sem medo. Objetivas.

Prevendo a possibilidade de possíveis flutuações temáticas durante o Simpósio, a Comissão Científica, decidiu solicitar dos conferencistas inscritos, o direcionamento fundamental sobre a pergunta “E... quem é ele?” com o objetivo de resgatar discussões contemporâneas sobre o fenômeno Padre Cícero, o sentido de sua vida, sua figura no contexto histórico de sua época, ação pastoral diante da força devocional de mais de 100 milhões de devotos romeiros que situaram seus lugares de encontro na terra do Padrinho Cíco e aclararem o mistério de um ser humano que após 70 anos de sua passagem pela terra, tem sua presença evangelizadora e bem amada no coração desta nação romeira nordestina. Por esses dias, Juazeiro se transformará num oratório do pensamento maior de uma intelectualidade nacional e internacional sob a força transcendental daquele que soube reunir oração e trabalho em forma de amor e consciência de Paz e em nome de Deus.

Prof. Dr. ANDRÉ HERZOG CARDOSO

Magnífico Reitor da Universidade Regional do Cariri – URCA

Crato, março de 1844; nasce Cícero Romão Baptista. Ele tinha pele alva, cabelos louros, olhos azuis pequeninos, e o poder de fascinar as pessoas. Homem, tornou-se o Padre Cícero.

Juazeiro do Norte, Julho de 1934. Padre Cícero, passa à eternidade. É sepultado na presença de mais de 70 mil pessoas, mas transforma-se no taumaturgo do nordeste, no santo dos mais humildes, em um incontestável fenômeno.

No intercurso dos noventa anos de sua passagem terrena é protagonista, partícipe e testemunha privilegiada dos mais relevantes acontecimentos da história do Estado do Ceará e do país.

A Universidade Regional do Cariri realizou dois Simpósios Internacionais sobre o Padre Cícero, eventos da maior relevância, amplificando, além fronteiras, a contribuição e a importância deste líder religioso e político do povo sertanejo.

Esta terceira edição, que ora temos a honra de promover, se reveste de uma característica toda especial e bastante particular: a parceria com o Bispado de Crato.

Parceria que sinaliza um novo tempo, instalado pela oportuna e sensível intervenção e liderança de Dom Fernando Panico, e que pode e deve implicar no desenvolvimento de outros trabalhos em conjunto.

Novos tempos que sempre tiveram abrigo na figura discreta, afável, mas nem por isso menos notável, de Monsenhor Murilo de Sá Barreto. Monsenhor Murilo vem desde 1958 apascentando um grande rebanho, composto em grande parte de desvalidos, os mesmos, a quem o Coração de Jesus teria apontado em sonho ao jovem padre, recomendando sua dedicação e cuidados.

Talvez a melhor expressão da dimensão e do alcance desta parceria, entre Universidade e Igreja, possa ser encontrada nas palavras de Sua Santidade, o Papa João Paulo II “A ciência pode purificar a religião, livrando-a do erro e da superstição; a religião pode purificar a ciência, livrando-a da idolatria e dos falsos absolutos. Cada uma pode introduzir a outra num mundo mais amplo, em que ambos consigam florescer”.

Difícil dizer algo sobre o Padre Cícero que não tenha sido dito antes.

Trata-se de uma figura seminal, uma referência, que sempre despertou paixões.

De um lado, os devotos de uma fé sem condições.

Do outro, detratores, de expressões e palavras duras, não compreendendo o homem no contexto do seu lugar e do seu tempo.

Foi preciso que o jovem professor Ralph Della Cava, no final dos anos 60, viesse da Columbia University, desenvolver pesquisas para sua tese doutoral, publicada no Brasil com o título de “Milagre em Joazeiro” para que esse maniqueísmo começasse a se demonstrar frágil e insustentável, do ponto de vista teórico.

Padre Cícero foi um dos maiores líderes religiosos e políticos do Brasil de todos os tempos.

A assertiva não parece exagerada, se levarmos em conta o volume de textos jornalísticos, artigos acadêmicos, livros, monografias, dissertações e teses que foram escritas e publicadas sobre ele.

Na densa obra do Prof. Gilmar de Carvalho depreendemos que, na literatura de folhetos, Padre Cícero ocupa o que alguns autores chamam de “ciclo” e constitui um dos maiores conjuntos dessa literatura popular em versos.

Mas, e quem é Padre Cícero?

Não cremos existirem respostas definitivas.

Não é tão simples reduzir e sintetizar um homem de sua estatura.

Padre Cícero é por demais complexo para nosso racionalismo científico.

Aproximar-se dele implica em abdicar de idéias pré-concebidas, de articulações que não con-

templam sua grandeza, dos desafios que enfrentou, e da extraordinária contribuição que nos legou.

Padre Cícero situa-se naquele limiar entre o sonho e a vigília, entre o rigor da ciência e o luminoso da fé.

Nisso reside sua grandeza.

Mas, quem foi Padre Cícero?

Felizmente, teremos temas para vários simpósios, tamanha a relevância e a multiplicidade de papéis que desempenhou, conduzindo tanto ao fim de verdades definitivas, como à ruptura de metodologias, positivistas ou marxistas, que reduziam-no a um aspecto de sua personalidade, única e ímpar, plural, sem ambigüidades e sem vacilações.

O homem tem que ser compreendido no contexto do Ceará da passagem do século XIX ao século XX. Um Ceará que tinha no algodão sua grande riqueza, sujeita, contudo, a sazonalidade das secas que afligiam a muitos.

Um Ceará marcado por uma concentração perversa da renda e pela prevalência das oligarquias.

Se, por um lado, ele foi o fiador do "Pacto dos Coronéis", por outro foi o pastor afável, que chamava a todos de "meus amiguinhos, minhas amiguinhas" e cujas prédicas, longe de serem um arrazoadado de culpas e medo do fogo do inferno, revertiam para o apelo compreensivo do "quem pecou não peque mais". Mas que também sabia ser rígido quando necessário.

Padre Cícero foi fiel à Igreja que o acolheu em seu seio. Dela nunca se afastou. Poderia ter liderado um cisma, um movimento de ruptura. Preferiu manter o silêncio obsequioso, mesmo sabendo da injustiça das restrições a que estava submetido.

Isso dá uma exata dimensão de seu respeito à hierarquia e à disciplina da instituição à qual jurou fidelidade.

Vivemos um tempo de multidisciplinaridade e só assim Padre Cícero poderá ser compreendido, recorrendo-se à contribuição de diferentes domínios do conhecimento: da Teologia, Filosofia, Antropologia, História, Psicologia, Comunicação, Semiótica, Teoria Literária e de tantas outras interfaces e ciências que se fazem necessárias para dar conta desse desafio.

Percebe-se facilmente a extraordinária obra multidimensional deste devoto religioso, visionário precursor da ecologia, da educação profissional, do empreendedorismo e do desenvolvimento sustentável, que teve a visão do projeto socialista da fazenda Caldeirão e que, sobretudo, se preocupou com que cada romeiro que chegasse à sua cidade tivesse condições de prover sua sobrevivência e de sua família.

No centro de tudo, a questão da fé, sua ação pastoral, sua prática religiosa de opção pelos pobres, sem paternalismo, mas levando a que todos trabalhassem; sem populismos, mas sabendo-se um quadro das elites, que tinha uma imensa generosidade e compaixão pelas camadas subalternas.

A partir daí pode-se começar este longo e tortuoso percurso de sintonia fina de foco em direção ao Padre Cícero.

Quem é Padre Cícero ?

O homem que fundou uma cidade. E a fundação é sempre uma atitude épica, que só os heróis e os líderes conseguem empreender.

Ele fez a ponte entre o Crato, aonde veio ao mundo e a Juazeiro mítica, nascida em torno de três pés de juazeiros, a meio caminho entre Missão Velha e o Crato, Fazenda Tabuleiro Grande, com sua capela consagrada a Nossa Senhora das Dores e seis ruas que constituíam o povoado em que as pessoas se embriagavam e faziam arruaças. É o que diz a tradição oral.

Padre Cícero pacificou esse lugarejo e o impulsionou, a ponto de ser hoje a grande cidade que Juazeiro do Norte é: viva, pulsante, surpreendente em seu crescimento e na inventiva de sua gente.

A partir do dístico beneditino, ele teria dito que cada casa deveria ter um altar e ser uma oficina. Foi o que aconteceu.

contribuição que nos legou.
entre o rigor da ciência e o

ência e a multiplicidade de
como à ruptura de metodo-
personalidade, única e ímpar,

agem do século XIX ao
contado, a sazonalidade das

valência das oligarquias.

um foi o pastor afável, que
éticas, longe de serem um

compreensivo do "quem
muito.

se afastou. Poderia ter
desseguiso, mesmo sabendo

disciplina da instituição à qual

será poder ser compreendi-

da Teologia, Filosofia,
e de tantas outras in-

devotado religioso, visionário

desenvolvimento sustentá-

se preocupou com que
e de sua família.

religiosa de opção pelos
ismos, mas sabendo-se

camadas subalternas.
sintonia fina de foco em

épica, que só os heróis

nascida em torno de

Tabuleiro Grande, com
o povoado em que as

a grande cidade que
inventiva de sua gente.

ter um altar e ser uma

Os "fatos extraordinários", de 1889, quando a hóstia teria se transformado em sangue, quando da comunhão da beata Maria de Araújo, o elevaram à condição de santo do povo.

Aí começaram os conflitos.

É por isso que estamos aqui, para juntos, Universidade e Igreja, com a participação e a contribuição dos mais respeitados e legitimados estudiosos do homem e das repercussões de suas idéias e de suas práticas, darmos um passo adiante em direção a essa resposta improvável.

Não poderíamos, na oportunidade, deixar de reiterar nossos mais sinceros agradecimentos às Instituições, Entidades e Empresas, anteriormente nominadas, que foram imprescindíveis à realização desta III Edição do Simpósio.

Mas, necessitamos ainda, em adição, externar nossa gratidão e apreço às Comissões Organizadoras e Científicas, nas pessoas dos Professores José Carlos dos Santos, Pró-Reitor de Extensão da Universidade Regional do Cariri, e da Irmã Annette Dumoulin, do Centro de Psicologia da Religião e do Projeto Semeador, da Secretaria do evento, na pessoa do Padre Francisco Roserlândio.

À Prática Eventos, responsável pela organização do Simpósio, parceiro solícito e amável, na pessoa de Enid Câmara.

Aos colegas da Universidade Regional do Cariri, servidores docentes, técnico-administrativos e discentes pelo apoio e suporte contínuos. Se há um mérito em nós, esse mérito é o coletivo.

Aos Conferencistas, Debatedores, Painelistas, participantes e expositores, que se dispuseram a abandonar seu trabalho e lares, muitas vezes despendendo até 30 horas, apenas na viagem, como a Dra. Candace Slater, da Universidade da Califórnia, em Berkeley, em nome de nossa causa e paixão comuns.

À Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte, e suas vinculadas Fundação Memorial Padre Cícero e Secretaria de Cultura, pela reforma e cessão deste soberbo espaço que é o Memorial Padre Cícero e apoio à realização do Simpósio.

À Diocese de Crato, na pessoa do Reverendíssimo Dom Fernando Panico, por seu encorajamento e confiança na atitude e determinação desta Instituição em promover o III Simpósio.

Ao Governo do Estado do Ceará, em sua integralidade, na pessoa extraordinária do Governador Lúcio Alcântara, pelo apoio irrestrito e confiança. Ao completarmos exatamente um ano de trabalho efetivo não poderíamos ter melhor dádiva do que reunirmos em torno deste Simpósio e de nossa região o conjunto de Instituições, Entidades, Indivíduos e valores aqui presentes.

Durante quatro dias, conferências, mesas redondas, grupos de estudos, painéis de comunicação, mini-cursos, oficinas, exposições, espetáculos teatrais e musicais, visitas a lugares sagrados e comunidades religiosas nos darão pistas de quem foi ele.

Pistas marcadas pela seriedade, pelo compromisso e pela ética.

Uma sinalização tímida, em meio "ao grande mar oceano" do poeta.

Nas sensíveis e ainda inéditas palavras do Prof. Della Cava "mais luz onde há mais calor".

Nunca saberemos quem ele foi em sua totalidade.

O conjunto das reflexões aqui realizadas, durante este III Simpósio Internacional, contribuirá para que possamos continuar a montagem de um maravilhoso painel de mosaicos, um vitral com pedaços de vidros coloridos, uma xilogravura escavada na tábua de umburana, um caleidoscópio surpreendente.

Pesquisas que unem rigor e criatividade. É o que teremos neste evento que se inicia sob a égide da conciliação e da parceria, em busca de rastros do profeta, do taumaturgo, do "padim" das expectativas sertanejas.

O mais completo retrato do Padre Cícero estará no coração dos que crêem, dos que se apegam à sua mediação, dos que sabem que ele foi um homem que se antecipou no tempo.

Trabalho e fé.

Sejam todos muito bem-vindos, em nome da Universidade Regional do Cariri.

Excia. Rvma. Dom FERNANDO PANICO

Bispo Diocesano de Crato

Sejam bem vindos, romeiros e romeiras da Mãe de Deus, afilhados e afilhadas do Padre Cícero, vamos todos "Ver Jesus" nesta celebração...

Talvez fosse assim o começo de uma reunião como esta com nossos romeiros aqui no Juazeiro. Vocês também vêm de longe, poderiam ser confundidos.... Mas não... vocês não vêm aqui a convite do Padre Cícero, mas a nosso convite: da Diocese do Crato e da Universidade Regional do Cariri. Mas por causa do Padre Cícero... Para nos ajudar mais uma vez a entender quem é ele. Pela primeira vez na história da Diocese do Crato um bispo convoca – e é prontamente atendido – estudiosos da região e de todo Brasil, até do exterior, a estarem aqui em busca da verdade. O que é o estudo acadêmico senão, em última análise, a busca da verdade?

Quando cheguei por aqui, no meu discurso de posse, eu dizia que "mesmo sem conhecer ainda a Diocese de Crato, ela já entrou no meu coração". E perguntava-me: "Quem sabe, será porque para a nossa Diocese convergem os olhares, os corações e os pés de um povo simples e bom?" E dizia mais: "Não podemos desconhecer este fato que é peculiar e desafiador para nossa ação evangelizadora". Estive, desde então determinado a entender, e a fazer entender, cada vez mais, o que move os romeiros e romeiras em direção à Terra, por eles considerada Santa, do Juazeiro do Norte. O que os move a celebrar, sempre com muita alegria e emoção, a presença - e isso perpetua a memória - do Padre Cícero? A romaria, os romeiros têm hoje uma atenção especial da Diocese que os contempla em seu Plano de Pastoral. Isto já é resultado dos estudos de uma comissão de pesquisadores de todo Brasil que eu constituí e que resultou em uma Carta Pastoral: "Romarias e Reconciliação." É, como eu sempre digo, uma questão de justiça com este povo fiel que há mais de cem anos marca presença no Juazeiro.

É uma questão de justiça e uma questão de busca da verdade.

Eu queria lhes dizer, caríssimos conferencistas e participantes, que nós estamos aqui por causa da busca da verdade. Nós acreditamos que a verdade liberta. Mas sabemos que temos que estar sempre em busca dela, porque a verdade não se dá por si só, de uma vez. Aprendemos com o povo bíblico, que é preciso estar sempre em busca da verdade.... Procurando fazer a memória dos acontecimentos, o Povo da Bíblia esteve sempre em peregrinação, a caminho, em busca da verdade. Como Jesus, quando se encontrou com os discípulos de Emaús e fez com eles a memória do que tinha acontecido, para que compreendessem a verdade do que tinha acontecido, e assim lhes possibilitou entender sua morte e ressurreição. Como vocês aqui, hoje, que vieram em romaria até Juazeiro trazendo a sua história, trazendo as suas pesquisas, trazendo as suas memórias para lançarmos luz sobre a história de um povo e de um homem – Padre Cícero – que buscaram, e buscam, a construção de um mundo mais humano, justo e fraterno e encontraram tantos dissabores, injustiças. Nossa participação a este III Simpósio é para a busca da verdade, para resignificar, ou seja, dar novo sentido aos acontecimentos do Juazeiro (na tríplice acepção do termo: sentimento, direção e significado). Os romeiros podem converter alguns e apenas convencer outros. Sem dúvida, porém, transformam a realidade, nos incitam a buscar sempre respostas mais profundas à pergunta: mas o que acontece mesmo aqui no Juazeiro do Padre Cícero? Padre Cícero do Juazeiro: e... quem é ele?

Verdade... Mas o que é a verdade se, muitos anos atrás, exatamente 110 anos atrás, em 1894, a Igreja condenou os fatos acontecidos em Juazeiro como fenômenos vãos e supersticiosos? E a partir disso, muito sofrimento foi vivido nesta região pelo Padre Cícero, pela beata Maria de Araújo, pelos padres da primeira comissão de Inquérito, e especialmente pelo povo que vinha aqui em busca de alento e conforto espiritual para suas almas curtidas pela seca inclemente. O que é a verdade?

Só se pode entender a verdade que vai sendo construída como um processo, dentro do seu contexto.

Maurice Merleau-Ponty, em seu livro *Fenomenologia da Percepção*, reflete sobre o que é a verdade: “é aquilo que se **desoculta** da opacidade do mundo vivido, que se mostra, que se evidencia.” É certo que algumas vezes esse “ver” da evidência surge apenas depois de um suposto ver. Quantas teorias já se superaram por terem sido ainda um “suposto ver”. Mas sempre é tempo... “Pode-se então corrigir o erro e isto em nome da verdade”, diz Merleau-Ponty. Não se trata, porém, de uma verdade única, desenraizada da existência, tal como aquela das idéias claras e distintas, “mas da verdade como desocultação jamais acabada, pois o desoculto vive daquilo que está oculto, como a visibilidade de um objeto depende da sombra que o circunda”. É nesse sentido que a verdade se constrói em seu contexto. E então haveria a questão, sempre recorrente, de que a verdade é relativa: o que é verdade para uns não o será para outros; a verdade poderia sempre estar mudando... Então Merleau-Ponty nos faz entender que “mais ainda do que a clareza, o critério de verdade será o da **fecundidade do diálogo com a realidade** que constitui a própria existência”. E é por isso que procuramos, neste Simpósio, iluminar a realidade, desocultá-la das sombras, da opacidade do mundo vivido, com as mais diversas abordagens científicas. A história, a antropologia, a literatura, a teologia, a pastoral, a psicanálise, a filosofia, vão possibilitar diminuir a zona de sombra, a opacidade porque “só há fecundidade quando esse diálogo não se interrompe e, nesse sentido, a verdade surge como operante, realizadora”. Como enraizadora, diria eu, neste caso. A história de um povo, iluminada pelos mais diversos ramos da ciência, possibilita a aproximação cada vez maior da verdade, e esta gratifica e devolve ao povo a sua história, a sua cultura tantas vezes manipulada, a sua identidade... suas raízes.

É hora de fazer justiça ... Não é hora de revanchismo, de achar culpados, mas de reler o passado e poder discernir melhor o que é realmente a verdade, ou pelo menos, quais são os aspectos da verdade que se nos revela. A verdade total é só Deus. Mas, desocultando e iluminando os fatos, poderemos ter uma aproximação maior da verdade e das raízes que são constituídas e fortalecidas por essa verdade que dá sentido às atitudes dos romeiros e à sua fé. E para isso é preciso lidar com os preconceitos, é preciso ter claro o lugar de onde se fala, a visão de homem e de mundo a partir da qual se fala, é preciso assumir os limites que cada um temos na busca do entendimento da realidade. Por isso juntamos tanta gente aqui. Diversos olhares minimizam o preconceito. Tanto o positivo como o negativo.

Não escolhemos aleatoriamente para este Simpósio o tema do Padre Cícero, dos romeiros e da realidade do Juazeiro do Norte, como poderia ser escolhido qualquer outro assunto, por exemplo: “como fazer para melhorar o cultivo das uvas”. O tema do nosso Simpósio é um assunto visceral, do qual somos atores e, como tais, construímos esta história. Temos consciência de que estamos trabalhando com a história viva; temos consciência de que o que falarmos repercutirá na vida do povo nordestino, nação romeira. Nós construímos a história, mas também a história nos constrói e nos interpela. A dialética hegeliana, de onde não se excluem os conflitos, mas ao contrário são assumidos, revela o processo da construção da história e nos pede, hoje, o compromisso com o que falarmos. Em nome da busca da verdade.

A verdade que nossos irmãos romeiros e romeiras nos escancaram desde que Padre Cícero começou a construir a história de Juazeiro do Norte em 1872.

Como bispo, eu tenho que dizer, hoje, que, se não fossem os romeiros e romeiras, o estudo do Padre Cícero já estaria velho, jogado às traças, e ninguém estaria se preocupando em recuperar documentos de mais de 100 anos, como o que se faz hoje no Departamento Histórico Padre Gomes, da Diocese do Crato. Se não fosse a teimosia do romeiro, a insistência do romeiro, o estudo

sobre o Padre Cícero já não teria atualidade. Se não fosse a fé do romeiro, Padre Cícero talvez não tivesse passado de um modismo: agora Padre Cícero, depois Frei Damião, depois.... depois.... O romeiro não está aqui na sala (apesar de muitos aqui serem romeiros) mas é ele que nos obriga a falar de Padre Cícero, é ele que nos pede para parar e nos interrogar, como D. Aloísio Lorscheider: mas porque tanta gente?

Se não fosse o Padre Cícero, eu não me identificaria com os dois milhões de romeiros que vêm aqui a Juazeiro todos os anos em número sempre maior, interpelando-me, a mim Pastor desta Igreja que os acolhe, para que seja, com eles, um bispo romeiro que também vem a Juazeiro do Padre Cícero para que alimente a minha fé com a fé e a esperança deste povo.

Sejam todos bem-vindos e bem-vindas. Sintam-se em casa. Esta é a casa do padrinho de vocês. Sintam-se acolhidos. Amigos oradores e participantes deste III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero de Juazeiro: confio em vocês que nos trarão mais luzes sobre nossa história.

Estamos ansiosos por ouvir as palavras sábias que vocês têm a nos dizer. Vocês foram escolhidos com amor, para que possam deixar aqui, para todos, o testemunho de quem está comprometido em desocultar a verdade das sombras da história. Invoco sobre todos vocês e sobre este Simpósio a bênção de Deus Pai Nosso e a proteção da Virgem Maria Mãe das Dores. Transmito-lhes, enfim, o singelo e fraterno abraço do nosso querido Patriarca, o Padre Cícero Romão Batista.

Exmo. Sr. Dr. LÚCIO GONÇALO DE ALCÂNTARA

Governador do Estado do Ceará

Vou ser brevíssimo na minha palavra, mas não poderia deixar de dizer do interesse que nós temos na realização desse Simpósio que reputamos de grande importância para o conhecimento e para a reflexão da história religiosa e política do Estado do Ceará com todos os fatos, com todas as ocorrências que se passaram aqui no Cariri e mais especificamente nesta cidade de Juazeiro do Norte. Não só apoiamos – o Governo do Estado apoiou a realização deste Simpósio – como a minha presença hoje aqui significa o meu interesse pessoal no acompanhamento dos trabalhos que vão transcorrer nos próximos dias.

Saí daqui ontem no fim do dia e voltei hoje exclusivamente, para ter a oportunidade de participar desta solenidade de abertura desse Simpósio. Na verdade eu reputo muito importante que a Academia e a Igreja se encontrem para fazer mais uma reflexão sobre a vida e a obra do Padre Cícero e os desdobramentos que ocorreram ao longo dos anos. Esse olhar acadêmico, esse olhar da Universidade sobre o Padre Cícero é muito importante no sentido de situar esse fenômeno político, religioso, sociológico no contexto em que ele se deu e podermos melhor compreender e interpretar todo esse processo que se seguiu, todo esse culto, toda essa devoção ao Padre Cícero que tem se mantido e aumentado ao longo dos anos. A Academia tem, naturalmente, como um dos postulados da sua atuação, a liberdade de pensamento, a isenção e a independência e, certamente, é assim que ela se debruça, estuda e analisa os fenômenos, os fatos, para poder interpretá-los e emitir sua opinião. E assim, sem preconceitos, com essa visão e com essa fidelidade ao método científico é que, certamente, os acadêmicos e os pesquisadores universitários se debruçarão sobre a figura do Padre Cícero e seus feitos. Para essa pergunta que é o mote do Simpósio “E... quem é ele?” não haverá uma única resposta. Serão várias as respostas. Todas elas talvez incompletas. Todas elas talvez esperando ainda desdobramentos, aprofundamentos, novos estudos e novas reflexões. A distância que nos separa desses fatos, dessas ocorrências, certamente nos ajuda a refletir de maneira mais independente e mais lúcida sobre tudo o que aconteceu aqui. É por isso que reputamos de grande importância essa refle-

meiro, Padre Cícero talvez não
Damão, depois.... depois.... O
mas é ele que nos obriga a
como D. Aloísio Lorscheider:

dois milhões de romeiros que
relando-me, a mim Pastor desta
também vem a Juazeiro do Padre

Esta é a casa do padrinho de
II Simpósio Internacional sobre
sobre nossa história.

a nos dizer. Vocês foram esco-
nho de quem está comprometi-
dos vocês e sobre este Simpósio
Dores. Transmito-lhes, enfim, o
Romão Batista.

de dizer do interesse que nós
fância para o conhecimento e
em todos os fatos, com todas as
te nesta cidade de Juazeiro do
deste Simpósio – como a minha
tamento dos trabalhos que vão

para ter a oportunidade de parti-
reputo muito importante que a
e a vida e a obra do Padre Cícero
acadêmico, esse olhar da Univer-
esse fenômeno político, religio-
compreender e interpretar todo
Padre Cícero que tem se mantido
como um dos postulados da sua
e, certamente, é assim que ela se
pretá-los e emitir sua opinião. E
modo científico é que, certamen-
sobre a figura do Padre Cícero e
m é ele?" não haverá uma única
todas elas talvez esperando ainda
ões. A distância que nos separa
maneira mais independente e mais
de grande importância essa refle-

xão acadêmica sobre o Padre Cícero e, evidentemente, há o receio, o temor que essa reflexão seja uma reflexão de desconstrução do mito. É o que pode ocorrer, mas muito mais uma compreensão e um entendimento melhor do que ocorreu e dos fatos que se seguiram posteriormente. Por outro lado, reputo de grande importância essa atitude da Igreja de fazer, como nos ensinou aqui magistralmente, o nosso querido amigo D. Fernando Panico, um reexame ou uma revisão desse processo para analisarmos agora com o distanciamento dos anos, o que se passou e as reações que ocorreram. Enfim, tudo aquilo que terminou construindo essa história que é uma história de sofrimento e também de santificação. Porque na verdade, no imaginário do nordestino, o Padre Cícero está santificado. A santificação, ou a santidade nem sempre se constrói só na obediência, na submissão e no respeito à hierarquia. Há muita santidade construída na rebeldia, na insubmissão e até no desafio às hierarquias. O que há que se louvar aqui como fato novo e admirável foi a disposição desse grande Bispo diocesano do Crato, italiano, como já foi dito aqui, mas com um proveitoso estágio de nordeste, de Brasil, ali na Oeiras, do nosso vizinho Piauí e no Maranhão. Com a disposição que ele manifestou de procurar – e repetiu várias vezes ao longo de seu discurso a verdade, o desafio bíblico, afinal onde está a verdade? É isso que nós queremos procurar. Não sei se vamos encontrar, mas cada um de nós talvez construa uma verdade e é deste mosaico que vai se fazer uma visão que todos nós vamos ter, ou poderemos vir a ter do Padre Cícero.

Eu, como governador do Ceará e, tenho certeza, interpretando o sentimento de religiosidade e de religiosidade popular de uma larga parcela da nossa população, é que eu venho aqui para dar o apoio do Governo do Estado e mais do que isso, o meu apoio pessoal para esse empreendimento, que a Universidade Regional do Cariri está promovendo na cidade de Juazeiro do Norte. Acho até que se poderia fazer anualmente uma "Semana Padre Cícero" porque por mais ilustres que sejam os pesquisadores que temos aqui, por mais admiráveis que eles sejam, certamente não vamos esgotar o tema ao longo dessa reunião que vai se processar a partir de hoje. Quem sabe se nós fizéssemos uma semana, ou dez dias, o que fosse, nós teríamos permanentemente uma fonte de estudo e de reflexão. Padre Cícero é a figura central mas em torno dele ou a partir dele há um sem número de caminhos, de possibilidades, de dimensões, de aspectos a serem estudados e que vão nos ajudar a conhecer melhor a nossa história, a nossa formação e a evolução desse bravo povo que é o povo cearense.

Fica aqui o meu abraço, os meus parabéns a todos que tiveram esta iniciativa, ao nosso querido bispo Dom Fernando Panico, em nome de quem eu quero concentrar aqui o meu reconhecimento como cearense e como governador do Estado e reafirmar aqui o nosso propósito de continuar apoiando os estudos que estão sendo desenvolvidos de maneira muito cautelosa e bastante profunda, sob a sua orientação, na Diocese do Crato.

Bem-vindos todos os visitantes ilustres que aqui estão e que nos ajudem, com o olhar de fora, a refletir sobre esse grande fenômeno o Padre Cícero, seus feitos, sua obra e tudo o que decorreu da fundação desta cidade de Juazeiro do Norte.

CONFERÊNCIA DE ABERTURA

E... QUEM É ELE? E... QUEM SÃO ELES?

Mons. Murilo de Sá Barreto

Presidente do Simpósio

De quantas reuniões participamos nesta Casa, delas as mais imponentes, nenhuma bateu, pela importância, a esta que abrimos, em clima de festa.

O Simpósio se propõe a fazer Memória, reavivar e recordar a vida do Padre Cícero e, sobretudo, focar a presença dele como um referencial constante na caminhada do povo Nordestino. Recorda, é claro, mas questiona a influência de sua palavra, ainda hoje, setenta anos de seu trânsito, às primeiras horas do longínquo vinte de julho de mil e novecentos e trinta e quatro, depois de noventa anos, peregrino, neste chão caririense.

Celebramos a Passagem pois, e questionamos sua lembrança, cada vez mais forte e atuante.

Para tanto, queremos e devemos saber Quem é ele?

Não tanto por curiosidade, mas para clarear algumas posições de corajosas decisões do sacerdote e líder.

Não tanto para amontoar escritos, muitas vezes apressados ou à distância.

Não tanto para fazer coro a vozes de seus devotos e reconhecê-los.

Mas, para situar o Padre Cícero, ambientá-lo na orla de seu tempo, de sua Igreja, de sua gente.

Quem é ele não para trazê-lo para perto de nós, aquecê-lo no relicário do coração. Não... mas, para aproximar-nos mais, advertidos do cuidado de deixar na soleira da porta, as armas do preconceito e da desforra que não são os melhores companheiros do bom pesquisador.

Quem é ele para, quem sabe, descobrirmos o rosto mais próximo do sacerdote provocado a tomar decisões existenciais.

O propósito deste seminário é não apresentar conclusões imediatas, nem pretender encerrar as discussões, mas antes e, acima de tudo, embasar argumentação e propostas na seriedade da análise histórica, contextualizada, menos anacrônica e mais científica.

Afastamos de pronto, o laudatório e aleluiático em primeiro plano e insistiremos em tentar explicações para o fenômeno "Padre Cícero", que mexe com o mais sensível do íntimo do povo simples, dos humildes, ingênuos até, carregando de roldão aqueles que se aproximam deles, vestindo o avental do serviço e da fraternidade. Quem é a família do Padre Cícero? Quem tem o coração simples e humilde. Quem se junta em derredor dele? Os pobres - aqueles das bem-aventuranças.

Queremos que, os que vão colocar-se com palestras e em círculos de estudo nos ajudem a entender que força, que energia, que Dom, que carisma saiu da alma ou do corpo do padre limitado, silenciado, perseguido. Sentimos vivas ânsias por explicações que nos aproximem da influência, na alma religiosa dessa nação romeira, que elegeu o Padre Cícero como referencial maior da Igreja dos pobres.

Se ontem, o cajado em que se apoiava tornou-se seta para apontar o caminho da posse dos peregrinos na terra da promessa, hoje, ainda não se aposentou e suas estátuas, em praças e logradouros do Nordeste, falam no silêncio de oração, testemunho vivo da comunhão dos santos. Suas pequenas imagens de gesso, de madeira, de borracha, de vidro, de couro, de prata, de ouro, de cobre, de barro, pouco importa que pareçam ou não, se tornaram símbolos fortes da presença dele, na alma do povo. Há poucos dias, no cerimonial da coroação da Imagem de nossa excelsa padroeira, extasiaram-se os fiéis devotos, porque foi sua semelhança (o romeiro não fala em IMAGEM) que colocou uma coroa iluminada na cabeça da imagem de Nossa Mãe. Era o encontro desejado. Romperam-se cercas,

Murilo de Sá Barreto
Presidente do Simpósio

mentes, nenhuma bateu, pela

do Padre Cícero e, sobre-
do povo Nordestino. Recor-
ta anos de seu trânsito, às
e quatro, depois de noventa

da vez mais forte e atuante.

e corajosas decisões do sacer-

distância.

de sua Igreja, de sua gente.
cário do coração. Não... mas,
orta, as armas do preconcei-
ador.

mo do sacerdote provocado a

lutas, nem pretender encerrar
postas na seriedade da análise

ilano e insistiremos em tentar
is sensível do íntimo do povo
se aproximam deles, vestindo
Cícero? Quem tem o coração
eles das bem-aventuranças.

de estado nos ajudem a entender
do padre limitado, silenciado,
da influência, na alma religiosa
da Igreja dos pobres.

montar o caminho da posse dos
estímulos, em praças e logradou-
ninhão dos santos. Suas peque-
de prata, de ouro, de cobre, de
es da presença dele, na alma do
exceisa padroeira, extasiaram-
IMAGEM) que colocou uma
desejado. Romperam-se cercas,

quebraram-se muros - "Meu Padim na igreja de Nossa Mãe. Foi ele quem a coroou."

No coração do povo, um resgate histórico. A força do símbolo se casou com os anseios dos devotos. As lágrimas dos adultos e a admiração das crianças, a exaltação contagiante, fizeram daquele momento, um convite informal.

Ao desavisado, a mesma indagação - como se explica isso?

O Padre Cícero vem desafiando. Ao abrir os olhos, no salto para a vida, quis-se saber:

- em que data mesmo nasceu Cícero, vinte e quatro de março, ou vinte e três?
- na casa nº 127 da rua Miguel Lima Verde, em Crato, ou no fundo do Palácio do Bispo?
- quando matriculado no colégio em Cajazeira, continua ou não, face ao falecimento de seu genitor?

• enviado ao Seminário da Prainha, em Fortaleza, passa ou não no rigoroso Conselho de avaliação de sua vocação - metido a adivinho, feitor de magia, avesso à confissão semanal, sei lá...?

• na fila dos ordenandos, querem saber quem é aquele baixinho, olhos azuis no meio dos outros, entrando na Catedral, de batina preta, a convite de D. Luiz Antonio dos Santos.

• chegando ao Crato, onde fica? Será professor? Terá uma Paróquia, voltará para o litoral?

• em Juazeiro que tipo de pastor será?

• elogiado pela coragem em construir uma capela Maior, audacioso?

• antes mesmo de chegar em Crato, a Paróquia sede, é fundado em Juazeiro do Norte, em 1888, o Apostolado da Oração, na capelinha do modesto povoado, prá quê?

• em 1º de março de 1889, a hóstia sangra, foi milagre ou não, foi embuste, ou não? No caso de milagre, foi do Padre Cícero ou da Beata Maria de Araújo?

• ao falecer, ninguém mais indagado na região;

• o fenômeno abriu caminho para fanáticos ou devotos, nacionalistas ou sectários, política ou religião, uma e outra?

• acabou-se com a condenação pela hierarquia ou continua até hoje?

• Padre Cícero, um santo ou um visionário?

Quando concluiu sua peregrinação na terra, aos 20 de julho de 1934, carregava uma procissão enorme de indagações extremadas.

E, desta parte pra cá, é que se abriram os leques de questionamentos que chegam até nós, como um desafio.

Não é bom que nos angustiemos ao tentar esvaziar o repertório de respostas deste manancial que jorra das 10 décadas da vida do Padre Cícero e dos 70 anos de seu trânsito. Sobretudo, quando nos lembramos que elas estão antes dentro de nós mesmos e que a história é paciente e capaz de corrigir seus erros.

O alto nível deste encontro que nasceu de uma determinação, deliberadamente amadurecida, é a valorização dos novos tempos, novos olhares. Iluminados pela intuição pastoral do Sr. Bispo Diocesano e escutados pela competente supervisão da Universidade Regional do Cariri, sentimos que se dão às mãos os liames de ontem e a vigilância da modernidade para um serviço. A história não é soma de fatos datados, mas construção de fatos.

A experiência multiseccular da Igreja tem humildade para reinterpretar - o que não significa menos (Dilemas pós-Modernos - Revista Vida Pastoral Julho, Agosto Pe. Luis Roberto - pg.3).

A Universidade Regional aplaude o exemplo da atual observação científica. Experimenta o dia a dia com as categorias da sensibilidade, mas não é escrava da satisfação subjetiva. A postura acadêmica diante da expressão da fé romeira não é de ficar sem se envolver, deixar correr, nem também abraçá-la por deleite, pois o que a gente faz, porque gosta, se arrisca a gastar-se.

Diante do fenômeno Padre Cícero, queremos olhar para além dele, alcançar centenas e cente-

nas, milhares até, de seus romeiros que buscam cotidianamente manter viva a memória do Patriarca, do catequista, do conselheiro.

Por isso, quem são eles? Aqueles que optaram em seguir seu ensinamento?

Quem são os Romeiros? São homens e mulheres, crianças, jovens, idosos, da zona rural ou não que deixam suas ocupações rotineiras, negócios e se deslocam ao Juazeiro. Saem de, vão e vêm caminhando numa experiência de fé.

A ascética das estradas dá prioridade à sua busca. Não são andarilhos, sabem o que querem. Querem o que lhes significa. Dirigem-se à Juazeiro do Padre Cícero.

São cristãos católicos, devotos que identificaram na pessoa e obra do Padre Cícero valores que os levaram a experimentar o sagrado.

Não são turistas, na força etimológica da palavra. Mais de que preocupados por admirar, querem sentir, aproximar-se, tocar com gestos simbólicos da ordem devocional que desafiam nossas liturgias.

Os romeiros são os primeiros reformadores de uma liturgia feita de raciocínios e belos comentários. Querem eles situar-se concretamente. Menos explicações e mais encontro. Se símbolo significa "juntar, reunir" realidades separadas, desconhecidas ou invisíveis, aprendamos dos romeiros - em cada olhar um convite, em cada gesto uma evocação, em cada canto uma relação.

Quem são eles - é preocupação para interpretarmos e não interpelarmos. O romeiro sai para o Juazeiro. Quer celebrar, participar, ser agente de um ritual que se iniciou bem longe e tem seu momento especial aqui.

A comunidade local, na igreja ou nos outros lugares, deve tomar consciência do papel dela: acolher o romeiro, não atrapalhar o romeiro, não escravizar suas expressões, como se fosse proprietária do Santuário, castrando a liberdade e criatividade da liturgia da espacialidade.

Características da fé romeira clamam por uma atitude pastoral de respeito, de atenção e de carinho. A fé romeira é mais afeto que intelectualização, é mais leiga que clerical. Sua celebração quer o padre, mas é o leigo que é romeiro. E quando um padre se larga a caminho, pode atropelar os passos do peregrino, a não ser, quando se faz um deles.

Quem são os romeiros - também nos remete ao papel das lideranças da comunidade. Queremos caracterizar Juazeiro do Norte como um santuário, todo ele. Aberto para, pelo menos, não espantar os devotos da Mãe de Deus, a quem o Padre Cícero ensinou a invocar como Mãe, Soberana. Romeiros simples, piedosos, que têm direito ao que lhes deve Juazeiro: acolhida, segurança, tratamento, distinção.

Num momento raro como este, é agradável ouvir-se palavra que chega até a encomiar a pessoa do Padre Cícero. Mas, o maior presente desta comemoração, a alegria maior desta festa passa por uma conversão nossa - antes de fotografar o romeiro, como freguês, vejamo-lo como irmão, como de fora, como digno, como pessoa, como devoto. Serviço maior decorrerá do conhecimento e respeito ao Patriarca, quando olharmos seus romeiros, imagens andantes dos privilegiados do Pai. Olhar de pastor como o que temos do querido Bispo Diocesano, presidente deste Simpósio que, há muito tempo, se deixou seduzir pelas reações da alma nordestina retratadas no semblantes dos homens e mulheres romeiros do Padre Cícero.

Se um gesto, ao lado do cofre do Templo celebrado por uma viúva pobre, chamou tanto a atenção de Jesus, em Jerusalém, pesaram também aos olhos do nosso pastor, as lágrimas e o suor, a fisionomia e contemplação dos romeiros do Juazeiro, no Santuário de Nossa Mãe, a ponto de escrever:

"Hoje, como no passado, os romeiros e romeiras de Juazeiro são homens e mulheres que anseiam renovar a esperança de habitar numa sociedade diferente onde possam ser valorizados por aquilo que são e nunca mais por aquilo que têm ou melhor não têm." (Carta Pastoral Romarias e Reconciliação).

memória do Patriarca,
ensinamento?

idosos, da zona rural ou
Juazeiro. Saem de, vão e vêm
crianças, sabem o que querem.

obra do Padre Cícero valores

preocupados por admirar, querem
que desafiam nossas liturgias.

festa de raciocínios e belos co-
es e mais encontro. Se símbolo
náveis, aprendamos dos romei-
ada tanto uma relação.

empelarmos. O romeiro sai para
e iniciou bem longe e tem seu

amar consciência, do papel dela:

missões, como se fosse proprie-
a especialidade.

nal de respeito, de atenção e de
na que clerical. Sua celebração
ga a caminho, pode atropelar

ferenças da comunidade. Que-

Aberto para, pelo menos, não
a invocar como Mãe, Sobe-
Juazeiro: acolhida, segurança,

que chega até a encomiar a pes-

gría maior desta festa passa por
ejamo-lo como irmão, como de

erá do conhecimento e respeito
privilegiados do Pai. Olhar de

este Simpósio que, há muito
as no semblantes dos homens e

a viúva pobre, chamou tanto a

nosso pastor, as lágrimas e o
Santuário de Nossa Mãe, a

homens e mulheres que anseiam

er valorizados por aquilo que são
(Marias e Reconciliação).

Desta augusta assembléia, sairão por certo, brilhantes conclusões, mas nenhuma, por mais técnica que seja, terá o propósito de tolher a liberdade de encaminhá-las para o serviço evangelizador dos nossos romeiros.

Sabemos que alguns perigos cercam e até ameaçam as intenções dos piedosos devotos do Padre Cícero. Recordamos atenciosa recomendação de dedicado Pároco de uma Paróquia romeira. Esteja atento em sua Pastoral para que a Fé não seja " pôr Deus a meu serviço, mas pôr-me a serviço d'Ele."

O que constatamos, na prática, é que sua fé é acreditar que Deus tem poder para solucionar seus problemas e que, no exercício deste amor, age também através de intercessores. A fé popular tem Deus próximo, perto, mas é "fino", como dizem.

Se Moisés foi convidado a descalçar as sandálias, pois o lugar que pisava era santo, quanto mais diante do Deus Vivo que se encarnou e vestiu a argila humana. Diante do Filho de Deus que nasceu da Virgem Maria, o romeiro quer alguém mais perto deles - de Deus a quem louva, do peregrino que vem de longe.

Entre estes, está o Padre Cícero, pois, para os devotos, quanto mais perto deles, quanto mais semelhante a eles, mais competente para rogar por eles.

A identificação deste Padre com seus devotos criou laços de intimidade. Chamam-no de PADIM, de meu Padim. Não de meu Deus, não de uma pessoa da Santíssima Trindade, teologicamente falando. Mas como ALGUÉM que exerce sobre eles, o papel de uma Pessoa que goza de prestígio diante de Deus.

Com muita sinceridade, o que gostaríamos de receber dos mais estudiosos e letrados é como jogar luzes sobre o fenômeno - "Padre Cícero" - que tem cadeira cativa no coração destes romeiros.

É substancialmente, querer saber Quem é ele, até onde e como se explica sua presença, como no caso desta carta que lhes transmito, pelo sentido pastoral que a envolve, muito mais do que como insinuação.

Eis a carta:

Testemunho de Fé

Meu nome é Terezinha Madalena Ribeiro, natural do município de Jardim de Seridó - RN, porém já moro no estado do Paraná há quase sessenta anos, e há mais de 40 anos resido no município de Jundiá do Sul - PR, a Rua Santos Dumont, 311, onde sou católica praticante, e dentre outras atividades, faço parte do Apostolado do Sagrado Coração de Jesus.

Desenvolvo a prática da fé cristã desde menina, cumprindo todos os preceitos, batismo, crisma, casamento, missas, confissões e dízimo. Porém, a minha devoção especial por Padre Cícero iniciou-se em 3 de setembro de 1952, após ter recebido uma grandiosa graça.

Na data mencionada, eu residia numa fazenda próxima ao município de Ibaiti - PR, apenas eu e dois filhos pequenos, pois meu marido era policial militar e passava vários dias ausentes. Eu estava no final da minha terceira gestação, e durante a noite tive uma febre muito alta, acredito que tenha chegado aos 40°. Em casa não havia medicamento algum e também não havia a possibilidade de buscar na cidade, pois estava sozinha com as crianças, não tinha como sair ou pedir a alguém.

Meu mal estar, era muito grande, já estava entrando em desespero, se me acontecesse alguma coisa o que seria do meu marido, dos meus filhos, e, principalmente, o meu terceiro filho, que ainda estava em meu ventre.

Então, me veio na memória a figura do Padre Cícero

Pus-me a orar com fervor. Pedi a Padre Cícero que guardasse meu filho no ventre de qualquer criatura de raça que aquela febre pudesse lhe afetar e fiz a intenção de homenageá-lo através do nome de batismo, se fosse menino se chamaria Cícero e Cícera se menina, que adquiriria também um quadro

com sua imagem e que rezaria um Pai nosso e uma Ave Maria na conta de cada botão de sua batina.

Exausta, pelo cansaço provocado pelo mal estar, e talvez com o coração aliviado, mesmo inconscientemente, por saber que minhas orações seriam ouvidas, adormeci.

No dia seguinte, acordei acometida por varicela, mas Deus, através de Padre Cícero me concedeu a graça de parir meu filho cinco dias depois, no dia 8 de setembro, em perfeita saúde.

Graças a Deus, consegui cumprir tudo que prometi naquela noite e até hoje, além de contar esse fato a muitas pessoas que se encontram em muitos momentos de aflição recorro, em minhas orações, a Padre Cícero. Sou muito agradecida pela graça recebida.

Jardim do Sul 04 de Junho de 2004.

Obs: Conheço bem esta senhora e afirmo que é digna de crédito.

Pe. Francisco Valberto Marinho Barreto.

Que se passa na mente do povo, a quem chega esta pergunta. O Padre Cícero - quem é ele, prá você? Quando na realização de nosso Tríduo de preparação à Festa dos 160 anos de nascimento do Padre Cícero, lançamos esta pesquisa. Colhemos muitas respostas, a maioria delas, presas ao sentimento individual, intimista, religioso.

Uma delas nascida aqui no Bairro do Socorro, legítima testemunha de quem vive e sobrevive à luz da inspiração ambiental, porém carregado de energia popular, inspiração popular de um vendedor de rua, homem do povo que nos afirma:

Quem é o Padre Cícero ?

A pergunta acima foi feita

Pra quem quiser responder

Minha alma ficará satisfeita

Se eu tiver alguma coisa a dizer

Nos livros que procurei ler

Sobre PADRE Cícero Romão Batista.

Fui informado de que o levita

Era um cumpridor de seu dever.

Ele sabia tudo que tinha a fazer

Era um homem humilde e forte

Fundou a cidade de Juazeiro do Norte

Deu ao povo o rosário da mãe de Deus

Chorou quando foi injustiçado pelos seus

Mas, entregou tudo a justiça do tempo

E munido de tranquilidade obedeceu;

Jamais parou de fazer a caridade

Ele faleceu em estado de santidade

O ilibado Padre Cícero pra mim

Foi um bom conselheiro um abnegado

É sem dúvida um Santo verdadeiro

E que já foi canonizado

No coração de cada romeiro.

José Anchieta Alves de Brito (JN)

Devolvendo ao povo, esta pergunta, precisamos estar atentos, pois há uma linguagem no coração das massas que é carregada de emoções, de gratidão, de reconhecimento. Eu sei. As respostas dos estudiosos, sei também, se libertam de condicionamentos, à flor da pele, mas o Padre Cícero é patrimônio, primeiramente de pessoas que formam seu povo. e quando o povo se determina, mesmo se retardar um pouco, o faz, celebrando a liberdade que se traduz no salto para pensar, agir, sem as cadeias da escravidão, antes de mais nada.

Desde a história do povo de Deus, saindo da terra da opressão, que aprendemos- “do fundo de sua escravidão subiu o seu clamor até Deus “ (Ex 2, 23).

Chegou o tempo. Vivemos este instante. Queremos conhecer melhor. A libertação da inteligência e da vontade é maior dom de Deus a seus filhos.

Entregamos a este Simpósio a tarefa de iluminar as veredas, abrir disposições para que Juazeiro não fuja à sua missão - Santuário dos pobres.

E os romeiros, aqui, ajudam a escrever a história do Padre Cícero. Que celebrem seu simpósio, renovando-se, a partir de suas experiências, conscientizando-se de sua tarefa.

Como eles, também nós estaremos servindo à causa do respeito aos outros, quando não retiramos o Padre Cícero do lugar que eles elegeram, para lembrá-lo.

Não nos lembramos muito tempo de quem não significa para nós. Maior realce significará a importância deste evento, quando lembramos que o que a história no seu oscilar crescente, sobre Padre Cícero confronta com a memória dos que conviveram com ele, de perto.

Até impacta muito mais. Que alguém se aproxime pela problemática, por ter vindo de fora, d'outra cultura, se entende. Porém, muito mais, admiram-nos os remanescentes dos tempos em que o Padre Cícero caminhava entre seu povo e de cada gesto, ia-se formando um perfil de sacerdote experimentado por todos os lados.

Entre nós, está alguém que não conheceis. Apelamos para estas palavras. Aplicá-las ao seu Senhozinho Ribeiro que, a nós se dirigiu, em forma de CRÔNICA, sobre as Virtudes do Padre Cícero, testemunho dos mais eloquentes.

Escreveu-me, seu Senhozinho -

“O Padre Cícero recebia de braços abertos, os amigos e inimigos. Na revolução de 1914, meu avô Antonio Felix Ribeiro, estava a visitá-lo em sua residência, quando os romeiros trouxeram um soldado baleado, integrante da força contrária que atacava Juazeiro. Referido soldado ainda com vida, Padre Cícero confessou e o perdoou dizendo estas palavras: ‘meu filho, que mal o Padre velho lhe fez para você vir arrancar a cabeça dele?’

O soldado chorou e disse que estava ali forçado. Havia sentado praça em Fortaleza para garantir o sustento de sua velha mãe.

Padre Cícero o abençoou, colocou uma bênção no momento em que este soldado chegou a falecer. “

Registros como estes, não atropelam a corrida da isenção acadêmica, nem aumentam a fogueira da devoção ao Padre Cícero, mas motivam e justificam que todos devam emprestar seus talentos para a realidade desafiadora de Juazeiro. Pois, se de um milagre apregoado, eclodiu o movimento, como escreve o prof. Della Cava, como ainda hoje, ou melhor, hoje, mais que ontem, o Padre do Juazeiro venceu todas as barreiras e está aqui bem vivo consciente de seu compromisso de ser Pai do Juazeiro? Se, não no altar da canonização oficial da Mãe Igreja, bem mais alto numa coluna, nas praças, nos oratórios, donde saem as vozes do louvor popular. Setenta anos após ter sido colocado no túmulo, onde repousam seus restos mortais, a academia e a pastoral fazem silenciar o sectarismo de ontem e introduzem o antifonado dos novos tempos e novos olhares.

A ninguém querem criticar. A ninguém, atirar pedras. Somente resolveram apelar-se da cavalgada e não passarem de lado. Há mais que um assaltado que merece atenção samaritana: são os devotos do Padre Cícero. É o povo que encontrou nele um conselheiro, um intercessor, um advogado na difícil tarefa de relacionamento com Deus.

Praticamente, há um Simpósio que continua, quando as expressões de agradecimento ou de súplica dos nordestinos, independentemente de sua situação social dão confiança e crédito ao Padre de Juazeiro.

O contato com os romeiros, a leitura de seu comportamento piedoso nos prendem a atenção, sobretudo, porque se quisermos, seremos seus alunos.

O exemplo de docilidade, o testemunho de solidariedade nas lições do caminho, a amizade entre eles, ao se arrancharem aqui em Juazeiro, a atenção à palavra de Deus, a busca dos sacramentos são expressões que sensibilizam uma reação pastoral.

Não é possível ficar indiferentes. Um grito de Igreja chega até nós:- Queremos ver Jesus... Sim. Minha Mãe das Dores, meu Padrinho, queremos ver Jesus.

Será este o tema de nossas propostas para oferecer aos irmãos que nos visitarão neste ano romeiro que se inicia.

"Quer ver Jesus" provoca quem se habilita para esta tarefa. Pesa sobre nós esta obrigação. Devemos ser pelo menos uma "arvorezinha", um pé de tambor para facilitar aproximar OS ROMEIROS do Caminho, Verdade e Vida.

O canto encanta. Não passamos por cima da cultura romeira. Dela nos valemos para a catequese.

Quando virá de novo a Sra. D. Joaquina a Juazeiro? - perguntamos. Cantando, ela responde: "Nossa Senhora me chama."

Como vai deixar sua terra para a romaria? "Tirei a chave da porta..."

Que conselho guardou do Padre Cícero? "Quem matou, não mate mais, Quem roubou não roube mais..."

SSÃO DE ABERTURA

n appear-se da caval-
samaritana: são os
essor, um advogado

gradecimento ou de
a e crédito ao Padre

prendem a atenção,

caminho, a amizade
sca dos sacramentos

ueremos ver Jesus...

visitarão neste ano

nós esta obrigação.
oximar OS ROMEI-

nos valemos para a

ndo, ela responde:

, Quem roubou não



70
ANOS

CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

19 de Julho de 2004
O CONTEXTO

PADRE CÍCERO NOS TEXTOS E NO CONTEXTO DO SEU TEMPO¹

José Oscar Beozzo,
historiador, CESEP
jbeozzo@terra.com.br

Abrindo a primeira sessão do III Simpósio Internacional: "Padre Cícero: e quem é ele?", vamos nos debruçar sobre alguns textos de características diferentes acerca dos acontecimentos do Juazeiro, buscando sempre situá-los no contexto da vida do Pe. Cícero Romão Batista² e de sua época: contexto econômico, político, social, cultural, mas sobretudo religioso.

Os documentos sobre os quais nos apoiamos são de três ordens:

1. Uma coletânea de cartas, 155 no total, escritas entre 15 de fevereiro de 1892 e 03 de abril de 1900 por Mons. Antônio Alexandrino de Alencar, vigário da Paróquia de Nossa Senhora da Penha do Crato (1768), que presidiu a Comissão encarregada do segundo processo acerca dos fatos do Joazeiro³ (24-04 a 09-08-1892) e que se encontram depositadas no Arquivo da Cúria Diocesana do Crato⁴. O destinatário de todas as cartas é o Bispo do Ceará, Dom Joaquim José Vieira⁵, com exceção de uma endereçada ao Pe. Cícero (13-06-1897) e de outra a José Joaquim Teles de Marrocos (28-11-1898)⁶. Dom Joaquim sucedeu na Sé cearense ao primeiro bispo, Dom Luís Antônio dos Santos que dirigiu o Bispado de 1861 a 1881⁷. Foi Dom Luis quem ordenou o Pe. Cícero, tornando-se seu amigo.

2. As Atas do processo relativo aos fatos do Joazeiro que se estende de 1891 a 1895⁸.

3. O material relativo ao Sínodo da diocese do Ceará, celebrado em janeiro de 1888 e que ilustra o momento eclesial vivido naquela província e circunscrição eclesiástica, meses antes da mudança do regime de trabalho no país com a abolição da escravidão e ao apagar das luzes do Império, com o advento da República, a separação entre a Igreja e o Estado e instauração da liberdade de cultos no Brasil⁹.

¹ Somos muito gratos à Ir. Annette Dumoulin que sintetizou minhas anotações e deu forma ao texto apresentado no Simpósio, mas ainda em elaboração, e a Maria Helena Arrochellas Corrêa que fez a revisão final do artigo.

² O Pe. Cícero Romão Batista nasceu no Crato, CE, a 22 de março de 1844, foi ordenado sacerdote, em Fortaleza, por Dom Luís Antônio dos Santos, primeiro bispo do Ceará, a 30 de setembro de 1870, na Igreja do Seminário da Prainha em Fortaleza, CE. Faleceu a 20 de julho de 1934, aos 90 anos de idade, em sua casa em Juazeiro do Norte.

³ Hoje em dia, a grafia corrente é Juazeiro do Norte. Na documentação mais antiga aparece como Joazeiro. Guardamos a grafia empregada nos documentos antigos.

⁴ A 04-04-1892, Pe. Alexandrino, vigário do Crato recebe de D. Joaquim a ordem de proceder a um segundo inquérito sobre os fatos do Juazeiro. O inquérito é concluído a 22 de abril de 1892, com o veredicto de que os fatos do Juazeiro não são sobrenaturais.

⁵ Dom Joaquim José Vieira, bispo de Fortaleza entre 1883-1912, nasceu a 17 de janeiro de 1836, em Campinas SP, foi ordenado sacerdote a 25 de março de 1860, sagrado bispo a 22 de novembro de 1883, renunciou em 1915 e faleceu a 8 de julho de 1917.

⁶ José Joaquim Teles de Marrocos, antigo seminarista, morador do Joazeiro e amigo do Pe. Cícero, assumiu sua defesa nos jornais e em panfletos.

⁷ Dom Luiz Antônio dos Santos nasceu a 3 de março de 1817, em Angra dos Reis, RJ e faleceu aos 74 anos, como Arcebispo resignatário de Salvador BA, a 11 de março de 1891. Foi sagrado em Mariana MG a 14 de abril de 1861 e tomou posse em Fortaleza aos 20 de setembro de 1861. Foi o fundador do Seminário da Prainha, seminário menor e maior de filosofia e teologia, que confiou aos padres lazaristas franceses, e do Seminário Menor do Crato, sob a responsabilidade do clero diocesano. Breve notícia sobre sua vida e trabalhos no Ceará pode ser encontrada em STUDART, Barão, *Datas e Factos para a História do Ceará*. Fortaleza: Typ. Commercial, 1924, pp. 24-27 e, em NOBREGA, Apolônio, *Dioceses e Bispos do Brasil*, Revista do Instituto Histórico e Geográfico do Brasil, vol. 222, jan/março 1954, Rio de Janeiro: Departamento de Imprensa Nacional, 1954, pp. 166-168.

⁸ *Cópia autentica do Processo instruído sobre os factos do Joazeiro* (06 de março de 1889). Crato - CE, 1891-1895. 267 páginas.

⁹ VIEIRA, Dom Joaquim José, *Mandamento de Promulgação das Constituições Synodales*. Fortaleza, 27 de maio de 1888. páginas XLVII e 308.

TEMPO¹

ar Beozzo,
rador, CESEP
@terra.com.br

em é ele?",
cimentos do
ta² e de sua

3 de abril de
da Penha do
do Joazeiro³
do Crato⁴. O
ção de uma
1898)⁶. Dom
iu o Bispado

que ilustra o
ança do regi-
o advento da
sil⁹.

presentado no
artigo.

Fortaleza, por
Seminário da
eiro do Norte.
seiro. Guarda-

ndo inquérito
os do Joazeiro

mpinas SP, foi
1915 e faleceu

assumiu sua

4 anos, como
abril de 1861 e
nário menor e
o Crato, sob a
ncontrada em
m NOBREGA,
n/março 1954.

CE, 1891-1895,

27 de maio de

Contexto Regional: O Ceará

Algumas publicações da época permitem traçar um quadro civil e religioso da província, e depois do Estado do Ceará, nos anos em que Pe. Cícero foi para o seminário da Prainha, em Fortaleza, onde se ordenou e, em seguida, ao redor do momento em que se abre o processo sobre os "fatos do Joazeiro", em 1891.

O Ceará, diocese recém criada em 1854, com território separado da diocese de Pernambuco, mas cujo primeiro bispo só tomou posse em fins de 1861 era, depois da Prelazia de Cuiabá, a que menor número de paróquias possuía. (35, ou 2,70% do total de paróquias no Brasil)

Cândido Mendes de Almeida, senador pelo Maranhão e professor do Colégio D. Pedro II, no Rio de Janeiro, no seu Direito Civil e Eclesiástico Brasileiro oferece um perfil civil e religioso da diocese e província do Ceará, na década de 60 do século XIX. No mesmo período, o Senador edita um Atlas, onde se encontra o mapa da Província com todas as comarcas e paróquias¹⁰.

O Ceará foi sempre chamado o Estado das secas do nordeste, mas sua precipitação pluviométrica é maior do que na Paraíba, Rio Grande do Norte e mesmo do que em certas zonas de Pernambuco.

A encosta da Chapada do Araripe, ao sul do Estado forma na região do Cariri, um verdadeiro oásis em contraste com o sertão semi-árido do nordeste¹¹.

Contexto Social

A população do Ceará foi predominantemente indígena (índios livres, aldeados ou destribalizados), ao longo de sua história e as famílias portuguesas que por ali se aventuraram, nos séculos XVII e XVIII, provinham de Pernambuco, Paraíba e Bahia e entraram acompanhadas de numerosa leva de indígenas e mestiços. Do Cariri à Serra da Ibiapaba missionários jesuítas estabeleceram aldeamentos, como os da Missão Velha dos Cariri, da Missão Nova, Missão do Miranda – o Crato –, Thauá, S. Gonçalo dos Cocos e Vila Viçosa.

A exploração do gado, com o estabelecimento de charqueadas ao longo do rio Acaraú e do Rio Jaguaribe, mormente na sua foz, nos portos de Camocim e Aracati trouxe para esta atividade numerosa escravaria negra. As plantações de cana, com seus engenhos e alambiques esparramados pelas encostas das serras e zonas úmidas da antiga província do Siará, empregavam igualmente população escrava. O surto algodoeiro, de fins do século XVIII e principalmente XIX, adensou a população escrava nas áreas algodoeiras. A devastadora seca de 1877, que dizimou praticamente todo o gado, interrompeu a produção nas charqueadas e engenhos e liquidou as plantações de algodão, fazendo migrar a população que não pereceu, apressou a venda dos escravos remanescentes para os cafezais do sul do país e animou o movimento abolicionista¹². O Ceará, na luta dos jangadeiros, recusando-se a transportar para os navios os escravos vendidos para o sul, tornou-se a primeira província a abolir inteiramente a escravidão. Este justificado orgulho pelo pioneirismo na abolição da escravidão, levou talvez a historiografia local a dar pouca atenção à contribuição dos escravos para sua formação social. Ora, ela está bem presente na primitiva história do Joazeiro e entremeia igualmente a vida familiar e pastoral do Pe. Cícero.

¹⁰ ALMEIDA, Cândido Mendes de, *Atlas Geográfico do Império do Brasil*. Rio de Janeiro, 1868.

¹¹ IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* – Ceará. XVI volume. Rio de Janeiro: 1959, p. 9

¹² Na Província do Ceará, em 1874, depois portanto da interrupção do tráfico negreiro de 1850 e da Lei do Ventre Livre de 1871, havia ainda 31.974 escravos, numa população total de 686.773. No Nordeste, o plantel de escravos do Ceará ultrapassava os do Rio Grande do Norte (13.634), do Piauí (23.434) e da Paraíba (25.817), mas era o menor em termos percentuais: apenas 4,4% da população em geral. Cfr. CONRAD, Robert, *Os últimos anos da escravidão no Brasil*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1975, Tabela 2, p. 345.

Descrevendo os inícios do Joazeiro, em torno a três árvores de Juá, no caminho dos tropeiros da Missão Velha, Barbalha e outras localidades para o Crato, escreve Amália Xavier: "Neste local do terreno, bem perto dos três juazeiros, construiu o Brigadeiro (Leandro Bezerra de Menezes) sua casa da fazenda. Em torno espalharam-se os mocambos dos escravos, esparsos entre as terras onde na época do inverno faziam os roçados de milho, arroz, feijão e mandioca"¹³.

Quando se construiu a primeira capelinha para que ali pudesse celebrar o recém-ordenado Pe. Pedro Ribeiro de Carvalho, neto do fundador, filho de sua primogênita, Luiza Bezerra de Menezes, sem precisar deslocar-se para o Crato, foram mandadas buscar imagens em Portugal. Sempre é lembrada a imagenzinha de Nossa Senhora das Dores que foi colocada na capela, dando-lhe o nome, mas esquece-se uma segunda imagem que veio junto para devoção dos escravos, a de Nossa Senhora do Rosário¹⁴.

Quando foi instituído o patrimônio da Capela das Dores, o Pe. Pedro "incluiu 12 escravos que recebera de herança de sua Mãe, Dona Luiza, que a esta altura já havia morrido"¹⁵.

A capela de Nossa Senhora das Dores ficou assim dotada do vultoso patrimônio, para a época, de 12 escravos. A vida do Pe. Cícero estará igualmente entremeada por esta relação com a escravidão. Quando da morte de seu pai, vitimado pelo *cholera morbus* a 28 de junho de 1862, Cícero, o filho mais velho, com 18 anos, abandona o Colégio do Pe. Rolim, em Cajazeiras, onde estudava, para acudir a mãe e as irmãs. Seu pai deixara da sua atividade comercial, muitas dívidas junto aos fornecedores do Recife e um pequeno patrimônio onde figuravam ao lado de uma casa de tijolos, de uns pedaços de terra, algumas vacas e novilhas e duas escravas: Isabel de 39 anos e sua filha Tereza de 7 anos¹⁶. Na realidade, não eram mais escravas e sim libertas, como relata a própria Teresa: "Minha mãe e eu fomos entregues pelo nosso primeiro senhor, Ioiô Candeia, por conta de uma dívida a Ioiô Romão (o pai do Pe. Cícero) que logo nos deu a carta de alforria"¹⁷. Um pouco mais nova do que o menino Cícero quando chegou à casa de seus pais, Teresa vai acompanhá-lo por toda a vida, cuidando da casa como cozinheira e doméstica, encarregando-se da horta e tratando dos animais domésticos.

Por outro lado, várias das jovens piedosas que o Pe. Cícero começou a reunir a partir de 1885, conferindo-lhes mais tarde o manto de beatas, eram afro-descendentes a começar pela mais conhecida dentre elas, Maria de Araújo¹⁸. Entre os beatos, destacou-se a figura do Beato José Lourenço do Caldeirão. Seus pais Lourenço Gomes da Silva e Tereza Maia da Conceição vinham da escravidão e eram negros alforriados¹⁹. Em torno ao padre Cícero estas pessoas que emergiam da escravidão encontraram espaço para partilhar de sua confiança e intimidade e para integrarem o seletivo grupo daqueles e daquelas que faziam consagração religiosa de suas vidas, na condição de beatos e beatas. Merecia uma investigação mais profunda este filão, pois certamente uma das atrações do Joazeiro foi esta ausência de discriminação nesta comunidade pobre onde os deserdados da fortuna, mas também

¹³ OLIVEIRA, Amália, o. cit. p. 42

¹⁴ "Com esta imagem (N.S. das Dores) veio também a de Nossa Senhora do Rosário que foi entregue aos escravos, ficando na Capelinha do Cemitério. Atualmente está colocada num ninho (nicho) à parede da frente da Capela de Nossa Senhora de Fátima que foi construída no local da primeira Capelinha, destinada às funções religiosas das aulas do "Ginásio Santa Terezinha". Ibidem, p. 43.

¹⁵ Ibidem, p. 44.

¹⁶ Ibidem, p. 320.

¹⁷ Ibidem, p. 324.

¹⁸ Uma lista com o nome destas primeiras beatas pode ser encontrada em Amália Xavier de Oliveira, op. cit. p. 328.

¹⁹ CORDEIRO, Domingos Sávio de Almeida, *Um Beato líder: narrações memoráveis do Caldeirão*. Fortaleza: Imprensa Universitária – Universidade Federal do Ceará, 2004, p. 34.

caminho dos tropeiros
 avier: "Neste local do
 de Menezes) sua casa
 entre as terras onde na
 ar o recém-ordenado
 ta, Luiza Bezerra de
 magens em Portugal.
 ada na capela, dando-
 ão dos escravos, a de

"incluiu 12 escravos
 morrido"¹⁵.

o patrimônio, para a
 or esta relação com a
 28 de junho de 1862,
 em Cajazeiras, onde
 ercial, muitas dívidas
 ao lado de uma casa
 Isabel de 39 anos e
 bertas, como relata a
 or, Ioiô Candeia, por
 carta de alforria"¹⁷.
 seus pais, Teresa vai
 encarregando-se da

reunir a partir de 1885,
 ar pela mais conheci-
 to José Lourenço do
 inham da escravidão e
 ergiam da escravidão
 grarem o seletto grupo
 ão de beatos e beatas.
 trações do Juazeiro foi
 a fortuna, mas também

oi entregue aos escravos,
 de da frente da Capela de
 nções religiosas das aulas

os marcados por sua raça, cor e origem social puderam encontrar um espaço para serem gente e para serem respeitados como pessoas e como fiéis. Deve-se, entretanto, num país como o nosso, profundamente marcado pela discriminação racial, levantar-se quase obrigatoriamente a suspeita: o fato de Maria do Araújo ser negra, teria influenciado o ânimo da Comissão que investigava os "milagres" do Juazeiro? A condição de negro do Beato Lourenço teria facilitado as ordens para bombardear e arrasas a comunidade do Caldeirão, como já se fizera anteriormente com Canudos, nos primeiros anos da República?

O Contexto do Semi-árido - A seca: "ou morrer ou ser retirante"²⁰

Pe. Cícero estava há apenas cinco anos no Juazeiro quando sobreveio a terrível seca de 1877-1880 que devastou o Ceará e o Nordeste do semi-árido.

Em 1878 Pe. Cícero já tem consciência da extensão do desastre. Angustiado, suplica ao Bispo que interceda junto ao Governo por socorro:

"Eu nunca pensei ver tanta aflição e desespero juntos; os cães saciam-se de carne humana, nos caminhos, no campo. Por toda parte, é um cemitério e o que mais aflige é que nem ao menos têm as consolações da Fé, sem sacramentos, sem nem ao menos uma voz amiga que lhes fale da Eternidade, onde vão sumir como viveram, abandonados dos homens e como que até de Deus. Tudo fala de retirar-se... Ficarei eu à mercê de Deus, ao menos darei absolvição aos que puder, embora depois Deus disponha o que for servido..."²¹

Inteligente e arguto, ao mesmo tempo homem de iniciativa e ação, Pe. Cícero pensa em saídas mais duradouras para se enfrentar a seca:

"Temos aqui bons lugares próprios para açudes que podem ser aproveitados e este pobre povo, tendo trabalho, possa escapar. Em Constantina, na Argélia, os poços artesianos têm remediado o mesmo mal que nós sofremos, e me parece que se é verdade o resultado que dão, será um remédio mais pronto e mais eficaz. Aí está uma companhia contatada pelo Governo para este fim, nos alcance um destes poços para o nosso pobre Juazeiro, de proporções largas, que dê para irrigar as terras que eram irrigadas pela Batateira (rio) nos anos precedentes. A quantia que para cada um foi ajustado sobra, e o nosso terreno se presta do melhor modo e me parece que terá melhor resultado"²².

A grande seca de 1877-1880 foi marcante na experiência de vida do Pe. Cícero, como padre de um povoado que chegou quase a ser dizimado.

Ficou até hoje na memória do sertão os ensinamentos do Pe. Cícero, tentando achar saídas para a sobrevivência e permanência da população na terra, atribuindo-lhe o povo a introdução do plantio da mandioca no Cariri, embora este cultivo proviesse dos indígenas da região.

Em 1898 retornou a seca com seu cortejo de miséria e fome, como descreve o Pe. Alexandrino:

"A seca nesta freguesia e vizinhas está fazendo estragos horrorosos, principalmente no Juazeiro, cuja população faminta e maltrapilha, em sua maioria, sai todos os dias a mendigar o pão em todas direções"²³. A população mendiga o pão, mas ameaça também tomá-lo à força, caso não seja socorrida: "Os habitantes da cidade receiam ser atacados pelos romeiros que dizem francamente aqui, acolá: — De fome não morreremos. Falam assim porque pretendem recorrer ao saque"²⁴.

¹⁵ Carta a Dom Joaquim. CRA 03,12 – 04-06-1889, citado por GUIMARÃES, Therezinha Stella e DUMOULIN, Anne, *O Pe. Cícero por ele mesmo*. Petrópolis: Vozes, 1983, p. 93.

¹⁶ Carta a Dom Luís. CRA 03, 05: 20 de fevereiro de 1878, citado por GUIMARÃES, pp. 91-92

¹⁷ *Ibidem*, p. 94

¹⁸ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 38: 14 de dezembro de 1898.

¹⁹ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 21: 12 de maio de 1898.

Durante a seca de 1915 Pe. Cícero se desespera com a violência do fenômeno, com o sofrimento inaudito do povo e a tradicional incúria das autoridades:

“... morre gente de pura fome, daqui até Fortaleza e nos Estados vizinhos. Tudo tenho feito para dar remédio a tão grande mal. De todos os socorros remetidos de todos os Estados, somente nos veio trezentos mil reis que mandaram para distribuir com os pobres enfermos flagelados e morrendo de pura fome, entretanto aqui era cidade mais populosa depois de Fortaleza, de todo o Estado. Foi preciso que se retirassem a mendigar o pão em outros Estados, só daqui de nosso infeliz Juazeiro, umas trinta mil almas, quase todas sem levar nada, expondo-se a morrer nos caminhos como morreram muitos. Tudo fiz pedindo aos poderes públicos, pedindo socorro ... e nada obtive. Oh! Que homens ingratos!...”²⁵.

Já com quase noventa anos, Pe. Cícero continua ainda lutando contra as consequências da seca e buscando saídas, como se vê neste telegrama que envia a Getúlio Vargas, em 1932, na qualidade de prefeito do Juazeiro, pedindo frentes de trabalho na construção de um açude e de um ramal ferroviário na região:

“... Tomo liberdade insistir, perante V. Excia., serem atacados trabalhos ramal ferroviário Juazeiro-Barbalha, açude Carás, já estudado, bem como prolongamentos R.V.C. (Rede de Viação Cearense), partindo Missão Velha. Estes serviços amparariam populações famintas zona Cariri, consideravelmente aumentadas flagelados Estados vizinhos, para aqui atraídos fama fertilidade desta zona. Releve V. Excia. insistência venho tratando este assunto para o qual estão voltadas todas as minhas preocupações, não só pelas excepcionais atenções me dispensa povo nordestino como, sobretudo, pela compaixão que me despertam observações *in loco* horrível sofrimento nossos infelizes patrícios”²⁶.

Contexto Local: O Joazeiro das beatas e do Pe. Cícero

Mas o Ceará, o Cariri e, de modo todo especial o Juazeiro, vão ser não só uma referência geográfica e cultural mas também uma paisagem interior e um horizonte espiritual, na vida do Pe. Cícero.

À chegada do Pe. Cícero ao Joazeiro, em 1872, o povoado “contava doze casas de tijolo e telha e vinte de taipa e palha”²⁷.

A aventura humana e espiritual da beata Maria de Araújo, tornada pública, com os primeiros “fatos extraordinários” ocorridos em 1889²⁸, reverbera sobre a figura do Pe. Cícero, mas também sobre o povoado do Joazeiro, atraindo romeiros, mas também boatos, calúnias, represálias. As punições às beatas e ao Pe. Cícero acabam se convertendo numa espécie de castigo que se abate também sobre a cidade e seus moradores, não só do ponto de vista pastoral, mas também social e político.

Com todo o seu crescimento demográfico, Joazeiro permaneceu numa espécie de limbo civil e eclesiástico, dependendo sempre do Crato. Politicamente, tardou muito sua autonomia. Embora se convertendo, na década de 90 do século XIX, no segundo mais numeroso núcleo populacional do Estado, logo depois da capital, o município só foi criado a 22 de setembro de 1911, em base à desobediência civil. Esta se instala desde 07 de setembro de 1910, quando os moradores o declararam independente, por conta própria, e se recusaram a pagar os impostos municipais ao Crato. Anteriormente, já

²⁵ Carta do Pe. Cícero a Dom Bonifácio OSB, SAL 63, 14, 24 de dezembro de 1915, in GUIMARÃES,

²⁶ SAL 01, 15, 20 de abril de 1932, citado por GUIMARÃES, o.cit. p. 95.

²⁷ IBGE, *Enciclopédia dos Municípios Brasileiros* – Ceará. XVI volume. Rio de Janeiro: 1959, p. 331

²⁸ Depoimento do Pe. Cícero no Paço Episcopal de Fortaleza, a 17 de julho de 1891, anexado ao Processo sobre os fatos extraordinários do Joazeiro, iniciado no Joazeiro a 9 de setembro de 1891, in *Cópia autentica do Processo instruído sobre os factos do Joazeiro* (06 de março de 1889). Crato – CE, 1891-1895, p. 1. o.cit. p. 97.

se havia instalado uma espécie de greve branca eclesiástica, com a paróquia do Crato tendo dificuldades para recolher os emolumentos da capela de N. S. das Dores do Juazeiro, como reclama muitas vezes o Pe. Alexandrino, em cartas ao bispo de Fortaleza:

“O distrito do Joazeiro contém a metade da população desta freguesia [do Crato], e nele não se paga os direitos paroquiais, resultando daí um decréscimo nos rendimentos desta freguesia que não chega absolutamente para o custeio da minha casa”²⁹.

Na carta seguinte, volta a queixar-se o vigário do Crato, por causa dos batizados, que não consegue realizar ou cujas taxas não consegue recolher. Levanta mesmo a questão se não deveria, diante desta situação, deixar o paroquiato:

“Poucas crianças aparecem para ser batizadas, porque os pais ocultam-nas, afim de cortarem o mais possível os rendimentos da paróquia, como eles mesmos confessam e alardeiam. Em outros pontos da freguesia há muitas pessoas que procedem do mesmo modo, resultando daí o decréscimo das rendas da paróquia que pode ser a terça parte do que antes era. Mais de um terço dos paroquianos fogem de mim, e não me procuram para administrar-lhe o pasto espiritual. À vista do que acabo de expor, não seria acertado deixar o paroquiato?”³⁰

Sobre o povoado, onde escolheu exercer seu apostolado e onde ficará por toda a vida, com raras interrupções involuntárias, escreve o Pe. Cícero ao seu Bispo, em 1874:

“Sem nenhum recurso, empreendi levantar uma Igreja, não no Crato, mas num povoadinho tão pobre que nem eu mesmo não sei como se fez, é verdade que não conclui porque comecei quase no princípio do inverno; com a proteção de N. Senhora das Dores, a quem é dedicada, será acabada”³¹.

Em 1889, em meio à seca que castiga a região, escreve ao novo bispo, Dom Joaquim, chamando o Joazeiro, de tão sofrido, “o Jó do Cariri”:

“... Quem está sem esperança é o pobre distrito de Juazeiro, tão populoso e tão pobre: é o Jó do Cariri... Abençoe a mim e a minha gente e o povinho que dirijo... V. Excia., por caridade e por Nossa Senhora das Dores que é dona deste lugarzinho tão caro ao seu Sagrado Coração, seja um instrumento de que ela se sirva para nos salvar (da seca)... E como posso ver este pobre povinho que amo tanto como uma parte de minha alma, desaparecer? Pesa-me mais do que a morte, ou antes morro por cada um...”.

O Joazeiro era visto pelo Padre Cícero como um lugar privilegiado do ponto de vista espiritual. Ele quer fazer da cidade, “um céu para a morada do SS. Sacramento”³². Noutro momento o descreve como “... um refúgio dos naufragos da vida. Tem gente de toda parte que, modestamente vem abrigar-se debaixo da proteção da SS. Virgem...”³³.

O Joazeiro, torna-se assim uma espécie de ator social coletivo e é sob este ponto de vista que recolhemos, a partir da correspondência do Pe. Alexandrino ao bispo diocesano, referências relativas ao período do conflito político-eclesiástico, que envolveu o Pe. Cícero e o Joazeiro.

Sobre o que se passa em Juazeiro, Pe. Alexandrino informa o Bispo, em 1892, depois das primeiras medidas canônicas de suspensão do ministério impostas ao Pe. Cícero:

“Cumpre-me comunicar a V. Excia. os últimos fatos ocorridos no Joazeiro. As Romarias para este lugar nunca foram tão numerosas, digo, estão sendo tão numerosas que causa espanto. Parece impossível acabar com a afluência do povo naquela Capela. Tem vindoromeiros de Alagoas, Escada,

²⁹ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 07: ? de agosto de 1897

³⁰ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 08: 01 de setembro de 1897.

³¹ Carta do Pe. Cícero a Dom Luís Antônio dos Santos, SAL 03, 01, 27 de abril de 1874, apud GUIMARÃES, o.cit. p. 48-49

³² CRA 03, 09, 04 de fevereiro de 1886, citado por GUIMARÃES, o.cit., p. 51

³³ SAL 25, 17, 18 de julho de 1918, citado por GUIMARÃES, o.cit., p. 51

Pernambuco, Theresina, Bahia, Amazonas e até das fronteiras do Peru³⁴. Alguns padres do Recife escreveram ao Pe. Cícero dizendo que viriam visitar o Juazeiro, acompanhados de Mons. D. João Esberard, Bispo de Pernambuco. Digo isto para que V. Excia. fique de sobreaviso”³⁵.

É interessante como as informações do Pe. Alexandrino sobre as romarias flutuam. Dá a impressão, por vezes, de acreditar que suas pregações contra os fatos do Juazeiro, ou as medidas canônicas estariam enfraquecendo o fenômeno das romarias. Logo em seguida, é tomado de espanto, ao ver que o fluxo de romeiros retorna com maior ímpeto, como se pode depreender em cartas, bem próximas uma da outra. Vejam um exemplo:

“O número de romeiros está sendo reduzidíssimo depois que correu a notícia da suspensão [...]”³⁶.

Quinze dias depois, precisa informar ao bispo, exatamente o contrário:

“Antes de tudo, devo informar V. Excia. que a suspensão não produziu o efeito que V. Excia. esperava. Continuam as romarias em larga escala e o dinheiro que deixam no Juazeiro é incalculável. Os menos exagerados afirmam terem entrado naquele lugar dezenas de contos”³⁷.

Pe. Cícero no juízo do Pe. Alexandrino

Pe. Antônio Alexandrino, como executor e ao mesmo tempo mentor da política episcopal para o Juazeiro, investido ademais da função de administrador da Capela, é o responsável maior, junto à autoridade diocesana, pela imagem cada vez mais desfavorável do Pe. Cícero. Escreve regularmente, por quase dez anos seguidos, pelo menos a cada quinze dias, ao Prelado Diocesano, podendo a cadência encurtar-se ao sabor das crises mais agudas, ou quando surge um portador de confiança, de passagem para Fortaleza.

A pretexto de qualquer assunto, teologia, pastoral, finanças, política, a imagem do Pe. Cícero é apresentada sob uma luz adversa. Custa ao Pe. Alexandrino reconhecer méritos, qualidades e principalmente virtudes no seu colega, submetido a duras penas canônicas e a contínuas pressões e calúnias.

Daqui para frente seguimos o Pe. Alexandrino nas suas cartas, colhendo seu juízo acerca do Pe. Cícero, sob diferentes aspectos.

Ao elogiar, por exemplo, a Beata Maria de Araújo, tenta denegrir o Pe. Cícero:

“Ainda sobre Maria de Araújo, ela tem melhor espírito do que o Padre Cícero. Pelo menos é humilde e obediente”³⁸.

Não perde ocasião para futricar e criar animosidade entre o Bispo e o padre:

“Já duas vezes verberei o procedimento de muita gente d’esta guerra cuja religião consiste somente em seguir cegamente o Pe. Cícero e não V. Excia a quem não tributam o devido respeito...”³⁹

“Ia me esquecendo de dizer o seguinte: Alguns boatos d’aqui falam esta linguagem: Acredito mais no Pe. Cícero do que no Bispo, porque o Pe., o que faz é mandado por Deus com quem conversa e o Bispo não ...”

Insinua para o Bispo que o “anjo mau” do Pe. Cícero é J. Marrocos⁴⁰:

³⁴ Certamente cearenses que migraram para os seringais do Amazonas e do Acre, nas grandes secas de 1877 e 1890 e que regressavam à terra, acrescentando à sua romaria ao santuário de São Francisco das Chagas do Canindé, a peregrinação ao Juazeiro do Pe. Cícero e da Beata Maria de Araújo.

³⁵ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 108: 18 de junho de 1892

³⁶ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 11: 31 de agosto de 1892

³⁷ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 12: 16 de setembro de 1892

³⁸ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 04: 2 de maio de 1892.

³⁹ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 05: 9 de maio de 1892.

⁴⁰ Marrocos havia estudado no seminário mas não se ordenara padre. Tornou-se professor e jornalista e nos conflitos de Juazeiro foi o intelectual que escrevia nos jornais, organizava petições e abaixo-assinados.

"A questão do Joazeiro tomou vulto por causa de J. Marrocos com quem infelizmente o Pe. Cícero tem estreitas relações. Só de viva voz, poderia expor tudo a V. Excia. Voltando ao primitivo assunto (do roubo dos panos); quem assistiu ao depoimento do beato, ficou acreditando que ele foi insinuado. Este infeliz chegou a afirmar que reconhecia V. Excia. como superior. Assim se tem formado o espírito do povo desta terra"⁴¹.

"Depois de feita a carta supra, conversando eu com pessoa saliente desta cidade, prometeu-me de contar-me muitas particularidades relativas aos fatos do Joazeiro. Na opinião dele, tudo que há ocorrido ali não passa de um embuste grosseiro e comprometeu-se oportunamente revelar-me, digo, a demonstrar o que afirmou. Assim acontecendo, tomarei minhas notas e remetê-las-hei depois a V. Excia. Espero em Deus que não tardarei a ver desmascarados os fanáticos desta terra. Deus tarda mas não falta"⁴².

Relata ao Bispo suas ameaças ao Pe. Cícero:

"Exmo. Sr., depois do recebimento da carta de V. Excia., não vi mais o Pe. Cícero; mas por intermédio do Pe. Sother fiz ver a ele que seria castigado em penas canônicas se até o fim do corrente mês não aparecessem os panos roubados da Matriz. A resposta que deu é que não sabia quem os havia roubado e muito menos onde estavam eles. Até agora nada de notícia certa sobre o lugar onde estejam"⁴³.

O Pe. Alexandrino vive sentimentos contraditórios em relação ao Pe. Cícero, ora passando ao bispo informações que contra ele depõem, ora sentindo-se na obrigação de reconhecer gestos e atitudes que o fazem devedor do padre. Em setembro de 92, repassa ao Bispo o juízo de um médico sobre a saúde mental do Pe. Cícero:

"O Dr. Anderson está muito a par das últimas ocorrências do Joazeiro, porque lá foi diversas vezes, e demorava-se alguns dias com o fim, diz ele, de conhecer de perto e ser testemunha ocular de tudo quanto ocorresse. Na opinião dele, as faculdades mentais do Pe. Cícero não estão em perfeito estado"⁴⁴.

Confessa que Pe. Cícero evitou que fosse desacatado e expulso da cidade, em seguida a boatos de que viria fechar a Igreja do Joazeiro:

"Ia me esquecendo de uma coisa importante. Tendo alguém espalhado uma notícia que eu iria fechar as portas da Igreja do Joazeiro, alguns romeiros sabendo de minha chegada ali, com o fim de confessar alguns doentes, armaram-se de clavinote e faca para impedir que eu cumprisse as ordens de V. Excia. Os naturais não tomaram parte no tal movimento. Consta que o Pe. Cícero sabendo do ocorrido, foi em pessoa contê-los, o que conseguiu"⁴⁵.

Noutro momento, relata o procedimento do Pe. Cícero desautorizando abaixo-assinado contra as medidas do bispo:

"No dia 14 do corrente (14-10-1892), seguiram para o Icó, o Pe. Cícero, Marrocos e Manoel da Cruz Rosa Carvalho, segundo torno de Marrocos debaixo de certo ponto de vista. Esses dois últimos e um tal Antonio Landim dirigiram-se aos habitantes de todo o Cariri, pedindo assinaturas por um papel em que se elogiava o Pe. Cícero e condenava o procedimento de V. Excia. Felizmente, o Pe. Cícero, que de nada sabia, teve o bom senso de não consentir na tal melguina"⁴⁶.

⁴¹ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 06: 15 de maio de 1892.

⁴² Ibidem, em apêndice à Carta de 15 de maio de 1892.

⁴³ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 108: 18 de junho de 1892.

⁴⁴ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 111: 20 de setembro de 1892.

⁴⁵ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 111: 20 de setembro de 1892.

⁴⁶ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 13, 18 de outubro de 1892.

Do ponto de vista doutrinal, Pe. Alexandrino, dá igualmente testemunho sobre sua correção e ortodoxia:

“O Pe. Cícero, que eu saiba, depois de minha chegada nesta freguesia, nada pregou contra o ensino da Igreja”⁴⁷.

A esses momentos de reconhecimento em relação ao companheiro sacerdote, sobrepõe-se logo sua arraigada antipatia ao Joazeiro e à pessoa do Pe. Cícero e seu contínuo trabalho junto ao Bispo para ir solapando sua imagem e reputação:

Em carta a Dom Joaquim, o Pe. Alexandrino reforça o juízo negativo sobre o Pe. Cícero, não deixando de compará-lo com Mons. Monteiro, também ele sujeito a restrições canônicas por parte do Bispo:

“Tenho pena do Pe. Cícero cujo procedimento relativamente a V. Excia. me causa espanto. Ainda não se entendeu epistolarmente com V. Excia., e nem deu provas de humildade como Mons. Monteiro. V. Excia. pois, tem toda razão de conservá-lo suspenso. Não pedirei nada em favor dele enquanto proceder do mesmo modo”⁴⁸.

Depois da Carta Pastoral de Dom Joaquim, acerca dos fatos do Joazeiro, com juízo negativo sobre Maria de Araújo e o Pe. Cícero, Pe. Alexandrino detém-se na repercussão da mesma na opinião pública e sobre o próprio padre:

“Os que não são beatos aplaudiram a publicação da Pastoral; e aqueles que o são, calaram-se e nada disseram. Só um sacerdote disse o seguinte: o que o Bispo disse de Maria de Araújo é uma calúnia. Desejava não ser obrigado a declarar isto, porque este mesmo sacerdote me ofendeu. Foi Mons. Monteiro que, em minha presença, proferiu estas palavras. Com o contato com o Pe. Cícero está ficando mudado; a humildade já desapareceu”⁴⁹. [...] E ultimamente a Pastoral desiludindo muita gente, diminuiu de modo extraordinário a estima e o conceito de que gozava aqui. Pessoas daqui do Joazeiro me afirmaram que ele, Pe. Cícero, depois da chegada da Pastoral, vivia triste e pensativo. Tem razão porque a sensação foi enorme nesta cidade e Freguesia depois da leitura da Pastoral escutada por todos com grande avidez”⁵⁰.

Pe. Cícero e as questões econômicas e financeiras

Ao final da vida do Pe. Cícero muito se falou e escreveu sobre o patrimônio que foi amealhando por conta de doações, trocas e compras. No momento dos fatos do Joazeiro vivia pobremente numa freguesia bastante empobrecida e sob certos ângulos miserável.

Este é um terreno particularmente sensível para o Pe. Alexandrino que compara a generosidade com que o povo dos romeiros deposita suas esmolas aos pés de Nossa Senhora das Dores, ou entrega diretamente ao Pe. Cícero, com a penúria de ofertas e entradas que afligem a paróquia do Crato e o seu pároco:

“Outro assunto. De maio para cá são quase inumeráveis os romeiros que, de diversos Estados do Brasil afluem para o Joazeiro. Quase sempre trazem esmolas, entre as quais algumas de mais de conto de reis. Não se pode fazer um cálculo certo do dinheiro que entra para o Joazeiro, mas o que é fora de dúvida é que muitos contos de reis tem sido ali recebidos do ano passado para cá. Só Barão do Pajihu deu 300\$000 em dinheiro e 30 bois. O Pe. Cícero pediu esmolas para a viagem do Pe. Antero. Não sei quanto tirou. O que consta é ter uma pessoa dele andando nesta cidade com uns

⁴⁷ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 11, 31 de agosto de 1892.

⁴⁸ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 103, 14 de dezembro de 1892.

⁴⁹ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 16, 22 de maio de 1893.

⁵⁰ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 16, 22 de maio de 1893.

quatro contos (4.000.000) para serem trocados por prata ou ouro a fim de o mesmo Revmo Dr. Pe. Antero fazer a viagem [...]”⁵¹.

Deixa no ar dúvidas sobre o destino que Pe. Cícero dá às esmolas recebidas:

“Há poucos dias, lá mesmo em minha presença, uma mulher que me parecia pobre, deu ao Padre Cícero um rosário de ouro de não pequeno valor, dizendo ser para Nossa Senhora das Dores. O mesmo padre, muitas vezes, recebendo esmolas dos romeiros, dizia-lhes: recebo-as exigindo dos Senhores que me facultem gastá-las no que achar mais conveniente. Não sei o que quer isto dizer”⁵².

Sobre a atitude do Pe. Cícero, frente ao dinheiro e à proibição que lhe é imposta de esmolar, avisa o bispo que este infringiu sua ordem uma vez, mas reconhece ao mesmo tempo que o dinheiro lhe é dado sem que ele mesmo peça:

“Depois que fiz ver ao Pe. Cícero que ele não podia pedir esmolas sem ordem de V. Excia. por escrito, vi ele pedir esmola uma vez. Convém notar que quase todo o dinheiro é dado pelos romeiros espontaneamente”⁵³.

Se é certo que o Pe. Cícero se empenhava de há muito que a Estrada de Ferro, em construção no Ceará, chegasse ao Cariri, passando por Juazeiro, soa entretanto fantasioso o relato que o Pe. Alexandrino transmite ao Bispo:

“Não me parece fora de propósito afirmar, digo, comunicar a V. Excia. o seguinte. Disse-me o Dr. Siqueira que Manuel da Cruz Rosa Carvalho, íntimo do Pe. Cícero lhe afirmara ter ido à Capital e lá oferecido ao corpo de engenheiros construtores da estrada de ferro um saque de cem contos de reis [100.000.000], dinheiro esse dado de esmola pelos romeiros do Juazeiro. Disse mais que um conhecido dele, Siqueira, homem de todo critério, confessou ter visto uma caixa ou baú regular cheio de dinheiro de papel, não sendo este somente de notas de mil reis. Será por isto que o Padre está procedendo assim? Não sei”⁵⁴.

Uma outra questão que começa a agitar o aspecto financeiro do Joazeiro é que não são apenas as doações dos romeiros que estão em causa, mas um crescente comércio de objetos religiosos, ligados ao Pe. Cícero e às beatas. O Pe. Alexandrino comentara com o Bispo o surgimento e o comércio destas medalhas pelo sertão:

“Recebi a medalha com a efígie do Pe. Cícero e Maria de Araújo esculpida como a Virgem SS. derramando graças!!! Mostrando-a a algumas pessoas desta cidade, disseram *una voce*: — Isto é um escarro à Religião!!! Que miséria!!! Para o lado da Paraíba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, alguns indivíduos tem feito contos de reis, vendendo retrato do Pe. Cícero. A traficância e especulação sobre a capa da religião no Joazeiro tem chegado ao seu maior auge”⁵⁵.

CONCLUSÃO

Pode-se compreender melhor a arraigada reserva, quando não aversão ao Pe. Cícero, em camadas importantes do clero do Ceará, mormente na diocese do Crato, percorrendo-se a correspondência do Pe. Alexandrino dirigida ao longo de quase dez anos ao bispo de Fortaleza, a propó-

⁵¹ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 108: 18 de junho de 1892.

⁵² Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 126: 27 de setembro de 1892.

⁵³ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 12: 17 de setembro de 1892.

⁵⁴ Carta a Dom Joaquim. CRA 14, 120, 25 de dezembro de 1892.

⁵⁵ Carta a Dom Joaquim. CRA 04, 107, 16 de agosto de 1893.

sito de cada episódio dos famosos “fatos do Juazeiro” e dos seus desdobramentos⁵⁶. Foi ela, ao lado dos dois inquéritos eclesiásticos, o primeiro presidido pelo Pe. Cleycério da Costa Lobo (09-09 a 28-11-1891) e o segundo pelo próprio Pe. Alexandrino (24-04 a 09-08-1892), a principal fonte de informações para as tomadas de decisão do Bispo de Fortaleza, sem se minimizar a atuação e influência de outros eclesiásticos, como o Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, reitor do Seminário do Crato e mais tarde primeiro bispo da recém criada diocese do Crato.

Por outro lado em Juazeiro afloram, ou repercutem, conflitos muito mais profundos de caráter eclesial, teológico, pastoral, mas também culturais, sociais e políticos. Estes conflitos são locais, regionais, nacionais e internacionais, visto que o processo passa rapidamente do Juazeiro, para o Crato, dali para Fortaleza e de lá para Roma. Pe. Cícero encontra-se no olho do furacão de uma tormenta que de muito o ultrapassa.

Do ponto de vista da sociedade e da religião estava em curso uma profunda mutação. O Brasil, baseado no trabalho escravo, entrara na fase de declínio e de termo irremediável por conta das leis que estancavam a reposição da mão de obra pelo tráfico africano (1850) ou pelo ventre das mulheres escravas (1871). No Ceará, a convergência de vários fatores apressara o fim do regime escravista, já em 1885. A República colocava fim também ao catolicismo como religião de Estado, aos privilégios da Igreja Católica e abria espaço para o livre exercício dos diferentes “cultos”, como se dizia na época.

Não menos profunda era a mudança em curso dentro da própria Igreja católica. A visão de mundo, herdada da colônia e do catolicismo luso-brasileiro, com raízes indígenas e africanas, mais leigo, expresso nas irmandades, nos beatos e beatas, cedia lentamente espaço para um catolicismo de corte europeizante, mais clerical, baseado nos sacramentos e no deslocamento da devoção dos santos para a missa, a confissão e a eucaristia, domínios exclusivos do sacerdote, com exclusão dos leigos e leigas.

Pe. Cícero foi formado, pelos padres lazaristas franceses, neste catolicismo mais europeizado e romanizado. Tendo entretanto entrado no seminário já quase adulto, nos seus dezenove anos, manteve arraigado o anterior catolicismo herdado de sua família e o único vigente entre a massa dos sertanejos pobres quase até os dias de hoje. É bem verdade que leva para Juazeiro no lugar da antiga cristologia colonial do Bom Jesus, tão viva no Canudos de Antônio Conselheiro, a nova devoção ao Sagrado Coração de Jesus, trazida da Europa e propugnada pelos Papas ao mundo todo. As beatas do Juazeiro, herança da tradição colonial, começam a fazer parte do Apostolado da Oração, a forma moderna de organização dos leigos e leigas na Igreja romanizada. Pe. Cícero mantém por outro lado bem viva, a contrapartida feminina ao Bom Jesus que é a devoção à Virgem das Dores no encontro com o filho a caminho para o Calvário e chorosa ao pé da cruz. Substitui, no entanto, a velha imagem trazida de Portugal para a primeira capelinha do Juazeiro, por uma nova que mandou buscar na França! No momento mais delicado de sua vida retoma o horizonte da antiga cristologia e começa a erigir para os romeiros, no alto da colina que domina a cidade a imensa Igreja de Bom Jesus do Horto, que o Bispo obriga a interromper e que permanece inacabada até hoje. Pe. Cícero fez porém destes espaços inacabados, seu local predileto de retiro e moradia, como que retornando espiritualmente às raízes de sua infância. Por outro lado, aposta nos salesianos, símbolo importante da romanização, para continuarem sua obra no Juazeiro. Na realidade esta será mantida quase que exclusivamente pela tradição oral e pela corrente ininterrupta dos romeiros da Mãe das Dores, à margem tanto

⁵⁶ Note-se aqui um verdadeiro divisor de águas semântico que separa as duas visões antagônicas sobre os acontecimentos de Juazeiro. Enquanto para os partidários do Pe. Cícero e no imaginário dos romeiros o que está em jogo são os “milagres” do Juazeiro, para os seus adversários a linguagem os circunscreve apenas aos “fatos” ali acontecidos. No vocabulário, já está patente a interpretação a ser atribuído aos acontecimentos, por ambos os lados da contenda.

mentos⁵⁶. Foi ela, ao da Costa Lobo (09-1-1892), a principal e minimizar a atuação de Almeida e Silva, reitor do Crato.

profundos de caráter conflitos são locais, do Juazeiro, para o do furacão de uma

mutação. O Brasil, por conta das leis que e das mulheres escravas, já em do, aos privilégios da o se dizia na época.

católica. A visão de indígenas e africanas, espaço para um deslocamento da devoção do sacerdote, com

o mais europeizado dezanove anos, manteve entre a massa dos Juazeiro no lugar da antiga ro, a nova devoção ao do todo. As beatas do da Oração, a forma mantém por outro lado das Dores no encontro tanto, a velha imagem e mandou buscar na cristologia e começa a reja de Bom Jesus do

Pe. Cícero fez porém retornando espiritual- o importante da romana quase que exclusiva- Dores, à margem tanto

gônicas sobre os aconteci- os o que está em jogo são os "fatos" ali acontecidos. os os lados da contenda.

da hierarquia religiosa diocesana como dos religiosos italianos que para ali vieram fundar o colégio Dom Bosco e o santuário do Sagrado Coração de Jesus. Sua herança espiritual estava ancorada menos na Igreja, onde por cerca de quarenta anos não pode celebrar, e muito mais em sua casa, espaço exclusivamente feminino, dominado pela figura de sua mãe, Dona Quinou e de sua irmã Angélica, da "escrava" Teresinha e da Beata Mocinha, de Maria Araújo e sua mãe que ali moraram e de tantas meninas e moças que foram ali agasalhadas e preparadas para a vida, no estilo das Casas de Caridade do Pe. Mestre Ibiapina.⁵⁷

Na política o crescimento do Juazeiro, do ponto de vista religioso, mas também econômico, social e político, coloca-o em rota de colisão com a vizinha cidade do Crato. Juazeiro nos seus alvares, depende civil e politicamente do município do Crato. Depende também eclesiasticamente, como capela, da paróquia do Crato. Mais tarde, como cidade, cuja autonomia só vem em 1911, disputa com o Crato, o privilégio de ser a sede da diocese do Cariri. Apesar de todo o empenho do Pe. Cícero, primeiro prefeito da cidade e ocupando a terceira vice-governança do Estado, a cidade foi preterida em favor do Crato, que se tornou sede da diocese em 1914.

Na política estadual, a pujança do Juazeiro alavancou as antigas pretensões regionais do Cariri, entrancado na rede de caminhos e relações comerciais que o punham diretamente em contato com os sertões, vilas e cidades de Pernambuco, Rio Grande do Norte, Paraíba, Bahia e em comunicação mais fácil com o porto do Recife do que de Fortaleza. Juazeiro sentia-se igualmente relegada e mesmo abandonada nas suas demandas políticas pela capital e a faixa litorânea do Estado, mormente após a queda dos Accioly e a entrada do Governo de Franco Rabelo, hostil às velhas lideranças do Partido Republicano Cearense no vale do Cariri. Como porta-voz destas pretensões regionais, Juazeiro consegue aglutinar os preteridos coronéis de Barbalha, Missão Velha e arredores e até mesmo uma facção do Crato, enquanto o restante da cidade se alinhava, é claro, automaticamente com a oligarquia no poder em Fortaleza. Sob a bandeira regional esmaeceram muitos dos conflitos que contrapunham entre si sertanejos pobres, peões das fazendas e assalariados e os coronéis, donos de engenhos, plantações, gado e terras do Cariri. Sob a liderança do deputado Floro Bartolomeu senão com as bênçãos do Pe. Cícero que se opunha à violência, mas com seu assentimento para defender Juazeiro acuada pelo ultimato de invasão militar pelas forças do governo do Estado, Pe. Cícero conclamou a população local, romeiros e jagunços dos coronéis, a cavar trincheiras defensivas em torno da cidade. Ali foram rechaçadas as forças atacantes a 20 de dezembro de 1913. Ameaçados entretanto pela fome e pela falta de munições pelo cerco a que estavam submetidas, as forças do Juazeiro irromperam sobre as cidades vizinhas de Barbalha e Crato, para tomarem os armazéns de mantimentos. Dali marcharam sobre a capital, derrocando o governo rabelista e convertendo o Pe. Cícero no mais importante coronel político dos sertões. Isto em nada ajudou a sua tentativa de recuperar o exercício de suas funções sacerdotais, ao contrário fez aumentar a lista dos detratores e inimigos, sobretudo eclesiásticos e políticos.

Na economia, Pe. Cícero incentiva os romeiros e moradores do Juazeiro a plantarem roças de mandioca e manterem uma agricultura de subsistência que podia salvá-los da fome e da alta dos preços nos tempos de seca e de penúria, mas faz-se também aliado da economia de mercado e da modernização industrial. Traz para o Juazeiro modernos descaroçadores de algodão e peleja, até conseguir, que os trilhos da Rede de Viação Cearense chegassem ao Cariri para exportar a produção agrícola, mormente o algodão, pelos portos do litoral.

⁵⁷ Sobre o Pe. Ibiapina, veja-se: DESROCHERS, Georgette e HOORNAERT, Eduardo (orgs.), *Pe. Ibiapina e Igreja dos Pobres*. São Paulo: CEHILA - Edições Paulinas: 1984; COMBLIN, José, *Padre Ibiapina* (Coleção Homens e Mulheres do Nordeste. Série Os Religiosos 3). São Paulo: Edições Paulinas, 1993

Padim Cícero, desde a trincheira do mundo sertanejo, dos seus modos de vida e de sua fé religiosa aos quais permanece entranhadamente fiel, estabelece uma frágil ponte com um mundo em mutação e do qual é ele mesmo um agente social e religioso e muitas vezes vítima junto com o próprio povo.

Como conclusão insistimos na complexidade dos processos sociais e contextos em que esteve envolvido o Pe. Cícero, e do longo caminho a percorrer para se responder corretamente à pergunta acerca de sua rica e intrigante personalidade: "Pe. Cícero. E quem é ele?"

No imaginário popular é o "Padim", o padrinho Pe. Cícero.

Podem irromper entretanto outras interpretações como a desconcertante resposta de um romeiro à pergunta do Bispo Diocesano, Dom Fernando Panico, durante a homilia da missa dos 70 anos de sua morte.

O Bispo perguntou: "Pe. Cícero! Quem ele é?". Num bate-pronto, lá do meio da multidão, a resposta veio inesperada e bem audível, para perplexidade geral: "Pe. Cícero é a segunda pessoa da SS. Trindade"!

DEBATE

Pergunta – Qual foi a posição do Padre Cícero diante da questão dos escravos?

Beozzo – Eu falei da dotação que foi feita à Capela em 1812 quando o Padre Cícero não era nem nascido. Quando o Padre Cícero chegou aqui em 1872, a escravidão no Brasil já tinha sido liquidada nas suas possibilidades, porque a escravidão de tráfico da África para o Brasil tinha terminado. Quando estancou a possibilidade, com a interrupção do tráfico em 1850, só sobrou o ventre da escrava. Claro, em lugares onde havia muitos escravos foi uma corrida para organizar a reprodução dos escravos aqui dentro. No Estado de São Paulo, disparou o número de famílias de escravos no intuito de ter crianças para a lavoura. O número de famílias na lavoura era 27 vezes maior do que o número de famílias no Distrito do Rio de Janeiro onde havia os escravos domésticos. Mas no dia 28 de dezembro de 1871, antes do Padre Cícero vir para o Juazeiro, estanca-se também o ventre da mulher com a Lei do Ventre livre. Foi uma questão de tempo para que a escravidão acabasse. E o Ceará, com a seca, só tinha 4% da população como escravos como se pode ver no recenseamento de 1872. Portanto, esse número era pequeno! A grande seca dizimou grande parte da população escrava e em 1894, acaba. Eu não sei a posição do Padre Cícero a respeito da escravidão. Eu não encontrei nada nas coisas que pude ter em mãos, mas essa não era uma questão relevante no Ceará. Em Minas Gerais, 38% da população era de escravos e aqui, no Ceará, apenas 4%. Era uma grande diferença.

Pergunta – Como o Senhor vê a questão do Padre Cícero e a Política? De Padre Cícero e a elite latifundiária?

Beozzo – O Padre Cícero, depois da suspensão, não tem como ter a vida totalmente absorvida pelo trabalho pastoral. Padre Cícero tinha um amor por esta cidade que transcendia a questão religiosa. Ele se sentia um cidadão do Juazeiro e escrevendo o testamento dele, nota-se a preocupação de deixar coisas para que amanhã a cidade de Juazeiro não sofresse, já que a cidade sofria por causa dele. Devagar, querendo ou não querendo, ele se tornou um personagem político, sobretudo nos anos de 12, 13 e 14, na queda de Franco Rabelo. Depois, Padre Cícero foi o terceiro Vice-Presidente do Estado, segundo Vice-Presidente do Estado, Prefeito. Ele sempre diz: "Eu entrei na Política a contragosto e fiquei a contragosto, porque não teve jeito." Mas

as de vida e de sua fé
nte com um mundo em
es vítima junto com o
ntextos em que esteve
retamente à pergunta

nte resposta de um ro-
milia da missa dos 70

do meio da multidão, a
é a segunda pessoa da

estão dos escravos?

o Padre Cícero não era
no Brasil já tinha sido
a para o Brasil tinha
em 1850, só sobrou o
corrida para organizar a
número de famílias de
a lavoura era 27 vezes
a os escravos domésti-
o Juazeiro, estanca-se
de tempo para que a
omo escravos como se
A grande seca dizimou
ção do Padre Cícero a
nãos, mas essa não era
de escravos e aqui, no

Política? De Padre

ter a vida totalmente
dade que transcendia a
stamento dele, nota-se
não sofresse, já que a
ornou um personagem
Depois, Padre Cícero
do, Prefeito. Ele sem-
e não teve jeito." Mas

ele tinha o Juazeiro em primeiro lugar. "Se eu for eleito", dizia ele, "não quero ir nem para Fortaleza, nem para o Rio de Janeiro porque eu quero ficar no Juazeiro." A sua política era o amor que tinha por Juazeiro. Isso era o centro do pensamento político do Padre Cícero. Numa situação de conflito, ele tinha autoridade moral. Quanto ao célebre pacto dos coronéis, eu o vejo muito mais no sentido de que ele era a única pessoa que tinha autoridade moral para fazer inimigos sentar-se na mesma mesa e acertar uma posição comum que era a de defender a região do Cariri e, sobretudo, de defender o Juazeiro.

Pergunta – Porque o Senhor fez o recorte nas tabelas apresentadas?

Beozzo – É mais fácil explicar o recorte inicial de 1874, porque era a primeira paróquia, do que o recorte de 1865 que eram os dados detalhados das paróquias que eu consegui, do século 19 até aquele momento, logo depois da chegada do Bispo. Eu não tinha documentação para seguir uma a uma as datas de criação das paróquias. Eu quis mostrar um pouco qual era o quadro no momento em que Padre Cícero estava no Seminário, como era a geografia religiosa do Ceará. Padre Cícero mudou a geografia religiosa porque o Juazeiro passou a ter uma importância que sobre-passava, com a sua importância carismática, as outras autoridades que tinham uma autoridade formal. Padre Cícero não tinha autoridade formal porque Juazeiro nem paróquia era, ele era um reitor de capela, mas tinha o poder do carisma e não o poder que vem pelas regras da sociedade. Portanto, apresentei um pouco do panorama geográfico daquele momento, do ponto de vista da estrutura eclesiástica que foi transformada por essa atuação do Padre Cícero, aqui, no Cariri.

Pergunta – Teria alguma relação entre o Padre Cícero e o Padre Ibiapina?

Beozzo – Padre Ibiapina tem algo em comum porque era um Conselheiro como são certos missionários capuchinhos do século 19, ou como o Padre Cícero. O cenário onde eles andam é o do sertão. Padre Ibiapina, quando entrou para o sertão, nunca mais voltou para o litoral. Ele era advogado, portanto tinha uma posição e fez o trabalho das Casas de Caridade na Barbalha, em Missão Velha, no Crato nas quais ele abre uma possibilidade para as moças de terem educação, de terem uma educação profissional e que são espaços de irradiação espiritual. É impressionante ver como neste sertão não só a religião, mas a mística está presente. Eu acho que é uma grande corrente mística que se espalha neste sertão todo. Padre Ibiapina era o Pai espiritual, eu diria, como outros padres que tiveram esta função. O Padre Rolim, em Cajazeiras, com a sua escola, teve a função de mudar um pouco esse panorama interno, no fundo do sertão, abrindo a possibilidade de Colégio, de educação... Eu penso que Ibiapina, andando de canto a canto, fundando as Casas de Caridade, tem certo paralelo com as beatas que acabam ficando em Juazeiro.

MESA-REDONDA

Coordenador: Francisco Regis Lopes Ramos

Doutor em História, UFC; Diretor do Museu do Ceará
regisramos@aol.com

PADRE CÍCERO, A DIOCESE DO CEARÁ E O PROCESSO DE ROMANIZAÇÃO

Edilberto Cavalcante Reis

Mestre em História, UECE
ecreis2004@yahoo.com.br

Para se compreender o fenômeno Padre Cícero e todos os seus desdobramentos políticos e eclesiais não podemos deixar de entender o processo de criação da diocese do Ceará visto no interior de um projeto maior de reforma da Igreja católica brasileira levado à frente pelo episcopado de então e conhecido como projeto ultramontano ou romanizador. A romanização do catolicismo brasileiro seria um importante foco de tensões entre o Estado brasileiro e a Santa Sé ao longo de todo o século XIX, somente vindo a ser resolvido após a proclamação da república e o fim do regime de união entre Igreja e Estado, garantido pelo sistema de padroado desde o período colonial.

Com uma estrutura eclesiástica bastante frágil, o Ceará que possuía apenas 33 paróquias em 1854, contava com um clero pequeno, disperso e pouco disciplinado; não possuía em seu território nenhuma casa das ordens religiosas tradicionais e onde, mesmo as irmandades, confrarias e ordens terceiras eram inexpressivas, apresentava-se como um excelente laboratório para o projeto de reforma do episcopado ultramontano.

Tendo como ponto de partida a necessidade da criação de um novo modelo de relação com o Estado que superasse a crise da cristandade constantiniana e ao mesmo tempo garantisse a permanência do regime de união, o projeto romanizador tinha como meta formar um novo clero, disciplinado e militante da causa do universalismo papal e um (re)enquadramento do catolicismo tradicional legado pelo período colonial e eivado de práticas religiosas pouco ortodoxas (permanência de fortes traços do catolicismo medieval e o sincretismo religioso com as práticas religiosas pagãs africanas e ameríndias).

Uma característica marcante dos padres brasileiros é que desde os primórdios da colonização até a proclamação da República eles eram funcionários públicos eclesiásticos. Para o episcopado muitos problemas decorrem desta sua condição: para muitos padres sua função era muito mais uma profissão que a realização de uma vocação ao serviço sagrado; representava para muitos uma possibilidade de ascensão social. Por outro lado, o valor irrisório das cômmodas, os fazia voltar-se para outras formas de complementação de renda que acabavam por absorver boa parte de suas energias e de seu tempo. Isto em detrimento da evangelização e do atendimento pastoral. Outra característica que saltava aos olhos era a pouca disciplina.

O clero brasileiro era famoso pela indisciplina. Não poucos professavam e pregavam abertamente doutrinas contrárias aos ensinamentos da Igreja, como o jansenismo, ou por outra, participavam e mesmo fundavam sociedades secretas anatematizadas pelo Magistério. Além disso, um número considerável de padres vivia no mais declarado nicolaísmo, assumindo publicamente mulher e filhos às vistas de uma sociedade complacente. Essa situação de indisciplina tendia a se agravar sempre mais nas regiões mais distantes das imensas dioceses brasileiras de então, principalmente se

egis Lopes Ramos

or do Museu do Ceará
regisramos@aol.com

ESSO

o Cavalcante Reis

tre em História, UECE
is2004@yahoo.com.br

amentos políticos e
ará visto no interior
episcopado de então
tolicismo brasileiro
go de todo o século
do regime de união
ial.

as 33 paróquias em
ia em seu território
onfrarias e ordens
o projeto de refor-

elo de relação com
o garantisse a per-
ar um novo clero,
ento do catolicismo
ortodoxas (perma-
as práticas religio-

dios da colonização
Para o episcopado
era muito mais uma
muitos uma possi-
fazia voltar-se para
e de suas energias e
Outra característica

e pregavam aberta-
por outra, participa-
m disso, um núme-
ticamente mulher e
tendia a se agravar
e, principalmente se

estas se encontravam em prolongado estado de vacância. Dispersos pela imensidão dos sertões cada pároco era bispo de si mesmo, já que os ordinários muito dificilmente iriam até ele em visita pastoral como mandava o Concílio de Trento.

O Ceará era uma dessas regiões fronteiriças. Durante todos os duzentos anos em que esteve sob a jurisdição eclesiástica de Pernambuco, somente um bispo de Olinda, D. João da Purificação Marques Perdigão, esteve em visita pastoral no ano de 1839. Essa visita pastoral serviria somente para mostrar a urgência em se criar uma diocese na região. Não impediria, por exemplo, que duas das famílias mais influentes da Província fossem de origem "levítica", como eram respeitosa-mente chamadas as famílias de padres. Eram dois casos tão públicos que os sacerdotes nem mesmo se preocuparam em esconder ou disfarçar a prole colocando o próprio nome nos filhos. Falo do padre e senador do império José Martiniano de Alencar, pai do escritor homônimo e do padre e também senador do império Thomaz Pompeu de Souza Brasil, pai do Dr. Thomaz Pompeu Filho.

O ponto fundamental de todo o projeto romanizador para a Igreja do Brasil passava assim pela formação de um novo clero que atuasse como intermediário e como cooperador solícito do episcopado na tarefa de governar e proteger a Igreja. Os padres deveriam ser, pelo projeto da romanização, o elo entre o povo cristão e a hierarquia e também promover a organização dos católicos contra as políticas anti-clericais do governo, ao mesmo tempo em que empenhar-se-iam em evitar os desvios nas práticas religiosas dos leigos.

Chegando ao Ceará, D. Luiz mal tomando posse da diocese logo começou os preparativos para a construção do seminário, que ocupou todo seu tempo nos quatro primeiros anos de episcopado. Empossado em setembro de 1860, já em dezembro do ano seguinte o encontramos enviando circulares às paróquias do interior pedindo *esmolas* para a construção do seminário episcopal.

Os primeiros bispos encontraram no Ceará um espaço privilegiado para a execução do Projeto Ultramontano: número insuficiente de padres e de paróquias; o poder das irmandades e confrarias era muito restrito; só em Canindé encontraram um espaço privilegiado de vivência do catolicismo tradicional no Ceará.

A atuação dos bispos ultramontanos na diocese do Ceará seguiu bem de perto essas diretrizes. As suas estratégias foram as seguintes: Em primeiro lugar estabelecer um controle estrito sobre as irmandades (especialmente depois da crise dos bispos). O melhor exemplo disso nos é dado pelo caso da Irmandade de Nossa Senhora da Conceição do Outeiro da Prainha. Os bispos vão, lentamente se apropriando do patrimônio da irmandade até que, depois de anexada a igreja da irmandade ao seminário diocesano, a mesma desaparece lentamente.

Havia também a necessidade de controlar as manifestações religiosas de Canindé. Primeiramente D. Luiz cria a Irmandade de S. Francisco das Chagas de Canindé, tirando das mãos de particulares o controle do patrimônio do santo. Posteriormente, D. Joaquim dissolve a irmandade e entrega o santuário aos Frades Menores Capuchinhos (italianos) logo depois substituídos pelos Franciscanos (de origem alemã).

Ao mesmo tempo em que impõe sérios limites aos modelos tradicionais de piedade, o episcopado apóia, incondicionalmente, a implantação de novos modelos de organização e espiritualidade leigas. Destacamos especialmente o Apostolado da Oração (1878) e as Conferências Vicentinas (1879), instaladas no Ceará por iniciativa pessoal do primeiro bispo.

Com tudo isso o Padre Cícero, o Juazeiro, as beatas e todos os fenômenos que os envolvem, assumem o sentido de um curto-circuito nesse projeto. A história do milagre da hóstia já serve muito bem para ilustrar esse curto-circuito. Nele não podemos deixar de acentuar a centralidade de duas importantes devoções incentivadas pela romanização: a devoção ao Sagrado Coração de Jesus, a quem o primeiro bispo havia consagrado solenemente o Ceará em 1879 e a Eucaristia, um dos dog-

mas mais caros para a Igreja católica depois da reforma protestante. O milagre acontece no interior de uma prática de piedade romanizada: a comunhão reparadora da primeira sexta-feira (do Apostolado da Oração).

Apesar da presença marcante e central das beatas ao longo de toda história do milagre, não podemos deixar de apontar para a atuação marcante do clero romanizado. Tanto o Padre Cícero como o Mons. Monteiro e os outros padres envolvidos no caso, foram formados já sob as diretrizes ultramontanas. As próprias beatas eram figuras híbridas pois eram ao mesmo tempo *irmãs de caridade* (faziam parte da Congregação criada pelo Padre Ibiapina, nos moldes dos recolhimentos para senhoras e moças do Brasil colonial) e zeladoras do Apostolado da Oração. É essa ambigüidade que fez de Juazeiro um problema para a hierarquia eclesiástica e um lugar privilegiado para a atuação dos pesquisadores das diversas áreas das ciências humanas.

PADRE CÍCERO E O CONTEXTO ECLESIAL DE SEU TEMPO

Paulo Fernando Carneiro de Andrade

teólogo, PUC-RJ; presidente da SOTER
paulof@vrac.puc-rio.br

Nascido em 1844, Cícero Romão Batista ingressou no Seminário de Fortaleza em 1865, tendo completado seus estudos e sido ordenado em 1870. A Diocese do Ceará fora criada não muito tempo antes, em 1854, e seu primeiro Bispo, D. Luís Antônio dos Santos, natural da província do Rio de Janeiro, havia sido formado no célebre Seminário de Mariana em Minas Gerais, dirigido pelos Padres da *Congregação da Missão*, mais conhecidos como Lazaristas.

A partir, sobretudo, da Revolução Francesa em 1789, abre-se uma nova forma de relação conflituosa entre muitos dos novos Estados Nacionais em formação e a Igreja. O conflito entre Igreja e Estado que ocorria neste momento na Europa, transferiu-se para o Brasil, inclusive pela forte e crescente influência do positivismo entre os liberais, os maçônicos e grande parte da elite intelectual brasileira levando a Igreja a reagir, através de uma larga obra de reforma do catolicismo no Brasil. A ação dos bispos reformadores, que se encontrava em perfeita sintonia com Roma, buscava, de um lado, uma maior independência da Igreja frente ao Estado, e de outro, a substituição de todo um modo de ser do Catolicismo Colonial.

O Catolicismo no Brasil Colonial tem características bem diferentes daquele que se implantará no século XIX por ação dos bispos e do clero reformadores. Trata-se de um Catolicismo lusitano de características medievais que tem seu centro mais na devoção e culto aos santos do que na frequência dos sacramentos. É o Catolicismo das capelinhas de beira de estrada, das irmandades e confrarias, dos santuários, das ladainhas e festas de santos. Em muitos lugares o contato com o clero era esporádico, feito por ocasião das visitas de desobriga. Não que o papel do clero fosse secundário ou sem importância. Era o clero, mesmo que só através das visitas de desobriga, que dava unidade e confirmava a fé, que possibilitava o acesso aos sacramentos, batizava, casava. Deve-se destacar, também, a importância que teve o clero religioso para a evangelização do Brasil. Padres jesuítas, franciscanos e carmelitas, entre outros, tiveram um importante papel na constituição do catolicismo brasileiro.

Acompanhando o movimento de reestruturação por que passa o Catolicismo na Europa no século XIX, os esforços da Igreja, no Brasil, voltam-se para a organização interna da estrutura eclesiástica, criação de novas dioceses, seminários e fundações de novas associações de fiéis que concor-

re acontece no interior
sexta-feira (do Aposto-
stória do milagre, não
Tanto o Padre Cícero
dos já sob as diretrizes
tempo *irmãs de carida-*
os recolhimentos para
essa ambigüidade que
diado para a atuação dos

Carneiro de Andrade

RJ, presidente da SOTER
paulof@vrc.puc-rio.br

ortaleza em 1865, ten-
fora criada não muito
da província do Rio
Gerais, dirigido pelos

ova forma de relação
O conflito entre Igreja
inclusive pela forte e
te da elite intelectual
olicismo no Brasil. A
ma, buscava, de um
stituição de todo um

ele que se implantará
olicismo lusitano de
do que na freqüência
ades e confrarias, dos
clero era esporádico,
rio ou sem importân-
confirmava a fé, que
ma, a importância que
os e carmelitas, entre

cismo na Europa no
ma da estrutura ecle-
de fiéis que concor-

sem com as antigas confrarias e muitas vezes as substituem. Não apenas os Lazaristas, mas também diversas outras congregações femininas e masculinas chegam ao país, incentivando novas devoções e criando uma nova identidade católica, apologética. No arco de poucas décadas o Catolicismo Tradicional que foi implantado com a colônia foi substituído por outra forma de Catolicismo centrado não mais nos santos e nas rezas, mas nos sacramentos e nas devoções que incentivam a prática sacramental freqüente, tais como a devoção ao Sagrado Coração. As novas associações de fiéis são menos leigas e mais clericais; ocorre uma progressiva e rápida verticalização eclesiástica. Mesmo após a separação Igreja-Estado, alguns membros da Hierarquia continuam a participar da vida política, incentivados pela própria Igreja, candidatando-se a cargos eletivos com o objetivo de defender os interesses católicos e da Igreja.

É neste contexto eclesial que Padre Cícero teve sua formação teológica e exerceu seu ministério sacerdotal. O forte amor que sente pelos pobres e deserdados é consoante com a formação espiritual que recebeu dos Lazaristas. Apesar de um certo tom conservador, foi um homem aberto à tecnologia e à modernidade, detentor de vasta cultura geral que incluía conhecimentos de biologia e zoologia.

É na moldura desse contexto eclesiológico que deve ser interpretada a polêmica em torno aos "fatos extraordinários de Juazeiro". De um modo geral a população e o clero que compreendiam esses fatos como miraculosos, acreditavam que se tratava de uma intervenção divina em favor da salvação do povo. Em um momento de incredulidade, de avanço das forças liberais positivistas no Brasil e no mundo, Deus operava um milagre que por sua força e evidência era como que uma segunda oportunidade de salvação para aqueles que haviam sido batizados e crido, mas tinham perdido sua fé. Era como "uma nova redenção". Assim interpretado, o chamado milagre encontrava-se em consonância com a ambiência mística católica do fim do século XIX. Historiadores eclesiásticos relatam a expectativa mística que perpassava o Pontificado de Pio IX; na cúria romana esperava-se que a providência divina colocaria bom termo às agressões que a Igreja vinha sofrendo por parte do surgente estado laico. As acirradas posições favoreciam interpretações dualistas sugerindo tratar-se de um momento extremo da luta entre o bem e o mal, tudo isso em um contexto de fim de século.

A primeira controvérsia teológico-pastoral em torno da possibilidade de que o sangue que surgia fosse "sangue de Cristo" prestou-se a um grande equívoco. Essa afirmação de Dom Joaquim baseava-se em S. Tomás (ST III, q76, a8). Segundo o Aquinate, o corpo ou sangue que aparecem nos milagres eucarísticos, embora sejam verdadeira carne ou verdadeiro sangue, não são, em sentido físico, o sangue ou a carne próprios de Jesus. Sua argumentação baseia-se no fato de que encontrando-se o Corpo de Cristo no céu, em estado glorioso, só pode aparecer na história em forma fugaz, isto é, fazendo-se ver e desaparecendo em seguida (S. Tomás cita LC 24,31). Não obstante, S. Tomás afirma que esses fatos não significam nenhum engano ou ilusão, pois nesses casos ocorre uma transformação miraculosa dos acidentes da espécie. Pão e vinho encontram-se nesses casos não só transsubstanciados, mas transformados, de tal modo que: de um lado continua a presença real nas espécies cujos acidentes foram milagrosamente transformados (*immutatio*) e, de outro, essa transformação é feita de forma a expressar (representar, figurar) a verdade dessa presença real (*in figuram cuiusdam veritatis*). Pode-se admitir, portanto, que em sentido não físico, mas também distinto do modo como referimo-nos a presença real sob espécie de vinho e pão, cabe afirmar, sem contrariar S. Tomás, que nesse caso o Corpo e o Sangue miraculosos são o Corpo e Sangue de Cristo, enquanto são acidentes da espécie que, miraculosamente transformados, figuram (tornam visíveis) a realidade do Corpo e Sangue do Cristo presentes na espécie. Foi nesse sentido e com expressões semelhantes que a mística e a espiritualidade católica sempre se referiram e deram extraordinária importância à aparição do Sangue ou da Carne nos milagres eucarísticos reconhecidos pela Igreja. Por isso, os que acreditavam na origem milagrosa dos acontecimentos extraordinários de Juazeiro compreendiam a

afirmação peremptória de que “esse sangue não é nem pode ser sangue de Cristo”, não como uma precisão teológico-dogmática que não buscava negar o milagre, mas sim como uma negação dele. De fato, as posições se acirraram e o que inicialmente era uma afirmação que buscava colocar balizas doutrinárias para evitar possíveis interpretações errôneas sobre os acontecimentos extraordinários, transformou-se em uma negação do milagre.

A teologia tomista reforça a questão do sentido do milagre eucarístico. Ao tornar visível a presença real, o milagre eucarístico sempre foi interpretado como tendo por objetivo despertar e confirmar a fé cristã. Nesse sentido foi também sempre compreendido como uma extraordinária ocasião de conversão, tendo sido um instrumento poderoso de salvação para muitos, que ao presenciar ou reconhecer o milagre recobram a fé. Entretanto a afirmação de alguns dos partidários do milagre de que os fatos extraordinários de Juazeiro representavam como que “uma segunda Redenção” para o povo do Cariri não foi entendida, pelos que se opunham ao reconhecimento do milagre, em sentido místico (e, portanto, analógico, isto é como evento miraculoso ocorrido para confirmar a fé e converter o povo livrando-os do perigo do ateísmo crescente e, por isso, de cair em pecado mortal), mas sim em sentido próprio, sendo por isso considerada herética.

Além disso, muitos do que se opunham ao reconhecimento do milagre tinham dificuldade de aceitar a realização de um milagre dessa natureza fora do território europeu (conforme a frase atribuída ao lazarista francês Padre Chevalier: “Nosso senhor não deixa a França para obrar milagre no Brasil”). Observe-se que todos os 26 milagres eucarísticos, com aparição de sangue ou carne, listados por J. Ladame e R. Duvin, acontecidos entre o século VIII e XX, ocorreram na Europa (Ladame J. e R. Duvin R., *I Miracoli Eucaristici*, Dehoniane, Roma, 1995, p.245-246): 10 na Itália, 7 na Espanha (1 em 1710, Tartanedo), 3 na França, 2 na Bélgica, 2 na Holanda, 1 na Alemanha e 1 em Portugal (Santarém, 1247). Na lógica de uma estrutura eclesiástica que sofria uma profunda e rápida transformação uniformizadora e extremamente centralizadora, tornava-se difícil reconhecer um milagre na periferia, que poderia ser interpretado a favor dos que se opunham a essa transformação. Para os partidários do milagre esse era compreendido como uma ação salvadora de Deus em favor de sua Igreja ameaçada, tanto no Brasil como na Europa, pelo ateísmo e liberalismo, uma afirmação da fé eucarística feita em favor de toda a Igreja. Para seus adversários era uma perigosa superstição obscurantista, uma fraude que visava reforçar a idéia de um catolicismo nacional autônomo e atentava contra a Hierarquia e o movimento de Reforma Católica liderada por Roma.

CAMINHADA DA PASTORAL NA IGREJA DO CEARÁ NOS SÉCULOS XIX E XX: DESAFIOS E PERSPECIVAS

Maria Socorro Tavares de Carvalho (Pê)

Teóloga, Pedagoga, Psicopedagoga e Pastoralista

1. O que é Pastoral?

Num primeiro momento é importante deixarmos claro o que é Pastoral. Entendemos por pastoral a realização aqui e agora da missão salvífica de Nosso Senhor Jesus Cristo. O seguimento do Evangelho. A Boa Nova da salvação, que tem como animação, objetivo, a vivacidade da Igreja, tendo como referência 3 aspectos de Cristo: Profeta, Sacerdote e Rei. Jesus é o Senhor que anima com alegria e despojamento o seu povo, cuida, ama e zela pelo bem estar de cada um e se alegra quando percebe que seu povo adere por amor à sua mensagem de salvação. É uma relação de doação

e entrega, é a vivência da gratuidade, do serviço e reciprocidade, respeitando as diferenças e acolhendo a contra mão da história.

2. A Pastoral no Século XIX – Sínodo de 1888

A ação pastoral da Igreja no Ceará tem o seu momento de repensar sua vitalidade a partir do Sínodo de 1888, que tem a intenção de reorganizar a Igreja, moralizar a postura e comportamento do clero e pôr ordem nas ações extravagantes que aconteciam com Presbiterado. Este Sínodo trouxe a possibilidade de retomar o caminho eclesial que a Igreja deveria seguir para responder às exigências de seu tempo.

3. Padre Cícero – Mestre da Inculturação pastoral no Juazeiro

Pe. Cícero chega a Juazeiro do Norte para celebrar uma missa. Faz visitas e conquista a confiança do povo, que passa a vê-lo com admiração. Seu desejo inicial é voltar para Fortaleza e tornar-se professor. Mas é nomeado pelo bispo Dom Joaquim para residir em Juazeiro, onde vai morar com sua mãe e irmãs. Em Juazeiro conquista a confiança do povo e começa a desenvolver seu ministério sacerdotal de forma pastoral inculturada, por entender que sua missão é viver a Palavra de Deus junto com aquele povo que lhe foi confiado. Coloca sua cultura, sua espiritualidade, seus sonhos e toda sua vida a serviço do povo simples de Juazeiro. Cumpria com suas obrigações sacerdotais ajudando o povo a entender suas dificuldades e buscar soluções para superá-las e converter-se de seus pecados. Orientava o povo na vida de oração e principalmente na experiência comunitária, pois acreditava profundamente na misericórdia de Deus para com o povo. Acreditava na boa vontade do povo e de coração aberto sabia acolher a todos.

Trabalhou com muito empenho em várias obras com a intenção de favorecer trabalho e dignidade para os filhos de Juazeiro, a exemplo do Pe. Mestre Ibiapina que orientava o povo na vida comunitária, organizava grupos de beatas e penitentes, trabalhava na questão agrária, e em obras sociais como a construção das casas de caridade e capelas para recolhimento e oração com o povo. Pe. Cícero também se preocupava em dar continuidade a estas obras tão benéficas para a população de Juazeiro. Pe. Cícero tinha a preocupação de unir fé e vida. **Oração e trabalho.** Ao mesmo tempo que trabalhava na pastoral da oração, acompanhando os **grupos de orações, novenas, rezas do terço, rosário de Nossa Senhora e Sagrada Eucaristia.** Acompanhava os **grupos de beatas e orientava os penitentes.** Também se preocupava com a pastoral social: **de casas de caridade, trabalho com a terra** (reforma agrária), **reflorestamento das árvores, construção de açudes e poços profundos, organização dos artesãos, organização das costureiras e das lavadeiras.** Procurava acompanhar as mulheres em seus trabalhos e benditos. Não desamparava os jovens (organizando oficinas de trabalho), e acolhia as crianças na construção de escolas para ampará-las; o binômio **oração e trabalho era seu lema de vida**, pois acreditava que cada casa deveria ser um santuário de oração e trabalho.

Respeitava e acolhia a todos, das autoridades políticas e eclesiásticas aos mais simples. Merece destaque o **respeito e valorização que o pe. Cícero tinha pelas mulheres.** Foi sem sombra de dúvidas um verdadeiro pastor que soube acolher seu rebanho do jeito que era, sujo, pobre, simples, cansado, excluído e castigado pelos opressores. Era um homem de profunda vida de oração; obediente ao evangelho, respeitava seus superiores, mas não traía sua consciência.

Como profundo conhecedor da fé popular, sabia canalizar a resistência do povo via religiosidade popular de um catolicismo devocional e fervoroso a Nosso Senhor Jesus Cristo e a Virgem Mãe das Dores. Enfrentou muitos desafios, até mesmo o silêncio, e tornou-se um homem exposto à especulação daqueles que o perseguiam, porém em momento algum negou à Igreja sua fé.

4. Caldeirão

Em 1928, inicia-se no Ceará, no sítio Santa Fé, mais tarde Caldeirão, uma das maiores experiências pastorais comunitárias. As terras do Caldeirão pertenciam ao Pe. Cícero, que elegeu como líder do Caldeirão o beato José Lourenço que no final do século XIX, até 1926, tivera uma primeira experiência de trabalho agrícola comunitário na Fazenda Baixa D'Antas, município do Crato. A venda da propriedade obriga José Lourenço e os seus seguidores a entregarem a terra arrendada, o que foi feito sem resistência e sem qualquer tipo de indenização pelo trabalho realizado há mais de duas décadas.

O Caldeirão cresce rapidamente em número de habitantes. Estes, são, sobretudo, pessoas que eram forçadas a emigrar em busca de melhores condições de vida por causa das secas.

No início da década de 30, numerosos grupos de retirantes enchem as estradas nordestinas, clamando pela justiça dos homens e de Deus. Na seca de 1932, segundo alguns depoimentos, não morreu um só camponês, no Caldeirão.

Essa, sem sombra de dúvidas, foi eminentemente uma experiência pastoral das mais próximas das comunidades primitivas, isso graças ao apoio do Pe. Cícero que acompanhou de perto o Beato. Este é um retrato da luta pastoral pelo direito da terra para quem nela trabalha. A Pastoral tem a responsabilidade de desabrochar no povo a consciência e vivência da cidadania.

5. Igreja no Ceará

A Igreja do Ceará é marcada por uma caminhada devocional muito grande, que se traduz na busca do sagrado rumo à terra prometida, onde o povo habita uma Jerusalém celeste em Juazeiro sob a bênção e proteção do Padim Ciço. Isso nos leva a acreditar que a Diocese de Crato com suas pastorais tem uma grande responsabilidade no que diz respeito à ação evangelizadora nessas terras peregrinas cercadas de cheiro e gosto de religiosidade popular. Não é de admirar que o bispo desta diocese tenha coragem de convocar todo o povo diocesano para participar com ardor missionário e misericordioso da Pastoral da Romaria que tanto tem a contribuir com a Igreja do Ceará, e porque não dizer do Nordeste.

Vejamos algumas interpelações de Dom Fernando ao seu rebanho: "Precisamos reforçar os cuidados pastorais em favor dos milhares de irmãos e irmãs, na maioria absoluta pobres, romeiros e romeiras de Juazeiro do Norte, devotos de Nossa Senhora das Dores, que a memória do Padre Cícero Romão Batista reúne, de todo o Nordeste. É necessário ter um olhar para frente, superando os impasses provindos da nossa história, a serem vencidos pela lógica evangélica do diálogo e da reconciliação. E sob as luzes das candeias dos romeiros do Nordeste, Jerusalém e Juazeiro se encontra na mesma fé e na mesma esperança de paz e justiça. Nada mais podemos buscar e encontrar a não ser a graça de Deus que as suscita, promove e sustenta, alimentando a esperança e a fé de milhões de peregrinos".

Como define um romeiro em visita orante a Juazeiro: **"Venho aqui a Juazeiro, terra do Padim Ciço, deixar os meus pecados, receber o perdão de Deus e buscar muitas graças para levar para casa"**. Eis o desejo de viver e experimentar a misericórdia divina e um testemunho de que nas romarias os que delas participam buscam uma singela experiência de Deus. Uma experiência que passa, segundo a nossa fé cristã, pela conversão, pelo desejo de reconciliar-se com Deus e com os irmãos, na Igreja e com ela.

Seguindo os passos do Pe. Mestre Ibiapina, Pe. Cícero foi incansável apóstolo da devoção à Virgem Maria e do seguimento fiel ao Jesus de Nazaré. Os eixos da ação pastoral de Pe. Cícero e de sua vida de fé foram:

- A **dimensão eucarística-sacramental** por meio da eucaristia e reconciliação;
- A **vivência da compaixão e solicitude para com os sofredores** tradução do amor filial à Virgem Maria, invocada sob o título de Nossa Senhora das Dores;

das maiores experiên-
e elegeu como líder do
a primeira experiência
A venda da proprie-
o que foi feito sem
de duas décadas.

obretudo, pessoas que
das secas.

estradas nordestinas,
uns depoimentos, não

storal das mais próxi-
ompanhou de perto o
abalha. A Pastoral tem
ania.

ande, que se traduz na
eleste em Juazeiro sob
se de Crato com suas
elizadora nessas terras
que o bispo desta
ardor missionário e
ja do Ceará, e porque

precisamos reforçar os
ata pobres, romeiros e
mória do Padre Cícero
superando os impasses
o e da reconciliação. E
ontra na mesma fé e na
er a graça de Deus que
regrinos”.

a Juazeiro, terra do
muitas graças para
e um testemunho de
Deus. Uma experiência
ar-se com Deus e com

apóstolo da devoção à
ral de Pe. Cícero e de

ciliação;
lução do amor filial à

- **O amor ao Santo Padre**, como expressão de fidelidade à Igreja, apesar de todas as dificuldades que o padre Cícero experimentou em sua relação com a Igreja Local.

Padre Cícero, como fiel discípulo dos seus mestres e filho da Igreja, apresentava o Rosário da Mãe de Deus como o caminho e o escudo de proteção, pois sabia que são características próprias da cultura do povo Cearense a sensibilidade religiosa e a acolhida fraterna.” (Carta Pastoral – Romarias e Reconciliação – Dom Fernando Panico: 02.02.2003)

6. Ação Pastoral

As Pastorais existentes na Igreja do Ceará, e de modo particular na Igreja do Crato, são expo-
entes para uma evangelização libertadora das massas romeiras que aqui buscam consolo e conforto
para continuarem caminhando, são elas: **Pastoral da Terra, Pastoral da Juventude, Pastoral da
Criança, Pastoral das CEBs, Pastoral Sacramental, Pastoral Catequética, Pastoral Vocacio-
nal, Pastoral da Família, Pastoral dos Pescadores, Pastoral Indigenista, Pastorais Sociais, Pas-
toral Litúrgica, Pastoral da Ação Missionária e Pastoral das Romarias.**

Importante ressaltar a Pastoral da Romaria como um desafio e uma perspectiva para Diocese
de Crato. Nela há a preocupação de acolher, escutar, orientar os romeiros, registrá-los e localizá-los
quando necessário para que este sinta-se amparado e cuidado por quem os recebe.

7. Desafios Pastorais

Todas as iniciativas pastorais na Igreja do Ceará se encontram desafiadas pelo processo de
globalização exacerbado que massifica a mulher e o homem deste século, relativizando todas as reali-
dades e oferecendo um enorme pluralismo religioso que confunde e dispersa a cabeça do povo. A
especulação financeira, que explora e desrespeita o ser humano tornando-o massa sobrando, fragiliza a
ação evangelizadora e pastoral da Igreja no Ceará, isso devido a vários fatores. As questões de desigual-
dade social, a desestruturação familiar, a ausência do saber cuidar das relações pessoais, a questão
econômica, a desestabilização da educação, a ausência de limites nos jovens, etc.

8. Perspectivas Pastorais

A coragem e engajamento dos leigos na Igreja e instâncias sócias: movimentos políticos e
associações. As vozes proféticas que surgem na Igreja em favor do povo e defesa da vivência do
Evangelho; os sinais de acolhimento dos cristãos nas diversidades sociais; as tentativas de diálogo
inter-religioso com outros irmãos; as celebrações da vida nas comunidades; as vitórias populares dos
movimentos e pastorais de base; etc

Referência Bibliográfica

CAVA, R. D. Milagre em Joazeiro, RJ: Paz e Terra, 1976

CNBB Regional NE I - Perfil da Igreja do Ceará

CNBB Regional NE I - Cadernos Pastorais

FORTI, M.C.P. Maria do Juazeiro, a Beata do milagre. SP: Annablume, 1999

GUIMARÃES, S. e DUMOULIN, A. Padre Cícero por ele mesmo. Petrópolis:
Vozes, 1976

DEBATE

Pergunta – Padre Cícero acreditava em coisas inconciliáveis: na Igreja e no Milagre. Como fica sua posição diante dessa contradição?

Edilberto – O grande problema do Padre Cícero é que talvez falte, hoje, mais compreensão do fenômeno que aconteceu aqui em Juazeiro. É que, diferente, por exemplo, de Canindé, se formos fazer uma comparação, o que acontece aqui, em Juazeiro, não acontece muito longe das estratégias da romanização. No Juazeiro, há um padre, não um diácono, que está à frente de todo o problema: é um padre ordenado na segunda turma do seminário... há o milagre que acontece em torno da Eucaristia, que é um dos dogmas mais caros da Igreja depois da reforma protestante. Se lermos a correspondência do Padre Cícero, explicando o milagre, este acontece a partir da devoção trazida pelo Bispo, incentivada pela romanização que é a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. Estavam numa noite de oração, na primeira sexta feira da quaresma, tudo conforme o estatuto do Apostolado da Oração é, aí acontece o milagre. Portanto, o mais incompreensível do acontecido em Juazeiro é que não se trata de um milagre acontecido nos termos de um Catolicismo tradicional mas do Catolicismo romanizado. Isso aponta para o modo como o povo, longe de rebater as estratégias da instituição, se apropria dessas estratégias, usa essas estratégias a seu modo, dentro das suas próprias práticas de sobrevivência, para usar a expressão de Michel de Certeau. Tem suas práticas de sobrevivência a partir das estratégias da Instituição. Isto torna o Juazeiro mais incompreensível do que outros fenômenos. Então, a dificuldade do Padre Cícero com a Igreja e a dificuldade da Igreja entender o fenômeno de Juazeiro, talvez passe por aí. Ele que, até começar o fenômeno de Juazeiro, era tido pelo próprio Bispo, Dom Joaquim, como um Padre exemplar, acaba se tornando o exemplo de Padre rebelde.

Pergunta – Como se coloca a criação da Diocese e do Seminário Menor do Crato diante da romanização?

Edilberto – a criação do Seminário do Crato está na mesma lógica da Criação do Seminário da Prainha, ou seja, a estratégia de estruturação institucional. Aqui funcionaria o seminário menor, portanto, os tentáculos da Diocese se estendendo até a ponta mais ao Sul do Estado. O problema com o Seminário do Crato, é que foi deteriorado por uma série de questões. Primeiro pela fragilidade da malha urbana do Ceará. Tudo foi se concentrando em Fortaleza: as melhorias urbanas, a economia... As secas constantes também acabaram enfraquecendo o projeto do Seminário do Crato e o próprio fenômeno de Juazeiro, o envolvimento de Mons. Monteiro e dos Padres que estavam dentro do Seminário do Crato, tudo isso cria problemas na história. A Diocese do Crato é criada em um outro momento da história da Igreja e num outro momento da história do Brasil. Depois de 1889, contraditoriamente, apesar dos senhores bispos não aceitarem, não quererem a separação entre a Igreja e o Estado, é depois da separação entre Igreja e Estado que o projeto do Episcopado pode ser verdadeiramente fortalecido até a criação das paróquias e dioceses. Para termos uma idéia, entre 1500 e 1889, nós temos no Brasil 12 Dioceses. Entre 1890 e 1920, temos mais ou menos 40 Dioceses no Brasil. Portanto, é a partir do final da separação entre Igreja e Estado que a Igreja pode crescer. Estou me lembrando de Tavares Bastos que era um liberal e anti-católico fervoroso que dizia: "Se vocês querem destruir a Igreja, façam o que os Bispos querem. Deixem a Igreja unida ao Estado. Façam a vontade dos Bispos que ela vai.." Quando a Igreja se separa do Estado, acontece esse "boom" de criação de Dioceses. E a Diocese do Crato, de Sobral e de Limoeiro entram nesse contexto. Em relação ao Padre Cícero e à Diocese do Crato, parece que houve, no coração do padre, uma ponta de esperança que, criando uma diocese aqui na região, o Bispo local teria mais sensibilidade, mais compreensão para lidar com o fenômeno aqui, do Juazeiro, com as romarias, com o povo. Infelizmente, ele se equivocou por mais de 100 anos.

tal. Nós, mulheres leigas e agentes de Igreja não temos a intenção, em hipótese alguma de assumir o mesmo patamar que os Padres. Nós jamais seremos Padres, nem queremos ser. Queremos ser mulheres, teólogas, agentes de Pastoral que têm uma grande contribuição feminina e feminista para dar à Igreja mas desejamos e exigimos sermos respeitadas enquanto mulheres e valorizadas em nossa ação missionária – pastoral.

PAINEL

Coordenador: Emanuel Marcondes de Souza

diretor do Instituto de Filosofia e Teologia da Diocese de Crato

QUEM É O MEU SENHOR?

(Um olhar psicanalítico sobre o relato de Mons. Alexandrino)

Ana Lucia Mac Dowell Gonçalves

psicanalista, mestre em Comunicação e Semiótica
anamacdowell@uol.com.br

Onde caberia um psicanalista numa reunião para discutir fatos que se deram há quase cem anos, seus principais protagonistas todos mortos e o material de análise um conjunto – unilateral - de cartas? O que um psicanalista tem a oferecer nestas circunstâncias tão distantes do cenário que se tornou um lugar comum quase obrigatório em relação ao trabalho analítico – uma sala, um divã, alguém que fala, e um psicanalista que escuta? Trata-se, este cenário, da projeção imaginária tão comum quanto equivocada do que seja uma análise, que, fundamentalmente, não é um cenário mas sim uma estrutura. Uma estrutura que define dois lugares distintos cuja relação é operada por um dispositivo – a teoria analítica – que oferece uma captação específica do que ocorre nesta relação, seus efeitos e suas causas.

O lugar do psicanalista é o lugar da escuta – lugar onde são recebidas as palavras que expressam e comunicam o que se quer mas revelam mais do que se imagina. A escuta psicanalítica não é nem ingênua nem trivial: não pode ser ingênua pois traz fundamentos teóricos e práticos que permitem uma atenção àquilo que é dito no silêncio, na entrelinha, no ato falho, no tropeço e na hesitação, ou seja, naquilo que, supostamente, todo discurso “normal” descarta ou corrige como falha ou “engano”. Nem é trivial, por ser de onde parte a compreensão do que faz sofrer, da dor oculta que não se reconhece, tal como filho ilegítimo que se esconda mas que permanece carregando a marca e o sangue. O psicanalista escuta as palavras que revelam o sofrer, a divisão, o conflito, o grito que não se ouve mas que permanece e insiste, clamando por um ouvido atento que lhe dê sentido e guarida.

Uma sessão psicanalítica é sempre sobre um relato - uma história contada pelo próprio protagonista, capítulo após capítulo, dor a dor. Mesmo um sonho, quando discutido numa sessão, é sempre do relato que se trata, não do sonho enquanto tal, posto que inacessível ao analista; é no relato que o analista se detém e busca o sentido que vem pelas frestas. As duas posições da estrutura analítica são definidas então pelo lugar da escuta e pelo lugar do relato, da fala, do discurso. A psicanálise não é uma ciência positivista – não trabalha com previsões, certezas ou provas concretas. Trabalha com a dúvida, o incerto, o que escapa, aquilo que nas outras ciências é descartado por ser “errado”: trabalha não com o $2+2=4$ mas com o $2+2=5$, e nesta equação vai buscar uma lógica, não a lógica aristotélica mas a lógica do sentido, a lógica da dor e do desejo, organizada pelo inconsciente

alguma de assumir o
Queremos ser mulhe-
e feminista para dar à
rizadas em nossa ação

arcondes de Souza
gia da Diocese de Crato

c Dowell Gonçalves
comunicação e Semiótica
macdowell@uol.com.br

deram há quase cem
unto – unilateral - de
es do cenário que se
uma sala, um divã,
ção imaginária tão
ão é um cenário mas
ão é operada por um
ocorre nesta relação,

palavras que expres-
a psicanalítica não é
práticos que permi-
peço e na hesitação,
como falha ou “en-
lor oculta que não se
egando a marca e o
lito, o grito que não
é sentido e guarida.
a pelo próprio prota-
uma sessão, é sem-
analista; é no relato
posições da estrutura
fala, do discurso. A
ou provas concretas.
é descartado por ser
car uma lógica, não
a pelo inconsciente

diante da falta. O que o psicanalista busca é a fresta por onde sai a verdade, a falha que aponta a direção certa e o sentido do “5”.

Assim é minha “escuta” desta correspondência - escuto o relato de Padre Alexandrino que, buscando ser fiel e obediente a seu bispo, relata o que dele se espera, e revela, pelas frestas, o que dele não se permite; busco nas cartas os momentos onde $2+2=5$, e deles procuro fazer sentido. É um trabalho restrito a estas cartas – de 1892 a 1900 – e a esta relação de Padre Alexandrino com o bispo, embora, em última análise, consigo mesmo. Não se pretende nem diagnóstico nem descrição abrangente de sua personalidade - minha escuta é apenas uma rede que capta as pressões, os sofrimentos, os conflitos de um homem - num tempo de sua vida, no qual, ao se dispor a ser “mártir da obediência” (c. # 7/1892)¹, acaba qual um Ulisses acorrentado ao mastro para não sucumbir às sereias: se acorrenta à obediência e afunda em conflitos tão secretos quanto humanos, tão dolorosos quanto incompreendidos.

Quando $2 + 2 = 5$ - Sangue sagrado ou profano?

A missão específica de Padre Alexandrino no Crato era de contestar a crença de que havia ocorrido um milagre em Joazeiro, crença esta que não só era generalizada entre o povo da cidade mas era avalizada por Padre Cícero. Uma das questões fundamentais relativas ao milagre era se o sangue que surgia na boca da beata Maria de Araújo era milagroso ou não, isto é, correspondia a uma manifestação do sangue de Cristo. Neste sentido, nas ocasiões em que ocorreu o fenômeno, eram usados paninhos para segurar o sangramento e estes eram guardados como provas da ocorrência. A primeira inconsistência que salta aos olhos na leitura das primeiras cartas é saber que os panos ensangüentados, objeto da disputa básica de ser ou não fruto de um milagre - mas cuja definição oficial era de ser uma heresia grave e condenada - estão guardados num sacrário (c.# 6/1892), mesmo um menos nobre do que o do altar mór, conforme afirma Padre Alexandrino. Ora, já nas cartas # 3 e # 4/1892, ele diz como usou S. Tomas para mostrar o “grosseiro erro teológico que é afirmar que é de Cristo o sangue(...)”. Se não é o sangue de Cristo, o que faz num sacrário? Como o sacrário é o lugar mais santo, por definição, impensável então fazer dele, mesmo ausente de hóstia, um mero escaninho para panos hereges. Como e por que estão no lugar mais sagrado? Por um lado usa a poderosa teologia de S. Tomás, mas, por outro lado, o que o leva a, ainda assim, guardar um sangue que seria estritamente humano, num lugar reservado a um único Sangue ali permitido? O que o leva a dizer: “Se eu vier, como espero, a descobrir o indivíduo que com mão sacrílega roubou os panos...” (grifo meu). Se os panos não são santos porque as mãos seriam sacrílegas? Criminosas, sim; audaciosas ou desobedientes, talvez. Mas, sacrílegas? Guardar os paninhos com os sinais do “embuste” no sacrário aponta para, no mínimo, uma certa indecisão, senão uma dúvida, quanto à sacralidade do que contém ou de como manuseá-lo. Como convencer de um embuste se suas marcas estão guardadas no lugar mais sagrado? Afirma Padre Alexandrino na carta # 7/1892: “(...) ainda não pude me convencer do embuste em tudo que se tem passado aqui com ela”, para logo adiante acrescentar: “Se cometer alguma falha contra a obediência será por ignorância e nunca por malícia” (c # 8/1892); “conte sempre comigo” (c. #12/1892). Revelando certa indignação porque o bispo certamente deve ter insinuado que hesitava na causa, escreve: “É certo que não estive em campo contra os factos de Joazeiro, mas nunca acreditei n’elles como a V. Excia. informou o Padre Quintino. O Padre enganou-se.”(c. #15/1892). Aos poucos vai se afastando, deliberadamente ou não, de qualquer interesse pelas

¹ C.# 7/1892 – (carta de número 7/ano 1892) – A numeração das cartas foi feita de forma estritamente informal, a partir do conjunto que me foi enviado; como ainda não foram catalogadas oficialmente não há uma numeração estabelecida.

"cousas de Joazeiro", embora novamente tenha que esclarecer que: "ao que me parece, [V. Excia] está convencido de estar eu um pouco abalado. Não há tal". (c. #36/1893). É curioso que procure se manter distante das "cousas de Joazeiro" se são estas "cousas" o objeto mesmo de sua missão...

"Só um sacerdote disse o seguinte: o que o Bispo disse de Maria de Araújo é uma calúnia; desejava não ser obrigado a declarar isto, porque este mesmo sacerdote me ofendeu. Foi Mons. Monteiro que em minha presença proferiu aquelas palavras. Com o contacto com o Padre Cícero está ficando mudado, a "humildade já desaparece.(...).O que faço é não confiar n'ele de modo algum."(c.32/1893). Fica claro que não apenas Padre Alexandrino está em dúvida, mas também seus outros companheiros no Crato e em Joazeiro. Fica claro também que a dúvida era uma questão que ele queria não apenas eliminar em si mas, principalmente, jamais deixar transparecer para o bispo, pois seu voto de ser "mártir da obediência" incorporava a crença naquilo que o bispo desejava - mais que qualquer dúvida, o que Padre Alexandrino parecia sentir era medo do bispo, além de uma óbvia necessidade de receber dele aceitação e aval.

Um confessor inusitado

"O que faço é não confiar n'ele de modo algum." diz Pe Alexandrino sobre Mons. Monteiro (c.32/1893), o que não o impede de escrever pouco tempo depois ao bispo pedindo: "Sei que o Mons. Monteiro não tem provisão de confessar; mas como elle foi muitos anos, e está sendo meu confessor, visto não haver nisto inconveniente, peço a V.Excia. se digne dar-lhe faculdade de confessar-me. A graça que peço é somente em meu favor e V.Excia não tenha medo que elle venha abalar-me" (c. #51/1893) (grifo meu). Ora, o que faz alguém escolher um confessor em quem não confia? E não por falta de alternativas, mas por preferência explícita? Qual a lógica de buscar refúgio justamente naquele que pode vir a "abalar"? Seus conflitos, não podendo ser discutidos com o bispo - fundamentalmente por medo - provavelmente levam Padre Alexandrino a procurar uma escuta que permite senão uma compreensão mais aprofundada ao menos uma aceitação mais garantida. É, provavelmente, na hora da confissão que deve encarar tais conflitos - ou pelo menos seus esboços - e, talvez, esteja aí uma possível explicação da escolha de Mons. Monteiro como confessor: mais por motivos de identificação do que eclesiais; Padre Alexandrino sabe que as dúvidas que porventura tenha, as hesitações que experimenta, os conflitos entre a obediência e sua consciência são, possivelmente, os mesmos que seu confessor experimenta ou experimentou; sendo assim, busca, mais que perdão, a compreensão, na certeza de não ser criticado ou acusado, pois não seria Mons. Monteiro que poderia "atirar a primeira pedra"...

O Pastor e o Anti-pastor

Qual foi afinal a tarefa de Padre Alexandrino? Quais as ordens que o bispo havia lhe dado? Sem as cartas do bispo fica difícil definir explicitamente, porém é fato que duas coisas, no mínimo, eram esperadas de Padre Alexandrino: desmentir que houvesse milagres chamando-os sistematicamente de embuste e desmoralizar o Padre Cícero. Difícil tarefa para quem foi formado para ser pastor. Mais difícil ainda: como colocar um rebanho contra seu pastor original? Como chamar de embuste aquilo que o rebanho todo, e seu amado pastor, acreditavam ser milagre? Como conquistar um rebanho fiel a outro? Tarefas difíceis para qualquer um, e, para Padre Alexandrino, praticamente impossíveis porque ele estava não diante de um pastor qualquer, medíocre ou relapso. Não, diante dele estava um extraordinário pastor, tão inteligente quanto sensível, que cuidava das almas de seu rebanho tão bem quanto cuidava de seus corpos. Foi um trabalho de anti-pastor que foi solicitado a Padre Alexandrino - aliciar um rebanho hostil a ele, desmentir um pastor dedicado e amado, desfazer

me parece, [V. Excia] curioso que procure se no de sua missão... raújo é uma calúnia; e ofendeu. Foi Mons. com o Padre Cícero onfiar n'ele de modo dúvida, mas também dúvida era uma ques- ixar transparecer para naquilo que o bispo ir era medo do bispo,

ndrino sobre Mons. is ao bispo pedindo: e foi muitos anos, e Excia. se digne dar- e V.Excia não tenha az alguém escolher preferência expli- abalar"? Seus con- do - provavelmente compreensão mais a hora da confissão teja aí uma possível os de identificação ra tenha, as hesita- ão, possivelmente, n, busca, mais que is não seria Mons.

spo havia lhe dado? coisas, no mínimo, ndo-os sistemática- i formado para ser ? Como chamar de ? Como conquistar drino, praticamente elapso. Não, diante ra das almas de seu que foi solicitado a o e amado, desfazer

os vínculos de uma teia espiritual, emocional e física. Como ele próprio descreve: "Exmo.Sr. é bem difícil a minha posição n'esta freguesia actualmente porque devo por um lado cumprir todas as ordens de V.Excia e por em actividade minha fraca cooperação no intuito de desmascarar o negócio de Joazeiro, e por outro lado conservar-me, ou antes, portar-me de um modo tal que não suponham os fanáticos d'aqui que estou hostilizando o Padre Cícero" (c.#15/1892). Ou (como exemplo de suas atribuições contrastantes às de Padre Cícero): "Por causa do que sofri no Joazeiro pretendo proibir confissões, missas e administração de sacramentos na Capella do Joazeiro até que V. Excia. respon- da-me esta carta. Não quero exorbitar: tomei esta medida que julguei necessária e disposto a fazer sempre o que V. Excia me determinou" (c.#15/sem data). É um anti-pastor que, sem ganhar um rebanho, acaba, nesta tarefa desgastante, esquecendo suas próprias ovelhas que ficavam, de uma certa forma, desprovidas tanto de atenção quanto de ânimo: se viam mais pobres, mais abandonadas e, em última análise, mais frágeis do que o "outro" rebanho, cuja fidelidade persistente a seu pastor ameaçado, se manifestava de forma quase inexplicável.

"Afastai de mim esse cálice"

Aos poucos o preço de sua missão começa a pesar, fisicamente, emocionalmente e espiritualmente; fisicamente engorda até se tornar obeso; entremeados em seu relato ao bispo do estado das coisas em Joazeiro, surgem os sinais de que não é fácil, emocionalmente, enfrentar os desafios de sua tarefa: vaiado (c.56/1894); odiado (c.#65/1895); em "posição melindrosa" (c.# 80/1895); hostilizado (c.#87/1896); provável objeto de queixas em Roma (idem); ameaçado de envenenamento (c. #106/1897); pobre e endividado (idem); acaba pedindo ao bispo que o dispense: "Cumprida minha missão de auxiliar à V. Excia até levar a questão de Joazeiro ao desenlace final, não será oportuno a minha dispensa de vigário do Crato?" (c.# 107/1897). Na verdade, o que pretende, conforme se vê mais adiante na mesma carta, é que o bispo o dispense de ir a Joazeiro, "visto a prevenção e o ódio que existe alli contra minha humilde pessoa." Provavelmente há um mecanismo de defesa atuando neste pedido, pois apenas o fato de ser hostilizado ou ameaçado não seriam suficientes para amedrontar ou desanimar aquele que se propôs a ser, quando chegou, "o mártir da obediência"(c.#7/1892); seriam sim sinais de uma missão bem cumprida. Que mártir não se vê recompensado no sofrimento que lhe é impingido? Que sinal mais profundo de obediência senão o de sofrer a hostilidade e o perigo em seu nome? O que parece que vai aos poucos corroendo o ânimo e o espírito dele é o fato de seu coração tão fragilmente humano sentir também o que diz que o povo de Joazeiro e o Padre Cícero sentem por ele: raiva por ver tantos esforços sem resultados; ciúme por ver seu rival ser cada vez mais amado, convidado a ser padrinho de inúmeras crianças (quando é raro um convite desses lhe aparecer); inveja por ver – conforme cita em várias cartas – o Padre Cícero receber doações cada vez mais vultuosas e explícitas enquanto ele e sua paróquia estão à míngua; dúvidas talvez por ver que por mais que seja obediente, e por isso odiado, isto não impede que Padre Cícero tenha o destaque, a celebridade e até mesmo o privilégio de ir a Roma defender sua causa. Mesmo quando Padre Cícero é afastado e disciplinado e, quando diz: "Há pouco andei por Joazeiro, encontrando alli o povo humilde e menos prevenido contra mim" (c. #157/sem data), é uma vitória desencantada, já sem fôlego para ser celebrada. Ao pedir dispensa de ir a Joazeiro parece que Padre Alexandrino está evitando menos enfrentar o que o povo de lá sente por ele do que enfrentar o que seu coração sente quando está em Joazeiro. Aquele que chegou com medo do bispo agora está com medo de si mesmo e talvez seja este o cálice que pede que seja afastado: o cálice da amargura, do medo e do desencanto. Da firme afirmação de que "vivo disposto a ser mártir da obediência" (c.#7/1892), quando chegou, ao pedido de dispensa de ir a Joazeiro, (c. # 107/1897) há uma mudança quase trágica no ânimo de Padre Alexandrino, parece

que se perdeu pelos caminhos da obediência que, se de início era claramente dirigida e depositada na figura do bispo, aos poucos se torna difusa, sem rumo, uma obediência pela obediência, sem direção e sem sustentação. Tornou-se uma obediência mórbida pelo que tinha de negação de suas próprias questões e seus próprios sentimentos. A obediência é vencida pela angústia.

O Psicanalista e o Padre

Enquanto o analista oferece a escuta da relação da pessoa com a falta e o desejo – e os fantasmas que as manejam – ou seja, da pessoa consigo mesma, e desta escuta busca um efeito de significação e sentido, o padre escuta a relação de uma alma com Deus, e nesta atua como intermediário oferecendo o perdão dos pecados. São duas posições distintas em seus efeitos e em seus poderes. Por um lado, nenhum psicanalista pode oferecer o perdão divino dos pecados, embora possa auxiliar a pessoa a compreendê-los (e, talvez, se perdoar de tê-los cometido), oferece luz de compreensão, mas não divina... De outro lado, o padre oferece a luz e o perdão mas não necessariamente a compreensão dos conflitos e suas origens e efeitos. No caso de Padre Alexandrino, se tinha acesso constante ao perdão divino parece que faltou, para aliviá-lo de seu sofrimento terreno, o acesso à compreensão de suas relações transferenciais com o bispo e os efeitos desta em seu próprio ser. Padre Alexandrino tinha um confessor mas talvez precisasse de um psicanalista, não para buscar alívio ou catarse, estes provavelmente encontrava na confissão, mas para ter um interlocutor que lhe oferecesse um “basta!”. Que “basta” é este? É o corte, a intervenção que provoca uma quebra da ciranda gerada pela obediência desgovernada que acaba levando a uma perda de rumo. Para Freud, o máximo a que uma análise poderia almejar é permitir que a pessoa pudesse “amar e trabalhar”², neste sentido, é patente que, no decorrer do tempo (que abrange as cartas em questão), Padre Alexandrino já não sabia mais a quem amar e já não conseguia mais trabalhar. A quem serve Padre Alexandrino?

Enquanto psicanalista, penso que a pergunta básica para iniciar um processo – longo provavelmente – que poderia levar Padre Alexandrino a retomar seu trabalho e sua vocação de amar seria: *“Quem é o seu Senhor?”*

CONFIGURAÇÃO SIMBÓLICA DO JOASEIRO CELESTE

“Quando terminarem esta igreja, o Papa vem morar no Juazeiro”

(Romeiro de Santa Brígida – BA)

Francisco Salatiel de Alencar Barbosa

Consultor governamental, doutor em Antropologia
salenbarbi@terra.com.br

A fala do romeiro de Santa Brígida (BA), pronunciada na descida do Horto, quando ainda se podia contemplar a silhueta, em espiral, da torre da igreja do Bom Jesus, em construção, soa estranha no momento em que se busca um “contexto” de compreensão e interpretação do fenômeno Padre Cícero e Juazeiro. Mas não é. Pois a antropologia constrói o seu objeto bem mais a partir do encontro etnográfico do pesquisador em diálogo com sujeitos falantes, pensantes e atuantes no espaço social do que de esquemas forjados na solidão de um escritório. Assim, convocar o romeiro – devoto do Padre Cícero – e torná-lo companheiro de uma caminhada, de uma busca, partícipe inteligente de um

² Cf. FREUD, S., op.cit., “Análise Terminável e Interminável” (1937), v.3.

irrigida e depositada
ela obediência, sem
de negação de suas
angústia.

a e o desejo – e os
busca um efeito de
atua como interme-
s efeitos e em seus
os pecados, embora
ido), oferece luz de
mas não necessa-
de Alexandrino, se
so sofrimento terre-
efeitos desta em seu
um psicanalista, não
as para ter um inter-
venção que provoca
do a uma perda de
e a pessoa pudesse
brange as cartas em
mais trabalhar. A

esso – longo prova-
ração de amar seria:

e Alencar Barbosa
utor em Antropologia
enbarbi@terra.com.br

to, quando ainda se
trução, soa estranha
do fenômeno Padre
a partir do encontro
es no espaço social
omeiro – devoto do
e inteligente de um

processo, é já um modo de expressão, uma postura que rompe com o viés de que nós, intelectuais, temos a palavra final e possuímos a chave para desvendar os enigmas que nos são propostos.

O que, então, deveria entender por “contexto” da história e de acontecimentos que ainda hoje têm repercussão na vida do País e da Igreja? Se se entende a tecitura da história que liga o Padre Cícero ao Juazeiro e o Juazeiro a uma vasta rede de interações, no plano regional, nacional e internacional³, como um processo que não começou nos idos de 70 do século XIX, mas muito antes, ela é portadora de uma longa tradição que nos remeteria talvez à ancestralidade romeira situada na penumbra dos tempos: *in illo tempore*. A um tempo primordial. Ao tempo das origens por excelência. E quem nos ajudaria, servindo-nos de guia, a realizar essa caminhada de volta ao passado – autêntica arqueologia, bem como aquela outra complementar de avanço na direção do futuro – autêntica escatologia, senão o romeiro devoto?

Na qualidade de participante de uma história sagrada, é ele também e muito mais o leitor e intérprete de um texto, cujo significado nos escapa o mais das vezes. O romeiro, creio, possui chaves de leitura que se nos ocultam e por vezes nos intrigam. Por que afirmar que o Papa vem morar no Juazeiro no dia em que inaugurarem a Igreja do Bom Jesus do Horto, quando sempre se acentuou que o catolicismo do romeiro se construía em oposição à onda de romanização da Igreja e ao seu autoritarismo? Por que trazer o Papa para o Juazeiro e fazer do Juazeiro uma Nova Roma, a “Roma dos pobres”? (fala de romeira de União dos Palmares-AL)

É impossível entender essa e outras vozes ainda mais radicais, se não se dá a palavra também a esse interlocutor privilegiado e leitor participante. Assim, falar do “contexto”, neste primeiro dia do Simpósio, é também afirmar que, num novo paradigma de interpretação dos “fatos”, das coisas, dos “negócios” do Juazeiro, é preciso levar em conta a atuação e o protagonismo do romeiro.

Nesse novo “contexto”, encontramos-nos diante do horizonte de sentidos flutuantes e polifônicos do símbolo, do anti-paradigma do dom e da semiose ilimitada⁴. Noutros termos, a configuração simbólica da sociedade como explicitação das redes de relações, encontros, alianças e ação comunicativa dos romeiros é uma interminável busca de sentido. Aqui, o sentido é mais uma promessa do que a quietude de uma certeza dada de uma vez por todas.

Para onde nos aponta este paradigma de compreensão e interpretação, o qual, proveniente de diversas fontes, é bem possível seja adequado ao objeto de estudo proposto neste Simpósio? É que, ao falar de configuração simbólica, de dom e de semiose ilimitada, somos lançados num círculo infundável de sentido com a presença de, pelo menos, três elementos categoriais ou funções que se reportam mutuamente umas às outras e se completam:

1) no símbolo: temos um signo que nos remete para outra coisa, para um objeto que se abre ao desvelamento, à possibilidade de sentido ou de múltiplos sentidos; é a tríade do signo, do significante e do significado, num entendimento que vai muito além da lingüística de Ferdinand de Saussure;

2) no dom, também temos o mesmo movimento triádico que vai de um doador que dá, de um receptor que recebe e, em suas relações de aliança, comunhão e reciprocidade, cria-se a exigência-obrigação de retribuir; é a tríade maussiana do dar, receber, retribuir, que – como tradução do fato social total – só pode ser compreendida na chave do simbólico;

³ “Even more than Canudos, the Joazeiro affair reveals the interplay of the messianic movements and national structures” (Cava-1968:414). Esta postura metodológica de Cava, que orientou sua pesquisa em Juazeiro, está explicitada e desenvolvida ao longo de sua tese “Miracle at Joazeiro” (1970: cfr.pp.4 e6).

⁴ De proveniência peirceana (de C. S. Peirce), a semiose ilimitada remete para um conceito de linguagem que “seria então um sistema que se esclarece por si mesmo através de sucessivos sistemas de convenção que se explicam reciprocamente” (Eco,1962:116) e “o significante apresenta-se então cada vez mais como forma geradora de sentido” (idem ibidem:119). Aberto, portanto, a novas significações.

3) na semiose ou ação de signos, o signo como ícone ganha movimento quando, como índice, constrói uma identidade que o distingue do outro e, como símbolo, amplia-se numa abertura ilimitada para o sentido ou para ser conhecido por um interpretante, na aplicação contingente de uma lei, de uma norma universal; é a tríade peirceana da primeiridade icônica, da secundidade indéxica e da terceiridade simbólica.

Desse modo, o símbolo como doador de sentido e como ação de signos que se entrelaçam e criam redes e alianças entre as coisas e entre as pessoas, é campo aberto para o acolhimento do incompleto, das ambigüidades, do obscuro, do diálogo e do conflito na sociedade, da audiência de vozes que se procuram e se reclamam, mas que nem sempre chegam ao acordo e à unidade. Trata-se, sem dúvida, de um paradigma hermenêutico no qual as linguagens não são apenas palavras que dizem alguma coisa e sim, e muito mais, palavras que fazem e agem. Não só significam, mas destroem e constroem mundos, arrancam e plantam, semeiam e ceifam. Terreno fértil para os arranjos do poder na sociedade que se configura simbolicamente a partir dessa ação comunicativa.

Como, então, descrever, partindo dos encontros e diálogos mantidos com os devotos do Padre Cícero, um quadro ou contexto significativo para o presente objeto de estudo? O romeiro do Padre Cícero se movimenta, seja no ritual da romaria, seja na narração (mito) que lhe serve de moldura, pelo mesmo paradigma triádico do dom, que é símbolo e semiose ilimitada.

Muitos depoimentos de romeiros e romeiras fundados – expressão usada por um romeiro de Ribeirão (PE) – falavam de um chamado mediado por um sonho, de uma graça ou dom recebido num momento de aflição ou como resultado de uma promessa e, por fim, de uma vontade inabalável de jamais deixar de voltar ao Juazeiro, do contrário, “o Satanás poderia tomar conta do mundo”. A romaria seria, assim, a decorrência de um apelo constante à luta contra o mal. O que lhe daria uma dimensão cósmica e escatológica muito além daquele sentido, também presente, de penitência individual.

Ora, esse processo iniciático interminável, assentado num encontro hierofânico e onírico com o sagrado e verbalizado em termos de chamado, de recebimento de um dom gracioso e da obrigação de cumprir uma tarefa que se traduz em luta constante pela vida afora nos contínuos retornos ao Juazeiro, traz embutida uma homologia com os fatos fundantes da cidade santa e com a biografia do Santo que os devotos se esforçam por imitar. Processo mimético que repete, no ritual da romaria e na narração dramática desses fatos fundantes, apelos predominantemente tradicionais ou primários, arquetípicos e paradigmáticos.

Se o sonho de 1872, o milagre de 1889 e a guerra de 1914 entraram na hagiografia canônica do Padre Cícero e na história política do Juazeiro, eles – nas falas dos romeiros e na poesia dos bardos do cordel – são transpostos para uma trama simbólica e narrativa (rito-mito) deixando em aberto, na opacidade de suas expressões, uma gama de significados possíveis que têm muito a ver com suas próprias vidas de romeiros.

A imbricação do processo ritual romeiro com a narração triádica que faz do Padrinho Cícero o romeiro por antonomásia, o romeiro por excelência, contextua-se bem melhor num paradigma aberto a contínuas releituras e ressignificações. Pois a vivência do romeiro, o seu acontecer, o seu devir existencial num ciclo interminável de retornos ao Juazeiro, participada contingência agônica de ter sempre de buscar de novo, no santo Juazeiro, um sentido para a sua vida.

Alguém poderia perguntar se o achado dessa homologia ou mímese da vida do romeiro, moldada pelo paradigma triádico do sonho – do milagre e da luta do Padre Cícero no Juazeiro é só um produto do encontro etnográfico com os devotos do Padrinho. Devo confessar que o ponto de partida dessa construção interpretativa, dessa configuração simbólica, foi lastreada sobretudo pela poesia de cordel e de modo especial pelo poema “O Joazeiro do Padre Cícero”, de Leandro Gomes de Barros, “príncipe dos poetas brasileiros”, no dizer de Carlos Drummond de Andrade.

ando, como índice,
a abertura ilimita-
ente de uma lei, de
ade indéxica e da

ue se entrelaçam e
o acolhimento do
e, da audiência de
e à unidade. Trata-
enas palavras que
ó significam, mas
eno fértil para os
ção comunicativa.
s devotos do Padre
omeiro do Padre
serve de moldura,

por um romeiro de
dom recebido num
ntade inabalável de
mundo". A romaria
aria uma dimensão
ia individual.

ínico e onírico com
ioso e da obrigação
ntínuos retornos ao
com a biografia do
tual da romaria e na
onais ou primários,

agiografia canônica
os e na poesia dos
mito) deixando em
ue têm muito a ver

do Padrinho Cícero
or num paradigma
eu acontecer, o seu
ontingência agônica

da do romeiro, mol-
ho Juazeiro é só um
e o ponto de partida
etudo pela poesia de
o Gomes de Barros,

O texto, escrito provavelmente no calor dos meses de fevereiro e março de 1914, em plena sublevação do Juazeiro para depor o Governador Franco Rabelo, talvez seja uma das melhores expressões de quanto o imaginário do bardo paraibano e de tantos outros pôde contribuir para a compreensão das questões do Juazeiro.

Este é o convite maior de um paradigma de compreensão que deixa espaço aberto para a construção de novos sentidos, para a transposição (metáfora) e o desocultamento daquilo que jamais será completamente desvelado. Um convite à caminhada humilde e ao mesmo tempo audaciosa, lutadora – agônica – do romeiro, chamado e agraciado pela visita do Espírito que sopra onde quer (Jo 3,8) e o guia para a busca da verdade (Jo. 16,12-13).

Referências Bibliográficas

- CAILLÉ, Alain. (2000). *Antropologia do dom: o terceiro paradigma*. (tradução do francês de Ephraim Ferreira Alves). - Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.
- CAVA, Ralph della. (1968). "Brazilian Messianism and National Institutions: a reappraisal of Canudos and Joazeiro". in *The Hispanic American Historical Review*: 402-420, vol. XLVIII, no.3, august. Duke University Press.
- _____. (1970). *Miracle at Joazeiro*. New York and London: Columbia University Press.
- ECO, Umberto. (1962). *Obra aberta*. 8ª Ed. São Paulo: Perspectiva, 1997
- MAUSS, Marcel. (1923/1924). *Essai sur le don: forme et raison de l'échange dans les sociétés archaïques*. In *Sociologie et anthropologie*: 143-279. Paris: Quadrige/PUF, 1995.
- PEIRCE, Charles Sanders. (1897-1903). *Logic as semiotic: the theory of signs*. In *Philosophical Writings of Peirce*. Select and edited with and introduction by Justus Buchler, pp. 98-119. - New York: Dover Publications, 1955.
- SAUSSURE, Ferdinand. (1916). *Cours de linguistique générale*. (Édition critique prepare par Tullio de Mauro). - Paris: Éditions Payot & Rivages, 1995

DEBATE

Pergunta – A Senhora não vê nessa obediência exagerada ao Bispo uma projeção da imagem paterna a quem ele temia muito e a quem procurava comprar o afeto com a obediência e delatando os irmãos?

Ana Lucia – Eu penso que temos que ter muito cuidado... o meu trabalho foi baseado neste conjunto de cartas, neste espaço de tempo... é muito fácil a gente voar. Claro que podemos fazer hipóteses mas nada, nada aqui me autoriza a definir que o modelo de obediência é necessariamente à figura paterna. Pode ser à figura materna. Eu concordo que seja uma transferência. O conceito de transferência é no sentido de que há uma história anterior de uma relação provavelmente de obediência, que era uma forma de comprar afeto e de controlar o medo, mas eu não posso afirmar, pelo que eu tenho aqui que seja uma transferência baseada num modelo de um pai. Só porque o Bispo era homem, não se pode partir do princípio que ele seja necessariamente uma figura paterna. Pode ser uma figura materna. Acho perigoso fazermos essa referência. O psicanalista trabalha com a fala porque está trabalhando com dados; ele escuta o que está sendo dito e não interpreta imediatamente. Ele precisa escutar muito para poder construir todo o colar de dados para poder finalmente fazer uma interpretação desse tipo. É por isso que eu tenho medo... O que eu posso afirmar é que, muito provavelmente, essa obediência era fruto de um modelo transferencial. Eu não sei a

história de Mons. Alexandrino. Não sei se foi criado num orfanato, não sei foi criado por freiras ou por um casal, como era o pai dele. Faltam muitos dados para poder dizer. É óbvio que se fosse um paciente ao vivo, eu perguntaria. É claro que na própria análise a pessoa vai fazer referência à própria família. Se ele fosse meu paciente, provavelmente, eu poderia responder a essa pergunta. Se eu tivesse um discurso vivo nas sessões, eu poderia também fazer perguntas. Eu não tenho esse espaço, portanto, eu não posso responder.

Pergunta – Seria possível uma leitura arquetípica da situação do Mons. Alexandrino, a revelação de um sentido para além, no sentido de que se mostram e se escondem ao mesmo tempo?

Ana Lucia – Eu não sei se eu posso responder a essa questão.... Acho que o salto é duplamente perigoso. A gente tem que trabalhar isto com muita cautela porque, senão, é claro que a gente vai voar. Mas não seria nem honesto nem ético e muito menos tecnicamente correto. A gente só pode trabalhar com o que a gente tem, não pode sair supondo. O que eu acho é que a questão da obediência de Mons. Alexandrino começou desde que ele se ofereceu como mártir da obediência. Nesta fase, ele está com medo. A obediência passa a ser uma forma de evitar o medo e no final, passa a ser um escudo, mas não um escudo contra o Bispo, um escudo contra ele próprio, contra o que ele sente. A questão fundamental do Padre gira em redor da obediência, certamente tem uma história anterior mas eu não sei qual é.

Pergunta – A Senhora tem idéia das respostas do Bispo?

Ana Lucia – Eu não tenho. Mons. Alexandrino, numa das cartas, diz que queimava as cartas do Bispo, portanto, eu não tenho idéia delas. Mas pode-se imaginar as respostas do Bispo a partir destas cartas. Há uma em que Mons. Alexandrino diz claramente: “Ainda não pude me convencer que houve um embuste em tudo o quanto se tem passado aqui.” Isso é forte: a missão dele era definir que era embuste. O que se percebe é que, às vezes, o Bispo parece dizer: “Escuta aqui... Me disseram que você não está bem firme...” E Mons. Alexandrino responde com pedidos de desculpas. “Não é bem assim, eu não estou de maneira alguma duvidando, eu não estou traindo a causa...” É isso que eu tenho. Eu não sei o que o Bispo escreveu para ele.

Pergunta – O embuste, a pressão do clero, a pressão das massas e a sua rebel- dia não tornaram o Padre fanático e lunático em defesa de uma causa perdida?

Ana Lucia – A primeira coisa é que o psicanalista é a última guarida para os fanáticos e lunáticos. Eu não posso dizer que o Padre Alexandrino fosse fanático e lunático mas não me espantaria que ele, numa primeira sessão, parecesse fanático e lunático. Ele estava a ponto de explodir. E o que seria do fanático lunático, se não tivesse alguém que o escutasse, alguém que pudesse dar sentido, organizar isso... porque ele perdeu o eixo, já não sabia a quem ele estava servindo, a quem obedecia, o que sentia e o que não sentia. Ele estava perdido.

Pergunta – Como se explica o delírio religioso? O que é a fé?

Ana Lucia – O que é a fé? Eu sou psicanalista, não sou teóloga. Não é do meu campo epistemológico. Eu não posso responder a essa questão e não me parece que Mons. Alexandrino sofresse de delírio religioso. Eu acho que não cabe entrar nessa questão, porque eu estou trabalhando com o que eu tenho, e aqui não há delírio religioso. Eu vejo tensão, estresse, uma série de coisas mas não vejo delírio religioso. O que eu vejo, sim, é a imposição de prestar contas ao Bispo que custa muito caro para ele, porque ele não tem sequer o direito de hesitar e de duvidar... direito que os outros

criado por freiras ou
 óvio que se fosse um
 ai fazer referência à
 der a essa pergunta.
 as. Eu não tenho esse

ção do Mons. Ale-
 e se mostram e se

o salto é duplamen-
 claro que a gente vai
 eto. A gente só pode
 questão da obediência
 ência. Nesta fase, ele
 final, passa a ser um
 tra o que ele sente. A
 uma história anterior

queimava as cartas
 tas do Bispo a partir
 pude me convencer
 ssão dele era definir
 aqui... Me disseram
 e desculpas. "Não é
 usa..." É isso que eu

sas e a sua rebel-
 usa perdida?

para os fanáticos e
 mas não me espan-
 ponto de explodir. E
 em que pudesse dar
 va servindo, a quem

o é do meu campo
 Mons.Alexandrino
 u estou trabalhando
 série de coisas mas
 ao Bispo que custa
 direito que os outros

padres estão tendo. Ele não se permite isto. Eu acho que é essa a grande tragédia dele. Ele não se permite ser humano, ele exige demais de si mesmo.

Pergunta – Se a idéia das contradições expressas nas cartas estivesse em ordem inversa ou, se a expressão do termo “Mão sacrílega” tivesse já sido empregada antes dos termos negativos, poderíamos ter outra explicação?

Ana Lucia – Não necessariamente porque o que me espanta nessa questão são dois momentos. Primeiro o próprio fato dos panos estarem guardados no sacrário. Não importa que seja o Padre Cícero ou o Bispo ou Mons. Alexandrino. O fato é que, estar guardado neste local sagrado é simbolicamente uma afirmação de que algo sagrado existe. E há o reconhecimento que é sagrado. Se há reconhecimento que é sagrado, então, onde está o embuste? É essa a questão lógica que soa estranha nesse discurso. Não importa que ele chame de mão sacrílega antes ou depois porque o fato crucial é que eram guardados num sacrário.

Pergunta – Qual seria a provável resposta de Mons.Alexandrino ante a pergunta: “Quem é o meu Senhor?”

Ana Lúcia – Eu acho que ele ficaria estarecido. Ele não tem resposta e é por isso que ele está precisando desta pergunta. Ele está precisando enxergar uma resposta a esta pergunta que eu faria. Toda questão dele é esta. Para ele conseguir uma resposta, ele precisaria de muito tempo fazendo análise. Porque a própria pergunta já iria dar um impacto. A função do analista é fazer a pergunta que a pessoa não está fazendo e que seria a pergunta que abre o caminho para a reflexão a respeito da dúvida central. Se a pessoa pudesse ter essa resposta, não estaria no analista. Isso tudo já estaria claro para ela. É preciso de um interlocutor justamente para que este interlocutor pontue alguma coisa. E é por isso que eu disse que o psicanalista vive dos lunáticos e fanáticos. Eu não quero com isto dizer que quem faz análise é necessariamente lunático ou fanático, mas é que o mundo interno de uma pessoa que está nesse nível de ansiedade é completamente caótico. Então, o que faz o analista? Ele tenta ancorar esse mundo para fazer uma pergunta.

Pergunta – Com o olhar psicanalítico, como você vê a personalidade do Padre Cícero?

Ana Lúcia – eu não posso responder a isso porque eu não tenho dados. Eu só tenho dados de Mons. Alexandrino. Claro: vocês poderiam dizer: Bom, mas você está aqui ouvindo uma conferência atrás da outra sobre Padre Cícero. Afinal de contas, Padre Alexandrino é o filho bastardo nesse seminário. Mesmo assim, eu não tenho dados. Eu não poderia dizer nada. A única coisa que eu poderia dizer é que a forma de obediência do Padre Alexandrino é uma obediência mórbida e a obediência do Padre Cícero é uma obediência extremamente sadia porque enquanto o Padre Alexandrino obedece por medo, o Padre Cícero obedece por ideal. Ele não tem ansiedade, não tem medo, não tem estresse, na verdade. O máximo que eu poderia fazer é essa análise comparativa. Agora, fazer uma análise psicanalítica do Padre Cícero, não seria possível, porque não foi essa a minha tarefa.

Pergunta – Será que Mons. Alexandrino ao chamar de sacrílego o ato de exumação dos panos não queria apenas amedrontar o usurpador?

Ana Lucia – Isso seria uma hipótese, mas ele estava escrevendo uma carta para o Bispo. Se ele tivesse feito um discurso em praça pública dizendo: “As mãos sacrílegas...” poderia ser isto, mas aqui é uma carta para o Bispo e é por isto que eu considero um ato falho. Para o Bispo, ele escreve que são sacrílegas as mãos que roubaram os panos quando ele tinha a função de dizer que os panos não eram

sagrados. Do ponto de vista psicanalítico, é um ato falho porque ele está revelando o que acha dos panos, sem perceber.

Pergunta – Qual a sua análise em relação a estas cartas?

Ana Lucia – Surpreendentemente, embora a figura de Mons. Alexandrino seja uma figura de um homem de visão, me parece que é uma figura trágica, uma figura com dúvidas, uma figura emocionalmente, profundamente dividida e trágica. Ficou dividida em relação a si mesmo porque, nesse processo todo, a maior perda é que ele perdeu-se a si mesmo. É uma figura trágica.

Pergunta – Há separação entre a esperança escatológica, apocalíptica e a esperança da vida no cotidiano do romeiro de hoje? Que relação há entre as duas?

Salatiel – O que a gente sabe pela história de Juazeiro é que inclusive também na correspondência do Bispo com Padre Cícero, ele dizia ter sabido que havia rumores na cidade que se anunciava o juízo final. Isso numa carta expressa ao Padre Cícero até censurando como se ele fosse o responsável por isso. A minha tese não entrou nesse aprofundamento histórico, inclusive na época do Padre Cícero, mas eu me ative às falas dos romeiros e mais ao cordel. A gente sabe que o cordel, como poesia, utiliza uma linguagem e essa linguagem tem toda uma riqueza de expressão em que essa escatologia, esse final dos tempos é de maneira quase apocalíptica e nessa linguagem, a gente sabe que os horrores da seca com linguagem de tragédia, esses horrores que estavam presentes no cordel para descrever esse fim do mundo que até chamava nesse tempo de “carestia”. Hoje, a gente chamaria de inflação. Mas qual a diferença entre esse tipo de esperança? O que eu pude pesquisar na minha tese é a esperança atual do romeiro. Ora, se a gente sabe que a linguagem simbólica não é uma linguagem só do adiamento mas é da aproximação, da representação e a representação não é uma coisa só figurativa na cabeça, mas é trazer para o presente, para a vivência aquelas coisas que muitas vezes são sentidas e pressentidas, a gente sabe que a linguagem simbólica faz aproximar o futuro do presente, ou seja quando eles estão lutando por um tipo de esperança mais cotidiana, mais simples, eu não poderia dizer que essa esperança cotidiana, atual, muito mais vivenciada, está distante da esperança escatológica e separada de uma maneira dicotômica. Eu não encontro isso. Eu ouvi até, eu me lembro agora, da fala de um romeiro jovem que não tinha nem 20 anos. O que é que ele me trazia numa linguagem escatológica? Ele trazia as previsões do chamado “milagre de Fátima” que para muitos era uma coisa terrível esse terceiro milagre a ser revelado, era uma coisa que ele tinha bem presente. Era um devoto de Nossa Senhora e essa coisa estava sendo espalhada através de boletins, um tipo de literatura muito fácil, não era só literatura de cordel e a vivência dele como romeiro jovem aproximava de uma vivência de romeiro atual dessas previsões até algumas previsões terríveis. Qual a relação entre esse dois pontos? Eu não posso dizer que através de uma pesquisa que não foi muito prolongada, eu tenha descoberto uma relação entre uma coisa e outra. Só sei que há uma imbricação, há uma pertença, há uma presentificação ou representação desse simbolismo de alguma coisa que estaria para acontecer no final dos tempos, da esperança que eles têm atualmente, que vivenciam a solução dos seus problemas, ou seja, a solução dos problemas cotidianos não está tão distante dessa graça maravilhosa que eles acham podem ter como romeiros e portanto, vindo a Juazeiro para alimentar e realimentar as suas vidas.

Pergunta – Juazeiro não seria uma válvula de escape para a situação em que os romeiros vivem?

Salatiel – Eu creio que não se trata bem disso. Pode até ser que as interpretações que já fizemos de alienação dos romeiros, a romaria sendo uma válvula de escape ou uma espécie de ópio. Nós sabemos que existe esse tipo de interpretação. Agora, quando a gente se mete num caminho de romeiro, quando a

do o que acha dos

seja uma figura de
vidas, uma figura
si mesmo porque,
trágica.

alíptica e a espe-
e as duas?

também na correspon-
de que se anunciava
fosse o responsável
ca do Padre Cícero,
como poesia, utiliza
catologia, esse final
os horrores da seca
escrever esse fim do
inflação. Mas qual a
esperança atual do
adiamento mas é
na cabeça, mas é
das e pressentidas, a
ja quando eles estão
r que essa esperança
e separada de uma
fala de um romeiro
atológica? Ele trazia
terrível esse terceiro
de Nossa Senhora e
ito fácil, não era só
vivência de romeiro
dois pontos? Eu não
nha descoberto uma
uma presentificação
final dos tempos, da
ou seja, a solução dos
am podem ter como

tução em que os

ções que já fizemos de
pio. Nós sabemos que
de romeiro, quando a

gente começa a ouvir o que eles trazem efetivamente para a romaria e o que eles levam da romaria, eu creio numa coisa: a vida pulsa e pulsa de uma maneira vibrante. Até eu acharia que precisamente porque eles fazem romaria é que eles vivem mais. Eles dão mais sentido à vida, não entram em depressão, não têm realmente certas fobias por que passam os que têm mais bens. A gente poderia dizer que é sublimação, não sei, não entendo de psicologia, não entendo de psiquiatria. Há toda uma interpretação desse tipo de comportamento, mas na realidade o que a gente nota é que a vida pulsa, a vida vibra dentro deles e não se trata de vir aqui para fazer um parêntesis da vida. A minha percepção é que eles trazem a vida e levam a vida de volta numa espécie de reavaliação dessa vida, não como uma válvula de escape.

Pergunta – Há uma dicotomia entre o Juazeiro celeste e o Juazeiro do Norte?

Salatiel – O que a gente vê é o seguinte: Juazeiro é uma realidade. Essa realidade é vivida pelo romeiro de uma maneira ritual. E o que significa isso? Quando eles vêm para a cidade, têm alguma coisa que é tabu. Isso numa linguagem antropológica significa: “Você não pode chegar lá, você não pode tocar lá, isso é proibido”. Eu dou só dois exemplos de tabu:

- há grupos de romeiros que ao subir a ladeira do Horto encontram, do lado esquerdo, uma casa que é venerada pelos romeiros de Santa Brígida. Nessa casa se realiza a dança de São Gonçalo. Os romeiros de outros lugares, de Pernambuco, dizem: “Nós passamos ali, nós não entramos”, porque acham aquilo uma coisa estranha, não está dentro do ritual deles, não participam daquele tipo de dança que a gente sabe que é comum não só em algumas regiões do Nordeste, mas em outras partes do nosso Brasil
- quando se sobe a ladeira do Horto, do lado esquerdo, tem uma Igrejinha de São João Batista. Eles não sabem bem a história dessa Igreja, mas Dona Rosinha, aquela Senhora magrinha que esteve aqui, que recebeu o selo, me disse: Olhe (ela me contou isso sentada num banco dessa Igreja) que era realmente um romeiro muito devoto que construiu e portanto não tinha nada que fosse contrário às práticas das nossas Igrejas. Mas esse é um lugar tabu. Muitos romeiros não vão até lá; essa Capela de São João Batista é lindíssima, belíssima, muito bem situada.

Até em relação à Igreja, a lugares de culto, de manifestações, o romeiro tem esse tipo de tabu. Eles têm um roteiro; não passam por algumas ruas porque não são “lugar de romeiro”. Se a gente perguntar se eles não vão ao shopping, ao mercado, se fazem algumas compras aqui, às vezes até para vender, mesmo se acontece isso, eles dizem: “Não é lugar de romeiros”. Você vai a Barbalha? Você vai às nascentes do Crato, você vai a determinados shows que acontecem durante a romaria? Eles dizem “Não”. Não estão no ritual da Romaria. Se eles colocam um show, os romeiros dizem: “Isso não é coisa para romeiros.”

Podemos dizer que há um Juazeiro místico, há um Juazeiro que faz parte do roteiro da Romaria, e há a grande cidade, a Juazeiro do Norte que pulsa e cresce com o dinheiro dos romeiros; não só com o dinheiro dos romeiros mas também com isso. Eu não faço aqui, como pesquisador, dicotomia entre as duas cidades. Mas o que acontece é que se você for perceber como o romeiro se comporta dentro da cidade, você verá que há lugares que fazem parte da Romaria e outros que não fazem parte, são tabus. E nesse sentido existe um Juazeiro da sua devoção – o Juazeiro Celeste – com uma espacialidade especial, e outro Juazeiro – que é a cidade grande, Juazeiro que está crescendo. Só que não existe oposição, no sentido que uma coisa está contra a outra, nada disso. É uma realidade da qual ele se aproveita também, só que no seu roteiro ele dá mais importância a um do que a outro.

Pergunta – Porque o Dr. Floro foi considerado o alter-ego do Padre Cícero, ou vice-versa?

Salatiel – Essa afirmação não é criação minha. Ela é encontrada nos livros históricos, interpretando esse relacionamento de um e de outro. Pode ser até um relacionamento questioná-

vel mas eu não sei bem porque essa denominação entrou, não sei. Alguém pode dizer: "Quando você diz que alguém é alter-ego de outro, uma iminência parda, esta na sombra do outro". Dr. Floro não era bem entendido e bem aceito pelos romeiros, sobretudo por causa de algumas atitudes dele que eram atitudes de alguém do século 19, com todos os preconceitos em relação ao romeiro. Juazeiro queria ser uma cidade moderna portanto não devia ter romeiro. Essa história de romeiro era uma coisa negativa para Floro. Padre Cícero estava muito mais próximo da alma romeriana. Estava mais próximo não de uma concepção de modernidade, de um progresso aí aos trancos e barrancos, mas de um respeito muito profundo ao romeiro e isso o romeiro percebia, e satanizava o Dr. Floro, quando jogava nele toda a responsabilidade por decisões que poderiam até ser compartilhadas pelo Padre Cícero.

Comunicação – Pe. João Jorge relembra uma informação a respeito das mãos sacrílegas e da reserva dos panos no Sacrário. Nos paninhos estavam também as hóstias ou fragmentos de hóstias consagradas. Por isso deviam colocá-los no sacrário porque tocá-los significava tocar também no corpo de Cristo o que era permitido somente ao sacerdote.

Pe. Marcondes – Mas deve-se levar em consideração o porque não ter havido uma purificação, já que era essa a atitude diante de paramentos e alfaías que tivessem contato com as partículas sagradas. Haveria a purificação com água para reutilizá-las. Mas, os panos são guardados, no sacrário....

COMUNICAÇÕES

PADRE CÍCERO – LEITOR DO APOCALIPSE

Francisco Salatiel de Alencar Barbosa

UnB

salenbarbi@terra.com.br

Padre Cícero era um leitor atento do Novo Testamento e não apenas do *Apocalipse*, último livro da Bíblia cristã. Se o *Apocalipse* (Revelação) aparece aqui no primeiro plano, é porque, na biografia do padre, alega-se que ele andava espalhando a crença na proximidade do Juízo Final e que o movimento do Juazeiro tinha um cunho milenarista. Mais importante, porém, é o fato de o Padre Cícero ter-se utilizado de citações do Apocalipse e de outros textos neotestamentários de modo peculiar para servir ao contexto existencial e histórico do eletrizante período que vai de julho a setembro de 1891.

Assim é que, no *Processo* que tem início em 9 de setembro de 1891, o Padre Cícero retoma e amplia os termos de sua argumentação a Dom Joaquim, na carta de 14 de agosto, ao apresentar à Comissão de Inquérito, aos 14 de setembro daquele mesmo ano, um *Aditamento* ao relatório escrito em julho, quando de sua estada em Fortaleza. Além de retificar afirmações sobre o estado de saúde e visões da beata Maria de Araújo, volta à argumentação da carta sobre o *testemunho de Jesus*.

O núcleo de suas reflexões, transmitidas como visões e diálogos com Jesus, desloca-se de uma interpretação vulgar – milenarista – do texto bíblico para uma dimensão que atinge bem mais fundo a teologia joanina do *testemunho*, em sua forma processual e jurídica, e da *missão*: Jesus é chamado a testemunhar sobre a veracidade dos fatos do Juazeiro. As consequências dessa ligação, reforçada pelo uso da metáfora paulina da luta, de uma militância corajosa, talvez restabeleçam, por antecipação, a unidade entre o *sonho* – o *milagre* e a *guerra*: fatos fundantes do Juazeiro.

Palavras-chave: Teologia – milenarismo – fatos fundantes – Padre Cícero – Juazeiro do Norte

... pode dizer: "Quando
... mbra do outro". Dr.
... r causa de algumas
... nceitos em relação
... romeiro. Essa histó-
... to mais próximo da
... de, de um progresso
... ro e isso o romeiro
... de por decisões que
... mãos sacrílegas e da
... ntos de hóstias consa-
... também no corpo de
... vido uma purificação,
... s partículas sagradas.
... o sacerdote....

... e Alencar Barbosa
UnB
... lenbarbi@terra.com.br

... Apocalipse, último
... plano, é porque, na
... de do Juízo Final e
... porém, é o fato de o
... testamentários de
... período que vai de

... dre Cícero retoma e
... sto, ao apresentar à
... ao relatório escrito
... o estado de saúde e
... nho de Jesus.

... esus, desloca-se de
... ue atinge bem mais
... da missão: Jesus é
... ncias dessa ligação,
... z restabeleçam, por
... Juazeiro.

... Juazeiro do Norte

REPRESENTAÇÕES SOCIAIS DO PADRE CÍCERO PARA OS MORADORES DA COLINA DO HORTO

Maria de Fátima de Morais Pinho

URCA-CE

pinho13@zipmail.com.br

O presente estudo tem como objetivo principal identificar as representações sociais do Padre Cícero construídas pelos moradores da Colina do Horto, Juazeiro do Norte - CE, assim como detectar seu impacto no modo de vida, no trabalho, na moradia, nas relações, na visão de mundo e nos comportamentos estabelecidos entre os sujeitos sociais do trabalho em questão. Dito de outra forma, busca compreender de que maneira os habitantes do alto da Colina do Horto estabelecem suas práticas sociais a partir da representação que constroem a respeito do fenômeno sócio-cultural do Padre Cícero. Para tanto, apoiou-se na Teoria das Representações Sociais, definida por Denise Jodelet como uma forma de conhecimento socialmente elaborado e compartilhado por um grupo social. Nesse sentido, o estudo se propõe a realizar uma análise do conhecimento elaborado e compartilhado pelos sujeitos investigados, combinando elementos culturais provenientes de fontes como: cultura global - sociedade onde se inserem grupos e atores sociais determinantes de uma cultura grupal, tomando um grupo específico da sociedade e da cultura individual. Trata-se, portanto, de um estudo exploratório, realizado com 70 sujeitos, moradores da Colina do Horto. Para coleta de dados, fez-se uso de uma entrevista semi-estruturada, do teste de associação livre de palavras e da observação sistemática. Os dados coletados foram submetidos à técnica de análise de conteúdo temática e ao *software* Tri-Deux-Mots. Os resultados apontaram representações sociais estruturadas pelos elementos figurativos constituídos por "provedor" e "supridor" apreendidos nos discursos dos sujeitos sociais e no teste de associação livre de palavras, de caráter consensual. Os dados revelaram, ainda, imagens sobre o Padre Cícero associadas ao aspecto religioso, atribuindo-lhe poder e dando a idéia de que este é semelhante a Deus. Observou-se igualmente, que os moradores de tal comunidade compartilham uma qualidade de vida precária, convivendo com problemas graves como falta de segurança, degradação ambiental, falta de saneamento básico, violência, desemprego, falta de moradia, dentre outros, em que se pode perceber representações sociais do Padre Cícero ancoradas nos aspectos religiosos e sócio-culturais, responsáveis pelo modo de viver e de se comportar de seus moradores. Desta forma, pôde-se inferir que o impacto dessas representações tem duas faces antagônicas: de um lado, condiciona práticas que podem comprometer a qualidade da educação, do trabalho e da saúde dos moradores. Por outro, organiza elementos responsáveis pela identidade, pela autoestima, gerando a expectativa de afeto, de proteção e de amparo.

Palavras-chave: Representações Sociais, Padre Cícero, condições de vida.

PADRE CÍCERO: ENTRE A TERRA E O CÉU

Maria Paula Jacinto Cordeiro

URCA-CE

paulajacinto@hotmail.com

A temática desse estudo ancora-se na perspectiva de identificar como a percepção do Padre Cícero tem sido construída por jovens estudantes do município de Juazeiro do Norte. Na

verificação empírica, o estudo identifica representações sociais do Padre Cícero em alunos de nível médio das redes pública e particular de ensino. O interesse principal foi analisar o papel das pré-noções na construção das representações. Através de suas experiências e interações, o sujeito vai construindo um saber a partir do qual o mundo adquire sentido. A representação social como conhecimento do senso comum é elaborada e partilhada socialmente, com funções de orientação da comunicação e de condutas sociais num processo em que sujeito e realidade se transformam continuamente. O uso das representações sociais na investigação das dimensões do Padre Cícero veiculadas no cotidiano de jovens suscita elementos simbólicos construídos nas práticas sociais, abordando questões específicas da cultura local, do grupo estudado, bem como condições sócio-econômicas e educacionais. Como metodologia operacional foi empregada a técnica de Associação Livre de Palavras e entrevistas semi dirigidas. A demarcação do universo de pesquisa utilizou estimativas formuladas a partir de dados do Censo Demográfico / IBGE. Foi realizado um cálculo amostral para identificar a proporcionalidade de estudantes de escolas públicas e particulares no município. Os informantes foram abordados aleatoriamente em oito escolas, num total de 182 indivíduos para a "associação livre". Posteriormente, foram selecionadas 10 expressões entre as mais evocadas. O resultado, processado por método informacional, foi arrematado com o uso de entrevistas em profundidade com 14 estudantes, versando sobre a história local e biografia do Padre Cícero. A compreensão do contexto escolar nas pré-noções do aluno foi verificada também junto a docentes e coordenadores, em entrevistas sobre as atividades programadas no período letivo tendo como tema o Padre Cícero. Os resultados apontam para algumas vertentes básicas de discussão: 1) Sobressaem características positivas atribuídas ao Padre Cícero nas respostas de todos os grupos; 2) a representação do Padre Cícero como homem bondoso emerge com alta frequência indicando forte base comum nos indivíduos pesquisados; 3) a representação de Padre Cícero como santo manifesta-se nos diversos grupos independente das classificações; 4) a representação do Padre Cícero como homem comum, a quem são atribuídos valores relacionados a liderança, prevalece entre jovens com mais informações e provenientes de escolas particulares; 5) surge no discurso de jovens menos informados e provenientes de escolas públicas, representações do Padre Cícero de caráter mais simbólico e místico. A partir da análise dos resultados, pode-se identificar a trajetória de compreensão do fenômeno Padre Cícero na percepção de jovens locais, que, construída originalmente no espaço limitado da convivência familiar, com todo o conteúdo místico das interpretações do senso comum, se intensifica na vivência das romarias, agregando assim, saberes implícitos, oriundos da convivência social, aos do meio educacional, passíveis de serem completados ou reinterpretados ao longo da vida.

Palavras-chave: Representações Sociais - Padre Cícero - Jovens

A SERVIDÃO VOLUNTÁRIA AO FENÔMENO PADRE CÍCERO

(Baseado na obra de Étienne de La Boétie – Discurso da Servidão Voluntária)

Tiago Gomes Landim

Fac. Leão Sampaio e Instituto de Filosofia e Teologia da Diocese do Crato
tg.landim@bol.com.br

Analisando a influência do fenômeno Padre Cícero em relação às várias categorias de pessoas que se encontram diretamente ligadas ao citado fenômeno, o presente ensaio

cero em alunos de
oi analisar o papel
ias e interações, o
A representação
ente, com funções
eito e realidade se
ão das dimensões
licos construídos
o estudado, bem
cional foi empre-
A demarcação do
so Demográfico /
de estudantes de
s aleatoriamente
riormente, foram
or método infor-
tudentes, versan-
texto escolar nas
s, em entrevistas
cero. Os resulta-
terísticas positi-
ntação do Padre
base comum nos
sta-se nos diver-
ro como homem
ntre jovens com
de jovens menos
o de caráter mais
ajetória de com-
struída original-
o das interpreta-
n, saberes implí-
em completados

CERO

a)
Gomes Landim
a Diocese do Crato
landim@bol.com.br

irias categorias
presente ensaio

busca construir um quadro comparativo dentre tais categorias, aqui denominadas de “povos”, e o “*Discurso da Servidão Voluntária*”, de Étienne de La Boétie. A hipótese da qual se partirá é que existe uma servidão voluntária ao fenômeno Padre Cícero por parte de algumas categorias de “povos” (o povo romeiro e o povo morador de Juazeiro do Norte e seu entorno). Tal servidão é empanada e estimulada, em níveis e de modos diferentes, por parte dos “tiranos” (povo comerciante, povo político e povo eclesial). Como fundamentar a liberdade sócio-política se estas têm poucos exemplos concretos? Melhor seria perceber que o ser humano após saber-se como ente no mundo que opta por acolher a sua inclinação essencial: ser livre em potência e, historicamente, raras vezes em ato? La Boétie inicia seu tratado citando momentos históricos aonde julga provar a força da liberdade quando o homem teme perdê-la. Mais à frente, o autor mostra-se confuso com o fato da servidão do povo partir dele próprio, pois que se é verdade que um tirano cai quando não mais se permite servi-lo, então é voluntária a servidão. A metáfora da fogueira utilizada por La Boétie para mostrar a fragilidade do tirano, somada a alguns aconselhamentos para o povo constituem certamente a grande novidade que se pretende apresentar como ponto de desconstrução da servidão voluntária do povo em relação ao fenômeno Padre Cícero, em direção a uma superação da necessidade de subterfúgios para a consecução do espaço de reconquista da sua liberdade. Para La Boétie, o poder de um tirano é como as labaredas de uma fogueira, à medida que as pessoas aceitam servi-lo, vão pondo suas energias a serviço daquele, como se fosse a lenha que alguém põe numa fogueira: quanto mais lenha, maior a labareda, quanto mais servos, mais poderoso o tirano parecerá. Para acabar a fogueira, basta que cada um tire a lenha que colocou e ficará apenas a pouca lenha do primeiro. Para derrotar o tirano basta que cada pessoa se negue a servi-lo. A decisão de abster-se de servir é uma novidade que revela imensa força ainda nos dias de hoje, sobretudo porque La Boétie diz que não é preciso bater de frente com o tirano, mas apenas secretamente negar-se a servi-lo. Tal negação somente é possível caso o povo conheça a liberdade quer seja por ouvir falar ou por experiência própria. A relação entre os escritos laboetianos e a realidade dos povos ligados ao fenômeno Padre Cícero é possível de ser estabelecida se for considerada a assertiva de que há duas categorias de pessoas que vivem em torno do citado fenômeno: os primeiros que buscam benefícios no Padre Cícero enquanto santo milagreiro, e os que se beneficiam com a busca daqueles primeiros. Como no “*Discurso da Servidão Voluntária*” onde La Boétie propõe que a servidão é mantida graças ao esquecimento ou não-experimentação da liberdade por parte do povo, ou ainda, porque este último renuncia sua liberdade por julgá-la menos valiosa que o poder e o dinheiro, o povo servo de Juazeiro do Norte – leiam-se aqui o romeiro e o morador-consumidor – também é mantido servido por conta de nunca ter experimentado ou nunca ter sido esclarecido acerca do grande benefício que nos traz a liberdade. Derrubam-se os tiranos apenas negando-se a servi-los, derruba-se a cadeia de exploração e manutenção da servidão voluntária dos povos romeiro e do morador-consumidor ligados ao fenômeno Padre Cícero, apenas oferecendo elementos que fundamentem simbólica e reflexivamente os imensos benefícios de não se renunciar a liberdade. Os povos romeiro e morador-consumidor se negarão a servir aos tiranos que empanam a liberdade às custas do estímulo à crença crescentemente ludibriadora, basta que se ofereçam argumentos e/ou experiências de quão magnífico é ser livre. Urge que surjam pessoas que iniciem um processo a partir do qual os povos romeiro e morador-consumidor possam experimentar e/ou convencer-se de que é inadiável o rompimento com a servidão voluntária.

Palavras chave: servidão voluntária – metáfora – filosofia – Padre Cícero

ÉTICA DO TRABALHO DO PADRE CÍCERO

Cláudio Ubiratan Gonçalves**

(Universidade Federal Fluminense, Niterói/RJ)
birarural@ig.com.br

Este trabalho resulta de pesquisa bibliográfica sistemática já concluída, realizada para tese de doutoramento em geografia que tem como objeto de estudo as categorias região e ética. Neste sentido, tenciona-se aprofundar algumas questões de natureza histórico-geográfica a partir dos clássicos estudos de Ralph Della Cava e Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre os fenômenos políticos e religiosos ocorridos no início do século XX, no sul cearense. Identificamos a presença de dois tipos de organização e ocupação do espaço agrário. O primeiro movimento, diretamente vinculado ao Padre Cícero que implementou uma organização social fundamentada na devoção religiosa e no artesanato conjugado com a pequena propriedade individual da terra. Tal modelo de desenvolvimento da produção traz no seu bojo uma recomendação de ocupação humana na Chapada do Araripe orientada no disciplinamento e na ética do trabalho fundamentados na unidade de produção camponesa e de insumos básicos. Denominamos este modelo, de Padrão Juazeiro. Nesta perspectiva de gênese e desenvolvimento capitalista, o Padre Cícero, principal agente modernizador da época, incrementa com a criação de bancos, introdução do cultivo da maniçoba e manejo do gado zebuino. O segundo tipo de ocupação do espaço agrícola é retratado nas formas de organização do Caldeirão dos Jesuítas, conduzido pelo beato Zé Lourenço. Os habitantes do Caldeirão viviam da lavoura e de engenhocas onde processavam o algodão no fabrico de suas vestimentas, a cana-de-açúcar e a mandioca na produção de alimentos. No Caldeirão a questão capital é a coletivização da propriedade, o produto da lavoura era depositado em armazéns e distribuído de acordo com as necessidades de cada um. Este desenvolvimento expresso na forma de auto-suficiência denominaremos de Padrão Caldeirão. Além das formas de organização e ocupação dos padrões Juazeiro e Caldeirão, a diferença fulcral reside no fato de que o segundo modelo não vingou. Foi fortemente sufocado pelo poder central do Estado que então surgia preocupado em isolar e extinguir manifestações e fenômenos que ameaçassem a unidade territorial da recém-criada república. Neste sentido surgem importantes questões que colaboram em nossa análise. Qual o sentido da unidade territorial neste período histórico? Que relação podemos estabelecer com os padrões de desenvolvimento agrícola local, regional e nacional?

Palavras-chave: Ética do trabalho – espaço agrário – ordenamento territorial
CAPES/UFF

PADRE CÍCERO E O CORONELISMO

Antônio Mendes da Costa Braga

UFRGS
tonibraga@uol.com.br

O presente trabalho procura pensar o fenômeno do coronelismo a partir da relação do Padre Cícero com seus romeiros. Partindo da contextualização e análise feitas por Maria Isaura Pereira de Queiroz sobre o fenômeno do coronelismo e do mandonismo local no Brasil, a reflexão trabalha com a hipótese de que - ainda que as relações entre o Padre Cícero e seus romeiros tenham se dado sob um

atan Gonçalves**

minense, Niterói/RJ)
birarural@ig.com.br

realizada para tese
gião e ética. Neste
ráfica a partir dos
bre os fenômenos
icamos a presença
ento, diretamente
ntada na devoção
rra. Tal modelo de
o humana na Cha-
dos na unidade de
ão Juazeiro. Nesta
gente moderniza-
çôba e manejo do
rmas de organiza-
ntes do Caldeirão
as vestimentas, a
capital é a coleti-
ribuído de acordo
e auto-suficiência
ação dos padrões
o não vingou. Foi
em isolar e extin-
-criada república.
Qual o sentido da
om os padrões de

da Costa Braga
UFRGS
ibraga@uol.com.br

relação do Padre
Isaura Pereira de
ção trabalha com
m se dado sob um

contexto e uma estrutura onde vigorava o coronelismo – há uma base de relação social diádica atravessada por elementos morais e religiosos que inviabilizam reduzir a relação do Padre Cícero com seus romeiros como uma relação do tipo “coronel/subalternos”.

Palavras-chave: Padre Cícero – coronelismo – romeiros

PARA DOM JOAQUIM, QUEM É O PADRE CÍCERO?

João Jorge Corrêa Filho

Diretor da Sala de História Eclesiástica do Ceará e Assessor do IPHAN – 4ª. Sup. Reg.
yerronan@uol.com.br

Dom Joaquim José Vieira, segundo bispo do Ceará (1884-1912), em seus escritos, apresenta duas opiniões totalmente opostas sobre a pessoa e a atuação pastoral do Padre Cícero. Num primeiro momento (1884-1890), ele é: um “sacerdote inteligente, modesto, virtuoso, ilustrado e zeloso”, agradece pelo “bom resultado alcançado pelo seu zelo” e pelo benefício que faz aos seus diocesanos, seus serviços farão grande falta. Depois de 1890 diz que ele é o “principal protagonista da deplorável comédia”, porque “não é sincero”, “é algo tão desequilibrado” e que o melhor seria que deixasse a diocese onde “onde só pode fazer o mal”. O que teria influenciado a mudança de opinião? A presente comunicação tenta mostrar que dentre os vários fatores que concorreram para isso, estão onze cartas de Dom Joaquim Arcoverde, onde, ao seu modo e à distância, apresenta uma visão bastante negativa sobre os fatos e a pessoa do Padre Cícero.

Palavras-chave: Padre Cícero – cartas - igreja

UMA ESCOLA DE MESTRES E SANTOS

Domingos Sávio de Almeida Cordeiro

URCA-CE
saviocordeiro@hotmail.com

A tônica desse estudo refere-se à constituição de uma “escola de mestres e santos” num contexto messiânico no qual os principais atores são o Padre Cícero e o Beato José Lourenço como mestre e discípulo. Em torno do Beato surgiram comunidades de trabalhadores rurais nas primeiras décadas do Séc. XX, sendo o Caldeirão no município de Crato – Ceará, a mais conhecida. Traçando distinções epistemológicas das formas fundamentais de observação do fenômeno “homem santo”, destaca-se o espaço de intersecção das representações sociais no senso comum e interpretações das ciências sociais. O objetivo do trabalho é estudar o fenômeno do homem santo a partir de lembranças de velhos, indagando: como se caracterizam as representações sociais do senso comum sobre a santidade do Beato José Lourenço? O Beato José Lourenço e o Padre Cícero eram santos que já nasceram sagrados? Eles fizeram-se santos numa inspiração divina? Teriam sido orientados? Os conceitos que alicerçam a discussão referem-se a: 1) senso comum: forma de conhecimento efetivamente prático; 2) representações sociais: processo dinâmico de construção de conhecimentos por parte dos indivíduos em interação na sociedade; 3) messias: enviado divino que traria aos homens a felicidade terrestre; 4) memória social: elemento de uma cultura que constitui saberes e pode ser abordada a partir de narrativas; e, 5) intertextualidade: referências nas narrativas que sobrepoem personagens e fatos, nas quais um “texto” só faz

sentido em relação a outros. A metodologia utilizada caracteriza-se por pesquisa oral com entrevistas semidirigidas. Investigou-se aspectos inerentes a memórias e narrações de pessoas idosas remanescentes do Caldeirão que conviveram com o Beato José Lourenço e pessoas contemporâneas do Padre Cícero. Os resultados fornecem elementos para uma interpretação do senso comum, fazendo uma reconstrução teórica das representações sociais. Supondo a existência de um corpo de conhecimentos comuns em um grupo de convivência forjados e incorporados em uma liderança, pode-se perceber a transmissão de saberes como numa escola de ensinamentos práticos, “escola da vida”, neste caso, “escola de mestres e santos”, e a presença do mestre e sua escola no discípulo. A partir desses aspectos é possível concluir que a constituição do mestre num contexto messiânico pressupõe a representação de santo. Para entender o fenômeno de surgimento de homens santos no âmbito das ciências sociais é fundamental partir do caráter particular e específico de sua ocorrência, em contexto histórico específico, e da tentativa de se descobrir as possíveis conexões que revelem o sentido do papel do santo. As narrações expressam analogias e seqüências lógicas que indicam a existência de uma escola. O Beato não existe sozinho para os narradores, mas em relação com outros atores essenciais no âmbito do saber e da cultura segundo as memórias de velhos: o Beato José Lourenço – mestre no Caldeirão, discípulo do Padre Cícero – mestre em Juazeiro do Norte, discípulo – inspirado em Jesus.

Palavras-chaves: Memória Social — Padre Cícero - Beato José Lourenço

SANGUE E PECADO NA TERRA SANTA: MARIA DE ARAÚJO E AS BEATAS NO JUAZEIRO 1872 A 1914

Edianne dos Santos Nobre

URCA-CE

anne_historia@yahoo.com.br

Sônia Maria de Meneses Silva

URCA-CE

soniameneses@urca.br

O presente trabalho se propõe a investigar a participação feminina no contexto sócio-religioso da cidade de Juazeiro do Norte no período que vai da chegada do Padre Cícero à cidade em 1872, até 1914, ano da morte da beata Maria de Araújo. Pretende-se discutir a atuação das beatas na estruturação do fenômeno religioso nesta cidade ao mesmo tempo em que refletimos sobre a construção dos papéis femininos nessa sociedade. Ressaltando que, a despeito da ampla produção bibliográfica que problematiza os aspectos religiosos no Cariri, destacando nesse contexto a imagem do Padre Cícero, quase nada se produziu sobre a participação feminina. A maioria, senão todos os trabalhos, não se preocupam em compreender a condição de beata enquanto agente feminino mas antes, procuraram situá-la no laicato dentro do processo de romanização ou então centralizar-se no dito “milagre” de Maria de Araújo, ignorando a relevância dessas mulheres. Tais elementos nos levaram à reflexão sobre como as beatas eram percebidas nesse contexto histórico social, sobretudo quando se evidencia a presença feminina em um contexto tão marcado pela imagem masculina do Padre Cícero e de outros beatos. Nesse sentido é possível perceber que essas mulheres nunca foram tomadas como objeto da história a não ser, como coadjuvantes num cenário onde a figura principal é masculina. Faz-se necessário a desconstrução desses papéis femininos e masculinos e a compreensão que essas relações entre homens e mulheres só podem ser percebidas a partir de uma relação entre ambos. Queremos visualizar

o rosto dessas mulheres beatas construindo suas identidades, descobrindo-as e localizando-as enquanto agentes históricos, entendendo a partir de seu cotidiano, suas idéias, ações sociais e políticas. É nossa intenção refletir sobre papel desempenhado pelas beatas no fomento e efervescência religiosa que se desencadeará principalmente a partir de 1889, ano atribuído ao milagre da hóstia transformada em sangue na boca da beata Maria de Araújo. Essas são algumas das várias questões que nos suscitaram a investigação nesse campo. Inicialmente, a pesquisa utiliza como fontes empíricas, os dois inquéritos instaurados por ocasião dos acontecimentos de 1889, correspondências desse período que denotem a presença feminina e sua atuação religiosa, além de fontes orais, testemunhos e entrevistas com pessoas que conhecem a história dessas mulheres e estudiosos locais do assunto.

Palavras-chaves: História e Gênero, Beatas, Religiosidade.

O ARRAIAL DO CALDEIRÃO E O ÊXODO NORTERIOGRANDENSE

Lemuel Rodrigues da Silva

UERN-RN

lemuelrs@uol.com.br

No período da transição do Império para a República eclodiu no Brasil várias revoltas sociais que demonstravam as inquietações das camadas populares em relação às condições de vida no campo, uma vez que a terra estava nas mãos de uma minoria. Esta condição de posse da terra e as relações de trabalho que, ainda hoje, prevalecem nos latifúndios foram causas de alguns conflitos sociais ainda pouco estudados no seio da academia. Conflitos esses surgidos em várias regiões como Canudos na Bahia, Contestado em Santa Catarina e o Caldeirão no Ceará, entre outros, que fizeram emergir figuras como, Antônio Conselheiro, Beato José Maria e Beato José Lourenço. Personagens que em conjunturas diferentes, utilizando-se da linguagem do evangelho levaram ao povo a esperança na luta por uma sociedade mais justa. Dessa forma percebe-se a religião como motor propulsor das revoltas sociais. A ideologia religiosa nos sertões do nordeste é orgânica na medida em que faz parte da estrutura social desde suas origens. E, é a partir dessa ideologia, tendo a frente figuras carismáticas que ganhou corpo o catolicismo popular representando os anseios da população marginalizada e que através dos movimentos organizados passaram a agentes históricos na defesa da sobrevivência resguardando-se em comunidades como Caldeirão. O Caldeirão, localizado no Crato-Ce, sob a liderança do Beato José Lourenço existiu entre 1920 e 1940, e marcou a História do sertão nordestino pelo seu caráter organizacional e ideológico, haja vista que podemos identificar naquele aglomerado populacional o florescimento de uma pequena e próspera comunidade rural livre da fome e da opressão estabelecida no campo. O que nos levou a pesquisar sobre o Caldeirão foi a necessidade de verificarmos a presença de pessoas advindas do Rio Grande do Norte nesta comunidade. O que teria atraído as pessoas até o Caldeirão? O discurso religioso? A fome provocada pelas secas? A fuga da exploração? São perguntas que a literatura existente não responde, fazendo com que permaneçam algumas lacunas em relação à presença dos potiguaras. A pesquisa está sendo realizada através de leituras de obras especializadas, coleta de dados sobre o Caldeirão a partir de entrevistas com famílias remanescentes que vivem no Rio Grande do Norte, além de outros documentos como jornais, revistas, atas e livros de tombo. O trabalho abrange um universo de vinte cidades divididas em três grupos: cidades com forte presença de romeiros e penitentes; cidades onde existiram comunidades semelhantes ao Caldeirão e cidades com presença de famílias no Caldeirão. Os resultados até então tem nos levado à constata-

tação da presença dos potiguares, inclusive em posição de destaque na comunidade; do papel da Diocese de Mossoró e do poder público em reprimir as ações evangelizadoras de membros do Caldeirão no Rio Grande do Norte bem como da necessidade de se rediscutir a religiosidade popular e suas implicações político-sociais. Portanto, compreender as motivações religiosas que estão presentes em certos processos migratórios, e neste caso no sertão do nordeste é condição importante para o estabelecimento de políticas públicas e construção da memória coletiva.

Palavras-chave: beatismo, migração, simbolismo

ESCOLA NORMAL RURAL DE JUAZEIRO DO NORTE: SIGNIFICADOS ATRIBUÍDOS

Pedro Ferreira Barros

URCA-CE

O artigo faz uma abordagem da migração rural, no contexto da sociedade sul-cearense. Discute as condições de vida do homem do campo, a sua precarização, em virtude do nível de desenvolvimento tecnológico verificado e da fragmentação das propriedades rurais em decorrência do processo de herança. Conforme Sorokin (1993), situa a família e a escola como instituições de orientação (*selection agencies*), guiando os indivíduos de uma posição social de origem a uma posição social de chegada. Enfoca a educação como veículo de mobilidade social e busca de melhores condições de vida, e, recorrendo a Coelho Neto (1985), como *utopia* das populações rurais e camadas populares, urbanas. Através de representações de sua infância, como aluno na Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, e fazendo conexões com a sua trajetória acadêmica e profissional, o autor, apoiando-se em Bourdieu (1983), procura construir significados para essa instituição escolar. Caracteriza-a, mesmo nos dias atuais, como âncora para um grande contingente da população caririense, principalmente da zona rural, envolvido no processo de exclusão. Detentora de significativo capital cultural, patrimônio imaterial inestimável, é parte da história do povo juazeirense, que ela ajudou a formar.

Palavras-chave: Educação - Mobilidade social - Papel social da escola

O CONTEÚDO DAS CARTAS DOS ROMEIROS DO PADRE CÍCERO

Raimundo Luis do Nascimento

URCA-CE

raluna2003@yahoo.com.br

A língua revela a partir das suas categorias léxicas e gramaticais o modo de vida de um povo. P romeiro do Padre Cícero através de cartas estabelece comunicação com o seu semelhante, exteriorizando o seu conhecer, sentir, pensar e agir. O estudo sobre os fatos lingüísticos, tendo como **corpus** 46 cartas dos romeiros de 29 cidades de oito estados nordestinos e um da região centro-oeste, no período de 28 de janeiro de 1998 a 12 de fevereiro de 2000, retrata formas de viver e de comportamento desse segmento social. Nos estudos realizados, fundamentados na teoria Sapir-Whorf, a lexicologia, a semântica procedeu-se a leitura dessas cartas procurando destacar o relacionamento língua-cultura-sociedade e identificar as motivações que levam o romeiro a expressar sua crença nos poderes do Padre Cícero.

Palavras-chave: fato lingüístico- lexicologia – semântica – motivações – Padre Cícero – romeiros

IMAGINÁRIO POPULAR: UMA ABORDAGEM DAS MARCAS LEXICAIS NAS CARTAS DOS ROMEIROS(AS) AO PADRE CÍCERO

Maria Edivângela da Silva

URCA-CE

edivangela63@yahoo.com.br

Este trabalho busca compreender o uso das formas de tratamento encontrados nos manuscritos religiosos (cartas dos romeiros ao Padre Cícero), no contexto sócio-histórico-cultural. Busca-se, ainda, entender a relação interpessoal romeiros e Padre Cícero, a partir do que as cartas revelam. Cultura, religião e ideologia são suportes da investigação que se entrelaçam consubstanciando formas de viver objetivas e necessárias para a sobrevivência física e espiritual dos romeiros(as), pautando-se no aspecto pragmático dos textos. Neste estudo, analisa-se a utilização dos pronomes de tratamento que agem como designadores de si e do outro. Evidencia-se os aspectos interpessoais existentes entre os fiéis e o Padre Cícero marcados pelo sentimento de inferioridade dos fiéis para com o Santo que configura-se como o objetivo desta pesquisa, cujos métodos adotados consistiram em analisar por meio da pesquisa exploratória-empírica-qualitativa, com base em fontes de investigação primária, os manuscritos enviados ao Padre Cícero. Caracterizando-se, ainda, como um estudo documental interpretativo-explicativo. Tendo como campo de estudo as cartas e voltando-se para os conceitos da lingüística textual, que, pode ser conceituado como uma manifestação verbal constituída de elementos lingüísticos selecionados e ordenados pelos falantes durante a atividade verbal, de modo a permitir na interação, não apenas a apreensão de conteúdos semânticos, em decorrência da ativação de processos e estratégias de ordem cognitiva, como também a interação (ou atuação) de acordo com práticas socioculturais. A seleção da amostra foi randômica (aleatória), já que de uma população de 100 cartas, sorteou-se 30. As mesmas representam a população crescente das cartas enviadas ao Padre. Cada uma das cartas da população tinha a mesma probabilidade de ser sorteada. O conteúdo destas é muito parecido, o que reforça a escolha da metodologia empregada. Torna-se necessária a análise dos textos diante do contexto, da realidade social em que eles se manifestam. As cartas analisadas referenciam e confirmam o léxico como instrumento de manifestação da cultura. Constata-se que a relação entre o ser humano e a realidade é mediada pela linguagem, que não é, apenas um sistema de signos que serve para comunicar, nela encontra-se o discurso, as imbricações da fala, o reflexo da cultura do falante, que possibilita a realização da leitura de mundo, por onde se categoriza a realidade. Observando a linguagem por este prisma, e observando o percurso do sentido dos textos, a linguagem opera com o fazer transformador do homem no mundo analisando as múltiplas facetas da linguagem através da cultura, onde encontra-se moldada a língua de um povo, considerando as condições sócio-históricas, culturais, políticas da produção dos discursos, apontando a língua como forma de expressão do pensamento e como um lugar de representação, interação e manifestação cultural da sociedade.

Palavras-chave: Religiosidade - Linguagem - Cultura

Estudo financiado pelo Conselho de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq

PADRE CÍCERO NA FOTOGRAFIA POPULAR

Prof. Titus Riedl

URCA-CE, Doutorando em Sociologia na UFC
titus@baydejb.com.br

Ao retrato fotográfico, entre todas as fontes historiográficas, comumente é atribuída a maior verossimilhança. Na busca de 'quem é ele?', a fotografia, como fonte documental não deve ser ignorada, já que o Padre Cícero, ao lado de Lampião, tornou-se provavelmente o maior ícone da iconografia nordestina. A comunicação apresenta um estudo inédito sobre fotografia popular em Juazeiro do Norte e mostra alguns exemplos da iconografia em torno do Padre Cícero. Sob 'fotografia popular', neste contexto, entende-se a foto-pintura, a fotografia Lambe-Lambe, a fotografia de monóculos e a fotografia votiva. Será apresentada uma série de imagens, entre as quais o suposto retrato do Padre Cícero criança (uma falsificação), amplamente divulgado no Cariri, e retratos do seu 'memento mori' como também diversas representações póstumas. Algumas imagens são bastante curiosas, como os retratos de foto-pintura ao lado de pessoas comuns onde o Padre está inserido no ambiente doméstico, e também representações fictícias junto a outros beatos e santos populares do Nordeste com os quais constitui um rico universo pictórico. A comunicação se baseia numa coleta de imagens e de uma análise semiótica de mais de 3500 telas de foto-pintura e mais de 10.000 Negativos. A divulgação da imagem de Padre Cícero resultou que Juazeiro do Norte, ao lado de Aparecida do Norte, pode ser vista como cidade onde há a maior riqueza de fotografia popular no Brasil, com expressões, noutros lugares, já desaparecidas.

Palavras-chave: Iconografia, Fotografia popular, Representação

PEDIDOS AO PADRE CÍCERO', CARTAS VOTIVAS

Prof. Titus Riedl

URCA-CE, Doutorando em Sociologia na UFC
titus@baydejb.com.br

A comunicação apresenta resultados da análise de um levantamento de mais de mil bilhetes votivos, encontrados em Casas de Milagres, em Juazeiro do Norte-CE, junto com outros objetos que abarcam o universo de fé de Juazeiro do Norte. Os bilhetes e cartas representam, em sua maioria, pedidos, agradecimentos e rezas dentro do contexto da devoção em torno do Padre Cícero.

São fontes que permitem a compreensão do fenômeno Padre Cícero fora do ambiente acadêmico e da disputa política e religiosa, deixando transparecer um imaginário compartilhado entre grande parte dos romeiros; testemunham a presença idealizada de Padre Cícero entre os seus fiéis. Os bilhetes, em muitos casos, abordam aflições, doenças e desejos que fogem das instâncias normais de assistência social e saúde pública e visam obter ou agradecer ajuda espiritual através da intervenção divina. O trabalho pretende apresentar o teor de algumas destas cartas, que mostram como o Padre, para os romeiros, obtém um significado além do alcance acadêmico e que foge quaisquer tentativas de patrimonialização e controle institucional. Muitos bilhetes tratam de assuntos em torno da magia e cura espiritual, numa linguagem bastante expressiva e ilustrativa. A imagem popular de Padre Cícero, nestes bilhetes, ganha uma surpreendente plasticidade e mostra como a sua figura está incorporada no imaginário doméstico e amplamente acolhida no domínio familiar.

Palavras-chave: Ex-Votos, Padre Cícero, Imaginário

ANÁLISE DA PROBLEMÁTICA DO LIXO NAS ROMARIAS

Cieusa Maria Calou e Pereira

UFC

cieusa@bol.com.br

José Levi Furtado Sampaio

UFC e PRODEMA

joselevi@uol.com.br

O município de Juazeiro do Norte, localizado ao sul do Ceará, com extensão territorial de 219 Km² e 230 mil habitantes; é uma cidade de romarias. A pesquisa visa analisar a problemática do lixo nesses períodos, abordando as condições sociais, econômicas e ambientais, através da quantificação e caracterização dos resíduos sólidos, determinação dos fatores responsáveis pelo descarte do lixo e dos impactos negativos desta ação. Pretende-se propor técnicas integradas e viáveis que atendam às condições da área, como também, contribuir na comunidade ao sugerir caminhos para o acondicionamento adequado do lixo através da Educação Ambiental. A partir da delimitação da área, Centro e Horto, será utilizada a seguinte metodologia para a caracterização do lixo: Nos meses de Fevereiro e Setembro - no período de romaria - será feita amostra do lixo misturado para a caracterização gravimétrica. Será feita comparação quantitativa do lixo nos período em que não seja de romarias. Será aplicado questionário e realizada entrevista com a população local e com a população de visitantes para se identificar os elementos responsáveis pelo descarte do lixo nestas áreas. Os dados coletados serão tabulados, receberão análise descritiva e comparativa com a pesquisa bibliográfica, buscando possíveis soluções para a problemática. Serão utilizados fotografias, filmagens e depoimentos dos moradores das áreas, para verificação dos impactos negativos resultantes do manejo inadequado do lixo. Com o objetivo de contribuir com a pesquisa, será realizado um encontro com os romeiros, possibilitando sua contribuição para reflexão. Os resultados da primeira caracterização do lixo realizada no mês de fevereiro, época de romaria, mostram um índice maior de matéria orgânica no valor de 60%, resultante do número de restaurantes, bares e barracas de comidas nas áreas do estudo. O plástico fino representa o segundo lugar com 6% em decorrência das embalagens, as garrafas do tipo PET com 3%, justificado pela coleta dos catadores e o papelão com 4%. Através de observação *in loco* e documentada pelas fotografias os comerciantes, principalmente os feirantes, são os principais responsáveis pelo descarte do lixo de forma inadequada, contribuindo para impactos negativos como o acúmulo do lixo nas vias, o qual causa poluição e possibilita habitat para vetores patogênicos. Também a moradia ilegal representada pela favela Boca das Cobras às margens do Rio Salgado corrobora para a degradação desse recurso hídrico. A estrutura oferecida nos ranchos, o contingente que se forma na cidade, acrescenta-se a infra - estrutura ainda não suficiente do saneamento e outros equipamentos, representam fatores que compõem o conjunto da problemática. Conclui-se, até o momento da pesquisa, que o poder público deverá investir em equipamentos urbanos que possibilitem maiores condições de receber o triplo da população de forma ordenada para a cidade que tem uma função religiosa. É fundamental que se trabalhe a Educação Ambiental na cidade de forma permanente e na época da romaria com os visitantes e em especial com os feirantes, visando um ambiente integrado e sustentável.

Palavras-chave: 1-Romaria 2- Lixo 3- Educação Ambiental

FUNCAP CEFET-CE

AS ROMARIAS NO CEARÁ E O CONSUMO DO TURISMO RELIGIOSO

Tereza Neuma Martins de Abreu

UECE-CE

falecom5@fortalnet.com.br

Esta dissertação analisa o turismo religioso nos centros de romaria, no mundo, no Brasil, no Nordeste e no Ceará, examinando os conceitos sobre o turismo e turismo religioso no mundo, estabelece uma distinção entre o sagrado e o profano, distinguindo peregrino e turista, a luz dos teóricos sobre espaço, religião, profano e sagrado, romaria e turismo, procede a uma comparação entre esses conceitos e a percepção dos fatores locais na estrutura da cidade santuário ou hierópolis. A análise tem origem em uma pesquisa bibliográfica, e se assina em pesquisa de observação, documental e formal, focalizada nos dois santuários de referência na Europa – Santiago de Compostela (Galícia – Espanha) e Fátima (Portugal) – e os dois centros de romaria no Ceará, bem como melhor organização interna para motivar o turismo religioso através de um trabalho profissional de acolhida, promoção e marketing desses lugares. Fica, portanto, evidenciada a necessidade de criação de propostas de divulgação do turismo religioso nos centros de romaria do Ceará – Juazeiro do Norte e Canindé – desenvolvendo programas de conscientização, capacitação e valorização desse segmento de atividade turística que poderá dinamizar a economia desses municípios.

Palavras-chave: turismo religioso, romarias, Juazeiro do Norte, Canindé

O ENSINO DE ARTE E HISTÓRIA: HISTORIANDO JUAZEIRO

Pautilia Ferraz Araruna

URCA-CE

pautiliafa@bol.com.br

Zuleide Fernandes Queiroz

URCA-CE

zuleide@urca.br

Esse estudo monográfico se propôs a revisitar a importância do Padre Cícero no Juazeiro do Norte através do ensino na Disciplina de Arte-educação, em turmas de 8º série do ensino fundamental da escola pública estadual. O objetivo da pesquisa foi resgatar, através da fotografia, a história sócio, político, cultural e educacional do município de Juazeiro do Norte, situado no Cariri Cearense. A metodologia utilizada baseou-se na abordagem qualitativa-descritiva. Inicialmente foi identificado o local de realização do projeto – o Asilo Nossa Senhora das Dores, na rua São José, casa onde morou o Padre Cícero até 1933, na época espaço onde o Padre Cícero desejava ver funcionar a Casa Episcopal. Em seguida foi planejado, juntamente com os alunos, o projeto: Arte Historiando Juazeiro, que através das fotografias existentes no Asilo organizou-se uma exposição, cujas fotos, que datam da criação da cidade e do seu surgimento, trazem como principal ator o Padre Cícero Romão Batista. Na exposição foram registrados e contados momentos de extrema significância para Juazeiro, seu fenômeno religioso, suas romarias, sua expressão de fé, sua vida política cultural e social. A pesquisa foi desenvolvida no período de agosto de 2002 à novembro de 2003, permitiu a realização de aulas, através de visitas monitoradas, para alunos das escolas e para os romeiros, em seus principais eventos religiosos e come-

morativos. Como resultado da pesquisa pode-se destacar que, através das imagens fotográficas, é possível construir e reconstituir o conhecimento teórico acerca da história de um povo e de uma época, bem como, permitir o conhecimento da história de Juazeiro do Norte e da importância de Padre Cícero na sua construção e seu desenvolvimento. Pode proporcionar, ainda, o engajamento dos alunos do ensino fundamental nos eventos turísticos religiosos e o resgate da identidade e da cultura do povo Juazeirense.

Palavras-chave: História – Ensino – Padre Cícero

PADRE CÍCERO E A EDUCAÇÃO EM JUAZEIRO/CEARÁ

Kássia Mota de Sousa

URCA-CE

dandara16@hotmail.com

Zuleide Fernandes Queiroz

URCA-CE

zuleide@urca.br

O estudo foi resultado da caminhada da pesquisa “O Resgate da Educação no Cariri Cearense através da História Oral dos Protagonistas”. A pesquisa mostrou a presença marcante do Padre Cícero Romão Batista na construção da educação escolar no Município de Juazeiro do Norte, sul do Ceará. Ficando notório que para construir a história da educação em Juazeiro, faz-se necessário recorrer a história do Padre Cícero, assim como no campo-religioso, político e cultural. A pesquisa de caráter qualitativo realizada, através de fontes documentais e relatos orais presentes em livros e revistas, pode resgatar o itinerário educacional e a história de vida de professores. O resultado do estudo permitiu registrar que o legado maior do Padre Cícero foi a busca constante de deixar para Juazeiro instituições que pudessem cuidar da educação dos pobres. Autores registram que “sob a guarda vigilante do Padre Cícero”, as escolas buscavam garantir aulas para os meninos e para as meninas. Em 1908, o professor e jornalista José Joaquim Teles Marroco, funda o Colégio São José e uma Escola de Música. Nessa escola ia-se além do ensinar a ler e escrever. Aprendia-se Gramática Portuguesa, Aritmética, rudimentos de Francês e Latim. Encontra-se o registro de que foi D. Maria Gonçalves, a primeira professora em “Joazeiro”, formada profissionalmente. Também faz-se referência, ainda, a dedicação a educação da Beata Cotinha, como era conhecida a professora Maria Cristina de Jesus Castro, diplomada pela Escola Normal do Rio Grande do Norte e que veio para Juazeiro do Norte atraída pelos milagres. Conta-se que em 1899, sua escola que era particular e que, com a emancipação de Juazeiro, episódio em que Padre Cícero teve grande influência política, tornou-se escola municipal. Faz-se referência, também, de uma escola noturna, para doméstica que a mesma mantinha nos anos de 1912 e 1913. Tem-se registro de que Padre Cícero fundou, pessoalmente, um dos primeiros orfanatos do interior, o Orfanato Jesus, Maria e José. Em 1932, coube ao patriarca doar terras que lhe pertenciam para que se criasse o primeiro colégio de formação de professores rurais, instalado, finalmente, em 1934 com o nome de Escola Normal Rural, a primeira no gênero a funcionar no Nordeste Brasileiro. Por último destaca-se a história de dois colégios na história da educação do Juazeiro do Norte: o Colégio São Miguel, para rapazes e o Colégio São Geraldo.

Palavras-chave: História - Educação - Professor

A TEORIA DOS PRESSUPOSTOS BÁSICOS DE WILFREDO BION COMO BASE PARA UM MELHOR ENTENDIMENTOS DAS LIDERANÇAS DE PADRE CÍCERO, LAMPIÃO E ANTÔNIO CONSELHEIRO

Danúzio de Macêdo Carneiro

UECE

danuziomc@secrel.com.br

O psicanalista inglês Wilfredo Bion (1897-1979)), em seus trabalhos com grupos terapêuticos na Tavistock Clinic em Londres, observou que subjacente a ação grupal haviam esquemas organizadores do comportamento dos indivíduos componentes dessa ação grupal. Esses esquemas ele chamou de Pressupostos Básicos, e classificou em três tipos: dependência, no qual os membros do grupo agem como se o líder existisse para dar proteção e fornecer segurança para eles. Luta-fuga, em que o modo primário é a ação e o objetivo do processo é a preservação do grupo a todo custo. Nessa situação o líder é encarado como o mais corajoso e arguto de todos, e é chamado a mobilizar o grupo como se fosse para ataque ou fuga. Acasalamento, o objetivo do grupo é reproduzir-se, o líder é imaginado como ainda não nascido e o futuro é tudo o que conta. Nesse caso, as emoções predominantes são a esperança e o otimismo a respeito do futuro. Em seus estudos, Bion generalizou sua concepção observando que os pressupostos se manifestavam em qualquer grupo de tarefa; também observou que no caso da dependência o líder é deificado, por isso esse pressuposto é característico dos grupos religiosos. Já o líder da luta-fuga aparece nos grupos militares, e o de acasalamento é característico dos grupos aristocráticos. Com base nessa lógica bioniana, tenho feito pesquisas bibliográficas as quais fundamentam a idéia de que os três mais significativos líderes do imaginário popular brasileiro podem ser entendidos conforme cada um desses pressupostos, assim: Padre Cícero seria vinculado ao pressuposto de dependência; Lampião, ao de luta-fuga; e Antônio Conselheiro, ao de acasalamento.

Palavras-chave: Psicanálise – Bion – Antonio Conselheiro – Padre Cícero – Lampião

O ESTADO E A INFLUÊNCIA DO CATOLICISMO NA EDUCAÇÃO DO CARIRI*

Josier Ferreira da Silva

URCA-CE

A apropriação territorial do Brasil se insere no contexto da expansão do mercantilismo e do catolicismo europeu. Nesse processo, o vínculo à terra dá origem a aristocracia rural que exerce o poder local, forjando uma relação entre o público e o privado, onde o estado e a igreja se apresentam como uma extensão da família aristocrática. Nesse contexto a educação é incorporada a ação política da igreja católica Brasil, como forma de legitimação do estado e da sua hierarquia eclesiástica no processo de resistência a ideologização do estado liberal, sob a orientação da Santa Sé. O catolicismo como religião oficial do estado, orienta e legitima as ações pedagógicas das instituições educacionais do Cariri na legitimação dos valores sócio culturais da sociedade aristocrática. É nesse universo sócio-cultural do semi-árido nordestino que nasce Padre Cícero, originário de família subalterna, no contexto de uma sociedade coronelística, e nela, procura se impor diante das adversidades da estru-

tura poder que inviabiliza o exercício da cidadania a partir do acesso à educação. É o Padre Cícero, a exemplo de outras famílias pobres que buscam a formação intelectual dos seus filhos, nessa conjuntura política-social aristocráticas, vitimado pelo paternalismo da estrutura de poder coronelista. Nesse contexto histórico da relação entre estado e igreja como instituições promotoras da educação, foi o Seminário São José, segunda maior instituição educacional do final do século XIX no Ceará, foi construído em terreno doado Pelo Coronel Antonio Luiz Pequeno, padrinho do Padre Cícero. Nele, o jovem Cícero Romão Batista inicia sua formação eclesiástica antes de se deslocar para o Seminário da Prainha, sendo assistido economicamente em seus estudos pelo mesmo Cel Antonio Luiz. Assim a sua formação educacional e acadêmica se insere no contexto do fortalecimento da hierarquia da igreja católica que promove instauração do processo de romanização da igreja católica no Brasil, cuja criação de dioceses, seminários, e colégios religiosos, fazem parte da ação política da igreja católica liderada pelo clero ultramontano, aliada ao estado, contra as idéias liberais. Esta realidade estendeu-se durante a república e tem reflexos na educação do Cariri Cearense, inclusive com a colaboração do Padre Cícero que contribuiu na institucionalização da educação de Juazeiro e de outras cidades da região em parceria com José Marrocos. Reflexo da sua atuação no campo educacional, registra-se a fundação do Gabinete de Leitura de Barbalha, onde funcionou um educandário no início da República, cujo primeiro professor foi José Marrocos, protagonista do "milagre da hóstia". Essa ação educacional do Padre Cícero e pedagógica de José Marrocos na cidade de Barbalha representa em parte a influencia do catolicismo na educação desse município.

Palavras chave: Catolicismo, terra, romanização, liberalismo, educação e representação ideológica, sociedade aristocrática, conjuntura política.

* Esse resumo tem como abordagem temática o Projeto de Doutorado do Autor junto a Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará pelo Projeto de Qualificação Interinstitucional - PQI: URCA - FACED/UFC.

POESIA E *ETHOS*: REPRESENTAÇÕES DO PADRE CÍCERO NO CORDEL

Cláudia Rejanne P. Granjeiro

URCA, Crato-CE
clrpg@universiabrasil.net

A Semiótica Greimasiana é uma corrente teórica no âmbito dos estudos da linguagem que concebe o sentido como possibilidade de transcodificação, operando, pois, sobre um processo ininterrupto de metalinguagem. Assim sendo, compreende J. J. Greimas a Semiótica como uma espécie de Gramática do Discurso. Para essa corrente, todo texto possui uma rede de encadeamentos que vai do nível mais superficial ao mais profundo, o que a torna capaz de explicar como ocorre a conversão das categorias lógico-semânticas, descrevendo e explicitando os mecanismos e regras que engendram o texto. Por meio de uma análise imanente, busca a Semiótica as estruturas profundas dos efeitos de sentidos que estão na aparência, verificando como as macro-estruturas se relacionam para saber, não somente o que "o texto diz", mas, principalmente, "como faz para dizer o que diz", chegando, assim, ao **percurso gerativo do sentido**, o qual constitui-se por meio de três níveis: o fundamental, o narrativo e o discursivo. Em cada um desses níveis opera um componente semântico e outro sintático. A semântica do nível fundamental abriga as categorias básicas da construção do texto e se fundamenta numa oposição, onde se articulam as categorias tímicas denominadas **euforia** e **disforia**. O nível narrativo é o momento em que ocorre a transformação de estados, funcionando

como simulacro do fazer transformador do homem sobre o mundo. O nível discursivo é aquele em que o sujeito enunciativo do texto assume a enunciação por meio das marcas de pessoa, tempo, espaço e por meio das estratégias enunciativas da argumentação, onde estabelece um contrato fiduciário de verificação com o enunciatário e onde recobre as categorias opositivas fundamentais com figuras que a concretizam, as quais são responsáveis pela construção de uma representação, de uma identidade, resultando todo esse processo em efeitos retóricos particulares.

É, pois, com fulcro em tal instrumental teórico que se propõe o presente trabalho a analisar o percurso gerativo do sentido do folheto de cordel: "Homenagem ao Padre Cícero no seu Sesquicentenário", de Francisco Matêu (pseudônimo de Hamurabi Batista), publicado em Juazeiro do Norte-Ceará em 1994, por ocasião dos atos comemorativos do sesquicentenário de nascimento do religioso. Para a análise do folheto, metodologicamente, consideraremos os níveis fundamental e narrativo apenas a título de explicitação da teoria. Enfatizaremos, no entanto, o nível discursivo que é onde o **fazer-crer**, o fazer persuasivo opera com mais ênfase. Demonstraremos a maneira pela qual o texto constrói a representação do Padre Cícero por meio da categoria tímica: brutalidade/diplomacia, como ocorre a transformação dos estados e os mecanismos pelos quais o enunciativo constrói a sua argumentação e os efeitos de sentido advindos das estratégias de debragens enunciativas, debragens enunciativas e ancoragem. Verificaremos, ainda, quais figuras são utilizadas para representar os valores temáticos na constituição de um *ethos* eufórico do Padre Cícero como santo/ profeta, taumaturgo e líder político.

Palavras-chave: *Ethos*, Padre Cícero, Cordel

Entidade financiadora: FUNCAP

BENDITOS EM JUAZEIRO: A RECRIAÇÃO DA IMAGEM DO PADRE CÍCERO

Rafael Bezerra Siqueira Paiva

UECE

rafael_bezerra@msn.com

Esta monografia vem observar a recriação da imagem do Padre Cícero através dos benditos em Juazeiro do Norte. A pesquisa se deu através da leitura dos textos sobre o Juazeiro, Padre Cícero e do catálogo dos benditos. Essa colheita foi realizada através de conversas com os romeiros durante as romarias a Juazeiro, fitas cassete que são vendidas nas ruas da cidade, cadernos de alguns fiéis e folhetos impressos. A instituição da imagem do Padre Cícero é feita pela Igreja católica, literatura erudita, popular, contos e outros. O trabalho sustenta que os benditos são importantes e recriam em grande escala imagens do Padre Cícero dentro de uma tradição oral muito mais estabelecida do que as demais formas. Outras hipóteses foram levantadas acerca das relações de poder em Juazeiro, Floro Bartolomeu e sua influência política, o Padre Prefeito, a Guerra de 1914. Além disso procurou-se identificar os locais onde os benditos são criados e de que forma seus intérpretes e autores se mostram e divulgam os benditos. O texto conclui que os benditos apresentam um Padre Cícero forte, um padrinho presente, curador, revelador do futuro, que não está envolvido com o passado político, muitas vezes participante da Trindade, podendo ser Jesus ou mesmo Deus e, quando não sobra um lugar na trindade, ele é participante das decisões do Céu com voto de quem receberá a salvação.

Palavras-chave: Padre Cícero – imaginário – religião

DOS BENDITOS À MÚSICA POPULAR, DA MÚSICA POPULAR AOS BENDITOS: A CONSTRUÇÃO DAS RELAÇÕES ENTRE O CATOLICISMO POPULAR DE JUAZEIRO DO NORTE E A OBRA DE LUIZ GONZAGA (1912-1930 ; 1950-1955 ; 1990-1999)

João Monteiro Silva Júnior

Universidade Regional do Cariri
mont.eiro@ig.com.br

A presente proposta de trabalho traz como foco principal a relação de influências entre o *catolicismo popular* da região do Cariri, em especial da cidade de Juazeiro do Norte, sul do Ceará, e a obra de Luiz Gonzaga, buscando analisar de que forma se construiu essa relação de influências entre ambos. Percebe-se na obra de Gonzaga a carga de influências que esse sofreu – durante sua formação – dos costumes da região, entre essas influências a religiosidade popular foi uma das que mais se destacaram, servindo como tema para muitas composições interpretadas por ele. Hoje, após sua morte, nota-se que muitas das músicas de cunho religioso de Luiz Gonzaga foram absorvidas pelas manifestações religiosas do local, em particular nas renovações do Sagrado Coração de Jesus, assumindo, assim, uma característica de *benditos*, o que leva a concluir que a obra do sanfoneiro também exerce uma influência sobre a religiosidade popular da região caririense. Para compreender essa problemática, analisa-se como se deu a construção dessas relações fazendo os seguintes recortes temporais: **1912 – 1930**, período da infância e adolescência de Luiz, onde ele absorveu todos os costumes do local, entre eles os religiosos; **1950 – 1955**, período em que ele se sagra *rei do baião* e se torna o representante máximo da cultura nordestina no “sul” do país; **1990-1999**, período que corresponde aos primeiros dez anos de sua morte onde se observa as primeiras músicas de Gonzaga sendo cantadas nas renovações como *benditos*. Esse trabalho, que ora apresenta-se neste resumo, é a proposta de monografia do Curso de Especialização em *História e Sociologia* promovido pela Universidade Regional do Cariri – URCA, no entanto, essa pesquisa vem sendo desenvolvida desde do ano de 2003 quando encontrava-me ainda na graduação do curso de História –VII Semestre – na cadeira de Projeto de Pesquisa.

Palavras-chave: música – benditos – Padre Cícero

TEMA: RENOVAÇÃO DO SANTO: CULTO, FESTA E RECIPROCIDADE

José Nilton de Figueiredo

vice-reitor URCA-CE
vice-reitor@urca.br

Consta que o Padre Cícero Romão Batista, formado pelos Lazaristas franceses, no Seminário de Fortaleza, logo que chega a Juazeiro, em 1872, infunde a devoção ao culto de adoração ao Sagrado Coração de Jesus junto aos Romeiros da Mãe de Deus. Esta prática nasce nos mosteiros da Idade Média e se irradia para toda a Europa, nos séculos XVII e seguintes, a partir do convento das Irmãs Visitandinas. Chega ao Brasil através dos Jesuítas e se propaga pelos padroados e paróquias com o processo de romanização da Igreja Católica. No Cariri, mais precisamente em Juazeiro do Norte, o culto é restrito às solenidades no inte-

rior do templo. Quando o Padre Cícero cria o Apostolado da Oração, em 1888, orienta às famílias entronizarem nas suas casas a imagem do Sagrado Coração de Jesus e anualmente renovarem o acontecimento. Cada família, a partir de então, passa a calendarizar mais um dia de rememoração, de lembrança e de invocação ao santo maior da Igreja, como também aos santos de sua devoção. Renovando a consagração da família à presença do Sagrado Coração de Jesus, renovam-se as esperanças no futuro da vida familiar, renovam-se os laços entre os vivos e entre os mortos. A Renovação é um rito sacrificial cuja liturgia ocorre no seio da família, sai dela como invocação e volta para ela como redenção. Ao se encontrar consigo mesma, a família se sente com potência para continuar a vida. Atualmente, é na Chapada do Araripe, ocupada e humanizada sob a direção do Padre Cícero, a partir das pressões populacionais que se abate sobre o Juazeiro, quando "os pobres do Nordeste" vão chegando trazidos pelas notícias do milagre de 1892, que a festa de renovação é mais recorrente. O mundo camponês da Chapada do Araripe ainda guarda o ritual da festa com muitas das características originais. Como em todos os cultos às divindades religiosas no mundo camponês, a Renovação, nome mais vulgarizado pelas pessoas no sentido de consagração das famílias ao santo protetor da casa e da comunidade, é um momento demarcado por dois tempos distintos mas inseparáveis: o tempo profano e o tempo sagrado. O tempo calendarizado tanto para o rito inicial (entronização) quanto para o rito da rememoração (renovação) prescreve um ato litúrgico (culto, sagrado) e um ato solene (festa, profano). Um dos símbolos culturais da Renovação é a distribuição da comida. A comida é objeto de reciprocidade. Convidar alguém para fazer parte da comida significa receber um convite para comer no dia da sua renovação. O ciclo da troca da comida cozida é bem maior do que o ciclo da troca da comida crua, os pedaços de carne. A oferenda da primeira é dirigida aos homens, são eles os convidados para a mesa; e da segunda, às mulheres que geralmente ficam em suas casas e só vêm para o ato religioso. A oferta da comida crua é seletiva; é para os parentes mais próximos. Já na comida cozida a oferta é generalizada, pois ocorre haver mais pessoas para comer do que as individualmente convidadas. Culto, festa e reciprocidade é um olhar antropológico para as festas de Renovação num contexto camponês da Chapada do Araripe, em Sítios localizados nos municípios de Crato e Santana do Cariri.

Palavras-chave: renovação – culto – festa – Padre Cícero

PADRE CÍCERO E A EDUCAÇÃO EM JUAZEIRO DO NORTE

Nubia Ferreira Almeida
URCA-CE

A perspectiva epistemológica deste trabalho está baseada na complexidade e no racionalismo crítico como elementos que possibilitam uma dialética na compreensão das relações estabelecidas entre os diversos atores sociais, em sua prática cotidiana. Com base neste pensar, destaca-se a dimensão cultural e política no desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte, através da contextualização histórica e cultural do Padre Cícero, definindo os elementos que indicam o seu *capital social e cultural* como condicionantes do desenvolvimento local. Serão observadas as mediações ocorridas entre os atores sociais (professores, alunos, políticos e sacerdotes), quando do início da formação do sistema educacional e, também, na atualidade, quando as escolas se preparam para revitalizar a figura do Padre Cícero inserido

na história regional, enfocando sua importância na formação da identidade local. O assunto é abordado porque, nas últimas décadas, as preocupações com a preservação da cultura, da formação de uma identidade local e a onda de democratização vêm, cada vez mais, se difundindo em países pobres, como o Brasil. Nas escolas, nas academias, a educação voltada para o regionalismo toma importante lugar nas principais pautas de discussões. Da mesma forma, o conceito de *Capital Social* tem ocupado espaço crescente, quando se trata de reformular práticas de desenvolvimento. A presença marcante do Padre Cícero nas ações cotidianas da cidade instaura práticas sociais densas, envolvidas na sua construção, como elementos da história e do imaginário, dando lugar a uma realidade singular que se transforma no centro, ou lugar de reconhecimento de Juazeiro do Norte. Fortalecer a cultura local poderá ser uma importante estratégia na elaboração de projetos políticos que visem à inclusão social, porque resgata a auto-estima da população possibilitando a sua integração social, à medida em que tal ação funciona como elemento-chave na reconstrução da identidade coletiva e do capital social. Estimula o espírito de cooperatividade entre os membros dos grupos sociais, cria espaços culturais como vias de integração acessíveis à população, como um todo, a exemplo do que aconteceu no passado, em Juazeiro do Norte, sob a influência do Padre Cícero que criou alternativas de participação social. O Padre Cícero está no centro dessas reflexões porque representa uma figura de importância incontestável para a formação da cidade e, até hoje, é um ícone altamente cultuado na memória do povo que a visita e dos que nela se estabeleceram, fato que confere a esta cidade, lugar de reconhecimento nacional e internacional. Por isso, é necessário rever os elementos de regionalidade, através dos traços culturais, predominantes no estudo da identidade local que são apropriados para falar do Padre Cícero, bem como a relevância da construção do *capital social*, no processo de desenvolvimento da realidade local, também, na atualidade.

Palavras-chave: Padre Cícero - Educação - Capital social.

PADRE CÍCERO NO IMAGINÁRIO UMBANDISTA

Luiz Assunção

UFRN, Natal/RN
lassuncao@ufrnet.br

A comunicação tem como proposta apresentar informações sobre o processo de elaboração do universo religioso umbandista no município de Juazeiro do Norte-CE: os dados históricos, a incorporação de elementos da religiosidade local, os conflitos, os sujeitos envolvidos no processo. O propósito é demonstrar que no processo de transformação vivido pelos cultos populares, elementos simbólicos são reelaborados e ressignificados, contribuindo para marcar a identidade da religião. Entre esses elementos, destaca-se a devoção ao Padre Cícero, presente na crença, no imaginário e nas representações simbólicas do universo umbandista da região. O trabalho de campo foi realizado durante o ano de 1998 através de observações participantes, entrevistas e relatos de história-de-vida. O que vimos é um campo religioso múltiplo em seus elementos constituintes, indígenas, católicos e afro-brasileiros; dinâmico enquanto processo religioso; marcado pela incorporação de diferentes crenças e saberes. A crença no Padre Cícero (e sua presença simbólica) seria um dos exemplos dessa aproximação com o universo religioso católico.

Palavras-chave: Religiosidade; Umbanda; Memória.

PADRE CÍCERO NO IMAGINÁRIO DAS IRMANDADES DE PENITENTES

Anna Christina Farias de Carvalho

URCA-CE

badicapb@uol.com.br

Este texto parte das reflexões desenvolvidas acerca das Irmandades de Penitentes no Cariri cearense onde analisamos as práticas e crenças que permeiam este universo do sagrado. Neste artigo apresentamos aspectos do imaginário religioso construído em torno da figura de Padre Cícero Romão Baptista (1844 - 1934) produzidos por devotos, que ao comporem uma multiplicidade de representações imagéticas, textuais e orais sobre *Padrinho Cicho*, (re)atualizam ao longo do processo histórico uma tradição discursiva estruturante da identidade do catolicismo popular, sobretudo do Cariri cearense. Objetivando promover a visualidade deste campo religioso, levantamos discursos e práticas dos agentes que integram quatro irmandades de penitentes: Irmandade de Penitentes Peregrinos Públicos e Irmandade de São Gonçalo (Juazeiro do Norte-CE); Irmandade da Cruz e Irmandade de Penitentes do Sítio Lagoa (Barbalha-CE). A partir do método explicativo procuramos captar os significados que os próprios agentes atribuem à sua ação, através da oralidade e memória. Tendo um caráter etnográfico, nossa pesquisa utilizou para coleta de dados a observação direta e a entrevista. Observamos que a construção da santidade de Padre Cícero e a crença em seus poderes sobrenaturais, apesar do não reconhecimento das autoridades eclesiásticas, é (re)afirmada cotidianamente através de elementos rituais expressos em romarias, orações, benditos, promessas, entre outros. Neste contexto onde a dimensão do sagrado (con)funde-se com a dimensão da experiência cotidiana, Padre Cícero representa elemento fundamental para a compreensão do processo de construção do catolicismo popular caririense, que tem na memória e na oralidade suportes básicos para transmissão e afirmação desse processo de santificação popular.

Palavras-chave: irmandade de penitentes - devoções populares - catolicismo popular
Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico - FUNCAP
Doutoranda em Sociologia Universidade Federal da Paraíba - UFPB



CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

Dom Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

20 de Julho de 2004
A VIVÊNCIA

HISTÓRIAS DO PASSADO, HISTÓRIAS DO FUTURO

Candace Slater

University of California, Berkeley

Meu tema aqui hoje, como nos oito meses de pesquisa por mim conduzidos em Juazeiro do Norte durante 1981 e 1982, é sobre as histórias da vida do Padre Cícero.¹ Eu estava (e ainda estou!) interessada nas amplas diferenças entre as narrativas contadas pelos romeiros que vão à Juazeiro do Norte e outras histórias contadas pelos residentes da cidade, sobretudo pelos antigos romeiros, muitos dos quais moram no percurso serpentino da Rua do Horto que leva ao topo onde se encontra a estátua gigante do Padre Cícero.

Para poder colher uma quantidade de narrativas suficientemente grande contada pelos residentes, que permitiu generalizações significativas, mudei-me para uma casa perto da 6ª Estação da Cruz na Rua do Horto. Uma vez que a dona da casa (uma mulher jovem acostumada a dividir seu tempo entre Juazeiro do Norte e São Paulo), como também a sua tia, que morava perto, eram conhecidas dos outros moradores, tive a vantagem de ser vista como uma novidade exótica.² Passava meus dias procurando contadores de histórias, normalmente vizinhos ou velhos residentes da Rua do Horto que diziam ter conhecido Padre Cícero quando jovens. Nestas visitas, eu normalmente era acompanhada por pequenos grupos de crianças que sabiam que eu estaria gravando os tipos de histórias que eles também gostavam de ouvir.

Minha aproximação com os romeiros foi, de certa forma, diferente. Como eles estavam geralmente ocupados durante o dia, eu, quase sempre, tentava manter uma conversa tanto logo após o almoço, quando eles estariam descansando, ou após a missa noturna, quando muitos deles retornavam às suas pousadas. Normalmente eu tentava falar com os fretantes dos caminhões pau-de-arara e dos ônibus que traziam os romeiros, bem cedo pela manhã, quando eles apareciam para registrar o grupo com a Pastoral da Romaria.³ Um convite de um desses organizadores era muito proveitoso para facilitar minha aproximação e começar a gravar histórias quando eu aparecesse mais tarde no rancho.

Apesar de a grande maioria das quase 200 horas dos contos dos romeiros que eu eventualmente coletei terem sido gravadas em Juazeiro, eu também participei de duas peregrinações. A primeira foi com um grupo viajando de ônibus de Maceió; a segunda, com um número menor de romeiros que viajavam em um velho caminhão pau-de-arara de Palmeira dos Índios. Estas experiências foram de grande valor, não somente por causa da oportunidade de gravar uma grande quantidade de histórias, mas também porque elas proporcionaram um importante contexto mais amplo para as narrativas que eu continuava a ouvir em Juazeiro.

A Importância dos Contos do Padre Cícero

As histórias sobre Padre Cícero são potencialmente de grande interesse, tanto para pesquisadores quanto para agentes de pastoral por uma variedade de razões. Primeiro, nelas está a visão

¹ A pesquisa é a base para Candace Slater, "Trail of Miracles: Stories from a Pilgrimage in Northeast Brazil" (Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 1984.)

² Agradeço a Francisca Inácio da Costa pela sua hospitalidade e pela sua impagável assistência durante minha estada na Rua do Horto.

³ Agradeço à Irmãs Annette Dumoulin e Terezinha Stella Guimarães e as demais irmãs das Cônegas de Santo Agostinho que faziam parte do grupo que trabalhava no Santuário de Nossa Senhora das Dores pela sua generosa ajuda para possibilitar o acesso aos mais diferentes contadores de história.

particular de pessoas reais e dos fatos que elas contam. A importância maior dos relatos dos contadores de histórias reside no fato de elas representarem uma expressão autêntica das crenças populares. É verdade também que estes relatos contêm detalhes históricos importantes, mas, com frequência, os contadores se confundem, transformando radicalmente a natureza dos fatos e acontecimentos.

Contados principalmente de devotos para devotos, as histórias são testemunhos da profunda lealdade dos indivíduos para com uma figura religiosa muito contestada. Elas também formam retratos convincentes da vida diária. Até quando os contadores de histórias estão falando claramente sobre o Padre Cícero, os temas e eventos por eles destacados sugerem como é a vida para os nordestinos: pobres, muitas vezes ou em condições de extrema necessidade.

Ao mesmo tempo que as histórias apresentam uma visão coletiva das estruturas de poder e das suas injustiças, elas também são produtos da imaginação: montagem de palavras e imagens verbais que revelam uma estética que não pode ser dissociada de uma série particular de crenças religiosas. Apesar de conterem elementos que são exclusivamente brasileiros e nordestinos, elas também herdam uma tradição européia bastante antiga – o gênero do texto hagiográfico ou a *vida* do santo medieval.⁴ O fato de o Padre Cícero ter sido rejeitado pela grande maioria da hierarquia Católica Romana ratifica as várias versões populares da vida que são habitualmente apagadas por uma narrativa oficial, as quais não só sobreviveram, mas prosperaram. Apesar do Brasil atual diferir muito da Europa da Idade Média, a evolução corrente das histórias do Padre Cícero em uma narrativa prontamente reconhecida, composta por incidentes interligados, oferece paralelos instrutivos para a eminência de uma vida medieval.

Finalmente, e talvez o mais importante, estas histórias conhecidas permitem comparações extremamente importantes em tempo e espaço, permitindo aos pesquisadores examinar diferenças entre e dentro dos grupos sociais. Como se pode contrastar histórias contadas por residentes e romeiros, pode-se destacar tanto semelhanças como diferenças nas histórias contadas por residentes e romeiros de diversos lugares. As histórias também variam de acordo com a idade e o sexo.⁵ Elas também subscrevem mudanças com o decorrer do tempo. Como já faz 20 anos que fiz a minha pesquisa, estou especialmente interessada neste último ponto, ao qual retornarei.

Diferenças entre as Histórias dos Residentes e Romeiros no Início dos Anos 80

Apesar dos contadores de histórias diferirem bastante, é possível e útil contrastar histórias ditas por residentes com aquelas contadas por romeiros. Já que discuti estas diferenças detalhadamente em publicações prévias, só farei um rápido sumário aqui antes de prosseguir para poder sugerir possíveis transformações futuras.⁶

A primeira diferença notável entre as histórias dos residentes e romeiros que observei durante minha primeira visita no início dos anos 80 foi o alto grau de envolvimento pessoal dos residentes com o Padre Cícero. Frequentemente, os moradores da Rua do Horto apresentavam histórias da vida do padre sob a forma de memórias pessoais. Aquelas pessoas que não tiveram um envolvimento pessoal com ele normalmente contavam com memórias emprestadas desses tipos de encontro. ("Meu pai o conheceu na guerra de 1914...", "Meu tio conhecia aquele homem que meu Padim ressuscitou..."). Não surpreende, dada a grande distância de Juazeiro, que os romeiros eram consideravelmente menos pro-

⁴ Há uma imensa bibliografia sobre a vida dos santos medievais. Histórias individuais sobre o Padre Cícero sempre têm semelhança, nos acidentes, com Frederick C. Tubach, "Index Exemplorum: a Handbook of Medieval Religious Tales", *Folklore Fellows Communications* 204. Helsinki: Suomalainen Tiedakatemia, 1969)

⁵ Para um útil sumário da percepção de jovens residentes sobre o Padre Cícero veja Therezinha Stella Guimarães, *Os jovens de Juazeiro do Norte e sua devoção ao Padre Cícero*, in "Revista Eclesiástica Brasileira" 39 (1979), pp.275-83.

⁶ Veja Candace Slater, *Trail of Miracles*, and Slater, "Oral and Written Pilgrim Tales from Northeast Brazil," *Journal of Latin American Lore*, Vol. 9, No. 2 (1983), pp. 191-230.

pensos a oferecer contos pessoais ou de tentar personalizar as histórias mais conhecidas.

Naquela época também, enquanto os residentes contavam inúmeras histórias, os romeiros apegavam-se a uma lista muito menor de eventos. É interessante, do ponto de vista da evolução da vida do Padre Cícero como um exemplo definido de gênero, suas narrativas revelaram um padrão crescente, com meros episódios milagrosos e detalhes consideravelmente menores e uma variação menor dentre os contos individuais.

A preocupação dos residentes por detalhes concretos foi especialmente óbvia quando se tratava do Padre Cícero como presença física – um homem baixo com olhos azuis irrequietos, e, eventualmente, cabelos brancos, que caminhava, falava e até levantava a cabeça de um jeito especial. Os romeiros, entretanto, eram mais propensos a se apoiarem no uso de detalhes fantásticos em contos onde o Padre Cícero descia de uma nuvem para parar uma guerra na Alemanha ou tocava uma árvore que não dava mais frutos e que de repente passava a encher-se com laranjas ou goiabas.

Como se pode esperar, o foco das histórias não era só o Padre Cícero mas sua cidade, Juazeiro. Eles insistiram na identidade da cidade várias vezes. Também não surpreende o fato de que os romeiros apresentavam um grande interesse nos contos onde um viajante virava o centro das atenções e também nas dificuldades que eles passavam no decorrer de sua jornada à Juazeiro. Apesar da cidade continuar como um destino absolutamente essencial, os romeiros contadores de histórias estão ocupados, sobretudo, em sublinhar a importância da romaria como uma instituição.

A insistente ausência de qualquer tipo de ordenação de princípios entre os episódios milagrosos individuais foi, ainda, outra característica comum das histórias dos residentes que gravei nos inícios dos anos 80. Esta ausência e a sugestão que a segue de que todas as histórias (e, por extensão, todos os relacionamentos individuais) com o Padre Cícero são ao mesmo tempo únicas e potencialmente iguais em importância. Estes rasgos não são nada típicos das histórias dos romeiros, onde se manifesta a crescente presença de uma ligação causal ou cronológica. A apresentação dos milagres como respostas aos padecimentos do Padre Cícero, é uma característica essencial dessas narrativas, quando tomadas em sua totalidade.

Resumindo, então enquanto as histórias que coletei dos residentes revelavam a resistência obstinada ao padrão tanto a nível individual quanto coletivo, os contos dos romeiros sugeriam o desenvolvimento contínuo de uma vida. A tendência dos últimos de mostrar um tema contínuo de vitória sobre a injustiça os fez semelhantes mesmo quando os acontecimentos e os detalhes oferecidos nos contos variavam dramaticamente.

Mudanças nas histórias de Padre Cícero: uma revisão preliminar

Apesar de eu não poder afirmar que tenha feito uma pesquisa extensiva sobre as atuais histórias da vida do Padre Cícero, as duas semanas que passei em Juazeiro do Norte em julho de 2004 permitiram-me fazer observações preliminares quanto às possíveis mudanças, no decorrer do tempo, nos contos ditos tanto por residentes quanto por romeiros⁷. Pela sorte de ainda ter amigos morando na Rua do Horto, achei bem fácil coletar uma quantidade significativa de narrativas em tão curto espaço de tempo. Já que a conferência foi programada para coincidir com a grande romaria do dia 20 de julho, marcando o 70º aniversário da morte do Padre Cícero, havia também muitos romeiros na cidade que podiam ser entrevistados.⁸ Enquanto que as tendências

⁷ Agradeço à Comissão Científica pelo convite para participar do III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero e à Universidade Regional do Cariri pelo seu generoso suporte logístico depois do Simpósio.

⁸ Eu coletei 32 histórias de residentes e 41 de romeiros. As narrativas variavam muito em extensão: algumas altamente detalhadas e outras somente com algumas sentenças.

aparentes que eu rapidamente relato abaixo merecem um estudo compreensivo, elas foram suficientemente marcantes para receberem menção aqui.

A primeira tendência imediatamente óbvia é a crescente presença de ações violentas nas histórias contemporâneas sobre a vida do Padre Cícero. Sua nova importância para ambos – residentes da Rua do Horto e romeiros que vêm a Juazeiro – não é de difícil compreensão. Praticamente desconhecida no início dos anos 80, quando era possível caminhar para casa tarde da noite dos ranchos onde se entrevistava pessoas ou ir ao Horto logo antes do sol se por, a violência aleatória que tem caracterizado a vida urbana na maior parte do Brasil atual, chegou definitivamente a Juazeiro.

Uma resposta narrativa a esta nova onda de violência está no aparato de histórias onde uma provável vítima chama por Padre Cícero para proteção ou o ladrão que saqueia os romeiros recebe um castigo por parte do Padre. Outra resposta é uma riqueza de profecias onde o Padre Cícero antecipa diretamente os males de hoje.

“Meu Padim Ciço dizia que nesta rua ia chegar um dia em que a gente não podia andar nem de dia nem de noite”, dizia uma velha mulher, nascida em Alagoas que estava preparando caldo de cana numa barraca, lá em cima no Horto.⁹

“A gente sofre com esse pessoal que rouba e mata, mas é assim que Meu Padim falou que ia acontecer no fim dos tempos”, diz um caminhoneiro de meia idade, cujo pai veio como romeiro para Juazeiro, batendo num jeep preto, sujo e empoeirado, para enfatizar.¹⁰

Já outros moradores da Rua do Horto insistem que nada mudou dado que a vida em Juazeiro sempre foi feita de provações para os eleitos. “Quem escolhe morar aqui já escolheu o caminho do sofrimento que é também o caminho da salvação”, diz uma jovem mulher muito magra que recentemente mudou-se para uma casa na rua do Horto, enquanto tange uma mosca do rosto de uma criança que está dormindo.¹¹

“Meu Padim disse que quem matava não devia matar mais, quem roubava não devia roubar mais, não era?” pergunta a uma amiga que estava sentada com ela no calçamento em frente à sua casa. “Então, acho que sempre tinha ladrão e assassino, só que hoje parece que tem ainda mais.”¹²

Os romeiros que cada vez mais evitam assaltantes armados tanto nos trechos ainda cheios de mata da rua do Horto, como também no centro de Juazeiro podem vir a tomar rumos semelhantes. Repelindo os ladrões que poderiam atacá-los até quando eles rezam nos lugares sagrados que vieram visitar, torna-se mais uma prova de sua devoção, mais um obstáculo que a romaria pede para ser superado. “No passado, o romeiro enfrentava onça na estrada, até enfrentava cangaceiro”, disse um jovem com uma vistosa camiseta vermelha onde se lia “Harvard”.

“O meu bisavô até topava com Lampião. Ele deixava os romeiros passar porque era devoto do meu Padrinho, mas tinha outros tão ferozes como ele que não deixava passar, não. Assim que hoje é igual pois o mundo muda mas o Bem e Mal permanecem e o romeiro tem que ter aquela coragem, confiar na proteção de Deus. Também neste Brasil de hoje, onde é que a gente anda segura. Acho que não tem mais lugar!”¹³

Enquanto muitos contadores de história insistem que a violência sempre foi um fato da vida, para os seguidores do Padre, outros se esforçam para evocar um passado mais idílico. Apesar desse

⁹ Mulher, nascida em Águas Brancas, Alagoas, 1935. Veio para Juazeiro em 1940. Viúva, que ajuda temporariamente seu filho em um restaurante no Horto; sem escolaridade.

¹⁰ Homem, 44 anos, nascido em Juazeiro. Casado, caminhoneiro; 4 anos de escolaridade.

¹¹ Mulher, 22 anos, nascida no interior de Campina Grande. Veio para Juazeiro em 1995. Casada, faz chapéus de palha e outros artesanatos; 4 anos de escolaridade.

¹² Mulher, 25 anos, nascida em Juazeiro. Casada, faz imagens do Padre Cícero; 6 anos de escolaridade.

¹³ Homem, 21 anos, nascido em Limoeiro. Solteiro, taxista, 8 anos de escolaridade (“mas eu não aprendi muito”).

tipo de saudade achar-se nas histórias que coletei no início dos anos 80, sua presença parece ter-se intensificado. Além disso, se os residentes de Juazeiro sempre foram capazes de expressar sua saudade de um passado no qual o Padre Cícero ainda estava fisicamente entre eles, os romeiros agora parecem apresentar sentimentos semelhantes aos que eles apresentavam há 20 anos. A oradora seguinte suspira ao mesmo instante que se lembra de um momento no qual a cidade não passava de um segundo Éden, um paraíso na terra.

“Era tudo melhor naqueles tempos do meu Padim, tudo. O povo andava com o rosário no pescoço, não tinha vergonha. Hoje não, a Senhora vê cada coisa: mulher que vai na missa de mini-saia, rapaz que quer se beijar com a namorada no meio da rua. E muito pior! Que no passado Juazeiro era uma terra prometida, um paraíso, sim. A gente gostava de vir aqui porque era tudo diferente, mas hoje, não, hoje é quase igual a qualquer outro lugar. Nos tempos do meu Padim, ele passava a mão na bananeira e ela dava com aqueles montes de banana. Mas hoje essas coisas não acontecem mais.”¹⁴

A nostalgia dos residentes é, normalmente, da pequena cidade de Juazeiro, muito diferente da cidade atual que tem algo em torno de 300 mil habitantes. Os sentimentos de saudade dos romeiros, em comparação, focalizam um antigo tipo de peregrinação, mais exigente fisicamente, visto como mais autêntico. Duas jovens que acabaram de chegar de Maceió e que claramente não demonstram disposição alguma para fazer toda aquela viagem de volta a pé para casa, se dizem admiradas de como tais jornadas, tão difíceis, podiam ser, de alguma forma, mais agradáveis para o Padre Cícero e para Deus.

Entrevistada A: “Pois é, a gente se queixa do calor, do cansaço, mas está no céu. A minha avó vinha aqui todos os anos e vinha de pés! E você sabe, às vezes acho que Deus deve ter gostado mais da romaria dela do que da minha.”¹⁵

Entrevistada B: A minha vovozinha era igual. Vinha todo santo ano num pau-de-arara com filho pequeno. Levava sol, comia poeira, ficava com o corpo todo doído, mas acho que o meu Padim deve ter gostado daquele sacrifício. A gente não, vem sentadinha no ônibus, não sofre nada.”¹⁶

Ainda outra tendência visível nas histórias atuais da vida do Padre Cícero, está limitada às imagens que os romeiros têm da beata Maria de Araújo e da propalada transformação da hóstia em sangue de Cristo.¹⁷ Apesar de na minha pesquisa anterior, os residentes em Juazeiro quase sempre soubessem quem era a beata e a vissem de forma positiva, uma minoria significativa dos romeiros que entrevistei a via como uma figura indefinida, e até mesmo negativa. Foram suas ações, alguns insistiam, que trouxeram a fúria das Instituições religiosas sobre o Padre Cícero. Alguns contadores de história ainda foram além, a ponto de identificar a beata como a mãe de uma criança cujo pai seria um membro do clero, geralmente “aquele Mons. Monteiro”, ou o bispo do Crato. Neste contexto, a transformação da hóstia não se tornou um milagre, mas ao invés disso, uma terrível punição pela suposta liberdade sexual da beata.

A recente inclusão de uma imagem da beata Maria de Araújo entre as estátuas em tamanho real no Museu do Horto, tem tido um efeito considerável, tornando a beata em uma mulher conhecida pelos romeiros. Enquanto no passado os romeiros contadores de histórias, algumas vezes confundiram a beata com a imagem de uma mulher branca em um hábito tradicional, vendida em várias

¹⁴ Romeira antiga (?) Mulher, 67 anos, nascida na zona rural de Salgueiro, Pernambuco. “Deixada do marido”, lavadeira, sem instrução formal.

¹⁵ Mulher, 20 anos, nascida em Maceió. Solteira, caixa, 10 anos de escolaridade.

¹⁶ Mulher, 22 anos, nascida em Maceió. Casada, trabalha numa loja de departamento, 12 anos de escolaridade.

¹⁷ Para a história da beata e a citada transformação ver Ralph Della Cava, *Miracle at Joazeiro*. Para uma discussão diferente de Maria de Araújo como uma figura histórica, ver Maria do Carmo Pagan Forti, *Maria do Juazeiro, a beata do milagre* (São Paulo, Annablume, 1999)

lojas de lembranças, ninguém mais parece fazer isso. "Pois é", diz uma jovem negra, manicure no Recife, "a beata Maria de Araújo era muito sofredora. A gente vê a imagem dela no museu; ela era muito humilde, muito fiel. O bispo disse que ela era uma mentirosa, uma pecadora, mas hoje a gente está vendo que era santa, igual a meu Padim."¹⁸

Orientações para uma futura pesquisa

Até mesmo uma comparação superficial da história contemporânea sobre o Padre Cícero com as versões anteriores dos mesmos contos deve sugerir tantas possíveis transformações que exige um exame mais amplo e sustentável. Uma vez que um grande número de contos que coletei no início dos anos 80, falam da rejeição do Padre Cícero pela hierarquia da Igreja, a mudança dramática das atitudes oficiais no que diz respeito ao Padre Cícero sob o comando de D. Fernando Panico, o atual bispo do Crato, certamente achará seu caminho nos contos que falam dos julgamentos do padre. As formas precisas das narrativas que esta mudança trará ainda estão para ser desvendadas.

Outras transformações sociais importantes estão igualmente esperando para encontrarem seu rumo nas histórias. Estas incluem a mudança do papel das mulheres na sociedade brasileira, a nova visibilidade dos gays e lésbicas em Juazeiro e as novas influências que chegam pela televisão e internet de forma cada vez mais rápida a um Cariri antes visto como uma ilha isolada no mar do sertão. Apesar de nem todas essas mudanças terem tido efeito direto sobre a Rua do Horto, elas apresentaram um certo número de efeitos indiretos, especialmente sobre os jovens, muitos dos quais, mesmo trocando o antigo uso do rosário no pescoço pela adesão às camisetas e tênis importados, se consideram devotos do Padre Cícero.

Os exemplos que apresentei sugerem que enquanto pode haver diferenças entre residentes e romeiros, também se pode encontrar novas semelhanças entre eles. Utilizando o corpo de narrativas que coletei no início dos anos 80 como base, poderá ser possível traçar um bom número delas. Enquanto o futuro se mantém obscuro, só se tem a certeza que as histórias continuam a desafiar, personalizar e refazer as versões existentes sobre a vida do Padre Cícero.

DEBATE

✓ Pergunta – **A Sedição de Juazeiro: alguém falou sobre a história do canhão de 1914? A do conselho das mulheres atacarem na guerra de 14?**

Cândida – Para os romeiros, muitas vezes os detalhes da guerra de 14 não são muito claros. É mais outro ataque contra o Padre Cícero. É mais fácil para os moradores daqui, sim, saber em alguns detalhes históricos, mas, para os romeiros, a guerra chega a ser uma perseguição. Mas muitas vezes, não é uma coisa muito especificada.

Pergunta – **Como foi para você, como estrangeira, esse processo de captação de linguagem, uma linguagem que para nós, muitas vezes, é difícil? Certas expressões... Como foi, metodologicamente, o trabalho?**

Cândida – É uma faca de dois gumes. Obviamente, para mim, houve um lado mais difícil porque tem coisas que eu não entendo, de jeito nenhum. Mas, por outro lado, as pessoas têm muito mais paciência comigo por eu ser estrangeira. E explicam para mim o que talvez não explicassem

¹⁸ Mulher, 18 anos, nascida em Recife. Solteira, manicure, 8 anos de escolaridade.

para uma pessoa daqui. Muitas vezes, eu me fazia de inocente e muitas vezes, as pessoas explicavam, tiveram a bondade de explicar. Em parte também, porque, vindo de uma pessoa de fora, dão um pouco mais de valor. Pessoas disseram: "Se a Senhora não acredita, porque está aqui?" Portanto, são as duas coisas: tem coisas que eu nunca vou conseguir entender e têm outras que, justamente porque é outra situação, que eu tenho que perguntar e às vezes, consigo saber... às vezes.

Pergunta – Essa dicotomia do discurso em relação à Beata Maria de Araújo por parte dos romeiros, não é por falta de informação e aprofundamento por parte dos seguidores? Me parece que o envolvimento é baseado apenas na fé, ou seja, se for Padre Cícero que falou, então é verdade.

Cândida – Eu acho que a questão da Beata é uma questão muito interessante e muito complicada porque, por um lado, as visões, o lado negativo da Beata aparece como vergonha. Ela devia ter feito alguma coisa errada porque ... porque tanto problema? E neste caso vem um pouco da própria história da Beata. Não é só o romeiro que conta histórias da Beata Maria de Araújo com o Papa. Mas outros também... E além disso, as pessoas não falam e se não falam é porque têm alguma coisa para esconder e também, o fato do sangue é importante porque o sangue é obviamente uma coisa que tem muitos significados e é uma coisa difícil de falar.

Pergunta – Que influência essa pesquisa trouxe para a sua vida?

Cândida – Eu já sabia que o povo tinha muita riqueza mas, depois da experiência de Juazeiro, eu fiquei mais convencida disso e que, realmente, valia a pena passar um tempo com eles para poder aprender coisas que não estão escritas.

Pergunta – Tem uma pergunta relacionada a gênero: as diferenças entre os relatos de homens e de mulheres.

Cândida – Não sei se há uma diferença mesmo... Para as mulheres, especialmente, muitas vezes as histórias servem facilmente para outras histórias, para relatos pessoais. Esta é também uma pergunta boa que poderíamos ver hoje porque hoje, sim, se poderia ver essa questão de gênero, mais do que há 20 anos.

Pergunta – Porque a gente acha as narrativas engraçadas? Há uma tendência do pessoal rir, será que temos uma relação etnocêntrica com o narrador?

Cândida – Esta é uma boa pergunta porque, às vezes, o assunto tem um significado diferente para o povo em geral e para o estudioso. Mas deveria frisar que muitas vezes o próprio povo ri. Então, não é só o estudioso. É divertido o Padre Cícero colocar o chapéu na parede! Não é coisa de chorar, não, para ninguém! É, claro, importante se perguntar: Eu estou achando graça? Estou fazendo essas pessoas de objetos? Mas também eu acho que a gente vai lá para escutar histórias. E isso é tudo.

MESA-REDONDA

Coordenadora: Renata Marinho Paz

Antropóloga, Departamento de Ciências Sociais - URCA

O MUNDO SOMBRIO DO PADRE CÍCERO

(Uma Leitura das Memórias de Maria da Conceição Lopes Campina, intituladas 'Voz do Padre Cícero').

Eduardo Hoornaert

historiador, CEHILA
hoornaert@ig.com.br

1. O texto

Quando em 1983 passei por Juazeiro, Padre Pedro Lapo, salesiano, italiano, vigário na cidade, me lembrou que eu já tinha publicado um texto referente ao ciclo de Juazeiro¹ e me comunicou que, há uns dez quilômetros fora do centro de Juazeiro, numa região alta próxima ao Horto, vivia uma senhora chamada Maria da Conceição Lopes Campina que possuía, disse ele, um *enorme manuscrito* sobre padre Cícero. Fomos juntos à casa da referida senhora que se mostrou muito satisfeita e me apresentou um pacote de doze cadernos de cinquenta páginas cada, num total de 656 páginas com folhas grandes de vinte por trinta centímetros tiradas de cadernos que a filha usava quando estudava no Crato. Vi como a caligrafia era regular e bem feita, sem muitos erros de português. Ela me disse que escrevera tudo isso dentro de um ano, sentada no chão, joelhos dobrados, enquanto os cadernos ficavam em cima de uma lata deitada da 'Aliança para o Progresso', programa alimentar americano da época. Maria da Conceição me contou que esses seus escritos eram o resultado de uma promessa feita em 1974 por causa da doença de sua filha, e que consistia em escrever toda a vida de padre Cícero e mais cem profecias, dentro de um ano. Ela explicou que, na qualidade de criança órfã do orfanato Jesus-Maria-José mantido por ele, ela era considerada 'da casa'. Podia entrar sem maiores cerimônias na casa do padre para pedir a bênção. Isso entre 1922, quando tinha dez anos, e 1929, data de seu casamento. O padre tinha então entre 78 e 85 anos. Ela me disse também que, ao longo do ano 1974, escrevera cada dia um pedacinho depois de preparar o almoço e, assim, conseguiu terminar sua promessa no prazo estipulado. Quando eu lhe disse que estava disposto a ver as possibilidades de publicação de seus escritos, ela se mostrou muito feliz. Assim nos despedimos. Organizei e publiquei o material em 1985, através das Edições Paulinas². Depois tive o cuidado de confiar o manuscrito original ao arquivo do Centro de Psicologia da Religião mantido pelas Irmãs Guimaraes e Dumoulin em Juazeiro³.

2. Minha relutância

Como certamente acontece com muitos de vocês, a figura de padre Cícero se me tornou querida ao longo do tempo. Senti pois uma certa relutância em estudar a fundo um manuscrito reple-

¹ Hoornaert, E. (ed.), *Crônica das Casas de Caridade fundadas pelo Padre Ibiapina*, Ed. Loyola, São Paulo, 1981.

² 1984: Campina, Maria da Conceição Lopes, *Voz do Padre Cícero*, Edições Paulinas, São Paulo. Atualmente (julho de 2004), Dona Maria da Conceição tem 92 anos e vive na Rua Machado de Assis, 101, Juazeiro, rodeada de duas filhas, uma neta e duas bisnetas.

³ Aproveito da oportunidade para registrar aqui que o manuscrito da 'Crônica', mencionada na nota 1, se encontra no arquivo da Arquidiocese de Olinda e Recife.

to de ameaças e de ataques a protestantes, espíritas, comunistas, e mesmo judeus e maometanos. Essa talvez seja a razão porque, nesses 19 anos, não retomei o texto. Este simpósio foi a oportunidade para retomar a leitura.

As memórias de Maria da Conceição recuperam falas de padre Cícero acerca dos mais diversos assuntos, como agronomia, medicação, escolha de raízes comestíveis resistentes à seca, construção de açudes, além de reminiscências dos anos no orfanato ou na casa no Horto ou, ainda, histórias dos “primeiros poetas”, dos “primeiros romeiros”, hinos e cânticos. Trata-se, pois, de uma colcha de retalhos contendo as mais variadas memórias de uma mulher de 60 anos que revive os tempos em que, como menina-moça entre 10 e 17 anos, vive numa proximidade muito grande ao padre ancião que já entra nos seus 80 anos. Mas o bloco principal dessas memórias refere-se às práticas na janela da casa do padre, no final das tardes.

Como escrevi acima, Maria da Conceição mostra boa formação em redação. Sua caligrafia e ortografia, seu uso correto da língua, a capacidade em construir frases bem feitas, a coerência e acuidade de suas memórias revelam uma invejável inteligência. Trata-se de um texto que merece uma leitura atenta. Mas está coberto de um véu traumático, como devo expor em seguida.

3. Práticas na janela

A autora deu às suas memórias o título pomposo de: *Voz de Padre Cícero Romão Baptista aos povos do mundo inteiro e aos seus romeiros, seus sermões, suas práticas, suas falas na janela de sua casa* (p. 7). Os romeiros da primeira geração que se reúnem na frente da casa do padre para as orações da tarde, são os apóstolos encarregados de divulgar essa voz aos povos do mundo inteiro. Maria da Conceição, que se considera da segunda geração, percebe que muitos se esqueceram, nos anos 1970, do que padre Cícero ensinou acerca dos destinos do mundo. Ela sente a necessidade de proclamar de novo a voz de Padre Cícero para as pessoas da “quarta geração”, a geração dos esquecidos. Talvez seja por isso que ela evoca um padre Cícero desencantado e desanimado:

Quem me ouviu, bem!

Quem não me ouviu não me ouve mais.

Quem quiser saber do que eu disse,

Procure saber de quem me ouviu (181)⁴.

4. Noé no meio das águas

As práticas na janela tratam invariavelmente de temas da história sagrada. Passam Adão e Eva, Abraão e os patriarcas, Moisés e as pragas do Egito, Davi e Salomão, Jesus e os apóstolos, os papas e a igreja, até os dias atuais. Tudo é história sagrada. Contudo, a figura que sobressai é a de Noé, o único homem justo no meio do dilúvio universal. Padre Cícero é o Noé de Juazeiro, uma ilha de salvação no meio do mundo perverso. Deus fica decepcionado com a humanidade e resolve acabar com tudo de vez. Noé, na teimosia de salvar pelo menos alguma coisa de um mundo que desaparece, manda construir uma arca que flutua em cima das águas. Quando estas baixam, ele desce da arca e oferece um animal a Deus, que gosta do bom cheiro da carne assada e lhe promete que doravante nunca mais pensará em destruir a humanidade de maneira tão abrupta. Ele vai agir com cuidado, separando os bons dos maus. Doravante, *Deus vai acabar com o mundo é de tempo em tempo* (ou: *de tempo em tempo*) (83)⁵. A cidade de Juazeiro é uma arca de Noé no meio do dilúvio de

⁴ O número se refere à numeração no livro de Maria da Conceição acima citado.

⁵ Não sei qual a grafia certa, se *tampo* ou *tempo*. No Aurélio, ‘tampo’ significa ‘peça para vedar vasos ou tonéis’.

pecados que inunda o mundo (178), o último refúgio de Deus neste mundo perverso. Por isso mesmo, o padre Cícero segura a *machadinha de Noé* na mão, e com ela bate incansavelmente na consciência dos romeiros: *Te arrepende, pecador; te arrepende, pecador; te arrepende, pecador* (179).

5. O mundo sombrio

Eis o mundo sombrio em que se move padre Cícero. Paira uma grande ameaça sobre a humanidade, há anúncio de coisas terríveis, seca, sofrimento, guerra e morte.

Quando vires o sol escuro,

Amola a faca para comer o couro no futuro (113).

O padre vislumbra a guerra consumidora, já anunciada por Frei Vidal da Penha no final do século XVIII (71)⁶:

Há de chegar o tempo

Que de quatro pés

Só fica na terra cadeira e banco.

É muita sala e pouca fala

É muitos chapéus e poucas cabeças

Poucos moços e velhos alguns

Muita peste e pouco rastro (16).

O mundo estará entregue à lei da Besta-Fera

Só compra e só vende

Quem tiver o carimbo da Besta-Fera (157)⁷.

6. Os pecadores

Porque tantas ameaças? Por causa dos pecadores. Há, em primeiro lugar, os clássicos inimigos de Deus e do povo, arregimentados pelo Anticristo: espiritismo, protestantismo e comunismo. Os três são abundantemente citados na 'Voz'. O comunismo é a *lei do estrangeiro que invade o Brasil para escravizar os brasileiros e se aproveitar do trabalho destes* (65, 71, 72, 108). O espiritismo, por sua vez, é a *lei dos ricos* (ns. 17 e 25). Mas esses são inimigos de fora. Mais insidiosos são os inimigos de dentro, os pecadores. O pecado começa cedo a dominar o homem. Até a idade de sete anos, a criança é inocente. Mas com a idade da razão se inicia o tempo do pecado. *Um menino de oito anos já é pecador, porque já tem compreensão das coisas. Ele precisa viver se confessando para não juntar pecados* (73)⁸. Coitada da moça da serra de São Pedro, que ocultou pecados a padre Cícero na hora da confissão e foi devorada por cobras (58). A expressão mais persistente do pecado está nos amancebados, (amigados, amaziados), sobretudo nos que fogem da confissão.

Os amancebados só têm uma carreira para dar

É para os infernos, meus amiguinhos (143).

O amancebado vira bicho bruto

E corre pelo meio da rua

Rinchando como animal (72).

Padre Cícero declara guerra aberta contra esses pecadores e os condena ao inferno. Para eles

⁶ Veja 'Crônica das Casas de Caridade do padre Ibiapina' p. 17.

⁷ No início de seu apostolado em Juazeiro, padre Cícero sonhou diversas vezes com um urso *pega que pega* segurando o globo terrestre como para esmagá-lo. Veja Barros, Luitgarde O. C., *A Terra da Mãe de Deus*, Francisco Alves, Rio de Janeiro, 1988.

⁸ A história do menino da serra do Araripe.

só há uma saída: a penitência, ou seja, a rendição aos conselhos do padre através da confissão. A guerra declarada pelo sacerdote atinge diretamente os próprios romeiros, que são levados a se considerar pecadores e a procurar refúgio na *santa igreja*, lugar por excelência de reza e penitência.

7. A Guerra

A rápida colheita de textos, que acabamos de fazer, nos leva ao tema da guerra. Padre Cícero está em estado contínuo de guerra. Ele está em armas e intenta ferir a mente de seus ouvintes. Numa análise freudiana: ele procura causar traumas no sistema neural de seus ouvintes. Os neurônios podem ser feridos tanto quanto a parte externa do corpo. Seria, sem dúvida, útil prosseguir nessa linha psicológica e verificar até que ponto o método pedagógico de padre Cícero rebaixa a auto-estima de seus ouvintes, cria timidez e dependência, combate a liberdade⁹.

Mas não é por esse caminho que desejo continuar. Como historiador, prefiro tecer comentários de cunho histórico. É evidente que a visão sombria de padre Cícero não é nenhuma exceção na história da pastoral católica. Pelo contrário, pertence à metodologia guerreira que perpassa grande parte dessa história. Pertence ao que, no meu ensaio 'Formação do Catolicismo brasileiro', chamei de 'catolicismo guerreiro'¹⁰.

Vejam rapidamente a persistência desse 'catolicismo guerreiro' em três níveis: o regional, o brasileiro e o universal. No plano regional, o método catequético de padre Cícero não difere substancialmente do método usado por dois outros ilustres cearenses: padre Ibiapina e beato Antônio Conselheiro, embora ele não chegue ao extremo de um Ibiapina, que manda queimar numa fogueira armada na praça principal do lugarejo, as ' vaidades' das mulheres e as ' violas' dos homens, enquanto as pessoas cantam:

Já morreu o samba

Já venceu Jesus.

Ardam as violas

*Em honra da cruz*¹¹.

No plano mais amplo da história do Brasil, cito aqui apenas algumas frases colhidas de cartas enviadas a Portugal por alguns dos primeiros jesuítas que aportaram aqui, em 1549, na praia mansa do porto da Barra na Bahia:

Padre Antônio Blasques: *Todos temem e todos obedecem;*

Padre Francisco Pires: *Com espada nua e campal de guerra;*

Manuel da Nóbrega: *O gentio, se fosse senhoreado ou despojado, teria vida espiritual;*

Luís da Grã a Santo Ilário (o fundador da Companhia): *Esse gentio, padre, não se converte com lhe dar coisas da fé nem com razões nem com palavras de pregação.*

José de Anchieta: *Para esse gênero não há melhor pregação que a espada e a vara de ferro. Não se pode ensinar, não há quem queira ser ensinado;*

Francisco Pires: *Dois anos há que viemos para estas terras do Brasil e achamos nossos irmãos da Companhia um tanto estéril (sic)*¹².

⁹ O termo 'trauma' (ferida mental), usado por Freud no seu famoso esquema de 1933 (id, ego, superego) seria apropriado aqui, no meu entender. A euforia com que neurocientistas falam da 'década do cérebro' (1990), aludindo às sensacionais conquistas no tocante ao mapeamento do cérebro humano, trouxe consigo uma revalorização do pensamento de Freud, especialmente de seu famoso esquema de 1933 (id, ego, superego, subconsciente, trauma, etc.). Veja diversos artigos publicados na revista 'Scientific American do Brasil'.

¹⁰ Hoornaert, E., *Formação do Catolicismo brasileiro*, Vozes, Petrópolis, 1991 (terceira edição), 31-65.

¹¹ Crônica, op. cit., 46.

¹² *Formação do Catolicismo brasileiro*, op. cit., 47.

Na longa história do catolicismo europeu, as coisas não são muito diferentes. Dos tempos da domesticação cristã dos povos germânicos entre os séculos VI e XI, resta-nos uma iconografia repleta de demônios furiosos, pessoas angustiadas diante da perspectiva de sofrimentos eternos nas chamas do inferno, medo do juízo final. O procedimento é tão traumatizante que os teólogos resolvem, lá pelos séculos VIII ou IX, criar o purgatório para amenizar a imagem absolutamente insuportável da eternidade do inferno¹³. Conforme escreve o historiador francês Jean Delumeau, o poder da igreja na Europa está alicerçado, durante muitos séculos, na “pastoral do medo”¹⁴.

A “guerra missionária” no Cariri está pois inserida numa longa tradição. Mas o que a distingue das demais guerras religiosas? Como caracterizá-la? Para tanto, é bom lembrar que o cristianismo não é ancestral nestas terras. Milênios de presença humana nestas paragens antecedem sua aparição. O historiador cearense Capistrano de Abreu evoca tempos relativamente recentes em que as estruturas mentais indígenas ainda são vigorosas em todo o Ceará. São os capuchinhos italianos que introduzem aqui, nos séculos XVIII e XIX, os rigorosos métodos catequéticos herdados da Idade Média, com perspectivas sombrias e ameaças. Padre Cícero é herdeiro dessa história. Ele não suporta a presença, em Juazeiro, de “feiticeiros” (caboclos, pajés, curandeiros, pais-de-santo). Diz coisas horríveis sobre eles (35, 36, 37) e vai pessoalmente às suas casas, dando-lhes um prazo de quinze dias para deixar Juazeiro. Expulsando os feiticeiros, padre Cícero nega sua própria ancestralidade.

Pode-se descrever o processo da maneira seguinte: no Cariri, uma sedimentação multissecular de modos de se educar os filhos, praticar o sexo e a religião, habitar, comunicar-se, enfim: viver, recebe virulentos ataques de missionários vindos de fora. Frei Vidal da Penha (de Recife) lança lúgubres ameaças sobre o povo do Cariri¹⁵. Depois aparecem sacerdotes e beatos nascidos em chão cearense que seguem a mesma metodologia. As memórias de Maria da Conceição mostram a cada página a inserção da pregação de padre Cícero nessa tradição. Como seus antecessores, ele procura inculcar conceitos como pecado, inferno, fim de mundo, juízo final, tentação, merecimento. São temas novos, inexistentes na tradição indígena anterior. Mas o sacerdote vai em frente, parece não tomar consciência de que está atacando as raízes culturais de sua terra. A mesma contradição aparece nas falas de Antônio Conselheiro, conforme analisei no meu ensaio “Os Anjos de Canudos”¹⁶.

8. A negociação

Alguns, dos que me ouvem neste momento, podem pensar: Não é sempre assim? Pode ser diferente? Sim, pode ser diferente. A história do cristianismo, em contacto com as culturas, oscila entre guerra e negociação. O exemplo mais famoso de negociação missionária consiste no trabalho dos missionários gregos Metódio e Cirilo nos países eslavos, nos séculos IX e X, e que está na origem da bem sucedida conversão da Rússia ao cristianismo. Esses missionários adotam a língua e os costumes dos eslavos, não humilham a ancestralidade eslava. Outro exemplo é o Concílio Vaticano II, quando adota uma postura de respeito diante das culturas e faz com que a “pastoral do medo” desapareça aos poucos, nos dias correntes.

Um grande argumento a favor da negociação provém do processo galopante da globalização, que vem a exigir um incessante diálogo entre povos e culturas, ideologias e religiões. Na cena política atual, israelitas têm de negociar com palestinos, anglo-americanos com latino-americanos nos Estados Unidos, afro-descendentes com euro-descendentes no Brasil. Quanto à religião, o deus vencedor (que

¹³ Le Goff, J., *La Naissance du Purgatoire*, Gallimard, Paris, 1981.

¹⁴ Delumeau, J., *La Peur en Occident*, Fayard, Paris, 1978.

¹⁵ Crônica, op. cit., 16-17.

¹⁶ Hoornaert, E., ‘Os Anjos de Canudos’, Vozes, Petrópolis, 1997, 32-38.

hoje é o Deus cristão) não pode mais humilhar os deuses vencidos, como aconteceu no passado. Pois esses deuses vencidos representam valores fundamentais na vida das pessoas, simbolizam sua identidade e dignidade, sua auto-estima, seu dinamismo vital. O cristianismo não pode mais se dar ao luxo de destruir os deuses ancestrais. Pelo contrário: os deuses, tanto vencedores como vencidos, precisam se dar as mãos em benefício da vida das pessoas e da natureza.

9. Conclusão

Escrevi acima que a figura de padre Cícero se me tornou tão simpática ao longo dos anos que relutei em examinar a fundo o documento de Maria da Conceição. O “mundo sombrio de padre Cícero”, presente em cada página do mencionado documento, não combinava com a idéia positiva do sacerdote que eu me tinha formado. Penso que isso acontece com muitos(as) de vocês. Estamos passando por uma fase de recuperação positiva da imagem do sacerdote. Mas não podemos permanecer num discurso unicamente laudatório. Aos poucos, padre Cícero retorna ao mundo da normalidade ao lado das pessoas e em diálogo cotidiano com elas. A triangulação dramática Dom Joaquim – Padre Cícero – Maria de Araújo, que parece definitivamente codificada na iconografia juazeirense¹⁷, postula um tratamento que não seja nem heróico nem extraordinário. O dramaturgo alemão Berthold Brecht dizia: *Ai do povo que necessita de heróis*. Um povo livre aprende a viver sem heróis, simplesmente com pessoas normais. Ora, na minha fala procurei apresentar um padre Cícero normal, dentro da tradição clerical de seu tempo em termos de pregação sobre pecado, inferno e juízo de Deus. Sua grandeza está alhures, na segurança e confiança com que segue os ditames de sua consciência. Dentro da vida humana de cada um(a), há momentos em que aparecem figuras parecidas com Dom Joaquim (a autoridade impositiva), padre Cícero (a dignidade da consciência), Maria de Araújo (a impossibilidade possível). Nesses momentos, padre Cícero ensina que a consciência está acima da obediência. Melhor, ela nasce a partir da desobediência. Cada um(a) de nós vive esse drama: consciência versus ordem autoritária; confiança versus medo; ego versus superego. Obedecer à consciência antes de obedecer ao bispo. Eis a grande lição de padre Cícero.

¹⁷ Veja as iconografias no ensaio de Maria do Carmo P. Forti, *Maria do Juazeiro, a beata do milagre*, Annablume, São Paulo, 1999.

O FENÔMENO DE NAZARÉ — O FENÔMENO DE JUAZEIRO

Dimensão teológica da vivência das devoções populares

Aldo Fernandes

teólogo pastoralista
af@eletronet.com.br

1. Premissa: Já a Constituição “Sacrosanctum Concilium”, do Concílio Vaticano II, sobre a Sagrada Liturgia, no nº 13, recomendava vivamente os piedosos exercícios do povo cristão, desde que conforme às leis e às normas da Igreja¹. Em 8 de Dezembro de 1975, o Papa Paulo VI publicou a Exortação Apostólica “Evangelii Nuntiandi”, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, no qual comparece oficialmente o termo “Religiosidade Popular”. No número 48 daquele Documento, encontramos na voz de Paulo VI a zelosa atenção por um aspecto colocado em destaque pelos Bispos na observação da evangelização da época, no qual “*subsistem expressões particulares da busca de Deus e da Fé*”². Além de reconhecer que tais expressões foram tratadas como menos puras e até com desdém, o Papa as coloca em relevo pelo fato de se constituírem como objeto de uma descoberta. Com realismo, os Padres Sinodais perceberam os riscos de “*penetração de muitas deformações da religião, como sejam, por exemplo, as superstições*”, e até de superficialidade no tocante à “*uma verdadeira adesão de fé*”, podendo levar “*à formação de seitas e pôr em perigo a verdadeira comunhão eclesial*”. Apesar disso, o Papa diz que, se bem orientada, “*mediante uma pedagogia da evangelização, a Religiosidade Popular é algo rico de valores porque traduz em si uma sede de Deus que somente os pobres e os simples podem experimentar; ela torna as pessoas capazes a terem expressões de generosidade e predispõe-nas ao sacrifício até ao heroísmo, quando se trata de manifestar a fé; ela comporta um apurado sentido dos atributos profundos de Deus: a paternidade, a providência, a presença amorosa e constante, etc*”. Além disso, “*suscita atitudes interiores que raramente se observam em outros casos no mesmo grau: paciência, sentido da cruz na vida cotidiana, desapego, aceitação dos outros, dedicação, devoção, etc*”. O Papa chama a estas expressões de “ *piedade popular*”, no sentido de religião do povo. Por fim, o Papa determina que toca aos Pastores da Igreja estabelecer as normas de procedimento em relação à “*piedade popular*”, cuidando para que a justa sensibilidade garanta a valorização das suas dimensões interiores e dos seus inegáveis valores, de modo que os Bispos ajudem com sua orientação a “*que esta religiosidade torne-se para as massas populares um verdadeiro encontro com Deus em Jesus Cristo*”³.

2. Continuidade: A partir da “Evangelii Nuntiandi”, a piedade popular foi cada vez mais valorizada e retomada em outros Documentos da Igreja, que se viu urgida esta realidade como instrumento de evangelização. Exemplo disso, foi o notável interesse que os Bispos deram ao assunto na Conferência de Puebla, em cujo Documento a religiosidade popular é descrita com as palavras de Paulo VI⁴ e identificada como “*forma ativa com que o povo se evangeliza continuamente a si próprio*”⁵. É minuciosa e rica de componentes a descrição da religiosidade popular feita em Puebla. Os Bispos colocam em evidência elementos que vão desde a presença trinitária nas devoções e iconografias, passando pela pessoa de Cristo celebrado em seu mistério de encarnação, crucifixão, na eucaristia e na

¹ - CONCÍLIO VATICANO II, *Constituição Sacrosanctum Concilium*, sobre a Sagrada Liturgia, n. 13

² - PAULO VI, *Exortação Apostólica Pós-Sinodal, Evangelii Nuntiandi*, sobre a Evangelização no Mundo Contemporâneo, 1975, n. 48

³ *Ibid.*

⁴ CELAM, *Conferência Episcopal Latino Americana*, Puebla – 1979, nn. 444-449

⁵ - PUEBLA, n. 450

devoção ao Sagrado Coração; indicam ainda o amor a Maria, aos santos, aos defuntos, até enxergar nesta religiosidade a consciência da dignidade da pessoa e da fraternidade solidária, da consciência do pecado e necessidade de expiação, bem como a capacidade de expressar a fé numa linguagem total que supera os racionalismos (canto, imagens, gestos, cor, dança); a fé situada no tempo (festas), e em lugares (santuários e templos); a sensibilidade para a peregrinação como símbolo da existência humana e cristã; o respeito filial aos pastores como representantes de Deus; a celebração comunitária da Fé; a integração profunda dos sacramentos e sacramentais na vida pessoal e social; o afeto particular pela pessoa do Santo Padre; a capacidade de sofrimento e heroísmo para suportar as provas e confessar a fé; o valor da oração, aceitação dos outros. Os Bispos lamentam também que a religião popular na América Latina sofra há tanto tempo por causa do divórcio entre a elite e o povo, o que explica a falta que ela sente da educação, da catequese e do dinamismo, devido à carência de uma adequada pastoral da religião popular⁶. Igualmente madura e realista é a análise feita pelos Bispos dos aspectos negativos presentes na religiosidade popular, que derivam de razões ancestrais, como a magia, o fatalismo, a idolatria do poder, o fetichismo e o ritualismo. Por deformação da catequese: arcaísmo estático, falta de informação e ignorância, reinterpretação sincretista, reducionismo da fé a um mero contrato na relação com Deus. Por ameaças: secularismo difundido pelos meios de comunicação social, consumismo, seitas, religiões orientais e agnósticas, manipulações ideológicas, econômicas, sociais e políticas, messianismos políticos secularizados, perda de suas raízes e proletarianização urbana, em consequência das transformações culturais, cujos fenômenos dificultam a evangelização⁷. No Documento de Puebla os Bispos se colocaram tarefas e desafios de efeito pastoral prático de médio e longo prazo. Caberia aos Pastores um exigente trabalho de reinterpretação da religião do povo, sem o qual se produziria um vazio ocupado pelas seitas, pelos messianismos políticos secularizados, pelo consumismo que produz tédio e a indiferença ou o pansexualismo pagão⁸.

3. Atualidade: De Puebla (1979), passando por Santo Domingo (1992) – trata da religiosidade popular nos números 36 e 247), pelo Catecismo da Igreja Católica (1992) e pelo Sínodo dos Bispos para a América, em 1999⁹, até às últimas Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora da Igreja no Brasil¹⁰, a piedade popular foi reconhecida como expressão favorável ao encontro com Jesus Cristo vivo. Sob o influxo espiritual e pastoral das celebrações do Grande Jubileu dos 2000 Anos de Jesus Cristo, o Papa João Paulo II quis colocar em destaque as Peregrinações aos Santuários de Cristo, da Virgem Maria e dos Santos.

4. O fenômeno: O Pe. Carlos Furbetta condensou um estudo do teólogo Giuseppe de Rosa, publicado em "Civiltà Cattolica", e a Editora O Recado o publicou no n° 166, de Dezembro de 1999, sob o título "Religiosidade Popular", no qual se encontra um perfil bem delineado do fenômeno citado, que nos oferece também matéria para perceber a dimensão teológica e pastoral da vivência das devoções que o povo pratica em sua religiosidade. O Pe. Furbetta diz que "por '*Religião Popular Cristã*' entendemos todas as formas de devoção que nasceram e se desenvolveram a partir do século IV no meio do povo cristão, ao lado e fora da liturgia da Igreja, e que tiveram uma vida própria, mesmo que nem sempre, nem de todo, independente da liturgia"¹¹. Observado em suas características, podemos entender que o fenômeno possui:

⁶ - Cf. PUEBLA, nn. 454-455

⁷ - Cf. PUEBLA, nn. 454-455

⁸ - Cf. PUEBLA, n. 469

⁹ JOÃO PAULO II, Exortação Apostólica Pós-Sinodal "Ecclesia in América" - 1997, n. 16

¹⁰ CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL - CNBB – Diretrizes Gerais da Ação Evangelizadora - DGAE – 2003-2006, nn. 36; 197

¹¹ – FURBETTA, Pe. Carlos. *Religiosidade Popular*. Editora O Recado, n° 166, Dezembro-1999

a) Objeto: A busca de Jesus nos acontecimentos de sua vida terrena (nascimento, infância, paixão, morte); em seu corpo físico (devoção às 5 chagas, ao sangue de Cristo, ao Coração de Jesus); em seu corpo Eucarístico (devoção à Eucaristia, festa de Corpus Christi); devoção à “visão” da Hóstia Consagrada (= exposição do Santíssimo Sacramento). A busca de Maria nos acontecimentos de sua vida (concebimento, nascimento, anunciação, maternidade, dores, assunção ao céu). A busca dos Santos e suas relíquias. A devoção aos Fiéis Defuntos.

b) Matéria: Nas devoções populares, o “sagrado” se materializa: lugares tornados sagrados por acontecimentos milagrosos, aparição, achado milagroso de imagens (por exemplo, Nossa Senhora Aparecida), ou presença nesses lugares de uma imagem milagrosa; materiais considerados sagrados porque foram abençoados: imagens, terços, escapulários, medalhas, fitas, água, óleo, velas etc.

c) Corpo: É típico da religiosidade popular valorizar os gestos corporais: o sinal da cruz, a genuflexão, o beijo, o toque em objetos sagrados, o jejum, as procissões, as romarias..., executados de um modo bem determinado pelo imaginário da “tradição popular”, a fim de que não se falte com a promessa ou se acabe cometendo um “pecado”.

d) Sentimento: Nas devoções populares, os sentimentos são expressos de modo a impressionar, mais que em preocupar com as razões; vale mais a festa que o significado e as implicações da mesma;

e) Gosto pelo prodigioso: Os milagres, as aparições de Nossa Senhora que pede oração e penitência ou anuncia um futuro ou chora sobre os pecados dos homens... como também pessoas com dons extraordinários de Deus, como visões, revelações, estigmas, poder de curas, leitura de consciências: tudo isso exerce fascínio e é especialmente atraente na religiosidade popular.

f) Respostas visíveis d'Aquele que não se vê: Na Religiosidade popular há uma busca de respostas para as necessidades temporais; mais que a adoração e o louvor, a liturgia organizada e exigente de Fé no que mais se pensa e menos se sente, nas devoções populares se estabelece com o Sagrado uma ponte que facilite as respostas às necessidades mais prementes: a cura de doenças próprias ou dos familiares; de proteção contra perigos que ameaçam a vida própria ou de familiares; os Santuários mais freqüentados são aqueles em que mais e consegue tudo isso; os Santos mais venerados são os que têm maior fama de alcançar essas graças (Santo Expedito, Santa Rita de Cássia, Santo Antônio, São Roque - contra a peste, etc.).

De acordo com a região, o povo, a época, as circunstâncias históricas, os níveis culturais, econômicos, sociais e políticos locais observados, as características da religiosidade popular e as devoções praticadas pelo povo assumem expressões e proporções diferentes.

5. Razões teológicas: A valorização das devoções populares da parte do teólogo e da própria Comunidade eclesial é uma urgência que brota da Fé. O olhar científico não conseguirá superar os limites do meramente fenomenológico e explicar as devoções praticadas pelo povo naquilo que é mais emergente e até superficial. Todavia, em suas motivações profundas, sob a ótica da Fé, encontramos nas devoções uma variada forma de encontro com Deus, procurada por todos, ricos e pobres, cultos e iletrados, como meio suficiente e necessário para este encontro se tornar cada vez mais inteligível, sensível e eficaz. O caráter sentimental e material mais visível nas devoções populares que em outras expressões ditas mais “oficiais” da Celebração dos Mistérios da Fé coloca em evidência a verdadeira natureza do Cristianismo: a Religião da Encarnação, cujos veículos da Graça é a Humanidade de Cristo e os Sacramentos. Antes de quaisquer interpretações precipitadas diante das devoções populares cabe contemplar num beijo à imagem e à fita, no gesto de acender uma vela, no rigor de uma romaria ou de uma penitência, no olhar piedoso à Eucaristia ou às Relíquias um forte e profundo desejo de Comunhão com Deus, um pontifical de relacionamento familiar com os Amados celestes, uma antecipação concreta, embora limitada, do que se espera um dia ver com os próprios olhos, tocar com as próprias mãos e tomar posse eternamente. De fato, “a fé é a tomada de posse

daquilo que se espera, um modo de demonstrar aquilo que não se vê" (Hb 11,1). Na devoção prevalece mais o que se sente do que se raciocina ou medita organizadamente. Lá onde e em quem faltar um ambiente catequético de cunho teológico mais acadêmico (seminários, conventos e centros de formação teológica para leigos – e são absolutamente poucos em relação à demanda do número de católicos!), o catolicismo devoto tende a se estabelecer e a se estruturar paulatinamente, até assumir expressões de grande vulto, como é o caso do caminho histórico percorrido pelas devoções em lugares de aparições ou achados de imagens: Santuário de Nossa Senhora Aparecida, Basílica de Nossa Senhora de Nazaré, em Belém; Bom Jesus da Lapa, na Bahia; ou ainda, a busca das graças mediadas pelos Santos canonizados ou canonizáveis que o povo conhece, como no caso da devoção ao Padre Cícero em Juazeiro, no Ceará, ou a Frei Damião, no lugar de sua sepultura. Na atitude devota, o passo é curto entre o que é sentido e difundido de pessoa a pessoa até ganhar corpo volumoso, como é o caso das romarias. E como o devoto não quer ser mal interpretado, ou explicado em termos de exclusão do seu verdadeiro habitat eclesial, então a Liturgia Eucarística será sempre o lugar de honra preferido por todos para que a devoção adquira sua plenitude: desejo este presente no dever do Pastor, do Teólogo e do Devoto em defesa da própria Fé. Caso essa apologia não ocorra, o passo também será curto entre a devoção defendida com calor até ao abandono e à condenação que o devoto decepcionado fará de sua Fé Católica e de todas as tradições das devoções populares tachadas a partir daí como idolátricas, supersticiosas e inúteis.

6. Perigos a evitar: Excessos nunca fazem bem! Uma super-exaltação da Religiosidade popular, que negligencia sempre o dever de uma avaliação crítica da mesma, peca por excesso de empolgação: ao lado de formas ricas de valores, existem também formas muito pobres de expressão de Fé nas devoções populares. Por outro lado, para as pessoas mais desprovidas de recursos mais completos de comunicação e aprendizado da Fé Católica, tais expressões são ainda o único caminho e meio para o seu encontro com Deus. Do mesmo modo, tachar de paganismo as expressões materiais, corpóreas ou sentimentais das devoções populares, significa precipitar-se em análises puristas da Religião, capaz de saltar por cima da pessoa e de sua contingência psico-cultural e social. Dizer que as devoções da Religiosidade popular não correspondem ou não se situam na Liturgia "oficial" da Igreja é esquecer-se do que a Constituição "Sacrosanctum Concilium" observou como limite da Liturgia: "A Sagrada Liturgia não esgota toda a ação da Igreja. Pois, antes que os homens possam chegar-se da Liturgia, faz-se mister que sejam chamados à fé e à conversão..." (12). Portanto, importa aproveitar das devoções populares tão difundidas em alguns lugares para indicar aos homens do nosso tempo os meios para que creiam em Cristo Jesus e a Ele se convertam. Igualmente hão de se evitar atitudes como um biblicismo exclusivista e gnóstico (que equivale dizer que a salvação se alcança pela gnose, pelo conhecimento) e montanista (ou seja, entender a Igreja como uma sociedade de elites). A "pedagogia da Fé", preconizada por Paulo VI, resultará da união de esforços de caráter científico e da sensibilidade dos pastores e teólogos para que a Religiosidade do Povo seja tratada pelos Sacerdotes com o respeito que merece, com a paciência que exige e com a sabedoria que conduz os homens à conversão e à comunhão com toda a Igreja.

7. À guisa de exemplo: Em Belém do Pará, desde os anos de 1792, a Igreja viu crescer uma devoção popular em torno da Imagem de Nossa Senhora, achada pelo caboclo Plácido, às proximidades de um riacho. Da casa do caboclo, a imagem passou para a Igreja construída no local, ampliada várias vezes até que se chegasse à atual Basílica de Nazaré, a terceira Basílica do Brasil, iniciada em 1909 pelos Padres Barnabitas (antes havia apenas a da Sé, na Bahia e a de São Bento, em São Paulo). Com privilégios basilicais, decorrentes de sua similitude arquitetônica com a Basílica de Santa Maria Maior, mãe de todos os templos marianos do mundo, a Basílica de Nazaré atrai romeiros e devotos do Pará, do Brasil e do mundo, que vão a Belém para o Círio de Nazaré, Festa que reúne no 2º

domingo de Outubro mais de 2 milhões de pessoas a cada ano na procissão que percorre 4 quilômetros, levando a Imagem de Nossa Senhora de Nazaré numa manifestação que tem preparação de um mês de antecedência e cujos festejos duram 15 dias, nos quais, réplicas da Imagem achada percorrem as casas, apartamentos, repartições comerciais e do Governo, sendo homenageada como a Padroeira dos Paraenses e da Amazônia, com honras militares e de autoridade estadual. O Círio de Nazaré, propriamente dito, cheio de encanto, beleza, poesia e valorização da arte e cultura locais, sobretudo da saborosa culinária paraense, capaz de reunir a família e os amigos para o tradicional “almoço do Círio”, desenvolve-se ao longo de uma quinzena, e tem início com a descida da Imagem do seu nicho na Basílica ao altar para a veneração dos romeiros e aí fica até seu retorno no encerramento da Festa. Majestosas e concorridas são as Procissões rodoviária e fluvial, da Trasladação do Colégio Gentil Bittencourt para a Catedral da Sé, no sábado à noite, e, no domingo pela manhã, da Catedral até à Praça Santuário. A imagem vem colocada na Berlinda, espécie de carro-andor, ricamente ornada de flores naturais e luzes, puxada por uma tradicional corda que mede mais de 500 metros, a qual é disputada pelos romeiros que, sempre de pés descalços, pagam suas promessas, pegando ou puxando a corda, gesto com o qual se ligam à imagem, além do que, carregando na procissão os mais variados objetos (casas em miniatura, pedras, círios, partes do corpo humano feitos de cera, como também miniaturas de barcos, carros e tudo o que representar a graça alcançada pela intercessão de Maria). Ao longo da “quadra nazarena”, a Basílica é visitada diariamente por caravanas de fiéis peregrinos. A acorrida dos Romeiros ao Confessionário é superior à generosidade dos padres barnabitas e de tantos outros da Arquidiocese que se dispõem a atendê-los; as Novenas, Adorações ao Santíssimo Sacramento, Santas Missas, a Oração do Rosário, e as demais Celebrações, sempre dirigidas por Pregadores convidados, imprimem à Basílica de Nazaré a marca de um “lugar particular de peregrinação em que o povo de Deus busca o encontro com a Mãe de Cristo, procurando achar no clima de especial irradiação da presença materna a consolidação da própria fé” (João Paulo II) (13). Em Belém, como em outros Santuários Marianos no Brasil e no mundo, pessoas diferentes se assemelham ao menos num aspecto: a devota e piedosa expressão de sua Fé, que pode se constituir em especial ocasião de conversão e de evangelização, sob o influxo da Graça de Cristo, de Maria e dos Santos e sob o empenho dos Pastores do Povo de Deus. A urgência deste acompanhamento evangelizador se faz ainda mais evidente quando o olhar do pastor é capaz de sentir nos Fiéis suas reais necessidades: de ser ouvido, de ser acolhido com respeito e atenção solidária, de experimentar a misericórdia divina na Celebração do Sacramento da Reconciliação, ou de receber uma luz em sua vida através de uma oportuna Direção Espiritual; uma iniciativa pastoral ainda mais zelosa levará o Pastor e a Comunidade a organizar Centros de Acolhida dos Romeiros, com instalações que lhes permitam um bom apoio, espaços previstos para as caravanas, equipes de liturgia e de orientação nos ambientes de visitas, Sacerdotes dispostos para as Confissões e atendimento espiritual, inserção dos Romeiros em atividades organizadas de oração e recolhimento, pregação de retiros e Grupos de Estudos sobre o motivo que os atrai ao Santuário, particularmente conduzindo os fiéis à caridade para com os mais pobres da própria Comunidade, com obras sociais que atendam às suas mais urgentes necessidades, num testemunho eloquente de fé e vida.

8. Conclusão: As devoções populares ocupam lugar privilegiado no bojo do amplo fenômeno denominado “Religiosidade Popular”, como expressões espontâneas ou multissecularmente articuladas no imaginário e na prática de Fé dos fiéis de uma determinada Comunidade. É fato que brota da sede de respostas divinas aos problemas mais urgentes da vida, sentidos pela pessoa carente de tudo e de Deus. Nas manifestações da piedade, os fiéis se sentem à vontade, às vezes com e às vezes sem ritos pré-determinados, livres de constrangimentos impostos por um perfil requintado do que há de oficial em sua Igreja. As devoções populares são ao mesmo tempo tão

espontâneas e tão defendidas pelo próprio povo como o seu mais genuíno patrimônio de Fé, algo que os qualifica e os identifica, como também suscetível de manipulação política e econômica de interesses espúrios. Caberá sempre aos Pastores de almas (14) o dever de empenhar as melhores energias para acompanhar os devotos, num digno respeito por suas tradições e na atenção aos sinais do Espírito Santo, que fala às Igrejas através das devoções e dos Devotos, como numa contínua interpelação à renovação e à inculturação do Evangelho de Cristo nos corações e na vida dos fiéis, até que Deus seja tudo em todos (cf. 1Cor 15,28).

Referências Bibliográficas

FURBETTA, Pe. Carlos. *Religiosidade Popular*. Editora O Recado, nº 166, Dezembro-1999
 CONCÍLIO VATICANO II – *Constituição "Sacrosanctum Concilium"*, sobre a Sagrada Liturgia, n. 9
 Cf. *"Barnabitas no Brasil – 100 Anos"*, publicação da SOBRAC – Sociedade Brasileira de Ação e Cultura
 Província dos Barnabitas do Norte; Agência Ver Editora Ltda., Belém -PA, 2003; pp. 47-58
 Cf. *Catecismo da Igreja Católica*, nn. 1674-1676

DO ANÁTEMA AO ACOLHIMENTO PASTORAL

Manoel Henrique de Melo Santana

pastoralista
 apostolopedro@ig.com.br

Introdução ao tema

Os nordestinos sempre tiveram o amparo dos céus. Sua fé os transforma em homens fortes, como já constatara Euclides da Cunha. São Francisco de Canindé, Ibiapina, Antônio Conselheiro e a Mãe de Deus das Dores são seus protetores. E mais ainda: juntemos a este quadro meu Padrinho Padre Cícero do Juazeiro.

De lá pra cá caminhou a história e provocou mudanças. Padre Cícero era pessoa que não podia ser exemplo de padre ou de Igreja. Em nossa formação nos transmitiram sérias lições pastorais de não se permitir sua imagem sobre os altares, muito menos em procissões. Mudou a Igreja, mudamos nós, mesmo sem ter recebido nenhuma contra-ordem. Isso causou na Igreja a retomada de seu processo de reabilitação histórica, caminho para o que poderá ser o primeiro santo nordestino. Será muito difícil nada fazer neste momento institucionalmente, pois o povo já o fez em sua fidelíssima obediência à Santa Madre Igreja. Hoje, será o tempo de nós, padres, pedirmos perdão ao Pai da Misericórdia e aos nossos irmãos romeiros por tantos e quantos anos de indiferença e marginalização dos romeiros, com quem jamais constatamos algum conflito de ordem eclesial. A sua fiel obediência pastoral parecia mirar-se em seu Padroeiro.

A palavra "anátema" significava "pôr à parte". Aplicado às pessoas, significava estar ferido pela interdição de estar em comunidade, no ofício que exercia (Dicionário Patrístico e de Antiguidades Cristãs – Vozes e Paulus, 2002). Aurélio, em seu Dicionário, fala que anátema, no grego e no latim, significa expulsão do seio da Igreja, excomunhão, ou então indivíduo maldito, amaldiçoado.

O acolhimento pastoral, apesar de não ser uma recepção oficial da Igreja, representa, porém, uma fase assaz avançada neste processo de aproximação.

Peço licença para tomar as palavras de Padre Murilo para explicar a reabilitação de Pe. Cícero:

Que os romeiros gostariam de ver o Padre Cícero oficialmente venerado, não há dúvida. Que, por outro lado, eles nem sequer sabem o que é reabilitar, é também muito certo. Para o povo, o Padre Cícero deve ser é "canonizado". Canonizar alguém é para o povo a declaração infalível de que o Servo de Deus é santo, isto é, está no Céu.

Percebemos que a maioria de seus afilhados já tem esta garantia. O Papa, ao canonizar o Padre Cícero, apenas responderia o que eles gostariam de dizer: "Eu já sabia".

Para uma parte mais consciente dos romeiros reabilitar o Padre Cícero é muito importante. Para os juazeirenses, então, é uma espécie de salmo penitencial da história. A caminhada desses estudos já assinalou diferentemente. Sobre tudo as gerações mais jovens de Juazeiro estão mais aliviadas, diante da constatação que outrora lhes atiravam no rosto serem eles habitantes da "Embustelândia".

1. Do anátema:

Padre Cícero terá sido ele mesmo a vítima de seu tempo? Fora preparado para este tempo. O Seminário da Prainha era de orientação europeizante, afirma Raimundo Araújo, sem que esse quadro pudesse desfazer as influências regionais que tão bem marcaram a Igreja desses idos. Seu estilo de vida, de batina rota, que dividia entre os famintos as esmolas recebidas. Não vivia das espórtulas eclesiásticas. As práticas pastorais são do catolicismo popular. A Igreja de Roma estava preocupada com o Novo Mundo. O projeto chamado de "romanização" não era um simples projeto, mas uma mega operação "empresarial", visando a transformação desta realidade brasileira, tão nordestina.

Uma passagem de Raimundo Araújo (em Juazeiro do Padre Cícero – Antologia), relatando uma entrevista com o Pe. Azarias Sobreira assim nos revela:

"Em entrevista a nós concedida em Fortaleza em 1973, o Padre Azarias Sobreira traçou o perfil dos beatos, e principalmente dos penitentes, como sertanejos de moral rígida, costumes familiares elevados, grandes tementes de Deus. Agricultores pobres, os antigos decuriões dirigiam-se ao Juazeiro onde o Padre Cícero assistia-lhes com conselhos, regras de bem viver e os sacramentos da Igreja. Duas das últimas beatas de Ibiapina, no Cariri, Maria e Izabel da Luz tiveram importante papel na constituição da sociedade de Juazeiro, como professoras e orientadoras das famílias, além de disseminadoras da mensagem católica através da encenação de dramas religiosos como a Paixão de Cristo, com a participação dos moradores e visitantes de Juazeiro. As técnicas ritualísticas de Juazeiro ao tempo do Padre Cícero serão as mesmas encontradas em Canudos e no Caldeirão após a morte do Padre. Homens do meio, os devotos orientavam suas famílias para o trabalho, circunscritos à ética do Evangelho, numa vida sóbria, de costumes restritos à economia sertaneja. Os supérfluos quase não existiam para aquela gente de vida ascética que tinha nos padres vistos por eles como santos, a exemplo de Ibiapina e Cícero e nos beatos. O ideal de vida cristã. Padre Azarias Sobreira costumava afirmar que os beatos levavam vida tão modelar que serviam aos olhos dos sertanejos, como consciência crítica. Comparação com os desregramentos da maioria dos sacerdotes da época. A opção clara dos sertanejos pela sua concepção religiosa agudiza as contradições entre esses seguidores e a burocracia da Igreja-instituição".

Não se pode, pois, desprender-se deste chão ideológico, quando Gramsci cognomina a religião católica como "a mais gigantesca utopia, isto é, a mais gigantesca metafísica que apareceu na história, já que é a tentativa mais grandiosa de conciliar, sob uma forma mitológica, as contradições reais da vida histórica". Terão sido eles vítimas da própria época? Roma não pensava do mesmo jeito e suas pretensões estavam bem distantes e diferentes desse catolicismo popular nordestino.

2. O Acolhimento Pastoral

"A Igreja mentira em relação ao Padre e eu, sabendo disso, calei-me. Eu tinha medo da Igreja, mas tinha muito mais medo do fogo do inferno. Anos depois, já não suportando o remorso e prestes

a morrer, pedia a ele uma sobrevida para compensar a minha omissão. Sobrevivi e escrevi o livro (Padre Azarias ao decidir-se escrever "o Patriarca do Juazeiro").

Dom José de Medeiros Delgado, Arcebispo de Fortaleza, afirmou: "Tenho o Padre Cícero como mártir e sua vida como martírio". E recentemente Dom Aloísio Lorscheider, ex-Arcebispo de Fortaleza, quando perguntado sobre o perdão da Igreja do Ceará ao seu povo, ele enfaticamente aponta que a Igreja deve pedir perdão ao Padre Cícero e aos seus Romeiros, pelo fato de seu Bispo ter dado ouvidos demais ao Cardeal Arcoverde.

Aos 76 anos de idade, obrigaram ao Pe. Cícero subir ao púlpito, para dizer ao povo que aquilo que todo mundo vira, inclusive sacerdotes e seminaristas, era uma mentira, uma farsa, relata-nos Dr. Cícero Pereira de Souza, em 1994.

A partir do Milagre da Hóstia, Pe. Cícero será severamente castigado e impedido de ser o que por vocação e missão havia sido chamado: ser sacerdote. Foi proibido de abençoar as pessoas, de receber romeiros e visitas em sua própria casa. De pregar, de confessar, de dar a comunhão, de celebrar a Santa Missa. Proibiram-no de construir igrejas. Pediram-lhe para acabar com as romarias e as medalhas com sua imagem.

Falo a partir dos meus 30 anos de presbítero em Alagoas. Hoje, faz-se uma acolhida pastoral realmente nova. Onde está a imagem de Pe. Cícero, aí estão os romeiros. Sua imagem está nas praças, avenidas e estradas, sem se falar das igrejinhas sob a proteção do santo do Juazeiro.

No meu Seminário, não se podia sequer falar sobre Pe. Cícero. Jamais podíamos celebrar a Eucaristia diante de sua imagem. Fazer procissão, muito menos. Disseram-me que os pais eram desaconselhados a colocar o nome de Cícero em seus filhos. Sua história não era pra ser contada a ninguém.

Enquanto isso acontecia, processava-se uma lenta transformação na Igreja. Os romeiros continuavam suas romarias, cada vez mais numerosas. O Juazeiro os acolhia pastoralmente, e os tratava humanamente. Do Juazeiro se fazia uma interligação com as Paróquias de suas origens. Pe. Murilo conhece a grande maioria dos romeiros pelo nome e seus padres. Travava-se assim uma interessante e planejada Pastoral de Conjunto regional.

Houve um momento de avanço nesse acolhimento. Hoje, as novas gerações de padres não possuem esse interesse pastoral. A religiosidade popular, entrou em crise, imediatamente após o Vaticano II, em seguida, foi retomada em Medellín e em Puebla. Hoje, com o advento dos Movimentos, como a "Nova Armada do Vaticano", a realidade da Religiosidade Popular se desfaz. Será necessário um novo empenho para esse aspecto tanto na formação como no ministério dos novos presbíteros.

O acolhimento pastoral aconteceu sem conflitos maiores, apesar do "conflito" preparado e armado dentro da Igreja. A persistência e a resistência religiosa do povo deram-lhe uma vitória sem precedentes. O sentimento de pertença à Igreja foi maior. Graças ao Juazeiro do Padre Cícero e a Nossa Senhora muitos cristãos permaneceram unidos na mesma Igreja Católica e não se bandearam para a onda das Igrejas Evangélico-pentecostais.

Um acolhimento tácito e uma feliz recuperação histórica dos personagens da Questão Religiosa do Juazeiro permitiram-nos chegar ao atual estágio pastoral.

Em Alagoas, o primeiro padre a trabalhar com os romeiros e a celebrar com eles a devoção ao Pe. Cícero, foi, se não me engano, o Pe. Abelardo Pereira Romeiro, de Atalaia. Depois dele muitos colegas fizeram a experiência de celebrar sempre os dias 20 de cada mês. Alguns fizeram a romaria ao Juazeiro, inclusive, de pau-de-arara, vivendo o ritual do romeiro.

Alagoas, o meu Estado, ainda oferece o maior espetáculo de romeiros ao Juazeiro. Apesar da severidade dos Vigilantes da Fé Romana, os nossos queridos Bispos, o nosso povo até hoje vive obediente e fielmente a sua fé, sem rupturas maiores. A distância do Juazeiro não foi levada em

consideração, quando, a pé, peregrinos percorrem os mais de 600 quilômetros. Do Pilar, todos os anos um grupo de ciclistas, devidamente identificados, vão ao Juazeiro, quando são acolhidos calorosamente pela equipe de acolhimento do Juazeiro.

A Parceria que não podia faltar:

Antecipo aqui minha avaliação sobre este mega evento. A Igreja não estará mais sozinha diante do fenômeno religioso como o que estamos aqui estudando. As ciências serão sempre bem-vindas. E, desta maneira, faremos justiça ao homem, ao ser humano, em seu complexo existir e situar-se históricos. Jamais a Igreja terá a pretensão de isolar-se e tratar discriminatoriamente o fenômeno. Pe. Cícero, que recebe aqui uma dimensão pluridisciplinar. Ganharemos todos em sociedade, quando na universidade do conhecimento humano, abordaremos com mais respeito as questões humanas, que jamais serão apenas questões religiosas. Meus parabéns a todos e que todos cheguemos aos objetivos almejados por este Simpósio Internacional. Amém!

DEBATE

Pergunta – O modelo Padre Cícero significou uma acomodação pastoral ao modelo social? Considerando a personalidade integradora dele, não haveria outros aspectos deste modelo mais adequados a este momento social? Se Padre Cícero não é mais modelo, como se explica o aumento do fluxo das romarias? Segundo as exigências do mundo globalizado, quem, nos destaques da humanidade, poderíamos tomar como modelo atual? Em que sentido o Padre Cícero seria modelo para seus devotos e seus admiradores nos dias de hoje? Se possível, dar um exemplo.

Hoornaert – Eu falei, na minha palestra, de um aspecto que eu consideraria mais um ataque ao que eu chamei de “ancestralidade oral ou vivencial”, um ataque a toda uma tradição anterior. Podemos dizer que o Cariri não começou com o Catolicismo e que o Catolicismo não é ancestral nesta região. O que houve aqui – os cientistas divergem – foram milhares e milhares de histórias e anti-histórias humanas. Não se pode negar a ancestralidade, o que significa que uma pessoa humana é filha não somente de ancestrais de três, quatro ou cinco gerações, mas de muitas outras na sua maneira de viver, de praticar sexo, de comer, de dormir, de educar os filhos, de esticar a rede. Não é só a tradição européia transplantada para cá. Quando chegaram os sacerdotes, não é que não havia nada aqui. Havia uma grande cultura. Então, o meu trabalho específico, que eu chamaria de ataque à ancestralidade, não é sobre o aspecto global do Padre Cícero. O Padre Cícero é muito maior do que isso. A minha colaboração não foi sobre o P. Cícero, a favor ou contra. Mas quero chamar a atenção para um procedimento cristão que me parece ultrapassado. Um procedimento que diminui a auto-estima das pessoas para poderem educar. Esta é toda a pastoral do medo que o Professor Francês Jean Delumeau escreveu. O que é isso? É tentar introduzir Jesus, inculcando medo nas pessoas. Ora, o medo é um elemento de morte para as pessoas. Houve isto aqui. Eu também não coloquei o Padre Cícero como protagonista desse método. Ele simplesmente seguiu toda a pastoral da Igreja daquele tempo.

Eu fui primeiro vigário de uma Paróquia na Paraíba, e convidei missionários para pregar as “Santas Missões”. Naquele tempo, eu não sabia muito bem como é que se fazia porque eu tinha vindo de fora. Os Padres chegaram e me disseram: “Olha Padre, é o seguinte: a primeira pregação é sobre o inferno”. Um outro padre, talvez mais crítico, ou mais tímido, ou mais bem intencionado, não sei, disse assim: “Olha Padre, o Senhor veio de fora, não conhece bem as coisas, mas aqui fazemos assim:

primeiro colocamos todo o mundo no inferno e depois vamos tirando devagar pela Confissão”. Portanto, não é só Padre Cícero e eu penso que é preciso pensarmos essas coisas de maneira mais global.

Pergunta – De acordo com o livro de Maria da Conceição, como o Senhor vê o contexto mitológico do Padre Cícero?

Hoornaert – Essa é uma pergunta muito interessante. Não sei se vocês perceberam, mas para mim o texto de Maria da Conceição é diferente dos textos recolhidos pela Profa. Cândida. Eu chamaria esse trabalho, provisoriamente, de memorial. A caracterização histórica, como eu entendo história, narração, história dos fatos, é maior em Maria da Conceição do que nos relatos apresentados pela Profa. Cândida. Não é só a imaginação de Maria da Conceição. Embora com uma diferença de 50 anos - ela escreve em 74, uma memória de 22-29 - há muita coisa historiográfica, do acontecido, do factual, cronologia. Toda a tradição em torno do Padre Cícero e obedece aos dois parâmetros: mitológico e histórico.

Pergunta – Como justificar, na sua opinião, a origem do mundo sombrio do Padre Cícero?

Hoornaert – O mundo sombrio é um mundo cuja perspectiva é a intervenção de Deus: “Deus está impaciente com a humanidade.” Esse é um tema bíblico muito antigo. Por que a humanidade não presta, Deus vai intervir e acabar com tudo. E isso não foi criado pelos sacerdotes. É um tema humano este de que “a humanidade não presta”, mas existe esperança.

A minha questão é que ele diminui a dignidade do romeiro. Ele cria o pecado. É o sacerdote que cria o pecado. Não podemos esquecer que essas tradições, que eu chamaria de coluna, essas tradições ancestrais no Cariri, é uma coluna onde esses termos não existem: o pecado, a condenação eterna, pecado mortal, inferno. Essa imagem do sofrimento pela eternidade, não existe nas culturas. Eu trabalhei isso no meu livro “Os anjos de Canudos”. O que impressiona os missionários é a ludicidade popular. O caráter – se vocês permitissem essa expressão – o caráter carnavalesco da cultura popular. Isto vem de fontes muito antigas...o que está por trás é a vontade de dançar, de viver, de brincar, de cantar.... que não está tanto nesta sala como na outra sala, a do artesanato. Lá está aquele Padre Cícero lúdico, o amor à vida, o gozo, está muito mais lá do que entre nós intelectuais. Dá uma impressão de impotência diante da cultura popular. Ela parece que não se converte. Eu tive essa impressão trabalhando com o livro de Maria da Conceição. O povo não escuta a gente. Como também não escutou o Padre Cícero porque senão teria só casamentos monogâmicos aqui em Juazeiro.

Pergunta – Diante do que o Senhor expôs, como preocupar-se tanto com a purificação das expressões por parte da hierarquia?

Aldo Fernandes – Eu fui pároco numa paróquia com uma grossa problemática entre irmandade leiga e bispos e se arrastou até que conseguimos, não sem rugas, impropérios, criando uma inventiva que Deus coloca na hora certa, para amainar as arestas entre o que há de folclórico e o que se mistura com a liturgia e que granjeia espaço dentro e é defendido dentro da religiosidade popular. Há uma simbiose entre o folclórico, o religioso, o católico, que é difícil separar mas que se pretende separado. Aqui eu precisaria da ajuda de um sociólogo da religião, ou de um antropólogo da religião. Eu sou um pobre padre, antes de tudo é preciso pedir a luz para enxergar o caminho do diálogo e do respeito mútuo. Depois também uma firmeza ao dizer a verdade com a cor que ela tem e não dizer o que o outro quer ouvir. Seja para um bispo que, à revelia de tudo e de todos, dissesse que é para jogar tudo fora. Ou para alguém que como liderança leiga ou liderança de comunidade organizada viesse dizer, igualmente, que era para jogar tudo fora: bispos, Igreja...

Pergunta – A Igreja, como orientadora espiritual, não pode esclarecer a essa população que parece controlar a religiosidade, denominando quem é e quem não é santo. Se a Igreja tomasse uma postura contra os exageros religiosos teria algum prejuízo de caráter financeiro?

Aldo – Acontece que em torno do fenômeno da religiosidade popular, tem o interesse financeiro emergente, de todos os lados e por todas as pessoas que estão envolvidas. É evidente também que a Igreja tem um patrimônio a conservar e a desenvolver. E eu não ignoro nem acho estranho que haja da parte da própria Igreja o interesse de conservar seu patrimônio e tenha caixa para isso. Mesmo que o dinheiro venha da oferta, do dízimo. Aliás, tem que vir daí. Antes daí do que de outras fontes não muito honestas, não muito simpáticas até à sã consciência. Mas é necessário também que a gente escape desta tirania do dinheiro porque não estamos a serviço do quanto perdemos ou do quanto ganhamos. Devemos estar a serviço da justiça, da verdade, da convivência fraterna, do anúncio de Cristo Jesus. O povo pobre não quer saber quanto oferece mas o quanto recebe da graça de Deus e nela se sente bem.

Pergunta – O que há de próximo nas romarias de Juazeiro e de Belém?

Aldo Fernandes – Me parece um fac símile as romarias de Juazeiro e a de Belém. Estão todas em busca do Senhor e de sua Mãe. O povo que vai a Belém, vai em busca de ver aquele rosto, pequenino, não passa de quinze centímetros, distante dos olhares, mas há uma altivez em quem olha que um bom fotógrafo teria um bom material para uma boa sala de amostras. O povo que vem a Juazeiro vem pedir à Mãe das Dores tantas graças. Vem ver o rosto do Padre Cícero em tantas imagens que há por aí. Então existe esse desejo de comunicação onde as palavras, a verbalização, não é mais capaz de dizer nada. É silêncio, é canto, é dança, é lúdico. Nosso povo paraense tem um gingado todo próprio como aquele baiano, o carioca. Quando as manifestações corpóreas não dizem mais, percebe o bom pesquisador contemporâneo, como é que uma pessoa humilde olha, reza, conversa com as imagens.

Pergunta – O que fez o Padre Cícero ficar conhecido por alguns como anátema? Se devido a sua suposta desobediência ou devido a carta de excomunhão ou devido a suspensão de ordem?

Manoel Henrique – São histórias contadas em outros tempos... Contadas só do lado negativo, ou seja, da desobediência, do milagre do sangue da hóstia, isso sem nenhum comentário a mais. Ela vinha como se fosse uma história maldita, de um padre desobediente e acabou-se. E que não era para se falar sobre isso. E tudo incutido no tempo da formação de seminário, que fica para o resto da vida. Graças a Deus a gente é desobediente e muda durante a vida. Se não mudássemos, teríamos realmente impedido o acontecimento daqui... Hoje a história é outra. Foi assim que nos ensinaram... Quem nos ensinou? Os bispos daquela época, que faziam parte desse projeto romanizador, através dos formadores nos seminários como os lazaristas e outros mais que vieram da Europa, os padres formados na Europa também, trouxeram esta lição para nós.

Pergunta – O Dom Edivaldo Amaral, bispo emérito de Maceió, nunca incentivou vocês a falarem de Padre Cícero nas catequeses e sermões? A presença, hoje, dia 20, dos padres da missa não é influência do nosso bispo, Dom Fernando?

Manoel Henrique – Primeiramente Dom Edivaldo. Olha, com D. Edivaldo a gente conseguia se entender bem porque ele permitia que a gente trabalhasse livremente. Nunca interveio nessa história de pode ou não pode. Ele sabia que a gente vinha ao Juazeiro. Por exemplo, o Nordeste de

padres, sempre foi aqui no Crato, na Diocese do Crato, lá no Centro de Treinamento. Isso foi propo-sital, para nos aproximar mais desse mundo místico, religioso. Agora, realmente, com a atitude de D. Fernando muda, se começou a mudar com D. Delgado, com aquela frase que ele disse considerando o Padre Cícero mártir, agora mudou, agora é outra história. Mudou a Igreja, mudou a história e vai mudar a nossa vida de padre. Quem não quiser seguir isso, perdeu o trem da história.

Pergunta – Não seria a inveja e o ciúme de D. Joaquim, de D. Arcoverde, dentre outros, influenciando ainda hoje o clero e mantendo-o resistente ao conhecimento, ao estudo, à pesquisa que esse mesmo clero precisa ter para deixar a justiça mostrar a verdade sobre o Padre Cícero?

Manoel Henrique – Olha isso é verdade! Dizemos nós, uma palavra em latim, *invidia clericorum*, inveja dos clérigos, dos padres. Isso ainda existe, continua e é por isso que ótimos padres do nordeste, do Brasil e da Igreja do Brasil, nordestinos cearenses, nunca foram nomeados bispos por causa dessa inveja interna. É verdade... certamente, essa inveja, de tanto falar no Padre Cícero, dele ser o grande motivador de romarias e mais romarias, isso provocou em muitas gerações uma certa ira, uma certa raiva religiosa. Isso funciona até hoje. Funciona.

ROMARIAS E O JUAZEIRO DO PADRE CÍCERO

Dr. Eduardo Diatahy Bezerra de Menezes

Prof. Titular do Doutorado e Mestrado em Sociologia, Departamento de Ciências Sociais/UFC e do Mestrado em Filosofia da UECE; Pesquisador 1-A do CNPq
ediatahy@secrel.com.br

*«...o real não está na saída nem na chegada:
ele se dispõe para a gente é no meio da travessia.»*

GUIMARÃES ROSA
Grande Sertão: Veredas

Preliminares

A minha experiência pessoal no que tange a romarias, quer como simples participante quer como estudioso, pode ser classificada como reduzida. Com efeito, quando adolescente, minha mãe teimava em insistir em que eu fosse pagar uma promessa que ela fizera a São Francisco de Canindé para que eu me curasse de uma enfermidade, já que não pudera fazê-lo pessoalmente: nunca aceitei esse pacto e o santo ficou credor desse débito. Mais tarde, quando estudante em Paris, participei efetivamente de duas peregrinações: na Páscoa de 1960, percorri de trem e a pé vários santuários de Espanha, especialmente em Ávila, em Segóvia e na Andaluzia; e, pouco tempo depois, na primavera, fiz a célebre peregrinação à bela Catedral de Chartres em dois dias de caminhada. Foram experiências indelévels que marcaram essa aventura espiritual, inspirada a segunda, em parte, em Péguy cuja obra e ação me encantavam como uma espécie de bíblia poética. Mas devo confessar que não estou certo estivesse eu imbuído de verdadeiro espírito de peregrino. O fato é que, no verão desse mesmo ano, fui também à Lourdes, porém mais por curiosidade nostálgica; assim como percorri antes, de norte a sul, alguns santuários de romaria da Itália, sem ter feito nenhum esforço para ver o papa que, no entanto, era ele o admirável João XXIII. Portanto, a peregrinação que deu origem ao termo *romaria* foi então malograda por minha negligência deliberada ou rebeldia impenitente.

Em suma, eu encarava então aqueles fatos *de fora* e com muito espírito crítico.

Mais de quinze anos depois, fui vezes seguidas ao Juazeiro do Norte e algumas vezes a Canindé, no Ceará, embora o que me movesse agora fosse a consciência e a atitude do observador interessado na pesquisa das manifestações religiosas e culturais das camadas populares.

Todo esse conjunto de ocorrências pode constituir um fundo de memória pessoal, mas não basta para fornecer o recorte empírico do fenômeno e muito menos para me assegurar o suporte teórico que permita analisá-lo com competência. Além disso, no íntimo de meu espírito, alimento forte suspeita de que uma capelinha de beira de estrada é talvez expressão mais autêntica da religiosidade cristã do que, por exemplo, o "Santuário da Fátima" (como o denominam os Portugueses): a fraude e a exploração tendem a rondar e a dominar a opulência religiosa.

Por outro lado, se as romarias constituem um fenômeno sociorreligioso mui freqüente e rico, a literatura a seu respeito, pelo menos no que concerne ao Brasil, é de pobreza inversamente proporcional. Além disso, essa literatura não consegue elaborar um estudo sistemático de sua natureza, tipologia e funções. Estranhamente esse fenômeno, onipresente sobretudo nas variadas formas do catolicismo popular brasileiro desde a época colonial, não mereceu dos estudiosos da área um exame de alcance teórico mais abrangente. Com efeito, os textos disponíveis a esse respeito mal chegam a compor uma dezena de títulos, de valor bem desigual, posto que alguns deles contenham observações e reflexões preciosas.

Dos que têm circulado em nossa língua, cito-os sem preocupação de ordem nem hierarquia:

1) sob o ponto de vista histórico, Riolando AZZI dedicou ao tema dois bons capítulos contendo dados importantes – «Santuários» e «Romarias» – de seu livro *O Catolicismo Popular no Brasil* (Petrópolis: Vozes, 1978);

2) já meus caros amigos Rubem César FERNANDES e Isidoro M^a da Silva ALVES, o primeiro, em seu *Os Cavaleiros do Bom Jesus* – uma introdução às religiões populares (São Paulo: Brasiliense, 1982), utiliza o seu saber antropológico e a sua experiência de observador participante da célebre romaria ao Santuário do Senhor Bom Jesus de Pirapora, em São Paulo, para construir uma caracterização do que vem expresso no subtítulo de seu ensaio; e o segundo, em seu *O Carnaval Devoto* – um estudo sobre a Festa de Nazaré, em Belém do Pará (Petrópolis: Vozes, 1980), analisa o fenômeno mais em sua dimensão ritual;

3) por sua vez, Pierre SANCHIS, este outro bom amigo, elaborou o que constitui, talvez, o estudo mais denso de que dispomos sobre o tema das romarias em Portugal (de evidente interesse para nós, na medida em que foram os Portugueses que as introduziram no Brasil, pois não consta que os Índios possuísem tal prática e os Africanos só a conheceram depois de islamizados), essa obra foi, na sua origem, sua tese de doutorado em Paris: *Arraial, Festa de um Povo* – as romarias portuguesas (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1983);

4) o caderno 28 da coleção «Estudos Bíblicos», – publicados em co-edição pela Editora Vozes de Petrópolis, pela Imprensa Metodista de São Bernardo do Campo, São Paulo, e pela Editora Sinodal de São Leopoldo, Rio Grande do Sul –, é dedicado ao tema: *Romeiros de Ontem e de Hoje* – peregrinação e romaria na Bíblia, 1990;

5) a professora Maria Cecília FRANÇA examinou, em sua tese de doutorado (São Paulo: Instituto de Geografia da USP, 1976), a geografia social de locais de romaria: *Pequenos Centros Paulistas de Função Religiosa*;

6) e Mário de Sousa MARTINS realizou, sob minha orientação, a sua dissertação de Mestrado em sociologia: *Canindé, A Caminhada Prometida* – um estudo sobre romarias (Departamento de Ciências Sociais e Filosofia, UFC, 1983);

7) há ainda o bom livro de crônicas de Oswald BARROSO, *Romeiros* (Fortaleza: Secretaria

de Cultura do Estado do Ceará e Universidade Regional do Cariri, 1989), em que o tema vem apreciado em vários tópicos;

8) há, também, de um psicólogo educacional suíço, Hans AEBLI, o relato pessoal da peregrinação a Santiago de Compostela, que fez com sua mulher Verena: *Santiago, Santiago...* Caminho de santos, heróis, cavaleiros e vilões... (Petrópolis: Vozes, 1993);

9) enfim, deve ser citado por sua análise consistente, o livro: *O Sertão das Romarias* – Um estudo antropológico sobre o santuário de Bom Jesus da Lapa – Bahia (Petrópolis: Vozes, 1996), de Carlos Alberto STEIL.

E mais não menciono, porque mais não conheço.

O fato peregrino e sua fenomenologia

Romarias, ou o termo de origem provençal *romagens*, como se dizia no passado (e *romerias*, no século XIII, quando o termo foi incorporado ao vernáculo)¹, é a palavra que se usa mais comumente em português para designar o fenômeno das *peregrinações*. Conforme o bom e seguro *Dicionário Houaiss*, o termo designa, pois, a viagem ou peregrinação religiosa a um santuário ou lugar considerado sagrado, de modo especial àquela que se faz por devoção; por metonímia, designa também o conjunto de devotos que participa dessa peregrinação; e, numa derivação por extensão de sentido, designa ainda a festa popular que é celebrada nas proximidades de um santuário ou local de peregrinação em dia de comemoração religiosa do lugar, em geral com danças populares, feiras, comidas, comércio, arraial, etc. Por certo, é o vernáculo a única das línguas mais conhecidas que preservou esse vocábulo romaria: uma generalização de sentido cuja etimologia denuncia o predomínio da capital do antigo Império Romano, desde que o cristianismo deixou de ser uma religião dos pobres de sua periferia e se transferiu para esse centro do poder.

Creio que a palavra de Guimarães Rosa, que citei em epígrafe, não poderia ser mais verdadeira do que quando aplicada às romarias. Eis por que Rubem César podia observar ser o romeiro aquele que cumpre a devoção fazendo uma viagem e, de romaria em romaria, os devotos desenham um círculo imaginário em torno de determinado santuário, lugar onde, para os peregrinos, alguma hierofania se realizou e continua viva. A imensa maioria desses centros polarizadores da experiência de errância do sagrado são pequenas localidades ou arraiais; outros são centros regionais como Nossa Senhora de Nazaré (em Belém do Pará), Bom Jesus da Lapa (às margens do São Francisco, no estado da Bahia), Nossa Senhora Aparecida (em São Paulo), Juazeiro do Pe. Cícero e São Francisco de Canindé (no Ceará), etc.; mas alguns deles alcançam renome internacional como os caminhos traçados em torno de Roma, de Jerusalém, de Meca, de Lourdes, de Fátima, de Santiago de Compostela, de St. Patrick (na Irlanda), de Czestochowa (na Polônia), de Guadalupe (no México), etc.

Do ponto de vista estritamente ritual, poder-se-ia arriscar a hipótese de que os deslocamentos contemporâneos como os que se realizam rumo a Disneylândia e outros centros assemelhados constituíram formas secularizadas de peregrinação. Mas pretendo aqui ater-me mais exclusivamente às romarias em seu sentido tradicional e religioso.

Se as festas, no campo do sagrado, não apresentam maiores dificuldades quanto à sua inserção na categoria geral dos rituais, sem prejuízo de suas peculiaridades, o mesmo não se pode afirmar no que concerne às romarias, onde as dificuldades se multiplicam em virtude de complicadores adicionais. Com efeito, as romarias ou peregrinações, além de incluírem as características específicas dos rituais e das festas, acrescentam outras dimensões ou aspectos, como por exemplo o seu

¹ Há uma peça de Gil Vicente, intitulada *Romagem de Agravados*, representada em 1533 na cidade de Évora, em homenagem ao Rei D. João III, por ocasião do nascimento do infante D. Filipe. É interessante observar que o autor utiliza no texto, indiferentemente, *romagem* e *romaria*.

caráter de *movimentos sociais*, com amplos deslocamentos espaciais ou geográficos, assim como com significativas transformações demográficas, posto que frequentemente temporárias, mas também muitas vezes permanentes. Na fenomenologia religiosa dos peregrinos, esse ato devocional, em sua deambulação espacial e espiritual rumo a um centro do sagrado, atualiza um tempo que é simultaneamente histórico, mítico e sobrenatural ou supra-histórico. Num ponto pelo menos não cabe nenhuma dúvida: esse fenômeno constitui um dado fundamental da antropologia da religião. Assim, sob nomes diversos mas numa ampla identidade de fundo da realidade vivida, nos quatro cantos do mundo, através de tempos milenares e de diferentes culturas, ele se apresenta como um momento forte da experiência religiosa coletiva e individual: lugares sagrados, santuários e romarias se espalham por toda parte, no Egito dos faraós, na Grécia antiga, nos territórios de Israel, no coração do Islã, na Índia e no Tibet, na China e no Japão, etc., fatos todos que dão testemunho de uma necessidade existencial da humana condição em sua realização religiosa.

Do meu conhecimento, Alphonse DUPRONT – nas pegadas de Paul ALPHANDÉRY – tem sido um dos estudiosos mais fecundos e mais competentes na análise desse fenômeno². Tentarei, a seguir, sumariar a caracterização que ele constrói daquilo que denomina o “fato peregrino”.

Em sua opinião, a romaria se define como ato global de *sacralização*. Pode-se falar em universo fechado da romaria, isto é, no fato de ser ela um todo: na *partida*, deslocamento espacial já de si sacralizante; e, no seu *termo* ou *meta*, é um lugar santo onde, no procedimento romeiro mais autêntico, é mister estar presente em datas determinadas, fixadas por calendário sacral, e observar um ritual bem estabelecido que consagra o novo estado de sacralização de quem veio se expor à prova ou ao encontro do sagrado. Excetuadas as conseqüências psicossociais na sociedade de origem, o momento de menor importância no ato peregrino é o *retorno* (p. ex.: prestígio social do romeiro na volta, ou a partilha entre os membros da comunidade das graças espirituais adquiridas, sem exclusão dos bens materiais, também estes carregados de simbolismos).

Definido assim o fato, Dupront se coloca numa perspectiva fenomenológica para analisar aquilo que constitui, em seu entender, as quatro componentes essenciais da romaria tomada em sua generalidade.

1. Primeiramente, as *motivações*: Coletivas, elas constituem celebração de uma festa num lugar santo, de uma “viagem” cultual em honra de uma potência sobrenatural, de uma visita de graças a uma presença sagrada, de uma vinda às fontes da religião vivida, e até, em certo santuário do mundo greco-romano, para consultar o oráculo e ouvir-lhe o anúncio. Individuais, elas procedem de um voto, às vezes de uma ordem onírica, e mais freqüentemente de recursos físicos e espirituais. Para umas e outras, como pano de fundo, a exigência de deixar a quotidianidade dos dias comuns a fim de viver uma experiência ao mesmo tempo do extraordinário e do “Outro”. Também a partida da romaria é um ato de fé, de espera e de busca.

2. O segundo elemento do ato peregrino é o *caminho* da romaria propriamente dito: servido, no seu percurso, por lugares de devoção e de etapas, visitas a santuários espalhados ao longo de um itinerário tradicional, como uma espécie de “via sacra”, que põe à prova a coragem do peregrino até atingir o trecho final, de onde perceberá num distante próximo, invadido de alegria, a cidade santa ou o santuário rumo ao qual tanto caminhou³.

² Cf. desse autor: «Formes de la culture de masses: de la doléance politique au pèlerinage panique (XVIIIe-XXe siècle)», in BERGERON, L. (org.): *Niveaux de Culture et Groupes Sociaux*. Paris-La Haye: Mouton, 1971, pp. 149-170; «Pèlerinage», in POUPARD, Paul (dir.): *Dictionnaire des Religions*. Paris: PUF, 1984, pp. 1300-1307; «Pèlerinages et Lieux Sacrés», in *Encyclopædia Universalis*, Paris, 1985, v. 14, pp. 166-180; e sobretudo sua obra *Du Sacré* (Croisades et pèlerinages; Images et langages). Paris: Gallimard, 1987.

³ Vale ressaltar aqui que os romeiros de Juazeiro do Norte realizam duplamente essa dimensão sacrificial: primeiramente, na caminhada de seu lugar de origem à cidade do Padre Cícero; e, em seguida, aí mesmo, ao circularem por seus espaços sagrados, como a subida da serra do Horto, por exemplo.

3. A realização da romaria se faz num *lugar sagrado*. Dois elementos fundamentais constituem esta terceira componente que singulariza um *locus* no espaço. Um deles é a *presença*, caucionada pela lenda ou pela história (pouco importa), de uma realidade sagrada: a presença de lugares primordiais, originais de uma cosmogonia; e de etapas de uma história sagrada inscritas sobre uma terra, guardiã de uma memória sacral; a presença de manifestações sobrenaturais; a presença de objetos sagrados, túmulos (de confessores da fé ou de santos), ídolos, imagens, ícones, etc.. O segundo elemento dessa experiência coletiva e individual é o *encontro* com essa realidade. Nesse encontro cumpre-se a sacralização da romaria e, portanto, a do romeiro. Sacralização que pode ser encarnação de transcendência, elevação ou purificação, confirmação na certeza de uma cosmogonia e de uma fé, etc.

4. A quarta componente da romaria é constituída por *ritos e práticas*, que servem de impregnação das massas peregrinas. Dentre eles, os mais difundidos, portanto, os mais expressivos e eficazes, parecem ser os ritos processionais e particularmente os de circum-ambulação, tomadas de posse de um espaço sagrado; e os ritos de contacto, de tocar (quanto aos objetos sagrados), ou de consumir (quanto às fontes sagradas), formas habituais de captação da potência sacral, etc.

O nosso autor completa a sua análise com várias outras observações de natureza fenomenológica e existencial acerca da experiência religiosa do *ato peregrino*, para, em seguida, saindo do plano da generalidade do fenômeno, ater-se às romarias no mundo cristão, cuja evolução histórica examina.

Entretanto, a despeito de sua inegável consistência, tais análises, de perfil fenomenológico e de busca de uma essência, produzem na maioria das vezes uma imagem idealtípica e quase apologética, numa perspectiva que eu teria a tentação de qualificar como quase estritamente teológica, com nítida tendência a omitir – como ocorre no caso – os aspectos culturais, festivos, lúdicos e, portanto, profanos, de toda romaria. Demais, além das motivações espirituais e de renovação de sua fé pelas práticas rituais ou litúrgicas aí implicadas, parece evidente que um contingente significativo do conjunto de romeiros parte em busca da cura para seus males e sofrimentos ou de respostas às suas aflições, impostas pela situação de miséria e penúria, em especial nas camadas sociais mais desfavorecidas. Assim como a festa e o ritual, a dor e a miséria « a cura e o milagre são pares associados no mundo da romaria.

Enfim, numa perspectiva histórica de longa duração, importa acrescentar entre outras modalidades de romarias o fato de que uma destas, de crucial relevância, inclui uma dimensão básica de combate e pilhagem, sob vestes guerreiras e destrutivas, implicando imensos deslocamentos populacionais a se estender numa escala de tempo considerável. Penso aqui no exemplo por excelência dessa modalidade de romaria que constituíram as Cruzadas, forma paroxística de peregrinação, em sua espessura temporal de quase três séculos, e que produziram ampla articulação dos espaços de poder e econômicos do mundo medieval, assim como alimentaram a cultura conflitual das relações entre Ocidente e Oriente, sem jamais lograrem a conquista deste por aquele.

O Juazeiro do Padre Cícero e suas romarias

Em sua generalidade, as romarias populares constituem, além do seu aspecto tipicamente religioso, focos de polarização da cultura subalterna pela variedade de contribuições e manifestações que para aí convergem: grupos folclóricos, músicas, cantos, danças, dramaturgias, festas, indumentária, multiplicidade de crenças e ritos, costumes e tradições, etc., sem falar de todo um conjunto de atividades produtivas e de trocas comerciais que asseguram de alguma maneira a sua perpetuação e mantêm em grande parte a existência da “cidade santa”. Falta, todavia, um estudo rigoroso sobre a economia política das romarias.

Algumas dessas localidades identificadas com a conduta sacral, como a de Lourdes, vivem praticamente dos rendimentos que lhes proporcionam a venda de bens relacionados de algum modo com os símbolos de sua particular hierofania: medalhas, estampas, terços, fitas, cordões, folhetos,

livros, garrafinhas de água da fonte milagrosa, etc. Em suma, tanto em sua exterioridade quanto nas suas práticas peculiares – o cumprimento das promessas, a entrega dos ex-votos, a participação nos ritos e preces, as doações e as “casas dos milagres” – consistem num material de fundamental interesse para os estudos de antropologia da religião, de etnografia e da estética popular.

Em Juazeiro do Norte, no Ceará (ou, de modo mais simplificado, no Juazeiro do Pe. Cícero, em virtude da assimilação recíproca entre a cidade e seu Patriarca), as romarias que para aí se direcionam não diferem basicamente desse quadro geral. Posto que eu desconheça estudo de maior fôlego e de caráter sistemático sobre estas últimas⁴, no plano descritivo, no âmbito da reportagem jornalística, da crônica ou do documentário fílmico, tanta coisa já se disse, escreveu e mostrou sobre elas, que até dispensam maiores informações. Aliás, a melhor maneira de dar ou tomar conhecimento desse riquíssimo exemplo de fato peregrino é se pôr alguém em contacto direto com a sua experiência existencial, senti-lo intensamente pela participação ativa ou mesmo pela simples observação atenta, ouvir as falas dos que aí vão efetuar sua devoção, registrar atitudes e costumes, práticas e ritos, assinalar a construção de espaços sagrados mediante percursos ritualizados quer pela liturgia oficial da Igreja, quer pelas escolhas populares e privilegiadas como a visita ao museu (casa) do Pe. Cícero, à “Igreja do Socorro” (Nossa Senhora do Perpétuo...), onde se encontra seu túmulo, a Casa dos Milagres, a subida do Horto e o contacto com a imensa estátua do Padre Cícero que domina toda a paisagem, e até a deambulação alegre pelos espaços profanos da imensa feira em que se transforma o Juazeiro nos dias de suas grandes festas de romarias: em fevereiro, a das Candeias (dia 2 – atente bem para esta data!); em março, em torno do nascimento de Pe. Cícero (24/03/1844); em julho, data da sua morte (20/07/1934); em setembro (dia 15), na festa da Mãe das Dores, padroeira do Juazeiro; e em novembro, na festa de Finados, que praticamente encerra o ciclo anual de romarias, que dura de fato o ano inteiro. Mas as três maiores peregrinações a Juazeiro são na verdade a das Candeias, a de Nossa Senhora das Dores e a de Finados, cada uma com um público mais ou menos específico segundo sua origem regional e o calendário agrícola.

Boa parte de nossos santuários de romaria nasceu de grupos devotos populares, depois assumidos pela Igreja católica que os entregava à direção de ordens religiosas. Por outro lado, todo centro de interesse peregrino surge de alguma teofania inaugural ou do anúncio de algum fato extraordinário à volta de determinada santidade. E Juazeiro, também nisso, não difere dos demais. Inegavelmente, porém, o que mais chama a atenção do estudioso desses fenômenos e que caracteriza ou particulariza as romarias do Juazeiro reside no fato de serem elas praticamente criadas e sustentadas autonomamente pelo povo e até, durante muito tempo indesejadas e reprimidas pela Igreja oficial ou sua hierarquia. Até hoje, o seu estatuto canônico permanece ambíguo, como mais ambíguo ainda é o desejo eclesiástico de cooptar essa criação do povo tanto tempo perseguida, já que tais romarias perduram sintonizadas na figura de um santo popular não digerido pelo aparelho romanizado e eurocêntrico da Igreja, que começa a dar sinais de mudança de atitude.

Quando reflito sobre a condição histórica do Pe. Cícero e de sua gente romeira, de sua época e de tempos ulteriores, com todo o seu rosário de conflitos e incompreensões, algumas idéias me acorrem à mente. Primeiramente, penso nessa imensa figura de missionário dos oprimidos do campo, desses vastos sertões do Nordeste, na segunda metade do século XIX, esse

⁴ Annette DUMOULIN escreveu curto e belo ensaio, «A romaria em Juazeiro do Norte» (no caderno nº 28 de *Estudos Bíblicos*, pp. 42-55, acima citado). A autora e sua companheira de trabalho e de missão, Therezinha Stella GUIMARÃES, especialistas em psicologia da religião, asseguram a existência de um centro de estudos e documentação junto à Paróquia de Nossa Senhora das Dores, em Juazeiro do Norte, que tem produzido uma série de trabalhos que, embora centrados em sua preocupação pastoral, não desconhecem e claramente incorporam diferentes níveis de análise do fenômeno das romarias.

profeta de uma Igreja mais social e mais culturalmente brasileira, por isso mesmo mais universal, que foi o Padre Mestre Ibiapina, matriz de onde surgiram os conselheiros Antônio Vicente Mendes Maciel e Cícero Romão Batista, herdeiros e continuadores dessa plêiade de líderes espirituais que o povo soube tão bem identificar. Em seguida, ante a fidelidade desse povo à memória do Pe. Cícero, quase sempre recordo as significativas palavras de Machado de Assis que, – na sua crônica semanal de 31 de janeiro de 1897, na *Gazeta de Notícias*, do Rio de Janeiro –, quando se intensificava a guerra contra a cidade de Canudos, que tornara concreto o sonho de justiça e fraternidade de Antônio Vicente Mendes Maciel, criticava ele incisivo aquelas ocorrências para formular uma questão crucial:

“Protesto contra a perseguição que se está fazendo à gente de Antônio Conselheiro... (...) Se na última batalha é certo haverem morrido novecentos deles e o resto não se despega de tal apóstolo, *é que algum vínculo moral e fortíssimo os prende até a morte. Que vínculo é esse?*” (...)

Depois, se há crentes verdadeiros, é que acreditam em alguma coisa...” [grifado por mim].

Mas, para concluir essas breves notas de forma mais amena, menciono os versos do poeta popular e editor, José Bernardo da Silva, que exprimem, em sua simplicidade, os sentimentos profundos desse mesmo povo mal compreendido:

No Padre Cícero, os Romeiros
Fizeram ponto de mira
O seu nome em Juazeiro
Não morrerá, não expira
Está imortalizado
De maneira que admira.

NOTA: Esta é uma versão ainda em reelaboração de antigo texto que iniciei há cerca de 10 anos e, tendo introduzido aí modificações e acréscimos, só agora volto a revê-lo.

DEBATE

Pergunta – Como o pesquisador que demarca intelectualmente o tema pode apreender uma realidade expressa numa linguagem do coração.

Diatahy – Isso não é uma pergunta, é uma resposta. Ele colocou exatamente a questão. A grande dificuldade – uma dificuldade de natureza epistemológica, de teoria do conhecimento – da construção das ciências das religiões é: como é que você concilia o discurso da ciência, que é um discurso natural, no qual não entra o sobrenatural. Como é que você dá conta de fenômenos que não são naturais. Esse é o grande conflito de qualquer pesquisador quando se depara com fenômenos que ele não sabe explicar. Foi o resultado do relatório da primeira comissão que D. Joaquim Vieira mandou para cá. E ele ficou chocado porque não estava de acordo com a vontade dele e nomeou outra comissão para fazer outro relatório. Ou seja, eles vieram honestamente disseram que o que eles viram ninguém explicava cientificamente. Era algo sobrenatural.

Pergunta – Mesmo que a romaria de Juazeiro seja composta de pessoas de várias partes do nordeste e mesmo do Brasil, a maioria deles é composta de pernambucanos, alagoanos, sergipanos. Como isso?

Diatahy – Engraçado que há 40 anos atrás o Ralph verificou isso. Quando ele estava pesquisando aqui ele pegou vários estudantes da região e mandou levantar a origem dos romeiros e predominantemente eram de Alagoas, Pernambuco, Sergipe, Rio Grande do Norte, etc. A

mesma coisa aconteceu no Caldeirão. Quando eles foram expulsos do Caldeirão pelas forças do Estado, foram feitos relatórios e a maioria dos habitantes do Caldeirão, inclusive o próprio beato José Lourenço, eram da Paraíba, de Alagoas do Rio Grande do Norte e o Câmara Cascudo me contou que entrevistou vários remanescentes que passaram por lá, por Natal, voltando para suas terras. O próprio Juazeiro foi formado assim. A população de Juazeiro tem até um sotaque diferente exatamente por ter sido formada por adventícios, quer dizer, esta é uma terra de coração aberto que sempre acolheu gente de todo lado. E é óbvio, tentando uma explicação, que os que estão mais perto venham com mais frequência porque tem um custo. Físico e financeiro. Então é normal que o pessoal de Pernambuco e de Alagoas ... até porque há uma geografia especial que configura este espaço. Até na curva que o São Francisco faz, junta todos os estados do nordeste, praticamente: Bahia, Sergipe, um pedaço do Piauí e o homem do campo e o comércio do campo do passado, do período colonial, século XIX, inícios do século XX, era feito todo à pé e entre as feiras em jumento, etc, de modo que havia sempre um intercâmbio muito grande dessas populações que configuram os limites administrativos e políticos oficiais, não estabelece o espaço cultural do povo. O povo estabelece o seu espaço geográfico pelas suas caminhadas, pelos seus caminhos. Foram eles que fizeram essa geografia.

Pergunta – Estatisticamente o cearense é a menor parcela dos romeiros.

Diatahy – É, é a mesma reflexão. Está correto. E ainda hoje eu observei uma coisa muito interessante: uma mudança do status sócio-econômico. Lá no hotel Panorama onde eu estou, a maior parte do pessoal que está ocupando o hotel é de um pacote turístico de alguma empresa porque, pela programação pregada no elevador, para cada dia, é para a visita da festa de hoje. São romeiros que estão lá. Um hotel de categoria relativamente boa. Ou seja, são romeiros com condições econômicas melhores, vem para cá de salto alto....

Pergunta – Quais os elementos que diferenciam a romaria de setembro daquela de novembro?

Diatahy – Quem poderia dizer isso melhor são as Irmãs e o Padre Murilo... mas a impressão externa que me dá é que não só os componentes não são os mesmos como o vestuário predominantemente de luto no dia de finados. Pode ser que seja uma visão enviesada, distorcida mas a impressão que me dá que a romaria de finados é mais volumosa, é a que atrai mais gente. Se você me perguntar as razões, não sei. A reflexão que eu faço é que o cristianismo popular, pregado desde o período colonial, como o Eduardo falou hoje de manhã, ele é predominantemente escatológico e penitencial. Isso que o Delumeau insistiu muito naquele livro dele – O medo no Ocidente – essa pedagogia do medo – ele fala numa pedagogia do medo – a Igreja usou sempre muito isso e as religiões, de um modo geral, para manter as massas sob controle, o recurso é o medo. Medo da morte, medo do inferno, medo do outro mundo... De modo que, uma forma de exorcizar o medo é participando de rituais coletivos como esse.

Pergunta – Se Juazeiro fosse na Europa será que seria tão criticado como lugar de exploração pois eu acredito que em ambos os lugares também têm exploração mas se critica pouco.

Diatahy – Todo lugar que mobiliza a população mobiliza empregos eventuais e uma multidão de gente fica trabalhando para dar suporte a isso: para abrigar, para transportar, para alimentar, vestir... é inegável isso. Por isso que eu disse que era preciso fazer uma economia política das romarias. Elas são um fenômeno econômico.

Pergunta – O professor sinalizou em sua fala que as romarias possuíam um caráter econômico quando citou a exploração e fraudes das peregrinações. O senhor compreende este momento do simpósio como também um momento de exaltação e estímulo a esse fenômeno? Qual o interesse da ciência aqui representada pela academia, juntamente com a Igreja em realizar tal evento?

Diatahy – Não sei se entendi direito a intenção da pergunta, mas no caso do Juazeiro, a coisa específica, é que há um conflito latente que não foi resolvido. Então, nós não viemos propriamente em romaria, nós viemos para um colóquio internacional. D. Fernando disse muito bem na fala dele, uma releitura do passado. Essa coisa está latente na realidade do Juazeiro. Ela persiste, mesmo contra a vontade dos que mandavam. Persiste e ficou e precisa ser resolvido.

Pergunta – Para o senhor, o que é fanatismo? E porque as pessoas vêem esses movimentos como fanáticos?

Diatahy – Fanatismo é a fé dos outros. Etimologicamente, fanático é o sagrado que você porta, que você leva. Tem um sentido muito correto, depois virou essa significação pejorativa. A gente sempre acha fanático, errado, etc., os outros. Vejam os conflitos entre as religiões... você sempre vê de forma bizarra, pejorativa, estranha, a dos outros.



70
ANOS

CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

Dom Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

21 de Julho de 2004
O FENÔMENO

ANTIGAS CONTROVÉRSIAS, NOVOS PARADIGMAS: LEMBRANÇAS DE UM PESQUISADOR NA VÉSPERA DO III SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE O PADRE CÍCERO

Ralph Della Cava

Professor Emeritus de História, Queens College, City University of New York;
Senior Research Associate Institute of Latin American Studies (ILAS), University Columbia
rd79@columbia.edu

Cento e sessenta anos após o nascimento do Padre Cícero e setenta anos após sua morte, seu legado de líder espiritual, ator político e protetor dos pobres, continua a atrair a atenção de uma nação e o interesse de estudiosos de todo o mundo. Não há prova maior de sua perene atualidade do que a convocação do "III Simpósio sobre o Padre Cícero" marcado para este Julho em Joazeiro do Norte.

Os participantes do Simpósio não estão sendo convocados simplesmente para celebrar seu legado mas sim para explorá-lo em todas as suas riquezas e contradições e, se possível neste ponto da história, ir bem além de seus limites atuais. De certo, tal tarefa é tão plena de controvérsias quanto o próprio legado. Pois, toda controvérsia – como todo legado – é tão inseparável das circunstâncias, questões e antagonismos de cada nova geração, quanto o é das disputas de todas as precedentes.

Eu me recordo de entrar, inadvertidamente, em uma dessas controvérsias em Setembro de 1963, logo que cheguei pela primeira vez em Joazeiro; somente com o tempo, suas conseqüências deletérias foram resolvidas. Minha mulher e meu filho de um ano mal tinham se acomodado num hotel de Fortaleza após um cansativo vôo de Nova York, quando eu – o diligente candidato a um doutorado, ansioso para adiantar a pesquisa – logo me apressei para pegar o primeiro vôo para o Cariri. Estava muito próximo o dia da festa e a romaria em honra da padroeira de Joazeiro, Nossa Senhora das Dores, a respeito dos quais eu tinha lido muito em vários relatos antropológicos e históricos. Finalmente, eu mesmo iria ver e vivê-los diretamente.

Mal tinha posto os pés na Rua Padre Cícero, fiquei sabendo que um certo Edmar Morel tinha chegado antes. Bem, não exatamente nas vinte e quatro horas anteriores, mas quase uma década atrás! Jornalista célebre, recebido com carinho, ele finalmente iria contar a verdade sobre a cidade e seu "fundador". Era esta a expectativa geral. Porém, a reportagem de 1946 – mais tarde um "best-seller" chamado "*Padre Cícero – O Santo de Juazeiro*"¹ – como relatos anteriores de observadores supostamente "objetivos", era claramente uma calúnia, um insulto ao caráter do Padre Cícero, uma afronta aos cidadãos daquela cidade cuja transformação se deu auxiliada pelos esforços de uma vida inteira do padre.

Inadmissível pensar que eu pudesse seguir os passos de Morel!

Não era de espantar que minhas primeiras indagações sobre documentos, memórias e lembranças pessoais, relativas ao passado de Joazeiro fossem recebidas friamente. E mais, dado o fato de eu ser um completo estranho, sem a retaguarda de um "compadre" ou "padrinho", era como se eu tivesse chegado do "Uranus" de Manuel Dinis². O português brotava de meus lábios como se fosse um dialeto surgido naquele momento, totalmente novo - e incompreensível - nascido de uma mistura de várias línguas neo-latinas. Ainda por cima, um jovem pesquisador viajando pelo Cariri

¹ Publicada no Rio de Janeiro: Editora Cruzeiro, 1946. Uma edição subsequente apareceu em 1966.

² Manuel Dinis, um professor de ciências e um conhecedor de pseudo-ciências morava em Joazeiro e havia escrito, entre outras obras, um livro um tanto estranho sobre Uranus. Seu título me escapa.

com um passaporte americano, logo após a revolução Cubana e às vésperas do levante agrário que se supunha estava para ocorrer de um extremo a outro do Nordeste Brasileiro dificilmente poderia ser visto com confiança.

Mas foi, sobretudo, a “traição” de Morel em relação a tantas confidências que os joaseirenses lhe haviam confiado em troca de um relato justo sobre seu passado, que levava os desanimados colaboradores a manterem seus documentos sob sete chaves, e selarem seus lábios para um sem número de relatos e lembranças pessoais – mesmo tanto tempo depois da sua partida. De fato, quem poderia criticar um cidadão de Joaseiro pelo seu silêncio ou mesmo por suspeitar que eu, um perfeito estranho, seguiria, marchando em compasso como Morel, na longa fila de detratores³?

É verdade que não faltava ao Pe. Cícero defensores igualmente ferrenhos,⁴ mas o debate infundável que surgira – e perpetuado por ambos os lados – nada mais fazia senão abanar as chamas dos permanentes lugares comuns inflamados, suas brasas emitindo mais calor que luz – por bem mais de meio século⁵.

Então, como em todas as grandes e repentinas mudanças nos cânones prevalecentes, aquelas antigas controvérsias cederam lugar aos novos paradigmas. Começou no início dos anos 60. Vindos da academia e do mundo político do Brasil contemporâneo, teóricos do marxismo, messianismo e milenarismo começaram a sugerir novas dimensões para re-posicionar o passado de Joaseiro e de Pe. Cícero⁶.

Mas, também da hierarquia da Igreja Católica do Ceará, inspirada no Concílio Vaticano Segundo, que ocorria naquele momento em Roma, com seu apelo de abertura, dois prelados e um Superior Salesiano foram persuadidos a aplicar tais princípios de verdade a um assunto que lhes era bem mais próximo. O falecido D. José Delgado, Arcebispo de Fortaleza, que alguns anos mais tarde seria o primeiro prelado na história eclesiástica do Ceará a advogar uma revisão pública da situação de Pe. Cícero na Igreja, me forneceu uma carta de apresentação⁷. Em resposta, seu confrade no Crato, D. Vicente Matos, hoje já falecido, concedeu-me acesso ilimitado aos preciosos arquivos de sua diocese referentes à “questão religiosa”. Já no dia seguinte, Padre Gino Moratelli, já falecido, então diretor do Colégio Salesiano de Joaseiro, concedeu-me a mesma cortesia em relação ao grande arquivo de cartas e documentos pessoais do Pe. Cícero que se configurava num relato sem paralelos e, até aquele momento em sua maior parte inexplorado, da vida, do trabalho e da política por todo o Cariri; ele viria a ser também uma janela reveladora sobre questões estaduais e nacionais.

³ À parte os protagonistas da “questão religiosa”, pode-se traçar a gênese “partidária” dos críticos de Joaseiro e seu “fundador” ao Pe. Alencar Peixoto, um Caririense, antigo aliado político de Pe. Cícero durante a luta pela autonomia municipal de Joaseiro. Peixoto foi sucedido, em sua crítica tendenciosa a Pe. Cícero, tanto por outros nativos do Cariri como por forasteiros, entre os quais Manuel Bergstrom Filho, Pe. Antonio Gómez de Araújo, do Crato, e Otacílio Anselmo, de Fortaleza.

⁴ Entre seus defensores estava Floro Bartholomeu e o Pe. Manuel Macedo (embora fossem antagonistas entre si), e, talvez o mais admirador, Pe. Azarias Sobreira, descendente de uma das grandes famílias de Joaseiro.

⁵ Entre os que ajudaram a estabelecer um terreno intermediário, três autores foram bastante significativos: Joaquim Alves, Abelardo Montenegro, cujos estudos resultaram numa seleção dos relatos dos jornais da época, e Octávio Ayres de Menezes que coletou historietas sobre o passado de sua Joaseiro a partir de reminiscências e relatos orais, em parte como passatempo e em sua maioria não publicadas, embora difundidas regularmente durante os anos 60 numa estação de rádio local.

⁶ Refiro-me aos trabalhos de Ruy Facó, Maria Isaura Pereira de Queiroz, René Ribeiro, Norman Cohen, Eric Hobsbawm e Douglas Teixeira Monteiro (somente publicado uma década depois).

⁷ Esta carta, uma cópia da qual eu recentemente descobri em meus arquivos, é dirigida a D. Vicente Matos e é datada de 16 de Julho de 1964. D. José – a quem, acredito, fui apresentado pelo Pe. Azarias Sobreira e por meu amigo e colega de quarenta anos, Professor Diatary Bezerra de Menezes – avisa seu colega bispo que eu era “merecedor de confiança e do melhor trato”. Percebo agora, em retrospecto, que esta carta foi o “abra-te Sésamo” para os arquivos institucionais de Crato e Joaseiro. Infelizmente, os títulos dos dois panfletos nos quais D. José chama para a reconciliação agora me escapam. Numa entrevista recente, o atual bispo do Crato D. Fernando Panico, reitera o mesmo objetivo; ver: “Pela reconciliação com Padre Cícero”, “O Povo, Fortaleza, 29 de Março, 2004.

Esta virada da sorte – novos paradigmas para serem testados e um achado de fontes primárias nos quais testá-los – só me veio, porém, em Julho de 1964; dez meses tinham se passado desde minha primeira, e um tanto quanto fatídica visita ao Cariri. Neste longo intervalo, eu me dediquei a vasculhar, por falta de outras opções, as bibliotecas e sebos de Fortaleza e do Rio de Janeiro, numa busca febril de qualquer tipo de documentação relacionada com o período da “Velha República” (1891-1930). Como você já deve ter concluído, isto não era muito promissor. De fato, sob a severa sombra de Edmar Morel e seus pares, eu já me desesperava para ainda encontrar fontes primárias, sem as quais um historiador não pode trabalhar. Tomei, no meio do percurso, a decisão radical - e arriscada - de mudar o assunto de minha tese para um que pudesse ser cinzelado a partir de livros e artigos já publicados.

No entanto, por conta da sorte, quanto mais eu me familiarizava com o passado de Joaseiro, mais eu contava com a cooperação e a generosidade amigável de muitos que me encorajavam a persistir no meu projeto original⁸. De fato, sem eles – e, claro, sem aquele achado oportuno – a tese final, que foi publicada seis anos depois, simplesmente jamais teria surgido⁹. Mas, “*Milagre em Joaseiro*” estava longe de dizer a palavra final. Na verdade, o que teve de melhor, foi o de ser uma tentativa de estabelecer um passado utilizável, um relato de fontes passível de ser refeito, um desmascaramento de disputas pelo que elas eram, e talvez até, estabelecer fundamentos mais sólidos dos quais pudessem surgir novos paradigmas.

Neste mês de Julho de 2004, precisamente nesta busca, duas confluências familiares novamente se aproximaram. Líderes religiosos, desde leigos e representantes do clero, ao atual bispo de Crato, D. Fernando Panico, que, no espírito de D. José Delgado reabriu a “questão de Joaseiro”, estarão examinando este legado à luz das “circunstâncias, preocupações e antagonismos” de nosso tempo.

De sua parte, não farão menos os estudiosos que participarão, tendo a seu dispor o extraordinário conjunto de pesquisas produzido nos últimos quarenta anos, em sua maioria resultado de suas próprias investigações. Como especialistas no assunto, estudantes astuciosos, mas também como afiados observadores desta nação e do mundo a nossa volta, não existe ninguém mais capacitado, e qualificado, do que eles para tentar avançar o estado atual de nosso conhecimento e compreensão para além de seus limites presentes.

É claro, não se pode esperar que o Simpósio que se aproxima ocorra sem gerar suas próprias controvérsias. São, sugiro, instigações necessárias para novas descobertas, ainda mais quando o assunto que se examina é tão atemporal e grandioso quanto o Pe. Cícero Romão Batista e a cidade do Joaseiro do Norte, que, como sempre, tão complexa quanto contemporânea, é herdeira de seu legado.

⁸ Hesito em até tentar mencionar todos que estenderam suas mãos e corações em amizade.

⁹ “Miracle at Joaseiro” (New York: Columbia University Press, 1970); uma edição revista foi publicada no Brasil, com uma excelente tradução para o Português feita por Maria Yedda Linhares, como “*Milagre em Joaseiro*” (Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1977).

MESA-REDONDA

Coordenador: Antonio Renato de Soares Casimiro
professor da UFC e pesquisador

O PADRE CÍCERO QUE EU TAMBÉM CONHECI

Assunção Gonçalves
pintora e escritora

Eu me chamo Maria Assunção Gonçalves, professora primária aposentada da Escola Normal Rural de Juazeiro do Norte, sem faculdade. Sou filha de Francisco Gonçalves de Menezes e Isabel Teles de Menezes. Nasci dia 1º de junho de 1916. Nesse tempo, não tinha vigário em Juazeiro. Nasci muito doente. Tive 4 irmãos que morreram logo ao nascer. Assim que eu acabei de nascer, meus padrinhos me levaram para a casa do Padre Cícero, já que não tinha vigário, porque não queriam que eu morresse sem ser batizada. Quando Padre Cícero acabou de botar água na minha cabeça, a minha Madrinha disse: "Seu Padre (era assim que a gente chamava o Padre Cícero) a menina não vai morrer não?" Ele olhou para ela e disse: "no ano que entra vai chegar o primeiro vigário dessa cidade, (foi o Monsenhor Pedro Esmeraldo), eu batizei com água, e ele vai dar os santos óleos. Não esquecem de levar essa menina logo que chegar a Paróquia". Ai, todo mundo ficou alegre porque eu não ia morrer e eu pedi, depois que cresci, ao Padre Cícero, e eu estou ainda pedindo a ele, para me conservar até que eu possa ver... como se chama esse protocolo do Vaticano ... não sei, o Papa que tem que anunciar qualquer coisa...não sei! Estou sonhando com isso ...como eu sonhei de estar aqui...apesar de estar tremendo e muito nervosa, mas estou muito feliz, agradecendo a Deus.

Eu sou descendente do Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e minha avó, Maria Gambeira Teles de Menezes, era filha do quinto filho do Brigadeiro Gonçalo Luis Teles de Menezes...Meus avós foram as pessoas mais chegadas ao Padre Cícero. Devo a eles essa devoção que tenho ao Padre Cícero. Conviveram muito com ele, e disso, tenho gratas recordações.

Antes de começar a contar para vocês essas recordações com o Padre Cícero, eu tenho que apresentar-lhes uma pessoa que, se não fosse ela, eu não teria tido essa aproximação com o Pe. Cícero: José Xavier de Oliveira que eu chamo de Dedé. É o Pai de Amália Xavier de Oliveira, minha prima. Esse nome, eu vou citar muitas vezes: Dedé... é José Xavier de Oliveira.

Eu escolhi aqui algumas lembranças que eu faço questão de dizer. As coisas que mais me chamaram atenção, umas que até me chocaram desse convívio com o Padre Cícero.

Chegou aqui em Juazeiro, vindos do Piauí em carro de boi, uma família com um moço doente e mais duas irmãs e três irmãos. Diziam que o moço doente estava com o "cão no coro" e vinha todo amarrado em cordas. O carro ficou nas imediações e foram arrastando o homem até a casa do Padre Cícero numa esteira. Eu fiquei apavorada e minha primeira reação foi de correr para a casa do Padre Cícero. Eu entrava por uma porta especial e o pessoal entrava por uma outra porta... A cozinheira da casa do Padre, Martina Sebastiana, que era muito minha amiga, (eu tinha mais ou menos 6 anos) reconhecia o jeito que eu batia na porta, e abriu para mim, e eu entrei correndo e encontrei o Padre Cícero na rede. Ele ficava sempre nessa rede, aqui na rua Dr Floro. Ai eu disse: "Seu Padre, depressa, vem um homem com o cão no corpo e o Senhor tem que tirar esse cão". Então Dedé disse: "Espere ai menina, calma," Padre Cícero pediu que Dedé pegasse a batina dele, vestiu-se e foi encontrar o pessoal. Eu ouvi uma zoadas forte que o moço fazia.... Era horrível, espumando e eu apavorada. A mãe do rapaz disse: "Seu Padre, meu Deus, são 9 dias de

viagem, só o Senhor pode com este” Então o Padre Cícero pegou o breviário, a água e ai disse: “Tirem as cordas do moço” Quando ele disse “tirem as cordas, tirem as correntes!” ai eu não estava mais lá. Saí correndo... não vi nada! Não sei o que aconteceu! Então, quando serenou a coisa, eu fui chegando devagarzinho, vi que Dedé estava lá perto e eu tive coragem de chegar perto de Dedé. O homem estava completamente abatido, mole e o Padre Cícero disse: “Xavier, leva esse rapaz lá, na casa do motor”. E disse: “Hoje não dá alimentação nenhuma, só um chazinho de erva cidreira e a noite uma xícara de leite e ele vai começar se alimentar amanhã” Então eu fiquei pra lá e pra cá vendo sempre esse homem lá, a família estava com ele e quando cheguei no outro dia, ele já estava sentado. Quatro dias depois, eu me encontrei com ele na casa do Padre Cícero. Levou a família toda para olhar o Padre Cícero que tinha tirado o cão do couro desse sujeito.

Outra coisa que eu vi também, e me chamou muita atenção, foi a alegria que eu vi no rosto do Padre Cícero na inauguração daquela estátua de bronze que tem lá na praça. Eu lembro que Padre Cícero usou um chapéu e uma capa nova, toda pregueada... E a Beata tinha esquecido de dar o cheiro que ele sempre usava quando saía. Ela me chamou, molhou minha mão com o perfume e disse: passa na capa. E eu tive a maior alegria de passar esse cheiro na capa do Padre Cícero. Sei que ele ficou muito satisfeito com essa estátua de bronze na praça.

Outra coisa: foi em 1925. Agora, a inauguração da Estação da estrada de ferro... isso eu não posso esquecer... nunca esqueci. Juazeiro era muito pequeno, e na Praça da Estação, só tinha os casebres de um lado e do outro. A Estação era muito imponente, a calçada muito alta e eu estava lá porque o Padre Cícero tinha feito muita propaganda da chegada do trem no Juazeiro: O trem ia melhorar muito o Juazeiro que ia crescer muito, ia chegar muita gente com a passagem bem barata, vinha comida, vinha não sei o que mais... Não sei porque, chamaram-no o Santo Lastro. Antes do trem chegar, o Padre Cícero estava conversando com algumas pessoas. Quando ele olhou do lado de Missão Velha, ele disse: “Olha, Juazeiro vai crescer tanto que vocês vão ficar abismados. Quem for vivo.... (e eu estou abismada mesmo!) Vai crescer tanto... olhem pelo lado de lá! Ai ele mostrou o lado do nascente: vai ter campo de aviação, vai ter avião pequeno, avião grande, vai ter tanto cemitério que vai ser uma coisa horrível!” Ai eu disse: “Não é possível! Será que o Padre Cícero está caducando? Dedé, porque é que ele disse isso?” “Menina, você não ouviu dizer que o Juazeiro ia crescer? Naturalmente, tem que enterrar muita gente, né?” E hoje, vocês estão longe de saber a emoção que eu tive quando eu fui daquele lado de lá que eu vi o “Anjo da Guarda”, que é um cemitério enorme... mas, foi uma emoção muito grande.

Eu me tornei menina de recado do Padre Cícero e Dedé era o homem de confiança dele; qualquer negócio que o Padre Cícero queria, era com Dedé. Por exemplo, ele mandou que Dedé conseguisse homens para buscar a imagem do Coração de Jesus e de Nossa Senhora para trazer para a Matriz.

Padre Cícero previa tudo, ele escrevia demais. Então eu ficava sempre lá sentada e ele escrevendo. Ele escrevia para o Papa, para rei, para rainha, para qualquer coisa que o Juazeiro precisasse; ele sabia já os endereços e fazia a carta. Ele escrevia e eu ficava passando o mata-borrão. Eu trouxe aqui um mata-borrão para vocês verem o que era. Hoje não existe mais ...

E depois, outras pessoas me deixaram muitas lembranças, principalmente Martina e a Beata Mocinha. Havia um peso de vidro, que é este aqui, que ficava em cima dos papéis. Quando Dedé me deixava de castigo ali, dizendo que o Padre está precisando de mim, eu ficava, sentava no chão ao lado do Padre, olhava o peso e o rodava... tão bonito... e eu ficava rodando o peso, assim. (mostra como fazia) Então Padre Cícero me dizia: “Menina – ele nunca me chamava de Assunção e eu tinha raiva dele por causa disso. Ele só me chamava “Maria, Maria de Xavier, Mariazinha” mas não me chamava de Assunção. Então eu dizia: “Meu nome é Assunção”! Este peso de vidro, tão bonito... ninguém me deu, não. Eu devo ter roubado. Nunca confessei esse pecado.

Eu cuidava da cadeira e do genuflexório do Padre Cícero na Igreja para ficar tudo prontinho quando ele chegasse e depois eu ficava na calçada, esperando por ele. Quando ele ia descendo do carro, tinha um bocado de gente, de homens, de amigos dele, todos querendo o direito de levá-lo para assistir a missa e muitas vezes levavam. Mas, no domingo, quando ele me via, botava a mão no meu ombro, eu bem pequenininha, e ele não queria saber de mais ninguém e eu o levava. Esse era um domingo feliz...

Ele gostava demais de receber os pobres e doidos. Vocês acreditam? Nesse tempo, tinha uma doida aqui, no Juazeiro, chamada "Carrapicho". O Padre Cícero falava com ela que era uma beleza e ela respondia até direito. Tinha respeito por ele...Do jeito que ele recebia os ricos, ele recebia os pobres. Não tinha nenhuma diferença. Ele dava sempre alguma coisa às pessoas pobres que vinham chegando. Muitas vezes, o pessoal chegava; "Aqui, meu Padrinho, já dei a minha esmola a Nossa Senhora. Eu trouxe esta aqui para o Senhor dar." Chegava outra pessoa dizendo assim: "Meu Padrinho, minha casa caiu, foi aquela coisa, meu menino está doente". Ele tirava o dinheiro sem contar e dava para aquela pessoa. Isso aconteceu muitas vezes.

Outra coisa. Chegou uma família, não sei se do Piauí ou do Rio Grande do Norte, de automóvel. Nesse tempo, automóvel aqui era o Ford de salto alto. A gente chamava assim: Carro de salto alto. Essa família me chamou atenção. Era um Senhor já de idade com uma Senhora e tinha um rapaz que vinha com eles. Parece que era estudante de medicina. Eles conversavam com Padre Cícero e eu ouvi bem direitinho quando eles estavam dizendo isto. O rapaz pediu ao pai dele, não teve coragem de se dirigir ao Padre Cícero, pediu ao Pai dele para perguntar o que ele achava da Igreja o ter excluído. Ai, o Pai disse: "O meu filho esta perguntando ao Senhor para dar alguma palavra dessa falta de direito que o Senhor tem na Igreja Católica". Ai ele disse assim... ele deu uma risadinha, ele tinha uma voz muito gostosa: "Meu amiguinho", olhando para o moço, "não se incomode com isso não, quando chegar o tempo, é a minha própria Igreja Católica Apostólica Romana que fará esse trabalho". Vocês acreditam nisso? Acreditam que eu ouvi isso? É a minha própria Igreja Católica Apostólica Romana que vai fazer isso por mim.

E outra coisa: o meu povo, quer dizer, o pessoal Xavier de Oliveira, Figueiredo, Sobreira, esse pessoal todo que vivia aqui naquele tempo do Padre Cícero, até a morte dele, conversando a respeito desses casos, de Maria de Araújo, dizia assim: "Olhe o Padre Cícero só terá vez aqui no Juazeiro, na Igreja Católica quando vier um bispo estrangeiro." Vocês acreditam que eu ouvi isso minha gente? Eu não ouvi o Padre Cícero dizendo isso, eu ouvi meu povo dizendo isso. E quando iam dizer isso, falar qualquer coisa do Padre Cícero ou de Maria de Araújo, eles trancavam a porta para ninguém saber porque não se podia falar nisso. Mas eu também cheguei a dizer isso à muita gente que me perguntava: Enquanto não chegar um bispo estrangeiro para a diocese do Crato, o Padre Cícero não terá vez. Agora, minha gente, no dia que eu soube que D. Panico era italiano e ia ser bispo do Crato, ninguém sabe o que eu senti. Eu quase morria. Eu tive uma sucessão de idéias tremenda, eu me lembrei daquilo tudo, do sofrimento do Padre Cícero, porque Padre Cícero tinha um quarto lá na casa de Dedé onde ele chorava; entrava pela rua, a casa tinha acesso pela Rua São José. Dedé deu uma chave do portão e do quarto. Eu tenho a rede em que o Padre Cícero deitava. (Ela está escondida a sete chaves. Eu não mostrei a ninguém.) Nesse quarto ele chorava, depois lavava a o rosto e ia para a Igreja rezar. Quando me contaram que D. Panico estava em São Paulo e tinha visto uma imagem do Padre Cícero em cima de um móvel, e que ele disse: "Não sei se é ele que vai precisar de mim ou eu que vou precisar dele." É isso mesmo, Sr. Bispo?

Dáí, eu tenho um amigo muito grande aqui no Juazeiro que se chama Armando Rafael que estava no Crato assistindo a posse de D. Fernando e quando o bispo deu um viva ao Padre Cícero, o Armando me ligou por telefone para eu ouvir o que D. Fernando estava dizendo. Tinha uma pessoa

comigo na sala, mas ela estava dormindo. Quando eu ouvi isso, não sei como foi que eu não endoideci. Eu chorava, eu gritava, eu me maldizia porque meu povo todo tinha morrido e eu não tinha uma só pessoa para contar isso. O Bispo está falando no Padre Cícero... esse bispo estrangeiro...!

Só quero dizer uma coisa a vocês: eu chorei muito, gritei, mas ninguém me ouviu... e eu fiquei calada. Mas deixa eu dizer: foi Nossa Senhora das Dores que fez a coisa toda. Vocês estão longe de saber quem foi Nossa Senhora das Dores. Parece que ela é só de Juazeiro. Chegaram muitos vigários, mudaram o altar do Padre Cícero, não queriam mais aquele. Queriam que o povo esquecesse, porque era fanatismo falar do Padre Cícero.. Mas chegou uma pessoa chamada Francisco Murilo de Sá Barreto. Murilo começou a sua missão na Igreja de Nossa Senhora das Dores. Foi uma graça toda especial de Nossa Senhora e de seu bendito Filho que colocou esse rapaz no Juazeiro. Amália dizia assim: "Padre Murilo, quando foi gerado, Nosso Senhor disse: vai ser vigário no Juazeiro. Eu estou precisando desse moço para ajeitar as coisas com o Padre Cícero." E foi bem assim. Ele começou muito bem, começou a receber os romeiros, com tanta paciência. Eu ficava impaciente de ver a paciência dele... recebendo aquele povo que contava cada coisa! Aí eu disse, é... Amália tinha razão, nasceu para ser padre no Juazeiro. E não se podia ainda falar no Padre Cícero. Um belo dia (eu sou muito amiga dele, da família dele, quero muito bem a ele; eu o chamo de Murilão, escondido...) chegou, começou a falar com os romeiros, a dar apoio, a evangelizar o povo romeiro que tinha que ser evangelizado, evangelizar o povo de Juazeiro que precisava ser evangelizado, não estava direito ainda, mas ele começou a endireitar e um belo dia, esse sujeito, chamado Pe. Murilo deu um viva ao Padre Cícero. Eu quase morri de susto. Meu Deus, o que vai ser daquele padre! Mas ele já tinha falado com o bispo, ouvia os romeiros, sabia o que os romeiros transmitiam para ele e começou a trabalhar, trabalhava demais. E nós ajudávamos. Eu fui "barata de Igreja" durante muito tempo. E Nossa Senhora disse mais uma coisinha: ele está precisando de reforço. Sabe o que ela fez? Tirou uma moça da Bélgica, professora, chamada Annette Dumoulin que com Ana Teresa que também era professora ... Isso aí tudo é por Nossa Senhora das Dores. Hoje nós estamos vendo o que está acontecendo. Chega uma pessoa dessa como Ralph Della Cava, lá dos Estados Unidos e faz o relato de defesa de Juazeiro.... E como tudo mudou. Nós estamos unidos ao Crato, fazendo este Simpósio. E eu agradecendo a Deus, todo dia. Pedindo para me dar forças para eu ver o Papa...

Agora, quem não viu a coroação de Nossa Senhora este ano, não viu nada de bonito na vida. Pe. Murilo deixou que o Padre Cícero coroasse Nossa Senhora... tiraram o vitral acima da Nossa Senhora, botaram o Padre Cícero que Helena fez em duas noites e botaram o Padre Cícero com a coroa de luz na mão – ele ficou em cima do muro, não entrou não, mas vai entrar – e na hora da coroação a coroa que estava na mão dele apagou e acendeu a que estava na cabeça dela. Todo mundo ficou batendo palma, chorando, gritando, vendo a beleza que foi essa coroação...

Eu queria dizer mais uma coisa: minha avó tomou parte nisso que eu vou contar. Era o momento das nove sextas-feiras. Quem fizesse nove sextas-feiras e perdesse uma tinha que começar da primeira, senão não ia para o céu. Então minha avó, reunia-se com umas dez ou doze mulheres, iam para o Crato para se confessar. E muitas vezes chegavam lá e não tinha mais padre confessando porque passava da hora. E elas voltavam, e minha avó não sabia como resolver isso. Mas o Padre Cícero dizia: "olha, vocês não vão ver isto que eu vou dizer, mas os netos de vocês, as netas de vocês, vão ver. Aqui vai ter tanto padre, tanta Igreja, que não vai haver falta de confissão." Quem me contava isso era minha avó. Eu vi, agora eu estou vendo o crescimento de Juazeiro. Padre Cícero previu a chegada dos franciscanos, a construção

dos franciscanos aqui em Juazeiro. Ele disse a Dedé: “olha eu passei por um lugar aí, um lugar que tem uma areia, bonita... pega 60 tarefas, faz um quadrado de 60 tarefas. Vai aí e plante feijão, macaxeira, o que você quiser. E divida comigo.” Dedé fez isso mesmo. Marcou o lugar onde hoje é o Santuário de São Francisco, plantou e deu tanto feijão que Padre Cícero quando chegou e viu o tanto de feijão ficou surpreso! “É o feijão que o senhor mandou plantar lá onde o senhor disse que será o seminário.”, disse Dedé. Mas aí acabou o feijão, Padre Cícero morreu, acabou tudo, e nada de seminário.

Um belo dia chegou frei Francisco aqui – nesse tempo Mons. Joviniano era vigário de Juazeiro – e estavam conversando lá na casa de Dedé, sentados na calçada, e dizia que tinha vindo para escolher um lugar para o Santuário de São Francisco. Dedé sabia da coisa, tudo mundo sabia, que Padre Cícero tinha dito, mas não disseram nada .. Na casa de Dedé (nesse tempo que não tinha televisão) todo mundo ficava na calçada, e eles chegaram e disseram: “Xavier, fomos para o lado do Salgadinho, o padre Francisco não gostou, fomos pra acolá, e lá e nada...” Dedé disse: “você já foram lá pros lado da Estação?” “Não, mas está programado pra hoje.” E foi assim... Mas olha que aquela quadra custou muito para ser Santuário. Durante esse tempo todinho chegou a ser campo de futebol. Aí um belo dia chega esse frade, e constrói esse Santuário.

Mas eu estou muito satisfeita de estar aqui com vocês. Isso foi um desabafo para mim. Eu pedia todo dia a Nossa Senhora para me dar forças para eu dizer alguma coisa sobre o Padre Cícero, porque eu tenho muita dificuldade de falar, esqueço uma coisa, outra, mas eu ia dizer que eu considero Padre Cícero um santo. Um santo sim. E Nossa Senhora das Dores é a maior Nossa Senhora que tem no céu.

Padre Cícero gostava muito dos animais. E o povo dava muitos animais a ele. Quando ele chegava com um papagaio, ele dizia, vai pra casa da beata Bichinha. Em casa da Bichinha chegou a juntar bem 40 papagaios. E havia um papagaio que cantava a Ofício de Nossa Senhora da Dores. Atrapalhado mas cantava. Para Abdias, pai de Abrahão Batista, ele mandou uma preguiça que lhe deram. Todo dia a gente ia visitar essa preguiça. Quando o Padre Cícero chegava na casa da beata Bichinha, que era vizinha à casa de Dedé, ele batia com o cajado no chão e aí a papagaiada fazia aquela gritaria e aí a gente já sabia: o Padre Cícero está na casa da beata Bichinha e eu naturalmente corria para lá porque eu era a secretária dele...

Em 1933, o Padre Cícero já estava completamente cego, cego mesmo, precisando de ajuda e tudo. Eu tinha me afastado por que logo que eu comecei a fazer o curso primário, eu deixei de ir lá na casa do Padre Cícero porque não tinha tempo. E também já trabalhava, comecei a trabalhar para me sustentar. Amália então me chamou, mais a Tarcila, Maria Menezes, Hilda Belém para fazer parte da comissão que ia pedir licença ao Padre Cícero para fundar a Escola Normal e pedir uma contribuição. Nós precisávamos de trinta contos de réis. Não tinha nenhum tostão. Quando ele soube da programação da Escola Normal Rural, que era para fixar o homem ao campo, para trabalhar, para comer verdura, para tratar de animais... ficou mais do que feliz. Riu, riu mesmo e disse: é essa escola que precisa. Mas não botou no nome dele. Deu uma ação para Generosa Ferreira de Alencar e Antonia Vieira que foram criadas na casa dele. Ele teve uma adoração pelo programa da Escola Normal Rural.

Era só isso.

PADRE CÍCERO: ENTRE A POLÍTICA E A RELIGIÃO POPULAR

Marcelo Ayres Camurça

Antropólogo, Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Religião da Universidade Federal de Juiz de Fora - MG.
mcamurca@acessa.com

Introdução

Tentativas de definição da personalidade do Pe. Cícero, como parece ser o foco deste Simpósio, na perspectiva de buscar “quem é ele?”, sempre esbarram na complexidade do fenômeno que envolve sua pessoa e o contexto em que ele se projeta. Vou procurar abordar duas dimensões - a *religião (popular)* e a *política* - que me parecem serem constitutivas tanto da figura do padre quanto do evento que ele protagonizou..

Em decorrência de meus estudos de alguns anos acerca do papel do Pe. Cícero dentro de um enfoque histórico, social e político, (Camurça: 1994) gostaria de refletir sobre juízos que se cristalizaram a partir de uma vasta literatura sobre o padre e o Juazeiro, por vezes *reducionistas*, por vezes *estranques*. Imputar ao Padre Cícero, características de um “coronel”, ou “chefe oligárquico” de uma forma unilateral, ou concluir que ele ficou “menos religioso” ao ingressar no mundo da política, de um lado, ou desconsiderar esta “virada” na sua trajetória, frisando apenas sua faceta de “sacerdote rigoroso”, ou “beato”, não contribui para uma visão mais amplificada de todo o fenômeno.

Pe. Cícero fez política sim!, soube compor-se com as regras desta política (oligárquica), mas sempre presidida pela cosmovisão católica-sertaneja que organizava sua postura e ética de vida. Desconsiderar esse aspecto crucial de sua personalidade e do movimento que liderou, pode levar a equívocos de compreensão do rico, complexo e ambíguo processo sócio-cultural-religioso dos sertões nordestinos.

Os episódios que são constantemente lembrados para diagnosticar no terreno social e político uma descaracterização da função de Cícero como sacerdote, são o *convívio do padre com jagunços e cangaceiros*, como também do *seu grau de envolvimento com a chamada “guerra de 14”, a “sedição do Juazeiro”*. Na apreciação de muitos cronistas da história do Ceará há uma ênfase no papel de Pe. Cícero enquanto “político” e “revolucionário”, secundado em dados de sua vida pública, quando foi prefeito, deputado eleito, vice-governador e membro do Partido Republicano Conservador; assim como das acusações feitas a ele de ter concorrido ativamente para o episódio da sublevação dos coronéis aciologistas que depôs o governo Franco Rabelo em 1914, promovendo uma série de violências, mortes, saques e roubos.

A frase atribuída ao Pe. Cícero no seu testamento, “nunca desejei ser político” (Morel:218) foi muitas vezes utilizada por seus críticos comentadores, não como “prova” da não aptidão do padre pela política, mas como parte de uma *contradição*, de um *paradoxo*, de quem diz não desejar a participação política mas que ocupou tantos e variados cargos de acentuada representatividade política. Penso que o Pe. Cícero, parece ter se sentido compelido a entrar na política, embora por motivos não-políticos, e sim, numa linguagem de hoje, pelas “pastorais-sociais”, sem possuir, afirmo eu, a lógica do jogo político. E foi esta a auto-imagem que ele quis passar no seu testamento para a posteridade, não de alguém que se jactava por sua notoriedade política, mas, ao contrário, de quem *justifica* sua inserção na política dentro do um ideal maior, pelo qual gostaria de ficar reconhecido: como homem religioso!

Pe. Cícero: Líder Político, coronel e latifundiário?

Quanto à caracterização do padre avaliado como “o líder político mais importante ... o coronel mais poderoso do Cariri e um dos mais poderosos do Estado” (Comblin: 26), esta segue uma linha já

percorrida por outros historiadores anteriores a ele, como o abalizado Rui Facó, que afirmou na sua obra "que nada diferenciava o padre de qualquer dos [coronéis] da região" (Facó:162).

No entanto, o entendimento que firmei desta problemática, é que o padre construiu uma liderança de abrangência regional, estadual e até nacional, sim, como sustentam seus críticos, quando o classificam como líder político. Contudo, esta liderança não estava vocacionada para o exercício do poder, seja aquele auferido por um acúmulo de riquezas em cima da exploração econômica de roceiros e trabalhadores do campo, pelo comando decisório dos destinos da sociedade local ou pelo controle de uma milícia armada como base de sustentação desse poder, como era do estilo dos coronéis da época. A liderança que atribuo ao Pe. Cícero em meu livro, foi de cunho *patriarcal* (Camurça: 1994, 143-146) porque, segundo Ralph Della Cava, "exprime com propriedade a autoridade *paternal* e *religiosa* que padre Cícero exerceu sobre seus adeptos" (Della Cava:122). Pe. Cícero funcionava como um "conselheiro" e um "padrinho" para o povo do sertão, aconselhando centenas de homens e mulheres em todos os aspectos de sua vida cotidiana: econômico, social, terapêutico, afetivo, moral etc. Esta sua prática era reconhecida pelo povo como um *apostolado* e um *serviço* e não como um *exercício de mando* e exigência de subserviência, que geravam o temor e o respeito que este mesmo povo nutria pelos coronéis.

Quanto à riqueza pecuniária acumulada em seu nome, fruto de tantas doações ofertadas em virtude das graças alcançadas pela sua intermediação de "homem santo", esta em nada alterou seu estilo de vida austero e pobre, sendo estes recursos empregados em sua ampla "obra social": amparo aos pobres, aos flagelados das secas sucessivas, doações para obras de caridade, para a Diocese do Crato, de Fortaleza e por fim para Roma, como parte da fidelidade e compromisso do sacerdote para com sua Igreja.

Voltando ao tema da atuação política do padre, o próprio Facó que o caracterizara como um "coronel", reconhece a sua *inapetência* por questões de exercício político, quando ressalta que ele nunca foi a Fortaleza tomar posse do cargo de Vice-Presidente de Estado e que nunca exerceu de fato o mandato de deputado federal para o qual fora eleito (Facó: 162). Pe. Cícero sempre se pautou por uma postura abstencionista ou de recusa em relação a cargos políticos conquistados e ganhos por ele, particularmente o da representação federal (fora do Juazeiro e do Ceará). Quanto a uma pretensa posição de liderança como vice-governador do Ceará, na verdade, o cargo que ocupou era o de 3º Vice, que ele exerceu *honorificamente*. Posto isto, considero que a "participação política" de Pe. Cícero consistia em emprestar seu prestigioso nome às elites políticas do Cariri para compor seus interesses (que, neste particular, associavam-se aos do Juazeiro) com as demais forças políticas do estado, num pacto de elites visando a governabilidade (no estilo oligárquico) do Ceará, sem, no entanto, se envolver nos meandros deste poder.

Pe. Cícero: Liderança Patriarcal e seu Projeto Sócio-Religioso no Juazeiro

Parece-me que o padre, apesar de não se envolver com a política "desde dentro", de fato negociou e articulou-se com o campo político regional e estadual do Ceará, visando salvaguardar o seu projeto maior: a *comunidade religiosa do Juazeiro*. Neste sentido, também aqui a percepção de Rui Facó parece apontar uma via de esclarecimento da questão, quando afirma que, apesar de não possuir "interesses políticos gerais", existia no padre Cícero "uma ambição voltada para o meio em que vivia" (Facó:162). Se, como mostra acertadamente o historiador, o interesse do padre era *local*: o Juazeiro, pergunta-se porque defender o ponto de vista do Juazeiro implicava numa articulação política? Como o movimento e a causa do "milagre" da transformação da hóstia em "sangue de Cristo", ocorrida em Juazeiro, havia sido proscrito pela Igreja Católica, ele procurará legitimar o seu projeto sócio-religioso no Juazeiro junto ao poder laico das elites regionais. Todavia, o modo como

o padre se comporta nestas articulações políticas pressupõe uma *visão religiosa do mundo*, que vai se expressar nos valores da *caridade* e da *pacificação*, temas com que ele vai conduzir sua ação no meio social cariense e nordestino, influenciando decisivamente na configuração social (econômica, cultural/religiosa e política) do Juazeiro. A resultante desta direção, que o padre imprime à sua “santa causa”, numa região a que acorreram, fruto dos “eventos milagrosos”, centenas de roceiros, sertanejos pobres e despossuídos, mas também comerciantes, fazendeiros, sem falar nos proprietários que já estavam estabelecidos naquelas terras do Cariri, será a da *conciliação* entre as camadas dessa sociedade sertaneja que estava se forjando no Juazeiro. Aqui sim, podemos falar em uma *liderança forte* de Pe. Cícero, enquanto uma *referência e autoridade moral*, com penetração nos dois pólos - ricos e pobres - desse conglomerado sócio-religioso-sertanejo, que era o Juazeiro. Utilizando-se do seu prestígio, o padre concorrerá para estabelecer um *pacto de acomodação* que permitiu a convivência de ricos e pobres nestas terras, “sob as bênçãos da Mãe das Dores”.

Pe. Cícero: Chefe Sedicioso e amigo de cangaceiros e bandoleiros?

Quanto à imputação feita por Comblin, de que o padre Cícero foi “vencedor de uma revolução” (Comblin: 26), e do seu grau de envolvimento do padre com a “guerra de 1914”, gostaria de pontuar que, na minha visão, o padre não foi o *protagonista* da rebelião oligárquica que depôs, num processo sangrento, o governo legal de Franco Rabelo em 1914.

Aliás, esta responsabilização ao padre provém de afirmação do historiador Otacílio Anselmo, que diz - sem apresentá-los - que “documentos irretorquíveis comprovam a responsabilidade direta e absoluta (do padre Cícero no movimento armado contra o governo Franco Rabelo)” (Anselmo: 391). Todavia, o Dr. Irineu Pinheiro, insuspeito historiador da “guerra de 14”, por suas relações partidárias com o partido aciologista, entende a origem da sublevação nas articulações que se deram entre os chefes políticos Dr. Floro Bartholomeu da Costa e o Cel. Antônio Luiz. Diz, assim, Pinheiro, na sua obra: “Estou convencido de que notavelmente contribuíram para a realização do movimento revolucionário aquelas conversações entre o Coronel Antônio Luiz e o Dr. Floro Bartholomeu” (Pinheiro: 31). O próprio Floro em conhecido discurso na Câmara Federal, chamou para si a autoria da sublevação do Juazeiro: “Será possível que não se saiba ainda hoje que fui eu o chefe da revolução do Joazeiro e único responsável por ella?” (Costa: 89). No meu livro, onde recuperei a história política deste conflito, baseado na correspondência entre os conspiradores - Floro e o deposto Acyoli, junto ao “todo-poderoso” Pinheiro Machado, que tomaram a iniciativa para a trama golpista no Rio de Janeiro - e o padre Cícero isolado em Juazeiro, chego à conclusão que a atitude de busca de uma solução pacífica do padre para as desavenças com o governo Rabelo desagradaram profundamente e até puseram em risco a conspiração em marcha (Camurça: 1994). O tom de aborrecimento das mensagens de Floro é patente: “Dê-me explicações que pedi se houve mentirosa conciliação V. Revma. partido adversário?” (telegrama: 16/09/1913); “V. Revma. não consentir conciliando-se partido adversário” (telegrama: 17/09/1913). Partilha desta minha avaliação, também, o historiador Ralph Della Cava, na sua obra, quando afirma que “o tom pacífico da carta do Patriarca e sua rejeição implícita à violência sustentam claramente a afirmação de toda sua vida que ele não fez a revolução. Quando a carta [do padre Cícero] chegou ao Rio de Janeiro, ela deve ter confirmado o terror dos conspiradores de que a posição conciliatória e de não violência poderia prejudicar o plano sinistro que tinham em mente” (Della Cava: 193).

Por fim, o padre só acede e autoriza o combate devido ao cerco que as tropas da polícia rabelista impõem ao Juazeiro, assim como às violências perpetradas por essas tropas contra romeiros na Cerca de Pedra e a ameaça iminente de invasão à cidade pelo comandante das tropas, o Cel. Alípio Lopes, que afirmou - a exemplo do que se fizera muito recentemente em Canudos - que invadiria,

“por[ia] querosene e tocar[ia] fogo no covil” (Carvalho: 122). Diante da inevitabilidade da guerra, as prédicas de padre Cícero aos combatentes do Juazeiro (dentre estes, sem dúvida, jagunços e “cabras” dos coronéis aciologistas) são marcadas pela ética cristã e por zelo contra qualquer outra violência desnecessária: “sigam meus conselhos: não bebam cachaça, não persigam de maneira nenhuma os fugitivos ... não tirem o alheio ... não procurem destruir as casas e muito menos matar pessoas fora do combate” (Oliveira: 166). Um registro de sua situação pessoal aflitiva diante da perspectiva de violência, mortes e sofrimentos advindos da guerra, é feito por Celso Gomes de Mattos em um artigo. Diz este autor que na hora da batalha o padre “se trancara no quarto e a beata Mocinha ... contava que olhando pelo buraco da fechadura, o vira de pé a rezar fervorosamente, traçando no ar com um crucifixo uma cruz na direção” dos combates (Mattos:87).

A despeito dos conselhos e advertências do padre Cícero aos combatentes - que irromperam do Juazeiro em campanha militar até Fortaleza, onde depuseram o governo - o saldo da chamada “sedição do Juazeiro de 14” foi de saques, depredações, violências e mortes. Na verdade, esse pode ser mais um indicador da pouca ascendência do padre Cícero quando a questão era a política da guerra. Para este caso, o comando estava com os coronéis, particularmente com Floro Bartholomeu: “Enquanto o padre Cícero insistia em dizer respeitem o que é alheio, tirem só o que precisarem para matar a fome, o Dr. Floro não se cansava de classificar como ‘escrúpulos infantis’ e dizia ‘o vencedor tem direito ao que é do vencido’” (Oliveira:166).

Quanto à acusação do padre Cícero ser “coiteiro de cangaceiros”, penso que isto se deveu à vinda de Lampião e seu bando a Juazeiro. Porém, esta estada do bandoleiro na cidade deveu-se ao convite feito pelo Dr. Floro ao “rei do cangaço” para integrar em nome do governo federal o “batalhão patriótico” que deveria combater a Coluna Prestes. Logo a estada de Lampião no Juazeiro foi motivada por um indulto e uma trégua do Governo Federal e não pela permissividade do Pe. Cícero. No que tange à passagem de jagunços e “cabras” pelo Juazeiro, é bom que se diga que eles estavam presentes em todo o Cariri, Ceará e no Nordeste. Onde quer que estivessem os coronéis e seus latifúndios, estaria também o seu “braço armado”, assim como bandos e bandidos avulsos que alugavam seus “serviços” às facções oligárquicas, nas guerras e “vendettas” que moviam umas contra as outras. O diferencial foi o comportamento do padre que, em meio a essa rotina de violência, abria a alternativa do perdão e arrependimento. Para com o faltoso, fosse ele um reles ladrão ou o pior dos criminosos, a atitude do padre foi sempre pautada pela conciliação e pacifismo do código cristão, que pode ser resumido na sua prédica: “quem matou não mate mais, quem roubou não roube mais!”

A atitude do padre Cícero, imitadora do Cristo que andava entre os marginais e mal-afamados, totalmente desprovida de preconceitos e esperançosa da capacidade de regeneração de quem quer que fosse, alcançou não apenas os bandoleiros e cangaceiros do sertão, mas os “subversivos” da Coluna Prestes, a quem em missiva considerava “moços valentes soldados do Brasil, impulsionados em corajoso tentame por um ideal, irrefletido embora, e que, entretanto ... passando perante a maioria de vossos compatriotas por celerados comuns, já se vos tendo comparado na imprensa das capitais, aos mais perigosos facínoras” (Morel: 108). A Luís Carlos Prestes e seus comandados, o padre conclama à rendição, oferecendo-lhes “garantias legais” e se comprometendo a ser seu “advogado perante os poderes constitucionais da República” (Morel:107). Morel anota ainda a opinião do secretário da Coluna, Lourenço Moreira Lima, que, no seu livro “*Marchas e Combates*”, testemunhou que o comando da Coluna teve “a oportunidade de ler essa carta, escrita com uma grande ingenuidade” - ainda aqui, como sublinhamos antes, prevalece a lógica não-política, desarmada da eficácia da “arte do possível” que presidia muitas das iniciativas do padre - “mas da qual ressaltava o desejo íntimo e sincero do Padre no sentido de conseguir fazer a paz” (grifo

meu) (Morel: 106). Nenhuma outra palavra poderia finalizar melhor uma avaliação do padre, que viveu em meio a uma intensa arena da luta política e social, e que muitas vezes *ingenuamente* esteve articulado a potentes e poderosos (na sua busca de ajudar os "pequenos"), mas que sempre se portou como um instrumento de pacificação e conciliação.

Referências Bibliográficas

- ANSELMO, Otacílio. **Padre Cícero: Mito e Realidade**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1968.
- CAMURÇA, Marcelo Ayres. **Marretas, Molambudos e Rabelistas. A Revolta de 1914 no Juazeiro**. São Paulo. Editora Maltese. 1994, 314 p.
- CARVALHO, Carlos Livino de. "A Tomada do Crato". **Revista do Instituto do Ceará**, vol 46, 1932, pp.119-136.
- COMBLIN, José. **Padre Cícero de Juazeiro** (Coleção Homens e Mulheres do Nordeste - Série Os Religiosos), São Paulo, Paulinas, 1991, p 26.
- COSTA, Floro Bartholomeu. **Juazeiro e o Padre Cícero**. Depoimento para a História. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1923.
- DELLA CAVA, Ralph. **Milagre em Juazeiro**. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1977.
- FACÓ, Rui. **Cangaceiros e Fanáticos**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1976.
- MOREL, Edmar. **Padre Cícero do Juazeiro**. Rio de Janeiro, Ed. Civilização Brasileira, 1966.
- NASCIMENTO, F. Fernandes. **Milagre em Terra Violenta**. Rio de Janeiro, Gráfica Record, 1968.
- OLIVEIRA, Amália Xavier. **O Padre Cícero que eu conheci**. (Verdadeira História do Juazeiro) Rio de Janeiro, s/s, 1969.
- PINHEIRO, Irineu. **O Juazeiro do Padre Cícero e a Revolução de 1914**. Rio de Janeiro, Ed. Irmãos Pongetti, 1938.

OS ARQUIVOS DO PE. CÍCERO E OS SALESIANOS

Antenor Andrade e Silva

teólogo, diretor do Colégio Salesiano São João Bosco de Juazeiro do Norte
aandrade@libero.it

1. Pré-história dos Arquivos

Durante os anos de 1922 e 1923, Pe. Cícero escreveu dois testamentos. O primeiro com data de 07 de março de 1922, afirmava que a maior parte de seus bens pertenceria à Ordem dos Premonstratenses de S. Norberto. Fazia-se menção também das Irmãs de Caridade de S. Francisco de Paula. Os herdeiros tinham um prazo de dois anos para abrirem escolas em Juazeiro do Norte. Se por ventura não cumprissem a condição, as doações passariam para o Santo Padre.

O testamento de '22, legalizado em Cartório, foi posteriormente rescindido e substituído. O novo documento de 1923 apresentava como legatária a Congregação Salesiana. A doação dos bens do sacerdote diocesano a religiosos fundamentava-se no desejo de que sua obra educacional e de formação da fé de seus romeiros tivesse continuidade.

No entanto, na transmissão de sua herança, Pe. Cícero não pensou somente nas duas Ordens e na Congregação supramencionadas. Em sua mente estavam também os Franciscanos e Franciscanas. Em novembro de 1914, o Capelão da Vila do Juazeiro escreveu a Frei Cyriaco Hielscher, manifestando

a idéia de que aqueles monges se estabelecessem em sua cidade adotiva¹⁰. Dois anos mais tarde, dirigindo-se a Frei Syriolo, relembra a solicitação de 1914¹¹. Na época seu grande desejo era que São Francisco alcançasse do Santo Padre, através do Frei Cyriaco, a graça de um Convento Franciscano dos Irmãos Menores.

Posteriormente o missionário dos romeiros, insiste com as Irmãs Franciscanas sobre a fundação de uma de suas Escolas no Juazeiro. Para tal finalidade havia destinado o "O Orfanato Jesus Maria José"¹².

Por que Pe. Cícero mudou de idéia, deixando parte de seus bens para outra Congregação, a dos Salesianos? A resposta vamos encontrar no parágrafo 3º do testamento de 1932.

Desde muito cedo, quando comecei a ser auxiliado com esmolas, pelos romeiros de Nossa Senhora das Dores que aqui chegavam, a par do auxílio eficaz por mim feito para o desenvolvimento desta terra, resolvi aplicar parte das mesmas esmolas recebidas em propriedades, visando assim fazer um patrimônio para ajudar uma instituição pia e de caridade, que pudesse aqui continuar a sua obra benfazeja. *E porque dentre todas as existentes nenhuma se afigurava mais benemerita de ação eficaz e de caridade mais acentuada do que as dos bons e santos discípulos de Dom Bosco, os beneméritos salesianos, a eles deixarei quase tudo que possuo, conforme adiante declaro*¹³. E rogo a esses bons e verdadeiros servos de Deus, os padres salesianos, que me façam esta grande caridade, instituindo nesta terra uma obra... estou certo que todos os romeiros aqui domiciliados ou de pontos distantes, como prova de estima e amizade a mim e em louvor e honra a Virgem Mãe de Deus, continuarão a freqüentar este meu amado Juazeiro com a mesma assiduidade e auxiliarão aos beneméritos padres salesianos, como se fossem a mim próprio, para manutenção aqui da sua obra de caridade cristã, isto é, dos seus colégios nesta terra para todo o sempre. Será a maior tranqüilidade pra a minha alma na outra vida»¹⁴

Mais adiante, Pe. Cícero declara que os dinheiros que recebeu para *aplicar como entendesse e quisesse*, aplicou-os em favor de obras e instituições pias e em bens para N. Senhora das Dores e para a Santa Congregação dos Salesianos.

«Declaro...que todos os dinheiros que me foram e continuam a ser dados, como ofertas a mim unicamente, os tenho distribuído em atos de caridade que estão no conhecimento de todos bem como em grandes e vantajosas obras de agricultura, cujo resultado tenho aplicado em bens, que ora deixo, na maior parte para a benemerita e santa Congregação dos Salesianos, a fim de que ela funde aqui, no Juazeiro, os seus colégios de educação para crianças de ambos os sexos»¹⁵.

Haveria ainda outro motivo desta preferência do Pe. Cícero pelos religiosos piemonteses. Dizemos *haveria*, porque não encontramos a prova documental do que afirmamos (por isso mesmo nem me arrisco a escrever o nome daquele homem público). Um veterano salesiano relatava que um certo Senador da República, em visita ao Juazeiro teria recomendado ao venerando presbítero a se dirigir aos Salesianos que seriam, segundo o político, os educadores mais indicados para continuarem sua obra.

¹⁰ APC. Pasta 28

¹¹ APC. Pasta 32

¹² *Idem*

¹³ Grifo nosso

¹⁴ Antenor de Andrade, *Cartas do Pe. Cícero*, pp-326-327

¹⁵ O Colégio Salesiano S. João Bosco do Juazeiro do Norte iniciou a matrícula para alunas a partir do ano de 1975. Na época era diretor, o Pe. Antenor de Andrade Silva.

2. Padre Cícero encontra-se com os Salesianos

De acordo com um bilhete do Pe. Carlos Leôncio da Silva¹⁶, o primeiro contato pessoal entre o Pe. Cícero e os Salesianos teria acontecido pelos nos de 1898. Esta informação encontramos em os Arquivos do Pe. Cícero do Colégio Salesiano S. João Bosco em Juazeiro do Norte.

Sabemos que o Capelão da Vila do Juazeiro, ao viajar para a Cidade Eterna, teve que tomar o navio em Recife. O percurso até à capital pernambucana foi realizado a cavalo e de Caruaru ao Recife em trem. Através dos sertões, o pastor juazeirense era acompanhado por grupos de seus devotos e admiradores, ao som de hosiannas e preces. Seguiu-o seu lugar tenente e fiel secretário João Davi da Silva.

Ao chegar em Caruaru, cerca de 120 km do Recife, ao tomar o trem Pe. Cícero avista alguém de batina. Apresenta-se ao clérigo, cujo nome era Lourenço Giordano, fundador e diretor do Colégio Salesiano do Recife. Pe. Giordano, italiano, teria hospedado seu novo amigo, até que ele embarcasse no navio que o levaria ao Velho Mundo. O Salesiano teria escrito uma carta de recomendação aos Superiores de Turim¹⁷. Entre os Salesianos mais prolectos afirma-se que na Capital do Reino do Piemonte, Pe. Cícero conheceu o primeiro sucessor de Dom Bosco, o Pe. Miguel Rua¹⁸.

Além da informação do Pe. Leôncio, outros autores que afirmam que o primeiro contato entre os padre de Juazeiro e os sacerdotes de Turim foi quando da passagem por Recife, em 1898¹⁹.

Em *Os Arquivos do Pe. Cícero* vamos encontrar uma série de correspondências endereçadas aos Superiores da Congregação de D. Bosco, envolvendo o tema da vinda dos Salesianos para Juazeiro do Norte. Através da leitura destes documentos percebe-se que o sacerdote Crato-juazeirense teve em seus últimos anos, a partir de 1924, uma verdadeira obsessão pela idéia, "o tema mais significativo dos últimos dez anos de sua vida", segundo Ralph della Cava.

Aos 22 de setembro de 1924, encontramos duas missivas, uma endereçada ao Pe. Rota, então Superior Regional dos Salesianos, a outra ao Pe. Dalla Via, Diretor do Colégio Salesiano de Niterói²⁰. Em ambos os documentos fala-se de uma fundação salesiana em Juazeiro. Naquela ocasião, Pe. Cícero sonda a possibilidade através de seus amigos Floro Bartolomeu e José Geraldo de Menezes. Pe. Rota mostrara-se então com "boa disposição"²¹.

Outras personalidades procuradas pelo fundador da cidade do Juazeiro foram Dom Bento Lopes, abade beneditino que visitou a cidade como visitador apostólico, em 1924; o Dr. Lopes Martins no Rio de Janeiro; o líder católico Carlos de Laet. Em 21 de junho de 1925 escrevia ao amigo Dr. Lopes Martins:

«Ah, como eu desejaria remover todas as dificuldades que se opõem à vinda dos Salesianos para o Juazeiro. Sacrifício não poupo neste sentido»²².

1. Os Arquivos e seu conteúdo

Os Arquivos do Pe. Cícero são documentos originais ou cópias em sua maioria datilografadas. Os que foram xerografados ou microfilmados estão guardados em 72 pastas. São em boa parte,

¹⁶ Pernambucano, ex-diretor do Colégio Salesiano do Recife, da Faculdade Salesiana de Lorena (SP), fundador da Faculdade de pedagogia de Turim, Itália, representante educacional do Brasil na ONU. Pe. Leôncio é um dos mais ilustres salesianos da Congregação. Faleceu em 1969. Quando estava na Faculdade em S. Paulo, da qual ele era Diretor, dizia-me certa vez: "Se Pe. Cícero quisesse, teria fundado no Nordeste o maior cisma religioso".

¹⁷ Procurei esta carta nos Arquivos da Pisanna, em Roma, onde atualmente se encontra o Arquivo Geral da Congregação, antes na Casa Mãe de Turim. Não tive o prazer de encontrá-la.

¹⁸ Falecido em 1910.

¹⁹ Cfr. Antenor de Andrade Silva, *Os Arquivos do Pe. Cícero*, 1977 p. 65 Juazeiro do Norte, CE.

²⁰ Onde estudou Cícero, filho do Conde Adolpho van den Brule.

²¹ Antenor de Andrade Silva, *Os Arquivos do Pe. Cícero*, 1977, pp. 65ss, Juazeiro do Norte, CE.

²² Carta do Pe. Cícero ao Dr. Lopes Martins, APC.

manuscritos feitos pelo próprio padre que possuía uma letra pequena, linda e bem desenhada. Ele costumava tirar cópias de suas correspondências. Os espaços das entrelinhas são rigorosamente milimetrados, pelo menos na época que gozava de boa visão. Muitos documentos foram escritos e/ou copiados pelos secretários ou outros copistas e assinados pelo sacerdote. Podemos dividir o acervo em duas partes: correspondências em geral e documentos sobre imóveis (terrenos, sítios e casas).

A partir de 1926, quando praticamente perdeu a vista, aparecem outras caligrafias como as de José Marrocos, Adolpho van den Brule, João Davi. Em 10 de agosto de 1931 temos o último documento do Arquivo contendo sua assinatura. Foi endereçado a D. Bonifácio Jansen.

Biblioteca particular

Os Arquivos não contêm somente documentos originais ou xerocopiados mas, guardam dezenas de livros, coleções inclusive. Até há alguns poucos anos estas coleções e livros, uma parte da biblioteca particular do sacerdote, estavam guardados em uma sala do Colégio Salesiano desta cidade. Hoje encontram-se no Museu Padre Cícero, situado na Rua São José, sob os cuidados dos Salesianos.

Folheando este acervo multilíngüe, concluímos que, plantado nestes sertões, padre Cícero era um estudioso, adaptado aos tempos, interessado pelas novidades científicas, apesar de alguns terem afirmado o contrário. Há gramáticas de inglês e francês do tempo de Cícero estudante. Compêndios de Medicina, freqüentemente consultados para passar as *meisinhas*, escrupulosamente seguidas por seus romeiros. Uma boa parte traz o seu autógrafo.

Estes documentos até há poucos anos se encontravam no Salesiano. Com a reestruturação do Museu Pe. Cícero na Rua S. José, eles passaram a integrar as lembranças do Pe. Cícero encontradas naquele local e que podem ser visitadas pelos estudiosos e/ou curiosos.

Pedidos populares

Em 1992, publicamos 266 bilhetes, escritos em linguagem popular bem simples. Alguns de difícil compreensão. Neles encontramos a palavra *Cícero* grafada em 196 maneiras diferentes.

São documentos onde podemos observar a influência carismática e messiânica do Padrinho sobre seus afilhados. Os pesquisadores poderão encontrar nos mesmos assuntos para estudos filológicos, antropológicos e psicológicos. Os bilhetes e cartas do povo ao seu protetor e amigo retratam a alma dos sertões nordestinos. Todos eles apresentam algum tipo de pedidos, feitos por homens e mulheres. Impressiona o grande número de homens que escrevem pedindo solução para seus problemas.

2. Conservação dos Arquivos

Uma das dificuldades que o pesquisador pode encontrar ao manusear o documentário é quanto ao estado de conservação dos originais. Por diversos anos permaneceram dobrados e encaixotados. Uma parte se apresenta danificada e amarelecida pelo tempo. Alguns originais somente conseguimos decifrar, através de lentes de aumento. O padre gostava de rascunhar, corrigir, revisar suas correspondências. Alguns desses alfarrábios são de difícil leitura, impossibilitando sua interpretação e conseqüente publicação.

3. As cópias de 1975-76

Em 1975, conversando sobre os Arquivos com o então Deputado Federal, Dr. Mauro Castelo Branco Sampaio, o mesmo deu-me a idéia de xerografarmos o material em mãos dos Salesianos. Encampamos a sugestão e com a devida licença do Superior Regional, o então Pe. Antônio Possamai, hoje Bispo de Ji Paraná, realizamos a empreitada. Através de um parecer da Comissão de Educação da Câmara Federal que considerou o trabalho de utilidade pública, as setenta e duas pastas foram duplicadas.

Os seguintes estudiosos receberam uma cópia dos Arquivos: Dr. Renato Cassimiro (Fortaleza), Dr. Geraldo Barbosa (Juazeiro do Norte), Da. Amália Xavier e o Prof. Joaryvar de Macedo e o mesmo Dr. Mauro Sampaio. Uma outra foi entregue ao Instituto Cultural do Vale Caririense.

No primeiro ano deste nosso século XXI, a Diocese do Crato realizou duas cópias microfilmadas, uma para si e a outra para os Salesianos.

4. Conclusão: E QUEM É ELE?

Após manusear por meses e anos parte dos Arquivos do fundador da cidade de Juazeiro do Norte, cheguei à conclusão que sua vida não foi diferente daquela de todos os servos do Senhor. Também ele foi um seguidor fiel e sofredor do Homem da Cruz. Foi e é um santo. Perseguido, incompreendido, mal interpretado, perdeu a todos, mesmo quando eram patentes as injustiças sobre sua pessoa.

Um homem que sabia o que queria e o queria firmemente, porque estava iluminado pelas luzes do sobrenatural. Um discípulo do Mestre de Nazaré do qual tentou, constantemente, em vida imprimir sua face nas glebas do Cariri.

Tivesse sido um rebelde, um megalomaníaco, a história seria diferente. Talvez nem houvesse história. Seu nome estaria apagado na poeira do tempo. Sua longa existência pluriforme, multifacetada, plena de fadigas, lutas, incompreensões, bondade, simplicidade e até mesmo ingenuidade²³ é um testemunho contínuo de um homem temente a Deus, amante dos pobres e que procurou sempre fazer o bem a todos. Parafraseando o que já foi pronunciado nesta cátedra, não duvidarei também em afirmar que sua vida foi do início ao fim um pastoreio, uma diaconia em favor dos menos favorecidos, dos sem voz nem vez.

A sombra de sua sotaina negra, suada e surrada foi, durante toda a sua existência, refúgio pararomeiros, maltrapilhos física e espiritualmente ou marginalizados social e geneticamente. No entanto, serviu também de abrigo seguro e trincheira salvadora, para quem não merecia seus favores e sua bênção.

O Pe. Cícero, nos escritos que nos deixou, é um homem íntegro, bem intencionado, obediente e corajoso. Um venerando patriarca para quem não havia esforços nem sacrifícios, quando se tratava de estar ao lado daqueles que também foram defendidos pelo Mestre das Bem-aventuranças. Somente a voz discordante da hierarquia o deixava inerte, obedecendo, o que para ele era sempre um martírio.

Concluo fazendo minhas as palavras de D. Delgado, já citado neste plenário: *considero Pe. Cícero um mártir e sua vida um martírio.*

DEBATE

Pergunta – **Porque o Padre Cícero não deixou em herança as terras do Caldeirão para o beato José Lourenço?**

Marcelo Camurça – Eu não vou entrar nessa discussão substantiva da cronologia e do testamento, mas para uma discussão mais de fundo, a pergunta é essa: porque inicialmente, o Padre Cícero colocou o beato nas terras de um coronel – José de Brito? Depois, José de Brito pediu as terras de novo e ele teve que se deslocar sem receber pelas benfeitorias. Porque o Padre Cícero, ao longo do seu projeto, colocou os beatos para fazerem arrendamentos e terras de coronéis?

²³ Um de seus amigos mais leais e sinceros, o Pe. Antero, certa vez lhe escrevia: "Você é mais velho porém, só absorto nas coisas do Céu, não conhece o mundo". Certos acontecimentos de sua vida, fazem-nos lembrar a frase do poeta quando dizia: *o mundo é mau, simula beijos para morder mais fundo.*

Pergunta – O Padre Cícero incentivou a ocupação das terras do Araripe e isso para você seria uma forma de gestão fundiária?

Marcelo – Em certo sentido é uma política múltipla. Na Serra do Araripe, até onde eu sei, com as terras devolutas da União, fazendo uma política de pequenas propriedades de roceiros, etc. Por outro lado, era uma massa muito grande de sertanejos que vinham e que ele colocou, como arrendatários, em terra de grandes proprietários. E nesse sentido, isso poderia quebrar esse pacto engenhosamente construído entre ricos e pobres e aí instaurar um conflito social de maior peso. É bom que se diga que o Padre Cícero teve um olhar voltado para os pobres mas não foi um precursor, como muitos querem mostrar, da Teologia da Libertação. Padre Cícero tem uma política de acomodação, uma política de arranjos, uma política de conciliação, como ele sempre quis, entre ricos e pobres. Não é uma atitude radical. E ele tinha penetração nos dois pólos. O beato Zé Lourenço foi uma pessoa de confiança dele. Se ele tivesse uma atitude mais radical, ele poderia quebrar esse pacto tão engenhosamente construído e instaurar uma tensão dentro da comunidade de Juazeiro. Ele nunca queria dividir. Ele queria articular sempre, e nesse caso, ricos e pobres.

As outras perguntas: se o Padre Cícero foi um coronel? Na acepção rigorosa do termo ele não foi um coronel. Ele foi mais um padrinho, um patriarca... Vejam bem, quando eu falei que ele lidava com uma gama de experiências sociais, culturais, afetivas, morais, espirituais, terapêuticas, isso está no depoimento da D. Assunção, do Padre Antenor... Mas, de qualquer maneira, o Padre Cícero transitou na sociedade política da sua época, compôs com os coronéis, conhecia, até certo ponto essa lógica, mas muitas vezes era visto como ingênuo, mas procurou articular, como eu disse, com alguma tensão, a comunidade de Juazeiro, dos beatos e dos romeiros, nessa sociedade política de sua época. Com algum êxito e com alguma tensão como eu disse. Isso a gente pode ver em cada episódio da sua vida social e política.

Pergunta – Se o ingresso do Padre Cícero na política se fez para preservar o Juazeiro? Tendo o Padre Cícero emprestado seu nome às elites, até que ponto ele não favoreceu a exploração pela manipulação do seu prestígio pelas próprias elites?

Marcelo – De fato, ele entra na política com a campanha pela autonomia de Juazeiro, em 1910. E ele fazia política com os códigos culturais do sertão e os códigos religiosos de sua formação religiosa, de sacerdote da Igreja. É uma composição muito complexa, embora ele transitasse pela política e soubesse, em alguma medida, articular. Mas, a intenção foi sempre a de preservar o Juazeiro e preservar aquele *modus operandi* de vida que ele julgava ser acertado.

Pergunta – Como entender a patente que ele deu a Lampião para combater a Coluna Prestes, segundo alguns historiadores?

Marcelo – Ele recebia Lampião como recebia qualquer um dentro da lógica “quem matou, não mate mais, quem roubou não roube mais.” Podia ser Lampião, podia ser o Prestes, podia ser a doidinha... qualquer um. A todos ele acolhia e tinha uma palavra de perdão, de conciliação, de aconselhamento, as vezes até ingênuo se o que está em jogo é a lógica da política.

Pergunta – Dentro da construção do projeto político do Padre Cícero como você analisa a participação de José Marrocos e qual a importância dele em justaposição ao Floro Bartolomeu?

Marcelo – Há dois momentos em Juazeiro, o que pode ser percebido também no livro de Ralph Della Cava, o momento da questão religiosa em que ele está circundado de lideranças como José Marrocos e Joaquim Lobo e um segundo momento onde ele está circundado por Floro Bartolomeu

e isso vai imprimir modalidades diferentes da política em Juazeiro. Quando a liderança é José Marrocos e Joaquim Lobo a questão está muito mais voltada para a questão religiosa. Quando o Floro assume o controle da ação política, fala em nome do Padre Cícero, e conduz a situação para acordos com as oligarquias e, de certa forma, foi contaminando o Padre Cícero com a política, muitas vezes apenas ligada a interesses de poder. E aí o seu nome passa a ser utilizado para as ambições políticas do Floro Bartolomeu. Mas há uma série de contradições dentro do Juazeiro. Floro Bartolomeu é o que manda matar o boi Mansinho, o boi que era cultuado... manda prender o beato Zé Lourenço, atrita com um dos pólos do catolicismo popular, atrita com segmentos da Igreja que queriam se aproximar, como o Padre Macedinho que veio aqui para o Juazeiro... Padre Cícero passou a ter uma relação melhor com a Igreja naquela época, mas ele tinha uma ascendência muito grande sobre Padre Cícero – isto é uma discussão até para as psicólogas; fala-se na questão do alter-ego – mas realmente o Padre Cícero optou por aquele caminho até por sobrevivência política e isso gera mutações na complexa história do Juazeiro. Ao aceitar que o Floro Bartolomeu compusesse com ele, o Juazeiro vai assumir uma feição mais oligárquica, mais voltada para os interesses do poder político que era até contraditório e ambíguo, como é a nossa realidade.

Pergunta – Porque os salesianos não continuaram a fazer a obra de caridade pedida pelo Padre Cícero? Não seria de interesse do Padre Cícero escolas gratuitas e não pagas como hoje? Qual é a responsabilidade dos salesianos na desapropriação do sítio Caldeirão?

Padre Antenor – Nós temos atualmente o Colégio com 306 alunos. Destes alunos 27% não pagam nem a matrícula. Alunos pobres que não pagam nem a matrícula. Recebem tudo do Colégio. Nós temos aos sábados e domingos, uma reunião com os meninos pobres da redondeza, pelo menos 200, onde damos a formação religiosa, catequética... Há um grupo enorme de colaboradores leigos que ajudam e após evidentemente as sessões de catequese, tem jogos. Ao invés de ficarem na rua eles ficam nos salesianos. Temos a Paróquia do Sagrado Coração, inaugurada há quase 30 anos, uma paróquia cuidada pelos salesianos que dá uma assistência social e religiosa, religiosa sobretudo, aos romeiros que era o que o Padre Cícero queria. O Colégio para meninos e meninas, queria o Padre Cícero. Atualmente são meninos e meninas. Nós temos lá em cima no Horto, dois padres, *full time*, dando assistência.

PAINEL

Cordenadora: Maria de Fátima Pinho

Chefe de Departamento do curso de História - URCA

DEPOIMENTO SOBRE O PAPEL DA COMISSÃO DE ESTUDOS PARA A REABILITAÇÃO HISTÓRICO-ECLESIAL DO PADRE CÍCERO ROMÃO BATISTA

Aroldo Braga

Assessor da Comissão Episcopal para a Cultura,
Educação e Comunicação Social da CNBB
aobraga@terra.com.br

Manifestando minha satisfação e agradecimento pelo convite que me foi feito para participar deste Simpósio, devo agora prestar um depoimento sobre o histórico e o significado da Comissão de Estudos criada pelo Bispo de Crato, Dom Fernando Panico, no desejo de dar consequência ao anúncio, acenado na homilia da missa de sua posse na Diocese e formalizado na Carta Pastoral *Corações ao Alto, Igreja de Crato*, de 20.10.2001, onde afirmou que desejava “*reforçar os cuidados pastorais em favor dos milhares de irmãos e irmãs, na maioria absoluta pobres, romeiros de Juazeiro do Norte*”.

Com esse ânimo, o Bispo pediu a colaboração do Setor Cultura da CNBB, onde eu já atuava como Assessor, no empenho de se buscar o caminho conveniente para tornar real esse seu propósito. Tivemos em Crato, ainda naquele ano, um primeiro encontro de abordagem da questão, do qual participaram Dom Fernando Panico, a Profª Maria do Carmo Pagan Forti, então de São Paulo, o Professor Eduardo Spiller Pena, de Curitiba, os padres Francisco Murilo de Sá Barreto e Francisco Roserlândio de Souza e eu.

Naquele encontro, de três dias, foram estudados os passos que poderiam ser dados, refletindo-se sobre as questões pastorais, políticas e acadêmicas que envolviam a figura do Padre Cícero, ponto de partida necessário para a ação pretendida. Viu-se que ao longo do século passado sua figura e tudo que a envolve foram objeto de muitos estudos, pesquisas, literatura e produções artísticas, ainda que nem sempre com o apoio e a colaboração da Igreja à qual o Padre dedicou sua vida.

Essa constatação nos fez compreender que, em lugar de novas pesquisas, seria muito mais eficiente a constituição de uma comissão multidisciplinar que se debruçasse sobre a reflexão já feita, colhendo toda a riqueza dos estudos já realizados por historiadores, sociólogos, antropólogos e psicólogos e outros, assim como sobre a experiência pastoral junto aos romeiros vivida pela Igreja de Crato, principal foco de interesse daquele desejo de “reforço” manifestado pelo Bispo em sua Carta Pastoral.

Decidiu assim Dom Fernando Panico, pedindo-me que colaborasse na constituição dessa Comissão. Com o apoio do Instituto Nacional de Pastoral, levantamos um elenco de nomes na área da história, sociologia, antropologia, filosofia, ciências da religião, psicologia e, ao que nos parece, pela primeira vez tratando desse assunto, teologia. Essas pessoas foram convidadas pelo Bispo e em janeiro de 2002, nas vésperas da Romaria de Nossa Senhora das Candeias, durante uma semana reuniram-se para o primeiro encontro de trabalho.

Aquela reunião, concluída em 2 de fevereiro de 2002, produziu o documento “*Considerações da Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero Romão Batista*”, destinado particularmente ao próprio Bispo e que teve significativas consequências para as relações

da Igreja de Crato com os romeiros de Juazeiro, para a compreensão que a respeito destes tinha o Clero de Crato e para uma nova visão da Igreja no Brasil sobre este grande sacerdote, reconhecido como santo por toda uma multidão de fiéis católicos ao longo do século XX, vindos em romarias sempre crescentes em número de pessoas e fervor da fé.

De posse do documento, encaminhando-o à Santa Sé, partilhando suas conclusões com os Bispos do Ceará e com o Presbitério Diocesano, Dom Fernando Panico tomou algumas providências e atitudes que repercutiram na Igreja e principalmente no coração dos romeiros do Nordeste, cuja presença nas romarias se multiplicou. As ações do Bispo, marcadas também por sua presença constante nos momentos mais importantes das romarias, foram retribuídas com o carinho dos devotos, que o consagraram como o Bispo Romeiro, título surpreendente para quem conhecia a história vivida pela hierarquia católica do Ceará em relação à Romaria de Juazeiro e aos fatos que lhe deram origem.

Entre essas atitudes destaco algumas que considero muito importantes, pelo valor particular de cada uma e pela simbologia que carregam na definição desse novo tempo para os romeiros:

- A publicação da Carta Pastoral "Romarias e Reconciliação", de 2 de fevereiro de 2003, documento profético e de grande beleza, onde a Igreja de Crato derruba os muros de incompreensão, reencontra a plenitude de Padre Cícero Romão Batista como seu presbítero mais importante e acolhe os romeiros da Mãe das Dores como sua mais importante riqueza;

- A elevação da Igreja Matriz de Nossa Senhora das Dores à dignidade de Santuário Diocesano, sinal de respeito e de afeto aos romeiros que ao longo de toda a história fizeram daquele templo a meta de suas peregrinações; e,

- A concessão do título de Monsenhor ao Padre Francisco Murilo de Sá Barreto, amoroso sacerdote que durante mais de quatro décadas acolhe os romeiros, fazendo deste acolhimento o seu apostolado. Esse gesto de reconhecimento do Bispo também simboliza o novo significado dos romeiros na Igreja do Crato.

Há que se destacar ainda o empenho do Bispo em levar seu Clero a compreender essa nova postura da Igreja, respeitando os limites históricos de seu passado e buscando a adesão consciente e refletida de cada sacerdote. Para isso, discutiu o assunto em reuniões do Clero e do Conselho Presbiteral, propiciou encontros de estudo e de diálogo entre a Comissão e os sacerdotes, disponibilizou a todos os documentos produzidos e procurou deixar bem clara a compreensão que tinha de seu papel de Bispo diante dessa porção do Povo de Deus que acorre de todo o Nordeste a esse pedaço sagrado da Diocese de Crato.

Algumas questões levantadas:

É reconhecido por todos que os assuntos que envolvem Padre Cícero Romão Batista são sempre cercados de grande polêmica e de grande paixão. Muitos dos senhores e senhoras, dedicando-se ao estudo das ciências humanas, ao abordarem esses assuntos compreendem bem tudo isso e sabem também que esta retomada da questão pela Igreja de Crato provocou, como era de se esperar, alguns questionamentos.

Apenas como depoente, pessoa que apenas a título de colaborador do Bispo se envolveu nesse processo, deixando aos especialistas sua análise, gostaria de abordar um desses questionamentos, deixando outros que vierem a ser levantados para abordar durante o diálogo que sucederá este momento.

O caráter e o nome da Comissão

São relevantes na história de Padre Cícero duas comissões constituídas pelo então Bispo do Ceará. As chamadas Primeira Comissão e a Segunda Comissão. Uma das características dessa atual Comissão é não ser a Terceira. As duas outras são assim significantes porque, canonicamente constituídas, tiveram um papel jurídico determinante, o que as tornou mões de toda a polêmica. Esta

Comissão não tem nenhum papel jurídico-canônico, é de assessoria pessoal ao Bispo, ajuda-o em seu convencimento, sem determiná-lo.

Um primeiro ponto crucial foi sua denominação de *Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-Eclesial do Padre Cícero Romão Batista*. Houve quem visse isto como um agravo à memória do Padre e negasse à Igreja "autoridade moral" para falar em reabilitação. De fato, colocando-nos na ótica da história civil, não há que se falar em reabilitação. Assim como é possível que se questionem tantas posições da Igreja a respeito. É seguro, entretanto, que no âmbito interno da Igreja, da história da Igreja no Ceará, tendo havido a perda de habilitação de Padre Cícero ao exercício do ministério sacerdotal, cabe perfeitamente uma reabilitação por parte da instituição. Longe de ferir a memória de Padre Cícero, essa reabilitação a enaltece e se insere no espírito de reconciliação que marcou a Igreja no período do Grande Jubileu, quando João Paulo II por diversas vezes reconheceu a oportunidade de pedir perdão por erros históricos praticados ao longo da História.

Os fatos ocorridos após a primeira sessão de trabalho da Comissão testemunham essa afirmativa e hoje está claro para todos que a Igreja de Crato está reconciliada com a história e com a memória de Padre Cícero.

Conclusão

Concluída esta primeira fase de suas atividades, produzindo alguns documentos e colaborando com o Bispo em seu diálogo com o Clero Diocesano, ajudando-o na compreensão dos complexos aspectos que envolvem a questão, a Comissão continua constituída e à sua disposição, pronta a lhe subsidiar com novos estudos que se façam necessários. Parte dela, fisicamente mais próxima, já colabora constantemente na leitura e sistematização da farta documentação em poder da Cúria e de outras instituições.

Tenho certeza de que cada membro da Comissão sente uma enorme satisfação por participar desse processo, maior ainda quando nos deparamos com um evento da grandeza deste Simpósio, onde podemos perceber que muito ainda se poderá encontrar na pessoa, na história e no pensamento de Padre Cícero.

CONSIDERAÇÕES SOBRE UM RELATO-TESTEMUNHO: PAULO ELPÍDIO DE MENEZES E O PADRE CÍCERO DE SEU TEMPO

José Nilton de Figueiredo
antropólogo, vice-reitor da URCA
zenilton@urca.br

Para o prof. Vladenir Menezes

Bem ao estilo do narrador cuja "sucessão de etapas na memória é dividida por marcos, pontos onde a significação da vida se concentra" (Bosi, 1194:416), Paulo Elpídio de Menezes não revela em termos de tempo cronológico quando esteve frente-a-frente com o Padre Cícero, em Juazeiro do Norte, pela primeira e última vez.

Fornece-nos, entretanto, duas pistas consideráveis: a primeira é uma autoconfissão: *não havia eu atingido a idade que tanto interesse despertam as cousas que passaram*. Esta assertiva de Paulo Elpídio é recorrente na literatura sobre memória. O narrador encontra-se ainda no momento áureo de sua função social. Não culminou a sua trajetória produtiva. Sendo "a memória, na velhice [...] uma

construção de pessoas agora envelhecidas que já trabalharam”, estudiosos afeitos em recuperar o passado pelos vieses coadjuvantes da memória não discrepam na afirmação segundo a qual “o homem jovem e ativo, em geral, não se ocupa com lembranças – não tem tempo para isso”.

A segunda vem de afirmações de um arguto observador, cuja conclusão após um tête-a-tête com o sacerdote presta-se mais para acentuar uma interpretação bem pessoal ao comparar os estados de crescimento material e espiritual do outrora *humilde filho de minha tia Quinô*. São observações rápidas e secas, mas com laivos de ternura e respeito.

Trilhando pelas leituras das rememorações como fragmentos ou retalhos próprios da condição de uma memória que faz escolhas, ou melhor, que não lembra tudo, depreende-se estar o nosso memorialista a caminho do amadurecimento. A julgar pelas lembranças de trabalho, como a de Procurador Fiscal do Estado, cargo que ocupou por “33 anos e meses”, Paulo Elpídio estaria com idade em torno de 44 anos. Em pleno exercício do trabalho os mecanismos de registro do vivido ainda é um ativo repositório dos marcos de sua trajetória cultural, que uma vez selecionados pelos filtros fornecidos pela cultura, tornar-se-ão objeto de rememoração na velhice.

Quanto ao Padre Cícero, o tempo do encontro é possível tenha-se dado quando este exercia o cargo de Deputado Federal, em 1926. Estaria ele com a idade em torno de 82 anos. É na condição de um homem já velho pela vivência e não pela idade que o narrador descreve os momentos essenciais daquele encontro. A chave para esse entendimento encontra-se no (des)encanto cosm a loquacidade e eloquência de seu anfitrião em assuntos de religião e política. E como *é próprio dos velhos relembrar...* o é também de falar, e de falar de suas vivências e experiências.

Paulo Elpídio não se preocupa em controlar o tempo histórico em suas narrativas, ou como lembra Walter Benjamim, o “tempo do relógio”, quando fora apresentado para o último encontro com o taumaturgo do povo nordestino. O dia, a hora, enfim, a data, portanto, não mereceu a devida importância. Aliás, em outra ocasião ele já advertia: *não é possível precisar as datas dessas histórias que venho contando. Desnecessário se faz afirmar que nenhuma nota escrita tenho sobre essas coisas. Venho me orientando pelo ano em que nasci – 1879. As narrativas não têm por fundamento leituras de livros ou monografias sobre a vida do padre Cícero ou da beata Maria de Araújo...*

O tempo ficou marcado na memória do ilustre narrador pelo significado daquele momento carregado de interesse, curiosidade, respeito e perplexidade criado pelo confronto de duas expectativas: de um lado, o cobrador do fisco estadual; e de outro, uma das figuras mais carismáticas da História do Ceará de todos os tempos.

A escrita de Paulo Elpídio, como ficou dito, não se circunscreve sob o status de uma narrativa histórica, pontuada por uma periodização, “preenchida qual um recipiente, que vai acomodando, indiferente, acontecimentos que caem ‘dentro dele’”. (Matos, 1989: 31). A narrativa de seu passado é preenchida primeiramente pelo calendário dos dias de festa; pelas celebrações coletivas e repetitivas dos ciclos festivos daquela cidadezinha onde a vida se realiza pela fricção de todos os desejos. E depois, pela “leitura” idiossincrática de acontecimentos tornados *documentos* por se prestarem, desde há muito, à instigação de pesquisadores a (re)escrever e fazer história. Melhor dizendo, Paulo Elpídio ao transpor para o papel as lembranças do vivido, segue tão-somente as sendas da inspiração convertida na vontade de *contar tudo que vi ouvi, em casa de minha mãe, viúva, desde que me entendi, até 1896, quando deixei a terra onde nasci*. A melhor definição vem do próprio autor: *são crônicas “corrente calamo”*. O adjetivo latinizado particulariza um modo de escrita que remete ao ato livre de contar coisas que falaram e ficaram na memória, e no caso em pauta, diz ele, *o seu autor teve intenção, apenas, de ajustar o vocábulo à sua exata acepção, com termos mais adequados que exprimissem os fatos por ele narrados*.

Dessa forma, seu livro traz o testemunho de muitas falas e acontecimentos. Seu impulso em olhar para os rastros do passado é instigado pelo afã em contribuir para a continuidade das narrativas

sobre sua terra. Pela consciência de oferecer, ao presente, evocações que seu olhar captou de múltiplas determinações. É seu recorte da memória coletiva a qual era parte integrante através de laços de parentesco com homens e mulheres ligados à vida social e política das terras dos Cariris. Dela ele pinça passagens e fatos que viu e ouviu e vai tecendo uma grande teia de lembranças. Essas o fazem voltar no tempo e encontrar um menino de apenas sete anos de idade já órfão de pai e levando o sofrimento de ver a mãe definhando sob o adiantado estado deletério da tuberculose.

É sempre muito prazeroso viajar nas recordações daquele menino a contar, *desde que me entendi*, no livro *“O Crato de meu tempo”*, a vida da pequena urbe, com seus monumentos, locais de reprodução social da vida, tipos humanos, festas e folguedos, desassossego e beligerância, futricas, fuxicos e pequenos pecados, enfim, uma paisagem emoldurada por um **mundus** com seus **habitus** fortemente enraizados num modo de vida provincial e tradicionalista.

Para um intelectual em vida propecta não podiam ser outras as linhas iniciais da trajetória memorialística que não as reminiscências da escola. Descreve com parcimônia de palavras a ambiência exterior de sua primeira escola e as peripécias infantis de um final de aula. De um lado a Praça da Matriz; de outro, o prédio de dois pavimentos da Cadeia Pública. Em baixo as celas; em cima, o local da justiça e do poder legislativo. Deste local em que também se realizam eleições municipais presenciou o desenrolar de um agitado dia de eleição, com grupos armados locais numa disputa mortífera pelo poder. Sabe lá se esses fatos internalizados na mente em formação daquela criança não contribuíram possivelmente para fazê-lo delegado de polícia em Maranguape e bacharel em direito, aos 46 anos?

A vivência de Paulo Elpídio no ambiente de tantas histórias infelizmente é muito curta. Nasce e permanece no Crato até aos 17 anos. Ouviu e assistiu fatos da vida sócio-política e religiosa no momento mesmo de seu desenrolar. Esteve presente como testemunha ocular no contexto de onde emergiram importantíssimos acontecimentos da História Política e Religiosa, balizadores da grande transformação sofrida em plagas caririenses, com repercussão para o Ceará e o Nordeste.

Ao olhar, ouvir e sentir o Padre Cícero naquele encontro em que afloraram reflexões adultas e intelectualizadas, igualmente emergiram, de pronto, recordações dos tempos de infância, quando no interior do convívio familiar, na sua pequenez física e mental, olhava, ouvia e observava de perto *o filho de tia Quinô*. Dele presenciou, e escutou de seus próximos, relatos de acontecimentos decisivos para a construção histórica do personagem, notabilizado para a posteridade pela coragem e singularidade como pacientemente teceu uma redução antropológica da teologia eclesial para uma teologia da igreja dos pobres. Com a propriedade de quem guardara nas retinas uma imagem outrora tão familiar, ensaiou uma comparação psicologizante entre estados d'alma quando escreveu: *muito distante estava o Padre Cícero, que me falava daquele que se demorava na casa de meu tio Aristides, no Sítio Porteiros, quando de passagem para o Crato. Bisonho, 'preso às inspirais de um sonho', cabelo e barba por fazer, batina coçada e, às vezes remendada, calçado cambado, distraído e, como que, desinteressado da vida terrena.*

O narrador lembra à época o Padre Cícero aparentar *ter uns quarenta e poucos anos de idade*. Descreve um quadro de penúria vivido pelo padre e sua mãe, Joaquina Vicência Romana, Dona Quinô. Conta como esta sua tia, prima de sua mãe, buscou reverter a paupérrima condição de vida por que passava a família Romão Batista.

Muito impregnada em suas lembranças ficou a imagem de um padre *taciturno e distraído...*, *desprendido e desinteressado, nada recebia em paga dos sacramentos prestados aos que a ele recorriam, dentro ou fora de sua paróquia.*

Em suas impressões sobre o contexto dos fatos miraculosos não se encontram resquícios de visões maniqueístas próprias de uma “historiografia” regional marcada por “defensores e acusadores” do Padre Cícero ante as repercussões dos fatos miraculosos. O narrador é fiel somente

às cenas, aos movimentos e aos atores captados pelas câmaras de seus órgãos sensitivos. Não faz nenhuma referência àqueles acontecimentos emitindo implícita ou explicitamente preconceitos negativos do que poderia vir de seu *empedernido ateísmo*, quem sabe, efeito de uma história de vida marcada por um permanente combate para sobreviver num mundo socialmente opaco, religiosamente ignorante e politicamente anômico.

O observador se encontra numa posição privilegiada. Transita por diversos palcos da arena dos acontecimentos. Eis alguns de forte apelo histórico por tornar-se recorrentes nas discussões em torno da contextualização do milagre.

Sobre o milagre: *Um domingo, depois de acabada a missa, vi o povo correndo na direção da casa do Cura de Juazeiro. Corri também, no mesmo sentido. Pelo caminho ouvi dizer que a beata estava com o ataque (no original está em itálico). Chegando à casa de minha tia Quinô, que ficava na Praça do lado esquerdo da Igreja, ainda pude entrar na sala. Sentindo, porém que me ia faltando fôlego, imprensado entre as saias do mulherio, procurei sair para a rua, o que, a custo, consegui. Mas minha irmã Euclides, que ali se encontrava hospedada, bem de perto viu o milagre (no original está em negrito) – Maria de Araújo, tesa, estirada numa rede, com os braços abertos, as mãos espalmadas, a boca cerrada, as bochechas tufadas, os olhos virados para cima, os pés por cima um do outro. Nas palmas das mãos e na testa, transpareciam raios de sangue....*

Sobre a construção do silêncio: *Uma vez, ao entrar na casa do Vigário do Crato, padre Antônio Alexandrino de Alencar, vinha saindo de dentro uma mulher em adiantado estado de gravidez. Impressionou-me os gritos do padre. E, ainda mais, a atitude da mulher. Ela dava murro com a mão direita, na palma da esquerda, e gritava ainda mais alto que o vigário: - “acredito, acredito, acredito! Se quiser me confessar, me confesse, se não quiser, não me confesse”!*

Sobre a violência da força convertida em aceitação: *Encontrava-se no Crato, um destacamento policial do Estado, comandado pelo capitão Nicácio. Uma noite, pelas 20 horas, o silêncio habitual foi quebrado pelo estalar de uma corneta na estrada, já bem perto da casa do meu tio Aristides. Recebido amavelmente, entrou e sentou-se em uma rede, que tinha armada na sala. Alto, moreno e elegante, de um garbo invejável, entrou logo no assunto de sua missão. Na farda de pano fino, inglês, brilhavam metais dourados, salientando-se duas listas encarnadas em cada perna das calças. Encostei-me na parede, debaixo do punho da rede. Os soldados que o acompanhavam, talvez uns quarenta, encheram a calçada. Em balanços moderados, a ponta do rebenque tocando no chão, disse o oficial: - “Aristides, eu vou acabar com aquilo”. Referia-se ao fanatismo de Juazeiro. Daí a uma semana, mais ou menos, em sua volta, sentado na mesma rede, mostrando-se impressionado com o que vira, murmurou: - “Aristides, aquilo é realmente um milagre”. Não sei ao certo se foi ouvido em confissão pelo padre Cícero. Mas corria o boato de que o oficial se havia convertido.*

Sobre a punição sofrida pelo padre com a proibição pregar no município de Juazeiro: *... o resignado sacerdote vinha, então, aos domingos, dizer missa conventual no Saquinho, cuja capela dista do Crato uns dois quilômetros e meio. Em uns desses dias, reservados ao descanso, fui a Juazeiro. Passando Saquinho, encontrei o Padre à frente de uma considerável procissão. Mas sem santo. Era a missa domingueira. Em Juazeiro encontrei um sacerdote dizendo missa por ordem do Bispo (no original está em itálico). A vila, no entanto, dava a impressão de que se encontrava sem viva alma. O enviado da Santa Sé celebrou ouvindo as moscas voarem, no espaçoso templo de Nossa Senhora das Dores. Ao passar pelo Padre Cícero, encontrei gente até chegar em Juazeiro. Verifiquei que fui o único, talvez, naquela manhã, em viajar em sentido contrário, isto é, em direção à Meca Caririense. E quase todos que encontrei na caminhada, dirigiam-me a seguinte pergunta: - “Meu padrim vai aí? ao que eu respondia – “Vai”.*

O perfil traçado do Patriarca quando comenta cena dos acontecimentos revela, entre outros, um homem *de quem era difícil, nesse tempo, arrancar-se uma palavra sobre os murmúrios em torno do milagre*. O padre Cícero torna-se a partir das primeiras horas dos fatos extraordinários um ser de silêncio; silêncio cauteloso, silêncio obsequioso.

Termina suas memórias o jovem boêmio de Crato, comerciante de Quixadá, barbeiro e delegado de polícia de Maranguape, jornalista de Fortaleza e Belém do Pará, bacharel e aposentado como Procurador Fiscal do Ceará, sobre o que viu e ouviu, refletindo o quando a aplicação das penas impostas ao padre Cícero levou *o ódio aos seus paroquianos, calando mal em toda a população do Cariri*. Enaltece *suas virtudes e merecimentos*, sua *conduta irrepreensível* ao tempo em que lamenta a repetição do gesto de Pilatos no comportamento de seus pares.

Ao concluir estas considerações sobre o relato-testemunho de um septuagenário muito me admira como ele faz renascer nas suas lembranças uma história que nos dois últimos e nesse atual Simpósio celebramos seu renascimento. Colocando tijolo por tijolo no desenho mágico e sólido do fenômeno, cada vez estamos atualizando a imagem do "cadáver insepulto" quando nos identificamos com o passado que fala do Padre Cícero, um passado que não quer calar. O Padre Cícero é um cadáver insepulto...porque o "trabalho do luto não se realizou".

DEBATE

Pergunta – Se o Padre Cícero guardou silêncio obsequioso em relação ao milagre, porque ele foi suspenso de ordens?

José Nilton – A questão é que o Padre Cícero foi protagonista de algo que o povo também tomou conhecimento. A multiplicação da história, o que aquilo causou no seio da sociedade cearense, caririense e primeiramente a notícia saiu lá no Pernambuco, um jornalista noticia os fatos do Juazeiro... aquilo foi um clamor... Isso fez com que o Padre Cícero fosse afastado. Não porque ele falasse. Ele não falava nada sobre isso... Não há nenhuma literatura que diga que ele ia para o púlpito falar, que ele estava à frente ... Ele simplesmente calou, deixou que os fatos se sucedessem. Mostrava a prática que por mais que se fizesse, a fato continuava acontecendo. Por mais de quatro anos! Aquilo não foi só um momento... já acontecia há quatro anos. De modo que não há literatura conhecida, nenhum discurso na memória dos velhos, de quem participou naquele momento, nenhuma palavra de que o Padre Cícero fazia, nas suas prédicas, a menção ao fato que acontecia. A questão foi outra.

Pergunta – Por que cadáver insepulto? Estariam os assuntos repetitivos em putrefação ou a Fênix pronta a renascer?

José Nilton – Essa é uma sacada do Walter Benjamin. Cadáver insepulto é aquele que está sempre pronto a renascer. A alegoria não é no sentido da putrefação mas de renascimento, algo que ainda não se fechou e é possível sempre voltar e resgatar e procurar ver de vários ângulos esse acontecimento. É por essa linha. Walter Benjamin não coloca a questão do esfacelamento, isso é a memória que não quer calar, é a questão da busca da fala dos personagens que foram vencidos ao longo da história.

Pergunta – Dom Panico foi meramente nomeado para a diocese do Crato ou essa nomeação foi proposital para reabrir os estudos sobre a vida do Padre Cícero?

Aroldo – Com certeza eu não posso responder, porque a nomeação de um Bispo é um processo que geralmente nem o próprio nomeado sabe porque foi nomeado. Recebe a carta do Papa dizendo

que foi nomeado. A gente não pode fazer uma ilação desta. Agora, eu penso que esta pergunta nasce, não porque possa existir fato assim mas porque está no coração do povo essa preocupação e é o primeiro bispo a tratar disso, então pode sugerir essa pergunta... Talvez o Espírito Santo possa explicar o porque da nomeação.

Pergunta – Como os bispos do Ceará se comportam diante do fenômeno? Porque não estão presentes?

Aroldo – Até onde eu sei, os bispos do Ceará acolheram com grande satisfação os propósitos de D. Fernando que foi partilhar com eles nas suas reuniões próprias. Não existe notícia de nenhum bispo do Ceará que tenha se manifestado com qualquer reserva a respeito deste processo. Agora, o fato de eles não estarem aqui, talvez seja pelo mesmo motivo por que nós estamos. Quer dizer, nós temos condições, tempo e eles não devem ter tido. Eu que trabalho na Conferência Episcopal sei que é difícil a agenda de qualquer bispo. Ainda vai ter bispo canonizado por causa da agenda!

Pergunta – Para a canonização do Padre Cícero acontecer, não é necessário acontecer a sua reabilitação, devido à carta de excomunhão? Ou a reabilitação acontece com o pedido de perdão do Papa João Paulo II? O que falta para a canonização acontecer?

Aroldo – O processo de canonização não está de nenhuma forma relacionado com esse movimento de reabilitação que aqui se desenvolveu. O processo de canonização é outro e tem um roteiro canônico a ser desenvolvido. Também eu penso que quando eu me referi ao pedido de perdão do Santo Padre por acontecimentos ocorridos ao longo da história da Igreja eu posso ter ajudado a fazer esta confusão. O que existe é que o gesto do Bispo de Crato, de reconciliação com a história, se inseria num contexto do gesto que a Igreja em todo mundo fez, a partir daquelas atitudes do Santo Padre à época do grande jubileu.

O que falta para a canonização acontecer ... cada santo tem a história particular de canonização. Padre Cícero com certeza, não é o primeiro padre da Igreja a ter questões difíceis de serem resolvidas ao longo do tempo. O próprio padre Pio teve dificuldades agora recentemente. Para acontecer a canonização é preciso duas coisas: ela decorre de algo que estaria no coração do Bispo e que o Bispo, por responsabilidade só deve anunciar quando ele achar que assim o Espírito Santo lhe inspira. Então a gente não sabe se falta muito, se falta pouco. Se é este Bispo, se será outro... o que nós devemos comemorar é essa atual realidade: não há nenhuma separação mais entre a Igreja e o seu Corpo.

Pergunta – Referendar o Padre Cícero é uma questão de justiça? Após tantos anos, porque essa justiça ainda não foi feita?

Aroldo – Eu reafirmo o que eu disse há pouco. Eu penso que a reabilitação aconteceu nesse gesto que atingiu o coração da Igreja, do seu clero e do seu povo todo. Eu penso que o próprio Bispo afirmou isso quando no começo do seu ministério aqui no Crato. Disse que ele desejava fazer justiça ao povo romeiro. Eu penso que a justiça foi feita.

Pergunta – Para o povo o Padre Cícero foi santo. Por que em alguns momentos, a Igreja tem dificuldade de ouvir a voz do povo? Para a Igreja a voz do povo não é a voz de Deus?

Aroldo – Em 2 de fevereiro de 2003, diante de uma multidão aqui de mais de 200 mil pessoas, naquele clima da assunção da Igreja de Nossa Senhora das Dores a Santuário

Diocesano, uma missa celebrada por Dom Marcelo Pinto Carvalheira, ele disse uma frase que eu decorei porque achei bela. E essa frase é a resposta a essa pergunta. Ele dizia aos romeiros: Esta alegria que vocês têm agora, vocês não a devem a ninguém. Devem à fidelidade que tiveram durante um século à memória do Padre Cícero, esperando que nós, Igreja, começássemos a entender o que vocês sempre souberam. E essa não é uma novidade na Igreja do Crato. Essa é uma coisa que se repete há mais de mil anos na história da Igreja. Sempre o povo descobre primeiro, depois a hierarquia, que tem os seus limites estruturais, vai absorvendo. Mas é o povo quem vai à frente, sempre.

Pergunta – O poder do Estado e do Clero não está fazendo ressurgir escritores lendários e facciosos da nossa história? Quais as consequências?

José Nilton – Eu acho que no passado isso aconteceu, né? Nós tivemos uma literatura, no passado, muito facciosa, tendenciosa, muito em cima do “disse me disse”, sem a parte documental. No momento em que Della Cava chega e começa a abrir os arquivos e descobre que na cidade do Juazeiro existem mais arquivos do que se pensava e depois Luitgarde vem do Rio de Janeiro, trazida pelo Renato Casimiro e vai buscar se informar nos arquivos, essa história tendenciosa passou porque se você trabalhar com documentos, não dá para ficar tendencioso. Você não pode inventar ... o historiador, o antropólogo deve permitir que o documento fale para ele. Não se inventa e não se cria ídolos, tendências numa coisa que é histórica. Você não pode criar tendências numa coisa que está aí para ser observada de vários lados. O que eu acho é que depois de 1970, 76, nós tivemos realmente historiadores e pesquisadores, escritores trazendo à luz, ultrapassando os limites daqueles fatos que ficaram circulando aqui no interior do Cariri, especialmente na cidade do Crato, em torno de demonstrar apenas se o Padre Cícero era embusteiro, se era mentiroso, se era falso. Essa coisa foi ultrapassada pela própria história e pelas Ciências Sociais. E digo mais, quem trouxe a grande abertura, Dra. Luitgarde que está aqui, ela disse duas coisas: a revolução socialista foi feita pelos beatos, haja vista o beato José Lourenço; e quem começou a canonizar o Padre Cícero foram as Ciências Sociais.

Pergunta – Quem tem acesso aos documentos e quando eles estarão disponíveis e a comissão de reabilitação do Padre Cícero, através de D. Fernando, não poderia ter acesso aos documentos do Vaticano?

Aroldo – Vocês já ouviram hoje o Prof. Della Cava falar de toda a saga para encontrar os documentos. Eu tenho a impressão que Padre Cícero previa estes Simpósios ao longo do século porque ele tinha documento demais. Muitos estão sendo encontrados agora. Quanto aos do Vaticano, não é esta comissão que deve ter acesso. Esta comissão é um instrumento auxiliar do Bispo. No momento certo, a Diocese conseguirá no Vaticano, os documentos que por lá estiverem. Não dá para a gente dizer se vai conseguir, nem quando, quais os documentos que faltam....

Pergunta – O pedido de perdão do Papa pelos pecados cometidos pela Igreja ao longo da história pode ser atribuído às duras críticas que a Igreja tem sofrido por parte dos estudiosos?

Aroldo – Quanto a essa questão é bom deixar claro: a Igreja tem assumido uma postura de diálogo com os estudiosos. Foi há pouco tempo que o Papa, na sua Carta *Fides et Ratio*, abordou essa questão. Hoje a Igreja acolhe essas críticas como um caminho para a busca da verdade. Com certeza a postura de revisão da Igreja decorre das críticas que alguém faça. A Igreja tem um diálogo de grande respeito e colaboração com a ciência.

Pergunta – No processo de reabilitação do Padre Cícero suas virtudes já foram comprovadas?

Aroldo – Nossa comissão encontrou, neste debruçar-se sobre os documentos de pesquisa que foram feitas ao longo dos 70 anos passados, o elenco de virtudes do Padre Cícero que comprovam a sabedoria do povo quando o considera como o considera. Não existe a comprovação da virtude mas a constatação de que a pessoa viveu assim como foi possível. Não é um trabalho da comissão comprovar virtude mas a comissão claramente disse ao bispo que via essas virtudes no Padre Cícero.

MINI-CURSOS

ALTARES E OFICINAS

Gilmar de Carvalho

Doutor em Comunicação e Semiótica, professor da UFC
gildecarr@uol.com.br

Padre Cícero teria dito, baseado na máxima beneditina - trabalho e fé -, que cada casa do Juazeiro, cidade que ele fundara, deveria ser uma oficina e ter um altar. A ordem foi cumprida. Grande parte das casas da cidade têm suas paredes votivas. São altares que dizem do exagero da fé, incondicional. Feitos por pessoas que não querem manter a privacidade de sua ligação com o sagrado e escancaram o que crêem. Assim, as paredes votivas são altares. Mais que isso, manifestos de uma tradição barroca, apropriada pelo povo, que se manifesta nas molduras com estampas, outras protegidas pelos caixilhos de madeira e miniaturas de oratórios. Gravuras de santos, anjos, cenas bíblicas e o Divino, em meio a flores de tecido, compradas na rua Santa Luzia, fitas de cetim e flores de plástico. Com o brilho das luzes, o lume das velas, cruzes de madeira com o Cristo ou de palha de carnaúba, distribuídas no Domingo de Ramos.

O que importa é o acúmulo. Essa é a estética que predomina. Onde a obra está sempre em construção, traz as marcas da memória e nunca se conclui. Assim se estabelece essa relação hiperbólica. Onde mais é mais e o menos pode ser considerado um índice de pouca fé. No centro da cena, o Coração de Jesus, culto estimulado pelo Padre Cícero, e o Coração de Maria. Imagens de gesso ou de madeira se espalham pelas peanhas sertanejas.

Nesta profusão de signos sagrados, tudo faz sentido e tanto lembram um instante de aflição ou de dor como uma graça alcançada. As fotos de parentes mortos convivem com mártires, virgens e beatos. Os vivos estão presentes, como ex-votos, uma forma de pedido desesperado de amparo.

E em meio a tantas cores, formas, texturas e brilhos, o povo constrói seus altares usando os materiais de que dispõe, nobres ou reciclados. O que vale é a inventiva, como uma forma de traduzir o numinoso, este instante em que o fiel se funde com seu Deus e formam um só, marcado pelo bodejado dos benditos, pelo mantra que é o rosário debulhado, pelo sinal da cruz, que é o sinal do cristão, já ensinava o Catecismo.

As oficinas, baseadas nas corporações de ofícios, com seus mestres, oficiais e aprendizes, transmitem saberes e fazeres, no âmbito familiar ou da vizinhança. Juazeiro tem uma expressão de arte e artesanato; aquela baseada na invenção, este, na habilidade, que desconcerta qualquer expectativa que se faça. Aqui se encontram todas as modalidades de expressão: das narrativas que ganharam o suporte do impresso, nos folhetos de cordel à xilogravura que inscreve na madeira princesas, dragões, cangaceiros e beatos.

É forte a expressão no barro que se modela, do utilitário ao meramente decorativo, como as máscaras hieráticas de Cícero Fonseca e os "temas", cenas tridimensionais tendo por base uma

superfície plana, modelados pelas Marias, mulheres da família Cândido, que registram nestas peças a crônica visual de um tempo e de um lugar.

A escultura em madeira vai da influência de Noza, que teria talhado o Padre Cícero definitivo, seminal em seus traços econômicos, enxutos, despojado de qualquer pompa eclesial. Aqui, temos o velho patriarca como se postava para a bênção na janela de sua casa, à rua São José, de batina, cajado e chapéu. Noza deixou muitos discípulos. A profusão de santinhos diz da força deste mercado da fé. Mas uma escultura paralela, com fortes referenciais míticos foi exercitada por Mestre Nino e encontra, hoje, em Manoel Graciano, um sucessor à altura. Presépios, bandas cabaçais e os bichos da mitologia cariri estão aqui: macacos, lagartos, gaviões, corujas, cachorros e sapos. Seres mágicos que habitavam a lagoa encantada da Chapada do Araripe. Zé Celestino fez apitos eróticos, um "kama-sutra" sertanejo, sucesso de venda que não contrasta com os santos que também esculpe. Em poucas palavras, ele supera a possível tensão ao dizer que para ele tanto faz cortar uma cena de sexo grupal como uma madona. Zé do Trem e seu filho Antonio Dias, da ladeira do Horto, fazem locomotivas, helicópteros e caminhões de lata e madeira. Zé do Avião, também do Horto, constrói réplicas de jatos que sobrevoam a cidade, antes de pousarem no Aeroporto Regional. No "estaleiro" de Zé Maurício, os barcos são de folhas-de-flandres. Dona Zefa esculpe "róis-róis" com madeira, papel, barbante e breu. Onomatopáicos, remetem a uma infância roubada. A cozinha tem um acento de fusão: cuminho de Alagoas, receitas do norte da Bahia, tempero pernambucano, Maria Isabel do Piauí. Porque o Cariri, mais que o sul cearense, é uma região que transborda e assume contornos interestaduais. E a figura de Padre Cícero se afirma como o desencadeador das romarias, grande processo de migração interna, que resultou neste multiculturalismo.

Os romeiros trouxeram elementos de suas culturas e aqui elas se imbricaram nessa teia. Ainda hoje temos guerreiros de Alagoas nas festas, índios pankararus de Pernambuco e a dança de São Gonçalo, de Santa Brígida (BA), fez pouso no Horto. Quando muitos pensavam - e alguns até torciam -, para que a cidade se esvaziasse desses romeiros de chapéus de palha, rosários no pescoço e uma fé sem limites, depois da morte, passagem ou "subida aos céus" do Padre Cícero, a manifestação se intensificou. A dinâmica da cultura implicou na imbricação de caminhos, práticas, celebrações e na sacralização de determinados lugares, como a Matriz (onde se deu o "milagre" da hóstia que se transformou em sangue quando da comunhão da beata Maria de Araújo, em 1889), o Socorro (onde ele foi enterrado), o Horto (onde foi construído o monumento que domina a cidade, inaugurado em 1969), com sua ladeira penitencial e as estações de uma Via Crucis que é metáfora da própria condição sertaneja. Assim, temos bandas cabaçais e reisados abrindo procissões, rituais do catolicismo popular, como a Renovação, festa que comemora, anualmente, a entronização do Coração de Jesus em uma casa, e a cidade se vestindo de luto, todo dia 20, em sinal de respeito pela perda de seu líder religioso e político. No Natal, ciganas, floristas, caçadores e borboletas pequeninas cantam loas ao Menino Jesus e pedem esmolas neste auto da tradição ibérica. Violeiros ponteiavam a fé, benditos são cantados por vozes roufenhas e desafinadas, de "taquara rachada" e o vendedor já aproveita as brechas da indústria cultural para vender fitas cassete e "cd's", com esses cânticos religiosos.

Altars e oficinas de uma Juazeiro que se renova e se recicla. Aqui, nada se perde, graças às mãos ágeis, à criatividade e à necessidade da sobrevivência que fala mais forte, numa cidade de poucas indústrias e num município de poucas áreas agricultáveis. No centro de tudo, como um farol, a figura do Padre Cícero, santo, herói, taumaturgo, uma referência da história do Brasil e um foco de manifestações religiosas que atraem milhões de peregrinos para esta Nova Jerusalém sertaneja. E o sincretismo desta cultura híbrida se impõe, incorporando modelos eruditos ou massivos e produzindo uma tradição atualizada, tendo "padim Ciço" como desencadeador e aglutinador.

ARQUIVOS E PESQUISAS SOBRE O PADRE CÍCERO

UMA "CRONOGENEALOGIA" PARA O GRANDE ACERVO

Antonio Renato Soares de Casimiro

Pesquisador
renatocasimiro@terra.com.br

Introdução

Pretendo, neste texto, relatar algumas observações sobre o que tem sido a minha participação nos esforços que devem ser entendidos como ações em prol da preservação da memória histórica de Juazeiro do Norte, Ceará. Iniciei este trabalho como modesto leitor e juntador de material de referência, a partir dos exemplares dos livros de Floro Bartholomeu da Costa (Joazeiro e o Padre Cícero-Depoimento para a História, 1923) e de Godofredo de Castro (Joazeiro na Assembléia Legislativa do Ceará, 1925). Ambos os textos estavam em nossa casa, numa estante de livros de meu pai, que os havia recebido de meu avô, Antonio Alves Casimiro, antigo colaborador de Pe. Cícero e Floro. Foram estas leituras iniciais, pelo final de 1963, que me ensejaram o interesse definitivo pelas coisas do Juazeiro. A seguir, veio a preocupação com os registros iconográficos e com a hemeroteca, ao tempo em que ampliava a bibliografia para, finalmente, desaguar no grande interesse com o documentário, o que aconteceria de maneira mais decisiva a partir de 1970, quando do ano de estudos organizado pelo Mons. Azarias Sobreira, no Seminário da Prainha, na ocasião da celebração do Centenário de Ordenação Sacerdotal do Pe. Cícero Romão Baptista. Por estes motivos é que, dentro deste III Simpósio Internacional, parece-me oportuno estabelecer uma relevância quanto a revisitação a Acervos e Arquivos que foram constituídos a partir do que desejo chamar de Grande Acervo (ACP), centrado na Casa do Padre Cícero. Este Grande Acervo ainda não tem uma data certa de início, presumindo-se que tenha sido por volta de 1884, conforme registra Pe. Antenor de Andrade (Arquivos do Padre Cícero, 1977). Contudo, se a este tempo Pe. Cícero já estava com 40 anos e havia percorrido instituições como o Colégio do Pe. Rolim (Cajazeiras) e o Seminário da Prainha (Fortaleza), é indiscutível que uma provável reconstituição do Grande Acervo remontaria, pelo menos, a 1844, data do seu nascimento. No decurso deste documento usarei fartamente de siglas, a maioria por mim arbitrada, usando também algumas que foram utilizadas por Ralph Della Cava (Milagre em Joazeiro, 1977), e que acho que devem ser preservadas para melhor identidade desta reconstituição pretendida.

O grande acervo

O que passo a denominar de Grande Acervo (ACP) deve ser entendido não só como o conjunto documental gráfico pertencente ao Pe. Cícero, durante a sua existência (1844-1934), mas todos os elementos relacionados ao conhecimento de sua vida e obra, não importando se de natureza bibliográfica, iconográfica, hemerográfica, filmográfica, objetos pessoais, etc, desde então, até os nossos dias. Não há uma preocupação determinada na reconstituição física do Acervo. Por limitações várias a tarefa seria difícil, longa, onerosa e, em certos aspectos, descabida. Pretende-se encerrar com este esforço as ações para que, mesmo virtualmente, se revele por textos, som e imagem a figura do Patriarca de Juazeiro.

Deverão servir como base para esta remontagem os acervos relacionados aqui como AAR, ABC, ACE, ACN, ACP, ACS, ADH, ADW, AEP, AFB, AFG, AFM, AGA, AHC, AIP, AJF, AJL, AJM, AJS, AJT, AMB, AME, AMJ, AMP, AMR, AMU, ANA, AND, APD, APF, APG, APM, ARC, ARD, ARG, ASC, ASE, ASV, ATF, ATP, PCC, RGM, e SHE. Estes acervos, na atualidade, parecem concentrar a mais expressiva parcela para uma aproximação com a integralidade do original Grande Acervo.

A fragmentação do grande acervo

O Grande Acervo sofreu uma fragmentação cuja extensão ainda hoje não nos é de todo conhecida, senão pelos indicadores colhidos na bibliografia e por informações pessoais, muitas das quais, infelizmente, ainda sem comprovação definitiva, nos impede a revelação mais contundente.

Vejamos alguns destes indicadores: 1. Destruição – Quem lê a obra de Amália Xavier de Oliveira (AXO) (O Pe. Cícero que eu conheci, 1969) vai se deparar com a revelação de que na velha casa do Horto alguns documentos foram encontrados, chamuscados pelo fogo. Depoimentos pessoais, de antigos residentes naquela casa, confirmaram a ação criminosa. Há informações, também sujeitas a confirmação, de que muitos documentos circularam entre pessoas de Juazeiro do Norte, e que ainda hoje são guardados como relíquias, por terem sido identificados como pertencentes ao Grande Acervo. Diversos destes se apresentam remendados ou dilacerados, evidenciando o ato ignorante.

Alguns viajantes chegaram a Juazeiro com o intuito de se entrevistar com o Pe. Cícero, sobretudo jornalistas. E quando suas obras foram publicadas, nelas encontramos a reprodução de documentos retirados de arquivos. É provável que a maioria tenha tido a anuência de Pe. Cícero.

Diversos advogados se notabilizaram pela defesa de interesses do Pe. Cícero. Nos Arquivos pessoais destes profissionais ainda hoje mantidos por familiares, encontramos documentos autênticos de seus arquivos. Provavelmente foram usados para subsidiar propósitos advocatícios que tramitavam em comarcas do Estado ou fora dele.

Indiscutivelmente, o Arquivo do Colégio Salesiano (ACS) é o mais expressivo e ele revela parte da extensão do Grande Arquivo. Desde os acessos de Ralph Della Cava (ARD), Luitgarde Barros (ALB), Renato Casimiro (ARC) e de Pe. Antenor de Andrade Silva (AAA), ele se conserva íntegro, certamente bem preservado, embora demandando um trabalho profissional com tecnologia mais atualizada para a completa recuperação e conhecimento de seus elementos.

Quem consulta as obras de Irineu Pinheiro (Joazeiro do Pe. Cícero e a Revolução de 1914, 1938; Efemérides do Cariri, 1963) vai se encontrar com a afirmativa de que os documentos usados, sejam da Questão Religiosa, sejam dos movimentos políticos, foram doados por Joana Tertulina de Jesus.

Não se sabendo exatamente por qual via intermediária, alguns documentos importantes hoje são conhecidos em arquivos particulares, bem localizados, e até comercializados por terceiros. Há casos em que os documentos anteriormente revelados, usados em pesquisas, até publicados por seus detentores, desapareçam com o falecimento do “proprietário”, não mais se sabendo paradeiro do acervo.

A disponibilização do arquivo do colégio salesiano

Ainda hoje, as informações mais detalhadas que temos deste Grande Acervo são baseadas nas três investidas realizadas por Ralph Della Cava (Miracle at Joazeiro, 1970), Pe. Antenor de Andrade Silva (Os Arquivos do Padre Cícero, 1977) e Luitgarde O. C. Barros (A Terra da Mãe de Deus, 1988) no Arquivo do Colégio Salesiano (ACS), de Juazeiro do Norte. Della Cava nos fala deste arquivo como sendo “parte do que ainda existe de correspondência pessoal do Padre Cícero”. Luitgarde retomou o contato com o Arquivo, dali selecionando peças importantes para a elaboração de sua Dissertação de Mestrado. E Pe. Antenor nos revelou detalhes da sistemática dotada por Della Cava na reorganização deste arquivo, em 72 pastas, devidamente relacionadas. Fruto deste seu empenho exemplar, o Arquivo foi “democratizado”, passando a ser conhecido de pesquisadores de instituições, notadamente de Universidades, pelo acesso através de fotocópias da parte mais expressiva do Arquivo. A mais extensa iniciativa de disponibilização do Arquivo do Colégio Salesiano se deveu ao trabalho louvável do Pe. Antenor de Andrade Silva. Como ele relata no seu primeiro livro, já mencionado, fotocópias foram distribuídas entre instituições e pessoas que ele preferiu chamar de “cicerólogos”. Foi esta ação a responsável direta pelo grande fomento a pesquisas que redundaram em dissertações

de mestrado, teses de doutoramento, livros e artigos. Um novo acesso aos originais se deu recentemente quando, por interesse da Diocese de Crato, o acervo foi microfilmado e passou a integrar o Arquivo do Departamento Diocesano de História Padre Gomes – DDHPG (ADH).

Uma genealogia de acervos

Do conjunto de acervos, certamente resultante da fragmentação do Grande Acervo, boa parte disto já revelado em 1970 por Ralph Della Cava, pode-se dizer que mais de cem arquivos, públicos e privados, no Brasil – a maioria, e alguns no exterior, revelam, não somente a atualidade desta fragmentação, como, felizmente, encerram a grande disponibilidade do documentário, e bem assim o suporte bibliográfico, iconográfico e hemerográfico em torno do Pe. Cícero. Muitos destes acervos foram, obviamente, submetidos a uma linha de “sucessão” familiar, o que nem sempre resultou na manutenção das franquias experimentadas anteriormente. Alguma coisa foi doada, do privado para o público, mas, surpreendentemente, para alguns o desaparecimento foi total. Terminamos por mapear estas mutações, transferências, doações, e até transações comerciais, formulando uma verdadeira árvore genealógica em torno da configuração de novos acervos e novos proprietários.

Em anexo, estou publicando extensa relação de cerca de 100 arquivos que podem disponibilizar documentos livros, fotografias e objetos pertencentes ao Grande Acervo. A construção desta lista se deveu à reunião de informações colhidas diretamente em bibliografia, informações pessoais, consultas realizadas pelo autor ao longo destes últimos quarenta anos. Estou certo de que uma garimpagem mais amiadada revelaria um número mais expressivo de acervos. Este relato deve ser útil para o estabelecimento de uma política de consolidação de acervos, como base para a realização de estudos continuados sobre Pe. Cícero

Itinerários de pesquisa

Diante do que sumariamente expus acima, parece-me lógico que num itinerário de pesquisas que contemple caminhos novos e novos procedimentos sobre os Arquivos do Padre Cícero devemos falar, primeiramente na continuidade destes esforços já iniciados, com os seguintes objetivos:

1. Busca, identificação e revelação de conteúdos documentais, iconográficos, hemerográficos, filmográficos, objetos pessoais, etc, relacionados à vida e obra do Pe. Cícero;
2. Tombamento definitivo dos acervos conhecidos, mediante a aplicação de recursos técnicos apropriados e referenciados por arquivos oficiais;
3. Elaboração de completo índice coletivo dos acervos como forma de ampliar o intercâmbio, a consulta e a disponibilidade
4. Aplicação de recursos tecnológicos adequados à melhor preservação dos acervos, sobretudo com a restauração, recuperação, higienização, digitalização, etc;
5. Disponibilização irrestrita de todas as fontes, seja por consultas locais, seja pela iniciativa de albergar na web a integralidade dos acervos;

Concluindo...

É indispensável que, logo após a realização deste III Simpósio, as instituições aqui mencionadas como as mais responsáveis pela guarda atual dos fragmentos do Grande Acervo, conversem para a tomada de uma decisão que se impõe: formatar ambicioso projeto a ser financiado por agência de fomento e apoio à pesquisa científica no país, com o propósito de viabilizar a execução de objetivos, no mínimo, assemelhados aos que ousei enunciar de maneira tão simplória, como acima delinee em forma de itinerário de pesquisa.

Considerem o que aqui se apresenta como um rascunho de apontamentos para este propósito

maior de recomposição do Grande Arquivo, nos domínios do Juazeiro, e para os seus interesses de continuar aprendendo por estas velhas trilhas, os caminhos novos do seu desenvolvimento e do bem estar do seu povo, filhos ou afilhados, mas romeiros do Padre Cícero, todos nós.

Relação de acervos e arquivos

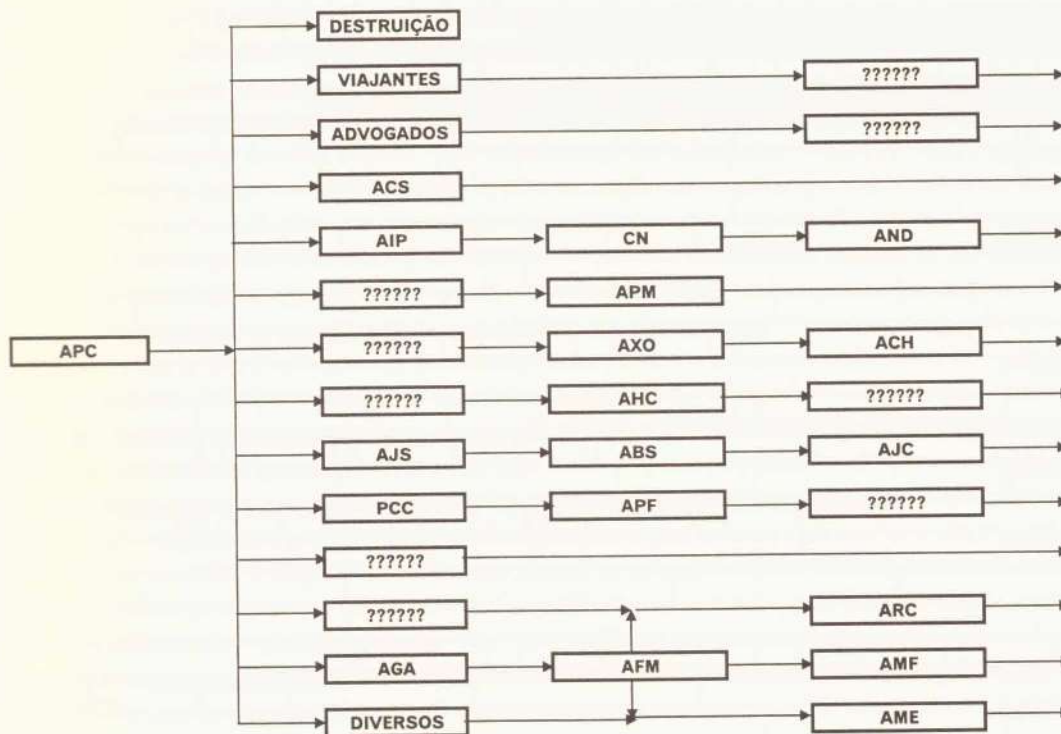
	ACERVO / ARQUIVO	SIGLA	CARACTERÍSTICAS	OBSERVAÇÕES
1	Antenor de Andrade Silva, Pe., Juazeiro do Norte-CE	AA	Acervo de ACS;	ACS
2	Maria Assunção Gonçalves, Juazeiro do Norte-CE	AG	Arquivo pessoal; Bibliografia; Iconografia; Arte; Educação	AXO
3	Antonio Alencar Araripe, Fortaleza-CE	AL	Arquivo pessoal;	Acervo na família
4	Anchieta Mont'Alverne, Juazeiro do Norte-CE	AM	Floro Bartholomeu da Costa;	Floro, na Bahia
5	Otacílio Anselmo e Silva, Fortaleza-CE	AN	Documentos; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca;	Acervo na família
6	Arquidiocese do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro-RJ	AR	Arquivo de D. Joaquim Arcoverde;	Documentos interditados (?)
7	Azarias Sobreira Lobo, Mons., Fortaleza-CE	AS	Arquivo pessoal; Bibliografia; Iconografia;	Acervo na família, Milagres-CE
8	Benjamim Abraão, Juazeiro do Norte-CE	BA	Arquivo pessoal; Filmografia;	ATF/ACN/ACA
9	Diocese de Crato, Crato-CE	BC	Documentos; Hemeroteca; Iconografia; Bibliografia;	Núcleo de base; Atual DDHPG
10	Beatriz Santana, Juazeiro do Norte-CE	BS	Acervo de AJS;	AJC
11	Casa Amarela Eusélio Oliveira-UFC, Fortaleza-CE	CA	Filmografia;	ABA/ATF/ACN
12	Instituto Cultural do Cariri – ICC, Crato-CE	CC	Documentos; Bibliografia; Hemeroteca;	AIP
13	Arquivo Público do Estado do Ceará, Fortaleza-CE	CE	Correspondência oficial do Pe. Cícero;	Núcleo de base
14	Humberto Bezerra, Cel., Fortaleza-CE	CH	Objetos pessoais do Pe. Cícero;	Acervo de AXO
15	Cinemateca Nacional, Rio de Janeiro-RJ	CN	Filmografia;	ABA/ATF/ACA
16	Centro de Psicologia da Religião / Semeador, Juazeiro do Norte-CE	CP	Acervos de ACS; ABC; ADB; AGA; SHE; ARC; CN;	Núcleo de base
17	Candance Slater, Berkeley-USA	CR	Bibliografia; Iconografia; Arte popular; Literatura de cordel; Religiosidade;	Sem confirmação
18	Colégio Salesiano São João Bosco, Juazeiro do Norte-CE	CS	Arquivo do Pe. Cícero Romão Batista;	Núcleo de base
19	Durval Aires de Menezes, Fortaleza-CE	DA	Acervo de AOA;	Transferido para AON
20	Donata Bezerra, Juazeiro do Norte-CE	DB	Arquivo pessoal;	Transferido para ACP
21	Departamento Histórico Diocesano Pe. Gomes, DDHPG, Crato-CE	DH	Acervos de ABC; AMR; SHE; ACS; Iconografia; Hemeroteca; Bibliografia;	Núcleo de base
22	Daniel Walker, Juazeiro do Norte-CE	DW	Hemeroteca; Bibliografia; Iconografia;	ARC
23	Eduardo Hoornaert, Salvador-BA	EH	Ibiapina; Romarias; Religiosidade popular;	Sem confirmação
24	Expedito Pereira, Juazeiro do Norte-CE	EP	Acervo do 1º Cartório-JN;	APM

	ACERVO / ARQUIVO	SIGLA	CARACTERÍSTICAS	OBSERVAÇÕES
25	Floro Bartholomeu da Costa, Juazeiro do Norte-CE	FB	Correspondência pessoal; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca	AJO/AAM
26	Odílio Figueiredo Filho, Fortaleza-CE	FF	Acervo de AOF	Sem confirmação
27	José Fausto Guimarães, Fortaleza-CE	FG	Diário pessoal;	Volume único.
28	J. de Figueiredo Filho, Crato-CE	FI	Arquivo pessoal	Acervo na família
29	Fátima Menezes, Juazeiro do Norte-CE	FM	Arquivos pessoais (AGA/AJF);	Parcialmente transferido para ARC/AME
30	Frederico Pernambucano de Mello, Recife-PE	FP	Documentos; Audio; Víde; Bibliografia; Cinema; Iconografia; Hemeroteca;	ABA
31	Florida State University, Gainesville-USA	FU	Microfilmes; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca;	Acervo de RDC
32	Generosa Ferreira Alencar, Juazeiro do Norte-CE	GA	Parte do Acervo de Pe. Cícero Romão Batista; Escola Normal Rural;	AFM/ARC/AME
33	Geraldo Menezes Barbosa, Juazeiro do Norte-CE	GB	Acervo de ACS (Doação de AAA); Acervo de José Barbosa dos Santos;	AWB
34	Gilmar de Carvalho, Fortaleza-CE	GC	Literatura de Cordel, Xilogravura;	
35	Gualter Matos Cardoso de Alencar, Juazeiro do Norte-CE	GL	Acervo de AMA; Iconografia;	Divulgação
36	Geová Sobreira Magalhães, Brasília-DF	GS	Arte popular; Xilogravura;	
37	Hugo Catunda Fontenele, Ipueiras-CE	HC	Documentos; Hemeroteca; Bibliografia; Iconografia;	Paradeiro ignorado
38	Helvídio Martins Maia, Pe., Rio de Janeiro-RJ	HM	Acervo de ABC e Documentário da Cúria Romana (ASC);	Paradeiro ignorado
39	Instituto do Ceará, Fortaleza-CE	IC	Documentos (AHC); Iconografia; Hemeroteca;	AHC ?
40	Instituto José Marrocos – IPESC/URCA, Juazeiro do Norte-CE	IJ	Acervo de ACS (Doação de AAA); Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca;	Núcleo de base; (a reorganizar)
41	Irineu Pinheiro Nogueira, Crato-CE	IP	Acervo de APC;	ACC ?
42	Instituto Cultural do Vale Caririense – ICVC, Juazeiro do Norte-CE	IV	Acervo de ACS (Doação de AAA);	AJY
43	J. C. de Alencar Araripe, Fortaleza-CE	JC	Acervo de ABS; Bibliografia; Hemeroteca;	Caderno Marrocos
44	José Ferreira de Menezes, Juazeiro do Norte-CE	JF	Arquivo pessoal; Iconografia; Hemeroteca; Bibliografia;	Transferido para AFM/ARC
45	José Joaquim de Maria Lobo, Juazeiro do Norte-CE	JL	A Legião da Cruz; Questão Religiosa;	Transferido para ADA/AOA/AON
46	José Joaquim Telles Marrocos, Crato-CE	JM	Correspondência em geral sobre a Questão Religiosa;	Incorporado a APC
47	Instituto Joaquim Nabuco, Recife-PE	JN	Documentos; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca; Arte popular; Víde;	AFP
48	João Oliveira, Juazeiro do Norte-CE	JO	Documentos; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca;	Floro Bartholomeu
49	Juvêncio Santana, Juazeiro do Norte-CE	JS	Acervo de AJM (parcial); Correspondência pessoal e oficial;	Transferido para ABS
50	José Teófilo Machado, Juazeiro do Norte-CE	JT	Acervo do Segundo Cartório-JN; APM	Transferido para APM
51	Joaryvar Macedo, Fortaleza-CE	JY	ACS (Doação de AAA);	ARC

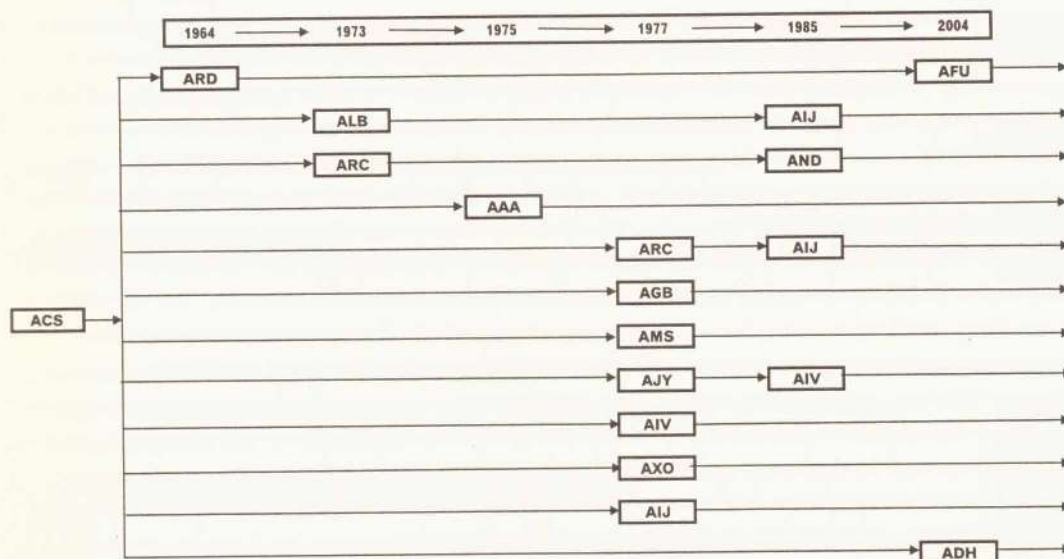
21 de Julho de 2004 - O FENÔMENO

	ACERVO / ARQUIVO	SIGLA	CARACTERÍSTICAS	OBSERVAÇÕES
52	Luitgarde O.C. Barros, Rio de Janeiro-RJ	LB	ACS (Doação de AAA); Bibliografia;	Depoimentos em áudio
53	Luiz Theófilo Machado, Juazeiro do Norte-CE	LM	Arquivo pessoal; Acervo do 2º Cartório-JN; APM	Transferido para AJT
54	Mozart Cardoso de Alencar, Juazeiro do Norte-CE	MA	Arquivo pessoal; Iconografia;	Transferido para AGL
55	Mosteiro de São Bento, Rio de Janeiro-RJ	MB	Acervos de AMR (ASC, ASE, ASV);	ADH
56	Maria do Carmo Pagan Forti, Juazeiro do Norte-CE	MC	Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca; Maria de Araújo	O Processo
57	Memorial Padre Cícero, Juazeiro do Norte-CE	ME	Documentos; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca; Arte popular;	Núcleo de base
58	Antonio Machado, Crato-CE	MH	Acervo do Cartório-Crato;	Acervo na família
59	Memorial do Tribunal de Justiça do Estado do Ceará, Fortaleza-CE	MJ	Documentos da Comarca de Juazeiro;	Acervo no AME
60	Marcelo Camurça, Juiz de Fora- MG	ML	Bibliografia; Floro Bartholomeu; Política; Sedição; Hemeroteca;	AND
61	Mário Malzone, Juazeiro do Norte-CE	MM	Arquivo pessoal; Iconografia;	Transferido para APJ
62	Museu Pe. Cícero, Juazeiro do Norte-CE	MP	Objetos pessoais; Acervo de ACS;	Núcleo de base
63	Melquíades Pinto Paiva, Rio de Janeiro,RJ.	MQ	Bibliografia sobre as relações Pe. Cícero & Lampião;	
64	Matheus Rocha, D., Rio de Janeiro-RJ	MR	Documentos da Cúria Romana (ASC/ ASE/ASV);	ADH
65	Mauro Sampaio, Juazeiro do Norte-CE	MS	Acervo de ACS(Doação de AAA);	
66	Museu do Ceará, Fortaleza-CE	MU	Objetos pessoais; Literatura de cordel; Bibliografia;	Núcleo de base
67	Nunciatura Apostólica do Brasil, Brasília-DF	NA	Documentos oficiais do clero e Cúria Romana;	
68	Núcleo de Documentação –NUDOC/ UFC; Fortaleza-CE	ND	Coleção Nascimento (ARD); Acervo de ACS (Doação de ARC);	AML
69	Nertan Macedo, Rio de Janeiro-RJ	NM	Floro Bartholomeu da Costa; Acervo de AHC;	
70	Miguel Â. de Azevedo-Nirez, Fortaleza-CE	NZ	Iconografia; Música;	
71	Otávio Aires de Meneses, Juazeiro do Norte-CE	OA	Acervo de AJL;	
72	Odílio Figueiredo, Fortaleza-CE	OF	Arquivo pessoal;	Transferido para AFF
73	Otávio Aires de Meneses Neto, Juazeiro do Norte-CE	ON	Acervos de AJL; ADA;	Atual AJL/AOA/ADA
74	Cícero Romão Batista, Pe., Juazeiro do Norte-CE	PC	Arquivo pessoal;	O Grande Arquivo
75	Paróquia de N. Senhora das Dores, Juazeiro do Norte-CE	PD	Livro de Tombo;	Núcleo de base
76	Pedro Coutinho Filho, Rio de Janeiro-RJ	PF	Documentos originais; Hemeroteca; Iconografia; Bibliografia;	Paradeiro ignorado ABI –RJ (?)
77	Antonio Gomes de Araújo, Pe. Crato-CE	PG	Arquivo pessoal	Transferido para ADD; Família (Brejo Santo) ?
78	Pedro Jorge Malzone, Juazeiro do Norte-CE	PJ	Acervo de AMM;	

	ACERVO / ARQUIVO	SIGLA	CARACTERÍSTICAS	OBSERVAÇÕES
79	Paulo Machado, Juazeiro do Norte-CE	PM	Acervo do 2º Cartório de JN; Testamento do Pe.Cícero;	
80	Raimundo Araújo, Juazeiro do Norte-CE	RA	Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca;	
81	Renato Casimiro, Fortaleza-CE	RC	Documentos; Bibliografia; Iconografia; Hemeroteca; Arte popular; Vídeo;	Iniciada a digitalização
82	Ralph Della Cava, New York-USA	RD	Acervos de ACS; ABC; AJS(ABS);	Transferindo para AFU/ADH
83	Raimundo G. de Figueiredo, Juazeiro do Norte-CE	RG	Bibliografia; Hemeroteca; Iconografia;	Transferido para ARC/ADW
84	Regis Lopes, Fortaleza-CE	RL	Caldeirão; José Lourenço; Depoimentos;	
85	Renato Dantas, Juazeiro do Norte-CE	RS	Beatos; Depoimentos	
86	Rosemberg Cariry, Fortaleza-CE	RY	Filmografia; Iconografia; Romarias; Caldeirão; Beatos;	
87	Francisco Salatiel de Alencar Barbosa, Brasília-DF	SA	Acervo de ABC; Literatura de cordel;	
88	Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, Vaticano	SC	Correspondência oficial com o clero;	Documentos interditados (AHM) (?)
89	Secretaria de Estado, Vaticano	SE	Correspondência oficial com o clero;	Documentos interditados (?)
90	Arquivo Secreto Vaticano, Vaticano	SV	Correspondência oficial com o clero;	Documentos interditados (?)
91	Thomas Farkas, São Paulo-SP	TF	Filmografia;	Documentários com filmografia de ABA
92	Thomas Pompeu Gomes de Matos, Fortaleza-CE	TP	Acervo de RGM	ARD
93	Vicente Madeira, Rio de Janeiro-RJ	VM	Bibliografia; Hemeroteca; Iconografia;	Sem confirmação
94	Walter Menezes Barbosa, Juazeiro do Norte-CE	WB	Bibliografia; Hemeroteca; Iconografia;	Acervo na família
95	Amália Xavier de Oliveira, Juazeiro do Norte-CE	XO	Arquivo pessoal; Bibliografia; Iconografia; Escola Normal Rural;	ARD
96	F. S. Nascimento, Fortaleza-CE	N	Coleção Nascimento (3 volumes de telegramas);	ARD
97	Geraldo Bezerra de Menezes, Niterói, RJ	BM	Arquivo pessoal; Hemeroteca; Bibliografia;	ARD
98	Cícero Coutinho, Pe., Juazeiro do Norte-CE	CC	O Rebate; Cadernos Marrocos;	ARD
99	Raimundo Gomes de Matos, Fortaleza-CE	GM	Arquivo pessoal;	Transferido para ATP
100	Sala de História Eclesiástica, Fortaleza-CE	HE	Arquivo da Arquidiocese de Fortaleza; Seminário da Prainha;	ADH; ARC
101	Dalva Mendonça, Juazeiro do Norte-CE	DM	Paninhos ensangüentados;	Paradeiro ignorado
102	Maria Loureto Tavares, Juazeiro do Norte-CE	LT	Caldeirão; José Lourenço; Severino Tavares, Eleutério Tavares;	Depoimentos
103	Marcelo Fraga, Juazeiro do Norte-CE	MF	Documentos; Iconografia; Objetos;	AFM
Obs. Esta lista está incompleta e, provavelmente, contém imperfeições. Agradeço, antecipadamente, a iniciativa de notificar retificações, ou quaisquer alterações, para maior fidelidade dos dados aqui contidos e a sua melhor eficácia, diante dos propósitos enunciados.				



A DISPONIBILIZAÇÃO DO ARQUIVO DO COLÉGIO SALESIANO, 1964/2004



A INFLUÊNCIA DO PADRE CÍCERO NA ARTE POPULAR

Renato Dantas

juazeirense, filho de romeiros – pai alagoano e mãe paraibana;
curioso do viver do Juazeiro.

Ao analisar o sentido e o significado da vida do Pe. Cícero, sob o ângulo da produção da arte popular, há que se rever alguns conceitos essenciais: Cultura, Cultura Popular, Arte Popular e Mito.

Cultura: Partimos do pensar a cultura como prática social e toda a sua materialidade, objetivando a reconstrução do passado, interpretação do presente e a formação de visão de futuro. Surgindo a partir do momento que o homem e a mulher tornam-se capazes de gerar símbolos. “Toda cultura depende de símbolos” (LESLIE WHITE)

Símbolo: O pensamento (abstração) tornado concreto (a representatividade do símbolo). É a forma física com significado. A cultura que o cria dá o seu significado. Para saber o seu significado é preciso conhecer a cultura que o criou.

Sistemas Simbólicos: Conjunto de controle, planos, receitas, regras, instruções para gerar o comportamento.

Identidade: As identidades (cósmica, terrenal, cultural e pessoal) propiciam um comportamento, conseqüentemente o modo de ser. O nosso assunto - A Influência do Padre Cícero na Arte Popular - nos leva a um rápido comentário sobre Identidade Cultural onde, intervindo sobre si mesmo, o homem cria a sua realidade, seu pedaço de chão com a sua cara. Cria linguagem, idéias, mitos, artes. A cultura tem a marca do ser humano e por ela é marcado.

Cultura Popular: As diversas visões: romântica, ilustrados, anarquistas e marxistas.

- * Não está contaminada pela cultura hegemônica.
- * É o meu passado.
- * A politização do conceito de povo, avança na compreensão da cultura popular.
- * Criada pelo povo com formas progressistas e conservadoras.
- * É dialética. Haveria uma dinâmica entre a resistência e a acomodação.
- * Incrustam-se nela, valores da classe hegemônica.
- * Note-se aqui, a interiorização do discurso que existe a cultura dos ricos - letrada e a dos pobres - ignorante. Cultura aqui é confundida com maior ou menor estudo formal.
- * Há, contudo, a resistência, a alegria, a ironia. São as contravenções, o desrespeito às ordens.. Sinônimo de movimento e troca.

Arte Popular: Seria as expressões de forma intuitiva, artesanal, sem o domínio do conhecimento técnico e da aplicação estrita de regras eurocêtricas.

Mito: Juazeiro como o centro do mundo, imagem feita com os valores sertanejos, se constitui em imaginário e perpetua os valores. O Padre como continuador e complemento do mito da terra do pão e mel (alegoria do índio, português - judaísmo). O mito permanece vivo. Mito como modelo de comportamento, como conferidor de significado e valor à existência.

Função:

- Revelar modelo exemplar de ritos e atividades humanas com significado;
- Instituição do centro do mundo;
- Afirmação de sua vontade de eternidade e receio do retorno ao caos;
- Não é uma verdade lógica e sim intuída.

Primórdios: O Cariri Cearense se caracterizou por um isolamento em relação ao Nordeste como um todo. É no início do século XVII que se instala definitivamente o homem branco em nossa

região. Antes, o índio soberano dominava a Serra Grande, os vales e lutava constantemente na defesa de seu domínio. Temos, aí, a origem de uma lenda que, de acordo com as situações, apresenta uma nova narrativa: "A lenda da Pedra da Batateira".

Sua primeira versão: Ante o invasor branco, o índio cariri tapou todas as fontes para que não tivesse água para o branco.

A segunda versão: Conta-se que todas as noites a imagem primitiva da padroeira do Crato desaparecia e aparecia em outro lugar. O fato repete-se. Corre o boato de que se a imagem fosse retirada do seu lugar de origem, uma baleia seria libertada e a pedra da batateira viria abaixo destruindo o Crato.

Na terceira versão temos: Com a chegada do romeiro e as sanções religiosas oficiais impostas ao Juazeiro e, tendo como centro emissor o Crato, os romeiros atualizaram a lenda dizendo que um dia a pedra da batateira arriaria, inundando o Crato, e que em Juazeiro se pescaria da calçada da matriz.

As lendas e os mitos sempre irão permear a construção de nossa identidade, principalmente no que se refere à criatividade do nosso artista.

Convém lembramos o fato dos candeieiros (O cineasta Wolney Olivera mostra em seu filme "Milagre em Juazeiro") É notória a história ou estória do romeiro que aqui veio morar. Falando com o Padre, disse saber trabalhar com flandres. O padre manda fazer candeieiros. Sempre a fazer. No dia de Nossa Senhora das Candeias, fez-se em Juazeiro uma grande procissão. Não é preciso falar de sua atualidade. Desnecessário ainda, falar nos milagres de Juazeiro. Vamos falar sobre o seu desdobramento, no que se refere a vinda dos romeiros e dentre eles, os artistas.

"Tragam sua arte para Juazeiro do Norte." Depoimento oral de Generosa Alencar à Dodora Guimarães, em 1995 e registrado no artigo "Admiráveis Belezas do Ceará ou o Desabusado Mundo da Cultura Popular". Lembro ainda, a exposição juazeirense, organizada pelo Padre Cícero no Rio de Janeiro, então capital federal, no ano de 1934.

Ainda atônitos com as mudanças, os artistas se preocupavam com o artesanato utilitário. Louças, potes, moringas, redes... enfim, objetos de utilização imediata. Vieram os ícones e as medalhas fabricados alhures para simbolizarem o momento. As promessas exigiam os ex-votos que os romeiros já os traziam feitos.

Era necessário suprir a demanda dos pedidos dos romeiros: a recordação do milagre. Consistia a lembrança em um santo, estampa, cruzes ou algo que simbolizasse o acontecido e que pudessem ser presente em seus lugares de origem. Logo faziam encomenda no próprio lugarejo.

Não vamos enumerar arte por arte. Uma arte engloba outras artes, tornando-se mais rica. Na Lapinha, temos dança, teatro, música. Daí falarmos de expressões.

1. Oleografia

No início do Século XX, já se apresenta uma incipiente produção de imagens sacras, notadamente de Nossa Senhora das Dores. Concomitante, dar-se o calvário do Padre, permitindo-se o início da construção do mito e conseqüentemente sua representação pelo "imaginário" (santeiro), além de um sem número de criações artísticas que, de utilitário (orar), passa a ter uma representatividade estética.

2. Uma jóia de juazeiro

Um fato interessante acontece, a transferência das ourivesarias do Crato para o Juazeiro, visto o grande número de encomenda (crucifixos, rosários, anéis, brincos e cordões). Hoje já é uma tradição o famoso "ouro de Juazeiro".

3. Os santos

Um santo feito no Juazeiro é mais santo. Partindo de uma matriz barroca, se cria uma central de escultura. Notemos as características dos santos com um que próximo a nossa vivência. Não temos mais a técnica de encarnação. Precisamos revivê-la.

4. Os folguedos

O reisado, guerreiros, maneiro pau, lapinha, bumba-meu-boi cantam o tradicional e sempre acrescentam algo em relação a Juazeiro, romeiros e o padre.

5. Os cordeis

Firmado nos anos finais do século XIX, a literatura oral, agora escrita, vem para o Juazeiro com os primeiros romeiros. Já na década de 10, século XX, possui Juazeiro sua gráfica. João Mendes vem para a então vila, e dá asas a imaginação:

“ Nada mais tenho a dizer. / Sou João Mendes de Oliveira, / Nesta língua brasileira / Eu nada pude aprender; / Porem posso conhecer / De tudo quanto é verdade! / Não tenho capacidade, / Mas sei que não digo à toa; / Padre Cícero e uma pessoa / Da Santíssima trindade!”

Desde Athayde a Abraão, foi o Pe. Cícero mostrado nos versos. É, porém, João do Cristo Rei que transforma em versos toda a saga juazeirense, desde a gênese até a morte do Padre. Catalogamos 243 títulos que falam do assunto Padre Cícero/romeiro/Juazeiro.

6. Xilogravura

Em um primeiro momento, utilitária. Propaganda, ilustração de jornais, capas de folhetos, rótulos. Hoje, expressão autônoma, tem em Juazeiro e no Cariri uma escola que alguns estudiosos denominam de “barroca”, visto a riqueza de detalhes.

7. Os ex-votos

“Milagres”, “Promessa” ou Ex-voto e o que se chama a representação física, paralitúrgica, de uma graça alcançada ou seja, o relacionamento direto com a divindade ou seus representantes.

Como falamos no início, a promessa era paga com o ex-voto esculpido ou pintado em sua região. Com o tempo, os imaginários de Juazeiro, passam a esculpí-los. Já tive oportunidade de ver um de Mestre Noza, aqui temos um Nino como ex-voto. É importante atinar para a finalidade da promessa. Casa, doenças, bens materiais, deixar de beber, passar no vestibular, ter sucesso como artista, ser eleito. É o viver melhor aqui. Nada de promessa para ir para o céu quando morrer, ele pode esperar.

8. Os Oratórios

Também conhecidos como retábulos, os oratórios bala eram levados pelos viajantes para, quando à noite, fazerem as suas orações. É marca registrada de Juazeiro. Uma ilustração: fragmentos de um antigo oratório bala, onde as esculturas são “encarnadas”.

As produções que dão identidade à grande Nação Romeira. Nação como conjunto de indivíduos, em geral habitante do mesmo território, compartilham uma experiência histórica comum e aspiram a construção de um futuro também comum, mesmo que as visões sobre o futuro sejam distintas.



CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

Dom Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

22 de julho de 2004
O CONTEMPORÂNEO E O FUTURO

O PADRE CÍCERO E A “IGREJA POPULAR” PROSPECTIVA

Pierre Sanchis

Antropólogo, professor emérito da UFMG
psanchis.bhe@terra.com.br

Parece-me importante definir com precisão o tipo de abordagem que será aqui o meu. Em meio ao movimento de reconsideração histórica de que é alvo o Padre Cícero, alguns se perguntam sobre o possível futuro de sua imagem no seio de determinado segmento da Igreja católica, a chamada “Igreja popular”, que apesar do caráter manifestamente “popular” de que o fenômeno “Cícero” se reveste, não lhe parece particularmente afeito. É, pois, em função do carisma desta figura, que nos revela hoje facetas novas e fascinantes, que retomarei a reflexão sobre o futuro da “Igreja popular”, mais exatamente sobre a maneira como a antropologia – determinada antropologia – pode hoje enxergar este futuro no momento preciso do que poderíamos chamar da “reabilitação” do Padre Cícero (ou de “reconciliação com ele”) pela Igreja. Uma reflexão antecedente a qualquer perspectiva de pastoral, e de outra ordem: prospectiva esboçada com liberdade e imaginação, exploração de um quadro de problemas que qualquer pastoral deverá amanhã levar em conta e enfrentar. No fundo, trata-se de tentar ler no presente algumas tendências susceptíveis de se prolongar – ou de se inverter, aliás... – em futuro próximo. E que têm chance de provocar – ou pelo menos permitir – um novo posicionamento, na Igreja brasileira, e talvez no Brasil, da figura do Padre Cícero. Numa polivalência de sentidos, aliás. Pois o quadro que vou traçar permanecerá meio vazio, prenhe tanto de promessas quanto de dúvidas. Pertencerá a outros, melhores conhecedores da vida e da lição do *Padim*, e especialmente aos atores sociais responsáveis desta imagem, de conferir-lhe uma estatura mais real.

“Igreja Popular”... Para começar, que peso e significado atribuir, nesta expressão, ao adjetivo “popular”? Há alguns anos, um grande debate dominava a ciência social da religião: interrogava-se sobre a natureza do que era chamado de “religião popular”, “catolicismo popular”. Um debate para muitos, hoje ultrapassado, pelo menos na medida em que apontava para um corte, uma dicotomia entre religião do povo e religião oficial da instituição. As coisas acabaram aparecendo como menos simples, mais articuladas do que dicotomicamente opostas. Basta pensar na posição do próprio Padre Cícero no seu tempo: estaria ele do lado da “religião popular” assim entendida, ou da “religião oficial”? (BARROS, 1988) De qualquer modo, quando falamos aqui em “Igreja Popular”, não é nesta “religião popular” que se pensa, pois o que mereceu recentemente esse nome (“Igreja Popular”) é paradoxalmente uma forma de religião institucional, já que inscrita no interior do quadro da instituição (uma “teologia”, a “teologia da Libertação”, umas Comunidades que, por serem “de base”, não deixam de se proclamar Eclesiais), mesmo se nunca recobriu a instituição por inteiro. Do ponto de vista da ciência social, (a própria “Igreja popular” pode ter de si outra consciência) designa-se assim um segmento da Igreja que entende levar a sério a “opção” oficialmente expressa pela totalidade da Igreja Latino-americana (a “opção pelos pobres”), planejando inclusive tirar desta opção as conseqüências políticas (“Fé e Política”) que esta opção implica na concretude política – e estruturalmente política – de nossas sociedades.

É bem conhecida, no entanto, a hesitação que levou sempre os analistas a interrogar-se sobre a carga ideológica e voluntarista possivelmente incluída neste qualificativo de “popular”. Hesitação dupla. Primeiro, e por um lado, a categoria explícita de “Igreja popular” (para: “Igreja

do povo”), surgida em torno de 1975¹, acabou sendo logo utilizada pelos seus críticos como argumento para provar que uma Igreja “católica” que pretendesse somente abranger parte do seu rebanho carregava germes de cisma². A “popular”, se classista, não poderia ser “católica”. Por outro lado, sempre, e sobretudo depois da irrupção, no campo religioso brasileiro, de igrejas e grupos religiosos de recrutamento sociologicamente “popular” (pentecostais em geral), uma dúvida cercou o uso da outra categoria matricial que acompanhava a categoria de “popular”: a categoria de “pobre”. Tratar-se-ia, como o queriam os textos da Instituição, de uma “opção pelos pobres” (um programa pastoral ou melhor evangélico) ou de uma “opção dos pobres”, (uma constatação empírica)? A preocupação acabou afluindo ao nível do pensamento teológico militante, em debate explícito: já em 1990, Clodovis Boff enumerava “três desafios específicos” para a teologia e a pastoral de Libertação, sendo o primeiro deles: “As comunidades de base e as massas”. E concluía pelo “imperativo de uma ‘pastoral das massas’, mas numa ótica nova, a de uma perspectiva ao mesmo tempo de evangelização e de conscientização” (BOFF, 1990:85). Quatro anos mais tarde, a mesma problemática concentrava a reflexão de um Seminário em torno da oposição: “Igreja, Comunidade e Massa” (LESBAUPIN, 1996).

Está claro que esta dupla problemática, sempre presente, é dominada por um problema de definição: quem são os “pobres”, que significa “povo”? Claro também que o futuro da Igreja popular no Brasil passa pelas reconsiderações – teóricas e práticas – trazidas por este trabalho re-definidor de categorias. Ora, não é só na Igreja que este trabalho está hoje em curso: também está presente, de modo inconcluso, na procura de um novo desenho dos conflitos na sociedade, brasileira e universal. E parece-me que é este processo de reformulação que vem precisamente abrir um espaço simbólico onde a figura do Padre Cícero pode adquirir novas dimensões no imaginário dos seus devotos (do “povo” dos seus devotos) – e dos outros brasileiros. Haveria, neste sentido, numa Igreja Popular em parte nova, lugar para um novo Padre Cícero? Em que sentido, e com que problemas para aqueles que assumam a administração desta imagem?

Em torno deste tema, algumas simples reflexões.

1) O “pobre” concreto. Identidades

Tudo indica que, num futuro próximo, a categoria seminal da Igreja Popular, a categoria de “pobre”, estará – porque já está – sofrendo uma metamorfose no senso comum dos teóricos e dos militantes. Sem dúvida, esta categoria, desde que transformada em categoria teológica – com base no Evangelho –, nunca se identificou, sem mais, com outros conceitos sociológicos propriamente ditos, por exemplo o de “proletariado”. O caráter “profético” e “utópico” da teologia da Libertação, a sua necessária componente de retórica axiológica sempre deixaram subsistir, em torno das categorias analíticas de que fazia uso para sua elaboração, um excesso de significado, um halo de conotações bíblicas, um permanente ultrapassar semântico, o que lhe permitia questionar as consciências em função de um concreto imediatamente apreensível (e não só estruturalmente definido) e, por isso mesmo, desafiar uma ordem social injusta com uma eficácia específica: uma ressonância “sagrada” envolvia o “pobre”³, grandes imagens bíblicas

¹ Ao que parece no Segundo Encontro Internacional de Cristãos para o Socialismo, em Quebec (Canadá): “Constatamos com esperança o surgimento de uma evangelização libertadora e os germes de uma Igreja Popular” (Doc. final 24/n.2). Com umas conotações mais precisas, no mesmo ano, no II Congresso Nacional do Movimento Nacional de Cristãos pela Libertação, em Riobamba, Equador: “Propiciar o surgimento da Igreja Popular, na qual a vivência do Evangelho se inter-relaciona com as lutas históricas concretas” (Doc. final, n.4)

² cf. KLOPPENBURG, 1983: 77: “A Igreja popular não é nossa Igreja Católica”.

³ Já em 1976 um observador agudo da sociedade brasileira dizia-me: “Para a ditadura, é mais ameaçadora - porque mobilizadora - esta categoria abrangente e concreta de “pobre” do que um conceito analítico mais correto, mas sem ressonância popular”.

dinamizavam historicamente a representação do “povo”. Mesmo assim, não resta dúvida de que a interpretação mais estrita destas categorias, as tentativas de justificar o seu uso através do instrumental sócio-analítico, o manuseio generalizado das categorias marxistas como seu horizonte teórico, orientavam a sua compreensão em direção a perspectivas enraizadas na estrutura sócio-econômica. A identificação do “pobre” procurava-se nas relações de produção. O “pobre” era a classe explorada. E a Igreja, presente num “continente de miséria e de injustiça”⁴, deveria deixar-se penetrar pelos interesses de que as classes exploradas eram portadoras, e, no embate capitalista, posicionar-se a seu lado.

Neste quadro analítico, vê-se como era difícil assumir como minimamente exemplar a figura concreta de um Padre Cícero, que podia ser visto como inscrito de fato – e aceitando o fato – na estrutura social, exatamente do lado maldito desta estrutura de que se tratava agora de ajudar o “povo” a emergir em “liberdade”: o lado do latifúndio, quando as oligarquias ditavam os termos do processo político. Os textos seriam numerosos, fora e dentro da Igreja. Rui Facó, por exemplo: um “amortecedor dos choques de classe”⁵; ou um teólogo, José Comblin: “durante 20 anos o coronel mais poderoso do Cariri e um dos mais poderosos do Estado”⁶.

É no entanto do cerne mesmo desta análise teológica que acabou se projetando um seu (relativo) ultrapassamento. Já na Conferência de Puebla, embora timidamente, aparecem determinações menos estruturais e mais concretas: “A situação de extrema pobreza generalizada” na América Latina reveste-se de um rosto: “Feições de indígenas e, com frequência também de afro-americanos, que, vivendo segregados e em situações desumanas, podem ser considerados como os mais pobres dentre os pobres”⁷. No mesmo sentido de concretude, alguns anos mais tarde, um Encontro de Pastoral Afro-Americana realizado no Equador, “em busca da definição da pastoral afro-americana” escolhia como tema os negros, é verdade, através da “análise da situação social, econômica e política em que se encontram”⁸.

Não se abandonou o enfoque global: é na linha da mesma preocupação com o “pobre”, e sem nada renegar do esforço de radicalidade analítica até então procurado, que foram introduzidas pouco a pouco novas dimensões, na base de outro recorte na espessura social, cujo uso começava a generalizar-se. Tinham mudado as condições internacionais desta análise. Depois de abrandadas as rivalidades militares e bélicas em torno das opções capitalista e socialista (Guerra Fria), tanto a teoria social, quanto as estratégias políticas das nações e as vivências concretas das sociedades tinham passado a utilizar, privilegiar e aprofundar no mundo inteiro o recorte da diferença identitária. Em função dela, enquanto no campo social a luta de classes perdia de sua acuidade diante de campanhas inter-classistas de cunho consensual, emergiam como novas bandeiras de luta a dimensão do racismo, as reivindicações de ordem étnica, o resgate urgente de umas nações, umas culturas ou grupos sociais marginalizados⁹, a necessária superação do corte Norte/Sul. Isso em dimensão de globalização mundial, mas também, em termos específicos, na sociedade brasileira e na Igreja.

Diz então um teólogo: “Diante do conflito sócio-racial nossa fé tem que se posicionar: ficar do lado de quem? Deus ficou do lado de quem?. E a teologia deve encontrar meios para justificar esta escolha. Noutras palavras, a teologia da Libertação no Brasil não pode fugir à pergunta: como ficar do

⁴ GUTIERREZ, 1985 (5ª ed.):115

⁵ FACÓ, 1976:169

⁶ COMBLIN, 1991:26

⁷ Documento da Conferência do Episcopado Latino-Americano, Puebla, 1979, nº34.

⁸ Falando do projeto de evangelização a partir dos pobres, elaborado em Medellín, um dos fundadores do Movimento Negro Católico, escreve em 1988: “Já se disse que suas preocupações primeiras se situaram nas dimensões do econômico e do político, preponderantemente. Pouco ou quase nada se investiu na dimensão do cultural e do religioso.” (BATISTA, 1988: 16)

⁹ Seria homóloga a emergência da categoria da “exclusão” como central na literatura analítica. (OLIVEIRA, 1997)

lado do negro no conflito sócio-racial. Não é um capítulo a mais da teologia. Não é colorir o pobre ou ficar preocupados com alguns deles. Não é “secundário” com respeito ao essencial. Com efeito, não é secundário em nossa sociedade ser mulher ou ser negro”¹⁰. É quando se monta na Igreja, em paralelo ao Movimento Negro, o Movimento dos Agentes de Pastoral Negros...

Mas viu-se o deslizamento, natural, no fim do texto, do “negro” à “mulher”. Outros textos juntam, com a mesma facilidade, ao negro os povos indígenas. Ou se fixam na consideração destes, como um substrato fundamental na América Latina. Mas outros trânsitos serão rapidamente perceptíveis, que acabam delineando um panorama de novo tipo para a “libertação”.

Num primeiro momento, com efeito, trata-se de identificar um “rosto” sob a categoria, um tanto abstrata, do “pobre”, membro da classe explorada. Negros e indígenas, num outro sentido, mulheres, oferecerão a este “pobre” o seu rosto. Mas um segundo momento transfere em parte a ênfase: da classe para a etnia e a cultura. De modo mais abrangente, para aquilo que as ciências humanas tematizam com cada vez maior intensidade: a “diferença”. “O projeto de libertação classista não se mostrou isento de alienação cultural e de autoritarismo tutelar frente à alteridade étnica”, diz outro teólogo, especialista da pastoral missionária, inspirador do CIMI (SUESS, 1988:502) Nos relatórios das reuniões de setores da CNBB onde se gestou o Movimento dos Agentes de Pastoral Negros, o mesmo questionamento é perceptível: “Como definir o Pobre, na concretude do cotidiano de nossas sociedades”?

Uma passagem conceitual enfim consagrada na Conferência do Episcopado Latino Americano em Santo Domingo (1993). Ali, a insistência sobre a necessária “inculturação” do Catolicismo leva a revalorizar os temas da etnia, da cultura, das diferenças constitutivas da própria sociedade latino-americana. Tanto no campo da sociedade inteira quanto no campo interno à própria Igreja aparece uma aspiração polêmica ao “reconhecimento” (ser reconhecido!), reivindicação em que a “cultura” é entronizada como a categoria seminal¹¹.

No entanto, outro deslizar está concomitantemente em processo: da “cultura” à “identidade”. Pois não se trata do simples reconhecimento de uma cultura herdada e definidora de sujeitos passivos na sua própria conscientização, mas da decisão política de grupos ontem desconhecidos de si próprios, e que emergem hoje à história a ser feita – e feita por eles – com um projeto de criação e afirmação de identidade. Sem dúvida, apóiam-se para isto, como é evidente, num passado, numa tradição, numa religião, numa cultura, mas não se limitam a uma restauração fechada, à antiga maneira culturalista. Querem sua identidade abridora de espaço e criadora de futuro.

Houve lugares e momentos, na sociedade e na igreja, em que esta passagem entre duas visões do processo social, da luta de classes à reivindicação identitária, foi vivida como ruptura. Quando, por exemplo, a “teologia negra” tentou dar seus primeiros passos nos Estados Unidos, uma das reuniões iniciais entre “teólogos negros” e “teólogos da Libertação” foi carregada de incompreensões e mútuas recusas. “As trocas de idéias neste encontro foram violentas,” escreve um dos pioneiros da teologia negra americana, em torno da diferença de sentido entre cor e classe social. A maioria dos teólogos negros estava convencida de que os teólogos latinos eram completamente insensíveis ao racismo, e muitos latino-americanos afirmaram que nós (negros americanos) precisávamos ser despertados para a opressão abrangente do capitalismo internacional”¹² Incompreensão mútua que mostra o quanto a mudança era importante. Mas no Brasil, e ao contrário, os passos sucessivos foram dados dentro do mesmo meio, muitas vezes pelas mesmas pessoas, como desdobramentos lógicos –

¹⁰ FRISOTTI, 1988:31

¹¹ Para maiores desenvolvimentos, cf MONTERO, 1996 e VALENTE, 1994.

¹² CONE, & WILMORE, 1986.

embora difíceis – de uma Teologia da Libertação que não tinha consciência com isso de abandonar a carga política que a caracteriza. Provavelmente seria justo dizer que é a própria “política” que viu modificado o seu enfoque.¹³ Não só na pastoral mas na teologia, não só na Igreja mas na sociedade, não só no Brasil mas no mundo.

Por isso pode-se imaginar o futuro de uma “Igreja popular” cada vez mais inscrita em grupos representativos de “minorias” (no sentido sociológico, não necessariamente estatístico; as mulheres, por exemplo, são vistas assim como “minorias”), reivindicando a legitimidade e a afirmação de diferenças na igualdade, a dignidade das “culturas”, promovendo as identidades, lutando contra qualquer exclusão. Num certo sentido, um programa tranqüilo, sem ruptura e na continuidade do trabalho anterior: “Entre as novas questões que conferem outras dimensões ao problema do “pobre”, diz o mesmo teólogo, nota-se a emergência de novas formas de opressão e das novas formas de luta que as acompanham. Como exemplos podemos citar: o Índio, o Negro, a Mulher, a Ecologia”¹⁴. Mas algumas destas descobertas poderão também ser traumáticas, alguma evolução difícil e dolorosa. É o que prevê outro teólogo-analista: “O conflito que surgirá na Igreja, a partir do *outro*, vai ser muito mais radical e prolongado que o conflito que assistimos em torno do pobre, partindo da *teologia da libertação*. O pobre pode ser integrado, sem se tornar rico e sem desaparecer, como nos mostra a sociedade de classe. O outro, ou resiste à sua integração, ou, ao ser integrado, perde sua alteridade e desaparece” (SUESS, 1988)¹⁵

E estas perspectivas não se limitam à sociedade brasileira. A conjuntura internacional nos mostra o tema da “diferença” no cerne dos principais conflitos contemporâneos. Trata-se de “povos”, de etnias, de regiões dentro das nações, de nações, de conjuntos de nações, por exemplo as do Terceiro Mundo, as emergentes, as do chamado Sul, etc... Com todas suas ambigüidades, com os perigos de fundamentalismo agressivo, de racismo ou simplesmente de fechamento essencialista sobre um passado, que este comunitarismo identitário pode gerar, eis um tema hoje presente no centro propulsor do imaginário ativo dos grupos e dos povos. Em todo lugar há identidades coletivas, por modestas que sejam – os “romeiros”... –, para serem afirmadas, restauradas, instauradas eventualmente. Povos e grupos sociais querendo participar, não necessariamente contra outros, mas em seu próprio nome, na feitura da história. E sempre este trabalho de identidade e identificação precisa de um pólo cristalizador, um símbolo recapitulativo da memória do grupo – doloroso ou glorioso, íntimo ou público, sacrificial ou afirmativo – uma imagem significativa das virtudes reivindicadas pelo grupo, uma representação personalizada, um ícone. É Zumbi para o Movimento Negro, foi Tiradentes para os promotores da República no fim do século 19, até Ayrton Senna para um difuso sentimento popular nacional. No plano da religião, a Igreja Popular da América Latina escolheu os seus santos: aqueles que, nos conflitos pela justiça, sacrificaram sua vida. Mas, e a Igreja do Brasil como um todo? Ela teria, é verdade e num outro plano, Nossa Senhora Aparecida, a Virgem Negra proclamada Padroeira da Nação. Sem dúvida são antigos – por exemplo em 1930 – os eventos de massa organizados para a mobilização em torno dela: de sentimentos, de entusiasmo, de confiança, para a projeção emocional da identidade coletiva do povo brasileiro na sua imagem, eventualmente com uma carga política explícita, frente ao governo do momento. E hoje ainda os pesquisadores do Movimento Negro Católico ficam impressionados pela explosão da onda de

¹³ Como acontece em sentido quase oposto em certos meios católicos da África, onde alguns líderes pensam, graças à Teologia da Libertação, ter hoje superado anos de reivindicações de tipo “cultural” e “identitário” no interior da Igreja. “A negritude se opõe à Teologia da Libertação. Nós agora saímos da teologia cultural e moral com a Teologia da Libertação” (Entrevista, Paris, 1997)

¹⁴ Boff, Clodovis, *art.cit.*, 82.

¹⁵ In PALEARI, 1990:33

reconhecimento que monta para a pequena estátua da moreninha quando ela “aparece” no fim de uma Missa “inculturada” (“Missa Afro”). Mas estudos recentes (FERNANDES, 1984) mostraram que a imensidão do Brasil, a falta, na sua cultura, de um forte senso de centralidade, não permitiram (ainda?) que a aura deste ícone atingisse, como no caso de outros povos, dimensões nacionais. Outros santuários, outros “santos” (Nossa Senhora do Círio de Nazaré, São Francisco de Canindé, o Bom Jesus da Lapa, o Divino Pai Eterno da Trindade de Goiás, o próprio Padre Cícero, apesar dos senões persistentes de sua situação ambígua diante da instituição-Igreja), canalizam as emoções que expressam no campo religioso as identidades regionais. Talvez evitando assim ao Brasil de participar desta onda de nacionalismo religioso que se torna agressiva em muitos lugares, quando verdadeiras guerras de religião fundam e redobram os conflitos políticos e militares. Apesar disso, o processo está em curso de um Brasil que se representa a si próprio – e também começa a ser visto – como efetivamente emergente e aspirando a uma liderança no mínimo latino-americana. Por outro lado, a imagem tradicional de um Brasil radicalmente (*i.e.* de raiz) católico perde de sua força diante da generalização de outras adesões religiosas. Um Brasil “evangélico” pode ser pressentido como despontando num futuro mais ou menos próximo. Por isso é provavelmente a primeira vez que jovens católicos sentem necessidade de se afirmar com os dizeres de suas camisetas: “Sou católico”, “Me orgulho de ser católico!” Ora neste campo identitário, é comum ver aspirações nacionalistas se entrelaçarem com afirmações de ordem religiosa. “Me orgulho de ser brasileiro” poderiam ter dito, num sentido reverso aqueles padres do Crato, defensores desde o início do milagre da Santa Hóstia porque através desse milagre igualava-se o Brasil à França, Portugal, Itália...¹⁶. “Brasileiros” dentro da Igreja, “Católicos” dentro do Brasil. Nesta situação, tal “Brasil católico” pode chegar a precisar de um ícone, onde se recapitule, se afirme e se projete. Apesar das tantas qualidades que para isso o habilitavam, três objeções maiores faziam até então obstáculo a que o Padre Cícero ocupasse este papel de ícone: a sua posição no lado dominante de uma estrutura social injusta, concebida como simplesmente dicotômica, a sua participação ativa em conflitos político-partidários sangrentos, e sua semi-condenação pela igreja. Sem falar do caráter limitadamente regional da mobilização popular em torno de sua figura.

Mas... Se o processo de mudança na Igreja Popular que tentei analisar tem algum sentido; por outro lado se as conclusões da Comissão de revisão histórica tiverem ampla repercussão; se os estudos renovados que foram ouvidos no Simpósio sobre a atuação social e política do patriarca (sempre a favor do “pobre”, da transformação das condições de trabalho e de produção das camadas populares e da paz entre as facções de dominantes) conseguirem vencer outras interpretações, tanto na Igreja como no meio dos analistas sociais; enfim se, como não é impossível pensar, e como foi possível constatar em Juazeiro que o povo parece pensar explicitamente, se seguirem outras iniciativas mais ousadas na direção de uma reabilitação – e mais do que isso... –, essas objeções não começariam a perder todo valor? Afinal – deixemos solta a imaginação... – nenhum dos santos recém-proclamados no Brasil é visceralmente reconhecido pelo povo como brasileiro. Nem o Beato Anchieta suscita tal reação, figura emergida, como parece, da reflexão constante das elites. Mas como reagiria amanhã a sensibilidade popular diante de um eventual “Venerável”, “Beato”, ou “Santo”, Cícero?

Não poderia então ser acolhido com honra pela “Igreja popular” o brasileiro que na sua última entrevista, três anos antes de morrer, e logo depois da Revolução de 30, declarava aos jornalistas: “Eu desejo que os nossos governantes sejam sobretudo administradores e não donos de uma grande

¹⁶ É um dos sentidos da interpretação de Juazeiro por R. Della Cava (1985:69). “Para o Pe Antero, diz ele, o catolicismo brasileiro atingira a maturidade, graças ao milagre de Juazeiro, e a Igreja brasileira era, de agora em diante, comparável a qualquer uma da Europa”

fazenda, como vinha acontecendo até agora. Que a nação os faça, os eleja defensores e zeladores da Pátria e do povo, e não senhores de uma senzala, para venderem-na aos pedaços, a quem mais der".¹⁷

Fala-se, na história, em "beatificação popular", ou "pela voz do povo". Diante de uma situação próxima a isso a respeito do Padre Cícero, a Igreja institucional teve até hoje que encontrar o seu caminho pastoral, na ambigüidade, sem se renegar como instituição nem recusar de todo a sensibilidade do povo. É bem sabido a que preço de dúvidas, de hesitações, de divisões, de rupturas. Mas não é impensável que a mesma Igreja se encontre amanhã diante de outro problema, tendo de administrar a referência popular a um ícone identitário, desta vez por ela mesma reconhecido. Ícone do Cariri? Ícone do Nordeste dentro da Nação? Ícone do Brasil entre as Nações? Ícone do "povo" frente aos que sempre o dominaram? Ícone particular do "povo" nordestino ou Ícone de um povo articulado nos seus interesses contraditórios em função de um projeto nacional? Ícone dos "pobres"? Perpassando estes sentidos, em todo caso, Ícone de um povo "católico"? Mas ainda assim, com qual equilíbrio entre o exclusivismo identitário e a aceitação de um campo religioso plural¹⁸?

Vê-se o jogo – que exige estratégia, escolhas e articulações – em todos estes casos e em vários níveis, entre a parte (as partes) e o todo. Por isso o Padre Cícero não me parece ter acabado de propor à Igreja sérios problemas de interpretação. Talvez só faça começar uma releitura de sua figura. Uma releitura (ou releituras) necessária, pois ícone não é só um nome ou uma imagem. "Ícone-praxis", dizem alguns¹⁹, o que significa sem dúvida uma projeção, uma imagem, a presença do grupo a si próprio, mas também um programa dinâmico, que ele assume como seu e no qual ele se define. O que implica que tal dimensão do ícone seja administrada, não por imposição unilateral de sentido, mas numa negociação dialógica entre as várias agências de produção e legitimação da identidade "popular".

2) As "diferenças" reconhecidas e os fluxos de comunicação.

Com mais um agravante, aliás. Insistir na importância atual da dimensão de identidade, e conseqüentemente de alteridade, equivale a prever uma crescente aceitação da diversidade legítima. Em primeiro lugar no interior mesmo da Igreja. Um traço em certo sentido conatural à história da "Católica", que sempre tendeu a resolver suas divisões internas pela acomodação e a soma dos diferentes: "Tipo-Igreja", diziam Weber e Troeltsch. É verdade que as Comunidades de Base da "Igreja popular" pareciam, ao contrário, desenvolver uma tendência mais inteiriça. Foi até possível analisá-las como "seitas" no interior da Igreja; queriam-se modelo exclusivo do ser cristão. Mas é freqüente agora uma menor radicalidade e mais compreensão (aceitação?) de outras ênfases na vida católica. "Opção pelos pobres" e "opção dos pobres"²⁰ caminharão provavelmente ao encontro uma da outra, como parece prenunciar este depoimento de uma militante de Comunidade de Base, recém "convertida" à idéia de encontrar-se com fiéis carismáticos que "trabalham" na mesma comunidade popular onde exerce sua liderança: "Não queria. Julgava-os reacionários. Mas finalmente isso faz

¹⁷ "A última entrevista", *O Povo*, 20-07-04, Caderno Especial: Padre Cícero, p.4

¹⁸ Pois seria possível encontrar elementos que, fora do seu *site* histórico e simplesmente transferidos à situação contemporânea, inflectiriam a figura do Pe Cícero num problemático sentido fundamentalista. "O Brasil é uma nação católica e precisa viver com Deus. Sou partidário da Igreja unida ao Estado, porque sou católico, apostólico, romano, e me oriento pelo credo, que é o símbolo da religião e da fé". ("A última entrevista", *O Povo*, cad. Especial 20-07-04, p.4-5.). O que se traduzia, nos termos da época, pela terminante recusa de componentes de positivismo, de protestantismo, de franco-maçonaria, de comunismo, quicá de liberalismo, na identidade nacional brasileira.

¹⁹ Cf MARTORY, 1994:4, *apud* STEIL 2001

²⁰ Depois de uma pronunciada afinidade com as classes médias, os Carismáticos Católicos tendem a expandir-se, hoje, também em meios populares. Reencontrando assim os seus homólogos evangélicos.

bem a todos: eles nos ajudam a rezar melhor, e nós os ajudamos a se preocupar mais com a vida real do povo”²¹ Neste sentido, um ícone “católico” circulará hoje com mais facilidade pela diversidade das “identidades” católicas.

Mas o problema prolonga-se além disso. O que parece caracterizar o campo religioso brasileiro contemporâneo, criando para a instituição católica uma situação nova, é a necessidade de conviver com uma diversidade religiosa que não pára de se desdobrar e de multiplicar instituições, correntes, espiritualidades grupais, experiências coletivas e individuais muito além do tradicional monopólio da “Católica”.

Todas estas instituições emitem mensagens, mesmo se não todas através dos meios de comunicação de massa, e qualquer “fiel”, por “fiel” que seja, constrói sua convicção, seu imaginário e as linhas mestres do seu comportamento com as influências cruzadas destes fluxos comunicacionais que o envolvem.

Com efeito, pesquisas recentes em várias capitais brasileiras parecem indicar que, de modo crescente e especialmente nos meios populares, através das rádios, da TV, através dos jornais e até das revistas, começa a implantar-se na sociedade brasileira um campo de comunicações, ainda seletivo, mas já marcado por cruzamentos de fluxos de caráter religioso. Neste campo – sem falar nos bairros populares, das trocas de vizinhança e das convivências familiares, que parecem não obedecer aos *apartheids* e exclusões institucionalmente decretadas²² – vai se enraizando um *habitus* de abertura das audiências à mensagem do “outro”, abertura que prenuncia um tipo novo de porosidade das próprias identidades religiosas²³, um rosto em parte novo da “Igreja Popular”.

Espíritas que escutam semanalmente o programa do arcebispo em Belo Horizonte, e o acham “bom” ou “ótimo”; pentecostais que freqüentam a missa pela TV ou assistem aos programas da Rede Vida; católicos auditores ou telespectadores dos programas evangélicos a ponto de – em Salvador, por exemplo – serem mais numerosos que os próprios pentecostais a pelo menos saber de sua existência.²⁴

Não é pois impensável a criação – e o reforço progressivo(?) – de um campo de comunicações em que universos simbólicos institucionalmente diferenciados se cruzem, através da subjetividade individual dos ouvintes e espectadores. Estes presenciam assim manifestações emocionais de cultos que, em princípio, são “dos outros”, e participam privadamente delas, quando não teriam às vezes a coragem de comungar delas em público. Isso significa que os imaginários também podem se tornar comunicantes, coincidir eventualmente em certas figuras, mobilizar-se a partir dos mesmos ícones. E assim o Padre Cícero, ícone dos católicos brasileiros, transitar, pelo meio dessa rede, ao *panteon* de outras denominações. Sabemos que o fato existe já em mesas espíritas, onde o carisma curador do padre se desdobra no de um cirurgião espiritual e, pelo menos em Juazeiro, nos terreiros de

²¹ Entrevista, Campinas, 1998. Do ponto de vista quantitativo, as CEBs, quando das eleições presidenciais de 1994, reuniram 1.8% do eleitorado, perto de 2 milhões de eleitores; o Movimento de Renovação Carismática 3,8% (cf. PIERUCCI e PRANDI, 1996:218). Estes números devem ter evoluído desde então, no sentido de declínio das CEBs e crescimento carismático. Sobre as relações conflituais entre CEBs e Renovação Carismática, cf. PRANDI, 1997, esp. 97-121.

²² Como o ilustram, no caso da Igreja Universal e dos cultos tradicionais de possessão, as ricas análises de P. Birman (BIRMAN, 1994)

²³ Tipo “novo”, porque esta “porosidade” pode, na sua generalidade, ser considerada como já fazendo parte da tradição brasileira,

sobretudo popular. E precisamente o recente crescimento pentecostal poderia fazer pensar numa ruptura no filão desta tradição. Cf. SANCHIS, 1997.

²⁴ Para Belo Horizonte, pesquisa do Instituto Lumen: *Comunicação na diocese de Belo Horizonte*, 1997; para o conjunto das Regiões metropolitanas, CERIS, *Desafios do catolicismo na cidade. Pesquisa em regiões metropolitanas brasileiras*, São Paulo, Paulus, 2000.

umbandomblé, onde a imagem do Padre Cícero marca presença nos *pegi*. Mas o caso mudaria provavelmente de densidade na hipótese de uma difusão de sua figura, enquanto “venerável” ou mais ainda, em escala nacional. Lembro-me de um pai-de-santo de umbanda dizendo-me, na época em que a Igreja pós-conciliar fazia a caça às figuras míticas no seu santoral: “Nós somos católicos. Não veneramos nenhum santo que a Igreja católica não reconheça como tal”. Imaginemos então a pastoral eclesial deparando-se com um desafio de outro tipo: o de administrar a devoção religiosa dedicada a uma figura nacional cuja virtude reconhece, mas que escapa à exclusividade de seu ministério e é reinterpretada em outros universos simbólicos. Sendo essa personagem, não uma figura meio-mítica, como S. Jorge, ou longinquamente inserida numa história lendária, como S. Sebastião, mas um cearense de carne, osso e pensamento, participante de uma história que ainda não acabou, e sacerdote nas suas fileiras, em dificuldades até com sua própria hierarquia.

3) O “povo”, na Terra antes do Céu : a ecologia

Será mais um problema, ou mais uma riqueza a ser pensada pela pastoral da Igreja em torno do Padre Cícero e de seus romeiros, o terceiro traço que gostaria de ler no futuro imediato da Igreja popular? Um tema que não era comum nas representações das camadas populares, mas que está ganhando espaço entre elas. Mais uma vez no mundo inteiro: o tema da ecologia. Alguns dos teólogos que se distinguiram na elaboração “clássica” e “classista” da Teologia da Libertação cultivam-no hoje com o maior entusiasmo. E com uma intensa repercussão nos meios de classe média diretamente sensíveis à dimensão ecológica ou naqueles mais amplamente atingidos, em política pelo movimento altermundialista, em religião pela corrente da Nova Era.

Mais um momento de transposição de fronteiras, de novas alianças e inusitadas audiências, também prenúncios de reagrupamentos inesperados. Por exemplo uma antropóloga (LUZ, 1998) mostra, em livro recente, a intensa repercussão da presença e da fala de Leonardo Boff no VIº Encontro para a Nova Consciência, de Campina Grande, nestes termos: “Partindo das palestras de Leonardo Boff (...) observa-se uma tendência para fazer coincidir na prática religiosa uma “espiritualidade ecológica” com uma “justiça ecológica”, isto é uma fé religiosa que responda às exigências de uma responsabilidade social global”, “integridade da criação”..., “sentir-se parte de uma totalidade...”.

E a estes teólogos convém juntar a voz de um sociólogo e analista, militante da Teologia da Libertação, Francisco Cartaxo Rolim, bem conhecido por sua exigente interpretação das categorias da Teologia da Libertação em termos classistas²⁵ “É preciso entender”, escreve ele num livro póstumo, “que a crise econômica, política, latino-americana é também uma crise ecológica que a religião é chamada a levar em consideração à luz dos seus princípios básicos e fundamentais” (ROLIM, 1997:208) Ou ainda: “Hoje a opção pelos pobres tem um âmbito bem mais largo do que trinta anos atrás. (...) Um dos elementos, e não o menor, dos desequilíbrios e distorções sociais, está no cosmo. (...) A visão religiosa, ao invés de se restringir aos ritos e às crenças, à santificação individual, à libertação do pecado, é chamada a considerar que o pecado não é só individual, ou mesmo social, ele tem também uma face ecológica” (*id.* 210-211, *ênfase minha*).

Não sei em que medida e de que modo a nova figura do Padre Cícero seria capaz de assumir tal perspectiva. Mas custo a acreditar que este padre de pé e cado no chão, filho de uma terra em que a qualidade – e até a possibilidade – da vida humana estava tão de perto ligada ao domínio dos contrastes entre o paraíso de um Vale de fertilidades e de águas – quase – perenes e os entornos secos e áridos, este pastor tão diretamente implicado no quotidiano do seu rebanho numa hora de transformações das culturas no Cariri e da primeira industrialização, não tenha deixado testemunhas

²⁵ Cf. ROLIM, 1980.

de uma sensibilidade aguda ao laço que não pode ser rompido ou degradado entre o homem e a globalidade da Terra de onde ele tira o seu existir e sua saúde física e emocional²⁶. Lembro ainda daquela última entrevista que já citei: "Criar um novo Ministério, destinado especialmente a desenvolver as nossas riquezas naturais, as grandes riquezas que Deus nos deu. Faça-se, pois, um Ministério das Minas e Florestas. É assim que se deve crescer, e não vendendo o país a estrangeiros. Eles comem as bananas e nos atiram as cascas".²⁷ Uns rasgos significativos, que talvez abram ao Pe Cícero um lugar na Igreja popular de amanhã.²⁸ Viria a ser também ícone do MST? Algumas representações plásticas vão desde já neste sentido.

Levantarei enfim outra pista, a última, um tanto recapitulativa de tudo o que dissemos, e também mais desafiadora – em vários níveis.

4) Amanhã, uma mais imediata presença de algo como uma "Religião fundamental".

Não se trata, é evidente, de generalizar: a emoção, em religião, não tem para todos o mesmo peso positivo; práticas de cura, consultas ou orações "para acudir a situações aflitivas" não recebem em todos os meios o mesmo cultivo. Apesar disso, não há dúvida que evoluções diversas em vários grupos sociais e até grupos confessionais orientam-se para um horizonte comum, feito, em graus desiguais, de empréstimos polivalentes entre universos simbólicos e religiosos, do primado da experiência religiosa sobre as definições dogmáticas, da procura de uma transparência das camadas, físicas, sociais e cósmicas, desde as mais imediatas – o corpo – até às mais abrangentes, totalidade na espessura da qual o ser humano sabe o seu destino inserido, da relativização das definições institucionais ou, até, de qualquer conhecimento que se queira só conceitual (a "verdade"...), da aspiração mística articulada a disciplinas corporais, de mergulhos em experiências sensitivas "primais", da procura sem fim de um caminho "através de"..., caminho que multiplica mediações sempre mutantes.

Acabei assim de descrever um horizonte sem dúvida pouco presente, nesta forma explicitamente sofisticada, na experiência religiosa dos "pobres". Mas, alertada por características da Nova Era, a observação pode redescobrir nas formas tradicionais desta experiência (a "religião popular") dimensões homólogas, assim encaradas sob novo ângulo: dimensões de curandeirismo, de ativação ritual de mediações modesta ou grandiosamente cósmicas, de estados segundos e comunicação com um "além" empiricamente atingido, de "sincretismos" vividos. Continuidade, então? Ou nova articulação – pós-moderna – entre razão e irracionalidade?

Existem de fato semelhanças, embora suportadas por estruturas divergentes, que a presença ou a ausência de dois traços fundamentais caracterizam: numa delas, o exacerbamento da autonomia decisória do indivíduo, na outra, a consciência aguda do pecado. Em todo o caso este paralelismo, mesmo em parte invertido, chama de novo a atenção sobre um problema a que já fizemos referência: como o Padre Cícero, ícone dos "pobres", virá a falar também aos que não o são? Se "pobre", no sentido que dissemos, acaba sendo uma identidade, é também uma cultura, com sua vertente religiosa: a "religião popular". Em que sentido e até que ponto a interpretação do ícone elaborada pela "Igreja Popular" poderá e deverá confirmar esta cultura? Teria ela vocação, na sua concretude, a ser simplesmente conservada, protegida, valorizada

²⁶ Testemunha desta dimensão na vida do Pe Cícero é a existência acarinhada e o constante projeto de transformação do "Horto".

²⁷ "A última entrevista", *O Povo*, 20-07-04, Caderno Especial: Padre Cícero, p.4.

²⁸ Compatibilizar a "Libertação do pobre" com a "Libertação da terra" não implica o "deixar de lado o compromisso com os pobres", mas no entanto conota mudanças de "perspectivas mentais e vivenciais": "A partir daí, a via da integração apareceu-me como mais coerente com a vida atual, que a via da oposição e do conflito" (militante religiosa cit. em MEDEIROS, 1997:47).

até nas suas formas mais “tradicionais”? Estou falando de amanhã, um amanhã que a bem-vinda revalorização do conjunto “romeiro” a que estamos assistindo hoje, acompanhando a reconciliação com o Padre Cícero, não pode deixar de preparar. Ou pelo menos de esperar com realismo, consciente e dinamicamente. Se quiserem, os que administrarem a imagem do *Padim* Cícero, que ela possa também adquirir um sentido icônico na cultura da modernidade, que as novas gerações de romeiros portam já em si, e cujo avanço é patente na própria “cidade santa” de Juazeiro.

Mas talvez esta aparência de continuidade – na diferença profunda – entre as experiências religiosas dos ‘pobres’ e daqueles que não o são, represente simplesmente a reemergência em formas diferentes de dimensões muito antigas, que a modernidade racionalista parecia ter votado ao desaparecimento rápido. Mesmo assim, nesta confluência da Nova Era de hoje com a “religião popular” de ontem e a “religião fundamental” de sempre, torna-se de novo presente o problema da relação entre a dimensão religiosa da cultura e as instituições (Igrejas) destinadas a cristalizar esta dimensão, dar-lhe forma, administrá-la, cada uma destas instituições pretendendo à exclusividade nesta tarefa. Um novo estado do problema da relação entre a religião popular e a Igreja que ao mesmo tempo a secreta e a confronta. A “passagem do sagrado pagão ao sagrado cristão”, “do sagrado ao sacramento”, “do *sacer* ao *sanctus*”, que um historiador do séc. XI dava como crucial naquele tempo²⁹, retomou hoje um caráter problemático. Mas no sentido inverso: “Do sagrado cristão ao sagrado pagão”. Pois são as determinações – dogmáticas e éticas – das instituições (e não só das do cristianismo) que as novas formas de sagrado tendem a deixar de lado. Mesmo quando os seus adeptos pertencem a essas instituições: desinstitucionalização do religioso. O paradoxal é que, por outro lado e em sentido oposto, no campo religioso universal assiste-se a um novo surto institucional, que se traduz, em todas as religiões, mesmo se em espaços segmentários, por um reforço dos fundamentalismos, uma renascença dos fideísmos, um revigoramento das exclusões e das disciplinas – com as consequências bem conhecidas no plano político. Nosso momento sócio-religioso, no cerne da problemática que funda o laço social e na procura daquele equilíbrio que permite a convivência – laço social e convivência que, na verdade, constituíam a obsessão do Padre Cícero – tende para os extremos opostos: da desinstitucionalização completa por um lado, dos fundamentalismos agressivos por outro.

Neste ponto, a nova imagem do Padre Cícero, a que ressalta dos estudos mais recentes³⁰, poderia ser particularmente significativa na conjuntura cultural contemporânea³¹. Dependendo, mais uma vez, da direção para a qual os seus intérpretes entenderão levar o sentido público desta imagem. Pois este homem, com a experiência intensa e dolorosa que foi a dele, pode ser ícone do dilaceramento contemporâneo entre o construtivismo autônomo do indivíduo e a continuidade de uma fidelidade institucional, entre a experiência sensível, a exigência da razão e uma eventual autoridade dogmática³². E ícone aberto a interpretações

²⁹ ROUCHE, 1994:502-527

³⁰ Cf. entre outras, a exposição de Marcelo Camurça: “O Padre Cícero entre a política e a religião popular”. O ideal do Pe Cícero em todas as intervenções políticas é dito “de caridade e pacificação”, “de busca de ajudar os pequenos” e de ser “instrumento de paz”. Cf. também CAMURÇA, 1994.

³¹ Se interpretado o conjunto da ação social do Padrinho como uma tentativa de “inclusão” dos “excluídos”.

³² Não conhecemos estudo grafológico da personalidade do Pe Cícero. Um olhar de não especialista sobre a belíssima assinatura do Padrinho que os organizadores do Simpósio tiveram a feliz idéia de imprimir na capa do Programa detectaria, parece-nos, uma personalidade de grande equilíbrio, afirmativa na sua presença mas aberta a um relacionamento envolvente e preocupado com outrem; otimista e orientada para o futuro mas solidamente implantada num passado cultivado e pessoalmente assumido. Uma individualidade forte, mas dominada pelo sentimento de sua função, que decorre do seu caráter sacerdotal. O sensível e enérgico Cícero desta assinatura quer-se, antes de tudo, Padre. É em torno desta qualidade cujas consequências pretendem lhe recusar, que ele constrói, para si e para os outros, a sua própria imagem.

Esta assinatura seria de 1921. Existem muitas outras (agradeço à Irmã Annette ter-me dado acesso a algumas) sem a mesma qualidade. Teria sido “editada”? Ou uma grafologia comparada das assinaturas do Pe Cícero através dos anos ajudaria a desenhar o amadurecimento de uma personalidade?

divergentes, como já o constatamos a propósito da identidade nacional “católica”.

Contexto novo para um problema, o da inserção institucional, que começou durante a vida do patriarca, e que até hoje se expressa e se totaliza numa realização ritual de massa, que encontramos enfim: a romaria. Ora, esse fenômeno, tradicional em Juazeiro, passou a integrar de novo o elenco das mais contemporâneas (as mais “modernas”, ou “pós-modernas”) práticas religiosas. Não penso aqui nas grandes realizações, sem declínio, de Lourdes ou de Fátima, mas nas formas novas de Caminho de Santiago na Europa, na criação recente do seu homólogo para Aparecida ou outros *loci* sagrados, no Brasil. A aporia de sentido da “religião popular” de que falávamos no início é aqui ultrapassada. Não se trata mais de um “popular” diretamente classista ou simplesmente oposto ao institucional. O historiador-antropólogo das peregrinações Alphonse Dupront se recusa a ver as multidões peregrinas como portadoras de uma religião “popular”. “Chamá-la assim”, escreve ele (DUPRONT, 1987:82) seria “reduzi-la ao elementar, no ponto inferior de uma hierarquia cultural, ou fazer dela, para os jogos de uma dialética de dominação, uma vítima esmagada”. Ao contrário, religião universal porque fundamental, “prática do existir dentro do universo (...) que, pela sua organicidade e a própria globalidade de que se reveste, constitui uma disciplina milenarmente ajustada das forças do irracional, (...) terapia da angústia do mal de existir (e...) nova carga para a coragem de viver”. É esta religião fundamental que, no termo do caminhar em romaria, vai encontrar a religião institucional da Igreja. “Romaria”, na história, é lugar onde se compatibilizam – ou podem se compatibilizar – estas duas religiões. E em Juazeiro o mediador deste encontro não é – ainda? – um santo, mas um nordestino quotidiano, obcecado por sua terra e por seu povo, a ponto de teimar em tê-los visto enobrecidos pela manifestação visível da Presença. Homem da instituição, é no silenciamento mesmo de sua palavra funcional que o povo (“as multidões peregrinas” de Dupront) acreditava – e continua acreditando – que ele responde à demanda de sua religião. Religião Fundamental. A questão, afinal, sobre o futuro desta relação: Padre Cícero/Igreja/Povo, não seria precisamente saber em que medida e de que maneira a própria instituição é e será capaz de assumir, articulando-a com sua própria identidade, essa religião fundamental, que deve continuar nutrindo, sob pena de formalismo, as manifestações de qualquer religião institucional – e que os romeiros, tradicionalmente, reconhecem aqui no seu ícone?

É esta pergunta que competia-me somente articular, na sua pouca simplicidade, sem minimamente entrar no terreno da resposta. Minha conversa não pretendia ir além de uma sugestão simples: as novas circunstâncias em que se encontram por um lado a imagem pública do Padre Cícero, por outro lado a “igreja popular” brasileira permitem pensar que vai tomar nova vida o diálogo entre elas, e que o significado daquele que apresentei como, em muitos sentidos, possível “ícone”, se deve ser questionado pela conjuntura do Nordeste, do Brasil, do Mundo e da própria Igreja neste mundo, não parou, também ele, de questionar. No fundo – e para dizê-lo em termos muito simples – perguntei-me como a Igreja católica no Brasil poderá tratar amanhã a figura, eventualmente por ela reconhecida como santificada, de um sacerdote visceralmente brasileiro, nordestino, mais patriarca do que coronel do sertão, curador, conselheiro, benfeitor e acima de tudo padrinho, mas que as exigências do que pensava ser a sua devoção confrontaram a figuras hierárquicas, e que os áleas dos embates políticos chegaram a jogar em acontecimentos de guerra e de sangue. Uma operação que não será fácil. E poderá ter repercussão sobre a consciência identitária nacional. Mas afinal, se João Paulo II se prepara a proclamar Beato, num dos próximos domingos, o último imperador da Austria, que procurou fazer a paz, mesmo tendo herdado de uma guerra a ser vencida, porque não poderia acolher a já centenária e teimosa devoção do povo nordestino a seu problemático Padrinho?

Referências Bibliográficas

- BARROS, L.O.C. - 1988 - *A terra da Mãe de Deus*, Rio de Janeiro, Francisco Alves
- BATISTA, P. M. - 1988 - A evangelização dos negros., *Tempo e Presença*, jan/fev.
- BIRMAN, P. - 1994 - Cultos de possessão e pentecostalismo no Brasil: passagens., *Religião e Sociedade*, 17, 1/2, 90-109.
- BOFF, C. - 1990 - La théologie de la libération: ses questions pour la fin de ce siècle., *Lumière et Vie*, 200, 79-88.
- CAMURÇA, M. - 1994 - *Marretas, Molambudos e Rabelistas*, São Paulo, Maltese.
- COMBLIN, J. - 1991 *Padre Cícero de Juazeiro* (Coleção Homens e Mulheres do Nordeste - Série Os Religiosos), SP, Paulinas.
- CONE, J., & WILMORE. - 1986 - *Teologia Negra*. São Paulo: Paulinas.
- DELLA CAVA, R. - 1977 - *Milagre em Juazeiro*, Rio, Paz e Terra.
- DUPRONT, A. - 1987 - *Du sacré. Croisades et pèlerinages. Images et langages.*. Paris: Gallimard.
- FACÓ, R. - 1976 - *Cangaceiros e Fanáticos*, Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.
- FERNANDES, R.C. -1984 - *Aparecida, nossa Rainha, nossa Senhora e nossa Mãe, Sarava!*, Rio de Janeiro, Museu Nacional.
- FRISOTTI, H. - 1988 - *Beber no poço alheio. Religiões afro-brasileiras caminhos de fé e libertação*. Salvador: Missionários cambonianos, Brasil-Nordeste.
- GUTTIEREZ, G. - 1985 (5ª ed.) - *Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes.
- KLOPPENBURG, D. B. - 1983 - *Igreja Popular* (3ª ed.). Rio de Janeiro: Agir.
- LESBAUPIN, Y. - 1996 - *Igreja, comunidade e massa.* São Paulo: Paulinas.
- LUZ, L. A. - 1998 - *Carnaval da alma: comunidade, essência e sincretismo na Nova Era*, Tese de Doutorado, Rio de Janeiro: Museu Nacional.
- MARTORY, L. 1994. *Sex and the Empire that is no more. Gender and Politics of Metaphor in Oyo Yoruba Religion*. Minneapolis/London, University of Minnesota Press.
- MEDEIROS, T. d. F. - 1997 - Nova Era e Catolicismo: Universos e Experiências., *Atualidade em debate*, 50, 49-51.
- MONTERO, P. - 1996 - A universalidade da Missão e a particularidade das culturas. In P. Montero (Ed.), *Entre o Mito e a História* (pgs. 31-136). Petrópolis: Vozes.
- OLIVEIRA, L. - 1997 - Os excluídos 'existem'? Notas sobre a elaboração de um novo conceito, *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 33: 49-62
- PALEARI, G. - 1990 - *Religiões do Povo. Um estudo sobre a inculturação*. São Paulo: AM edições.
- PIERUCCI, A.F. e PRANDI, R. - 1996 - *A realidade social das religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec.
- PRANDI, R. - 1997 - *Um sopro do Espírito*. São Paulo: Edusp/Fapesp.
- ROLIM, F. C. - 1980 - *Religião e Classes Populares*. Petrópolis: Vozes.
- ROLIM, F. C. - 1997 - *Dicotomias religiosas. Ensaio de sociologia da religião*. Petrópolis: Vozes.
- ROUCHE, M. - 1994 - "Alta Idade Média ocidental" In P. Veyne (Ed.), *História da Vida Privada vol I; Do Império romano ao Ano Mil*. São Paulo: Cia das Letras.
- SANCHIS, P. -1997 - "O campo religioso brasileiro contemporâneo", in Oro, A.P. e Steil, C.A.(Org.), *Globalização e Religião*, (pgs 103-116), Petrópolis: Vozes.
- STEIL, C.A. "Política, etnia e ritual - o Rio das Rãs como remanescente de quilombos", 2001, In: PEIRANO, M., *O Dito e o feito. Ensaio de Antropologia dos rituais*. Rio de Janeiro, Relume Dumará.
- SUESS, P. - 1988 - Alteridade, integração, resistência., *Revista Eclesiástica Brasileira*, 45, 179.
- SUESS, P. - 1988 - Companheiro-peregrino na terra dos pobres, hóspede-irmão na casa dos outros., *Revista Eclesiástica Brasileira*, 48, 191.
- VALENTE, A. L. - 1994 - *O Negro e a Igreja Católica. O espaço concedido e o espaço reivindicado* Campo Grande: CECITEC/UFMS.

DEBATE

Pergunta – **Sobre a opção pelos pobres**

Pierre – É evidente que entre a opção pelos pobres e opção dos pobres há uma dialética. Não se pode pensar que a Igreja opte pelos pobres ou os pobres optem pela Igreja. O que é a Igreja na cabeça, na representação, na sensibilidade dos pobres? E o que são os pobres na consciência teórica e na sensibilidade pastoral da Igreja? Essas duas coisas têm que se revelar uma à outra e a revelação mútua não é simples. Não é uma que se aproxima da outra. É uma aproximação que se faz pouco a pouco, por passos concertados, ou não ... ou que não se faz! Mas, em todo caso é um processo e um processo dialético. Falta mudança das categorias? Eu acho que não é tanto mudança de categorias...É a passagem de conceitos a categorias. O conceito é o resultado de pensamento elaborado teoricamente que tem sentido numa síntese teórica. O conceito de “pobre” na teoria teológica ou sócio-analítica, utilizado pela teologia da libertação, tinha um sentido dentro dessa teoria e era: pobre é a parte vítima do processo de exploração do trabalho pelo capital. Passou-se disso, ou está se tentando passar progressivamente disso a categorias, quer dizer, a recortes, simbolicamente falando, mas que não depende de uma inserção de uma teoria na prática. A categoria do pobre é muito mais próxima de uma experiência concreta. Nesse ponto, a única teoria dentro da qual essa categoria encontra o seu sentido, não é teoria, é o Evangelho. São duas aproximações da articulação entre o projeto e a ação social, a realidade social.

Outro ponto é que no Brasil não houve ruptura, a não ser em casos pessoais que tiveram que abandonar certas posições, mas no conjunto do movimento não houve ruptura. Houve prolongamento, houve afastamento. Aqui no Brasil. Em outros lugares é diferente.

Pergunta – **Em que se fundamenta Comblin para afirmar que Padre Cícero era um coronel? Não seria mais plausível líder carismático ou espiritual? Se Padre Cícero vivo fosse, ele seria adepto da Teologia da Libertação ou seria uma espécie de Madre Teresa de Calcutá?**

Pierre – É muito sutil, mas fundamentalmente foi isso que eu tentei falar. Primeiro: há uma imagem do Padre Cícero que a gente tem que reconstruir, reformular. A imagem do Comblin não é a imagem que nós temos hoje, depois dos mais recentes estudos. A imagem do Comblin, primeiro, dependia da teoria que lhe formava os conceitos, como eu falei. Era uma teoria dicotômica, uma sociedade feita da oposição de duas classes... é evidente que o Padre Cícero mediador, coonestando a situação estrutural não podia ser uma figura evangélica. Era simplesmente um aliado dos coronéis. Essa visão, essa própria visão teórica e histórica do Padre Cícero foi superada. Ouvimos isso claramente. Pode ser que algumas pessoas não concordem com essa superação e essa mudança, mas pelo menos há uma grande ala, no centro da qual palpita o coração do Padre Cícero, que está revendo a figura do Padre Cícero, e neste caso em que sentido? Essa visão dicotômica da sociedade – mais uma vez – não funciona na realidade, funciona numa análise; ela não pode ser abandonada do ponto de vista racional. Ela não pode ser mudada, ela está simplesmente recebendo enfoques diferentes que, na concretude do juízo das figuras históricas pode dar resultados completamente diferentes. Uma aproximação concreta da situação do povo de Juazeiro, a ação concreta do Padre Cícero não é o ópio do povo, uma alienação desse povo. É uma resposta a uma situação concreta. Alguns poderiam, evidentemente, desejar uma lucidez fora do tempo do Padre Cícero para, não só sanar as situações dentro das estruturas, mas apontar para a superação das estruturas! Quem sabe se tem algumas interpretações em termos de socialismo, o Caldeirão, por exemplo... não é isso que é importante. O importante é reconhecer as limitações do tempo, da história, mas reconhecer também

que dentro dessas limitações houve uma tentativa ímpar de superação. Dinâmica, política e criativa. E isso não permite, simplesmente fazer do Padre Cícero uma Madre Teresa. Não sou muito conhecedor da Madre Tereza, mas o ícone da Madre Teresa, o papel da Madre Teresa, a imagem dela é a obra de caridade, a assistência, de proximidade, de derramamento de coração e de vida a favor do cotidiano das pessoas. Não da transformação dessas pessoas em participantes ativos da implantação de um sistema produtivo, da transformação de uma região. São duas coisas completamente diferentes, duas etapas, digamos, da opção pelos pobres. As coisas não são simples.

Pergunta – É possível um ícone duradouro? Conceito de nacionalismo.

Pierre – Como tudo, o conceito de nacionalismo é polivalente, dependendo da inserção histórica do momento. Há momentos em que um surto nacionalista, uma reação nacionalista é uma necessidade para o grupo social de uma nação para afirmar a sua identidade, para fazer emergir a história ativa, proclamando o seu direito de participar da história. Há momentos em que é o contrário, em que as coisas tomam o lado da dominação. Qualquer nacionalismo por parte do dominador é esmagador, um nacionalismo negativo e mesmo nos os surtos positivos de nacionalismo, há aspectos de violência, por exemplo, que podem ser evitados, cultivando uma mística do consenso. Portanto, não dá para dizer que o nacionalismo é positivo, o nacionalismo é negativo. Eu me lembro de ter sido consultado por uma editora em Paris, uma grande editora, que tinha recebido o manuscrito de um livro brasileiro, Quarup, de Antonio Callado, um belíssimo manifesto nacionalista, naqueles tempos de 63, 64 que o Brasil estava emergindo na sua consciência. De uma situação neo-colonial, imperialista e se afirmava “nacionalisticamente” para emergir dessa situação. Mas o leitor daquela editora, tinha interpretado o nacionalismo do brasileiro do Antonio Callado à luz do nacionalismo da Espanha franquista e por isso rejeitava totalmente essa forma negativa, perversa, de afirmação de identidade. Tive que mostrar ao editor que havia momentos históricos em que a mesma afirmação de identidade tomava um valor, um sentido diferente. O livro foi editado, numa belíssima tradução, e não teve nenhuma repercussão, nenhum sucesso.

- Se o ícone pode perdurar? Pode... agora, não necessariamente! Se é um ícone da identidade francesa como Joana D’Arc que, depois de séculos, foi apropriado pela extrema direita de Le Pen.... Por isso eu disse que um ícone tem que ser administrado porque ele pode receber sentidos diferentes, mobilizar valores diferentes. Padre Cícero amanhã, se virar um ícone brasileiro, com o reconhecimento pela Igreja, vai ter que ser administrado.

Pergunta – As outras perguntas dizem respeito a Padre Cícero, religião popular, catolicismo, crescimento dos evangélicos, idolatria. Como o senhor vê o fato de que o censo de 2000 registra que na região de influência das romarias de Juazeiro seja aquela onde houve menor trâmite de fiéis católicos para outras denominações religiosas?

Pierre – Respondendo esta última pergunta, penso que é porque já o Padre Cícero é um ícone do Brasil católico! Essa situação descrita é já a constatação da emergência do Padre Cícero no papel de ícone do Brasil católico, onde ele tem influência, onde é ícone práxis, ele arrebanha as consciências e a experiência religiosa em torno da sua identidade católica.

A outra pergunta era sobre a religião popular e a Igreja. Na realidade é sobre a experiência religiosa do povo, que não é ligada ao povo pobre. Foi citado ontem o caso de pessoas da classe média que vêm à romaria de Juazeiro. Mas a relação da Igreja com essa realidade, não é, também, simples. É isso que eu gostaria que ficasse destas minhas palavras. As coisas não são simples, nem dicotômicas. Não dá para opor a religião popular e Igreja. A Igreja ou o administrador ideológico de qualquer grupo nacional, por exemplo o Estado. Pode-se ter várias atitudes diante da Igreja popular.

Uma é se arrojar o papel de racionalizador, de consumidor da verdade e de tentar corrigir. Essa que vocês superaram. Que belissimamente, num certo sentido está sendo superada aqui. A segunda é aceitar, valorizar a religião popular e de uma certa maneira se colocar ao lado dela com todo o peso da instituição de modo que ela possa se conservar, se reificar, de uma certa maneira, se expandir e se reproduzir. É uma maneira de escutar. É uma escuta possível. A terceira, que é um outro tipo de escuta, escutar as dinâmicas que estão habitando, que estão vivas dentro dessa religião popular. Não impressioná-la, nem para se transformar – como no primeiro caso – em uma imagem de mim, instituição, nem para me transformar numa imagem dela, tal qual, estável, estanque, mas abrir espaço diante dela para que em função de seus próprios valores, de sua própria dinâmica, fique na história ela também. Como já se falou aqui, ela não é folclore, é vida, e a vida também se desenvolve. É a vida. E a vida se desenvolverá não necessariamente no sentido que a Igreja, que nós os pastoralistas desejamos. É uma abertura para frente.

MESA-REDONDA

Coordenador: Paulo Fernando Carneiro Andrade
teólogo, PUC-RJ, presidente da SOTER

PADRE CÍCERO E A PERSPECTIVA CONTEMPORÂNEA DO TURISMO RELIGIOSO

Luitgarde Oliveira Cavalcante Barros
doutora em antropologia social, UERJ
luitgarde@alternex.com.br

O tema proposto estimula o debate sobre duas preocupações de análise do social: o significado do turismo no mundo contemporâneo, e o lugar do Padre Cícero no imaginário das populações pobres do Nordeste. O segundo vetor de reflexão significa estudar o Juazeiro como centro de romarias, tema simplisticamente esgotado por décadas, como lugar de manifestação de fanatismo de populações vitimadas pela ignorância.

Contemporaneamente, com os processos de ressignificação dos fenômenos sociais e naturais transformados, agora por força das leis do mercado global em mercadorias, novos elementos se incorporam ao campo do debate. A força da mercadorização avassaladora do mundo, por outro lado, reatualiza a preocupação inicialmente manifestada por Georges Steiner e retomada por Edgar Morin: “Para que? Para quem?”

Nessa fase tenta-se uma fusão entre os significados de lazer e de romaria, constituindo-se uma nova categoria, residualmente teórica e predominantemente comercial, a de turismo religioso.

No modismo do “desenvolvimento sustentável”, o turismo é sempre elencado como um dos fatores essenciais ao alavancamento da economia de regiões potencialmente exploráveis pelas “atratividades calcadas na diversidade natural (matas, rios, praias, montanhas, etc.)”, a exploração da nacional “diversidade cultural (etnias, raças, gastronomia, folclore, musicalidade)”³³ e agora, como elemento a ser transformado em mercadoria rentável de um novo surto econômico, “a religiosidade”.

³³ Cristofoli, Ângelo Ricardo – “Humanismo Latino e Turismo Religioso no Brasil”. <http://brasillatino.pro.br/colunas/ANGELORCristofoli.htm>

Antes de se analisar alguns argumentos dos criadores, defensores e divulgadores dessa nova mercadoria X categoria, apresentada como atualização metodológica de análise de fenômeno religioso, cabe, em outra perspectiva, uma reflexão a respeito dessa dualidade ou par turismo X religioso, considerando as teorias defendidas pelo físico Jorge Zanelli³⁴ sobre as dimensões do universo. Trabalhando as dimensões espaciais e temporais, que abrangem largura, altura, profundidade, passado, presente e futuro, o autor fala de teorias da física que supõem a existência de outras dimensões, que escapam à nossa percepção.

O fenômeno religioso é recorrente em todos os espaços e tempos habitados e vivenciados por seres humanos, sentimento representado por signos encontráveis em todas as épocas pesquisadas por arqueólogos, antropólogos e historiadores, tornando-se mais evidente com o avanço tecnológico, responsável pelo desenvolvimento de novos instrumentos de precisão na pesquisa, datação de objetos, imagens, materiais etc. Logo, ultrapassando os limites delimitatórios das categorias ou dimensões espaço X tempo, o fenômeno religioso, na perspectiva científica, é remetido para outras dimensões que, segundo Zanelli, escapariam à nossa percepção.

O mesmo raciocínio não pode ser aplicado à palavra ou ao fenômeno turismo, historicamente datado, criado no mundo dos negócios, o mesmo que o relaciona com termos como empresariamento, empoderamento, lucro, custo X benefício, expressões que ganham significado maior, catalisando ações cada vez mais ampliadas, principalmente nas políticas governamentais, as chamadas políticas públicas. Na atual fase pós-moderna do capitalismo financeiro – o nominado neoliberalismo, o poder econômico armado decreta a submissão de todo sentimento humano aos ditames de lucro do mercado, esta entidade onipresente, onisciente, com o maior poder letal que o “gênio assassino” produziu contra a sobrevivência de qualquer ser humano ou divino que interfira no “livre mercado”.

Em pesquisas futuras, as representações desses tempos pós-modernos, encontradas nos enlatados exibidos maciçamente nos cinemas e TVs, serão vistas em cenários de terror, dominados por poderosos homens-vampiros, robots, alienígenas e clones imortais, reproduzindo o clima de extermínio instaurado pela competição, livre de qualquer limite ético. Nesse espaço, que mais parece borrões ensangüentados, resta ao homem escapar pelo lazer dos diferentes tipos de turismo – do ecológico ao sexual, leia-se pornográfico e pedófilo, além do cultural. E agora, por uma flexibilização conceitual, engloba-se também o religioso como um fenômeno mercadorizável.

As religiões tanto acenaram com o inferno para os “pecadores”, que o cenário se tornou natural para santos e pecadores escondidos atrás de grades com medo da violência, sempre vinda, no novo ideário, das baixas camadas sociais, totalmente impossibilitadas de desfrutar os bens da civilização, como os diferentes tipos de turismo oferecidos.

Contrastando com esse cenário, no Juazeiro, em busca de seu Padrinho, se deslocam os mais frágeis representantes dessa arena de competição, justamente os chamados “perdedores”, que há mais de um século encontram uma só significação para sua existência nesse “vale de lágrimas”: a peregrinação para A Terra da Mãe de Deus, primeira estação na caminhada perene em busca de uma vida de paz, oferecida nas pregações do Padre Cícero, aos que têm fome e sede de justiça.

A caminhada é longa e luminosa para quem vê no Padre Cícero a esperança de alcançar junto a Deus, “lá no seu trono de glória”, lenitivo para o desespero, força para o sofrimento, e graças para o cotidiano de trabalho e fé.

Embora as empresas de turismo possam “vender” verdes mares, cachoeiras, montanhas, obras de arte e monumentos arquitetônicos, o Juazeiro tem o intangível da fé, intocável pelas

³⁴ Zanelli, Jorge – Centro de Estudos Científicos (Valdivia, Chile). Ph.D – State University New York (buracos negros e teoria quântica)

dimensões tempo X espaço, as únicas comerciáveis, porque afeitas à possibilidade de se transformarem em mercadoria.

Segundo Cristofoli, "O turismo mundial na atualidade se caracteriza por possuir imensa capacidade de adaptação e de segmentação de mercados, que se baseia nas dinâmicas de estruturação de novos produtos e também em novos mercados consumidores; tal situação ocorre também no turismo religioso."

Considero problemática a transformação das romarias do Juazeiro em "produto" de alta rentabilidade, considerados os perfis dos romeiros, que configuram mais as características das peregrinações, seguidas, buscadas e entendidas tradicionalmente, como expressões de sacrifício X redenção, expiação, gratidão por graças recebidas, pedidos desesperados de cura, emprego, casamento, aquisição de bens, testemunho, na volta, diante de seu mundo de referência.

PADRE CÍCERO: TRADIÇÃO E MODERNIDADE

Carlos Alberto Steil

doutor em antropologia, UFRGS

Os estudos sobre o Padre Cícero, na sua grande maioria, reconhecem o evento da "transformação da hóstia em carne e sangue na boca da Beata Maria de Araújo" como central para o desdobramento do que veio a ocorrer até os dias de hoje em Juazeiro. Padre Cícero manteve a crença no milagre até o final de sua vida, contra a posição dos seus superiores, que lhe afligiram uma sucessão de reprimendas e punições por recusar-se a negar a possibilidade do milagre. Mas, esta crença no milagre defendida pelo Padre Cícero, "contra os romanizadores", não pode ser tomada, de forma alguma, como balizadora de uma divisão entre tradição e modernidade. Sabemos, pelas disputas constantes entre razão e fé, que marca a relação da Igreja Católica com a modernidade européia do período das Luzes, que a Igreja Católica entra no debate sobre a modernidade com a afirmação do milagre contra a razão. Contra a pretensão absolutista do conhecimento científico de deter a chave da explicação da natureza e do desvelamento da alma humana, a Igreja Católica evocava o milagre como o inexplicável que desafiava as leis da natureza e apontava para a transcendência divina. As aparições marianas do Século XIX, especialmente a de Lourdes, foram palco de renhidos conflitos entre fé e razão, onde o milagre era constatado "cientificamente" contra a ciência.

Ao defender a possibilidade do milagre, portanto, Padre Cícero não estava se colocando na contra-mão das crenças e valores do catolicismo intransigente clerical do seu tempo. De forma que a sua posição não era de divergência em relação à narrativa católica dominante, a qual incorporava o milagre como um elemento central de seu sistema de crenças. O problema, como tentaremos demonstrar, estava, na verdade, no uso que estava sendo feito do milagre em cada contexto específico. Se na Europa o milagre era afirmado contra o racionalismo, em defesa do catolicismo romano, as autoridades eclesiásticas no Brasil viram no milagre, defendido pelo Padre Cícero, um recurso para a afirmação e legitimação de um *habitus* católico que precisava ser erradicado. Ou seja, o Padre Cícero, aos olhos dos seus superiores, estava afirmando a coisa certa no lugar errado.

Esta reflexão é importante por duas razões. A primeira é de que, diferentemente dos dias de hoje, os milagres eram centrais na pregação do clero, que os acionavam cotidianamente como um recurso importante na afirmação e defesa do catolicismo contra o racionalismo e o protestantismo. Hoje, no entanto, como sabemos, os milagres, especialmente os contemporâneos, são evitados nos sermões ou na catequese, mesmo nos santuários e na pastoral de massas. O processo de desmistificação e secularização

pelo qual passaram o clero católico e os leigos, formados no espírito do Vaticano II, acabou banindo o milagre do horizonte da pregação e da catequese. E, mais, poderíamos dizer que, ao voltar, no contexto atual de crise do discurso científico, o milagre tende a ser visto pelos católicos secularizados como próprio do catolicismo carismático, influenciado pelo protestantismo de corte pentecostal. Em suma, se hoje a crença e incorporação do milagre no *habitus* católico demarca uma fronteira entre setores secularizados e romeiros populares, ou ainda, entre esses mesmos setores e o movimento carismático, no decorrer da segunda metade do Século XIX e a primeira do Século XX a crença no milagre era comum ao clero romanizado e não-romanizado, assim como ao conjunto dos fiéis.

A segunda razão refere-se à diferença de contextos narrativos em que se situam os milagres quando enunciados pelo clero ou leigos que partilham de uma visão de mundo das camadas médias alfabetizadas e quando narrados pelos romeiros em seus inúmeros causos ou na literatura de cordel que circulam em torno dos santos e santuários populares. Ou seja, enquanto no primeiro contexto o milagre remete necessariamente ao fato, o qual deve ser provado empiricamente e apresentado na forma de uma narrativa científica; no segundo, o milagre remete não ao fato, mas ao mito, geralmente bíblico, o qual ganha veracidade por meio da diversidade de suas versões, apresentadas de forma ficcional.

Nesse sentido, se a comprovação do “fato” ou do “embuste”, no caso do milagre de Juazeiro, era fundamental para o catolicismo romanizado, que incluía o próprio Padre Cícero, para os romeiros, a prova fazia pouco sentido, uma vez que seu ponto de apoio para a crença não estava na comprovação empírica do fato, mas na multiplicidade de versões do mito. E, se as versões podem ser múltiplas é justamente porque aquilo que o mito transmite é inquestionável, porque está na Bíblia e é confirmado pela pregação da própria hierarquia: Cristo se faz carne e sangue em cada consagração eucarística.

Nesse descaixe reside uma das principais incompreensões que se expressa muitas vezes na forma de preconceito e estigmatização das classes populares no âmbito das elites letradas do nosso país. Pela nossa formação letrada, forjada nos bancos de escola, tendemos a compreender as crenças nos milagres dentro dos parâmetros racionais das ciências modernas, como fatos a serem comprovados, e não simplesmente como uma narrativa ficcional que permite a seus enunciadores entrar em contato com valores e significados que constituem sua experiência no mundo. Narrados e re-narrados, os relatos dos milagres são como que operadores da cultura que permitem aos romeiros entrar em contato com a sua própria subjetividade. De modo que, na medida em que participa de um ritual, na condição de peregrino ou de beneficiário de um milagre, o romeiro realiza uma experiência íntima com a subjetividade que o constitui como pessoa humana.

Tomando o milagre como um evento – no sentido que Marshall Sahlins atribui a essa categoria, procuramos chamar a atenção para as mudanças que vão ocorrendo nos seus significados e usos ao longo desse século de permanência em que o milagre jamais deixou de ser uma questão central que não apenas demarca a trajetória religiosa e política do Padre Cícero, mas também define os contornos da romaria e as alianças e conflitos, mesmo quando esses se dão de forma tácita.

Mantendo a glosa ao pensamento do autor de *Ilhas de História*, poderíamos dizer que nosso intento foi o de mostrar que o “milagre de Juazeiro” e seus desdobramentos, levados à frente pela atuação dos diversos atores que estiveram em cena ao longo desse longo período da sua história, deram origem a uma conjuntura religiosa e política onde as estruturas que permeiam a cultura brasileira puderam não apenas se expressar, mas também colocar em risco os sentidos e valores que as constituem, re-inventando a tradição e incorporando o moderno de forma criativa e diferenciada. Para usar uma expressão emprestada dos estudos pós-coloniais, a romaria apresenta-se como um entre-lugar, onde as estruturas simbólicas existentes são postas em risco pela prática dos agentes religiosos e políticos nas diferentes conjunturas históricas que se sucedem ao longo desse longo período que manteve viva a memória do seu principal protagonista.

Associada à uma perspectiva histórica, inspirada em Sahlins, também buscamos compreender o evento do milagre e da romaria desde o referencial da performance, o qual nos permite perceber a atuação do Padre Cícero e dos romeiros não como uma forma de dissidência, mas sim como uma busca insistente pelo seu reconhecimento e inscrição na identidade católica. Ou seja, assim como Padre Cícero, os romeiros atuais, mesmo quando empurrados para a margem, não reivindicam uma autonomia em relação à instituição, mas, desde aí, buscam garantir seu reconhecimento e sua pertença institucional. Reiteram, assim, nesse contexto específico, aquela mesma tendência que Pierre Sanchis identifica como sendo uma dos sinais diacríticos da identidade católica: a quase indissociabilidade entre o catolicismo, enquanto movimento e tradição, e a Igreja Católica, enquanto instituição. É justamente essa tendência, queremos crer, que fez com que Padre Cícero permanecesse no seio da Igreja Católica até sua morte e que faz com que seus romeiros, teimosamente, nunca deixassem de peregrinar em grande multidão para o Juazeiro, mesmo quando a Igreja Católica se nega a reconhecer a santidade do seu padroeiro ou a legitimidade de seus mitos e rituais.

Referências Bibliográficas

SAHLINS, Marshall. *Ilhas de história*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1990.

SANCHIS, Pierre. Uma identidade católica? Comunicações do ISER, n. 22, nov. 19986, p. 5-16.

PATRIMÔNIO CULTURAL E TURISMO EM JUAZEIRO DO NORTE

Olga Paiva

IPHAN

olga.SR4@iphan.com.br

"A comunidade é a melhor guardiã de seu patrimônio."

ALOÍSIO MAGALHÃES

As considerações aqui apresentadas não constituem trabalho de cunho acadêmico, sendo antes resultado de ações realizadas na Região do Cariri pela 4ª Superintendência Regional do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Iphan, em razão do convênio celebrado entre este Instituto e a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil-CNBB, através da Pastoral da Cultura, bem como do Termo de Cooperação Técnica e Científica firmado entre a Universidade Regional do Cariri – URCA e o Iphan / 4ª SR.

A formação da cidade de Juazeiro do Norte está indissociada da figura do Padre Cícero Romão Batista. Tímida localidade formada por duas ruas, a esboçar seu futuro traçado urbano, com uma população, então, constituída por duas mil pessoas; uma modesta capela dedicada a Nossa Senhora das Dores destacava-se como marco referencial no espaço territorial do lugarejo. Trabalhadores descendentes de escravos, brancos e mestiços formavam uma camada de trabalhadores pobres, núcleo inicial de sua população. O jovem sacerdote que ali chegara em 18 de abril de 1872 iria impulsionar a localidade, atraindo considerável massa de migrantes, procedentes de vários estados do Nordeste. Sua presença, desencadearia grande mudança na região, que floresceria como centro agrícola, artesanal e comercial do sertão nordestino (Della Cava, 1976).

Sob a égide do Padrinho, a cidade transformou-se num espaço de confluência de culturas, em cuja raiz pode-se encontrar uma máxima de vida da ordem beneditina: "Ora e trabalha", tão cara ao Pe. Cícero, que a difundiu junto aos romeiros através de seu conselho "Em cada casa um altar, em cada casa uma oficina.". Nela se formaria uma pluralidade cultural caleidoscópica, onde espaços, celebrações, ofícios, formas de expressão se destacam com suas ricas e variadas linguagens. Como se uma aura de encantamento movesse a cidade na formação de seu patrimônio cultural. Como a visão do Juazeiro em meio à secura do sertão. - "Essa cidade é uma árvore ?", pergunta o Prof. Gilmar de Carvalho em seu livro "Madeira Matriz". Do ponto de vista patrimonial, certamente, gerando um alegre e constante processo de criação, de reinvenção do existir. Um chakra do Nordeste. Com suas virtudes terapêuticas, uma fonte de renovação da vida. Celeiro de tradições que assegura a força expressiva do patrimônio cultural do país. Formador desse imenso legado, Pe. Cícero tornou-se patrimônio afetivo não só da cidade e dos romeiros, cuja conduta parece permanecer ainda hoje pautada, em grande parte, pelo patrimônio ético que lhes legou, mas também de grande parcela da população brasileira.

Imensa oficina abençoada pela Mãe das Dores, Juazeiro vem se tornando objeto de interesse enquanto destino turístico no Estado. Autoridades governamentais e grupos empresariais do ramo que, até agora, vêm investindo no litoral e dispensando atenção especial ao chamado turismo de praia, praticado em Jericoacoara, Canoa Quebrada e Fortaleza, pretendem incluir a cidade-santuário no roteiro turístico do Ceará. Saturadas aquelas áreas, busca-se a Região do Cariri, com a intenção de ali se praticar uma nova modalidade, o chamado turismo religioso. A cidade é considerada como o segundo maior centro religioso de devoção católica do Brasil. Ao longo do ano, quatro grandes romarias ali acontecem, formando uma seqüência de quatro grandes festas religiosas. Estima-se que, a cada romaria, uma média de 750.000 romeiros visita Juazeiro que, por um breve período, incorpora essa população flutuante aos seus 211.858 habitantes. Sabe-se também que, tradicionalmente, um expressivo número de romeiros se fixa na sua periferia. Terceiro município cearense em população, ultrapassado por Fortaleza e Caucaia, Juazeiro concentra a maior população da Região do Cariri, que totaliza 916.330 habitantes.

O Plano de Atividade Turística de Juazeiro do Norte considera a religiosidade e o turismo religioso como um dos fatores de desenvolvimento do município como pólo regional, desempenhando importante papel na geração de emprego e renda e no desenvolvimento da cultura do município. Juazeiro é considerada, pelo PAT, como "uma das principais cidades vocacionadas para o turismo religioso no Brasil". Como fatores para o desenvolvimento do turismo, a cidade apresenta "uma estrutura urbana consolidada, com uma ampla rede de equipamentos e serviços, boa oferta de infraestrutura, habitação, espaços públicos, equipamentos de educação (escolas técnicas e de nível superior)". Informa, ainda, que a cidade atrai anualmente um milhão de romeiros e concentra importantes monumentos religiosos. Para o PAT, portanto, a religiosidade é considerada como um dos atrativos turísticos do Estado. Ou seja, considera-se a cultura como portadora de valor de mercado e, por consequência, inclui-se a religiosidade na cadeia produtiva do Estado. Juazeiro do Norte apresenta-se, potencialmente, como um rico e promissor pólo turístico do Ceará. No entanto, não há, por parte das instâncias de poder municipal e estadual, nenhum programa, ou projeto, voltado especialmente para atender aos romeiros. Estes, são definidos pelo PAT como turistas de romarias. "Em Juazeiro, a maioria dos turistas são romeiros, com menor grau de escolaridade. A Juazeiro, seria interessante tentar integrar em seus roteiros o turista do Cariri, que traz mais divisas para o município..." Segundo a lógica empresarial do PAT, Padre Cícero "é uma atração singular de Juazeiro do Norte. A canonização de Pe. Cícero pela Igreja Católica ampliaria ainda mais o mercado do turismo religioso de Juazeiro do Norte". Com exceção do trabalho realizado por religiosas, como parte das atividades

desenvolvidas pela paróquia de Nossa Senhora das Dores durante as romarias, além do recente e, por isso mesmo, ainda tímido atendimento promovido pela Universidade Regional do Cariri, não há sequer um receptivo oficial voltado para os romeiros.

O planejamento turístico para uma cidade-santuário como Juazeiro do Norte representa também um desafio do ponto de vista urbanístico. A apropriação do espaço urbano pelos romeiros durante os períodos de romaria é, certamente, um dos fatos que mais chamam a atenção em Juazeiro. À vontade na cidade que é sua, pois que é também do Padrinho, o romeiro faz prevalecer sua lógica, suas normas de uso e ocupação da cidade por poucos dias. O mercado informal espalha-se pelo sítio histórico, com vazios urbanos quase inexistentes, ladrilhado por muitas tendas, ponto de convergência de trajetórias nordestinas: Alagoas, Pernambuco, Piauí, Bahia... a garantir uma renda complementar, ou a sobrevivência, com o expressivo e colorido comércio do artesanato, das "lembranças", existente em festas e lugares de peregrinações desde a Antiguidade (Saulnier, 2002). Produção artesanal doméstica a esperar reconhecimento e apoio oficial como micro-empresas da região.

Os romeiros manifestam profundo respeito pelo patrimônio edificado. Em Juazeiro, a inversão da lógica cotidiana pelo poder da fé evidencia-se com a transformação de espaços públicos em espaços sagrados, com os quais os romeiros se identificam, se reconhecem. O percurso mais utilizado parece ser o que vai da Igreja do Socorro, passando para a Matriz de Nossa Senhora das Dores e levando ao Horto. Dos mais evidentes é o Largo do Socorro. Formado por ampla praça que tem, no centro, um cruzeiro e uma estátua do Pe. Cícero, ali entronizada na década de trinta, juntamente com um cofre para receber doações destinadas ao Asilo dos Velhos, situado na rua São José, um dos poucos prédios que datam da época do Padrinho. Nele está situada a Igreja de Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, construída pelo Pe. Cícero, em 1908, expressivo exemplar da arquitetura singela e popular, dita vernacular, cuja volumetria está em harmonia com o espaço circundante. Integra o conjunto a Casa dos Milagres, cujo acervo é sempre renovado. O local constitui, juntamente com o Santuário de Nossa Senhora das Dores e o Horto, onde se destaca o Santo Sepulcro, o eixo mais forte de visitação dos romeiros. Recentemente, a harmonia do conjunto foi quebrada pela construção de uma torre alusiva aos setenta anos da passagem do Pe. Cícero. A introdução de um novo elemento no Largo vem suscitando inúmeras questões sobre o local escolhido para sua implantação. Indaga-se também sobre seu valor estético e arquitetônico. O local escolhido para sua implantação imprimiu-lhe um caráter "hesitante" - distancia-se da Igreja do Socorro e do pequeno cemitério por apenas seis passos - o que não a impediu de silenciar todo o conjunto. Com efeito, a grandiloquência da torre emudece o Largo, silencia a Igreja, que já não pode oferecer ao visitante a fruição da beleza singela de sua fachada. Sem contar com alterações realizadas em seu interior que levam à descaracterização. Cabe, então, perguntar: para os romeiros, o que é, de fato, mais importante: a igreja em que o Padrinho foi sepultado ou uma torre alusiva aos 70 anos de sua passagem? A partir de quais critérios, a Igreja e o poder público realizam interferências em seu patrimônio edificado?

A fé, em Juazeiro, tem a natureza como cenário. Do alto da colina do Horto, Pe. Cícero abençoa o vale, velando pela população. Para os romeiros, a estátua é uma referência no espaço territorial da cidade e o final de muitas léguas tiranas. Uma esperança no coração. O patrimônio paisagístico de Juazeiro deve ser valorizado e protegido, em continuidade aos ensinamentos do Padrinho, um ambientalista em avanço sobre o seu tempo ao ensinar o respeito pela natureza através de seus preceitos ecológicos. Um projeto paisagístico para o rio Salgadinho tornaria a área um local de lazer, convivalidade e descanso para os romeiros em seu trajeto da Matriz em direção ao Horto.

Do ponto de vista turístico, que tipo de projeto torna-se viável numa cidade-santuário que possui como legado do Pe. Cícero um incontestável celeiro de manifestações culturais que constituem patrimônio cultural imaterial do país? Seria Juazeiro realmente um atrativo turístico preconizado

pelas políticas governamentais? Seriam as romarias o atrativo maior a ser vendido pelas operadoras como “pacote” sob o atraente invólucro do “Grande Espetáculo da Fé”? Passariam os romeiros para a categoria turistas ou permaneceriam à margem dos programas e das políticas destinados à região, tal como se encontram até agora? Delicada questão a exigir especial atenção considerando-se que o Plano pretende atrair os mercados nacional e internacional como mercados potenciais, “tendo em vista que o turismo religioso atrai pessoas não só relacionadas à devoção ou pagamento de promessas, mas pela curiosidade, diversão, interesse científico, histórico e cultural.” A questão nos leva ao Renascimento, quando a imagem do “Bom Selvagem” povoava o imaginário europeu, ávido por relatos dos antigos viajantes que viam nas populações do Novo Mundo a encarnação do paraíso terrestre e de seus habitantes em eras fabulosas que precederam à História. Puros, ainda não corrompidos pela civilização. Os “bons selvagens” ilustrariam a beleza, a pureza e a felicidade da vida selvagem. Considerados como seres sem história, situados num além da civilização, perfeitos exemplares da Idade do Ouro, apesar das práticas antropofágicas inegáveis. Ecos desse pensamento continuam a povoar o imaginário de nossos dirigentes e técnicos responsáveis pelas políticas de turismo, que parecem atingidos pela Síndrome de Iracema, pois se voltam sempre para atender prioritariamente as necessidades do estrangeiro, o Guerreiro Branco, leia-se o turista estrangeiro ou das regiões Sul e Sudeste, a quem tudo é permitido, por ser o portador do Selo de Garantia da Moderna Sociedade de Consumo. Abstrai-se a população nativa e divulga-se um Ceará virtual.

A construção de equipamentos para suprir necessidades de infra-estrutura deverá garantir, prioritariamente, a qualidade de vida da população local em seu cotidiano, merecedora de usufruir desses equipamentos tanto quanto os visitantes. Mas uma estranha miopia parece gerar, nas elites, um comportamento avesso às tradições, o que as impede de ver na pluralidade cultural de Juazeiro um imenso legado do Pe. Cícero, uma fonte de riqueza para a cidade e para o Estado, uma herança feita de tradições formadoras do patrimônio cultural brasileiro, insistindo em considerá-la apenas como expressão de uma cultura de pobreza. Desconhecem as especificidades de uma realidade densa e complexa, moldada no terreno do imponderável, no qual se situa a romaria, “uma experiência de fé”, como tão bem expressa Mons. Murilo de Sá Barreto, vigário do Santuário de Nossa Senhora das Dores.

Informações verbais obtidas junto à Secretaria Estadual de Turismo indicam que nunca houve projetos voltados para atender as necessidades dos romeiros. “Os poucos recursos são destinados a outras regiões, que são prioritárias.” Contudo, para Juazeiro está prevista a realização de uma pesquisa para aprofundar o conhecimento sobre a questão, bem como projetos de sinalização turística e de implantação de pórtico de entrada na Região do Cariri.

Diz-se, com frequência, que o romeiro, oriundo das camadas populares, não gera renda para o Estado, o que justificaria a ausência de investimentos nesse segmento. Segundo a Secretaria Estadual de Turismo, o PIB da Região do Cariri corresponde a R\$ 1. 272.036,00, sendo o do Estado da ordem de R\$ 18.825.170,00. A participação da Região do Cariri corresponde a 6,8% sobre o PIB do Estado. “Provavelmente, inclui a renda obtida nas romarias de Juazeiro do Norte”. O PIB de Juazeiro do Norte representa 1,8% sobre o PIB do Estado, seja R\$ 346.286,00. Sobre a Região do Cariri, representa 27,2%. Uma pesquisa de opinião realizada pela empresa Célula – Produções, Projetos e Pesquisas, com apoio da Universidade Vale do Cariri – URCA, oferece uma quadro por demais significativo dessa questão. Ela integra o “Projeto Romeiro mostre sua cara”, que objetiva acompanhar, através de pesquisas, as romarias de Candeias, aniversário da Passagem do Pe. Cícero, Nossa Senhora das Dores e Finados. O estudo em tela refere-se à Romaria de Finados de 2003, quando foram entrevistadas 400 pessoas, tomando como base toda a população flutuante no município de Juazeiro do Norte, durante a referida festa. A pesquisa considerou como “romeiros” pessoas que ali aportam “movidas exclusivamente pela fé” (47,0%) e incluiu na categoria “turistas religiosos” aqueles que aproveitam

a oportunidade para visitar a cidade (46,2%). A análise da importância econômica da romaria para o município considerou os dados registrados pela secretaria do Santuário de Nossa Senhora das Dores que, segundo o vigário, representa apenas 20% do total de presentes à romaria:

- romeiros registrados na secretaria da paróquia de Na. Sra. das Dores: 40.222
- percentual de romeiros que visitam a Secretaria: 20%
- total de romeiros presentes à romaria: 201.110 (estimativa)
- tempo médio de permanência em Juazeiro: 3,623 dias

Gasto por pessoa:

- gasto médio diário (R\$): 6,721
- gasto total (R\$): 4.897.065,20

Alimentação:

- gasto médio diário (R\$): 9,324
- gasto total (R\$): 6.793.667,00

Locomoção:

- gasto médio diário (R\$): 0,992
- gasto total (R\$): 722.792,50

Compras no comércio:

- gasto médio (R\$): 34,818
- gasto total (R\$): 7.002.247,90

Movimento Total (R\$): 19.415.771,00

Considerando-se que essa renda multiplica-se por quatro romarias, aproximadamente, indaga-se de que forma ela vem se convertendo em equipamentos de infra-estrutura para melhorar a qualidade de vida da população e acolher corretamente os romeiros, que sugerem, ainda, “melhorar o policiamento, construir hospedaria pública, organizar o trânsito no centro, melhorar os ranchos, melhorar a limpeza pública, recuperar as estradas...” Problemas atuais já comportando soluções na Antiguidade: em Jerusalém, durante as grandes festas, como a Páscoa, quando a cidade de, aproximadamente, 50.000 habitantes recebia um fluxo de 180.000 peregrinos, contava-se com um serviço de limpeza urbana nas vizinhanças do Templo, espaço sagrado que exigia a purificação para seu uso (Saulnier, 2002; Echegaray, 1993).

Conceber uma política de turismo para Juazeiro do Norte implica um trabalho de planejamento e cooperação entre instituições de ensino e pesquisa, órgãos públicos responsáveis pela preservação do patrimônio cultural, notadamente com a Igreja, única instituição a prestar efetiva assistência aos romeiros, posto que o que está em jogo é a viabilidade de implantação de um modelo de desenvolvimento numa escala humana nesse Juazeiro sagrado que oferece ao visitante a possibilidade de abrigar-se numa “Árvore do Mundo”, reveladora de uma dimensão transcendental, a um só tempo individual e de totalidade, que é, no dizer de Mircea Eliade, o ato espiritual.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Gilmar de – Madeira Matriz: cultura e memória – São Paulo, Annablume, 1998, 284 p.
- CHÂTELET, François – Uma história da razão: entrevistas com Émile Noël / François Châtelet; prefácio, Jean -Toussaint Desanti; tradução, Lucy Magalhães; revisão, Carlos Nelson Coutinho – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994, 159 p.
- DELLA CAVA, Ralph – Milagre em Joazeiro; tradução Maria Yedda Linhares. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1976, 329 p. ilust. (Estudos Brasileiros, v. 13).

- ECHEGARAY, Joaquín González – O crescente fértil e a Bíblia – Tradução de Jaime Clasen – Petrópolis, RJ: Vozes, 1993, 278 pp.
- ELIADE, Mircea – Mythes, rêves et mystères, Editions Gallimard, 1957, 279 pp.
- SAULNIER, Christiane – A Palestina no tempo de Jesus / Christiane Saulnier e Bernard Rolland; (tradução de José Raimundo Vidigal; revisão de José Joaquim Sobral). – São Paulo: Paulus, 1983. (Cadernos Bíblicos;27).
- Projeto Romeiro Mostre Sua Cara – Pesquisa de Opinião Pública – Romaria de Finados – novembro 2003 / CÉLULA – Produções, Projetos e Pesquisas.
- Plano de Ação Turística de Juazeiro do Norte – R. FURLANI – planos e projetos, Secretaria de Turismo do Estado do Ceará, Prefeitura Municipal de Juazeiro do Norte.

POLÍTICA NACIONAL DO TURISMO E O ELEMENTO RELIGIOSO

Anie Ribeiro

representante do Ministério do Turismo

Bom dia! Quero cumprimentar essa mesa, os brilhantes palestrantes, que aqui tive a oportunidade de assistir e muito aprender, trazer a saudação do Ministro do Turismo, dizer da alegria que eu, como cearense, tenho de estar aqui nesta reunião com vocês todos, fazendo esta reflexão profunda sobre o papel, a importância, a oportunidade a toda uma dimensão quase imensurável do que vem a ser o ícone Padre Cícero, para nós do Juazeiro, do Nordeste do Brasil e do mundo. Cumprimentar os palestrantes e destacar a palestra da Dr. Luitgarde Oliveira, Dr. Carlos Alberto Steil e da Prof. Olga Paiva. É muito rico quando nós estamos na área do turismo e talvez ninguém saiba que o país é um iniciante nesta atividade econômica que o turismo não está no Estado brasileiro, o turismo está dentro de Comércio e Serviço, não tem uma função como atividade que representa. Ele, tanto do ponto de vista do Estado como da economia, tomado emprestado das várias atividades em todos os setores, o conhecimento para estabelecer as suas formulações. Eu tenho 10 minutos para falar, metade do tempo dos palestrantes da mesa, por isso, vou me ater ao máximo àquilo que posso trazer como mensagem da atual política do Ministério do Turismo. O Brasil, durante 40 anos, não constituiu uma Instituição, uma institucionalidade específica para tratar esta atividade que é hoje, a maior atividade promotora e impulsionadora de regiões nos vários continentes e que no país representa a primeira produtiva, já a internalização de recursos depois de grãos e minérios de ferro, na dimensão continental que somos, na diversidade de culturas e saberes que temos, nas especificidades da geografia e dos ambientes sociais e culturais que nos identificam e que nos dão identidade, cara brasileira. Se não soubermos usar esta oportunidade a favor do desenvolvimento sócio-cultural do país, no mínimo não estaremos aplicando toda essa riqueza de saber e conhecimento em prol de nós próprios e de nossos irmãos brasileiros. O Turismo é importante, porque, vejam este evento que tem 600 participantes. Os senhores estão ocupando hotéis, estão se alimentando em restaurantes, estão comprando produtos produzidos e ensinados pelo nosso grande líder que criou uma mentalidade nesse povo, a crença e a sabedoria que a dignidade do homem passa pelo trabalho. Por uma atividade de trabalho. E hoje, essas inúmeras empresas que estão instaladas em cada casa aqui em Juazeiro, foi e constitui um resultado de todo esse passado e de toda essa história.

Esse evento trouxe um conjunto de empresas e organizações como uma atividade móvel, e atraiu vocês todos por causa da discussão científica. Todas as estradas, todos os assentos de aviões, todos os quartos de hotéis que são todos bens perecíveis, que se passarem dias não se recuperam. Tudo isso cria na região um impacto que é o motivo de viagem criada por um evento. Daí, a exemplo, a grande importância que tem o Turismo para esse País. E eu falei do segmento só de evento. Se eu falar de negócios, se eu falar no segmento de eco-turismo, de cultura, da pluralidade, eu falaria de inúmeras possibilidades. O tema do evento para nós, para o mundo, para o Brasil, para a região nordeste e para o Turismo é da maior importância. Trazer, durante todos esses dias a discussão, as reflexões, a troca de informações, o saber, o enriquecimento, isso faz parte de um processo que o Turismo desenvolve que é a organização de congressos e eventos que educa e capacita, que qualifica através de uma atividade apenas.

E aí nós estamos tocando aqui na vertente da educação, da capacitação, da formação profissional que é o âmago de um dos realizadores, apoiadores e patrocinadores que é a Universidade Regional do Cariri. E aí eu pergunto de que forma o Turismo religioso se insere na nova política pública do Turismo do Governo Federal. É muito importante que vocês todos que estão presentes saibam, porque todos são formadores de opinião, e é fundamental para esse modelo, essa política, que essa política só faz se fizermos juntos, ela só faz se fizermos com vocês. Portanto, essa pergunta, de que forma o turismo religioso pode ser desenvolvido no Cariri, quem vai dizer, são vocês. Como vão ser os produtos turísticos, como vai se dar a organização da super estrutura, da institucionalidade, das associações, das individualidades, é uma resposta que deve estar sendo desenvolvida pelos diversos grupos nas diversas áreas, pelas diversas lideranças aqui na região no Cariri. O papel das organizações públicas, privadas e do terceiro setor é fundamental. O papel da comunidade da região do Cariri, dos municípios diretamente envolvidos e de Juazeiro na formulação desse turismo religioso, como o motivo de visita... O Turismo, a religiosidade é o motivo da visita. Quem vocês querem que venham visitar, é a estratégia da ação que vocês definirem do ponto de vista turístico que vai trazer. Que provoca fluxos, que demandam serviços, que comprem a produção, que trazem recursos novos para a região que a região precisa para reinvestir na saúde, na educação, na formação e na qualificação profissional.

O modelo então é esse que eu falei. É fazer com as comunidades. A atividade turística só é assim considerada, se a área, o local, a região, possui recursos resultantes da ação do homem, suscetíveis de atrair pessoas não residentes, isto é, turista, e aí eu estou falando deste local que é Juazeiro, e o homem é Padre Cícero, que é o mito. De onde atrair, quem trazer, como chamar? Qual produto turístico deve se desenvolver na região? É dos saberes locais, regionais, das organizações, das entidades, sem perder de vista a oportunidade que a região participe e seja o carro chefe de um desenvolvimento de um Brasil do século XXI que passa pela atividade do turismo alavancando cultura, natureza, ruralidade e religiosidade para gerar mudanças sócio-econômicas, culturais nas regiões e nas suas populações. Os recursos turísticos individualizados, são mais de 200. Desde aeroportos, os hotéis, os artigos típicos, a arte popular, a música, a gastronomia, as romarias, os locais de peregrinações, e tantos outros. O Turismo é, no século XXI a atividade mais dinamizadora do desenvolvimento e mais democrática porque promove o micro negócio, aquele que está aqui no Juazeiro, o pequeno, o médio e o grande negócio. Como foram e como são os tantos ofícios e artes hoje transformados em produtos e empresas, porém ensinados pelo ícone Padre Cícero.

Dos 21 principais destinos turísticos do mundo, por onde viajaram 720 milhões de turistas em 2003, 14 estão na Europa. E por ordem, primeiro a França, segundo a Espanha e terceiro a Itália e por coincidência, onde ficam os maiores centros de peregrinação do mundo: Roma, Santiago, Lourdes, além de Jerusalém e Fátima. O Turismo hoje, representa, assim, a maior oportunidade, a maior possibilidade, a maior oportunidade para desenvolvermos um Brasil mais justo, mais social e mais humano.

DEBATE

Pergunta – As perguntas para a Prof. Luitgarde giraram em torno do turismo religioso.

Luitgarde – Eu fico absolutamente comovida mas muito confusa em ter cinco minutos para responder todas estas perguntas. Tem muita pergunta sobre o que eu acho da revitalização do Horto. Já foi complicado quando eu apresentei o meu relatório onde eu desmanchei, ponto por ponto, o projeto de revitalização. Você só fala de revitalização de regiões mortas e o Juazeiro é o lugar mais vivo que eu conheço. Se fala em revitalização, no momento em que se acaba com o resto de caatinga do Ceará.. Acaba o resto de caatinga do Horto e eu sempre chamei aquela idéia de fazer um hotel panorâmico uma falsa plataforma para alguma nave espacial chegar no Juazeiro. Quem vem a pé precisa de muita sombra e agora eu vi as cadeiras expostas, aquele sol a pino, se o povo olhar para o Juazeiro, vai cegar de tanta luz. Não tem mais árvore. Para mim é um desastre. O Juazeiro precisa de reflorestamento. Uma vez eu tive uma briga imensa aqui porque estavam reflorestando com eucalipto que se usa para acabar com alagados. Querem plantar um deserto na terra do Padre Cícero. Coisa absurda e eu tenho pedido há 32 anos que nesse projeto do Juazeiro – porque o Juazeiro é o civilizador do sertão – isso que os beatos queriam, isso que Ibiapina quis – foi civilizar este sertão dentro das premissas evangélicas. Eu me criei sabendo que a natureza Deus amou. Juazeiro pode reflorestar todo o nordeste brasileiro. Eu vivo pedindo, há 32 anos, que as autoridades daqui, agora à Igreja também eu já posso pedir porque ela está enfurnada na história do romeiro, que peçam à Secretaria de Agricultura do Estado que cultivem mudas, milhares de mudas de juazeiro e quando chegarem aqui os romeiros, que eles ganhem essas mudas como marco do Padre Cícero, para que se faça um trabalho ecológico de reflorestar esta região nordestina. O nordeste tem no Juazeiro o seu lugar de fé, o seu lugar civilizador. Os ranchos todos no Juazeiro agora tem banho e eu estou achando incrível que agora você segue a romaria e você não tem mais o efeito da falta d'água: o romeiro sujo e malcheiroso. Agora todos os romeiros estão tomando banho, sinal que melhorou a circunstância da água. Agora o mais importante é reflorestar o nordeste inteiro com fruteira e o juazeiro representa o Padre Cícero; representa, naquele momento de seca, a árvore que não tem medo de seca. A árvore que fica verde dando comida, dando até a raiz, fruta, sombra para o desesperado sertanejo. Poderia ser um projeto junto com a diocese, com a faculdade... tem tanto deputado federal aqui... que o governo faça milhões de mudas de juazeiro e seja obrigação de cada romeiro, quando volta ao seu local, cultivar o seu juazeiro com muito carinho para que o nordeste não se acabe como um deserto. E a gente sabe que deserto – isso eu aprendi com Wagner Rocha, meu amigo, a maior inteligência que eu já conheci, antropólogo de Niterói – deserto significa aquilo onde não há esperança de se chegar a nada e sertão é o lugar onde chegaremos. Então, que volte a ser sertão. O nordeste se orgulha de ser sertão, e não de ser deserto. O Padre Cícero pode reflorestar o nordeste se as autoridades assim o quiserem. Por último, eu estava ouvindo a excelente palestra do Carlos sobre se era necessário a confirmação do milagre para aqui e eu estava rabiscando aqui: a confirmação do milagre é o relato do milagre vivido por cada romeiro que vem ao Juazeiro pagar promessa e que atrai, sem nenhuma estratégia comercial ou turística, pelos relatos boca-a-boca, outros romeiros que vem aqui pedir, esperar, merecer também outro milagre. Cada um vive e festeja o Juazeiro como o lugar do milagre alcançado. Não precisa o milagre da beata. Sobre este, por ordem do Padre Cícero o povo parou de falar. Mas o Padre Cícero nunca impediu que cada um contasse o milagre que vivencia na terra da Mãe de Deus. E essa é a maior atração. Quando Ibiapina chegou em Barbalha em 1862, havia 6.000 pessoas esperando por ele para fazer a Casa de Caridade da Barbalha. Então, este mundo da religião – Deus não mandou pregar às pedras? – O povo não precisa de nenhuma estratégia para chamar um ao outro. É só contar

o que é Juazeiro na sua expectativa de milagre. Não se precisa, como no turismo, criar estratégias de convencimento, falsas ou reais, para atrair pessoas desejosas de se livrar, pelo lazer, de todos os desesperos, ansiedades, monotonias, stress pelo lazer vendido a preço de mercado. Porém, só terá direito a esse desafio terapêutico, fornecido pelo lazer turístico, quem tiver dinheiro para pagar, à vista ou à prazo, o preço de mercado.

Outra questão: Destruição do patrimônio arquitetônico e histórico. O turismo no Juazeiro tem um problema sério. De quando eu comecei a vir para Juazeiro até agora, todos os marcos arquitetônicos foram derrubados. Ontem eu ouvi D. Assunção dizer que o Padre Cícero teve uma casa na rua do Dr. Floro. Que casa é essa? Quem marcou? Ainda existe? Eu conheci os velhos sobrados aqui na praça. Cadê? Cadê a casa onde Padre Cícero teve o sonho? Cadê a casa onde ele guardou os panos ensangüentados de 1910 a 1934? Cadê o altar que ele construiu para colocar esses panos? O turismo vai mostrar o que? Derrubaram primeiro...

A coisa que mais me choca é que, no mundo do mercado (tem um livro interessante cujo autor que é assessor do Bush, diz que tem que acabar o Estado-nação para substituir pelo Estado-mercado). No Estado mercado, não pode haver diferença entre um templo religioso e um templo de consumo porque a religião é um dos produtos consumidos e quando a ilustre representante do Ministério do Turismo falou do turismo como prestação de serviço aí meu cabelo ficou em pé porque na rodada do Uruguai, nas pretensões da Alca, o governo brasileiro aceitou, como serviço, saúde, educação e cultura. E se isto passa na Alca como serviço, é uma mercadoria que escapa ao controle do Estado-nação. Ela passa a ser legível pela Organização Mundial do Comércio e eu não imagino que um problema que venha a ocorrer no Juazeiro, na medida em que a religião do Padre Cícero é mais um serviço turístico prestado pela Organização Mundial do Comércio tenha ingerências lá da Bélgica ou de Nova Iorque para dizer o que fazer com a religião como mercadoria. Qual é o preço? É o preço das empresas internacionais ou é o preço que o romeiro pode pagar a nenhuma empresa?

Pergunta – Perguntas relativas ao milagre e ao Padre Cícero histórico e contemporâneo.

Carlos – A primeira pergunta é qual é a diferença entre turismo e peregrinação. Há um trabalho publicado pela Papyrus chamado "Turismo Religioso", onde eu tenho um longo artigo sobre essa diferenciação. Mas eu diria, de uma forma mais concisa, o que caracteriza cada uma dessas categorias. E o trabalho aqui é precisamente ver turismo e peregrinação, como categorias de análise, categorias compreensivas, não como descrição da realidade empírica em si, mas sim como categorias com as quais nós tentamos apreender a realidade. O que caracteriza o turismo? Eu diria que o turismo se caracteriza pelo olhar de externalidade. O turista coloca-se diante do objeto que ele observa como alguém de fora. O turista vai para conhecer outras culturas, outras pessoas, aquilo que é diferente dele e para admirar a alteridade, a diferença. O peregrino, na sua forma compreensiva vai para mergulhar numa totalidade. Ele vai para fazer uma experiência, não a experiência do outro, não para ver como o outro vive mas para ele viver uma experiência forte, num determinado lugar que ele considera como um lugar encantado. Esta é a experiência do romeiro, do peregrino. No entanto, quando se observa as coisas empiricamente, percebe-se que todo turista é um pouco romeiro e todo romeiro é um pouco turista. Não dá para reificar uma realidade empírica num conceito. Os conceitos são sempre multifacetados, eles são sempre múltiplos. A romaria é como que um vácuo, onde diferentes formas e expressões podem se manifestar. Aquilo que não pode ser mostrado no seu lugar de origem, porque está submetido aos constrangimentos locais de uma sociedade altamente controladora da vida das pessoas das pequenas comunidades, essas pessoas chegam aqui no meio da multidão e podem ser o que elas não podem ser no local de origem.

Inclusive podem aqui cultuar o Padre Cícero quando no local elas não podem, muitas vezes. É essa a diferença que eu marcara. Como diferença compreensiva. Em nenhum momento eu uso o conceito de turismo ou de peregrinação com o sentido empírico ou político ou econômico ... eu estou o tempo todo querendo compreender e aí procuro entender isso a partir de experiências históricas, no sentido do antropólogo Marshall Sahlins, no sentido de experiências de longa duração. Enquanto as peregrinações - as cruzadas, Santiago de Compostela, Roma, os lugares Santos - emergem no século VIII ou IX, o turismo é muito mais recente, surge no século das luzes, da modernização, no século XVIII, XIX, e está muito mais fundado na idéia da viagem, daqueles que vão para outros lugares para conhecer. Então é na externalidade do olhar que caracteriza o turista. E é na imersão de uma experiência totalizadora, onde o romeiro é agente, partícipe de uma experiência naquele lugar que se caracteriza o romeiro. Essa é a diferença que eu faço e com a qual eu trabalho nos meus textos sem entrar em questões políticas ou econômicas porque, como antropólogo, eu trabalho com categorias e não com a realidade em si. Tento trabalhar com categorias que buscam compreender e acercar-se do real, sabendo que o real está sempre para além de todas as categorias.

A outra pergunta: porque o Padre Cícero acreditava em milagres? Todos acreditavam no milagre naquele período. Só não acreditavam os racionalistas, os positivistas, os protestantes. O que eu quis mostrar é como a coisa se inverte. Hoje são os protestantes que acreditam nos milagres e são os católicos muitas vezes secularizados que acusam os protestantes de usar os milagres para arrebatar as pessoas. É para essa maleabilidade, flexibilidade das categorias e dos conceitos é que eu quis chamar a atenção. O Padre Cícero acreditava, como o Papa acreditava, e como o Paulo Fernando mostrou magistralmente na apresentação dele, todos os milagres eucarísticos, (ele elencou pelo menos vinte) e aqui no Juazeiro, era só mais um milagre. Era a mesma forma de repetir o que acontecia na Europa. Por isso eu digo que o problema não é afirmar o milagre. O problema é afirmar o milagre no lugar errado. E o problema também não é que sejam dois catolicismos, um romanizado e o outro popular. O problema era um projeto de mudança do *habitus* católico. Eu estou deslocando a questão do catolicismo como sistema para o catolicismo como *habitus*. Acho que isso é contemporâneo. Isso permite a gente avançar nas pesquisas do Ralph, nas pesquisas do Pierre que já tem avançado muito nesse sentido, de entender o catolicismo não como uma totalidade fechada de dogmas e rituais mas como um processo onde hábitos católicos vão mudando juntamente com as crenças.

A questão do mito também é importante. Quando se trabalha com o mito, que são idéias, relatos, histórias, jamais vamos dizer se aquela história é ou não verdadeira. Nós vamos tentar perceber o que aquelas pessoas estão contando com aquelas histórias. E os romeiros também, através dos relatos, eles vão tecendo e organizando o seu olhar, a sua compreensão a sua visão de mundo. E vão se localizando no mundo. Por isso que eu dizia que assim como nós escolarizados, nos situamos na narrativa darwiniana das espécies, os romeiros constroem outras narrativas bíblico-católicas onde eles se situam também como seres humanos. E como agentes nesse momento histórico.

Pergunta – Fale sobre as agressões que o patrimônio tem sofrido na região. Em que local a torre da Igreja do Socorro deveria ser colocada?

Olga – seguramente aqui não... Mas é uma questão a ser estudada. Quando se faz a construção de um marco que vai ser uma referência no espaço urbano, merece muita atenção, como aliás, toda interferência na malha urbana de uma cidade, ainda mais em Juazeiro considerando que Juazeiro é uma cidade santuário e que ela teria outros locais, mais adequados. Não saberia dizer em que outro local. Certamente ali não pela impossibilidade de se fazer a

leitura da arquitetura singela da Igreja naquilo que a gente vai chamar de desproporção entre as volumetrias e a função da torre que é uma espécie de coluna da hora com o Padre Cícero ali. Haveria que se tratar com os arquitetos urbanistas. O que posso tirar da pergunta é que qualquer tentativa de implantação de marcos referenciais no espaço urbano, deve haver uma consulta a quem trata com essa questão de referência da malha urbana e sobretudo não esquecer que esta cidade é muito especial. A justificativa, como a que eu tenho ouvido de muitas pessoas, de que o romeiro gosta, que é uma justificativa tão vaga quanto dizer que deve haver um grande projeto para cá porque ele vai gerar emprego e renda. Esta pode ser uma ótica muito perversa porque a prostituição infantil gera emprego e renda. E o turismo traz muita coisa desse tipo quando ele é feito sem o planejamento numa escala humana. Há uma outra coisa que está inacabada aqui que é aquele local de atendimento aos romeiros. Basta olhar para ver a desproporção entre a volumetria. A gente pergunta, seria o melhor local para ser construído?

Pergunta – a Igreja e os políticos locais precisam repensar os cuidados que deve ter com o patrimônio físico e imaterial de Juazeiro. Não seria isso um mandamento do Padre Cícero sobre a cidade que tanto ama?

Olga – Abordei já essa questão como uma herança do Padre Cícero para a cidade de Juazeiro que se transformou nessa coisa extraordinária pela confluência de culturas que gerou esta cultura da árvore. Luitgarde estava falando de Juazeiro com a metáfora da árvore. O Prof. Gilmar de Carvalho pergunta: esta cidade é uma árvore? Com funções terapêuticas em todos os sentidos... para a alma de quem vem aqui... Ela dá tantos frutos que o Prof. Gilmar, e tantos outros, têm estudado todas essas linguagens que são a produção da cultura popular de Juazeiro do Norte. Aqui parece que a árvore vai falando em tantas linguagens que tornou Juazeiro esse celeiro da cultura popular do patrimônio cultural e imaterial.

Pergunta – Será que Juazeiro já não deveria ter um instituto ou uma fundação que reunisse um acervo deste protagonista que é o romeiro?

Olga – eu acho a iniciativa muito louvável, mas eu diria que antes de criar outros, que a gente visse em que estado estão os atuais.

Outra pergunta – que critérios os IPHAN usa para identificar o que o romeiro gostaria nas edificações em Juazeiro?

Olga – Nós não trabalhamos dessa maneira, mas eu comunico que soube pela Secretaria de Turismo do Estado que o que está previsto para Juazeiro é a colocação de um pórtico na entrada da região e que haverá no próximo ano uma pesquisa aprofundada para tratar da questão do turismo religioso, como eles chamam. Agora, eu gostaria de sugerir, acho que foi a Luitgarde que falou também sobre isso, que considerando que esta cidade é uma cidade santuário com suas peculiaridades, todo equipamento que for instalado, causa impacto. Assim como você faz um EIA-RIMA para empreendimentos de grande impacto sobre determinado espaço, deverá haver também um estudo de impacto sócio-econômico-cultural que aquilo causa. Vocês dispõem da URCA. Eu já conversei com D. Fernando e com a prefeitura de Juazeiro, que para determinadas decisões, deve-se ouvir os órgãos competentes. Assim como a própria diocese: uma cidade que com muita rapidez se transforma de espaço urbano em espaço sagrado deverá ouvir a própria diocese com relação a decisões. Recentemente nos procuraram porque querem tomar a Casa dos Milagres. Que é uma medida também muito louvável pelo acervo que está ali. Falamos com a prefeitura que essas medidas precisam também ter a participação da diocese.

PAINEL

Coordenador: André Herzog

reitor da Universidade Regional do Cariri - URCA

DESAFIOS À RELIGIÃO NA SOCIEDADE PÓS-MODERNA

Manfredo Araújo de Oliveira

filósofo - UFC.

manfredo.oliveira@uol.com.br

As Religiões no novo contexto societário

É muito complexo o assim chamado “ressurgimento do sagrado”³⁵ até mesmo porque ele se manifesta de formas muito diferenciadas de acordo, sobretudo, com o tipo de religião em questão e da situação histórica em que o fenômeno é considerado. Neste contexto nos vamos limitar ao cristianismo levando em consideração, sobretudo, suas manifestações no Brasil³⁶. Em nosso país, há uma profunda influência da religião no tecido social de tal forma que se pode falar de “catolicismo cultural” na medida em que se encontra difundido na população como um dado cultural em contraposição à “religião instituída”³⁷, oficial, canônica. Para Benedetti, nenhuma destas formas enfrentou propriamente a modernidade, ou seja, os esquemas de pensar a fé são pré-modernos e a própria teologia que se fez no Brasil não encontrou uma modernidade que a desafiasse. O catolicismo brasileiro não conheceu confrontos, não foi questionado pela alteridade e pela diferença. Ora, se o catolicismo não enfrentou a modernidade, ele se encontra hoje muito despreparado para enfrentar as novas formas de religiosidade que surgem em nosso tempo e que visam antes de tudo satisfazer as necessidades imediatas das pessoas que estão à busca de uma auto-satisfação. Estas expressões de religiosidade são fundadas não numa tradição herdada, mas na escolha subjetiva, essencialmente plural e caótica, pautada pelos valores da assim chamada cultura pós-moderna que valoriza o micro, o passageiro, o efêmero, o caráter de espetáculo das manifestações religiosas³⁸, portanto, uma religião emocional, fluida, sensorial, fundada no sentimento subjetivo³⁹ do próprio prazer, do gozo, da realização pessoal afetiva, amorosa, da satisfação individual.

Na sociedade atual, alguns traços já existentes em décadas passadas se acentuaram e adquiriram uma importância fundamental como é o caso dos “meios de comunicação social”⁴⁰. Hoje temos consciência do peso do que nos alcança através destes meios na formação de novos hábitos, padrões de comportamento e interpretações da vida. Basta considerar a mentalidade mercantil vinculada ao sistema capitalista de produção que marca hegemonicamente a opinião pública das sociedades contemporâneas. Isto implica uma forma determinada de interpretar o sentido da vida humana e conseqüentemente numa forma específica de entender seu comportamento no mundo e constitui o

³⁵ Cf. Martelli S., *A religião na sociedade pós-moderna*, São Paulo: Paulinas, 1995. Libânio J. B., *A religião no início do milênio*, São Paulo: Loyola, 2002, pg. 15 e ss.

³⁶ Cf. James C., *Análise de conjuntura religioso-eclesial. Por onde andam as forças*, in: Persp. Teol. 28 (1996) 157-182. Oliveira M. A de, *O desafio dos novos movimentos religiosos às igrejas cristãs*, in: Persp. Teol. 32 (2000) 221-239.

³⁷ Cf. Benedetti L. R., *Dilemas pós-modernos na vida cristã*, in: Vida Pastoral, ano XLV, n.237 (2004)3

³⁸ Cf. Benedetti L. R., *Pós-Modernidade: abordagem sociológica*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), *Teologia na Pós-Modernidade. Abordagens epistemológica, sistemática e teórico-prática*, São Paulo, Paulinas, 2003, pg.53-70. Oliveira M. A de, *Pós-Modernidade: abordagem filosófica*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), op. Cit., pg. 21-52. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 59 e ss.

³⁹ Cf. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 60-61.

⁴⁰ Cf. Assman H., *A Igreja eletrônica e seu impacto na América Latina*, Petrópolis: Vozes, 1986.

que poderíamos chamar de “moral midiática”⁴¹. Nossos lares são literalmente dominados pela invasão de um mundo de coisas e idéias que determinam condicionando nossos pensamentos, desejos, modas, comportamentos, formas de relacionamento, hierarquia de valores, etc. Neste contexto, a religião também em grande parte recebe enormes influências da mídia e da mentalidade pós-moderna aí difundida. As interpretações abrangentes do todo da realidade, que conferem sentido à vida humana em todas as suas dimensões, são substituídas pelas micro-narrativas, pelos testemunhos de vida, e as explicações racionais do real cedem espaço às experiências sensíveis, individuais, de caráter emotivo⁴². O que está em jogo aqui em primeiro lugar não é a verdade, teórica ou prática, ou o engajamento sócio-transformador, mas a satisfação subjetiva que as experiências religiosas podem proporcionar, portanto, o que importa acima de tudo é multiplicar as emoções em quantidade e intensidade aqui e agora: “*sentir Deus, deixar-se tocar por ele é a medida da fé*”⁴³. Assim, o que interessa não é ter o que dizer, mas ter o que apresentar como se mostra claramente no caso dos padres midiáticos. Tudo pode assumir uma conotação religiosa, sobretudo “quanto mais se vincula à “mercantilização” e marquetização da religião” com enormes implicações ideológicas⁴⁴.

Tudo isto conduz ao que M. C. Bingemer denominou “privatização da experiência religiosa”⁴⁵, o que significa dizer que os indivíduos compõem sua própria “receita religiosa”⁴⁶ de tal forma que o campo religioso se assemelha a um supermercado que oferece produtos para os mais diferentes gostos individuais o que manifesta a perda de força da institucionalização da religião que agora é um fenômeno interiorizado, plural e multiforme⁴⁷, uma espécie de força selvagem e anárquica. Enquanto na modernidade a outra face da religião era a secularidade que gerava suspeita e ateísmo, a pós-modernidade apresenta a face do pluralismo⁴⁸: o cristianismo histórico perdeu a hegemonia que se sustentava na grande tradição e se situa agora num mundo marcado por tradições diferenciadas⁴⁹ e por uma multiplicidade de confissões religiosas⁵⁰. Esta situação tem como consequência que a religião não seja mais simplesmente uma questão de herança cultural, mas se transforme num objeto de escolha⁵¹ em que peso maior tem a autonomia do indivíduo que neste contexto se torna “um peregrino” que caminha por entre os meandros das diferentes propostas religiosas que compõem o campo religioso⁵², não tendo problemas em passar de uma para a outra, ou mesmo de fazer sua própria composição religiosa com elementos e propostas diferentes”⁵³. Ora

⁴¹ Cf. Trasferetti J., *Teologia moral na Pós-Modernidade: o difícil dilema do agir moral*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), op. Cit., pg. 411.

⁴² A respeito da situação no mundo evangélico cf. Cesar W./ Shaull R. (org.), *Pentecostalismo e futuro das Igrejas cristãs*, Petrópolis: Vozes, 1999.

⁴³ Cf. Benedetti L. R., *Dilemas*, op. Cit., pg. 8.

⁴⁴ Cf. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 30.

⁴⁵ Cf. Bingemer M. C. L., *A espiritualidade hoje: novo rosto, antigos caminhos*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), op. Cit., pg. 370.

⁴⁶ Cf. Castiñeira A., *A experiência de Deus na pós-modernidade*, Petrópolis: Vozes, 1997. Libânio J. B., *A religião*, op. cit., pg. 140.

⁴⁷ É neste sentido que Hervieu-Léger fala de um deslocamento da “religião perdida” para um “religioso em todas as partes”. Cf. Hervieu-Léger D., *Le Pèlerin et le converti. La religion en mouvement*, Paris: Flammarion, 1999, pg. 16.

⁴⁸ Cf. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 144.

⁴⁹ A respeito das questões teológicas que emergem a partir deste novo contexto religioso cf. França Miranda M. de, *As religiões na única economia salvífica*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), op. Cit., pg. 335-360. Libânio J. B., op. Cit., pg. 219 e ss.

⁵⁰ Há explicações psicológicas para este fenômeno hoje. Cf. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 78.

⁵¹ Cf. Libânio J. B., *A religião*, op. Cit., pg. 147.

⁵² Que é um campo fragmentado. Cf. Antoniazzi A., *O Brasil ficou menos religioso?*, in: Vida Pastoral 43, n.226 (2002)32.

⁵³ Cf. Bingemer M. C. L., *A espiritualidade hoje*, op. cit., pg. 370.

este trânsito permanente entre as diferentes propostas religiosas torna as convicções e os compromissos duradouros algo praticamente impossível⁵⁴. É esta razão a razão que nos obriga a pôr de forma diferente o problema da identidade uma vez que “hoje o eixo da reconstrução das identidades é o indivíduo que peregrina entre múltiplas opções. Eis aí o principal animador da fragmentação do campo religioso nas sociedades contemporâneas⁵⁵”.

III) Possibilidades de interpretação da religiosidade contemporânea

É próprio da experiência religiosa que, mesmo possuindo um espaço próprio e irredutível, aconteça sempre no interior de um mundo humano particular e por esta razão seja marcada por condicionamentos psicológicos, sociológicos ou culturais. Tudo isto é causa de uma ambigüidade inevitável, que abre espaço a diferentes tipos de interpretação. Tratando-se dos novos movimentos religiosos, há pelo menos três leituras possíveis:

1) A religião vivida como uma procura de realização do ser humano. É neste horizonte que G. Minois⁵⁶ situa o fenómeno atual do surgimento de novos movimentos religiosos. Sua leitura se radica numa interpretação do clima espiritual vigente no fim de século passado: num ambiente marcado por um ceticismo difuso generalizado, carecem de sentido tanto a fé como o ateísmo e por isto mesmo se tornou muito difícil defini-los. A fé se revela vazia de conteúdos específicos e a religiosidade é na realidade uma religiosidade sem credo⁵⁷, suscetível das mais diferentes interpretações.

Isto mostra que a religião propriamente não sumiu do quadro cultural das sociedades pós-modernas, mas sofreu uma transformação radical em seu conteúdo que foi profundamente secularizado. Pode até se continuar falando de Deus, mas na realidade se trata de um deus ausente, pois o que efetivamente se procura é a realização do ser humano, o equilíbrio interior, a serenidade e a satisfação de todas as necessidades vitais, ou nos grupos mais politizados, a justiça, a solidariedade e a paz, mas sem referência a uma realidade que transcenda o plano puramente humano. Segundo G. Minois o específico da religiosidade de nossa época é que, em última instância, se trata de uma religiosidade sem Deus: nela, a linguagem sobre o sagrado, até mesmo sobre o divino, permanece no nível da pura imanência. Nesta perspectiva, a denominação “novos movimentos religiosos” é ambígua a não ser que se alargue o significado do conceito de religião. Na realidade para o autor o que ocorre hoje é uma transfiguração do religioso no mágico ou então numa nova forma de humanismo. O cerne deste novo humanismo é a transformação do próprio eu através de técnicas psicocorporais, que buscam a realização da felicidade na terra⁵⁸.

2) A religião enquanto terapia diante de um processo histórico portador de tantas violências. Nesta perspectiva, segundo J.B. Libânio⁵⁹, a religião pode tornar-se uma “ilha de fantasia”, uma vez que as pessoas podem encontrar nela o que o sistema social vigente não oferece sem ter de combatê-lo ou transformá-lo, mas simplesmente através da participação durante longas horas nas orações coletivas à busca de terapia e cura corporal e espiritual. A religião oferece acima de tudo o que faz falta numa sociedade agitada por tantas angústias: paz e segurança.

⁵⁴ Cf. Barrera P., *Fragmentação do sagrado e crise das tradições na Pós-Modernidade: desafios para o estudo da religião*, in: Trasferetti J./ Gonçalves P. S. L. (org.), op. Cit., pg. 456 e ss.

⁵⁵ Cf. Barrera P., op. Cit., pg. 459.

⁵⁶ Cf.: Minois G., *Histoire de l'athéisme. Les incroyants dans le monde des origines à nos jours*, Paris, 1998.

⁵⁷ Uma religião não metafísica na expressão de G. Vattimo. Cf.: Vattimo G., *O rasto do rasto*, in: Derrida J./Vattimo G. e outros, *A religião*, Lisboa, 1997, pg. 95-113.

⁵⁸ Cf.: Libânio J.B., *Cenários da Igreja*, São Paulo, 1999, pg. 50.

⁵⁹ Cf.: Libânio J.B., *O Sagrado na Pós-Modernidade*, in: Caliman Cl.(org.), *A sedução do sagrado: o fenómeno religioso na virada do milênio*, Petrópolis: Vozes, 1998, pg. 67-68.

3) Chance de recuperação do caráter iniciático e mistagógico do cristianismo. Em primeiro lugar, esta forma de expressão religiosa se apresenta como crítica à unilateralidade da modernidade precisamente na medida em que abre um espaço para uma compreensão da realidade para além dos limites da razão técnico-científica vigente: a religião interpreta a realidade a partir do Absoluto e com isto mostra a dimensão mistérica da realidade apontando para a presença de Deus em tudo enquanto fonte que faz tudo ser e que tudo sustenta. Assim, se torna mais claro que, quando se fala de Deus, se fala do fundamento e do sentido absolutos que constituem e mantêm toda a realidade. Nesta ótica, cada realidade deve ser considerada como uma forma específica de manifestação do Absoluto: o radicalmente Transcendente, em virtude mesmo de sua transcendência radical, está presente em tudo, perpassa tudo e é radicalmente imanente a tudo.

A grande chance aqui é compreender a religião não só como conhecimento do Absoluto e de toda a realidade no horizonte do Absoluto, mas como “fruição do Absoluto⁶⁰”, como impulso de aproximação, de comunhão com o Absoluto como Mistério último que envolve a vida humana⁶¹. Nesta afirmação há uma antropologia pressuposta: o ser humano é, em última instância, enquanto ser espiritual, presença do Absoluto. No mais íntimo do espírito, o Absoluto está presente na sua radical transcendência e na sua radical imanência. Daí a sedução do mistério: “O princípio de toda experiência religiosa encontra um denominador comum no desejo seduzido, a inclinação fascinada e irresistivelmente atraída pelo mistério do Outro que envolve, seduz e apaixona com sua beleza e sua “diferença”, que provoca o impulso incontrolável, de aproximação, abraço e união⁶². Também hoje os seres humanos continuam a se experimentar como seres frágeis e limitados, mas chamados a entrar em comunhão com o Mistério ilimitado e, portanto, “se percebem habitados pelo desejo ardente e incontrolável de entrar em comunhão com esta incompreensível realidade que se chama sagrado⁶³... Apesar da ambigüidade dos movimentos religiosos de hoje no interior das igrejas cristãs, certamente estes constituem um grande desafio: “o cristianismo necessita de homens e mulheres que cultivem uma loucura, uma “paixão por Deus”⁶⁴. Só assim poderá responder aos questionamentos que vêm da religiosidade que marca nossa época⁶⁵.

PARECER SOBRE A PESSOA DO PADRE CÍCERO

Manoel dos Reis de Farias

bispo de Patos-PB

Eu agradeço a Dom Fernando Panico que me fez o convite e está aqui. Há poucos instantes o Prof. Manfredo falou sobre a pessoa do Padre Cícero que não é figura do passado mas do presente e me fez lembrar o salmo 111 que diz: a memória do homem justo é lembrada sempre. Mas a alegria de estar aqui é acentuar 3 pontos que eu admiro muito em Padre Cícero. E, primeiro, lembrando de

⁶⁰ Cf.: Libânio J.B., *Cenários da Igreja*, op. cit., pg. 53.

⁶¹ Cf.: Lima Vaz C. H. de, *Mística e Política: a experiência mística na tradição ocidental*, in: Síntese Nova Fase, vol.19, n.59(1992)496.

⁶² Cg.: Bingemer M.C.L., *A Sedução do Sagrado*, in: Caliman Cl.(org.), op. cit., pg. 80.

⁶³ Cf.: Bingemer M.C.L., op. cit., pg. 83.

⁶⁴ Cf.: Libânio J.B., op. cit., pg. 75. Boff L., op. cit., pg. 188.

⁶⁵ Para alguns autores, isto significa, para as igrejas do Ocidente, de certo modo, um retorno ao Oriente. Cf.: Campbell C., *A orientalização do Ocidente: Reflexões sobre uma nova teodicéia para um novo milênio*, in: Religião e Sociedade, 18/1(1997)5-29. Libânio J.B., *Cenários da Igreja*, op. cit., pg. 57.

quando eu era seminarista e logo padre recém-ordenado. E eu não tinha nenhuma simpatia pelo Padre Cícero, nem ligava para sua história. Para mim não me interessava, não me tocava... Mas depois, ouvindo, escutando, lendo alguma coisa fui percebendo que havia algo diferente e depois, há poucos dias atrás, escutei o Pe. Luciano que é meu vigário geral, e ele falava sobre D. Helder Câmara que era seminarista e responsável por um jornal da região. Vendendo esse jornal ele também ganharia uma percentagem para ajudar nos seus estudos. Ele veio aqui para vender o jornal, se apresentou e Padre Cícero disse a ele: meu filho, esse jornal me acusa sem me conhecer. Mas o padre é um homem que não deve guardar rancor, nem ressentimento, por isso vá para a Igreja que eu vou lhe apresentar. Pe. Luciano, quando seminarista, escutou D. Helder Câmara falando isso. Padre Cícero apresentou D. Helder e foram grandes as assinaturas e a saída do jornal aqui no Juazeiro.

Nós sabemos que a Igreja sempre tentou primar pela dignidade da vida humana, como há nas diretrizes da CNBB, sempre primar pela promoção da pessoa e lendo, escutando, sentindo, como Padre Cícero viveu a gente sente que ele viveu nessa linha da promoção humana. De que maneira? Aquela maneira de escutar, de gastar a sua vida para acolher os peregrinos que aqui chegavam, homens e mulheres carentes, sedentos de Deus. E ele, numa maneira de valorizar a pessoa, tendo a promoção da dignidade humana fez esse trabalho durante muito tempo e daí essa admiração. Eu lembro que diante dessa vida e missão do Padre Cícero aqui é o que está em Romanos 12, versículo 9 diz que o homem deve aborrecer o mal e apegar-se ao bem. Mas sobretudo no versículo 12, diz assim "sêde alegres na esperança, pacientes nas tribulações, e perseverantes na oração." A gente vê que a vida do Padre Cícero correspondeu, sobretudo nesse versículo 12. Ele sempre transmitiu uma alegria na esperança, paciente na tribulação e perseverante na oração. Mas eu gostaria de lembrar aqui 3 pontos que me chamam a atenção na vida do Padre Cícero. Ao entrar na cidade me chamou a atenção, os escritos: E... Quem é ele? Ele é Padre Cícero Romão Baptista. O primeiro ponto é justamente por admirar nele ser um homem de vida eucarística. Ele viveu uma vida de comunhão diária, sem interrupção, de se aproximar da mesa sagrada. Com certeza ele se inspirou em Hebreus 4, 16 que diz "aproximai-vos dos dons da graça". Ele sabia que estava suspenso das ordens sacerdotais. Mas tal suspensão não abalou a sua fé nem o fez mudar de estilo de vida de homem consagrado e ungido do Senhor. Aqui com certeza ele leu muito Romanos 8, 35: "Quem nos separará do amor de Cristo?" E o Salmo 22: "mesmo tendo o mar tenebroso, eu passarei porque o Senhor está comigo". Nessa comunhão diária, ele estava ao lado dos fiéis, comungando, como homem comum. É uma grande lição, cheia de humildade, de obediência a seus superiores e de muito amor à Igreja. Isto me chama a atenção como uma lição que ele deixa para mim e para todos nós.

O segundo ponto é que ele era um homem de grande liderança. Padre Cícero tinha o povo na mão; não querendo o povo para si mas conduzindo povo para Cristo. Ele tinha o povo na mão no sentido de mostrar que ele era admirado pelo povo, como religioso, como homem autêntico na fé, sem nenhuma sombra na vida moral, transparência total. Do Padre Cícero o povo aprendeu a entrar em três fontes: a primeira, a eucaristia, segunda, a devoção a Nossa Senhora das Dores e em seguida a devoção ao Sagrado Coração de Jesus. O povo aprendeu com ele a beber dessa fontes. Daí a doação de sua vida, de sua missão, de seu ministério e assim, nesta caminhada, tendo o povo ao seu lado, não para si, mas na intenção de levá-lo para Cristo, ele escutava de seus admiradores, insistentemente, esta proposta: Meu Padim, vamos fazer um momento para mostrar a todos que o senhor está sendo injustiçado. A resposta do Padre Cícero foi: entre eu e meus superiores só Deus. Esta é uma lição para todos nós.

E o terceiro ponto que me chama muito a atenção: homem de comunhão com a Igreja e com seus superiores. Isso se vê, se sente na maneira como ele viveu, nos rastros que ele deixou, mostram essa comunhão. Inclusive ele fez uma viagem para Roma. Foi se encontrar com o Papa. Hoje é fácil ir a Roma. Há 80, 100 anos atrás não era fácil ir a Roma. Isso demonstra a comunhão. Comunhão se

faz com vivência. E durante toda sua vida, depois da suspensão das funções sacerdotais, a história não registra nenhum sacramento ministrado pelo Padre Cícero. E ele podia fazer, se quisesse. Tudo isto mostrando a integridade, a obediência, a consciência que ele tinha de ser um homem consagrado, ungido do Senhor e mostrando sobretudo como ele primou pela comunhão com seus superiores. Claro, tudo isto como já foi lido em Romanos, na tribulação e na consciência, e em Colossenses: “completo na minha carne o que falta a Paixão de Cristo”. Na parte de Cristo não faltou nada mas de nossa parte continua faltando e ele com certeza se inspirou nesse texto e fez sua colaboração naquilo que Cristo realizou no Calvário. E assim, a admiração que eu tenho pelo Padre Cícero nesses três pontos é o que me faz estar aqui, a convite de D. Fernando Panico e a alegria de poder dizer essas palavras, sobretudo lembrando esse grande homem de Deus, que não é uma figura do passado, mas do presente porque o rastro que ele deixou é um rastro luminoso. As virtudes desse homem nos levam a crer, a acreditar. A sua humildade, mansidão, obediência, são virtudes levam realmente à santidade. Por tudo isso o povo o canonizou há tanto tempo. Ele já está canonizado pelo povo. E aqui neste momento de muito entusiasmo me leva a sentir realmente a presença viva com certeza o Senhor Deus vai aprovar esta manifestação acontecida aqui como o antes o agora e o depois.

Obrigado.

EDUCAÇÃO, CIÊNCIA E TECNOLOGIA COMO PREOCUPAÇÃO NA OBRA DO PADRE CÍCERO E O FUTURO

Helio Guedes de Campos Barros

secretário de Ciência e Tecnologia do Estado do Ceará

Ao aceitar minha participação neste seminário eu tive algumas dúvidas principalmente porque o tema não é exatamente a minha especialidade, mas a importância do personagem, a importância do Padre Cícero me fascina e me animou a vir discutir um pouco a questão da educação, principalmente a educação tecnológica, e tentar identificar no símbolo Padre Cícero alguma coisa que possa servir à contemporaneidade. Na minha análise, eu parto de uma reflexão do que eu poderia dizer para um seleto grupo de pessoas ou especialistas interessados no Padre Cícero e na sua volta. Eu pensei em tudo que já foi escrito, eu penso na bibliografia que eu conheço – não conheço muita, mas conheço alguma – sempre se percebe na avaliação da qualidade na dimensão dos grandes homens, se reverenciam sempre dois conteúdos essenciais: um conteúdo da grandeza da pessoa que se perpetua perante a história e esse conteúdo é avaliado pelos fatos, pela sua história, por aquilo que foi feito, pelos exemplos, pelas suas idéias e ações. Mas um outro componente para se reverenciar um grande personagem, um grande homem, é exatamente da construção que se elabora a partir dos seus seguidores. No primeiro caso a gente fala de história, fala de fatos, no segundo caso, não mais de história mas de símbolos; não mais de história mas de proposições projetadas para o futuro, a realização daquilo que em nome da figura que se estuda, e da sua inspiração, se pode fazer. Eu diria que há um apostolado nesse sentido e do qual eu não posso me dizer apóstolo porque certamente estou muito longe de conhecê-lo e ser seu apóstolo. Mas acho que hoje nós temos um apostolado de Cícero. Eu quero dizer isso não no sentido religioso, porque também não é um assunto que eu possa discutir com profundidade, mas no sentido mais objetivo daquilo que inspirava o Padre Cícero: que proposições objetivas nós podemos fazer para o futuro, para realização material e espiritual do povo, hoje, na contemporaneidade do Padre Cícero vivo, atual, e que gera multidões. Eu não achei, certamente, nos

meus colegas especialistas no assunto, alguns dos quais me ajudaram com a bibliografia – Prof. Diatahy, Geová Sobreira que me mandou de Brasília algumas coisas, Lima Verde, o jornalista F. S. Nascimento com quem eu tive o prazer, no passado de trabalhar, - me mandaram uma bibliografia e nessa bibliografia, por mais que eu lesse, não encontrei nada na obra do Padre Cícero que fosse grande em educação, em ciência, ou tecnologia, ou alguma coisa que envolvesse os três componentes, ou alguma coisa que fosse comparado com a grandiosidade da sua obra política, religiosa e administrativa. Realmente o Padre Cícero é daqueles homens que hoje está naquela fase, como disse recentemente um jornalista num caderno especial que eu li anteontem, que são 70 anos de encantação. Realmente, o encantamento em torno da figura do Padre Cícero por sete décadas lhe deu a sua imortalidade. Então a minha pergunta foi como procurar comentar a percepção da educação, do conhecimento e da tecnologia, como comentar a figura do Padre Cícero. A compreensão dos fatos que envolvem a vida do Padre Cícero, a sua historiografia está bem estudada e certamente, iniciativas como esta deverão ajudar a esclarecer muito mais a figura do padre, sua história e até fatos que possam ser estudados numa ótica diferente, numa perspectiva científica mais fundamentada. Naturalmente ao estabelecer uma estratégia de enfocar a totalidade das ligações do movimento com a política estadual e nacional, movimento elaborado e liderado pelo Padre Cícero numa perspectiva de política estadual e nacional, sem esquecer a correlação entre o fenômeno local e a economia internacional em mudança, o sistema político imperial republicano e a iniciação também internacional da Igreja Católica de Roma, isso dito por Ralph Della Cava, deixou clara a grandiosidade do personagem que: “nem a teoria, nem o modelo quer messiânico ou milenarista, são capazes de explicar satisfatoriamente o movimento que teve duração de quase 50 anos.” Ralph Della Cava, certamente foi o memorialista mais imparcial, pelo menos da bibliografia que eu conheço, e por isso ele fugiu de frases definitivas ou da paixão literária que tem dominado a literatura dos prós e contras do Padre Cícero. Mas para ser justo, o analista precisa ser também severo e a diferença entre a severidade do trabalho científico e também literário, resulta exatamente da metodologia. No caso de Ralph Della Cava foi exatamente a metodologia que o fez escrever o “Milagre” na perspectiva científica com uma metodologia que inseriu o Padre Cícero num contorno social mais amplo e que o definiu numa época. Isso foi bom porque começou a retirar da leitura sobre o Padre Cícero aquelas frases lamentáveis, de um simplismo bastante grande, como afirmativas que se encontram em Otacílio Anselmo, “que nada de útil Padre Cícero empreendeu em favor de Juazeiro e de sua gente.” Eram frases de emoção e que expressavam apenas a posição de quem escrevia, de quem analisava. Se encontrei poucas referências na questão educacional, na bibliografia do Padre Cícero, a única medida que referenciava a questão do conhecimento do Ceará no passado era exatamente a Igreja. É por isso que encontrei alguma coisa que falava do Padre Cícero da sua vocação, da sua capacidade de ser ou não literariamente um expoente. Há os que dizem que sim e os que dizem que não. Naturalmente são cáusticos alguns que afirmam que não há notícia da atividade literária do Padre Cícero no Ceará numa década que se valorizava as atividades literárias como ciência pois no início do século XX o Brasil era um país de poucos instrumentos científicos e pouco instrumento tecnológico. Nessa perspectiva, o conjunto de afirmações sobre a existência ou não, na vida do Padre Cícero, de um desempenho literário ou científico maior, como alguns chegam a usar a palavra científica, há quem diga, como Lourenço Filho afirmava, que o fascinava apenas o amplo domínio das gentes. Era uma redução novamente, era uma visão extremamente limitada do papel de Padre Cícero. Citando pois, Lourenço Filho: “não é injustiça, pois, admitir o Padre Cícero como curioso e nunca como cientista. Sempre viveu alheio aos livros e sem amizade de homens de valor cultural. A sua pequena biblioteca é um atestado vivo. A maioria se constitui de bibliografia de santos da Igreja Católica em latim e maçudos relatórios do Ministério da Agricultura.” Certamente esses relatórios devem ter dado ao Padre Cícero o conhecimento bastante

grande sobre a realidade agrícola dos nossos sertões e que o levaram a escrever, ou falar ou propor alguns ensinamentos extremamente importantes na área da ecologia e da agricultura. Mas eu encontrei um texto, exatamente em Lourenço Filho que ele deu a referência para aquilo que eu gostaria mais de dizer sobre o Padre Cícero: "se o chefe de Juazeiro tivesse podido acumular e manter naquele meio um sólido e brilhante cultivo de espírito, esse sim seria o seu maior e mais legítimo milagre. Vivendo mais de meio século em contato apenas com o sertanejo bruto e ademais num ambiente de delírio, e não dispondo de tempo sequer para ler e meditar pois que suas horas não bastam para atender a peregrinos e beatos, sem recursos de renovação de idéias por livros e jornais que até sua casa só muito raramente chegam e sem necessidade alguma que o leve a exercitar o espírito para um sadio objetivo cultural, é óbvio que não se possa encontrar nele, ao termo de 80 anos, uma condição científica, etc...." A vocação literária do Padre Cícero é um assunto que não nos importa e que não é relevante apesar de autores que escreveram nos anos 40, 50 ainda o considerassem semelhante à questão científica que hoje eu me refiro. Não vou fazer julgamento também desses autores. Não me cabe fazê-lo. Mas é absolutamente natural que o Padre Cícero, na época e nas circunstâncias que ele vivia, inserido nesses sertões profundos, não tivesse condição de fazer aqui uma mudança educacional e científica que pudesse hoje ser objeto de um elogio diferenciado e que o colocasse no mesmo nível de importância como fez o seu desempenho religioso, político e administrativo. É quase impossível que ele pudesse fazer um desenvolvimento educacional no município de Juazeiro que fosse diferenciado do melhor desenvolvimento educacional que o resto do país fazia. Nós sabemos que essa é a grande mácula na civilização brasileira: é exatamente o seu desenvolvimento educacional, a sua capacidade de geração científica de conhecimento e mesmo a sua tecnologia. Nós estamos vendo um personagem que teve o brilhantismo, e por isso mesmo ele agora é eterno, de se inserir nos ambientes mais ausentes do resto da população brasileira, especialmente a população desenvolvida das beiras das praias, onde se situavam as riquezas brasileiras. Mas no sertão profundo, nos emparedados do sertão, como dizia Ariano Suassuna, se esse Padre Cícero foi capaz de arrebanhar o homem excluído, o verdadeiro excluído, e em torno dele fazê-lo se incluir, aí certamente tem um milagre de reunião das pessoas e das gentes e fazer o início de construção da sociedade que é um processo de construção em que nos incluímos hoje todos, nessa luta de construir uma sociedade brasileira. Sociedade esta que certamente tem mostrado nos últimos anos uma grande capacidade de se superar e de fazer movimentos, independente de governo, apesar de dentro de um ambiente em que governo e sociedade funcionem juntos. Mesmo assim a sociedade brasileira tem demonstrado capacidade de reação de fazer coisas notáveis como estão fazendo algumas organizações não-governamentais, como os movimentos liderados ou não por Igrejas, liderados ou não por crenças que estão qualificando a sociedade brasileira. Hoje a natalidade brasileira, pelo controle que as mulheres fizeram, por conta própria, por condições próprias, mantendo a sua religiosidade, entendendo a necessidade de fazer determinados controles que ajustassem o desenvolvimento de sua própria família. Na perspectiva tecnológica, certamente não poderíamos esperar que o Padre Cícero também pudesse fazer muito mais do que aquilo que ele empregou corretamente: que cada casa fosse uma oficina. A idéia da artesanaria, que era o máximo que naquela época se podia pensar nos sertões brasileiros. Certamente, quando me refiro aos sertões, é o sertão do semi-árido, adentro-me ao centro-oeste, a todos os sertões brasileiros, independente da climatologia de cada um. Estou me referindo portanto a uma condição de inexistência de conhecimento para que ele pudesse – como não pode também Ibiapina – realmente fazer. O nível da perspectiva tanto educacional como tecnológica era limitado às condições daquele ambiente. Naturalmente nos ambientes ricos brasileiros como Minas Gerais, a cultura africana, não apenas a européia, foi capaz de fazer a tecnologia do aço, do ferro, que já era dominada pelas populações ou culturas africanas. É por isso que nessa visão de artesanaria, o Padre

Cícero criou e estimulou e o Juazeiro se transformou, num centro de artesanaria de grande qualidade. Já no passado, Edmar Morel citava a existência de dezenas de ourivesarias, ferrarias, fábricas de punhais, chapéus de palha, capas para chuva feitas de maniçoba, de fósforos grosseiros e de sapatos em número superior a 50. Portanto, o registro desses fatos são bastante sólidos e repetidos. Mas o Padre Cícero tem a virtude de não somente fazer o apostolado do conhecimento, o apostolado da proteção ambiental e da artesanaria, mas não se encontra no Padre Cícero, em nenhum momento, nenhum desânimo da expectativa de que o conhecimento, a escola, de que a educação não fosse importante para o povo. Eu descobri, recentemente, na leitura de um grande escritor cearense esse desânimo que em nenhum momento se encontra no Padre Cícero. Rodolpho Teóphilo falava da seca de 15 e dizia: "Para que abrir escolas? Por que cultivar a inteligência humana se o cultivo intelectual do homem o aproveita não para o bem mas como fator poderoso do mal." Isso porque Rodolpho Teophilo não sabia ainda do potencial científico e tecnológico para destruição do mundo numa perspectiva mais ampla, mais global, numa perspectiva de destruição da humanidade, ou mesmo fisicamente do mundo. A energia nuclear, que é uma energia que não existe na natureza, na Terra, só existe no sol, poderá potencializar e o homem é capaz de sucumbir. É preciso ter muito cuidado para que o uso seja dirigido para o bem, para criar uma sociedade humana que se consolide na perspectiva de um bem estabilizado, de uma condição de sustentabilidade que todos nós desejamos.

Gostaria de concluir com três pontos. Gostaria de perguntar a todos nós o que o símbolo Padre Cícero pode nos inspirar para resolvermos os problemas do Ceará de hoje e do Brasil de hoje. E eu digo do Brasil de hoje porque eu não sei se existe no Brasil uma figura mais, não digo verticalmente mas horizontalmente, uma figura mais conhecida em todo país do que o Padre Cícero. Não há cidade neste enorme país que não tenha o nome Padre Cícero inscrito em qualquer loja ou escola, ou seja o que for. É uma presença enorme do homem que ganhou o país não apenas no seu município, o Juazeiro. E nessa perspectiva, eu acho que nós precisaríamos incluir três pontos essenciais:

O primeiro: a visão educacional. Ou nós superamos a visão educacional, nós vencemos a questão educacional ou nós estaremos cada vez mais numa situação mais difícil. E essa visão educacional eu não coloco em níveis. Eu coloco globalmente porque um dos viéses para entrar até num processo político e administrativo da questão educacional brasileira, tem sido dar importância ao primeiro grau, fundamental, médio ou ensino superior. Na educação não há separações. Elas são meramente administrativas para o seu gerenciamento. Mas a educação é integralmente importante. Não existe integração social sem a educação vista como um todo. Então esse ponto é fundamental e nós temos que resolvê-lo. E tem que ser resolvido num trabalho de sociedade. Não é questão de governo, porque se fosse do governo já teria sido resolvido no Brasil e em outros lugares. É também do governo, essencialmente do governo, mas essencialmente da sociedade. Temos todos que dar as mãos e encontrar os meios para que possamos superar as grandes dificuldades que foram observadas, inclusive pelo Padre Cícero, ao longo da sua história, identificando na questão da inclusão, a necessidade do conhecimento, a necessidade da educação. Quando o Padre Cícero viveu, nós vivíamos um ambiente no Brasil em que se fortaleceu a criação de uma reflexão sobre quem nós somos. A pergunta não é "Padre Cícero: E... quem é ele?". A pergunta é para nós mesmos brasileiros, quem somos nós? E foram pessoas como Anísio Teixeira, Capanema, Monteiro Lobato, Lourenço Filho, Fernando de Azevedo, Darci Ribeiro, que deram essa resposta, ao lado de muitos outros autores e que começaram a construir essa visão. Mais ou menos uma comparação do que Goethe dizia: "compara-te para conhecer-te". Essa reflexão nacional para a construção do Brasil que deu a perspectiva de um ensino que está precisando de apoio de todos os cantos do país, de todas as organizações religiosas, não religiosas, governamentais, não governamentais, porque essa é uma missão obrigatória para todos nós.

Nessa visão eu gostaria de dizer que o Padre Cícero ao manifestar seu apoio à artesanaria, me permite fazer uma observação sobre a educação profissional, técnica. Nós marcamos a educação profissional no início da primeira parte do século XX criando a educação técnica e profissional, apenas para marginais. E quem analisa a história da educação brasileira pelo lado do ensino rural profissionalizante vê que ele é sempre feito apenas para atendimento às pessoas que vivem fora dos ambientes de produção e que geralmente eram pessoas consideradas fora da normalidade. Estou usando a expressão porque ela é literal. O que nós precisamos corrigir é que a educação profissional é uma educação de segunda categoria, é uma educação de segunda classe. Nós temos, lamentavelmente, mantido essa perspectiva errada em todo país e aqui no Ceará eu tenho percebido que tem acontecido nas universidades uma certa manifestação hostil ao ensino profissionalizante considerando-o de segunda categoria quando ele é, ao contrário, um ensino que se valorizou, principalmente nos países europeus de maior desenvolvimento. Eu chamaria a atenção para Alemanha, que é, junto com a França, dos campeões do ensino profissional. É preciso dar força ao ensino profissional para fazer justiça ao desejo de desenvolver as oficinas que o Padre Cícero tanto desejava.

Quero colocar a figura do Padre Cícero na contemporaneidade e dizer que se nós pudermos usá-lo como símbolo para resolver os problemas tanto na área científica como tecnológica, seria exatamente a grande solução do que se chama inclusão social. Hoje fala-se de inclusão social como uma banalidade. Padre Cícero fez inclusão social introduzindo condições de vida para que as pessoas penetrassem na sociedade brasileira. 52% dos cearenses, lamentavelmente, ainda estão com grandes dificuldades e nós temos números assustadores de uma população abaixo da linha de pobreza da ordem de 52%. É uma condição que é inaceitável para o governo e para a sociedade. É nessa perspectiva que eu gostaria de trazer esta contribuição para chamar a atenção para o fato usando o Padre Cícero como milagre da educação. Chamar os apóstolos do Padre Cícero para fortalecer a idéia da educação para que realmente cada lar seja um altar e cada lar seja também uma oficina.

DEBATE

Pergunta – Se a modernidade ainda não chegou à Igreja, o que acontecerá com as mentes já destruídas por ela?

Manfredo – Nós estamos aqui com 18 questões. Será impossível respondê-las todas. Eu peguei 3 como símbolos de questões a que eu não posso responder por incompetência fundamental. Minhas palavras iniciais queriam dizer, com uma pretensão muito grande, em que direção deveria caminhar o próximo simpósio. São perguntas para o próximo simpósio. Por exemplo: num contexto pós-industrial como se encaixa oromeiro? Oromeiro tem sofrido influência do mundo pós-moderno? Qual a relação que há entre as romarias de ontem e de hoje? A renovação carismática é um movimento pós-moderno? Quer dizer, há uma série de perguntas que vão nessa direção. Vocês me permitam que eu responda segundo a minha hipótese inicial. Primeiro, que parece que as pessoas não entenderam, eu estava querendo abrir perspectivas para o próximo simpósio. Segundo, porque algumas pessoas não estavam aqui quando eu elaborei a hipótese. Eu disse, quando eu fui convidado para este simpósio, - um pouco na linha do Prof. Ralph ontem - o que eu venho fazer aqui, depois de tantos anos, e não tendo continuado a pesquisar, eu perguntava por que esse simpósio depois de 11 anos? E a minha primeira hipótese levantada foi que houve um deslocamento claro do eixo da questão do Padre Cícero pelo menos por parte da Igreja Católica. Este seminário foi realizado por iniciativa da Universidade e a Igreja entrou assim como Pilatos no Credo. O que aconteceu desta feita, de uma maneira muito diferente. E porque aconteceu de uma maneira muito diferente? Eu acho que a questão fundamental - eu levantei essa

hipótese e ninguém protestou até agora e eu continuo levantando – a hipótese fundamental não foi o problema da reconciliação Igreja hierárquica – Padre Cícero. É claro que a questão está aí também, mas eu acho que a questão é mais vasta. É uma questão de ótica pastoral, de preocupação pastoral. Por exemplo, quem leu a entrevista do Pe. Murilo no jornal O Povo deve ter percebido que ele mostrou-se um homem extremamente sensato quando diz assim: olha eu não entendo, eu não sou especialista em Padre Cícero, eu não sou cientista social, mas eu vejo um povo enorme diante de mim, que tem profunda devoção pelo Padre Cícero. Como é que eu vou responder pastoralmente a isso? O Bispo também em suas declarações, em sua carta pastoral, em diversas oportunidades, parte sempre da mesma coisa: o povo. Então, o que eu dizia, é que o deslocamento está aqui. Não é em primeiro lugar o interesse do Padre Cícero, por mais claro que isso possa parecer. É em primeiro lugar o povo na sua forma de expressar a religião. Então está em jogo a tarefa evangelizadora da Igreja. Como essa Igreja vai responder a essa forma de vivência religiosa, a partir do fenômeno Padre Cícero. Nesse sentido eu entendia o convite que me foi feito de explicitar um pouco o contexto cultural contemporâneo e as formas específicas de vivência religiosa no mundo de hoje como um sério ponto de partida para futuras pesquisas, futuros simpósios... é preciso se perguntar, não mais simplesmente aquelas velhas questões, embora se possa perguntar, mas, como enfrentar este problema sociológico, de pressão religiosa que tem tanta força no meio do povo que é também uma forma de resistência à tragédia de sua vida. Então, há uma série de questões que eu não posso responder, até porque eu não sou especialista. Eu não entendo nada de tudo isso. Eu vim para cá com a tarefa de levantar algumas questões para ajudar a compreender o contemporâneo, e compreender as formas de experiências religiosas que têm brotado. Quando eu estudei teologia, a gente vivia na época da secularidade. Eu fui aluno do Karl Rahner e ele dizia que o futuro das igrejas cristãs eram virarem diásporas. Ilhas, numa sociedade basicamente atéia. Ora, o fenômeno das últimas décadas, dificilmente interpretável porque muito complexo, por que tem muitos elementos em jogo, do reaparecimento de movimentos religiosos muito fortes, deixou toda essa geração secularizante, de certa maneira, sem jeito. Como explicar agora, de repente, que em plena sociedade moderna, de certa maneira, cansada projeto moderno tecnificante, de uma determinada racionalidade, (quando eu me referi à ciência - hoje a gente sabe que essa forma está sendo tremendamente questionada –). Outra forma de fazer ciência, outras questões, outras posturas teóricas que ultimamente têm aparecido, tudo isso ajuda a compreender o fenômeno que por antigos paradigmas se tornavam quase incompreensíveis. Como é que em plena sociedade moderna que secularizou a vida, de repente a religião brota com uma força incrível. E não só a religião reduzida à privacidade da consciência, que isso nunca deixou de existir na modernidade, mas a religião de novo tendo um papel público, de novo tendo influência na sociedade. Então, isso é uma questão que parece que abre perspectivas para uma pesquisa, então, como pensar junto, essa forma de vivência religiosa que vem da tradição Padre Cícero e os novos movimentos religiosos que brotam em todos os cantos de forma diferenciada e até caótica.

Pergunta – **Consciências que foram destruídas pela Igreja...**

Manfredo – Bem, não é minha tarefa aqui defender a Igreja, mas ela é, como qualquer sociedade humana, marcada por inúmeros defeitos. Eu compreendo, no caso do Brasil, grande parte dessas destruições, a partir da hipótese que eu levantei durante a exposição, da não modernidade da Igreja brasileira que tem uma cosmovisão, isto é, uma forma de entender Deus, o homem, o mundo, a própria Igreja, a sua constituição, que em grande parte é pré-moderna. Eu não estou aqui fazendo julgamento, estou tentando compreender. Então, evidentemente, para certos grupos – eu citei a Ação Católica – que foi um movimento onde a Igreja Católica brasileira enfrentou pela primeira vez a modernidade. Entrou na Universidade, no movimento operário, e muitas questões modernas emergiram. E todos nós sabemos como dolorosamente terminou a Ação Católica. O conflito enorme

que gerou depois no episcopado, e a falta de compreensão que gerou... esses movimentos foram momentos muito difíceis. Você não muda por decreto uma mentalidade, um paradigma de pensar. A Igreja Católica se afastou da modernidade, o Oscar Beozzo e eu estávamos em Roma naquela época, começava o Vaticano II e o Papa João XXIII sempre usava a metáfora de abrir as janelas. Uma metáfora muito boa para quem vive num país frio, difícil para a gente entender, porque de fato, nos países frios a janela está sempre fechada e de tempos em tempos é preciso abrir a janela para renovar o ar. E ele dizia que a Igreja católica se afastou do processo. Ela foi tutela direta das sociedades medievais, surgiu a modernidade e é interessante que Hegel faz na "Fenomenologia do espírito" uma análise muito engraçada que diz assim: a modernidade não teria sido possível sem o cristianismo porque muitas das idéias fundamentais – a idéia do sujeito, a idéia da autonomia, a idéia da liberdade – são idéias profundamente cristãs. E ele diz que a única religião que não precisa ter medo da modernidade é a religião cristã porque ela desdivinizou o mundo. De tal maneira ela colocou Deus para além, que não admitia que qualquer coisa pudesse aventar a pretensão de ser Deus. Portanto, ela estaria bem no mundo moderno. No entanto, a Igreja não entendeu o mundo moderno e reagiu de uma maneira brutal. Uma coisa semelhante que eu vi muito tempo depois, lendo notícias a respeito da Índia, ah, é exatamente o que Hegel falou. No sul da Índia tem muitas comunidades cristãs, católicas e a Índia é marcada por castas e os cristãos indus compreenderam, lendo o evangelho, que não tem sentido viver em castas. E reagiram. E os bispos não compreenderam a reação dos cristãos indus que não queriam mais admitir que a sociedade vivesse com aquela divisão de castas que dividiam as pessoas. Quer dizer, eles estavam tirando uma consequência claríssima da idéia universal da divindade em todos os seres humanos. E os bispos não foram capazes de entender. Isso não é para atacar bispo ou igreja mas é para dizer o seguinte: a Igreja como qualquer comunidade humana, é humana, é culturalmente marcada. Ela traduz, anuncia o evangelho dentro de categorias culturais. Isto pode trazer enormes problemas. Problemas com pessoas que já estão enxergando outras coisas e depois são esmagadas. Evidentemente que a gente desejaria que, cada vez mais, a Igreja fosse capaz de tratar esses conflitos que são humanos inevitáveis, de forma mais humana. De forma mais compreensiva, muito mais pastoral, do que propriamente na base da autoridade. Agora, isso implica também uma certa renovação fundamental na forma de compreender a própria Igreja. A Igreja ainda vive com a concepção de poder que é muito da modernidade absolutista, dos primeiros séculos da modernidade, onde o poder é considerado absoluto. A ideologia da comunhão que se articulou no Vaticano II, em grande parte, ainda não se traduziu na vida da Igreja católica, das suas instituições, na concepção do próprio ministério, nas suas diversas dimensões. Tudo isso tem uma implicação muito grande e não é de uma hora para outra ... Acho que coisas como essa do Padre Cícero vão servir não só para a compreensão da nossa sociedade no Ceará e dos movimentos profundos que a marcam, mas vão ser muito importantes também para a Igreja porque é no debate, na discussão que aquelas coisas que estavam ocultas começam a aparecer e ser discutidas. E só assim a mentalidade vai mudando. Eu acho que existe, isso a gente tem que reconhecer, por parte da Igreja católica aqui no Crato agora, uma enorme boa-vontade de se deixar ensinar pelos romeiros, pelas discussões dos cientistas... isso é uma coisa muito saudável, muito boa. Acho que se a gente sair daqui deste simpósio com a certeza disso, a gente teria ganho esses dias.

Pergunta – o que o senhor acha do fato de que o alunado local não entender e não saber nada da vida do Padre Cícero? A culpa é do clero ou dos políticos que só promovem a alienação?

- O senhor concorda que o Padre Cícero foi um grande educador popular levando em conta sua prática?

- Como podemos alterar o quadro problemático do desenvolvimento regional permanecendo a universidade em condições de sucateamento?
- Quem é o político ou o profissional que se identifica com o Padre Cícero hoje?
- Como o senhor analisa o decálogo do Padre Cícero se na época de sua vivência isso estava distante da realidade do sertão?
- Você vê o Padre Cícero com um ser negligente à educação do seu tempo? Ele valorizava muito o trabalho na sua opinião?

Helio Barros – Essa percepção do Padre Cícero das questões administrativas e fundamentais da produção, não tem a menor dúvida, é a grande expressão, tirando naturalmente o lado religioso e político do Padre Cícero, da sua história. Certamente isso na época do Padre Cícero significava avanço. Não eram todas as pessoas na época do Padre Cícero que pensavam dessa forma. Isso é uma demonstração que ele sempre esteve à frente do seu tempo, preocupado com as pessoas do seu tempo. E naturalmente ao fazer o testamento solicitando aos salesianos mantivessem uma ação educacional e trouxessem escolas para ambos os sexos para o Juazeiro, confirma mais ainda a sua preocupação. O que eu acredito, é que a quantidade do projeto educacional do Padre Cícero foi pequeno. Tanto assim que não houve uma mudança educacional no Ceará, nem no Brasil, significativa e continuamos com índices bastante negativos e não honram a nossa história. E é geral. Para o Estado e para o Brasil.

Quanto ao sucateamento da Universidade ... eu não sei se sucateamento é a palavra apropriada. Eu acho que a palavra mais apropriada é que nós nunca conseguimos dar à Universidade a expressão e a dimensão material e acadêmica que ela merece. Esse é um fato e não se trata de esconder o fato real. E que não é apenas das universidades do estado do Ceará, não me refiro nem especificamente ao caso da universidade local, a URCA, mas de todas as universidades. Nós estamos num processo de fazer universidades. A universidade brasileira tem 70 anos de idade, e nós temos que entender que a universidade brasileira está em formação e temos muito para fazer. Isso é a luta de todos nós. É uma luta que naturalmente vai ter embates, de um lado e de outro e que temos que aceitar... Recebo críticas com enorme satisfação, naturalmente com maior ou menor satisfação dependendo do motivo da crítica. Mas se a crítica é construtiva, para fazer crescer alguma coisa, vamos trabalhar juntos. Essa não é função apenas de governo. Eu hoje estou na Secretaria de Ciência e Tecnologia, mas fui professor a minha vida toda e sempre batalhei por isso: por termos uma universidade forte e saudável e que enriqueça o conhecimento e a geração de conhecimento no nosso país. Portanto, a questão do sucateamento é uma questão geral. Naturalmente ela precisa ser superada mas não se supera apenas com simplismo de que o governo tem que por mais dinheiro. Isso é um simplismo. Eu já defendi isso, para ser sincero, em alguns momentos do passado, eu achava que era. Mas, lamentavelmente, dinheiro não existe guardado em baú de governo. O governo trabalha com a riqueza existente num determinado ambiente sócio-político e o que ele arrecada tem um limite possível de se fazer. Se faz bem-feito ou mal-feito é outro problema. Se nós cometemos erros ou não cometemos é outro problema. Mas a questão essencial é que nesta área o Brasil está ainda começando e tem muito a aprender. Precisamos levar isso com muita seriedade e não é questão de partido A ou B, de ser de direita ou de esquerda. É uma questão nacional, de responsabilidade e que todos têm direito. Foi por isso que eu usei, na minha exposição inicial, do símbolo Padre Cícero como alguma coisa que nos inspirasse no sentido da superação da questão educacional e que não é apenas na universidade mas é de todo tipo de escola, de todos os níveis no nosso Estado.

Com relação às críticas ao clero e aos políticos que só promovem a alienação eu acho que há um exagero, é um excesso, há um certo radicalismo na sua afirmação. Pode ser que haja radicalismos em políticos, em membros da Igreja, mas eu não acredito que se possa generalizar dessa forma. Certamente

nós precisamos melhorar a qualidade do ensino e claro, a historiografia do Padre Cícero deve ser um ponto essencial, principalmente entre aqueles que querem conhecer a vida do Padre Cícero. Mas não é com a historiografia do Padre Cícero que se vai mudar a qualidade da educação no nosso Estado.

Não posso me alongar mais, mas espero que este seminário e os próximos em torno do Padre Cícero, sejam a consequência de um projeto em torno de um símbolo, que é um símbolo que mexe com todos nós. Sejam ou não cristãos. Pode haver pessoas que tem um Padre Cícero como referência que não seja um membro da Igreja Católica à qual pertencia o Padre Cícero. Nesse sentido, é um símbolo, é alguém que transformou o seu povo... num ambiente extremamente difícil. Não é preciso lembrar que foi nos ambientes mais pobres que eclodiram os movimentos com resultados muitas vezes desastrosos, lamentavelmente, que só pode dar ao país uma preocupação com relação à iniciação desse povo hoje, e não apenas no final do século XIX e início do século XX.

Pergunta – Há uma questão que foi encaminhada a ambos os conferencistas: os senhores acham que a era do conhecimento sobre o Padre Cícero está iniciando ou estamos bem aprofundados?

Manfredo – Me parece que não estamos iniciando nem está aprofundada. Estamos abrindo perspectivas novas, por onde temos que entrar. Acho que este seminário, sob muitos aspectos mostrou isso. Nós estamos enfrentando questões teóricas e práticas novas, portanto, a continuidade do trabalho é inevitável.

Helio – Eu acho que um povo que se forma como é o caso do povo brasileiro, ele precisa de seus símbolos – que não seja apenas o futebol – e certamente o Padre Cícero é um desses símbolos. E nós temos que levar com enorme seriedade, e insisto, seja ele cristão ou não cristão, o Padre Cícero já superou há muito tempo essa questão em função da religiosidade ou não religiosidade. O que nós temos é um grande símbolo. Um grande símbolo que foi capaz de, ao reunir as populações mais carentes do país, em um determinado ambiente e dar a elas dignidade. Então esse símbolo está muito acima de todos nós e acima de todas as questões relacionadas ao passado. De minha parte, eu estarei sempre ao lado de quem quiser fazer seminários, reuniões sobre o Padre Cícero porque eu entendo que, não a historiografia, os fatos do passado do Padre Cícero, mas o seu símbolo, aquilo que ele representa, é absolutamente necessário para a direção dos nossos princípios e dos nossos próprios governos, no sentido amplo da palavra.



70
ANOS

CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cicero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

Encerramento
SÍNTESES

PE. CÍCERO DO JUAZEIRO – E... QUEM É ELE?

Rocildo Alves Lima Filho

Diretor do Colégio Diocesano e Professor da URCA

Um olhar sobre o Simpósio: Tendências e Perspectivas

No século IV a.C. (entre 385 e 375), num dos mais belos e importantes diálogos, Platão descreve a conversação entre Sócrates, Agatão, Alcebiades e outros, sobre o elogio a Eros – o Amor, numa obra que foi intitulada de “Sympósio” ou banquete. Nós, no ano 70 da morte do Pe. Cícero Romão Batista (2004), o Padrinho dos sertanejos e Patriarca de Juazeiro, fomos também convidados a participar de um simpósio, um banquete, onde os diversos olhares e diálogos convergem não para o “Elogio de Eros”, mas para nos sentirmos provocados e inquietados pela pergunta que há mais de um século, não obstante todas as dificuldades, resistências, proibições, polarizações e ambigüidades, volta sempre à tona: Pe. Cícero – E... Quem é Ele?

Em analogia a um grande banquete, um banquete de idéias, aqui nos sentamos à mesa para saborear os mais diversos pratos da “culinária acadêmica” regional, nacional e até internacional. São muitas receitas e temperos. Certamente os paladares são diversos e múltiplas as possibilidades de escolhas. É fundamental experimentar dos vários pratos servidos e até ousar misturar as receitas, só assim provaremos de novos e deliciosos sabores. Assim procedendo estaremos quebrando paradigmas, rompendo com esquemas fechados e com postulados previamente definidos. Desse modo podemos abrir novos espaços à reflexão, ampliando horizontes de pesquisa e nos permitindo fazer a experiência do outro que nunca poderá ser o mesmo de nós. É o diferente, o inusitado, o que surpreende e pode até desapontar. Por que não?

O simpósio não é o lugar das respostas prontas e definitivas. Não estamos construindo uma dogmática. Ele é o lugar das perguntas corretamente colocadas para evitar que cheguemos, como resultado, ao ponto de partida de nossas convicções já implícitas na ocasião da elaboração das próprias perguntas. Por tais razões fomos desafiados, legitimamente provocados a reaprender a perguntar, a escutar profundamente, a fazer até mesmo muitas vezes um exercício de ausculta do silêncio, da comunicação gestual e ritual, tão marcantes em ambientes místicos e de intensa religiosidade. Fomos convidados a caminhar na direção da contextualização de uma época, da vivência de um fenômeno e do compartilhar de testemunhos que certamente favorecerão leituras mais amplas, talvez releituras que facilitem uma melhor aproximação para com milhões de irmãos nossos, cidadãos brasileiros, nordestinos de todas as latitudes, romeiros que vêm a Juazeiro do Norte em busca da “Joazeiro Celeste”, trazendo em seus rostos e mãos, as marcas de existências quase sempre sofridas, ecos de mitos, ritos, dores, sonhos e esperanças.

Já no seu ponto de partida, este III Simpósio é expressão de uma novidade relevante e muito promissora: o abraço fraterno entre a comunidade acadêmica e a Igreja Católica, que aqui se deram as mãos sem preconceitos e falsos pudores, para além dos antagonismos estéreis, decidindo assim unir esforços para entender e mais ainda compreender a realidade das romarias, o ser romeiro, abordando com coragem e renovada documentação o fenômeno e a pessoa do Pe. Cícero Romão Batista.

Não temos nenhuma dúvida que todo o esforço aqui empreendido é mais que válido. É necessário, é louvável e dará muitíssimos frutos para a Academia e a Pastoral. Muitos pesquisadores já haviam realizado pioneiramente diversos trabalhos nessa área. Alguns até com heroísmo, dado as dificuldades do caminho e ou até barreiras havidas intransponíveis. Mas agora, movidos pela proposta da “purificação da memória e da reconciliação”, a Diocese de Crato e a Universidade Regional do

Cariri apontam para um objetivo comum, buscando dissipar trevas, superar preconceitos, romper distâncias, suprimir lacunas, num claro e corajoso serviço à liberdade de consciência e de investigação científica, cujos resultados poderão ser aquilo que o filósofo Paul Ricoeur chamava de: “Espero estar na verdade”.

Nesse sentido a meta da academia e da Igreja se toca, ajudando-se através de caminhos diferenciados. A academia ao investigar qualquer fenômeno persegue a objetividade da abordagem e dos resultados, sem poder desprezar nem prescindir das legítimas subjetividades. Nunca foi possível colocar verdadeiramente a realidade “entre parêntese” e chegar à pureza da teoria como se fora possível uma “intuição eidética”. Em relação à Igreja, esta não se constitui como algo paralelo à Academia ou como sua opositora, mesmo quando num passado ainda não de todo distante isso veio acontecer. A missão da Igreja é de natureza ética e espiritual. Quando esta promove estudos e pesquisas, o faz em decorrência de sua fé, buscando a inteligibilidade e uma apresentação o mais plausível possível de sua realidade que está marcada pelo transcendente e o sobrenatural. A meta mesma da Igreja é Jesus Cristo. Este é o seu centro, seu elemento definitivo, seu coração. A verdade, para a Igreja, é mais que uma doutrina com seu conjunto de formulações marcado por contextos e culturas que são mutáveis e questionáveis. A verdade da Igreja é uma pessoa, Aquele que se disse: o Caminho, a Verdade e a Vida.

Que perspectivas práticas abriu-nos o III Simpósio Internacional sobre o Pe. Cícero? Uma primeira delas é que sempre é possível recomeçar. Nenhuma questão está definitivamente resolvida. Não podemos colocar ainda a “última palavra”. Ouvimos muitas falas e outras virão. É preciso continuar disposto a ouvir, inclusive aquilo que nos surpreende, abala e até desinstala do trono de nossas certezas, nem sempre tão sinceras e seguras.

Fomos interpelados a construir pontes e não novos muros. Por isso o instrumental do diálogo aberto, crítico e respeitoso entre pesquisadores, cientistas sociais, religiosos, universitários, pastoralistas, devotos, como instrumento de busca da verdade. cremos que sairemos daqui com uma atitude mais adequada em relação aos romeiros e à dinâmica própria das romarias, traduzida no respeito e acolhimento sincero aos romeiros, numa atenção especial às suas demandas por melhores condições de vida; num compromisso de evitar instrumentalizações do seu universo vital marcado espontaneamente pela irrupção do sagrado, pela alegria e generosidade; num não categórico a toda forma de manipulação e exploração politiqueria e oportunismo religioso.

Uma outra perspectiva é a do compromisso de trabalhar melhor as nossas fontes e arquivos, favorecer publicações, socializar documentos, fortalecer nossas Universidades e Centros de Pesquisas com as riquezas de nossa cultura, com um acento no popular onde subsistem memórias ancestrais, valores autênticos, entre outros. Trabalhar a regionalidade numa perspectiva de universalidade.

No âmbito da pergunta guia desse Simpósio: E... Quem é ele? muito se percorreu, muito se fez. Desde as quebras de protocolos oficiais na sessão de abertura dos trabalhos, rompendo formalidades da Academia com seus rituais, fazendo irromper gestos inusitados e elementos novos. Passando pela inserção respeitosa e atenta a momentos vivos do dia a dia da romaria, seus lugares sagrados e expressões penitenciais de antigas religiosidades. Partilha de experiências e métodos de pesquisas, testemunhos vivenciais, acesso a documentos inéditos, devolução de peças importantes para o acervo Pe. Cícero.

Mas então... Quem é Ele? É o santo, o líder carismático e guia de um povo ou de uma nação romeira? É o taumaturgo que resolve os males sempre tão persistentes no mundo dos empobrecidos? É o mito fundador da cidade de Juazeiro e o sustentador do seu evidente desenvolvimento, nem sempre acessível às maiorias? É o padre que não se dobrou às pressões da hierarquia de sua Igreja para renunciar à consciência em prol da ordem e da disciplina canônicas? É o milagreiro, querendo

resolver pelo sagrado o que ainda não era possível através do profano? Seria o conselheiro paternal, o líder conciliador, o pai dos pobres e desvalidos desses imensos e malsucedidos sertões?

O Padre Cícero foi um homem de sua época, envolvido com questões dramáticas da sociedade e da Igreja de seu tempo. Um homem inserido e com uma clara opção: ser pastor de um rebanho feito de desvalidos, espoliados dos grandes latifúndios do Nordeste dos Coronéis, homens e mulheres que queriam ao menos ser escutados com respeito e tratados com dignidade. Foi um homem e um padre forçado a fazer opções concretas e contraditórias. A manter uma esperança contra toda esperança. A desafiar uma época e um espírito.

Para alguns o III Simpósio pode deixar alguma frustração. Será que a pergunta fundamental sobre sua pessoa foi respondida? O olhar não foi mais uma vez centralizado na fenomenologia das romarias, com o perigo de se deixar de lado aspectos fundamentais de sua vida e obra? Os nossos espaços de debates foram suficientemente contemplados e enriquecedores? Algumas conferências seguiram de fato a proposta dos trabalhos, facilitando o aparecimento de uma “Xilogravura” ou de um “quebra cabeça” coerente que no final permitisse um horizonte mais amplo e iluminador?

Com certeza o III Simpósio Internacional sobre o Pe. Cícero respondeu a muitas perguntas e suscitou muitíssimas outras que continuarão a nos inquietar, a alimentar as pesquisas, os sonhos, as esperanças, as futuras socializações de um “saber” que quando partilhado se torna “sabor”. O Simpósio ou banquete de idéias e práticas é sem dúvida um ponto de chegada. Porém, o mais fascinante e decisivo é ser sempre um ponto de partida para a aventura da construção do conhecimento e suas incidências nas práticas de vida.

Aroldo Braga

Assessor da Comissão Episcopal para a Cultura,
Educação e Comunicação Social da CNBB.

Solicitado a dar minha impressão pessoal sobre este Simpósio, como parte de uma síntese do mesmo, procurarei observá-lo a partir das propostas de sua realização.

Este *III Simpósio Internacional Padre Cícero do Juazeiro ... e quem é Ele?* marca a retomada da reflexão acadêmica sobre a figura do Padre e o fenômeno que a envolve, partindo da percepção de que, ao mesmo tempo em que o povo do Nordeste manteve viva a memória do grande Padre, ao longo dos últimos setenta anos, um bom número de pesquisadores e estudiosos deu consistência à permanência dessa memória, tanto pelos incontáveis trabalhos publicados quanto pela realização dos dois simpósios anteriores.

A grande novidade deste Simpósio, em relação aos anteriores, foi a presença da Igreja, através da Diocese de Crato, nos três últimos anos empenhada no reconhecimento do valor das romarias e no resgate da imagem de Padre Cícero, internamente negligenciada ao longo do tempo, em virtude de incompreensões e rigidez de posturas, definitivamente superadas. Essa atitude da Igreja de Crato, personificada em Dom Fernando Panico, Bispo Diocesano, dá a este Simpósio um significado novo que poderá fazer dele um marco na história do Cariri.

Reverendo os objetivos propostos em sua programação, que encontramos no caderno em nosso poder, podemos verificar que os mesmos foram alcançados plenamente.

A proposta de “resgatar discussões de pesquisadores contemporâneos, no sentido de compreender o fenômeno Padre Cícero na atual conjuntura social e eclesial” foi realizada pelas inúmeras conferências, mesas redondas, sessões de comunicações e os chamados mini-cursos, capazes de satisfazerem à curiosidade particular dos diversos participantes.

Foi significativa a participação de jovens estudantes e pesquisadores, sinal de que é possível que ocorra um novo despertar na reflexão sobre o fenômeno Padre Cícero e suas implicações na vida social, política, eclesial e econômica do Cariri, do Ceará e do Nordeste.

Nessa presença dos jovens vemos que o Simpósio foi marcado pelo encontro destes com o idealismo e as lições de método e determinação de figuras que em passado recente sustentaram as pesquisas sobre o tema.

É necessário destacar a presença do professor Ralph Della Cava que, em sua magnífica aula, deixou em todos a compreensão do quanto seu trabalho serviu de suporte não apenas para os estudos que se seguiram mas também para as grandes novidades que tem ocorrido nos últimos anos.

A inserção no programa da sessão de outorga do título de *Doutor Honoris Causa* ao Professor Della Cava pela Universidade Regional do Cariri superou o significado de homenagem e louvor a esse grande historiador para ser também um marco de reconhecimento do mundo acadêmico ao papel cumprido por ele e por todos os que se dedicaram à pesquisa nestes anos, como Rui Facó, Cândida Slater, Eduardo Diathay, Marcelo Camurça, Luitgard Cavalcante Barros, Antonio Renato Casimiro, Maria do Carmo Pagan Forti, Irmã Annette Dumoulin, Irmã Ana Thereza Guimarães, Daniel Walker e tantos outros, inclusive os polemistas que, ao escreverem sobre o Padre Cícero, ainda que movidos pela paixão, deixaram registros preciosos para a reflexão que hoje se faz.

A sessão de abertura foi muito importante para o desenvolvimento do Simpósio, mercê da propriedade com que os dirigentes das entidades promotoras – URCA e Diocese de Crato – colocaram a motivação do Simpósio, demonstrando a importância da complementação que entre si podem fazer nesse campo a ação pastoral da Igreja e a pesquisa acadêmica.

A conferência de Monsenhor Francisco Murilo de Sá Barreto, como ato de fundação do Simpósio, situou com precisão seus objetivos, definindo a figura de Padre Cícero e de seus romeiros “E... quem é lê? E ... quem, são eles?”, possibilitando com isso grande proveito para os trabalhos.

O sentido e o significado da vida de Padre Cícero foram analisados com propriedade ao longo das conferências, mesas redondas e comunicados, alcançando-se plenamente este objetivo, como proposto. De outra parte, o Simpósio foi um lugar apropriado para a socialização das pesquisas e estudos, como desejado no programa.

A proposta de fazer deste Simpósio uma nova oportunidade de compreensão do Padre Cícero no contexto de sua época foi realizada em diversas conferências, mas, principalmente, no depoimento-testemunho de dona Assunção, que teve o dom de conduzir os participantes às ruas do Juazeiro antigo e ao tempo em que viveu o grande Padre.

Fazer dessa compreensão um meio de fortalecimento da ação pastoral da Igreja, motivação para a presença da Diocese no Simpósio, foi um desejo bem sucedido, que serviu também para demonstrar a necessidade que tem a Igreja de se articular com a Academia em favor do exercício de sua Missão.

Concluo ressaltando as palavras de abertura do Magnífico Reitor da URCA, pontuando a motivação de sua Universidade para a realização deste evento, significando isto uma expressão de seu compromisso com a Região do Cariri.

Também o discurso inaugural de Dom Fernando Panico deve ser relido por quem desejar compreender este Simpósio e estas duas novas posturas da Diocese de Crato: a reconciliação com a memória do Padre Cícero e seus romeiros e a busca de diálogo com estudiosos, pesquisadores, significada nessa parceria com a Universidade.

Porque tudo se realizou plenamente, cumprimento todos os que se empenharam neste Simpósio. E por tudo também eu agradeço.

Dom Manuel João Francisco Bispo de Chapecó-SC

Em nome da presidência da CNBB a quem neste momento, modestamente, represento e por extensão, em nome de todos os bispos do Brasil eu quero agradecer o convite feito para participar deste simpósio sobre a pessoa do Padre Cícero e sobre o fenômeno das romarias de Juazeiro do Norte. Ainda em nome da presidência da CNBB e dos bispos do Brasil quero felicitar a Diocese de Crato e a Universidade Regional do Cariri que são promotoras deste evento. D. Fernando Panico, como já foi lembrado neste auditório, ao chegar na Diocese, desde o seu discurso de posse, está acenando para as romarias de Juazeiro como um fato peculiar e desafiador da ação evangelizadora. Do aceno passou à ação, incluindo as romarias no plano de pastoral da Diocese.

A CNBB tem acompanhado este esforço da Diocese e de seu Pastor e tem dado todo o seu apoio que tem sido possível dar. Um de seus assessores coordena a Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-eclesial do Padre Cícero Romão Batista. Através do seu então vice-presidente D. Marcelo Carvalheira, marcou presença no ato solene de elevação da Matriz de Nossa Senhora das Dores à categoria de Santuário Diocesano.

O Cardeal Geraldo Magella Agnelo, presidente da CNBB, em suas declarações tem expressado o seu apoio e dito que, de parte da Igreja, existe uma grande boa-vontade de ver reabilitada a figura de Padre Cícero e de ver sempre mais valorizadas as romarias de Juazeiro do Norte. Numa de suas últimas declarações, fazendo referência ao tempo que passou como secretário para a Congregação para o culto Divino e a disciplina dos Sacramentos no Vaticano, afirmou que não ouviu nenhuma crítica ao Padre Cícero durante os dez anos que viveu no Vaticano. O Santo Padre, continua o Cardeal, tem valorizado muito nos últimos anos os testemunhos de vida, daí por que tem levado aos altares muitos novos santos e santas.

Quem sabe vai chegar o dia do Padre Cícero? Nós Bispos do Brasil, em sua grande maioria, sabemos apenas que Padre Cícero foi e é um padre muito estimado pelo povo mas que teve dificuldades com as autoridades eclesiais de então e que, ao que tudo indica, foi um homem de Deus. A falta de um maior conhecimento de nossa parte, não nos fecha, no entanto, no preconceito. Pelo contrário, suscita o desejo de conhecê-lo mais e melhor, como testemunham as diversas cartas enviadas pelos bispos do Brasil ao jornalzinho dos afilhados do Padre Cícero, hoje Revista dos Afilhados do Padre Cícero. Cito apenas dois testemunhos: primeiro do bispo de Colatina, Dom Décio Zandonade.

Ele diz o seguinte: “Desde o ano passado, quando estive aí em Juazeiro, algo novo vai se fortalecendo em meu coração: o desejo de conhecer melhor e difundir mais a figura do Padre Cícero que certamente será reconhecido pela história como um dos grandes e corajosos evangelizadores que Deus suscitou no mundo. O contato pessoal mantido com inumeráveis romeiros, me deu a certeza de que o povo sabe onde está a autenticidade cristã. O Padre Cícero soube como ninguém, traduzir a essência do evangelho de Jesus para este povo que bebeu desta nova mística de autenticidade e fé.”

E o outro testemunho, muito rápido é de Dom Augusto Pedro, bispo emérito de Uruguaiana, uma diocese do Rio Grande do Sul que limita com a Argentina. Em sua carta ele diz isto: “Estamos rezando para que o Padre Cícero seja canonizado o quanto antes.”

Este simpósio, no entanto, pretende olhar para além do Padre Cícero. Como diz o seu quarto objetivo, “fortalecer a ação pastoral da Igreja para com os romeiros, apontando perspectivas de estudos para a romaria de Juazeiro do Norte”. As romarias sempre foram expressão forte da fé do povo da Bíblia e do povo cristão-católico. No século XIII foram, inclusive, reconhecidas como uma das formas legítimas e específicas de celebrar o sacramento da reconciliação.

A romaria tem três momentos importantes no processo de sua realização. A partida, o local da romaria e a viagem de volta para seu local de origem. Pensar perspectivas de futuro para as romarias significa olhar estes três momentos como igualmente importantes. As comunidades de origem dos romeiros, precisam também elas se envolver, de uma boa preparação, como também de uma boa acolhida ao romeiro que volta, vai depender, em grande parte, o sucesso da romaria.

Dom Fernando, no seu discurso de abertura deste simpósio, falou que buscar compreender a figura do Padre Cícero e o fenômeno da romaria de Juazeiro além de ser uma questão de justiça é também uma questão de busca da verdade. Verdade é a adequação da mente à realidade. O caráter de objetividade é por isso, próprio do conceito de verdade. No entanto, a eficácia da verdade, passa pela sua objetivação, num processo de verificação, enquanto significa *verum facere*.

Diante disto é que este simpósio não pretende tirar conclusões definitivas. Neste contexto acredito que a CNBB não vai se furtar de fazer também ela a sua verificação do que aqui foi refletido. A CNBB poderá continuar colaborando com a Comissão de Estudos para a Reabilitação Histórico-ecclesial do Padre Cícero na busca de melhor compreensão de sua pessoa e do fenômeno das romarias a partir da metodologia própria das ciências teológicas e eclesiais tais como a teologia dogmática, a teologia litúrgica, a reflexão jurídico-canônica, sem deixar de levar em conta toda a contribuição das reflexões da academia.

Muito obrigado.

José Nilton de Figueiredo
Antropólogo, vice-reitor da URCA

Estou eu aqui entre três teólogos e isso mostra com que tranquilidade nós trabalhamos na montagem deste Simpósio, onde não se colocou quem seria o primeiro nem o segundo.... quem está na frente ou atrás mas as duas Instituições – Diocese do Crato e Universidade Regional do Cariri – estão congregadas para a sua realização. Eu estou aqui representando a Academia e por ela eu vou falar. Gostaria de dizer, em primeira mão, gostaria de creditar, fazer uma referência especial, ao iniciador, pela Academia, desta série de Simpósios, na pessoa do Prof. Dr. José Theodoro Soares, reitor da Universidade do Vale do Acaraú – UVA. Foi ele que, em 1988, ao chegar à recém-criada Universidade Regional do Cariri – URCA, procurou consultar a sociedade regional e descobriu que o grande apelo apontava para o estudo da religião popular na região do Cariri. Quero dizer que a Igreja nunca ficou de fora na realização desses Simpósios. No primeiro, três grandes figuras foram importantes, sem as quais o Simpósio não teria tido o grande sucesso que teve, principalmente no plano dos convidados internacionais: primeiro, como sempre, o nosso Padre Murilo a quem foi delegado pensar, sentir, como seria a abordagem no Simpósio tendo em vista que o assunto era ainda tabu. E aí teria que haver uma quebra dentro das relações URCA – Crato e a Diocese local. E o Padre Murilo fez toda uma costura para que o Simpósio pudesse acontecer sem grandes traumas. Se houve alguma cicatriz ela pode ser curada depois do Simpósio porque não era tão profunda. Mas não foi fácil. Eu sou testemunha ocular. Eu particularmente, fui banido de grupos da Universidade por ter, na ocasião, avançado a causa do Simpósio, até porque, a minha aculturação na cidade do Crato, aculturado no meio de religiosos, no seio da Igreja, mas tive a sorte de ter como confessor um padre que não passou pelos momentos mais conflituosos das relações Crato, Juazeiro ou toda essa problemática que até a década de 70 vinha acontecendo. Era o Padre Ágio Augusto Moreira, formado em São Paulo e que tinha uma visão muito especial sobre religião, criando o Quarteto Villa Lobo... na ocasião eu, como menino franzino, conheci o Ralph Della Cava, um homem grande... Mas, voltando, não foi fácil a realização do Simpósio. Eu dizia que eram três pessoas: Padre Murilo, Ir. Annette e Ir. Ana Teresa... essas três pessoas sustentaram a parte científico-religiosa do Simpósio. Há que se enaltecer esse momento onde a Igreja, a Diocese do Crato, agora sim, saiu na frente para a realização desse Simpósio. E vai encontrar um outro reitor, um jovem reitor, André Herzog, atento, aberto à problemática que está sendo objeto de estudo da Academia e logo de pronto, assume o compromisso de realizar o III Simpósio. Esse interregno é apontado como uma falta de vontade, uma falta de pessoas que pudessem estar prontas para realizar esse grande encontro. Portanto, esse Simpósio é marcado pelo envolvimento de estudiosos de fora e locais. Pela primeira vez nós vimos aqui produções científicas produzidas aqui na região. Coisa que até então não havia acontecido. A Universidade tem quarenta anos de existência e poucos são os trabalhos da Academia no campo da Sociologia, Antropologia e História. Poucos ou nenhum. Todos aqueles que fizeram história, que escreveram a história da região, estão fora da Academia. Mas, a partir do primeiro Simpósio, jovens pesquisadores começaram a, embevecidos por essa dinâmica que o Simpósio favoreceu, produzir conhecimento da região. E este momento mostrou tanto a produção local quanto a abertura para que novos atores possam participar, mostrando em aulas, em comunicações orais, em mini-cursos também a sua produção intelectual. Esse é um momento interessante porque não ficaram vendo, como numa vitrine, os estudiosos aqui da região. E puderam participar ativamente do Simpósio.

Outra questão foi a qualidade do público. É de admirar que a imensa maioria permaneceu ao longo dos quatro dias. Geralmente em Simpósio a presença se dá por temática, e esvazia algumas

apresentações. Aqui, o pessoal permaneceu. Uma platéia ávida, entusiasta, participante e acima de tudo uma platéia que vem da Igreja, isso significando que a Pastoral vai crescer em qualidade.

Quero ressaltar que os professores e alunos que aqui estão, com este Simpósio a qualidade de suas aulas, as suas relações de cidadania deverão estar melhoradas.

No plano geral eu diria que o Simpósio sinaliza para uma coisa muito importante: já se disse que ele não vai melhorar a fé do romeiro para com o Padre Cícero. O que aconteceu aqui dentro não influenciará o que acontece nas romarias. Mas, certamente, influenciará algumas políticas governamentais para a cidade de Juazeiro, para a região. Algumas ações poderão ser testadas com qualidade e sobretudo, com a ética merecida, como a economia das romarias, a questão do patrimônio histórico... É necessária a ética da economia da romaria. A memória local precisa de suportes para que ela possa ser melhor estudada e melhor guardada. Nós temos também a questão sempre falada, pensada, mas nunca sistematizada da identidade regional, ser ativada, estimulada, a partir da história regional ensinada nas escolas. É fundamental que os alunos possam ter acesso a uma história tão digna, e tão formadora da sua identidade. É importante não deixar que nossos símbolos e nossos rastros do passado sejam apagados.

No plano da academia, este Simpósio aponta para a necessidade urgente e cada vez mais de promovermos encontros e reuniões que fossem ao encontro de outros personagens, de outros atores que gravitaram em torno do Padre Cícero. Nós temos figuras que começaram a inventar uma forma nova de viver a religião no Vale do Cariri, como o Padre Ibiapina. O grande mentor de uma nova teologia, aqui nos sertões de dentro. E também é importante que se resgate dos lugares de compilação da memória e da história oral, como o Instituto de Pesquisas José Marrocos que foi o órgão criado a partir do primeiro Simpósio e que foi desativado nestes últimos anos e que agora, está nos planos da Academia a sua reativação. O Instituto de Pesquisas José Marrocos nasceu à força dos gritos de juazeirenses como Daniel Walker, Renato Casimiro, Ir. Annette, Ir. Ana Teresa, Boaventura, e tantos professores de Juazeiro que fizeram valer esse desejo.

Da Academia também se espera a criação do curso de Ciências Sociais, que estamos em vias de elaboração, para que se possa ter uma visão ampliada de todos os fenômenos que se encontra nesta região.

Gostaria de neste momento, em nome da Universidade, agradecer a todos que colaboraram com esse evento. Da sua organização superior, até aquele mais humilde servidor que está aqui, nestes quatro dias, ajudando na realização deste conclave.

Muito obrigado.



70
ANOS

CELEBRAÇÃO DA PASSAGEM
MEMÓRIA DA PRESENÇA

P. Cícero

DO JUAZEIRO

E... QUEM É ELE?

III SIMPÓSIO INTERNACIONAL

ANEXO

CORRESPONDÊNCIA DO PE. OU MONS. ANTÔNIO ALEXANDRINO DE ALENCAR

Quando Era Vigário da Paróquia do Crato

Trechos das cartas que se referem ao Juazeiro e ao Padre Cícero

CPR (Centro de Psicologia da Religião) Juazeiro do Norte-CE

Annette Dumoulin
Ana Tereza Guimarães

APRESENTAÇÃO DAS CARTAS DE MONS. ALEXANDRINO

O III Simpósio Internacional sobre o Padre Cícero do Juazeiro: "E... quem é ele?" procurou, no primeiro dia dos trabalhos, que os conferencistas reconstituíssem e expusessem o CONTEXTO onde viveu o Padre Cícero. Usaram para isso, entre outros documentos, as cartas de Mons. Alexandrino. E por que especialmente as cartas de Mons. Alexandrino? Por que era ele o vigário de Crato, paróquia à qual pertencia a capela de Juazeiro, e praticamente o único informante oficial, das coisas de Juazeiro, para o Bispo de Fortaleza, D. Joaquim José Vieira.

Com a devida licença do atual bispo diocesano de Crato, D. Fernando Panico, estamos, pois, publicando em anexo estas cartas para que os interessados tenham acesso mais facilmente, à fonte original que deu suporte às conferências do primeiro dia do Simpósio.

CORRESPONDÊNCIA DO PE. OU MONS. ANTÔNIO ALEXANDRINO DE ALENCAR

1892

15-02-1892 = CRA¹ 14,104

Jo² "...O P^e. Cícero, no dia de minha chegada veio, à noite, do Joazeiro somente visitar-me. Attendendo ao que V.E^{xcia} recommendou-me, não entreguei o offício à elle o que farei na primeira oportunidade. Tenho guardado a maior reserva possível sobre o que pretendo fazer em observancia das intrucções contidas no memorial que V.E^{xcia} me deo. Espero em Deus cumprir (...) tudo quanto V.E^{xcia} me prescreveo..."

16-02-1892 = CRA 14,106

Jo² (nada sobre Padre Cícero: fala do P^e.J^m.Sother como coadjutor)

29-02-1892 = CRA 04,03

Jo (1^a iniciativa da 2^a Comissão): "P.C diz que só não entregava os panos porque V.E^{xcia} queimal-os-ia; e como tinha convicção de que alli estava o sangue de Cristo, não podia admitir que ele fosse profanado. Contestei tão monstruoso erro expondo a doutrina de S. Thomas. (...) Acrescentou ele: Para curvar-me à S.Tomas, seria preciso que ele provasse primeiro que Deus é impotente para fazer aparecer o seu próprio sangue como no Juazeiro...O que tem feito o Padre Cícero perder a cabeça é a credulidade infantil nas beatas..."

06-03-1892 = CRA 14,96

Jo (Fala da tristeza do fechamento do Seminário). "O P.C., no 8^o dia depois da entrega do Offício entregou os pannos. As medidas tomadas por V.E^{xcia}, inclusive a da entrega dos referidos pannos vai arrefecendo pouco a pouco o enthusiasmo do povo d'esta freguesia pelos factos occorridos no Joazeiro. Sempre que se offerece oportunidade, eu provo com a Theologia e nomeadamente com S.Thomaz ser um grosseiro erro theologico affirmar que é de Cristo o sangue apparecido nas communhões de Maria de Araújo. Algumas pessoas, ouvindo minha argumentação, se tem convencido."

10-03-1892 = CRA 14,100

Jo "O P.C., depois de haver entregado os pannos, appareceu aqui, e empenhou-se commigo para escrever a V.E^{xcia}, pedindo para não inutilizar ou queimar os referidos pannos, e sim conservá-los em lugar decente e apropriado. Neste sentido não me atrevo à pedir nada à V.E^{xcia}, apenas digo que, não havendo inconveniente, eu desejaria que elle fosse satisfeito, ao menos por algum tempo. Depois da entrega do Officio, o P.C. tem cahido em grande abatimento, e isto pelo sacrificio que fez entregando os pannos." (Depois Mons.Alexandrino fala da reabertura do Seminário, do Pe.Quintino, Sother e do Sacrário da Igreja.)

21-03-1892 = CRA 14,112

Jo "Há muito estão em meu poder os pannos e toalhas ensanguentadas vindas de Joazeiro e Casa de Caridade. Foram por mim tiradas da caixa de vidro e collocadas no sacrário do Seminário

¹ CRA (Diocese de Crato, lugar onde foram encontrados os documentos), refere-se à catalogação usada no CPR. O número antes da vírgula refere-se à pasta em que está arquivado o documento. O número depois da vírgula, é do próprio documento.

² Jo = Dom Joaquim, Bispo do Ceará

que está na capella do Sacramento desta Matriz, no que não há inconveniente, porque o sacrário da mesma, como disse em uma de minhas anteriores cartas, acha-se actualmente no altar mór. Os pannos são tão numerosos que, sendo encerrados em uma caixa, como V.E^{xcia} determinou, esta não poderá por modo algum entrar no sacrário. Estão, pois, guardados n'elle fora da caixa. A de vidro em que estavam ainda não foi por mim enterrada por falta de oportunidade o que farei logo que appareça (sic) o perigo de ser observado pelos curiosos. Por motivos imperiosos, ainda não se fez experiencia na communhão de Maria de Araujo. Esta beata foi tomar a benção da mãe d'ella no Joazeiro há uns dez dias e lá se conserva doente. Aguardo a volta d'ella para fazer a primeira experiencia. O P.C. recusa-se absolutamente à tomar parte n'ella bem como à mandar as prophcias, dando por pretexto estarem bem provados os factos do Joazeiro. O juizo que V.E^{xcia} faz deste Padre depois d'aquelles factos está perfeitamente de accordo com o meu.... Agora, uma explicação sobre a minha última escrita. A pedido do Pe.Cícero, me empenhei pela conservação dos pannos quando estes chegassem na Capital. Só o fiz por insistencia d'elle, pelo que se V.E^{xcia} extranhou o meu pedido, digne-se V.E^{xcia} de por sua bondade desculpar-me.

02-05-1892 = CRA 04,04

Jo (Conta o roubo dos pannos.) "P.Cícero aqui estáva e mostrou-se ao saber tal notícia afflictissimo... As suspeitas nesta cidade recahem mais sobre J. Marrocos, mas não há provas... Eu estou com minha consciência tranquila, mas se V.E^{xcia} me considera culpado, pode impôr-me a pena de que me julgar merecedor... Vivo disposto a ser martir da obediência... A Maria de Araújo dá-se muito mal de saúde na Casa de Caridade e quando está em Juazeiro, passa muito melhor; disto tenho plena certeza... entretanto se V.E^{xcia} exigir...Esta beata depois de minha chegada tem se comportado muito bem relativamente a obediencia para comigo e V.E^{xcia}. Nas experiências portou-se muito bem. Ainda não pude me convencer de que houvesse embuste em tudo quando se tem passado com ella aqui... Ainda sobre Maria de Araújo. Ela tem melhor espírito do que o Padre Cícero; pelo menos, é humilde e obediente..."

09-05-1892 = CRA 04,05

Jo " Eu com o Pe. M^{el} Candido na presença do Pe.Quintino, Pe. Sother e alguns seculares fizemos as experiências nas comunhões de Maria de Araujo, experiencias cujo resultado foi por nós remettido por positivo no dia 22 de Abril suppondo que este ainda encontrasse V.E^{xcia} n'essa Capital. Este mesmo positivo levou a desagradável notícia do roubo dos pannos que só poderião ter sahido do Sacrário com chave falsa o que verifiquei depois, não só por que a fechadura estava perfeita e o sacrario trancado, mas também por que encontrei vestigio de cêra branca em que foi tirado o molde para por elle ser feita a chave. Eu disse na última carta por mim dirigida à V.E^{xcia} que aqui e na Barbalha se dizia que o Pe. Antero viera ao Cariri, isto é, ao Joazeiro, buscar os pannos; mas soube disto depois que verifiquei terem sido roubados. Agora tive conhecimento de que não era falso este boato, como V.E^{xcia} verá do documento que junto remetto escrito pelo Pe. M^{el} Candido e assignado por mim e muitas pessoas, a saber conductor de um grande fardo com destino ao Pe.Antero. Ainda não pude saber quem os tirou do sacrário, mas para mim é liquido ter havido conivencia do Pe.Antero no roubo dos pannos, e se acharem estar no poder d'elle. Se eu vier, como espero, à descobrir o indivíduo que com mão sacrilega roubou os pannos da Capella do Sacramento, eu darei sciencia à V.E^{xcia} logo que apparecer oportunidade. Consta-me que o Padre Cícero tirou um conto e quinhentos mil reis ou mais para a viagem do Pe.Antero à Roma, e me afirmou pessoa fidedigna que o Pe.Antero seguiu d'esta para a semana seguinte. Já duas vezes verberei o procedimento de muita gente d'esta terra cuja religião consiste somente em seguir cegamente o Pe.Cícero e não V.E^{xcia} a quem não

ANEXO

tributão o devido respeito. De accordo com o Pe. M^{el}.Candido, continuo como elle a profligar o erro, expondo a verdadeira doutrina. Irei entender-me com o Padre Cícero n'estes dez dias, e então perguntar-lhe-hei quando deve seguir o Pe.Antero, no caso d'este ainda achar-se no Icó. Fico entendido do que me disse V.E^{xcia} relativamente aos moços que pretenderem seguir para o Seminário do Rio (...) Ia -me esquecendo de dizer o seguinte= Alguns boatos d'aquí falam esta linguagem: Acredito mais no Pe.Cícero do que no Bispo; Porque o Pe., o que faz é mandado por Deus com quem conversa e o Bispo não (...) NB. O que disse do Pe. Antero baseia-se no roteiro que à esta acompanha, por isso affirmei não ser falso, ou antes não ser destituído de fundamento o boato que correu e corre aqui e na Barbalha. Todavia deixo ao critério e perspicacia de V.E^{xcia} o julgar à vista do mesmo roteiro se há culpa no referido Pe. à quem não quero accusar porque não tenho critério de nada em semelhante negócio.

15-05-1892 = CRA 04,06

Jo. "Este é a terceira carta que à V.E^{xcia} dirijo, referindo-me ao fatal acontecimento que em fim do mês passado se deu na Matriz d'esta Cidade. Acompanhou a segunda carta um documento que parece indicar o lugar em que se achão os pannos. A esta acompanhão novos documentos sendo para notar que vão dois de Francelino beato, o primeiro sem juramento e o segundo com elle, alvitre de que lancei mão para obrigar-o à falar a verdade o que apesar disso não fez. Hesitei a exigir juramento, porque não tinha para isso comissão; mas como tratava-se de um facto grave, e era difficilissimo recorrer ao meu superior, e por outro lado receiava que o tal beato se evadisasse, assuntei em chamal-o à juramento. - Quem assistiu ao depoimento ficou convencido de que o beato fallou a verdade. O depoimento de M^{el} Francisco Lyra, já remettido merece todo peso. Por isso chamo para elle a attenção de V.E^{xcia} não esquecendo de chamal-o tambem para o de Liberato José de Maria que refere-se ao beato Francelino, portador dos pannos segundo se evidencia do depoimento de Lyra, companheiro de viagem. Deixo à sabia e criteriosa apreciação de V.E^{xcia} o julgar de tais documentos. Ainda não fiz com a Maria de Araujo a experiência marcando as particulas, por que depois das experiências nas communhões, sahiu para o Joazeiro d'onde mais não voltou. Fal-a-hei opportunamente bem como o mais que V.E^{xcia} recommendou e de tudo darei sciencia à V.E^{xcia}. A questão do Joazeiro tomou tanto vulto por causa de J. Marrocos com quem infelizmente o Pe Cícero tem estreitas relações. Só de viva voz, poderia expor tudo à V.E^{xcia}. Voltando ao primitivo assumpto; quem assistiu ao depoimento do beato, ficou acreditando que elle foi insinuado. Este infeliz chegou à affirmar que não reconhecia a V.E^{xcia} como superior. Assim se tem formado o espirito do povo desta terra. O Pe M^{el} Candido está sendo a espinha de garganta do povo d'esta Freguesia cujo fuchico, permitta V.E^{xcia} a expressão, em matéria de religião não se pode descrever. (...) Appendice à carta de 15 de Maio 1892: depois de feita a carta supra, conversando eu com pessoa saliente d'esta cidade, prometeu-me de contar-me muitas particularidades relativas aos factos do Joazeiro. Na opinião d'elle, tudo que há occorrido alli não passa de um embuste grosseiro, e comprometteu-se a opportunamente revelar-me, digo, a demonstrar o que affirmou. Assim acontecendo, tomarei minha notas e remettel-as hei depois a V.E^{xcia}. Espero em Deus que não tardarei a vêr desmascarados os fanáticos d'esta terra. Deus tarda mas não falta."

18-06-1892 = CRA 14,108

Jo "Tenho presente a presadíssima carta de V.E^{xcia}, datada de 4 de junho, por mim anciosamente esperada. Fiquei contentíssimo, recebendo-a, e a sofreguidão com que a li não se pode descrever, e o prazer que depois disto senti inundou minha alma desde o dia 22 de Abril passado saturada de amargura. Receiava ter errado, apesar dos esforços por mim feitos para que tal não acontecesse. V.E^{xcia} approvou o meu procedimento, eis o balsamo de consolação de que precisava

para seguir impavido o meu caminho. Exmo Sr. depois do recebimento da carta de V.E^{xcia}, não vi mais o Pe.Cícero; mas por intermédio do Pe.Sother fiz ver a elle que seria castigado em penas canonicas se até o fim do corrente mês não apparecessem os pannos roubados da Matriz. A resposta que deu é que não sabia quem os havia roubado e muito menos onde estavam elles. Até agora nada de notícia certa sobre o lugar onde estejam. Vão com esta as copias dos depoimentos de Manoel Francisco de Lyra e Liberato José de Maria pedidos por V.E^{xcia}. Cumpre-me communicar à V.E^{xcia} os ultimos factos occorridos no Joazeiro. As Romarias para este lugar nunca foram tão numerosas, digo, estão sendo tão numerosas que causa espanto. Parece impossível acabar com affluencia de povo naquella Capella. Tem vindo romeiros de Alagoas, Escada, Pernambuco, Theresina, Bahia, Amazonas e até das fronteiras do Perú. Alguns Padres de Recife escreveram ao Padre Cícero disendo que viriam visitar o Joazeiro acompanhados de Monsenhor D. João Esberald, Bispo de Pernambuco. Digo isto para que V.E^{xcia} fique de sobreaviso. Outra notícia. O Pe Cícero Torres, que o anno passado visitou o Joazeiro, publicou uma brochura na qual tenta provar com a Theologia ser sangue de Christo o que no Joazeiro tem manado das hostias consagradas. Não pude lêr o folheto que foi remettido pelo Dr. Pe Torres à Monsenhor Monteiro. Aquele Padre é Vigário de Agua Branca no Estado de Alagoas. Outro assumpto. Em dias de Maio p.passado, tendo recebido a communhão uma beata Maria das Dores, logo depois a Sagrada forma se transformou em sangue não in totum, mas em parte. O Pe.Cícero procurou occultar o facto occorrido na Capella do Joazeiro, foi quem com muito reserva me deu a notícia. Com a Maria de Araujo nada se deu depois da minha chegada aqui senão o derramamento de sangue da cabeça della na occasião em que se confessava, isto me affirmou o Pe. Sother. A transformação da Hostia em sangue na comunhão de Maria das Dores não foi instantanea, mas lenta, como tem sido todas as outras. Por falta de oportunidade ainda não colhi as revelações de pessoa saliente d'esta cidade que prometteu fazer o histórico dos factos de Joazeiro. Talvez remetta-as pelo Pe. M^{el} Candido que seguirá para a Capital no dia 4 de julho proximo vindouro.... V.E^{xcia} pode dar ordem para serem dois calíces com duas patenas que d'aqui remetti pelo portador que conduziu o resultado das experiencias nas communhões de Maria de Araujo. Ainda sobre os pannos. Que si todo povo d'esta cidade attribui o roubo d'elles à José Marrocos e dizem que só elle era capaz de semelhante attentado. Quando se fez a 2ª ou 3ª experiencia nas comunhões, sabendo que não deram resultado algum, calculou talvez que seriam destruidos os pannos, e então tratou de roubál-os eis o que geralmente se pensa. Se este homem que é um verdadeiro genio do mal aqui não estivesse desde o começo da questão do Joazeiro, as cousas teriam tomado outro caminho...."

28-06-1892 = CRA 04,07

Jo "...talvez eu não tenha sido claro e explicito, quando em uma de minhas cartas anteriores referi a vinda de Pe. Dr Antero ao Joazeiro porque escrevi corrente calamo, mas procurando ser fiel na exposição da verdade. Vou, por isso, dizer com exactidão o que sei: É certo que o mesmo Rvmo Dr conferenciou com o Pe.Cícero no Joazeiro antes do Domingo da Páscoa; o que não sei com certeza é se foi antes das vindas dos pannos ensanguentados do Joazeiro para esta cidade. A demora do Pe Dr Antero foi de uns dois dias mais ou menos. Todo o mundo sabe que elle alli esteve e o próprio Pe. Sother (Jm) esteve com elle algumas horas. Esta é a verdade. Depois da volta do Rmo. Dr. para o Icó, appareceu um boato vindo de Barbalha mas que talvez já circulava aqui, que elle veio com o fim de conduzir os pannos. Este boato, junto ao depoimento de Lyra, me fez nascer a suspeita da connivencia do Pe. Antero no desaparecimento d'elles. O Dr Siqueira, Professor aposentado e C^{el} Juvenal digo, Professor aposentado M^{el} de Penha Carvalho de Brito e Coronel Juvenal de Alcantara Pedroso me disseram que o Pe Dr Antero chegando em Pernambuco, encontrou lá o sobrinho vindo

de Roma. O mesmo Siqueira estando commigo à sós fez a seguinte reflexão. O Pe Antero quis engarofar ao Sr Bispo e ao publico. Elle não foi ver o sobrinho em Roma, mas tratar de negocio do Joazeiro onde está se empenhando em nome da religião. Disse mais o mesmo Siqueira e algumas pessoas sabem que aqui foi fabricado um sonho com o fim de dispôr bem o Santo Padre em favor de Joazeiro. O sonho foi o seguinte. Disse uma das beatas que o Cardeal Pecci havia apparecido à ella, pedindo suffragios por sua alma delle. Os suffragios foram feitos e affirmou a beata ter ido ao Ceu o referido Cardeal. Corre por aqui que Leão XIII teve noticia d'isto, chorou e ficou bem disposto em favor da causa do Joazeiro. O sonho ou visão foi preparado aqui, diz elle Siqueira e o medium foi a beata, não sei se Araujo se outra. Fui informado de que a tal visão foi levada no conhecimento do Sumo Pontífice pelo sobrinho de Pe Dr Antero ou com a intervenção d'elle sobrinho. Cumpre-me communicar a V.^{Excia} que o sobrinho do Pe Antero estava em Pernambuco no fim do mês passado para o começo d'este, segundo me affirmou o Professor M.^{el} da Penha, que do Recife chegou à dois dias. Este professor teve uma conferencia com Monsehor o Exmo Bispo D. João Enberard que o interrogou sobre os factos do Joazeiro. O Professor expos o que sabia, não ligando o Prelado muita importancia aos factos por elle narrados. Procurou saber do D. João Enberard a opinião delle sobre o assumpto, mas nada conseguiu. Outro assumpto. De Maio pra cá são quase innumeraveis os romeiros que de diversos Estados do Brasil affluem para o Joazeiro. Quase sempre trazem esmolos entre as quais algumas de mais de conto de reis. Não se pode fazer um calculo certo do dinheiro que entra para o Joazeiro, mas o que é fora de dúvida é que muitos contos de reis tem sido alli recebidos do anno passado para cá. Só o Barão do Pajihu deu 300#000 em dinheiro e 30 bois. O Pe.Cícero pediu esmolos para a viagem do Pe.Antero não sei quanto tirou; o que me consta é ter uma pessoa d'elle andando n'esta cidade com uns quatro contos (4.000.000) para serem trocados por prata ou ouro afim de o mesmo Rvmo Dr Antero fazer a viagem. (...) O meu maior desejo, Exmo Sr. é cumprir sempre e fielmente todas as ordens emanadas dessa Cadeira Episcopal a quem acato e venero como legitima representante de Deus sobre a terra. Se cometer alguma falha contra a obediencia, será por ignorancia e nunca por malicia. Sic Deus me adjuvet.

14-07-1892 = CRA 04,08

Jo "Tenho em meu poder 3 cartas.... Respondo a primeira. Remettendo inclusa a exposição dos factos occorridos com Maria de Araujo desde a partida do Pe Jm Sother para a Capital em janeiro do corrente ano. Respondo a segunda em que V.^{Excia} fala em uma moça de Aracaty que procurou imitar Maria de Araujo, declarando a V.^{Excia} que por aqui já se contava maravilhas d'ella. Acha-se actualmente no Joazeiro onde não sei se terá de demorar. A D.Janoca do Icó contou nesta cidade à quem quis ouvir que n'aquella moça, bem como em outras cinco e um rapaz confessados pelo Pe.Clicerio, se tem dado a conversão da Hostia em sangue. As revelações já foram remettidas por mim, sendo portador Pe.M.^{el} Candido. No dia do Corpus Christi expus a doutrina da Igreja sobre a Eucharisita e fiz ver a meus parochianos ser impossível que o verdadeiro sangue de Christo manasse das Hostias ensanguentadas. A pratica que fiz causou sensação. Fallei sobre este assumpto por causa do dia e por julgar opportuno. Sempre que há ensejo declaro ser impossivel ser sangue de Christo o que tem sido presenciado nas comunhões de Maria de Araujo."

Factos occorridos com a Maria de Araujo desde a partida do Pe Jm Sother em janeiro d'este anno para a Capital. De janeiro para Fevereiro do corrente anno, ausente o Padre Sother, derão-se dois de crucifixão em Maria de Araujo. Depois do consternado extasi appareciam estigmas na cabeça, mãos, pés e lado esquerdo, jorrando de todos esses lugares sangue em abundancia. O Pe Vicente Sother presenciou ambos os factos. Foi só isto o que presenciou a superiora da Casa de Caridade. Agora o Pe Joaquim Sother. No mez de julho quando confessava Maria de Araujo, viu uma vez

correr-lhe sangue do rosto e uma das mãos e de outra vez, ainda no acto da confissão, viu correr sangue do rosto em grande quantidade. No dia de Corpus Christi e em toda oitava appareceu sangue nas communhões de Maria de Araujo, exceptando o dia intra octavam e o dia da oitava. Foram seis, por conseguinte as comunhões. Eis as informações que pude colher... Os dois casos de crucifixão me foram narrados pela Superiora que os presenciou bem visivelmente.

09-08-1892 = CRA 04,09

Jo ...”V.E^{xcia} limitou-se à pedir que eu obtivesse do Dr Siqueira e Cel Juvenal suas próprias firmas nas revelações que fizeram e de que conservo a copia. Estes illustres cavaleiros com quanto confessassem ter sido eu fiel na exposição dos factos que me revelaram, quizeram contudo redigir cada um o seu depoimento, sendo que não altera a substancia das revelações que mandei apezar de haver differença na forma. Pois bem! O que V.E^{xcia} desejava eu consegui sem difficuldade. O Dr Siqueira e C^{el} Juvenal não só assinaram mas até juraram nos Santos Evangelhos ser verdade tudo o que affirmaram em seus depoimentos. Louvado seja Deus. Convem notar que ambos se prestaram com muito gosto e me autorizaram a dizer a V.E^{xcia} que, em relação aos factos do Joazeiro, estão dispostos à prestar a V.E^{xcia} os serviços que V.E^{xcia} julgar convenientes. Não fiquei com a cópia dos dois depoimentos por falta de tempo para copiar. ... o C^{el} Juvenal só quis depôr depois que fosse ao Joazeiro observar novos milagres que há muitos dias estão em scena. La foi o Coronel e o que por lá viu, declara no depoimento. Fui também no Joazeiro no dia 4 do corrente para ver o que por la se passa e mesmo ver se colhia alguma cousa do Pe.Cícero no tocante a viagem do Pe Antero. Perguntei-lhe com certa habilidade em que estado estava a questão e se tinha recebido alguma communicação do Pe.Antero.Respondeu que não e me parece que falou com sinceridade. Consistem os tais milagres na exsudação sanguinea de crucifixos de metal massiço e na sahida mysteriosa ou miraculosa de hostias do interior do mesmo crucifixo, factos que se dão à noite e nunca de dia que eu saiba. Desde o dia de minha chegada à esta Freguesia ainda não vi um só facto que me maravilhasse. Fui ao Joazeiro, e tudo o que vi, me pareceu uma farça immoralmente urdida e pessimamente executada. Convem declarar a V.E^{xcia} que quatro beatas, a saber Maria de Araujo, Maria das Dores, Maria Caminha e Maria da Soledade são as que apresentam os crucifixos sanguinolentos. (...) Já disse e repito. V.E^{xcia} conte sempre comigo, não só porque é um dever de obediencia, mas tambem por que cada dia me convenço de que não há nada de serio, nem de maravilhoso nos factos do Joazeiro onde tenho estado muitas vezes com olho attento e desprevenido. Muitas pessoas entusiastas d’aquelles factos já estão inclinadas e outras estão se inclinando para o nosso lado. (...) Faltou-me dizer a V.E^{xcia} que Maria de Araujo no dizer dos Padres Cícero e Sother também tinha diversas vezes extasis não só quando apparecia sangue nas hostias consagradas mas também em outras comunhões e mesmo fora dellas. Sempre ou quase sempre que apparecia sangue na Communhão soffria ou sentia extasis.

15-08-1892 = CRA 04,10

Jo “Nada fiz do que V.E^{xcia} recommendou na primeira (carta do 1º/08) porque foi ontem que recebi-a. Apenas disse ao Padre Cícero hoje no Joazeiro, de ordem de V.E^{xcia}, que elle não podia e nem devia, sem licença de V.E^{xcia} por escripto, contruir edificio religioso e nem esmolar para tal fim nesta Diocese. Quanto ao mais porei tudo em execução de conformidade com as ordens de V.E^{xcia}. Sciente dos motivos por que foi suspenso o Padre Cícero, fui, hoje mesmo, ao Joazeiro entregar a elle o officio e Portaria de suspensão. Recebeu-a as 5 h. e meia da tarde de hoje. Não recebeu a intimação com a calma que era de esperar. Apenas correu o boato que entre as beatas estas fizeram grande alarido, e muitas d’ellas começaram à derramar torrentes de lagrimas. Assim deixei-as logo que me pus a caminho para esta cidade. Farei tudo o mais que se acha V.E^{xcia} recommendado na carta

do 8 do corrente. Vai o certificado de haver entregado pessoalmente o officio e Portaria de suspensão ao Padre Cícero.”

31-08-1892 = CRA 04,11

Jo “... Sciente dos motivos por que V.E^{xcia} resolveu ultimamente, digo suspendeu o Pe.Cícero, vou communicar a V.E^{xcia} os effeitos da suspensão quer no Padre, quer na população. O Padre apenas recebeu a portaria de suspensão, ajoelhou-se beijou o chão depois de haver dito as seguintes palavras: “Eu offereço tudo a Nosso Senhor.” Levantou-se em seguida, ficou só por uma meia hora porque eu tinha ido baptisar tres crianças. Quando voltei, encontrei-o um pouco agitado. Mostrou os considerandos e disse que não eram verdadeiros. Dois dias depois exigiu do povo que não falassem de V. E^{xcia}, que era Príncipe da Igreja e Superior de todos. Grande parte da população d’esta freguesia (talvez a maior parte) mostrou-se bastante indignada quando soube da notícia de suspensão. Algumas pessoas das mais gradas da Freguesia estavam se preparando para falar de V.E^{xcia} pelos jornais. Sabendo disto, entendi-me com elles e pedi-lhes que tal não fizessem, visto como V.E^{xcia} não tenha mais do que exercido uma função propria de sua alta dignidade. Também falaram em representação; mas eu fiz-lhes vêr que não era tempo, porque a questão do Joazeiro não estava próxima de seu termo d’ella. Exmo. Sr. é bem diffícil a minha posição n’esta freguesia actualmente porque devo por um lado cumprir todas as ordens de V.E^{xcia} e pôr em actividade minha fraca cooperação no intuito de desmascarar o negócio do Joazeiro, e por outro lado conservar-me ou antes portar-me de um modo tal que não suponham os fanáticos d’aquí que eu estou hostilizando o Pe. Cícero. Se de tal se convencessem, talvez me estrangulassem. Fui ao Joazeiro de proposito para ver se colhia alguma cousa do Pe.Cícero, relativamente a carta do Pe. Antero vindo de Roma. Disse-me apenas que o R^{do}. Dr. nada havia conseguido por que havia chegado há pouco; mas que estava com esperança de victoria. Até agora nada revelaram as beatas que servisse para aclarar as cousas que pelo Joazeiro se tem dado. Estive em conversa com Jahel que nada me revelou, mas prometeu vir a esta cidade para se entender commigo. Si ella revelar-me alguma cousa de importante, eu darei sciencia à V. E^{xcia}. (...) Outro assumpto. Parece-me que alguém informou que no Joazeiro se dava irregularidade, e eu era à ellas indifferente. Eu vou explicar-me. Em pontos de Doutrina, nunca transigi e nem cedi uma só linha. Em pontos de disciplina fui um pouco tolerante no sentido de ser mais util a V.E^{xcia}, visto que, assim procedendo, não mostrava prevenção e poderia colher alguma cousa de importante. Estas pequenas irregularidades foram desaparecendo pouco a pouco sem abalo por cousa de minha prudência. Se erreí, peço desculpa. O Pe. Cícero, que eu saiba, depois de minha chegada n’esta freguesia, nada pregou contra o ensino da Igreja. Os factos de Aracaty me causaram espanto, e ao mesmo tempo me encheram de commiserção para com o Pe. Clicerio, meu antigo lente à quem eu venerava. Nunca suppuz que elle cahisse no ridículo, como aconteceu. Santo Deus, acode-nos (...) Não fiz experiência das partículas assignaladas por que me pareceu inexequível attendendo ao seguinte. Que são as beatas da Casa de Caridade que fazem as hostias e preparam as particulas. Seria preciso avisal-as de não pôrem particulas na lata que costuma conter as hostias, e não haveria assim a reserva e segredo necessários para o bom éxito da experiência. Irei tentar para ver se consigo fazer o que V. E^{xcia} deseja. Como V. E^{xcia} falou no comportamento dos Padres do Ceará no começo da questão do Joazeiro, vou dizer qual foi o meu procedimento n’aquelle tempo. É certo que não estive em campo contra os factos do Joazeiro, mas nunca acreditei n’elles como a V. E^{xcia} informou o Pe. Quintino. O Pe. enganou-se. A minha incredibilidade era tão conhecida dos Fregueses do Quixada que de lá, quando eu era vigário, veio apenas pequeno numero de romeiros. O Pe. Bemvindo que esteve comigo no Quixada sabe da minha opinião e modo de pensar à respeito dos mencionados factos. Tenho lembrança vaga de

haver V. E^{xcia} prohibido dar mantos a beatas. É isto exato? Desejo saber para poder cumprir as determinações de V.E^{xcia}. Adverti o Pe. Cícero que V.E^{xcia} não consentia elle esmolar n'esta Diocese sem licença por escripto e nem fazer construção de edificio religioso. Mas elle continua a receber esmolas que lhe vem trazer romeiros d'esta e outras Dioceses, e mesmo depois de suspensão, já tem falado em esmola. O número de romeiros está sendo reduzissimo depois que correu a notícia da suspensão. (...) Já ia me esquecendo: em carta de 12 de Agosto, V.E^{xcia} exigio informação que vou dar sendo algumas incompletas pela falta de dados os quais ainda espero obter. Informou-me o Pe.Cícero e o Pe.Sother que Maria de Araujo tinha extases sempre que apparecia sangue nas particulas consagradas. Os exemplares dos folhetos intitulados Milagres do Joazeiro foram vendidos de 400 a 10000. Ainda não pude saber quais foram todos os vendedores. Farei indagações n'este sentido e direi tudo depois a V.E^{xcia}...."

16-09-1892 = CRA 04,12

Jo "Tenho presente a carta de V.E^{xcia} datada de 19 do corrente passado na qual V.E^{xcia} se occupa quase exclusivamente de negócios do Joazeiro. Depois de havê-la recebido escrevi à V.E^{xcia} mas mui laconicamente por affluência de serviços inadiaveis. Antes de tudo, devo declarar a V.E^{xcia} que a suspensão não produziu o effeito que V.E^{xcia} esperava. Continuam as romarias em larga escala e o dinheiro que deixam no Joazeiro é incalculável. Os menos exagerados affirmam terem entrado n'aquelle lugar dezenas de contos. Depois que fiz ver ao Pe.Cícero que elle não podia pedir esmolas sem ordem de V.E^{xcia} por escrito, vi elle pedir esmola uma vez. Convem notar que quase todo dinheiro é dado pelos romeiros espontaneamente. O Pe Cícero sentiu muito a suspensão mas não humilhou-se como devia. Não quis imitar o Monsenhor Monteiro a quem, na prática da humildade, nenhum sacerdote que eu conheça leva vantagem.As beatas de manto e chale e em geral as frequentadoras dos sacramentos sentiram muito a suspensão do Padre Cícero, mas não tanto quanto a prohibição de se confessarem no Joazeiro. Estas devotas não se confessam commigo, talvez por saberem que eu não acredito nos tão decantados milagres do Joazeiro. (...) Não pude ainda arrancar das beatas uma revelação se quer que tornasse patente o embuste. Tenho usado de diversos meios, mas sempre improficuamente, ora no Joazeiro onde tenho ido com frequencia, ora aqui. Fui com o Padre M^{el} Candido e Quintino a Casa de Caridade onde pus em prática o que V.E^{xcia} determinou, e nada consegui da Beata Antonia à quem interroguei sobre a procedência das particulas que apresentou aos Padres da commissão e outras cousas mais, e nesses pontos só obtive o seguinte: que as particulas foram dadas à ella por Nosso Senhor J.Christo, como havia dado em outras muitas sendo as ditas particulas sempre commungadas pello confessor d'ella, que a dirigia antes da vinda da Commissão o ano passado. Fiz-lhe ver que era isto impossível e que se falasse a verdade continuaria na Casa de Caridade, e se não, seria d'ella expulsa, isto depois de haver empregado meios suasórios. Oito dias depois, prazo que julguei sufficiente, chamei-a de novo e ella affirmou a mesma cousa e disse que se cem vezes fosse interrogada, cem vezes diria a mesma cousa, embora fosse expulsa da casa. Quando tive oportunidade de conversar com as beatas mais notaveis do Joazeiro, já ellas sabiam do embuste descoberto no Aracaty, União d'onde eu concluo que ficaram de sobreaviso. O Padre Cícero hoje me affirmou que o Santo Padre era favorável ao negocio do Joazeiro. Perguntei-lhe como sabia disto; respondeu que tinha disto certeza. Nada mais pude colher e fiquei supondo ser isto revelação de alguma beata e não notícia pelo Padre Dr. Antero. Tenho notado que os romeiros em geral, são de um fanatismo sem nome. Os naturais d'aqui, excepto aquelles que cercão o Padre Cícero, estão mais modificados à respeito do Joazeiro, embora estejam revoltados com a suspensão do Padre Cícero como já noticiei a V.E^{xcia}. Os novos milagres, isto é, o

apparecimento de sangue no crucifixo desacreditaram muito o Juazeiro, subindo de ponto o discredito quando começaram a ser vistas hostias pintadas em algumas das quais se via coração com as letras J.H.S. O Senhor Aderson Fmº com quem estive há pouco me disse que mandara artigos para o Combate expondo simplesmente os factos que observou em diversas vezes que foi ao Joazeiro. Este moço me aconselhou que escrevesse ao Pe.M^{el} Candido avisando-o de não vir ao Joazeiro; porque se tal fizesse – seria desacatado. A respeito da qualidade do sangue dos pannos ensanguentados nada mais pude colher. Com prudencia e sem abalo pude devagar acabar com pequenas irregularidades que até há pouco se observavam no Joazeiro sem que alguém ficasse prevenido contra mim. Com a annexação da Freguesia de São Pedro à esta do Crato aumentou consideravelmente o meu trabalho e o do Coadjutor, principalmente porque o Padre Cícero, suspenso, não confessa nem dá sacramentos aos enfermos. O estado sanitário d'esta freguesia é actualmente pessimo. Tem se desenvolvido uma epidemia de pleuris de um modo espantoso n'esta cidade e Freguesia. Em tres dias fizemos 25 comunhões in articulo mortis sendo a maior parte dellas no Joazeiro. Se ao menos o Padre Cícero pudesse confessar enfermos e sacramentá-los quando não estivessemos. (...) Em tempo: se a Beata Antonia não quizer descobrir a procedencia das hostias que deu aos Padres da Commissão, devo sempre manda-la embora da Casa de Caridade? Pergunto isso porque V.E^{xcia} só mandou ameaçar. Por aqui se diz que o Padre Cícero dera a um amigo d'elle residente n'esta freguesia 20 contos de reis para empregar em generos. Não pude obter d'isto certeza....”

20-09-1892 = CRA 14,111

Jo “Causou-me verdadeira especie a narração das artimanhas das beatas da União, feitas por V.E^{xcia}. Não pude, com os meios que empreguei, ser tão feliz como o Pe.Agostinho. A vida activíssima que levo no trabalho da Freguesia e o recato em que vivem as beatas do Joazeiro ou antes a esquivança dellas para comigo, porque sabem que eu não dou credito as revelações, extasis e outras e outras peloticas e escamotagens que fazem, grandemente concorreram para isto. O Dr Anderson está muito a par das ultimas occurencias do Joazeiro, por que la foi diversas vezes, e demorava-se alguns dias com o fim, diz elle, de conhecer de perto e ser testemunha ocular de tudo quanto occorresse. Na opinião d'elle, as faculdades mentais do Padre Cícero não estão em perfeito estado. Na última carta que a V.E^{xcia} dirigi, disse que a corrente dos romeiros era enorme mesmo depois da suspensão. Mas indo hontem ao Joazeiro notei que ia diminuindo consideravelmente a affluencia de romeiros o que Pe. Cícero atribue ao calor do verão, e não à suspensão com que foi fulminado. Perguntando n'esta occasião pelo Dr Antero, respondeu que no dia 25 deste era elle esperado no Icó, e que tinha escrito à elle, Pe.Cícero que sobre a questão do Joazeiro só conversaria de viva voz. Disse mais que o Rev^{do} Dr. voltára tão depressa por doente e por ter medo do Cholera que na Europa estava fazendo estragos. Não pude conter o riso sabendo que ellas, digo, as beatas da União vaticinaram a morte de V.E^{xcia} logo depois da leitura do processo. Na qualidade de commissário não pude colher mais nada relativamente ao Joazeiro. Todavia, não descançarei na pesquisa de factos que venham esclarecer mais as cousas (.....) Ia me esquecendo. A Maria Caminha está no Joazeiro. Foi depois da chegada d'ella alli que appareceram em scena hostias pintadas, crucifixos ensanguentados. (...) Ia me esquecendo de uma cousa importante. Tendo alguém espalhado uma noticia que eu iria fechar as portas da Igreja do Joazeiro, alguns romeiros sabendo da minha chegada alli com o fim de confessar alguns doentes, armaram-se de clavinote faca para impedir que eu cumprisse as ordens de V.E^{xcia}. Os naturais não tomaram parte no tal movimento. Consta que o Pe.Cícero sabendo do occorrido foi em pessoa contê-los o que conseguiu. Graças a Deus, não há mais abusos no exercicio do culto lá no Joazeiro. Com prudencia e vagar acabei com tudo.”

27-09-1892 = CRA 14,126

Jo “Não tem se dado ultimamente occurencia alguma digna de menção. Apenas vou notando que as romarias decrescem de modo admiravel. Os poucos romeiros que vem trazem quase sempre esmolas e quem sabe com que sacrificio. Há poucos dias, la mesmo, em minha presença, uma mulher que me parecia pobre deu ao Padre Cícero um rosário de ouro de não pequeno valor, dizendo ser para Nossa Senhora das Dores. O mesmo Padre, muitas vezes, recebendo esmolas dos romeiros, dizia-lhes; recebo-as exigindo dos Senhores que me faculitem gastal-as no que achar mais conveniente. Não sei o que quer isto dizer. O Sr Virgulino Portella, portador deste, informará minuciosamente a V.E^{xcia} acerca das ultimas occurencias; porque ao tempo d’elles, estava no Joazeiro salvo engano. (...) Continuam alguns fregueses à exigir de mim que interceda pelo Pe.Cicero sob pena de censurarem V.E^{xcia} pelos jornais. V.E^{xcia} fará o que entender, a mim cumpre tão somente cumprir as ordens de V.E^{xcia}. cujo procedimento tem salvado a nossa Santa religião do ridiculo...”

18-10-1892 = CRA 04,13

Jo “Tenho em meu poder tres cartas de V.E^{xcia} que ainda não foram respondidas. Na primeira, V.E^{xcia}, depois de tranquilizar-me por não ter colhido mais algum documento referente aos factos do Joazeiro, e haver cumprido, digo, e haver mostrado satisfação por ter cumprido com os deveres de Bispo em tudo que a elles se refere, suppôs que eu estou aborrecido com os inquéritos por V.E^{xcia} recomendados, serviço de parquia agravado pelo grande numero de doentes que aqui existiam, quando escrevi à V.E^{xcia}. Nem me aborreci com os inqueritos, nem tão pouco com o serviço da freguesia. Se falei nisto a V.E^{xcia}, foi para fazer conhecer o motivo por que não podia ser mais ativo em minhas indagações sobre Joazeiro. (...) Antes de receber a supracitada carta de V.E^{xcia}, já eu mostrava certa indiferença apparente aos factos do Joazeiro, uma das cousas à mim recommendadas por V.E^{xcia}. Ignorava muitos factos de que o Dr Aderson dá noticia nos artigos d’elle. Elle esteve diversos dias no Joazeiro somente com o fim de saber o que por alli se passava. Merece ser lido, uma vez que se limita à exposição dos factos. Na 2ª e 3ª carta, de 1 e 2 de Outubro, V.E^{xcia} occupa-se quase exclusivamente do Pe Antero com quem pouco conversou por ser a posição de V.E^{xcia} para com elle um pouco delicada. Entretanto apesar do laconismo da entrevista, confessou ter sido correctissimo o procedimento de V.E^{xcia} em toda a questão. Esta confissão importa a condemnação do procedimento d’elle do Pe Cícero et reliqua. Ainda bem. No dia 11 do corrente, dormindo eu no Joazeiro, appareceu-me o Pe.Cícero às 8 e meia da noite mais ou menos, e em ton autoritario perguntou-me se eu estava levantando penitentes que acreditavam nos milagres do Joazeiro, respondi-lhe que não, e nem tal coisa me havia passado pela mente. Logo depois, me provocou à discussão sobre os factos do Joazeiro, affirmando serem elles divinos por causa de muitas provas de que se achavam revestidos. Contestei-o dizendo que as tais provas bastavam para elle que era demasiado credulo, e satisfaria-se em revelações de beatas, mas não para mim e outros que prudentemente não admittem semelhante genero de provas. Replicou dizendo que tinha provas dadas por Deus mesmo, em diversas occasiões, que algumas vezes, ouvira a voz do mesmo Deus, confirmando o que alli se passava. Disse-lhe que podia estar enganado, ou haver no que affirmava intervenção do demonio, e citei diversos factos que li na obra do Pe Chiquinho que V.E^{xcia} me mandou. Respondeu que estes factos eram mentirosos, disse que eu não sabia nada e enfureceu-se de um modo tal que no dia seguinte cheio de remorsos me veio pedir perdão. Felismente não perdi a calma, e com a maior serenidade fiz-lhe ver as profanações havidas no Joazeiro. Defendeu-se elle, dizendo que alli nada se fazia senão à imitação da vida dos santos, ao que respondi: na vida dos santos, nunca se deram certos actos de piedade que eu chamo verdadeiras profanações. Disse: Você não sabe nada de mystica nem de vida de santos. Assim findou a discussão que eu assumo, foi tal qual acabo de expor. No dia 14 do corrente seguiram para Icó o Pe Cícero, Marrocos e Manoel da Crus Rosa Carvalho,

ANEXO

segundo torno de Marrocos debaixo de certo ponto de vista. Estes dois ultimos e um tal Antonio Landim dirigiram-se aos habitantes de todo o Cariri pedindo assignaturas por um papel em que se elogiava o Pe Cicero, e condemnasse-se o procedimento de V.E^{xcia}. Felizmente o Pe Cícero, que de nada sabia, teve o bom senso de não consentir na tal melguina. Agora uma palavra sobre o Seminário. O povo d'aqui deseja a reabertura d'elle, mas não confia na estabilidade da cousa, e parece não ter muita confiança na direcção do Pe. Quintino em quem alias reconhecem um sacerdote distincto e virtuoso. O Pe Quintino me disse que, se os negocios do Joazeiro voltassem à seus eixos, seria certo que o Seminário reabrir-se hia e com certo exito. Talves assim seja. Entretanto devo dizer em abono da verdade, que o povo desta terra já liga pouca importancia aos negocios do Joazeiro, e vai pouco à pouco reconhecendo que V.E^{xcia} tem procedido a respeito d'elles em toda correcção. Esta sendo redusidissimo o numero de romeiros ao santo Joazeiro. Há muito que não há milagres, nem crucifixos ensanguentados. A indiferença de muitos vai tornando as santas desconfiadas. Basta por ora..."

24-10-1892 = CRA 14,117

Jo "Antes de tudo devo declarar a V.E^{xcia} que tenho estado mais calmo no respeitante aos negocios do Joazeiro depois que recebi as ultimas cartas de V.E^{xcia}. Penso também com V.E^{xcia} que a questão do Joazeiro muito breve chegará a seu termo. O Pe Quintino veio hoje do Joazeiro onde esteve com o Pe.Cícero. Perguntei-lhe o que havia notado n'elle que há dois dias tinha chegado do Icó onde esteve com o Pe. Dr. Antero. Respondeu que tinha encontrado o Padre Cícero alegre e qu'este lhe dissera tinha esperança do triumpho na questão do Joazeiro. Disse o mesmo Padre ao Quintino que o Pe. Antero não pôde falar com sua Santidade, mas somente com os Cardeais da Congregação. Foi o que ouviu do Pe.Cícero (....) Irei ao Joazeiro no dia 26, e as impressões que encontrar no Pe.Cícero eu communicarei à V.E^{xcia}. ..."

25-10-1892 = CRA 14,118

Jo Anuncio do falecimento do Pe. Joaquim de Sá Barreto, Vigário de Jardim. "Sigo amanhã para o Joazeiro com o fim de sondar o Pe.Cícero depois da entrevista d'elle com o Pe.Dr Antero..."

27-11-1892 = CRA 14,127

Jo "Fico sciente de qual deve ser minha norma de conduta no respeitante aos negócios do Joazeiro. Serei sempre reservado, salvo quando V.E^{xcia} ordenar o contrário. Inteirado do procedimento do Pe. Dr Antero na resposta dada à V.E^{xcia}, cumpre-me communicar a V.E^{xcia} que por aqui espalhou-se a noticia de ter V.E^{xcia}. se humilhado diante do mesmo Revmo Doutor que sabendo dos considerandos da portaria de suspensão do Pe.Cícero, referindo-se no aquelle que qualifica o mesmo Padre de perturbador da paz das famílias, disse o mesmo Pe.Dr.Antero: Perturbador da paz das familias é V.E^{xcia} que tem procedido desta e daquella maneira. Veja V.E^{xcia} de que meio se serve essa gente para chegar à seus fins. Desde muito tempo quando sou interpellado sobre negocios do Joazeiro, dou sempre a seguinte resposta. A questão está affecta à S.Sé; esperamos portanto pela decisão que ella tem de dar. (...) Esse padre (Mons.Monteiro), depois que V.E^{xcia} o suspendeu de confessar mulheres e pregar no Cariry, tem se comportado de um modo admiravel. Sempre humilde, seu procedimento relativamente a V.E^{xcia} tem sido correctissimo, e devo dizer com franqueza à V.E^{xcia}, deixando a amizade que ainda consagro ao mesmo Monsenhor que em nada influi no que vou declarar, não conheço sacerdote mais humilde do que o referido Monsenhor. Não peço à V.E^{xcia} que use de clemência para com elle porque seria audacia minha. Digo isto apenas para que o Senhor fique sabendo que elle não está sendo, e nem será, segundo me affirmou, um elemento perturbador da paz religiosa n'esta freguesia."

14-12-1892 = CRA14,103

Jo "... Fiquei boquiaberto, lendo a resposta que à carta de V.E^{xcia} deu o Rv^{do} Dr Antero, e o mesmo aconteceu ao Pe.M^{el} Candido que, à convite meu, vai até aqui somente com o fim de lê-la. A muito custo se conteve quando leu a imputação que à elle fez o Pe Dr Antero. Entreguei a carta do Dr Madeira que exigiu a presença da Maria de Araujo na qual fez novo exame. Esperava que na resposta d'elle, que me deu aberta, se referisse ao exame feito e aos atestados d'elle que tanto mal fizeram; mas tal não aconteceu. A resposta vai com esta no mesmo correio, e no seguro. Entreguei também a carta do Dr Siqueira que tem a melhor boa vontade de prestar serviço à V.E^{xcia} além daquelles que já prestou. Os artigos do Dr Aderson tem incomodado muito os fanaticos d'aqui. Nos artigos que li, elle ainda não fallou a verdade. Agora refiro-me a carta de 21. Tenho pena do Pe.Cicero cujo procedimento, relativamente à V.E^{xcia}, me causa espanto. Ainda não se entendeu epistolarmente com V.E^{xcia}, e nem deu provas de humildade como Monsenhor Monteiro. V.E^{xcia}, pois, tem toda razão de conservá-lo suspenso. Não pedirei nada em favor d'elle, enquanto proceder do mesmo modo. Ignorava os factos por elle praticados, quando andou no Icó, a saber andando em procissão, falando ao povo... Sem esperar, tive hoje uma revelação que convém descobrir. O Sr Ten^e C^{el} J.^e Rodr. Monteiro, irmão de Monsenhor Monteiro me affirmou que a copia do processo conduzida pelo Pe.Antero fôra bem recebida em Roma pelo Cardeal Rampolla e um outro que se manifestaram em favor do Joazeiro. Mandaram fazer a tradução para o Italiano e disseram ao Pe.Dr Antero que podia voltar certo que tomariam todo interesse pela resolução da questão. Mostrando-me incredulo, disse o Ten^e C^{el} J.^e Rodrigues : garanto que é exacto. Desde minha chegada aqui, tenho evitado discussões com o Pe.Cícero sobre o Joazeiro, mas, por duas vezes, não tive outro remédio. Não discutirei mais...."

25-12-1892 = CRA 14,120

Jo "...Acredito que V.E^{xcia} não guarda ressentimento algum apezar do que se tem dado no malfadado processo do Joazeiro e é isto o que tenho affirmado à muitos que supõem nascidas do despeito as medidas energicas de que V.E^{xcia} lançou mão. Creio que V.E^{xcia} não levantará mais a suspensão do Pe.Cícero por que cada dia elle se mostra mais despeitado por lhe ter sido à elle infligido semelhantes penas. Há dois dias conversando com elle sobre a suspensão por ter sido a isto provocado, ouvi elle dizer perante dois collegas e muitos seculares que V.E^{xcia} o tinha ferido em sua dignidade e que, assim procedendo, havia V.E^{xcia} peccado mortalmente. Contestei-o de modo tal que elle procurou retractar-se, dizendo que o peccado de V.E^{xcia} podia ser material. Não estou fazendo delação de meu collega à quem prezo muito; apenas digo isto para que V.E^{xcia} conheça o espirito de que actualmente está animado. Só me parece estar com as faculdades um pouco alteradas. Não me parece fora de proposito affirmar, digo, communicar a V.E^{xcia} o seguinte. Disse-me o Dr Siqueira que M^{el} da Cruz Rosa Carvalho, intimo do Pe.Cícero lhe affirmára ter ido a Capital e la offerecido ao corpo de engenheiros constructores da estrada de ferro um saque de cem contos de reis (100:000:000) dinheiro este dado de esmola pelos romeiros do Joazeiro. Disse mais que um conhecido d'elle Siqueira, homem de todo criterio, confessou ter visto uma caixa ou bahu regular cheio de dinheiro de papel, não sendo este somente em notas de mil reis. Será por isto que o Padre está procedendo assim? Não sei. Agora vou me occupar de Monsenhor Monteiro. V.E^{xcia} disse que se elle confessasse beatas aqui, novas scenas deviam apparecer. Desejo saber à que beatas V.E^{xcia} se refere as celebres do Joazeiro ou à todas? Elle poderá confessar outras mulheres, mesmo de vida religiosa que não seja de manto? Satisfazendo um pedido d'elle pergunto à V.E^{xcia}. se elle poderá conseguir Provisão de pregar, visto a de confessar não ter vindo com semelhante faculdade? Eis o que desejo saber afim de poder informar à Monsenhor Monteiro que não teve coragem dirigir-se à V.E^{xcia}. "...

1893

15-02-1892 = CRA 14,104

Jo "...O Pe. Cícero, no dia de minha chegada veio, à noite, do Joazeiro somente visitar-me. Attendendo ao que V.E^{xcia} recommendou-me, não entreguei o offício à elle o que farei na primeira oportunidade. Tenho guardado a maior reserva possível sobre o que pretendo fazer em observancia das intrucções contidas no memorial que V.E^{xcia} me deo. Espero em Deus cumprir ... tudo quanto V.E^{xcia} me prescreveo..."

28-02-1893 = CRA.14,128

Jo "Vou responder a ultima carta de V.E^{xcia} datada de 14 do corrente, em que veio inclusa uma carta do Sr Bispo de Olinda referente aos factos do Joazeiro. Depois de lê-la com toda attenção, mostrei-a ao Pe.Sother que conduzio-a para a Barbalha afim de mostral-a com toda reserva ao Pe. Manoel Candido. Deixo de devolvê-la por este portador porque ainda não me veio a mão. Mandal-a-ei, quanto antes, com o livrinho que há muito V.E^{xcia} me enviou. (...) Agora duas palavras sobre o Joazeiro. Até agora não tem havido modificação alguma no procedimento do Pe.Cícero. Sempre a mesma obstinação e teimosia em suas opiniões d'elle. Os campões (sic) do mesmo Pe. vivem em continua actividade. O José Marrocos, estes últimos dias, tem andado pelo Jardim e outros lugares naturalmente tratando de documentar-se ou de fazer propaganda em favor do Joazeiro que vai sendo olhado com bastante indifferentismo pelo povo do Cariry. É rarissimo ouvir-se falar em qualquer roda a respeito dos tais milagres. Estou quase convencido de que uma das sanctas do Joazeiro (Maria das Dores) no dia de Natal commungou duas vezes, sendo a comunhão dada por mim que conheci-a da primeira vez na Casa de Caridade, mas não na Matriz pelas cautelas que tomou. Pessoas de critério viram-na commungar em um e outro lugar no mesmo dia. Pode ter havido algum engano no reconhecimento, mas segundo observei e me informaram, ella é culpada; e, apesar disto, é venerada pelos romeiros e soi disant beatos do Joazeiro.O Dr.Ignacio Dias aqui se acha: não sei se anda passando ou se veio em commissão do Pe. Dr Antero um dos mais indefessos auxiliares do Pe.Cícero. Ia-me esquecendo. A beata que está actualmente na ordem do dia é Maria da Soledade. Foi com ella que se deo o facto da Barbalha, e mais um outro no Jardim semelhante ao da Barbalha com algumas modificações. Tendo ido ao Jardim em fim de janeiro acompanhado de Monsenhor Monteiro e os Padres Jm Sother e Quintino encontrei na travessia da serra o Pe.Cícero em companhia de J.Marrocos que seguiam também para o Jardim. Alli querem tratar de uma justificação sobre a manifestação da hostia sanguenta na boca de Maria da Soledade. Disse que semelhante justificação só poderia ser tomada com authorisação de V.E^{xcia}. Não houve, por isso, a justificação, mas tomaram e receberam declaração em publico de diversas pessoas sobre o occorrido. Pe.Cícero chegou alli na quinta feira à noite comigo e voltou no dia seguinte (21 de Janeiro), digo, no dia 22 de janeiro. Enganei-me. O Pe chegou comigo no Jardim no dia 19 de janeiro, e voltou no dia 21 do mesmo. Nos dias 20, 21 e 22 de janeiro eu e Monsenhor Monteiro pregamos, eu à tarde e elle pela manhã, chamando aquelle povo à pratica de seus deveres religiosos. A colheita por Bondade de Deus foi abundantissima. Uma grande multidão de pecadores endurecidos converteo-se procurando o banho salutar do sacramento da Penitencia. Durante 3 dias fomos ouvidos com religiosa attenção até mesmo por bachareis e pessoas das mais altas camadas d'aquella sociedade...."

25-03-1893 = CRA 04,14

Jo "... O facto da Barbalha se deo, como já noticiei a V.E^{xcia}. O Sr. Carvalheiro faltou pois a verdade. O que eu disse a respeito do Dr. Ignacio Dias é certo. Ainda hontem o Pe. J^m Sother me disse que elle dera documento ao Pe. Antero indicando ou declarando ter sido subornado por V. E^{xcia}, não

directa mas indirectamente, chamando-o ao Palacio agradando-o, dando cerveja, etc. É um homem sem caracter....”

07-04-1893 = CRA 14,98

Jo “...Estou escrevendo, como sempre corrente calamo pela affluencia de serviço que cada dia se avoluma mais em razão da população adventicia attrahida pelos milagres do Joazeiro. Quem ainda não veio n’estes ultimos tempos à esta freguesia, não poderá fazer idéia do invencível trabalho que n’ella existe. Suspenso o Pe. Cícero, me é preciso estar de vez em quando no Joazeiro donde não me vem rendimento senão em pouquissima quantidade porque o Pe. Cícero é quase sempre padrinho da metade ou quase a metade das crianças que alli se baptisão. Este Padre ultimamente se tem portado para comigo de um modo todo digno de reparo. Sabendo que havia semana sancta aqui, fez uma outra, segundo se diz, a conselho do Sr. J^e Marrocos, com toda solemnidade possível, à ultima hora e em segredo no começo. Até espalharam boatos affirmando não haver semana sancta aqui no intuito de diminuir a concurrencia aqui attrahindo para lá. Fui um pouco condescendente com o Pe. Cícero em cousas secundarias afim de vêr se o levava a bom caminho; mas tudo tem sido baldado. Não procederei mais assim e nem permittirei que a Igreja do Joazeiro seja considerada, como elles lá entendem, uma Capella privilegiada. Affirmo à V.E^{xcia} que o Pe.Cícero não faz caso de mim e nem de V.E^{xcia}. Um dia em minha presença, do Pe. Manoel Felix e de muitas beatas e pessoas do século declarou alto e solemnemente que V.E^{xcia} tinha peccado mortalmente suspendendo-o, uma vez que os considerandos eram injuriosos a pessoa d’elle Pe. Contestei-o incontinente, depois que começou à desculpar-se disendo que o peccado era ao menos material. Em outra occasião disse perante alguns seculares que V.E^{xcia} havia mentido. Reprehendi-o por que estava presente, e fiz lhe ver que elle assim se abysmava. É este Pe. o sancto que está na ordem do dia. Pobre povo, como está enganado!!! Não estou enredando: comunico isto para V.E^{xcia} saber com quem vive. Estou resolvido à ir no Joazeiro todas semanas e a não dar mais meia estola (sic) aos Padres de fora que alli chegarem. Também não consentirei mais que o Pe.Cícero, com seu apadrinhamento quase universal de meninos, me esteja prejudicando. Nesta semana, recebi vinte ascentos de baptisados e apenas 10#000, sendo que de dez meninos foi o Pe.Cícero padrinho e nada pagou, e dos outros dez veio a metade. Nisto tinha razão o Pe. Fernandes. Com a suspensão do Pe.Cícero augmentou o meu trabalho, mas irei fazendo o que puder....”

11-04-1893 = CRA 14,101

Jo “...Ainda não vi o Pe.Sother e Quintino. Vêl-os-hei amanhã quando darei o recado de V.E^{xcia} relativamente a negocios do Seminario d’esta cidade, e combinaremos sobre a communhão à beatas suspeitas. O Pe Cícero, além de certas faltas, já communicadas por mim a V.E^{xcia} em minha carta anterior e última, está commettendo a seguinte. Quando algumas pessoas do Joazeiro completão os dias de communhão permittidos por mim ou outro confessor, elle P^e. Cícero interroga-as afim de ver se tem faltas graves e se não tem, manda as commungar mais dez, doze e mais dias por sua conta propria. Em tais condições ficará pranteada (sic) toda e qualquer combinação que fizemos. Não faz caso de ninguem, por isso me vejo embaraçado por chamal-o à ordem. Tomei o alvitre de ir com mais frequencia ao Joazeiro afim de estar bem à par do que por alli se dá, e dar as providências indispensáveis no intuito de conter abusos. Parece que alguém (talvez Sr J^eMarrocos) está prevenindo o povo dalli (os mais beatos) contra mim. Procurarei ser prudente, mas não deixarei de ser energico, quando julgar necessário. Preciso muito da direcção e conselhos de V.E^{xcia} afim de não errar, e nem fazer injustiça a quem quer que seja. Quero que V.E^{xcia} seja sempre o pharol que me guie nos tão emmaranhados negócios do Joazeiro. (depois fala de um roubo no cofre da Matriz, da aparente

ANEXO

religiosidade do povo, dos fazendeiros... fala também do Seminário que funciona muito melhor com Pe. Quintino do que Mons. Monteiro...)

02-05-1893 = CRA 14,93

Jo "...alguem que veio proximamente da Capital já dá noticia da Pastoral. O meu juizo à respeito do Pe. Cícero está de accordo com o de V.E^{xcia}. Não sei como poderá haver bôa fé no meu collega P^e. Cícero. Lamento que D. Jeronymo não tenha seguido viagem para Roma. Tirando assim de V.E^{xcia}. excellente ensejo de remetter o processo. Quanto a communhão das beatas, de accordo com os P^{es} Sother e Quintino, pretendo fazer o que V.E^{xcia} tanto almeja. As cousas pelo Rio Grande do Sul parecem serias. Pensei que o Pe. Clícério já havia mudado de opinião. Nosso Senhor queira illumina-o (...) Ia-me esquecendo: o Pe. Cícero não acabou ainda de assignar os Livros da Freguesia de S. Pedro. Não pode allegar affluencia de serviços porque esta não existe. ..."

10-05-1893 = CRA 04,15

Jo Nada de especial sobre a questão de Joazeiro

22-05-1893 = CRA 04,16

Jo "...A primeira (carta) – confidencial – acompanharam duas cartas de Monsenhor Monteiro e mais um papel por meio do qual procurou saber se era da vontade de Deus que denunciasses de um irmão in sacerdotio. Li as primeiras cartas duas vezes com toda attenção e fiquei boquiaberto lendo a catilinaria d'elle contra mim, P^e. M^{el} Candido e P^e. Quintino. Em relação à minha pessoa foi inexacto em algumas cousas senão em todas, porque inverteu minhas palavras. Obedecerei à V.E^{xcia} não communicando nada aos P^{es}. M^{el} Candido e Quintino (...) Na segunda carta V.E^{xcia} accusa a remessa das Portarias, dando as razões porque publicou-as. Fiz a leitura de um exemplar n'esta Matriz, dia da Ascensão; no Domingo seguinte na Serra de São Pedro e dia de Pentecostes segunda vez n'esta mesma Matriz. A leitura produzio optimo effeito. Os que não são beatos applaudiram a publicação da Pastoral; e aquelles que o são, calaram-se e nada disseram. Só um sacerdote disse o seguinte: o que o Bispo disse de Maria de Araujo é uma calumnia; desejava não ser obrigado a declarar isto, porque este mesmo sacerdote me offendeu. Foi Monsenhor Monteiro que em minha presença proferio aquellas palavras. Com o contacto do P^e. Cícero está ficando mudado; a humildade já desapareceu. Cumprime confessar a V.E^{xcia} que não tenho prevenção com elle e entre nós não há a menor vislumbre de entremecimento. O que faço é não confiar n'elle de modo algum. O P^e. Cícero tem estado muito reservado. Não me conversa mais sobre negocios do Joazeiro. Fui informado do que elle, M^{ens} e J^e Marrocos estavam preparando um escrito para contestar a Pastoral. Não sei se isto é exacto. Nenhum d'elles ainda fallou sobre o que pretende fazer relativamente da Pastoral. O que fôr colhendo, com vagar communicarei a V.E^{xcia}. Tenho vergonha, quando penso no conceito que em Roma se fará do Clero do Ceará depois da leitura do processo que V.E^{xcia} remetteu para Roma, como affirmou na terceira carta do 9 do corrente. Li no "O Norte" a noticia publicada por José Marrocos na qual confunde o sangue natural de Christo com o sangue Eucharistico, quando são duas cousas bem diversas. Miserável sophisma que a Pastoral destroi completamente. Uma cousa tem concorrido muito pela perda de prestigio do P^e. Cícero: é saber-se que o Sr Carvalhinho está negociando com muito dinheiro dado por elle. Os admiradores fanaticos do referido Padre o tem censurado por semelhante procedimento. E ultimamente a Pastoral desilludindo muita gente, diminuiu de modo extraordinário a estima e conceito de que gosava aqui. Pessoas d'aqui e de Joazeiro me affirmaram que elle P^e. Cícero, depois da chegada da Pastoral, vivia triste e pensativo. Tem razão por que a sensação foi enorme n'esta cidade e Freguesia depois da leitura da Pastoral escutada por todos com

grande avidez. Alguem disse aqui, não sei quem, que, estando a causa do Joazeiro affecta a Roma, V.E^{xcia} não deveria julgar-a E por que não, se os promotores de discordia e perturbadores da paz religiosa n'esta Diocese, em sua contumacia, desafiaram e desacataram a Autoridade Diocesana negando-lhe competencia para proferir seu juizo, ao mesmo tempo que espalharam doutrinas erroneas sobre a Eucharistia? Fez muito bem, V.E^{xcia} em proceder assim, porque esmagou a hydra da revolta religiosa em toda a Diocese, e principalmente n'esta Parochia e as do Cariry todo.

22-06-1893 = CRA 14,114

Jo "...Já disse em minha última carta que a Pastoral sobre os negócios do Joazeiro produziu aqui optimo effeito. Ninguem a contradisse em público, isto é, pelas (?) e segundo me affirmou o Dr. Siqueira, muita gente, a maioria da população ficou desilludida. Os factos d'alli já não occupam a attenção publica; e depois da Pastoral principalmente. É esta a actual disposição dos espiritos relativamente ao Joazeiro. No P^e Cícero, não notei mudança alguma depois da leitura da referida Pastoral, sempre contumaz e obstinado em suas opiniões delle. Um dia, conversando comigo algum tempo depois da suspensão.= Só o Bispo, referindo-se à V.E^{xcia} (?) disse-me elle, fazendo allusão ao genio d'elle, refractário por natureza. O T^{em} C^el Segundo, que não acompanha o P^e Cícero e Monsenhor Monteiro em seus desvarios me tem declarado muitas vezes que o P^e Cícero sempre foi teimoso à ponto de nunca se afastar de suas opiniões. O Secundo o conhece desde menino. Estando no Joazeiro, no começo do corrente mês, o Pe Cícero me affirmou que a questão do Joazeiro ia bem; Perguntei-lha a razão. Respondeo: não lhe digo tudo quanto sei, porque V. conta ao Sr Bispo; apenas lhe digo que o processo (a cópia) foi julgado capaz de ser submettido ao juizo da S. Sé. Com as beatas, as sanctas, não se tem dado factos que mereçam attenção. Talvez tenha morrido a Maria de Araujo por cuja confissão in articulo mortis = partio há pouco o P^e Sother em direcção ao Joazeiro. Está sendo enorme a affluencia de romeiros no Joazeiro. Um d'eles, do Piahy, me disse: O Bispo do Ceará, na Pastoral, condemnou os factos do Joazeiro; mas ninguem se importa com isto. O Cemiterio do Joazeiro já não pode mais conter os cadaveres que em grande numero vão alli ser sepultados. V.E^{xcia} dá licença para construir outro? Outro assumpto. O P^e João Carlos, em S. Anna, representou uma verdadeira comedia. Antes, no decurso e no fim da leitura da Pastoral falou assim. O Bispo condemna n'esta Pastoral os factos do Joazeiro mas eu juro como elles são sobrenaturais. Em quanto lia, appareceram umas mulheres, querendo tomar a força a mesma Pastoral. Uma dellas ainda pegou n'elle querendo arrebatá-la; mas o Padre pediu que soltasse. Que scena ridícula e digna de censura!! Isto contou-me o P^e Ignacio que ainda estava pelos lados de S. Anna, quando o facto se deo. Ia-me esquecendo = O Pe Cícero continua a dar ordens à mulheres que aqui se confessão para commungar. Sendo por mim advertido da incorrecção de semelhante procedimento, todo opposto a Theologia, respondeo: Foram minhas penitentes; hei de dirigil-as como quizer e ninguem me afastará disto. Depois d'isto ameacei a algumas que commigo se confessão = se continuam a comungar mais do que eu prescrevo, não as confessarei mais. Não pude obter informações exactas sobre a solemnidade havida na semana sancta do Joazeiro. Se ainda puder colhel-as, communicar-as-ei à V.E^{xcia}. De nada mais sei relativamente ao Joazeiro (...).V.E^{xcia} poderá consentir que eu quanto eu estiver no Joazeiro conserve algumas partículas consagradas no Sacrário para dar a comunhão à enfermos, mulheres proximas ao parto, etc? ..."

04-07-1893 = CRA 04,17

Jo "...declaro a V.E^{xcia} que as suas ordens serão sempre por mim religiosamente cumpridas. Nem ao menos senti tentação de revelar ao P^e M^{el} Candido e Quintino o procedimento de Monsenhor Monteiro relativamente a nós tres. Embora com sacrificio, trato Monsenhor Monteiro com a affabilidade de costume, mas sem n'elle confiar. Estimei muito que o Processo seguisse e ao pedido

de V.E^{xcia}, ao Cardeal Monaco no intuito de vir logo a decisão da Santa Sé. Sinto-me cheio de espanto e admiração quando considero o modo por que o Pe. Clycerio e outros sacerdotes se deixaram mystificar, acreditando em tolices e embustes de beatas. Quanto à mim, cada dia que se passa me convence mais de que no Joazeiro não há cousa alguma que merece attenção à não ser a conversão de milhares de indivíduos muitos dos quais, só com uma graça efficacissima poderiam deixar a vida obstinada e todo abuso de crimes. (...) No dia 2 e 3 do corrente houve missa cantada no Joazeiro com a maior solemnidade, sendo a segunda em presença do P^e. D^r. Antero que teve alli recepção papal na expressão dos fanáticos do Joazeiro. Monsenhor Monteiro disse à muitas pessoas sem a menor reserva. Andei com o Bispo dois annos em visita e nunca elle foi recebido assim, referindo-se a do R^{evdo} D^r. A descripção da recepção e festa vae em papel separado. Não fui testemunha ocular do que occorreu por que não quis dar com a minha presença importancia à ella. Mandeí pessoa de toda confiança observar o que se passou nos dois referidos dias, e esta contou-me o que vai escripto no histórico de toda festa que à esta acompanha. Outras pessoas fidedignas me affirmaram que nas communhões de Maria de Araujo nos dias 2 e 3 do corrente, appareceu sangue, muito sangue, e ouviram dizer que esta manifestação sanguina fôra revelada antes à Maria de Araujo. Não me consta que as outras beatas entrassem no drama; se alguma se deu com ellas não se sabe ainda. E^{xmo} S^r, ainda não contei à V.E^{xcia} um facto asqueroso, nojento e calumnioso por que não tinha d'elle certeza. Espalharam entre os romeiros o seguinte = que o P^e Cícero indo à Capital à chamado de V.E^{xcia} e disse o dialogo seguinte na presença de uma criança de mui terna idade. Pe. Cícero dissera V.E^{xcia}, dizem que você ressuscita mortos e faz outros milagres, me diga de quem é filho este menino. Respondeu o Pe Cícero depois de passar a mão pela fronte: que o menino mesmo diria quem era o Pai d'elle. Diz menino quem é teu pai; é o Bispo. Esta história naturalmente sahida e inventada no Joazeiro tem corrido mundo. Os romeiros onde quer que chegam contam a tal história e dizem. Está porque é que o Bispo não gosta do P^e. Cícero; descobriu-lhe os podres por isso suspendeu o P^e. e não acredita nos factos do Joazeiro. Nunca suppoz, E^{xmo} S^r que houvesse gente capaz de semelhante infamia = Horrores referem (sic)

03-08-1893 = CRA 14,94

Jo "...Na primeira (carta) V.E^{xcia}, depois de contar a história das communhões dadas pelo P^e. Cícero às beatas diversas vezes no dia, historia que não contei a V.E^{xcia} por não haver quem me garantisse a veracidade d'ellas, aconselhou-me à que fosse energico com as beatas que eu confessessi. S^r Bispo, eu tenho sido prudente quando se tracta do negocio do Joazeiro, mas nunca condescendi com beatas e muito menos com as milagrosas. Estas nunca se confissão comigo e se as outras que vão ao meu confessionário reconciliar-se com Deus tem sido muitas vezes ameaçadas de não serem absolvidas se commungarem mais do que eu permitto. Muito antes da carta de V.E^{xcia}, era este o meu procedimento e continuo a sê-lo, pois como Parocho e Confessor não podia proceder de outro modo. Realisou-se a previsão de V.E^{xcia} = não morreu Maria de Araújo e a doença d'ella foi nas festividades da festa do Precioso Sangue em cujo dia deveria apresentar a comunhão sanguinolenta como outrora, o que realisou-se segundo sou informado, mas de modo secreto. (...) Quando o Padre Cícero disse : "Só o Bispo me conhece, quis ou antes referia-se a genio teimoso d'elle, quase sempre predisposto a revolta, o que affirmo por causa da conversa que precedeu a estas palavras = só o Bispo sabe etc. Ouça agora uma do P^e. Cícero. Um dos homens mais importantes d'esta terra conversando com elle sobre o muito dinheiro recebido dos romeiros o anno passado, disse = R^{evdo}. P^e, o Sr tem muito dinheiro. Não é exacto, disse o Padre = se tivesse dinheiro, não teria pedido esmola para a viagem do P^e. Antero à Roma; tenho apenas, continua o P^e. cinco contos de missas que recebi por mandar dizer. Faltou pois à verdade de todos sabido. ..."

16-08-1893 = CRA 14,107

Jo "... Na primeira (carta) V.E^{xcia} tratou de explicar o facto da conversão de milhares de pessoas vindas em romaria ao Joazeiro o que fez com toda proficiência, e ao que me parece, convencido de estar eu um pouco abalado. Não há tal: Falei a V.E^{xcia} na conversão de tanta gente somente no intuito de ouvir à respeito a opinião de V.E^{xcia} que plenamente me satisfaz. Recebi a medalha com a effigie de P^e Cícero e Maria de Araujo esculpida como a Virgem S.S derramando graças!!!!. Mostrando-a à algumas pessoas d'esta cidade, disseram .uma voce: = isto é um escarro à Religião. Que miseria!!! Para o lado da Parahyba, Rio Grande do Norte e Pernambuco, alguns indivíduos tem feito contos de reis, vendendo retrato do P^e Cícero. A traficancia e especulação sobre a capa da religião no Joazeiro tem chegado ao seu maior auge. A carta de 4 do corrente acompanhou um cartão de V.E^{xcia} referindo se a uma carta do P^e Vicente Sother na qual affirmou estar o P^e Cícero se entendendo com o S^r Internuncio sobre negocios do Joazeiro. Quando escrevi a V.E^{xcia} ultimamente, nada sabia. Há poucos dias quando menos esperava, ouvi o S^r T^{ene} C^{el} J^e Rodrigues Monteiro affirmar perante o Juiz de Direito da Comarca, Advogado Felismino J^e Pereira e outros que o negocio estava sendo favoravel ao P^e Cícero etc porque o P^e Clicerio havia conferenciado uns cinco ou seis dias com o Internuncio, e este estava bem disposto em favor dos milagres do Joazeiro. Dois ou tres dias depois Monsenhor Monteiro referiu-me a mesma cousa com ares de triumpho. E até se diz nos arraiais da santidade que o Sr Internuncio convidará V.E^{xcia} para uma conferencia no Rio de Janeiro, e que V.E^{xcia} já devia ter seguido por alli ..."

22-08-1893 = CRA 04,18

Jo "...Andando à cavalo eu, Monsenhor Monteiro, Pe.Sother (J^m) e mais algumas pessoas, falando-se em os factos do Joazeiro, disse Monsenhor para mim = V. e o Manoel Candido estão perdidos = e começou à condemnar o nosso procedimento relativamente à aquelles factos salientando-se mais na accusação que faria ao Pe. M^{el} Candido. Isto feito, disse outra vez para mim com attitude de um superior = V. está seguindo cegamente o Sr Bispo. V. não sabe nada do Joazeiro = nos negocios d'alli V. anda de oitiva e muitas outras quejandas amabilidades dirigio-me durante a viagem. Não dei-lhe a devida resposta a elle, porque julguei prudente não fazê-lo. Falando, n'esta mesma viagem, no desejo que tinha de chamar uns missionários para esta cidade, disse Monsenhor = Se estes missionários se tornarem inconvenientes em seus sermões d'elles, eu far-lhes-hei opposições. A inconveniencia, já se sabe, é se elles tocam nos factos do Joazeiro, reduzindo-os à suas justas proporções. Não exagero; e declaro à V.E^{xcia} que Monsenhor Monteiro não respeita à V.E^{xcia} como deve, e esta ficando de uma intolerancia desmedida. Outra occurencia. Uma pessoa digna de toda fé me contou que o Pe.Vicente Pinto em conversa com o Pe.Cícero disse à este: As prohibições de confessar mulheres no Joazeiro é invenção do Pe.Alexandrino = o Sr Bispo nunca fez tal prohibição o que affirmo porque, estando com ele na Capital e falando sobre isso, elle me disse. Nunca prohibi a confissão de mulheres no Joazeiro. Eu sei que V.E^{xcia} não disse isto ao Pe.Vicente Pinto por que a prohibição me foi por V.E^{xcia} dada e não revogada. Só me parece é que o Pe Pinto teve em mira, procedendo assim, me indispôr com os crentes nos milagres do Joazeiro.

26-09-1893 = CRA 14,124

Jo "...Entreguei a carta de Marrocos, com quem conferenciei cautelosamente sem contudo abrir-me com elle e nem elle comigo sobre os negocios do Joazeiro.. Depois de minha ultima carta tive uma d'elle em que me dava a razão porque não respondia logo a carta de V.E^{xcia}, e declarando que só poderia fazel-o, se eu afirmasse ser prohibida a confissão de mulheres no Joazeiro. Parecendo-me que quererá fazer jogo de minha resposta por escrito, só dal-a -hei verbalmente. - É talvez uma

cilada que prepara. A teimosia de Marrocos e outros apologistas dos factos do Joazeiro nasce por certo, como diz V.E^{xcia}, do orgulho que não permite a retratação dos erros em que cahiram. Darei opportunamente a V.E^{xcia} as informações que exige sobre a familia de Maria de Araujo, morte da mãe della, bem como a respeito de Monsenhor Monteiro que tem, com certeza, confessado em Missão Velha algumas beatas, não entrando n'este numero, que me consta, Maria de Araujo. A proposito, sempre estive, estou e estarei prompto à cumprir as ordens de V.E^{xcia}, certo de que assim procedendo, faço a vontade de Deus que tem sido sempre tão bom para comigo, talvez por causa d'isto. Continua com insistencia o boato de não ter sido por V.E^{xcia} prohibida a confissão as mulheres no Joazeiro, sendo o Pe. Vicente Pinto apontado como autor ou antes propagador do boato. Estive hontem no Joazeiro com o Pe. Antero, Pe. Cicero e Monsenhor Monteiro. Durante a nossa conversa, que não durou mais de uma hora, não se falou em negocios do Joazeiro; apenas o Pe. Cicero disse, alguns dias antes que a S.Congregação tinha tomado o negocio d'alli em consideração e nada mais. Cumpre-me communicar a V.E^{xcia} o seguinte. No começo de Julho do corrente anno, enderecei, em nome de José Bizerra Juca, uma petição de licença para a construcção de uma Capella no sitio de sua velha mãe d'elle. – Veio a licença e o concissionário, querendo construir a Capella perto da residência da velha mãe, disse o Padre Cícero = não constroi aqui, mas no fundo do sitio que eu dar-lhe-hei grande adjutório = Ouvindo estas palavras, o dito concissionario annuo a vontade do Padre o qual, em vez de aceitar o risco de uma pequena Capella que eu havia dado, marcou uma Igreja de bom tamanho, que pretende construir tendo o referido concessionário por impossibilidade pecuniaria abandonado o serviço, hoje somente à cargo do Pe. Cícero. O lugar da Capella é em cima de uma serra, distante meia legua do Joazeiro. Peço a V.E^{xcia} que diga alguma cousa a respeito. Na ultima carta que a V.E^{xcia} dirigi, creio que à 19 do corrente, falei sobre um boato novo que corria, de haver V.E^{xcia} se desgostado comigo. Suppus ser encomenda mas desapontei com a insistencia d'elle n'esta cidade e Freguesia. Hoje estou certo da falsidade do boato com a leitura d'esta ultima carta de V.E^{xcia} de 28 de Agosto...”

27-09-1893 = CRA 04,19

Jo “...Ontem escrevi à V.E^{xcia} respondendo uma carta (a última) de 28 de Agosto recebida à 26 do corrente. Entretanto, tendo sabido algumas cousas importantes respeitantes aos factos e negócios do Joazeiro, vou communicar-as a V.E^{xcia}. Na minha última, communiquei a V.E^{xcia} uma conferência que tive no Joazeiro com o R^{do} D^r Antero e depois com este, Pe.Cícero e Monsenhor Monteiro. Suspeitei que a reunião dos tres Padres n'aquelle lugar seria para juntos, combinarem alguma plano de campanha contra o Prelado Diocesano. Verificou-se o que suspeitava, como V.E^{xcia} verá da exposição que vou fazer, do que hoje me revelou Monsenhor Monteiro. Disse elle que, no começo do corrente anno, ficou assentado que elle Monsenhor iria à Roma, mas que a viagem não se realizou porque o Santo Padre respondêra que o Sr Internuncio era no Brasil o seu lugar-tenente e por isso à respeito dos negocios de Joazeiro à elle se dirigissem. Que, em vista de semelhante resposta, iria ou antes partiria no dia 29 para o Rio de Janeiro, fazendo sua viagem por terra até Pernambuco: que lá chegando iria pleitear a causa do Joazeiro = que contaria ao Internuncio tudo o que vio, tudo que V.E^{xcia} fez com elle e o Pe.Cícero, e as medidas de rigor empregadas por V.E^{xcia} contra Joazeiro = que pederia ao Sancto Padre por intermédio do Internuncio o levantamento de suspensão d'elle e Pe Cícero = e que se fosse necessário seguiria até a cidade Eterna: que o Pe.Clicerio o havia decidido à fazer quanto antes esta viagem para salvar a honra e dignidade d'elle Clicerio, Pe Cícero e d'elle Monsenhor, Pe Antero.etc. É preciso que V.E^{xcia} tome as medidas que julgar convenientes no intuito de frustrar ou imobilisar a missão de Monsenhor Monteiro junto ao Internuncio. Disse mais Monsenhor Monteiro, antes de sahir, escreveria a V.E^{xcia} dando

parte da viagem e falando a V.E^{xcia} com toda franqueza ou antes com franquesa.... (?) Cada dia se torna mais vehemente, quando se fala em V.E^{xcia}. A humildade d'elle foi uma vez... Eis em resumo o que me disse Monsenhor Monteiro, pode me ter escapado alguma coisa; mas affirmo que o que acabo de comunicar foi revelado por elle com a sincera ingenuidade. ...”

23-10-1893 = CRA 14,115

Jo “...Fico sciente da inexactidão de uma viagem de V.E^{xcia} no Rio à chamado do Sr. Internuncio (...) Vou agora occupar-me da carta de V.E^{xcia} datada de 3 do corrente. Sinto muito que uma carta minha dirigida a V.E^{xcia} no pr^{ox}. passado mês causasse à V.E^{xcia} desprazer e não pequeno desgosto. Não vou desculpar-me; mas me é forçoso dizer a V.E^{xcia} que escrevendo sempre com muita pressa escaparam-me expressões das quais não devia ter usado dirigindo-me a V.E^{xcia}. Quando escrevi, eram tantas os boatos que corriam relativamente as minhas relações com V.E^{xcia}, que o Pe. Quintino reservado e discreto como é disse: Alguma cousa há, seja o que fôr. A minha intenção era saber das disposições de V.E^{xcia} à meu respeito. Errei, confesso a V.E^{xcia}, perdão e declaro mui francamente que a bondade de V.E^{xcia} para comigo tem sido quase illimitada. Espero que V.E^{xcia} desculpará minha fraqueza ignorancia (....) A Capella de José Bizerra está sendo construida no sitio indicado na petição que dirigi a V.E^{xcia}. (...) Agora as informações à respeito de Maria de Araujo. São os pais d'ella Antonio de Araujo e Anna de tal. Aquelle morreu há muitos annos e esta morreu em janeiro do corrente anno. São com ella oito irmãos, sendo quatro do sexo masculino e quatro do feminino. Daquelles tres são casados e vivem da agricultura e comercio em mui pequena escala, e o outro é de menor idade (talvez de 6 ou 7 annos) Das mulheres, uma é casada, duas são moças e uma menina. Uma das moças é a mesma Maria de Araujo. Disse-me esta que os irmãos, apesar de casados, socorrem as irmãs moças e os pequenos (o m^{to} da familia) São estas as informações que pude colher à respeito de Maria de Araújo. Se V.E^{xcia} achar estas incompletas procurarei colher mais. ...”

25-10-1893 = CRA 14,119

Jo “... Além disto, hoje, soube de algumas cousas relativas ao Joazeiro que não devo deixar de comunicar a V.E^{xcia}. Eis a razão porque me resolvi à escrever esta e remettê-la pelo correio. O que esqueci na minha anterior carta foi de declarar à V.E^{xcia} que quero a Portaria prohibindo a confissão de mulheres do Joazeiro à não ser por mim ou Sacerdote por mim commissionedo (...) Não tenho direito de pedir nada à V.E^{xcia} que me considera muito susceptivel. Parece me que não o sou, mas como ninguem se conhece, talvez o seja sem o saber. Sou o mesmo para V.E^{xcia} submisso e obediente, aguardo e aguardarei sempre as ordens de V.E^{xcia} para religiosamente cumpril-as. Ainda uma vez, peço à V.E^{xcia} desculpa de havê-lo desgostado, o que realmente não foi a minha intenção. Vamos agora no que soube sobre o Joazeiro. O Capitão Raymundo de Alcantara, pessoa saliente desta cidade, irmão do C^{el} Juvenal, ouviu pessoa de todo criterio, mas cujo o nome não declinou, dizer que Monsenhor Monteiro seguira para o Rio de Janeiro armado de documentos em favor da questão de Joazeiro, sendo um dos mais notaveis um novo attestado do Dr Madeira dictado por José Marrocos ou escrito ao sabor d'elle; que o fim principal da viagem era ver se conseguia do Internuncio a demissão ou a retirada de V.E^{xcia} d'esta Diocese, isto porque estavam informados (talvez pelo Dr Antero que entrou ou teria parte no plano) que o Sr Internuncio tinha plenos poderes para demittir ou remover Bispo, etc. Monsenhor Monteiro terá de demorar alguns dias em Pernambuco, isto me affirmou elle o Pe. Cícero. A proposito: V.E^{xcia} quer ver outra: o Pe Cícero à respeito de dinheiro. Andando há uns quinze dias no Joazeiro, pedi a elle que me desse uma esmola para o casamento de uma orphã da Casa de Caridade. Respondeo: Não dou porque V. não dispensa ultimamente dinheiro dos baptizados de que sou Padrinho. Convem notar que, desde minha posse n'esta freguesia até Abril do corrente anno, elle deixou de pagar cento e vinte e cinco baptizados. E como ordenei ao Sacristão

d'alli que não dispensasse dinheiro d'elle que o tinha em abundancia procede assim comigo. O dinheiro d'alli só chega para J^e Marrocos, Cavalinho e outros que elle protege. Parece ir se acabando o desapego que tinha à estas cousas. ...”

29-10-1893 = CRA 14,01

Jo “... Garanto a V.E^{xcia} que o Pe.Dr. Antero não foi sincero perante V.E^{xcia}. É certo que a familia d'elle, talvez por commodista, não veio visitar o Joazeiro. Não é certo que o Pe.Cícero tenha deixado de falar de V.E^{xcia} bem como as beatas. Não posso declinar os nomes das que tem falado de V.E^{xcia}, mas é certo que beatas de manto ou de chale tem dito de V.E^{xcia} cobras e largatos, não agora porque as forças combinadas de V.E^{xcia}, minhas e do P^e Manoel Candido e sobretudo a Pastoral respectiva aos factos d'alli, taparam a boca mesmo dos mais exaltados. Ontem chegou um beato da Casa de Caridade d'aqui que voltando de uma excursão feita por minha ordem afim de tirar esmola para a referida casa. Contando as peripecias da viagem entre outras cousas disse: O povo do Piahy e de Rio de São Francisco não acredita mais no Joazeiro. Perguntei-lhe a razão. Respondeu por causa da Pastoral do Sr Bispo. O Joazeiro nada é porque aquele povo accomentou elle. Já eu havia notado o numero assaz reduzido de romeiros, e o pouco enthousiasmo religioso dos que vão chegando ultimanente. Na minha ultima datada de 26 do corrente disse o que pude colher relativamente a missão de Mons. Monteiro. Corre com insistencia n'esta Cidade o boato de haver o Pe. Cícero vendido terços belgas, de 500 dias de indulgencia em cada conta, trazidos pelo Pe .Dr Antero, pela importancia de seis mil reis cada um. Irei verificar se é isto exacto afim de informar a V.E^{xcia} ...”

20-11-1893 = CRA 04,20

Jo “...Monsenhor Monteiro voltou do Mossoró (?) onde esteve alguns dias. Ainda não pude vê-lo, depois que chegou. Vive grande parte do tempo no Joazeiro com o fim de dar a comunhão as devotas d'alli. Irei sondandol-o e o que puder colher, communicarei em tempo à V.E^{xcia}. (...) Em uma das minhas cartas anteriores disse a V.E^{xcia} que o Pe Antero não era sincero e ainda confirmo o que affirmei. Declarou estar de accordo com V.E^{xcia}, nunca ter ouvido mal de V.E^{xcia} no Joazeiro. Que não esta de accordo com V.E^{xcia}, todos sabem, e V.E^{xcia}, ainda melhor. Que V.E^{xcia} tem sido injuriado por gente do Joazeiro, é cousa sabida por todos, e se o não o fazem perante mim, é por tactica e deferencia a minha pessoa que. por graça de Deus, tenho sabido me impôr ao respeito d'aquella gente. O meu modo de pensar está de accordo com V.E^{xcia}, digo, com o de V.E^{xcia} que raciocina, tanto por base do que sabe, e eu o que vejo. Creio não faltar à caridade por meus collegas, pois o meu fito é esclarecer o meu Bispo e amigo afim de que possa, em segurança de consciencia encaminhar os negocios do Joazeiro até seu desenlace final. Não foi sincero para com V.E^{xcia}, repito ainda, o R^{vo} Dr Antero. Outro assumpto: Monsenhor Monteiro declara alto-bom som que do Crato não sahira em hypothese alguma. E a razão, creio eu, é que tem irmão rico e portanto não precisará das ordens para viver. Outro assumpto. A mãe de Maria de Araujo morreu em janeiro do corrente anno, e desde esse tempo ella tem feito companhia aos irmãos, salvo alguns dias d'interrupção. Morão com ella uma irmã moça, uma menina e um menino, ambos menores de dez anos, e um irmão casado, tendo consigo a própria mulher. Para o Pe.Cícero, a beata de mais merecimento é Maria de Soledade: esta Senhora, quase sempre, foge de mim. V.E^{xcia} deverá lembrar-se que ella foi a milagreira de Barbalha e Jardim. A Maria de Araujo, permitta V.E^{xcia} a expressão, já deo o cacho. Ao Pe.João Carlos dei a primeira carta de V.E^{xcia} por intermedio do Pe.Jm Sother, que, com toda certeza a entregou. Não respondeo nenhuma das cartas de V.E^{xcia}!! = O povo sancto do Joazeiro é sempre assim = não reconhece poder algum, senão o do Pe.Cícero, novo Papa. Agora vou occupar-me da ultima carta de 4 do corrente. (...) Felismente o processo do Joazeiro já está em poder do Cardeal. Sim, aguardarei o resultado que não

deixara de ser desfavorável à gente do Joazeiro onde a religião é à feição de cada um. Só irei ao Joazeiro no mês que entra. Examinarei com atenção o que por lá se vai passando. Já communiquei à V.^{Excia} o procedimento do Dr. Madeira, dando novo attestado em favor dos factos do Joazeiro. Este facto foi referido por pessoa fidedigna, íntima do Pe. João Carlos de quem é um verdadeiro Fidus Achates. Está pessoa é um irmão do Pe. Francisco Maximo Feitosa e a historia foi referida por elle ao Capitão Raymundo de Alcantará. Chama-se elle José Castro. (...) Talves o portador desta carta seja o Capitão Raymundo de Alcantará de quem falei há pouco, e se for elle, ira ao Palacio conferenciar com V.^{Excia} segundo me affirmou.

05-12-1893 = CRA 14,02

Jo "...Recebi a carta de V.^{Excia} de 10 de Novembro vinda pelo ultimo correio, e com ella a Portaria prohibitiva de confissões, predicas e festejos no Joazeiro. Já dei sciencia d'ella à alguns Sacerdotes, exceptuando o Pe. Cícero e Monteiro à quem n'estes dias intimal-a-hei de viva voz, afim de não sophismarem. (...) Não sei si já communiquei a V.^{Excia} a volta do Monsenhor Monteiro. Foi até o Mossoró d'onde não seguiu, disse elle, por causa da revolução no Rio. Farei esforços no intuito de saber se, com toda certeza, foi fornecido o attestado pelo Dr. Madeira. Na minha última carta dei as últimas informações a respeito de Maria de Araujo, que, desde a morte da mãe d'ella, sahiu da casa do Pe. Cícero e vive com os irmãos solteiros. (...) Appendice a minha carta datada de hontem: Entendendo-me com o Ca^{ptão} Raymundo de Alcantara que deo-me noticia do attestado do Dr. Madeira disse-me elle que eu podia affirmar a V.^{Excia} a existencia do mencionado attestado nas condições que eu já expus a V.^{Excia}. O Jose de Castro, irmão do Vigario Francisco Maximo Feitosa e Castro, me disse elle, leo o attestado, disse com toda franquesa: este último attestado é melhor do que o primeiro: confirma peremptoriamente os milagres do Joazeiro."

18-12-1893 = CRA 04,21

Jo "...Fui ao Joazeiro no dia 15 do corrente e lá demorei-me até o dia 17 e, apesar de esforços por mim empregados, não encontrei uma pessoa que me desse notícias da venda dos terços belgas. Dei pessoalmente ao Pe. Cícero sciencia da Portaria prohibitiva de confissões, sermões e festas no Joazeiro. Disse no começo: 'Só aceito a prohibição se m'a comunicar por officio, isso porque estou com um pleito religioso, e preciso de documento'. Disse-lhe eu: 'acceite se quizer; cumpri o meu dever'. Só far-lhe hei a comunicação por officio de ordem do Sr Bispo. Cumpre declarar a V.^{Excia} que em começo do nosso dialogo relativamente a Portaria supra, elle falou em tom autoritário, mas algumas horas depois, falou em tom humilde, e pediu que eu obtivesse de V.^{Excia} consentimento para officiar à elle, dando sciencia do conteúdo da mesma portaria. Não sei o que elle fara com o tal officio. Os Padres d'aqui e de Barbalha estão scientes da prohibição. Procurei satisfazer o desejo de V.^{Excia} exercendo as funções parochiais no Joazeiro por mim mesmo, sempre que me fôr possivel. Monsenhor Monteiro aqui se acha bem satisfeito da vida, e creio que não ira mais ao Rio de Janeiro segundo o que me tem dito. Continua com a mesma credulidade sobre nogocios do Joazeiro (....) Ia me esquecendo: O Pe. João Carlos se acha bastante enfermo. Dizem que o T^{ente} C^{el} Segundo seguira para S. Anna com o fim de salvar-o. Cumpre-me declarar a V.^{Excia} que o mesmo Pe. antes de remetter a carta atrevida mostrou-a à alguns sacerdotes que d'ella me falaram e citaram alguns trechos..."

1894

02-01-1894 = CRA 14,03

Jo "...Sobre o Joazeiro nada há de novo. ..."

08-01-1894 = CRA 04,22

Jo "...Triste papel tem, com effeito, representado o Pe. Antero. Bem conhecido, não enganará mais V.E^{xcia}. O Pe. Cícero, Monsenhor Monteiro continuam no statu quo. Nenhuma beata appareceu mais em scena, nem mesmo Maria da Solidade a que ultimamente estava na ordem do dia. Esta moça teve espasmo quando pequena, soffrera da gôta, dôres de colica horriveis, alem de histerismo que o Dr Ildefonso affirma ella soffrera. O Pe. Manoel Felix mostrou-me o jornal que referia o facto occorrido na Comarca do Bom Jardim, identico ao de Barbalha. (...) O Pe Vicente Sother (...) seguira (...) para esta Capital (....) Nessa occasião, isto é, quando ele lá estiver, V.E^{xcia} tirará à limpo muita cousa que se tem dado no Joazeiro. (...) O Padre Joaquim Sother há muitos meses está zangado com as beatas do Joazeiro, e não é mais o mesmo com o Pe. Cícero pelo motivo seguinte = Estando o Pe Cícero rodeado das beatas mais celebres em casa d'elle no Joazeiro, passou uma reprehensão no Pe. J^m Sother mais ou menos n'estes termos.' Como é que V. andou dizendo que me deo conselhos e eu os não tomei? Que faltas cometti eu que merecesse ser aconselhado por Você?' Disse mais alguma cousa de que não me recordo. As beatas ouvindo isto, em vez de se calarem, applaudiram o occorrido mostrando viva satisfação. Desde esse tempo o Pe J^m Sother ficou prevenido com a gente d'alli e poucas vezes tem ido lá, e só para confissões de pessoas enfermas e nunca a passeio. Por caridade confessa as beatas, mas não gosta d'ellas. O que acabo de referir me foi contado pelo mesmo Revmo Pe J^m Sother com a maior reserva. A vista do que poderá V.E^{xcia} abrir se alguma cousa com o mesmo Padre relativamente a direcção das beatas. (...) Ainda sobre os negocios do Joazeiro. A Pastoral de V.E^{xcia} só não tem valor para os Padres comprometidos, mas para os que não o estão e para os leigos não especuladores é uma peça importante, sim e certamente a última palavra sobre os negocios do Joazeiro. ..."

13-01-1894 = CRA 04,23

Jo "... Não tem havido aqui e no Joazeiro occurencia alguma digna de menção, senão o seguinte. Monsenhor Monteiro há uns quinze dias se tem mostrado frio commigo. Disse a uma pessoa minha que eu ostentava a posição e importancia de que gerava para com V.E^{xcia} o que não é exacto. Disse mais que eu julgava mal os collegas, indagando se havia alguem no Joazeiro que tivesse comprado terços belgas. Indaguei cumprindo ordens de V.E^{xcia} no que tenho sumo prazer e regorijo inexprimivel. Disse mais que V.E^{xcia} declarará à algumas pessoas na Capital, d'entre as quais à uma portadora de notícias à elle Monsenhor, que eu havia escrito à V.E^{xcia}, dizendo que elle seguia para o Rio à denunciar de V. E^{xcia}. Vive pensando sempre que comunico à V.E^{xcia} tudo que vejo e ouço. Isto é certo quando se trata dos negocios do Joazeiro. Se pedirem do Joazeiro para fazer a Semana Sancta, não darei a licença no que parece-me satisfazer à V.E^{xcia} em vista da Portaria e cartas que de V.E^{xcia} ultimamente tenho recebido. Não me esquecerei de communicar o que for occorrendo.

24-01-1894 = CRA 14,116

Jo "...Aqui não se fala em Joazeiro senão rarissimas vezes. Alguns romeiros ainda visitam-no, mas em muita pequena quantidade. ..."

27-03-1894 = CRA 14,125

Jo "...O que se deo com a tal illuminada da França devia abrir os olhos dos sacerdotes emmaranhados nos negocios do Joazeiro. A graça de Deus os illumine. Agora vou levar ao conhecimento de V.E^{xcia} um facto gravissimo acontecido no Joazeiro. No dia 8 do corrente, às 2 horas da tarde, depois da missa do Pe.Cícero, fiz um sermão sobre o peccado e no fim d'este,

falei sobre alguns abusos que alli se davam, tais como reunião de beatas e mulheres a noite, ora cantando terços pelas casas, ora carregando materiais para uma Igreja etc. Quando exprobrava o procedimento de semelhante gente, o Pe. Cícero, do altar onde estava, interrompeo-me dizendo em altas vozes diante da grande massa de povo que me rodeava que não era exacto o que eu dizia; que eu estava mal informado; que aquelles factos nunca se tinham dado etc. Tive a prudencia de não romper com elle na occasião e nem mesmo depois; apenas lancei-lhe no rosto o seu desgraçado procedimento, e elle o que me disse em resposta foi que arrependeo-se de ter feito aquillo. Depois de semelhante occurencia não sei qual deva ser a minha attitudo diante do Pe. Cícero. Talvez algum secular imitando-o queira fazer o mesmo no curso de minhas práticas ou sermões. Cumpre-me communicar à V.E^{xcia} que os factos que eu verbiei do púlpito são verdadeiros. Pois Monsenhor Monteiro que passa a maior parte do tempo no Joazeiro, foi quem me deo noticia d'elles e pediu-me que do pulpito bradasse contra elles. A Jahel está separada da communhão do Pe. Cícero e das sanctas do Joazeiro. Estas últimas, nem sequer, consentem que ella as acompanhe do Joazeiro para esta cidade. Ella a Jahel ficou de me apparecer amanhã e n'esta occasião irei ver se colherei alguma cousa de importante sobre os negocios do Joazeiro. Do que colher, darei sciencia à V.E^{xcia}. (...) Outra cousa. Sei que Monsenhor Monteiro não tem provisão de confessar; mas como elle foi muitos anos, e está sendo meu confessor, visto não haver n'isto inconveniente, peço à V.E^{xcia} se digne dar-lhe a faculdade de confessar-me. A graça que peço é somente em meu favor, e V.E^{xcia} não tenha medo que elle venha abalar-me. Desde que cheguei aqui, sempre me confesso com elle, salvo quando havendo necessidade, não se acha elle, aqui...."

02-06-1894 = CRA 8, 01

Jo "...Em dia do mes passado estive no Joazeiro uns dois dias: Ouvei uma missa do Pe. Cícero que de nada desconfiou = Desde do Introito até o fim do Evangelho de S. João a duração foi apenas de quarenta minutos = Elle nunca celebrou Missa começando-a as 2 horas da tarde. Ordinariamente começa a celebrar meia hora depois de meio dia, e às vezes um pouco mais tarde, mas sempre antes de uma hora da tarde. Algumas vezes começa a revestir-se e nisto gasta muito tempo dando ouvido às beatas e outras pessoas, revestido chega à posição em que deve começar a Missa e aí se fica sem nada dizer 3, 4, 5 e mais minutos fazendo movimentos com a cabeça um tanto leves e é por isso que alguém diz qu'elle gasta uma hora ou mais celebrando. Erros notáveis, mas essenciaes não encontrei; apenas notei que logo depois das abluções em vez de pôr o cálice à sua esquerda d'elle e ahi colocar a patena, pala e veo sobre o mesmo cálice fez tudo isto à sua direita d'elle. Em Julho pretendo passar uma semana no Joazeiro confessando: nesse tempo farei nova observação no que occorrer durante a Missa do Pe. Cícero. Este Padre obteve por intermédio do Pe. Dr. Antero algumas faculdades em Roma entre as quais as de dar bentos. O Pe. tem usado d'ellas, mas servindo-se da benção ad ommia. Esta mesma benção ele applica em outras bênçãos como de vela, imagens, cordões, etc. Fiz-lhe ver que isso era irregular, mas obstinado em suas opiniões d'elle não deo importância a minha advertência. Não sei em que theologia se baseia elle para benzer um objeto qualquer. Sendo os sacramentaes um exercício das ordens, me parece que estando suspenso, não pode fazê-los. A emigração no Joazeiro continua em larga escala, todos os dias affluem romeiros de toda parte. Não me dei por offendido por ter sido desattendido em meu pedido de jurisdicção para Monsenhor me confessar. Elle está zangado com o povo do Joazeiro e alguém diz que elle está desgostoso com o Pe. Cícero. Disse-me Monsenhor que tão cedo não iria ao Joazeiro. Tanto aqui como no Joazeiro vai tudo correndo calmo. Ia me esquecendo. Nada pude obter de Jahel mas farei novas tentativas no intuito de ver se colho alguma coisa...."

30-06-1894 = CRA 8, 02

Jo ..Não fiz chegar ao conhecimento do Pe.Cícero, Sother e Monsenhor Monteiro o jornal que V.E^{xcia} me mandou por que há dias havião lido o artigo que elle contem, em outro jornal mandado de Pernambuco por o Padre João Carlos Augusto, actualmente Vigário n'aquella Diocese. Foi o próprio João Carlos que o trouxe e mostrou-o a elles. Mandeio-o, porém, para os Padres Quintino e Miguel Coelho. Quando ao procedimento d'elle [Pe.Henrique José Cavalcante] relativamente ao Joazeiro, vou fallar francamente à V.E^{xcia}. Este Padre estava no Joazeiro ou Missão Velha no momento da apelação. Convidado pelo Pe M^{el} Roiz, Vigário de Milagres para assignal-a, recusou-se á fazê-lo, e n'esta occasião o dito Vigário disse que elle tinha dado em escândalo. Disse o Pe Henrique: estou com a consciência tranquilla: meus amigos, não se vexem; se aqui há alguma cousa de Deus, elle se encarregará de manifestá-lo, e senão é de Deus, os esforços dos Senhores serão baldados, e tudo isso que chamam de Milagres, cairá no ridículo. Não creio n'estas cousas continua elle. Os Senhores quer collegas, quer seculares, mais tarde se hão de arrepender. Até aqui o Pe Henrique. Ficou-só, Sr Bispo, e outros apellaram e o Pe foi por elles censurado. Muitas vezes o Pe Henrique aconselhou-os e elles (collegas) tornaram-se surdos aos conselhos dados pelo referido Padre. Nunca foi Joazeirista e nem o é: ao contrário: sempre foi antijoazeirosta. Não gosta de demorar-se n'aquelle lugar e o pouco tempo que alli permanece, fala em alto e bom som contra qualquer abuso que por acaso encontre. Senhor Bispo, o Pe Henrique é um santo, affirmo, sem medo de errar, á V.E^{xcia}. Não conheço sacerdote mais digno e virtuoso n'este Bispado. Está attingindo os setenta annos, vive soffrendo continuamente das pernas e de outros males de modo que pouco serviço pode prestar. Eu desejava que V.E^{xcia} o conhecesse pessoalmente. Por certo, V.E^{xcia} gostaria d'elle. Pretende elle accabar os dias de vida aqui no Cariry, mas não no Joazeiro. O desejo d'elle é permanecer ora aqui n'esta cidade, ora em Missão Velha. Vamos agora à outro assumpto de grave importância. Uma beata do Joazeiro de nome Anna, irmã de Maria da Soledade, está de casamento junto com um primo legitimo d'ella, sendo que o contacto se fez depois de correrem boatos infamantes d'ella beata com o referido primo. Há dias impetraram dispensa do parentesco, e licença de hora, lugar e dispensa de banhos afim de não haver escândalo. A beata impetrou também dispensa do voto de castidade, do que fiz menção na petição da dispensa. Este facto tem produzido bastante alarme aqui e no Joazeiro, e causado sensação enorme em toda população. Eis o fructo da imprudência de muitos confessores extorquindo votos de moças de tenra idade e inexperientes. Agora mesmo endereço a V.E^{xcia} uma petição de dispensa do voto de não casar feito em juramento intra confessionem à instancia do confessor da peticionaria. A maior parte das Beatas d'aqui estão ligadas por ritos e outros votos de igual natureza. O Pe Cícero foi a Icó e de lá voltou, chegando ontem ao Joazeiro onde foi festejado com muito fogo. O fim de semelhamte viagem foi trazer uma imagem do Senhor Crucificado, me disse elle...."

02-09-1894 = CRA 8, 03

Jo "...Encontrei no Icó os seguintes sacerdotes = Pe Cícero, Manoel Roiz, Monsenhor Monteiro, João Carlos de viagem para a Fortaleza. Nada me interrogaram, mas já o haviam feito ao Pe Micenas que os animou à proseguirem na viagem e a imitarem o procedimento de Fenelon. Nos lugares por que passei, encontrei o povo assombrado com a decisão da Sancta Sé sobre os negócios do Joazeiro. Perguntavam-me se as imagens bentas no Joazeiro deviam ser conservadas ou queimadas. No Icó encontrei o povo submisso à decisão da Igreja.

04-09-1894 = CRA 8, 04

Jo "...Continua grande affluencia de romeiros para o Joazeiro. Advertidos alguns pelo Pe Felix e Henrique da prohibição de romarias, para aquelle lugar-feita, não só por V.E^{xcia}; mas também

pelo Papa, respondião: Nosso Papa é o Padre Cícero, havemos de ir ao Joazeiro sem nos importarmos com Pastoral de ninguém. Conta-se por aqui que houve muito fogo no Joazeiro, porque José Marrocos escrevêra, dizendo que o Padre Cícero havia de voltar, e que a decisão da Sancta Sé não era como se suppunha. Alguns beatos do Joazeiro, entre os quais o celebre Palmeira, vivem pregando todos os dias alli e recebendo esmolas em nome da religião do Joazeiro. Um d'elles, depois de pregar ao povo, dá o pé a beijar, recebendo depois esmolas dos tais romeiros que boquiabertos o contemplam. Amanhã descancarei no Joazeiro onde pretendo com olho vivo observar o que se vai passando. Crêem todos que se o Pe Cícero voltar para o Joazeiro a decisão da Sancta Sé não produzirá effeito algum, relativamente aos romeiros....”

20-09-1894 = CRA 04,24

Jo “...Tomei o alvitre de mandar até essa Capital um positivo para communicar, quanto antes, as tristes occorencias que ultimamente se deram no Joazeiro. Vou começar: no dia 15 do corrente, às 2 e 1/2 horas da tarde, segui para o Joazeiro com o fim de ler a Pastoral como V.^{Excia} me determinou, sendo que, alguns dias antes de partir, chegaram, a cada momento, ameaças de toda sorte si eu tivesse a audácia de ler a referida Pastoral. Apesar disto, no dia 16, às 9 e 1/2 da manhã, subi ao púlpito, e fiz a leitura invertendo a ordem. Comecei-a pela Pastoral do ano passado; concluída esta, li a última que está no começo, a Decisão da Santa Sé e os Mandamentos posteriores. Procedi assim por que a Pastoral do ano passado referente ao Joazeiro não tinha sido lida na Capella daquella povoação. Releva notar que, depois da leitura da Pastoral no qual gastei hora e meia, preguei ao povo que enchia a Capella, mostrando-lhe a obrigação que tinha de obedecer a Autoridade Diocesana e a Santa Sé, a culpa grave que cometteriam e a pena que soffreriam não o fazendo. Constou-me que algumas mulheres durante a leitura da mencionada Pastoral disseram por vezes: é mentira, é mentira; e alguns homens e mulheres em não pequena quantidade retiraram-se para não ouvir a leitura e sermão. Anunciei ao povo que à tarde haveria sermão e Benção do S.S. Sacramento. De facto as 5 e 1/2 subi ao púlpito, tomei por thema a parábola do Phariseu e Publicano, imagem dos verdadeiros e falsos devotos, verberei com toda indignação os embustes d'alli, os sacrilegios, profanações e irreverências ao S.S. Sacramento à quem ridicularisavam apresentando hóstias nas mãos nos canecos e em toda parte, dizendo-as vindas do Ceo, e em termos claros declarei que tudo no Joazeiro era embuste; falei detidamente sobre o apparecimento das hostias etc. Tres dias antes, nono dia depois de minha chegada aqui (13 do corrente) fui a Joazeiro confessar uma enferma: aproveitei o ensejo e intimei pessoalmente em uma casa contígua à Capella, Maria de Araujo à recolher-se a Casa de Caridade de Barbalha. Disse que estava prompta à ir, animei-a à obedecer e ella continuou dizendo que ia consultar a familia. Dei-lhe um prazo de quatro dias para reflectir e este prazo expirou no Domingo (16 do corrente em que li a Pastoral) Neste mesmo dia appareceram-me os dois irmãos mais velhos e disseram-me que Maria de Araujo estava prostrada e n'estas condições não podia seguir para a Barbalha; que se eu desse um prazo até o fim do mês, quando devia estar restabelecida, seguiria ella para a Casa de Caridade d'aquella Cidade. Dei o prazo pedido visto o estado mórbido da beata, suppondo que V.^{Excia} approvaria meu procedimento. Isto se deo no dia 16 à noite. Na manhã do dia seguinte quando me preparava para voltar à esta cidade, appreceu o irmão mais velho da Maria de Araujo e pediu-me que fosse a casa d'ella afim de ver o estado em que achava ella beata. Pouco depois montei à cavallo, fui a casa da referida beata, e lá chegando, encontrei a casa repleta de mulheres talvez umas duzentas e o terreiro e immedições occupados por uns quinhentos e tantos homens entre os quais alguns armados. Apesar disto, entrei difficilmente por entre as mulheres, fui ao quarto da beata onde encontrei-a doente. Intimei-a à dar-me a resposta definitiva se ia ou não para a Casa de Caridade, mas não pude ouvir

a resposta. O terceiro irmão e uma irmã moça interrompeu-nos e disseram em alta voz = ella não vai, ella não vai porque não queremos. Neste comenos fecharam por fora a porta do quarto, e então suppus que os tres irmãos que se achavam no quarto me quisessem offender. Bati logo a porta que foi immediatamente aberta, sahi incolume, me fui a cavallo, reprovei o procedimento do povo alli reunido, e nesta occasião o terceiro irmão da beata, de nome José de Araujo, approximou-se do cavallo e disse = ella não vai, porque eu não quero. Reppeli-o e segui para o Crato, e quando estava à pequena distancia, ouvi vivas não sei à quem; talvez ao Pe Cícero e Maria de Araujo. Soube depois que deram-me assobios chamaram-me de Vigario pé oco e outros desaforos deste jaez. Segui desapontado para a cidade por causa da vaia que me deram. D'então pra cá tem estado o Joazeiro completamente conflagrado, de modo que não poderia apparecer alli, no dizer de todos da cidade, nem mesmo para confissões in articulo mortis. Não sei como continuarei a viver aqui, se as cousas continuarem assim. É tal o meu desassossego de espirito que já me veio lembrança de pedir demissão. Vou agora referir um accidente havido entre mim e D. Angelica, irmã do Padre Cícero. No dia 13 do corrente, indo eu visitar a Mãe do Padre Cícero, aquella Senhora entrou no quarto e na minha presença e de muita gente começou a defender os factos do Joazeiro, e com cute altiva disse = O Padre Cicero deve voltar ainda que seja sem batina, não é criminoso, não matou ninguem para estar soffrendo. Quando defendia ella os factos do Joazeiro, eu disse-lhe = D. Angelica, os factos estão condemnados e a Senhora defendendo-os ficará privada dos Sacramentos: ella não se importou e continuou a dizer muitas asneiras apezar de ser muitas vezes apreendida pela própria mãe que se achava presente. Retirei-me para não ouvir tantos dislates d'aquella Senhora. Soube hoje que se achava gravemente enferma, soffrendo repetidas syncopes cardiacas, mal de que há muito padece. Hontem fui a Casa de Caridade com o Padre Joaquim Sother avisado uma hora antes em nossa casa e lá chegando, chamei a parte a Superiora para ver o motivo de nossa viagem alli. Entramos em sua sala secreta para onde mandei chamar Antonia Maria da Conceição e Maria Joana. Logo que chegaram, fiz o que V.E^{xcia}. determinou. A Maria Joana, depois de alguma hesitação, declarou ser falso o que dissera no depoimento exarado no processo e a outra sustentou o que dissera no processo, notadamente ter de Deus recebido as particulas. Contestei-a, dizendo ser isto impossivel, e animei-a à dizer a verdade. Tudo foi baldado; nada se conseguiu. Dei a mesma beata o prazo de tres dias fazendo-lhe ver as penas que lhe seriam impostas, se não falasse a verdade. Hoje mandei ao Joazeiro o meu Sacristão com cartas para as beatas Maria da Soledade, Maria das Dores, Jahel e Joanna Tertullina e Maria de Araujo. Convidei as primeiras à virem a esta cidade, e a segunda communiquei a pena imposta por V.E^{xcia} se até o dia 25 do corrente, não seguisse para a Casa de Caridade da Barbalha. Vão as cópias das cartas que dirigi à Maria de Araujo e as outras quatro. Vão também as respostas de três, faltando a de Jahel que estava fora. Entendi-me pessoalmente com Anna Leopoldina que disse perante duas testemunhas nunca ter dito o que estava no processo. Não me lembro que isto se desse, me disse ella. Esrevião o que querião. Cumpre-me declarar a V.E^{xcia} que tenho fielmente observado as Instrucções que de V.E^{xcia} recebi.

Additamento a minha carta datada de hoje 20 de setembro. E^{xmo} S^{hor}, o povo do Joazeiro em sua quase totalidade, não aceita a Decisão da Sancta Sé baseada em sophismas. Espera a volta do Pe. Cícero de quem tudo confia. Não crê em Papa, Bispo, em qualquer outra autoridade Ecclesiastica. O Padre Cícero para elles é tudo, e depois do padre Cícero a Maria de Araujo. Quando fui à casa d'ella – o povo que a cercava, tendo-a por santa, a contemplava cheio de admiração. Esta turba ignara composta de criminosos e homens de todo jaez são capazes de tudo. Sou informado de que os commerciantes açulam contra mim romeiros e moradores novos no Joazeiro afim de não verem o descalabro inevitável produzido pela Decisão da Santa Sé. Soube há pouco que algumas pessoas de alli do Joazeiro mandaram uma

parte contra mim não sei a V.E^{xcia} ou ao Governador. Minha consciencia está tranquilla. Hoje chegou, digo, hontem chegou aqui o Pe Manuel Candido que muito tem me ajudado nesta campanha. E^{xmo} Sr, dois tios de Maria de Araujo e um primo legitimo d'ella responderam n'esta cidade por crime de morte: por conseguinte os irmãos são capazes de assassinar-me. Hoje veio um membro da familia muito importante d'aqui o C^{ap}. Leandro pedir-me que não fosse ao Joazeiro e disse me que foi uma temeridade ir ao Joazeiro ler a Pastoral. Nem para fazer confissão na hora da morte devo ir, tome meu conselho, disse elle. Veja V.E^{xcia} em que condições me acho eu. A vista do exposto sem ordem e sem nexo pela impressão que me domina o espirito, parece uma medida necessaria pôr interdicto na Igreja do Joazeiro. Dizem alli que se as portas forem fechadas que arrebetam as portas, e não fazem caso do interdicto. O espirito de revolta está alli plantado e V.E^{xcia} bem sabe quem lançou a semente. Releva notar que o povo todo desta cidade está comigo. Se for possivel, V.E^{xcia} mande-me ao menos umas vinte Pastorais pois as que trouxe se esgotaram por causa dos frequentes pedidos que me fizeram. Ultimando este additamento, comunico a V.E^{xcia} que ainda não recebi os panos e José Marrocos estava há pouco no Icó na casa do Pe. Antero. Na minha passagem naquella cidade, já alli estava tendo sahido escondido desta cidade.

26-09-1894 = CRA 04,25

Jo "...Ha pouco recebi do S^{re} D^r Felismino Peixoto alguns officios e cartas de V.E^{xcia} para diversos sacerdotes, sendo um deles para mim. Abrindo-o deparei com a Portaria de 13 do corrente, prohibindo alguns padres de celebrar na Capella do Joazeiro ou outra qualquer, encravada no respectivo districto, de se comunicarem com as mulheres culpadas no embuste do Joazeiro e ordenando ao Padre Cícero a restituição dos donativos recebidos em nome dos pretensos milagres do célebre Joazeiro. Deparei ainda com uma carta de V.E^{xcia} que vou agora responder. Sciente do procedimento dos Padres quando nessa Capital, garanto a V.E^{xcia} que cumprirei religiosamente tudo quando concorrer para a liquidação da historia do Joazeiro. Terei o cuidado de comunicar a V.E^{xcia} o modo de proceder dos sacerdotes implicados na questão. Hontem escrevi a V.E^{xcia} disendo que Maria de Araujo não tinha seguido para a Barbalha; mas hoje fui informado por muita gente de ter ella seguido hontem em uma rede para aquella cidade das 3 para 4 horas da tarde. O Pe. Cícero impediu grande quantidade de povo de acompanha-la no que acho que procedeu corretamente. Tambem communiquei a V.E^{xcia} não terem acolhido a minha intimação as beatas Soledade, Tertullina, Isabel, M. das Dores até hontem prazo fatal assignado por mim para o comparecimento dellas. Vieram hoje a noite e amanhã pela manhã terá lugar a nossa entrevista com ellas. A Tertullina pedio mais um prazo de dois dias; por conseguinte, só conversaremos no dia 28. O povo do Joazeiro continua a não vir se confessar. Antes de seguir para a Capital dois terços das pessoas que se confessavam eram de Joazeiro – nas minhas precedentes cartas dei noticia a V.E^{xcia} do estado em que se achava o povo daquella Povoação. A luta será tremenda, principalmente com os comerciantes d'alli que não se querem conformar com a decadência do sancto Joazeiro, inevitável antes e depois da Decisão da Santa Sé. Açulam o "vulgacho" contra mim, pensando que assim poderão aparar o golpe. O Pe. Cícero que está hoje por aqui veio em nossa casa onde pouco se demorou e nada conversou sobre o estado actual das cousas no Joazeiro, nem sobre a viagem e entrevista com V.E^{xcia}. Contam-me ter voltado satisfeito com V.E^{xcia}. ..."

10-10-1894 = CRA 8, 05

Jo "...nada sobre Joazeiro

20-10-1894 = CRA 04,26

Jo "...No dia 7 do corrente, as 6 horas da manhã, recebi duas cartas de V.E^{xcia} datadas, a primeira de 28, e a segunda de 30 de setembro passado, as quais trouxeram grande lenitivo a minha

alma tão atribulada n'estes últimos tempos. Antes de tudo, declaro a V.E^{xcia} que pus em prática os conselhos n'ellas exarados, porque o povo do Joazeiro, geralmente falando, ainda não deu provas de submissão a Santa Sé, e nem de arrependimento do desacato que fizeram a minha pessoa. Abster-me-hei de, por algum tempo, apparecer alli salvo ordens em contrário dadas por V.E^{xcia}. Nas actuais circumstancias, outro não deve ser o meu procedimento no meu humilde modo de pensar. Há pouco mandei um positivo com cartas aos Sacerdotes da circunvizinhança, declarando à cada um ser prohibida a celebração da Sancta Missa na Capella do Joazeiro e acharem-se privadas da administração, digo, privadas dos sacramentos Maria da Soledade, Maria das Dores, Jahel Wanderley Cabral, Joanna Tertullina e Antonia Maria da Conceição, a qual depois de haver confessado os embustes que praticou, como V.E^{xcia} terá visto no documento remettido em dias do mês passado – veio a casa da minha residência, no dia 4 do corrente à tarde, declarou-me que não falou a verdade na retratação exarada n'aquelle mesmo documento. Disse-lhe eu = A Senhora falou a verdade, agora quer negal-a. A retratação já deve estar em poder do Senhor Bispo: por tanto é excusado conversar mais sobre essas cousas. Se continuar à sustentar suas velhacadas e embustes, será expulsa da Casa de Caridade e privada de todos os sacramentos. Finda a entrevista que foi curta, voltou para a Casa de Caridade. Dois dias depois indo eu alli, encontrei-a adoentada. Perguntei a ella na presença da Superiora, se ainda sustentava o que havia deposto no processo? Respondeu que sim. Disse-lhe então = Tu não merece fé, és uma perjura, indigna de estar nesta casa, onde sempre te comportaste mal, desobedecendo à superiora, e vivendo na ociosidade. Por attenção a Monsenhor Monteiro que foi benfeitor desta casa, não foste há mais tempo expulsa. Deponha o habito religioso, e sai immediatamente desta casa, e fique sabendo que está privada dos sacramentos. E^{xmo} S^r, pensando n'este último procedimento de Antonia, veio-me a lembrança o seguinte = A retratação d'ella teve lugar alguns dias antes da entrevista com as quatro beatas do Joazeiro que sustentaram obstinadamente a sobrenaturalidade dos factos occorridos alli. Antonia sabendo da obstinação d'ellas, quis imital-as. Cumpre-me declarar a V.E^{xcia} que ella não soffre pressão, nem da minha parte, e nem do Padre J^m Sother e da superiora. São assim as sanctas do Joazeiro. A desobediência e ociosidade foram sempre os traços característicos desta mulher execranda, em todo o tempo que esteve na Casa de Caridade; tal foi a informação que della me dis o Pe. J^m Sother. Já foram em totum executadas as Instrucções que de V.E^{xcia} recebi, dando o resultado já a V.E^{xcia} communicado em minhas anteriores cartas em que só não falei de Rachel Sisnando de Lima. Esta Senhora foi a última com quem me entendi. Declarando-lhe a razão da entrevista, ella me disse que estava prompta a retratar-se o que fez alguns dias depois, como V.E^{xcia} verá do documento que a esta acompanha. Até agora não appareceram os panos ensanguentados. Nada sei de positivo sobre o procedimento do Pe. Cícero. Entretanto há quem o accuse de estar embalando o povo na esperança de outra decisão da Sancta Sé, sendo certo que ninguém testemunhou isso: é um boato que circula por aqui. Os apaniguados do Pe. Cícero, entre os quais um Senhor Leopoldino Romão, companheiro da viagem d'elle para a Capital, disem o seguinte = os padres sustentaram a sobrenaturalidade dos factos do Joazeiro perante o Senhor Bispo e este disse que a Decisão da Sancta Sé não era infallivel, por conseguinte podemos continuar na nossa crença, admittindo como sobrenaturais os factos do Joazeiro. Pela regra do Pe. Henrique = que branco só diz o que ouve branco dizer, foi algum dos Padres que disse isto ou se assim não é, foi invenção do tal Romão. O Capitão Francisco de Mello um dos mais fanáticos, dis em toda parte = agora creio mais nos milagres do Joazeiro do que antes. Continua o povo desta freguesia, principalmente do lado do Joazeiro, a não procurar o confessionário. Raras são as pessoas que vem a esta cidade com tal fim e estes procuram de preferencia o Pe. João Carlos. Talvez porque este não indagará das disposições de cada penitente relativamente aos factos do Joazeiro. Escuto muito submissamente as medidas por V.E^{xcia} tomadas no intuito de acabar de vez com os embustes do Joazeiro e a brandura com que tratou os Sacerdotes

emaranhados na questão; mas força é confessar, eu não esperava que o Pe. João Carlos viesse com permissão de confessar na Freguesia do Cariry. Talvez esse Padre venha a servir de obstáculo as medidas tomadas por mim, Pe. Manuel Candido e os Padres do Seminário. São as seguintes = Resolvemos de comum acordo não confessar ninguém sem primeiro interrogar se reprova e condemna os factos do Joazeiro, como a Igreja reprovou e condenou. Formulamos a interrogação por aquella forma porque os penitentes sophismavam, quando perguntava se ainda acreditavam nos factos do Joazeiro. A resposta ordinariamente era esta: "Creio em Deus", simplesmente ou então "Creio em Deus e na Sancta Igreja". Semelhantes respostas não me satisfaziam, por que dizem pelo Joazeiro e outros pontos da Freguesia uns que a Decisão dada pela Congregação não é da Igreja e outros que ella é produção de V.E.^{xcia}. Receio muito que o Padre João Carlos não quisesse combinar conosco no emprego das medidas tomadas. Entender-me-hei com elle. Segui sempre a risco as Instruções nada omitindo e nem acrescentando do que me foi ordenado. Depois que intimei Maria de Araujo a ir para a Barbalha e esgotou-se o prazo fatal em que ella para lá seguisse, disse eu, mesmo depois do desacato que soffri, minha missão esta cumprida. Se ella quiser seguir para Barbalha, bem está; e senão obedecer, impor-lhe hei as penas de deposição do habito religioso e da privação dos sacramentos. Felismente seguiu há muito para aquella cidade. Falo nisto porque me pareceu que V.E.^{xcia} receiava que eu sahisse fora do que prescreverão as Instruções recommendando nas suas últimas cartas que, havendo desobediência da parte de Araújo, eu nada mais dissesse ou fizesse, e d'isto mesmo desse sciencia a V.E.^{xcia}. Soube de uma história a que não dei credito. O Padre Manuel Candido foi informado de haver os Padres dito que V.E.^{xcia} havia mostrado algumas cartas minhas e outras do Padre Manuel Candido, e que por isso estavam indignados contra mim por não ter sido fiel na exposição dos factos occorridos durante a questão do Joazeiro e nem pouco satisfeito com aquella Padre que só dizia a verdade em suas cartas d'elle. As romarias para o Joazeiro decrescem de um modo espantoso. Monsenhor Monteiro, chegado ontem de lá revelou-me isto mesmo e além delle varias pessoas. Os negociantes d'alli se queixam de que o commercio está decahindo com incrível rapidez. Os poucos romeiros que vão chegando são na quase totalidade pessoas da plebe que tão pobres que nada influem no commercio. ..."

21-11-1894 = CRA 8, 06

Jo "...Sciente de achar-se em poder de V.E.^{xcia} a retratação de Rachel, declaro a V.E.^{xcia} que Antonia foi há muito expulsa da casa por ordem minha, e isto mesmo já communiquei a V.E.^{xcia} em outras cartas. Vivo sempre disposto a empregar os meios indispensáveis para esmagar a hydra da superstição n'esta freguesia onde, mais do que em outra, ella se mostra altiva desafiando a Autoridade Diocesana e ao Parocho da Freguesia. A luta é titanica; por que o herói da comedia do Joazeiro ainda não está convencido, e a prova é que disse ao Pe J^m. Sother que a Decisão da Sancta Sé não era infallivel, e que V.E.^{xcia} mesmo o havia declarado: disse mais que aquella Decisão ainda poderia ter uma revisão. O Padre Cícero e o Pe João Carlos vivem tão estreitamente unidos que causa admiração. Está o Pe Cícero como quer: não reprova e nem condemna os factos do Joazeiro, e tem o Pe João Carlos para confessal-o. Monsenhor Monteiro, creio ter sido franco, declarando que não crê mais em nada e que Joazeiro para elle é como se nunca existisse, já não vive como outrora na intimidade do Pe Cícero. Existe uma trindade aqui, e, segundo o que vejo, é a causa de contumácia do povo do Joazeiro, que, em sua quase totalidade, diz = ainda virá outra Decisão. Esta trindade é o Pe Cícero, Pe João Carlos e Marrocos. O povo do Joazeiro continua a não procurar o confissionario, e propala que Maria de Araújo, na Barbalha, está fazendo milagres afim de que não cessem as romarias. Alguns fomentam a crença nos factos do Joazeiro; ignoro porem quem seja. A esta carta acompanha uma carta do Pe Ignácio na qual V.E.^{xcia} verá qual tem sido o procedimento do Pe João Carlos no tocante aos negócios do Joazeiro.

05-12-1894 = CRA 14,95

Jo "... O abandono em que se acha o Joazeiro há tres meses privado de missas, vai produzindo effeito. No dia 2 do corrente, veio aqui um Senhor Capitão Coimbra instar commigo para celebrar missa de Natal no Joazeiro. Respondi que fal-o -hia, se a gente mais saliente d'alli, com especialidade os que promoveram a lucta contra mim se submettessem à Sancta Sé. Estamos promptos à fazer o que V.R. quizer com tanto que tenhamos a Sancta Missa e se acabe a lucta à que V.R. foi provocado. (...) Já havia expulsado da Casa de Caridade a embusteira Antonia. Senti imensa satisfação, sabendo que V.E^{xcia} está contente com as medidas que tenho tomado no intuito de acabar de vez com a superstição do povo d'esta terra que em sua maioria ainda não quer submeter-se à Decisão da Sancta Sé. (...) Por aqui se conta um facto mais lamentável ainda. Um meu parente, residente na freguesia de Varzea Alegre, referiu a algumas pessoas que andando pelo Piahy, ouvio dizer que o Pe. José Alves, que V.E^{xcia} conhece bem, tendo sido suspenso declarou: Estou suspenso!!! Pois bem, já sei o que devo fazer. Apostatou e casou-se com uma viuva rica na freguesia de que é Vigário. ..."

26-12-1894 = CRA 8, 07

Jo "...Continua incorrecto o procedimento do Pe Cícero que não aceitou a minuta remetida por V. E^{xcia}, como V.E^{xcia} verá da resposta que mandei por positivo despachado por mim no dia 18 do corrente. (...) Deus permitta que o Pe. Peixoto seja sincero na adhesão à Decisão da Santa Sé. (...) Agora ligeiras considerações sobre o Joazeiro. O povo d'alli, em especialidade as beatas e comerciantes, cada dia se tornão mais furiosos contra o Vigário da Freguesia do Crato e os Padres que se retrataram. Por causa de uma adhesão de algumas pessoas d'aquelle povoado, em um momento de irreflexão, prometti ir celebrar lá uma Missa de Natal; mas depois reflectindo e conhecendo que minha condescendência era de todo inconveniente, tomei o alvitre de lá não ir, sem desgostar as pessoas a quem dei a promessa. Peço a V.E^{xcia} que não publique a tal adhesão, visto não ter ido celebrar a Sancta Missa de que já falei. Continuam desertos os confessionários. Affirmaram-me pessoas de critério que José Marrocos está definitivamente residindo no Joazeiro: que o sino da Capella d'alli está servindo para fins profanos.

30-12-1894 = CRA14,130

Jo "...Ha muito que não acredito na boa fé do Padre Cícero no tocante dos factos do Joazeiro. José Marrocos, que até há pouco tempo se achava no Joazeiro, seguiu para o Icó, onde naturalmente estará tramando alguma cousa como tem feito n'esta freguesia. O Pe. João Carlos custou muito a entregar -me a declaração d'elle que (está) em meu poder, demorou alguns dias por falta de opportuide. No dia 26 recebi uma carta de V.E^{xcia} dirigida ao Pe João Carlos, a qual depois de lida por mim, mandei por positivo ao mesmo Padre. O positivo exigio resposta e o Padre não a deo. Nesta cidade me affirmou pessoa saliente que o Padre Cícero affirmára que morria e não deixava de acreditar nos factos do Joazeiro. Não me recordo quem foi a pessoa que me disse isto mas sei que ella não ouvio do proprio Padre mas foi um outro de quem tambem não me recordo. Talvez não seja exacta semelhante historia. O povo do Joazeiro em sua quase totalidade, ou antes sua grande maioria ainda não se submetteo a Sancta Sé. ..."

1895**07-01-1895 = CRA 8, 08**

Jo "...Em cumprimento do que V. E^{xcia} me determinou, dirigi no dia 4 ao P. Cícero uma carta convidando-o para no dia 5 vir até nossa casa. Veio effectivamente neste dia, demorou-se um pouco em casa de Monsenhor Monteiro em cuja companhia chegou em nossa casa, já tendo lido o officio de

V.^{Excia.} Perguntei-lhe se estava resolvido a fazer uma retratação que poderia ser publicada. Respondeu que sim. Disse-lhe com muita franqueza: o Sr. Bispo só aceita uma declaração clara e sem equívoco. Sim, Senhor, farei a declaração como quer o Sr. Bispo, e para isso encarrego o P. Monteiro de fazê-la para eu assinar; mas como estou vexado, no dia 7 estarei nesta cidade para concluir este negocio que já vai bastante longo. Pois bem! Eu tenho de partir no dia 8 de janeiro para o Brejo Seco sem falta; Por conseguinte não deixe de vir no dia 7 como promettes – E como no dia 8 tem de seguir um portador de confiança para a Capital, este conduzirá os papéis. Esperei-o hoje (7 do corrente) e cá não me appareceu apesar de ter celebrado Missa na Capella do Saquinho quatro kilometros distante desta cidade. Não podendo adiar minha viagem, será mesmo negocio liquidado para o fim do mês, visto só poder estar aqui de volta no dia 25 do corrente. Todo o ódio do povo de Joazeiro está desencadeado contra mim. Inventam alli mil cousas para me desprestigiarem. As beatas todos os dias rezam um Padre Nosso a N. Senhora do Desterro para que eu seja removido desta Freguesia. Monsenhor Monteiro depois da chegada do jornal em que vinha a retratação delle só foi ao Joazeiro uma vez à negocio e de lá voltou interrado. Na casa do Pe. Cícero ninguém o recebeu; todos se esconderam. Foi tal o desprezo que lhe deram que elle ficou completamente desapontado. Nestes dez dias elle seguirá até essa Capital para conferenciar com V. ^{Excia.} Como V. ^{Excia.} sabe, Monsenhor Monteiro morre de amores pelo Crato; por isso daqui não quer sahir. (...) Remetti por um novo positivo a carta ultima que V. ^{Excia.} dirigiu ao Pe João Carlos que affirma estar com certeza nomeado Vigário da Freguesia de Salgueiro e Belmonte. O primeiro positivo que mandei ouvio o referido Pe. dizer que estava nomeado Vigário interinamente, e que depois do dia 23 seguiria para o Recife. Se o Pe. João Carlos responder a segunda carta de V. ^{Excia.}, será delle para Monteiro. Agora sobre as beatas intimadas a deixarem o manto. É certo que o deixaram, mas continuam a habitual contumácia. A beata Antonia Maria da Conceição que foi expulsa da Casa de Caridade não quis mais confessar os embustes e me dizem que vive tranquilla como se nada houvesse feito.

17-01-1895 = CRA 8, 09

“...Hontem, chegando das Capellas desta Freguesia, onde fui administrar o Sancto Chrisma – encontrei um positivo, vindo de Crato, com a declaração do Pe. Cícero que a esta acompanha. Fazendo com attenção a leitura della, pareceu-me que poderia ser publicada, mas à falar a verdade, há muitos defeitos na tal declaração. O Pe. Cícero não confessa seus erros delle, não se humilha e nem pede perdão a V.^{Excia.}, e (?) do escândalo que deo. Não está, por conseguinte, completa, e por isso mesmo não satisfaz. O caso é que ele Pe. Cícero disse-me francamente que não faria outra declaração, quer V.^{Excia.} aceite quer não, a declaração que vae. Esta foi feita pelo próprio punho do P.Cícero, não há duvida alguma; mas não quis fazer o reconhecimento da firma por mim mesmo, e sim pelo Tabelião uma vez que os apaniguados do Pe. Cícero indispostos comigo poderão por em duvida a minha sinceridade. Nunca houve quem fosse tão odiado pelo povo do Joazeiro ainda crente nos milagres d’alli como eu estou sendo agora. O próprio Pe. Cícero revela no seu interior delle certa frieza para comigo. Não tenho prevenção contra elle; porisso o que vou dizer é somente por amor do dever. Não acredito na sinceridade do Pe. Cícero fazendo aquella declaração. Elle pede por amor de Deus carta commendaticia, e permissão para ir à Roma.

O fim desta viagem é, segundo penso, prolongar a farsa do Joazeiro, deixando os crentes d’alli embalados na esperança de que com a presença d’elle em Roma, a S. Congregação do Sancto Officio reconsiderará o seu acto, approvando os milagres do Joazeiro. Vão todos os papeis por Monsenhor Monteiro, inclusive a declaração do Pe. João Carlos e uma carta d’elle em resposta às de V.^{Excia.} Foi preciso mandar dois positivos ao Joazeiro, digo, ao Salgueiro, para que elle se decidisse a cumprir com o seu dever delle. A carta e declaração do mesmo Padre vieram lacradas, mas eu abri-as, por que julguei conveniente ficar ao facto do procedimento d’elle.

16-02-1895 = CRA 8,10

Jo "...Na primeira daquelas cartas V. E^{xcia}. lamenta ter nos custado tanto a terminação da comedia do Joazeiro, cujo povo educado pelo P. Cícero, o ator principal – não quer ceder nem à evidencia. Effectivamente a cousa tem durado mais do que se suppunha; entretanto força é confessar – a pertinácia dos Joazeiristas vem arrefecendo muito, de modo que me parece não tardará o desenlace final de tal questão do Joazeiro. Na segunda, V. E^{xcia} depois de falar nas retratações dos P. Cícero e Clycerio, apreciando-as, declarou que mandaria pelo correio as cartas comendaticias dos P. Cícero e João Carlos, mas tal não aconteceu: por que vieram pelos portadores de conducção de Mons. Monteiro juntamente com uma carta datada de 4 do corrente à que também, desta vez, darei resposta. Recebi pelo positivo do Pe. Manoel Antonio dois números da – A Verdade que foram lidos com soffriguidão com dois números mais que me foram fornecidos pelo T^{ente}. C^{el}. José Rodrigues Monteiro – por quase todo o povo desta cidade. Hontem, à pedido de um moço desta cidade, forneci um dos jornais para ser remetido ao Joazeiro onde se diria francamente que o Pe. Cícero não se retrataria. Vieram, por tanto, muito a tempo os jornais, cuja leitura produziria naquella povo mais effeito do que talvez se suppunha. A retratação do Pe. Clycerio está de esmagar. – Li com attenção as cartas commendaticias, bem como o officio por V.E^{xcia} dirigido ao P.Cícero. Todos estes documentos estão em meu poder porque ambos os Padres estão ausentes; o P. Cícero para o Icó e o Pe. João Carlos para a Freguesia do Salgueiro que pouco commercio tem com esta cidade, resultando disso não haver oportunidade para remetter o que a elle pertence. Affirmam todos que o Pe. Cícero seguirá logo para Roma apenas receba a carta commendaticia. Veremos. Este Padre fez um Cemitério de madeira de accordo comigo por causa do inverno que devia começar e mandou que os mortos fossem sepultados alli sem benção alguma. Sabendo que eu tenho autorização para a construção e benção, não convidou-me para fazer esta ultima. Farei bem conhecidas como V.E^{xcia} quer as retractações, digo, revelações de Raimunda. Como V. E^{xcia} me disse que pretendia nomear o Pe. Figueiredo Vigário do Jardim, veio-me a lembrança dizer o que a respeito soube. Fui informado de que o Jose Marrocos do Jardim, e seus amigos delle desejavam a nomeação para o Pe Abath como vigário dalli; mas contando a estes que seria nomeado o Pe Figueiredo e não o Abath, entederam-se com aquelle e declaram-lhe que o acceitavam a elle Figueiredo se elle demitisse o Sachristão Munir que há muitos annos serve na Matriz da referida cidade, accrescentando que nada lhe era mais fácil do que obter a nomeação do Pe Abath porque V.E^{xcia} sendo político como era, faria o que os chefes políticos quisessem na Capital. Que miséria! que audácia daquella gente, e ao mesmo tempo que calúnia e que desaforo!!! Dizem que o Pe. Figueiredo acceitou a condição. Hoje fui informado também de achar-se conflagrada a cidade do Jardim onde se deo renhida lucha entre o destacamento e paysanos, resultando della a morte do Comandante e ferimento mortal de um sargento. Outro assumpto. Pelo seminarista Joaquim Peixoto remetto a V.E^{xcia} cento e sete medalhas com a effigie do Pe. Cícero e Maria de Araújo, o que não fiz há mais tempo a fim de ver se me davam mais alguma. Estas medalhas foram encommendadas para a Europa por um italiano Antonio Renno, negociante dessa Capital. A encommenda foi de quinze mil. Um meu primo e Comp^{de}, residente no Assaré, onde é commerciante estava na casa do Italiano quando a encomenda foi feita. Chama-se o 2º primo = Raymundo José de Maria e Silva (....) Como V.E^{xcia} me disse que não me acanhasse em apresentar as despesas feitas em positivos mandados à diversos lugares no intuito de acabar de vez com a historia do Joazeiro, eu declaro a V.E^{xcia} que gastei mais cinquenta e sete mil reis, sendo trinta mil reis com o positivo ultimo que foi para a Capital e vinte mil reis em dous que mandei ao Salgueiro...."

16-03-1895 = CRA 8,11

Jo "...A pena que V.E^{xcia} infligio a Monsenhor Monteiro causou aqui desagradabilíssima sensação. Diz-se nesta cidade = Monsenhor Monteiro retractou-se; está de accordo com todos os Padres daqui, exceptuando o Pe. Cícero: como pois o Snr. Bispo castiga-o desta maneira? Exmo. Snr., eu lamento que Monsenhor Monteiro desse lugar à isto com o seu procedimento, pois que o procedimento (desculpe V.E^{xcia} a repetição) delle nesta Parochia tem sido sempre correcto, sendo para notar que à pessoas de famílias importantes desta cidade tem negado absolvição por causa da crença no Joazeiro. O povo do Joazeiro, indignado por vê-lo de accordo connosco na direcção das almas e por ter feito a sua declaração delle - o aborrece profundamente. V. E^{xcia} está também com elle indignado. Disto resulta achar-se elle em um estado que causa pena. E os soffrimentos mais se tem aggravado por causa dos commentarios que muitos tem feito, suspeitando que elle talvez tivesse comettido alguma infâmia no Confessionário em razão de só haver sido prohibida a Confissão de mulheres em todo o Bispado. Já corre por aqui a noticia de suspensão do Pe. Dr. Antero. Vou à propósito comunicar a V.E^{xcia} o que o Tenente C^{el} Secundo ouviu do José Marrocos o seguinte. Disse este: o Bispo escrevia ultimamente ao Pe. Dr. Antero e este não dava resposta. É homem de facão grosso. Esta conversa se deo pouco antes de chegar a noticia da suspensão. Continuando o Pe.Cícero no Joazeiro, não é fácil acabar-se a crença do povo nos pretensos milagres d'alli. O povo de fora da cidade e do Joazeiro, quase em sua totalidade, não acredita a Decisão da Sagrada Congregação, e diz que só reprova e condena os factos de Joazeiro se o Pe Cícero mandar. Tal é o estado actual das cousas por aqui o que affirmo por conhecimento próprio, e por informação de pessoas de critério. É tal a obstinação do povo do Joazeiro, que muitas pessoas do Joazeiro não procuram Padre para confessal-os em artigo de morte, e vão morrendo sem confissão. Em vez de culparem o P.Cícero, culpam a V.E^{xcia} por este estado de cousas. Consta que o Pe. Cícero dissera que não ia à Roma, por que não tinha dinheiro.

28-03-1895 = CRA 8,12

Jo "... O fim que tenho em mira escrevendo esta é comunicar à V.E^{xcia} o seguinte : o Pe. Cícero no dia 21 ou 22 do corrente seguiu com José Marrocos para o Icó, conduzindo carga, a convite do Pe. Dr. Antero segundo sou informado. É esta a segunda vez que, de Janeiro para cá elle faz viagem para o Icó. Só parece que estão os três machinando alguma cousa. O Pe. Cícero disse a um Senhor Honorato negociante desta cidade e à muitas pessoas mais que não fez retractação; apenas respondeu a um officio de V. E^{xcia}. Um Senhor Hygino Alves, residente entre Lavras e Icó disse no Crato à Simplicio Correia Lima Accioly e a Denis Duarte Guerra que o Pe. Dr. Antero, depois de suspenso, continua a celebrar Missa, dizendo q' não que não sendo criminoso V.E^{xcia} não podia suspendel-o. A Maria de Araújo, depois de na Casa de Caridade de Barbalha cometter ações reprovadissimas, desobedece, sahindo da mesma casa contra ordem expressa de V.E^{xcia}. Quantos factos comprobatórios do espirito mau que anima os referidos Sacerdotes e a sancta do Joazeiro. Temos encontrado serias difficuldades em encaminhar quantidade numerosissima de ovelhas tresmalhadas em consequência da comedia do Joazeiro. Satanás está fazendo o ultimo esforço para prolongar a comédia até mais adiante. Continuo a usar de rigor com o povo de Joazeiro cuja contumácia é a mesma de outrora, salvas, todavia certas e honrosas excepções.

24-04-1895 = CRA 8,13

Jo "...Recebi o n° do Diário do Ceará em que veio estampado o artigo insolente, execrando e abominável do ex Secretario da Comissão R^{evdo} Dr.Antero. O povo d'esta cidade reprovou o tal artigo como elle merecia. O Clero de Fortaleza ainda não deo o qualificativo que elle merecia = não foi um oceano de lama que trouxe o jornal, mas uma cloaca de imundícies que bem mostram a vilania, baixesa

ANEXO

e orgulho de quem o escreveo. Pode ser que esteja enganado: o estilo não é do Revdo. Dr. Antero: o José Marrocos voltou do Icó pouco antes da remessa da miserável peça para a Capital em companhia do Pe. Cícero, salvo engano. Diz-se por aqui que o Pe. Antero conta com o apoio deste Sacerdote que tem offerecido dinheiro papel por prata afim de poder seguir para a Cidade Eterna. O dinheiro recebido no Joazeiro à falsa fé está servindo para fins inconfessáveis. Naquelle Povoado tem morrido muita gente sem confissão, porque acreditam nos factos de Joazeiro e não pedem Padre por estarem na crença de serem elles Padres maçons, ímpios, etc. O Pe. Cícero testemunha de tudo isto é a tudo indifferente. Em uma palavra, o que se chama Zé povinho em sua maioria, enquanto o Pe. Cícero não disser palavras de desengano, por muito tempo se há de conservar na crença dos milagres do Joazeiro. Voltando ao Pe. Dr. Antero, elle enganou-se redondamente, affirmo a V.E^{xcia} = o Clero do Ceará saberá desaggravar e desafrontar o seu Prelado e Superior Hierarchico, protestando contra as injúrias e desacatos dirigidos a sua sagrada e veneranda Pessoa. Desta vez não segue o nosso protesto que deverá ser colectivo – por justo motivo. São portadores deste os Senhores José André e João da França, aquelle morador n' esta cidade, e este na Povoação do Joazeiro: são commerciantes. O primeiro é sobrinho, e o segundo é irmão da Jahel (testemunha do processo). O primeiro nunca acreditou nos factos do Joazeiro e o segundo, isto é, o João da França foi um fanático crente n' aquelles factos, mas hoje não só descrê mas até fala abertamente contra elles. Apresento-os a V.E^{xcia} com quem desejam ter larga conferencia: V.E^{xcia} poderá abrir-se com elles, que darão melhor do que ninguém informação exata do que ocorreu e vai occorrendo no Joazeiro. Se depois da exposição minuciosa que elles fizerem, V.E^{xcia} entender que devo celebrar Missa no Joazeiro e administrar todos os sacramentos na Capella e permittir a outros Sacerdotes que o fação, mandará então suas ordens que serão fielmente executadas.

08-05-1895 = CRA 8,14

Jo "...O P. Cícero há mais de um mês (soube-o há pouco,) mandou ao Rio de Janeiro um emissário com papeis dirigidos ao Internuncio se queixando do abandono religioso em que se acha o Joazeiro e pedindo providencias a Elle. O emissário chama-se J^e. Lobo, e é um pouco desavisado causando admiração a todo mundo semelhante escolha. Não me consta que já tenha voltado. Nesta data remetto ao Redactor da Verdade uma adhesão ao protesto do Clero da Fortaleza assignado por treze sacerdotes inclusive meu nome. O Pe. M^{el}. Rodrigues não estava em Milagres quando por lá andou o meu positivo, o Pe. Felix já havia mandado um protesto a Mons. Monteiro, segundo fui informado, formulará outro e remettera. Incluso remetto a V.E^{xcia} uma carta de uma filha do Sachristão do Joazeiro em que elle conta as misérias occorridas alli ultimamente.

21-05-1895 = CRA 8,15

Jo "...Tenho a subida honra de responder o officio que em data de 20 de Abril V.E^{xcia} me dirigiu, authorizando-me a declarar a Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro que, em atenção às informações por mim dadas, relativamente ao procedimento do mesmo Monsenhor, V.E^{xcia} fizera cessar a restricção na faculdade de ouvir confissões neste Bispado, permittindo que elle usasse de todas as faculdades emitidas na Provisão de confessar, salvas as prescripções exaradas na Pastoral de 25 de Julho e Portaria de 13 de Setembro de 1894, e o faço communicando à V.E^{xcia} que, no dia 11 do corrente, em casa de minha residência – dei ao referido Monsenhor sciencia de tudo quanto no mencionado officio se contém.

21-05-1895 = CRA 8,16

Jo "...A primeira veio acompanhada de um officio a mim dirigido no qual V.E^{xcia} retirou a restricção feita na Provisão de Monsenhor Monteiro, authorizando-me a declarar-l-a a elle mesmo

o que fiz duas horas depois do recebimento do referido officio. Elle agradecerá a V.E^{xcia} a clemência de que V.E^{xcia} usou para com elle. O Pe Cícero continua no statu quo; e uma vez ou outra, apparece n'esta cidade onde tem largas conferencias com José Marrocos em cuja casa muitas vezes se hospeda. Elle por certo não é digno da clemência de V.E^{xcia}, e muito menos o Revdo Dr Antero = ambo floventes atates ar cadis ambo (?). O orgulho destes dois collegas é desmedido, e é muito de receiar que venhão a se abysmar ou formando um scisma ou apostatando. Haja visto o que aconteceu à duas estrellas da primeira grandeza Tertulliano e Bossuet. Deus queira que tal não aconteça. O publico desta cidade não taxa a V.E^{xcia} de rigoroso, conservando suspensos aquelles dois sacerdotes; ao contrário, se diz nas rodas que V.E^{xcia} tem sido assaz indulgente com os sacerdotes emmaranhados na questão do Joazeiro. De opinião contrária são somente aquelles que ainda crêem nos pretensos milagres. Outro não podia e não devia ser o procedimento de V.E^{xcia} em vista da attitude dos dois sacerdotes que por sua cegueira, coitados! Parecem não compreender o mal que fazem a si e a religião. Lamento que no Clero do Ceará, tão conceituado n'este pais haja esta nota dissonante oriunda tão somente do despeito dos dois collegas. Propalavam urbi et orbi que se a Sancta Sé decidisse contra os milagres do Joazeiro submeter-se hiam; no entanto a Sancta Sé, a Sagrada Congregação do Sancto Officio que é o mesmo, condemnou tudo, e nada de submissão, resultando d'ahi a obstinação de muitos na crença dos pretensos milagres, e portanto a perda de muitas almas. Na segunda carta V.E^{xcia} dá a razão por que demora, as vezes, a resposta de minhas cartas. Já em outra carta V.E^{xcia} me havia dito a mesma cousa. Mais algumas palavras sobre o Dr. Pe. Antero: Este Padre não mandou o cabeçalho que no Icó foi formulado por José Marrocos, porque não tendo sympathias n'aquella cidade por ser muito orgulhoso segundo me informou um moço de muito critério que o conhece bem, poucos signatários encontraria. Li as accusações que me fez o Sr. José Jm Pereira Lobo, e sobre ellas direi alguma cousa, não por que penso que V.E^{xcia} deo credito à ellas, mas para restabelecer a verdade dos factos. Sendo chamado para confessar in articulo mortis a Antonio Rodrigues um dia ou dois depois que fui atacado no Joazeiro, disse ao (?) que chamasse um dos Padres do Seminário; recusando-se estes, ordenei que trouxessem o doente para esta cidade ou para outro lugar fora da Povoação, por que alguns parochianos entre os quais a Cap. Leandro Bezerra de Menezes vieram de propósito a minha casa aconselhar-me a que não fosse n'aquelles dias ao Joazeiro por consideração alguma. Não trouxeram o enfermo e nem chamaram o Pe M^{el}. Candido como aconselhei e por isso não confessou-se. Era confrade de S. Vicente e costumava confessar-se quase todos os meses. Fora deste caso, não houve um convite que não fosse satisfeito pelo Pe Miguel ou o Pe Sother. O Sr. J^o Jm Pereira Lobo devia dizer que quase todos os doentes não chamarão os Padres desta Cidade, por que não deixaram a crença nas bugigangas do Joazeiro. Antónia Maria da Conceição, a mesma que depos no processo sobre os factos do Joazeiro, expulsa há muitos meses da casa da caridade d'esta cidade, e despojada do manto – vivia n'esta mesma cidade em casa de família pobre, mas honesta, sendo boa a sua conduta moral. Em fins de Abril ultimo procurou-me e pediu em todo empenho que eu a confessasse ao que respondi que só o faria se ella descobrisse todos os embustes que pos em acção. Disse ella que descobriria tudo, e faria o que eu determinasse. Effectivamente, muitos dias depois d'esta entrevista, veio a casa de minha residência onde, perante mim o Pe Miguel e os três signatários do documento – fez sem constrangimento algum as revelações n'elle exaradas depois de juramentada. Exmo. Sr Antonia d'esta vez falou a verdade que já uma (vez) teve a infelicidade de negar, perjurando. Ella está convertida sinceramente; posso com segurança affirmar isto a V.E^{xcia}. No dia seguinte as da aquisição do alludito documento, J. Marrocos, sabendo do occorrido, foi a casa de Antonia a quem pediu noticia do que se havia passado. Ella nada revelou; e instando Marrocos para que ella

descobrisse o que havia declarado, respondeu Antonia: O Senhor não é Padre, perde seu tempo em me interrogar. Descubra por amor de Deus. Antonia calar-se. Uma hora depois, veio ella a nossa casa contar o que acabo de referir. J^e Marrocos procurou saber das testemunhas o que havia occorrido, mas estas, prevenidas por mim nada disseram. Que homem miserável este Marrocos!!! Prohibi a Antonia toda comunicação com Marrocos e outros apaniguados do Pe. Cícero. Depois de declarar a Antonia que a confissão della devia ser geral, impuz-lhe a ella diversas penitencias, ordenei que fizesse um diligente exame de uns dez dias e já comecei a confessal-a, o que soube religiosamente cumprir. Notando n'ella excellentes disposições resolvi-me a marcar a comunhão della para o dia da Ascensão. Agora veio-me a mente perguntar a V.^E^{cia} o seguinte: Se Antonia quizer depois de algum tempo andar de manto e mesmo ir para a Casa de Caridade eu devo permittir? Eu serei dora em diante o Diretor d'ella, isto à pedido que me fez...."

27-05-1895 = CRA 8,17

Jo "...Outro assumpto. Até o meado de Junho próximo irei ao Joazeiro fazer a desobriga que V. E.^{cia} aconselhou. Consta-me que o José Marrocos se incommodou muito com o depoimento de Antonia Maria da Conceição que é esmagador. Deo-se com ella o que V. E.^{cia} havia previsto e me affirmou mesmo de uma vez, quando se tratava d'ella mesmo e das outras sanctas do Joazeiro. José Marrocos disse a algumas pessoas desta cidade que eu havia commettido um crime, exigindo o depoimento da mencionada beata a quem ameaçava com o inferno uma vez que a questão já estava julgada e vencida. Que cegueira, Exmo. Senhor!!! Se a questão está julgada e vencida, como querem renovar-a? Por que não obedecer ao Tribunal competente onde foi decidida e julgada? Conversando com o Tenente Cel. Secundo sobre o o povo do Joazeiro, ultimo reducto da comédia ou farça immoralmente urdida e pessimamente executada – disse ele para mim. Senhor Vigário, o povo do Joazeiro, em sua maioria, não quer submeter-se à Decisão de Roma por que ella não foi assignada pelo Papa. É isto o que me dizem uma vez por outra. O Sr. José Joaquim Pêra. Lobo é um dos principais coniphus (?) aferrados à crença nos milagres d'alli. Não pude entender o Decreto da Sancta Sé que sobre esta matéria publicou a A Verdade..."

11-07-1895 = CRA 8,18

Jo "...Os orientaes estiveram aqui muito antes do recebimento da carta de V.^E^{cia}. Chegaram aqui no dia 12 de maio esmolaram nos dias 13, 14 e 15 e no dia 16 seguiram para o Joazeiro de onde depois de alguma demora partiram para outras Freguesias do Cariri interrando-se depois no Centro de Pernambuco. As esmolos por elles agenciadas nesta Freguesia, incluindo as do Joazeiro, attingiram a 500\$000. Eram somente dois cujos nomes são Elias e Gregório; por conseguinte um delles chegou aqui com o nome mudado. Há um mês mais ou menos deo-se na Freguesia de Missão Velha um facto que produziu bastante escândalo. Vindo de Missão Velha Monsenhor Monteiro, a pedido do Vigário Pe. Felix, foi confessar uma doente, cuja casa ficava longe da villa ao lado da entrada por onde o mesmo Monsenhor Monteiro tinha de passar. Dirige-se elle à casa da enferma: procura confessa-la, mas não o consegue porque ella doente conserva a crença nos factos de Joazeiro, não querem de modo algum reproval-los e condemnal-os como ordena a Sagrada Congregação por cujo órgão falou a Santa Sé. Deixou-a sem absolvição, como era do seu dever delle. Poucos dias depois, é chamado o Padre Cícero para confessar a tal doente, dirige-se à casa della, absolve-a, exprobrando depois o procedimento de Monsenhor Monteiro e outros collegas que, em idénticas circumstancias, procedem como elle. Estive no Joazeiro nos dias 14, 15, 16, e 17 do mês passado. Durante estes dias apesar de haver no perímetro do Povoado muitos enfermos, só

fui chamado para confessar um à quem dei todos os sacramentos. A razão é óbvia. Eu só os absolvo afirmando que de todo coração reprovam os factos do Joazeiro. Não querendo submeter-se, procuram o Pe. Cícero, e este os absolve indistinctamente. Nos mencionados dias confessei apenas umas cinquenta pessoas sadias;

07-09-1895 = CRA14,99

Jo "...Nada sobre Joazeiro, fala da morte da Irmã.

17-10-1895 = CRA 8,19

Jo "...Aproveito o ensejo para communicar a V.^E^{cia} que no dia 5 do mês passado, à 1 hora da manhã, deo a alma Criador o Pe Henrique José Cavalcanti, sendo assistido em seus últimos momentos por mim e o Pe. Quintino. Sua morte foi a de (?) O sahimento teve lugar as 8 horas da noite dia, sendo acompanhado por 6 sacerdotes, dois (?) a musica da cidade e massa enorme de povo que avalei em três mil pessoas. Elle só era odiado pelas beatas perversas do Joazeiro que, ao saber da morte, disseram: o Pe. Henrique já foi dar contas a Deus das blasphemias que disse contra o Joazeiro. A propósito de Joazeiro, o povo d'alli não quis fazer forças para o Pe. Miguel ir celebrar aos Domingos e dias sanctos, declarando que já estavam accostumados a não terem Missa...."

19-11-1895 = CRA 8,20

Jo "...Outro assumpto. Continuam em grande escala as romarias para o Joazeiro, mas quase todas as pessoas da classe média ou ínfima. O Pe. Cícero não tem pregado na Igreja do Joazeiro, mas faz reuniões em casas particulares onde explica a doutrina e dá aos ouvintes esperança de aprovação dos factos de Joazeiro. Partindo do Crato no dia 2 do corrente para a dita Povoação, onde pretendia, como aconteceu, celebrar a Sancta Missa no dia seguinte, ao chegar, encontrei-me com uma massa quase inumerável de povo que dispersando-se pelas ruas e becos impedia-me de passar ligeiramente em busca da casa que ia tomar. Indagando depois, soube que eram ouvintes do Pe. Cícero que os entretinha em praticas ou sermões em casas particulares. Felizmente nenhum sacerdote vai ao Joazeiro, nem mesmo a passeio. O sancto Padre Cícero vive alli isolado. Já communiquei a V.^E^{cia} que os habitantes do Joazeiro, salvas algumas excepções, não querem contractar Missa com o Pe. Miguel e nem querem Capellão. Continua alli a mesma indiferença para comigo e V.^E^{cia}, sendo para notar que o Pe. Cícero se torna cada dia mais frio comigo; e censurando-me perante os romeiros, me vem indispondo contra elles.

Sempre que vou ao Joazeiro celebrar a Sancta Missa nos domingos ou dias sanctificados faço minhas praticas ou sermões com a maior caridade e brandura possíveis com o fim de chamar à ordem e à obediência as ovelhas tresmalhadas. Tudo baldado; a obstinação é a mesma. Só Deus em sua graça poderá convertel-os...."

11-12-1895 = CRA 8,21

Jo "...O povo do Joazeiro continua em sua contumácia, e o Pe. Cícero a fazer sermão em casas particulares. Ainda não pude verificar aproximadamente a população do Joazeiro o que farei o mais breve possível. Veio com a ultima carta a Provisão de Monsenhor Monteiro que continua a bater os joazeiristas os quaes por isso mesmo o desprezão ostensivamente. Deus queira que o Pe. Bernardino Antero consiga do Pe. Dr. Antero a declaração indispensável para lhe ser levantada à elle a suspensão a fim de cessar o escândalo que infelizmente deo. Pe. Vicente Pinto Teixeira, Vigário de Aurora tem confessado e continua a confessar indistinctamente a penitentes que acreditam nos factos do Joazeiro, e este procedimento tem feito affluir grande numero de pessoas daquele povoado em cujo numero só não se contam os rebeldes que depuseram no processo. Consta-me que o Pe. Cícero manda os seus

sequases se confessarem lá. Alguns noivos de Joazeiro vieram pedir licença para se casarem na Aurora. Concedi licença a alguns que me afirmaram ter de se mudarem para lá. Depois conhecendo que não queriam casar-se aqui por causa da confissão na qual eram obrigados a se declararem descrentes dos factos de Joazeiro neguei-lhes as licenças que pediram. Outro assumpto. Desejo que V.^{Excia} responda-me as seguintes consultas. Não tendo a Fabrica desta Matriz rendimento sufficiente para as despesas do culto poderia lançar mão dos rendimentos das Capellas fazendo a declaração no livro competente? Para evitar questões deverei receber o patrimônio do Joazeiro sem receber indemnização alguma pelos rendimentos desde o anno de 1888 ou 1889, visto o Sr. Aristides Ferreira de Menezes que desde aquella data administra-o só querer entrega-lo mediante aquella condição?..."

24-12-1895 = CRA 8, 22

Jo "...Ainda não pude ter certeza absoluta do que em suas praticas d'elle diz o Pe. Cícero em referencia a sentença lavrada pela Sancta Sé contra os factos do Joazeiro. Com jeito e prudência hei de conhecer a verdade. Disse bem V.^{Excia}; em quanto o Pe. Cícero se conservar obstinado – os embustes do Joazeiro não cessarão. Uma só palavra d'elle, e tudo se acabaria de vez. (...) Outro assumpto. O Tenente C.^{el}. Aristides Ferreira de Menezes, a final de contas, entregou o patrimônio de Nossa Senhora das Dores do Joazeiro, cujos terrenos há seis annos mais ou menos illegalmente administrava em virtude do aforamento perpetuo feito em mil oitocentos e oitenta e nove pelo Juiz Dr. Garcia em favor d'elle. O patrimônio perdeu o rendimento de seis annos que Aristides recebeu. Mas dizem todos que eu obrei bem em aceitar a desistência sem indemnização alguma porque elle nada possui, e, em tais condições, essa questão seria para o patrimônio uma pura perda. Vai a copia da desistência para a qual peço a approvação de V.^{Excia}. O Fabriqueiro desta Freguesia muito breve irá arrolar as casas de Joazeiro afim de cobrar os respectivos foros. A elle incumbi de dar-me o numero exacto de todas ellas afim de poder fazer o calculo exacto, digo, approximado da população d'alli.

...-1895 = CRA 04,27

"...Na minha última (carta) mandada por positivo dei notícia do estado de conflagração em que se achava o Joazeiro, estado que ainda perdura, segundo me consta, por causa dos commerciantes que, explorando a turba ignara, a fizeram tomar contra mim attitude bellicosa. Uma representação que remetteram para a Capital contra minha humilde pessoa foi promovida por elles, sendo um Sr. João de Franca, irmão da beata Jahel que mais empenho fez pelas assignaturas. No dia 22 do corrente, à noite, chegou n'esta cidade o Pe. João Carlos, e no dia seguinte os Padres Cícero e Monteiro. A recepção d'elles no Joazeiro foi estrondissima. Foram encontrados por grande numero de cavaleiros e de pessoas à pé, sendo para notar que quase na distancia de meia legua, começavam os arcos triumphaes que se estendião até o Povoado. Na chegada foi innumeravel a quantidade de fogos que se soltaram. No dia seguinte ao da chegada o Pe. Cícero veio de Joazeiro celebrar missa na Capella mais próxima que dista de lá duas leguas. Ao Sancto Sacrificio assistiram mais de tres mil pessoas. Celebrou hoje na mesma capella, mas não sei a quantidade de fieis que assistiu a Missa. Já visitei os Padres João Carlos e Monteiro que parecem estar resignados e satisfeitos com V.^{Excia}. Causou admiração geral a volta do Pe. Cícero. Sacerdotes e seculares quase todos pensavam q'elle lá ficasse por algum tempo, visto como é certo que com a presença d'elle não cessarão as romarias que continuam em larga escala. Para dar incremento à ellas, os apaniguados do Padre Cícero dizem em toda parte qu'elle Pe. sustentou perante V.^{Excia} a sobrenaturalidade dos factos do Joazeiro. Um dos mais fanáticos, tio legitimo de Anna Leopoldina disse diante de muitos: Depois da chegada do Pe. Cícero, creio mais nos factos do Joazeiro do que antes; não sei qual a razão por que elle assim fala. O que é certo é que ninguem esperava pelo Pe. Cícero n'esta terra tão cedo. Na opinião da gente mais sensata d'esta terra

os negocios pelo Joazeiro estão piores do que antes. Quem está em posição mais melindrosa sou eu e depois de mim o Pe. M^{el} Candido. Consta-me que o povo do Joazeiro está indignado contra o Pe. Felix e Henrique, porque se oppoem = totis veribus = às romarias para o Joazeiro. Maria de Araujo por doente não seguiu ainda para a Barbalha. As outras beatas Maria da Soledade, Maria das Dores, Joanna Tertullina e Jahel, intimadas para virem, o mais tarde, até hoje, ter uma conferência comigo não appareceram apesar de havêl-as ameaçado com a privação dos Sacramentos se o não fizessem. De accordo com as Instrucções, escreverei aos Sacerdotes da circunvizinhança communicando acharem-se privadas dos Sacramentos as ditas Senhoras. Ainda não pude entender-me com Rachel Sisnando Lima o que farei brevemente. As duas beatas, Antonia e Maria Joanna, confessaram o embuste, como V.E^{xcia} verá das peças que à esta acompanhão...”

...-1895 = CRA 04,28

Jo “...V.E^{xcia} ficou muito satisfeito com o primeiro documento que remetti: muito maior satisfação terá quando receber a retratação de Antonia Maria da Conceição e Maria Joana, documento que há poucos dias remetti por um cunhado do Seminarista Gondim. Conferenciei com as beatas Maria da Soledade e Maria das Dores, Tertullina e Jahel. Sustentaram seus depoimentos dizendo serem estes a expressão da verdade, sendo para notar que a segunda e a quarta se comportaram mal. Maria das Dores batia com força na mesa em que estava encostada dizendo: o que eu depuz é a verdade e sustento-o ainda que me matem, palavras que repetiu muitas vezes. A Jahel sustentou as sandices contidas no processo (no additamento) Depois de juramentada, sendo por mim interrogada, disse que o Pai Eterno lhe appareceu no Consistorio da Capella do Joazeiro, trajando verde, em figura de um homem, ajoelhado diante da caixa de vidros, e logo depois teve um sonho do qual acordou quando se achava no Palacio Episcopal de Fortaleza. Perguntando-lhe de que forma era o Palacio, respondeu que não se lembrava senão de que tinha muitas portas. Tendo o Pe. Miguel Coelho tomado nota do depoimento d’ella, recusou-se a assignal-o. Depois de tudo isso, a mesma Jahel proferiu tantos dislates em minha presença e do Pe. Miguel que ambos ficamos boquiabertos. Ella tem, por certo, falta de senso comum. Intimei todas quatro à tirarem o manto, digo o habito religioso, e declarei-lhes que estavam privadas dos sacramentos, pena que duraria enquanto durasse a contumacia d’ellas. Disse-lhes com toda clareza que do habito religioso não usariam mais nunca. A Tertullina disse-me de um modo todo curto: Não sei porque o Sr Bispo me castiga com as outras; eu não tive graças particulares como ellas affirmam: no meu depoimento tudo quanto disse foi baseado no que me disseram outros entre os quais alguns sacerdotes: Vou escrever à Elle pedindo uso de clemencia para comigo. V.E^{xcia} foi bastante experiente = As queridas do Pe. Cícero são Soledade e Tertullina. A Maria de Araujo vivia isolada, e o Pe. Cícero pouca attenção lhe prestava à ella. Entendi-me hoje com Rachel Sisnando Lima que garantiu-me dar n’estes dias uma retratação do que depos no processo- preparada e assignada por ella. Logo que a receber, remettêl-a hei. Tenho dado fiel cumprimento as Instrucções que de V.E^{xcia} recebi, mas tem me custado amargas decepções. Sinto, porém, grande consolação e satisfação pela consciencia que tenho de haver cumprido o meu dever. O Povo do Joazeiro, depois da chegada do Pe. Cícero, está mais moderado, mas não procura os sacramentos o que me faz suspeitar que latel auguis in herbis (?).

...-1895 = CRA 04,29

Jo “...Hoje a noite soube que a beata Antonia confessou à Superiora e ao Pe. J^m Sother seu embuste tudo o que fez e disse no processo. Amanhã irei tomar por escripto todas as declarações que fizer e remettêl-as hei no proximo correio...”

1896

23-01-1896 = CRA 8, 23

Jo "...O Padre Miguel Coelho de Sá Barretto conduz a copia do processo do Joazeiro. Elle dirá a V.E^{xcia} qual é o meu estado de saúde actualmente. Não tardarei muito a mandar a V.E^{xcia} o calculo aproximado da população do Joazeiro, que V. E^{xcia} já exigiu mais de uma vez. Continua a affluencia de romeiros para alli; e sou informado por pessoas criteriosas de que quase todos os romeiros vem cumprir promessas que fizeram ao Pe.Cícero na qualidade de sancto e a Nossa Senhora das Dores.

19-04-1896 = CRA 8, 24

Jo "...É portador desta o Senhor João da Franca Cabral que conduz uma representação do povo do Joazeiro no intuito de obter de V.E^{xcia} licença para o Pe. Cícero celebrar na Capella d'aquella Povoação e sendo possível exercer outros actos do ministério sagrado. Allegam os representantes ficarem por muito tempo privados de ouvir Missa nos Domingos e dias sanctificados porque é na distancia de duas léguas que Pe. Cícero celebra, e alli grande parte da população deixa de ir pela impossibilidade de vencer a longitude do caminho. É certo que uma vez de mês em mês, celebro Missa de Domingos e dias sanctos na Capella do Joazeiro, e já tem acontecido celebrar depois de dous meses por multiplicidade de afazeres, incômodos de sair de a direção dos serviços da Matriz. V.E^{xcia} que bem conhece tudo o que há occorrido por alli – em seu alto tino administrativo decidirá, como julgar mais razoável.

22-04-1896 = CRA 8, 25

Jo "...O calculo da população do Joazeiro há um mês que foi remetido. O Pe. Cícero continua no status quo. Apesar disto, lembrou-se o povo do Joazeiro de dirigir um abaixo assignado a V.E^{xcia} pedindo licença para o Pe. Cícero celebrar Missa no Joazeiro. Sendo consultado, respondi dizendo que era um trabalho perdido, visto como o Padre não tinha mudado de conducta. Vamos tentar, disseram elles, e queremos uma carta sua, embora nada peça ao nosso Prelado. Fiz a carta sem nada pedir, como V.E^{xcia} terá visto, digo, como V.E^{xcia} verá, e assim procedi para que não dissessem que eu me oppunha a pretensão d'elles...."

29-04-1896 = CRA 8, 26

Jo "...Estão em meu poder duas cartas de V.E^{xcia}, uma datada de 7 do corrente e outra de 15 do mesmo mês que veio acompanhada de um officio de V.E^{xcia} para mim, e da Portaria pela qual V.E^{xcia} houve por bem suspender o Pe. Cícero da faculdade de celebrar a Santa Missa. (...) Outro assumpto. Sobre a população do povoado do Joazeiro foi acertado o calculo de V.E^{xcia}: dois terços dos habitantes são adventícios, e desenganados deixal-o-hão. Depois de tirar a copia da Portaria da suspensão e do officio que V.E^{xcia} me dirigio, fiz tudo quanto V.E^{xcia} determinou. Fiz a elle Pe Cícero um officio accusando a remessa do original do officio de V.E^{xcia} e da Portaria, e prohibindo expressamente a continuação da obra da Capella do Horto, como no Joazeiro é conhecida. Os papeis aqui chegaram no dia 27 do corrente, e no dia seguinte (28) remetti-os pelo meu Escrivão do foro ecclesiastico, Dario Duarte Correia Guerra, pessoa qualificada e de confiança que exerce a profissão de pharmaceutico nesta cidade. Disse o portador que o Pe. Cícero abrio o envelope que continha todos os papeis: leu um pouco, e depois debulhou-se em lagrimas, facto este que admirou a muita gente, porque elle a muitos anos não chora. Deus queira que as lagrimas sejam o começo da conversão d'elle. Causou surpresa aos parentes do Pe. Furtado a partida d'elle para o Amazonas. Eu já sabia da ultima suspensão do Pe. Dr. Antero.

14-05-1896 = CRA 8, 27

Jo “...A última carta de V. E^{xcia} que veio acompanhada da Portaria de suspensão do Pe. Cícero – já foi por mim respondida a 28 ou 29 de Abril, dando noticia da entrega de todos os papeis ao mesmo Padre. Dirigindo esta a V. E^{xcia}, a minha intenção é communicar o que há occorrido d’aquella data em diante. Poucos dias depois que o Pe Cícero recebeu a Portaria, appareceu aqui no Crato, onde demorou-se dois dias em casa do José Marrocos. Suppus que tivesse vindo consultar o que devia fazer confuso como estava. O que é certo é que foi por elles deliberado appellar da suspensão para o poder competente, noticia esta que me foi transmitida por Monsenhor Monteiro; O Pe Cícero, antes de receber a portaria, em alguns lugares defendeo de modo claro os factos de Joazeiro; por isso já estava ipso facto suspenso. Quando alguém vinha se confessar comigo, e voltava sem absolvição pelo facto de crer nos factos de Joazeiro – elle ficava furioso contra mim, contra quem está derramando sua bñlis d’elle. Já não tem mais aquella pachorra, que a muitos enganava com apparencia de humildade. Tem ultimamente me indisposto com os romeiros, falando de mim abertamente e prevenindo o animo d’elles contra minha humilde individualidade. Em vista de semelhante attitude, me aconselharam algumas pessoas daqui do Joazeiro que eu não fosse lá tão cedo. Os romeiros estão tão audazes que fizeram o seguinte: Passando perto de meia noite, um individuo, a cavallo, na Povoação do Joazeiro, declarou que eu, até o amanhecer do dia seguinte iria a capella d’alli tirar a imagem de Nossa Senhora das Dores. De repente espalhou-se a noticia, (que era falsa) e mais de mil romeiros se puseram com armas, vociferando contra mim, e assim se conservaram até o amanhecer do dia quando souberam que era mentira. O Pe. Felix, vigário de Missão Velha, regressando desta cidade onde veio tratar-se, pernoitou no Joazeiro. A entrada do povoado, muitos homens armados, suppondo ser o Sr. Padre encarregado por mim para trazer a Imagem de Nossa Senhora das Dores puseram-se em attitude bellicosa. Logo depois que o Pe. Cícero recebeu a Portaria – uma chuva de improperios contra mim e V. E^{xcia} se fez ouvir de um modo horroroso da parte dos Joazeiristas. Tal é a disposição dos ânimos do povo do Joazeiro. Desejo saber se V. E^{xcia} exige que eu vá aquelle Povoado enquanto os ânimos estiverem exaltados. Para V. E^{xcia} fazer melhor idéia do sancto Pe. Cícero vou referir o que elle disse a uma beata da caridade. Vocês, beatas da Casa de Caridade me foram falsas; andaram propalando que Maria de Araújo bebia cachaça, isto é mentira. O próprio Vigário caluniou Maria de Araújo dizendo que um irmão que ella tem é filho de Maria de Araújo. Ora, Sr. Bispo, nunca disse e nem pensei em tal. Entretanto disse o Pe. Cícero a beata Ana Rosa, assim se chama ella. Nossa Senhora das Dores me parta com um raio, se não é exacto isto que estou dizendo das beatas da Caridade e do vigário.

Corre com insistência n’esta cidade um boato de que o Pe. Cícero e o Revdo. Dr. Antero irão à Roma queixar-se de V. E^{xcia} e de mim. Ainda ponho minhas duvidas. Se lá forem por certo terão de se arrepender. Lastimo muito a obstinação destes dois sacerdotes, e mais ainda que fiquem perdidos para sempre. O Pe. Cícero ultimamente tem feito cousas de quem não tem bom senso. Mandou rodear de um mato espinhoso um pé de angico próximo a Igreja que estava construindo com o fim de impedir o contacto de qualquer pessoa com a dicta arvore na qual disse elle, Nosso Senhor Jesus Christo foi amarrado. Esta historia me foi referida pelo Tenente C^{el}. J^c. Rodrigues Monteiro, amigo do Pe. Cícero, o qual me garantiu a veracidade d’ella. Crê cegamente nas revelações e prophecias das beatas, mas não na Decisão da Sancta Sé. Convem accrescentar que em abono da verdade o que notei n’este Cariri desde o ano de 1883. Os penitentes que tinham o costume de se confessar com o Pe. Cícero eram conhecidos, logo que começavam a se confessar. Demoravam-se muito tempo no confessionário a contar banalidades; mostravam-se muito escrupulosos e obstinados em suas opiniões, resultando d’ahi não quererem outros confessores dirigil-os de boa vontade. Isto se dava em 1883, quando não era tão crescido o numero de penitentes dirigidos por elle.

De 1889 por diante quando appareceram os milagres do Joazeiro – quase todos habitantes d’este e das Freguesias vizinhas só queriam confessar-se com elle Pe. Cícero: tornou-se quase innumeravel a quantidade de penitentes cuja direcção era a mesma. A consciência de cada um d’elles, digo, da maior parte d’elles ficou formada a imagem e semelhança da do Director, tendo o cunho do escrúpulo, da obstinação e outros excessos incompatíveis com a boa direcção das almas. Alguns sacerdotes, aliás bons em alguma cousa imitaram o P.Cícero com quem em geral se confessavam...Demoravam-se uma, duas horas e as vezes mais no confessionário, ouvindo uma penitente confessada há oito, quatro ou cinco dias; era isto a imitação do Pe.Cícero que foi o primeiro a proceder assim. Se outro confessor não procede assim – as tais penitentes censuram-os e exaltam até o terceiro céu aquelles que tem a condescendência de ouvil-as quanto tempo quizerem. Muitas das mulheres que freqüentam os Sacramentos aqui, em vez de serem dirigidas querem ou tem a ousadia de quererem dirigir os confessores o que deo lugar a meu mano Pe. Francisco dizer que não gostava de dirigir e confessar as mulheres do Cariri, e particularmente d’esta cidade, por que queriam saber mais do que os Padres. Felismente o beatismo actual não é o mesmo de outrora, e nem a nossa religião está mais tão desvirtuada como já foi, graças a Deus. Grande numero de beatas tem deixado os mantos e voltado para o século. Algumas d’ellas estão de casamento quito. Já ninguém fala mais em tomar manto. Caiu em desuso. Basta por ora. Outro assumpto. Por esquecimento não communiquei a V.E^{xcia}. qual foi o procedimento do Pe. Carloto, quando aqui esteve. Algumas pessoas d’esta cidade, instando para que as confessasse – recusou-se a fazel –o dizendo que não tinha provisão. Entretanto foi ao Joazeiro e sem que nada me communicasse – confessou muita gente ainda obstinada na crença dos factos d’alli. Tive certeza disto depois que retirou-se. Narro simplesmente o facto para que V.E^{xcia} fique conhecendo quem é o Pe. Carloto. (...) Peço a Nosso Senhor que de à V.E^{xcia} vigores e saúde na graça de Deus e larga vida para felicidade do povo cearense que tanto o idolatra, excepção feita dos Joazeiristas.

17-05-1896 = CRA 8, 28

Jo “...Há quatro dias dirigi a v.E^{xcia} uma carta, na qual expus a V.E^{xcia} o que occorreu no Joazeiro na chegada do Pe. Felis, Vigário de Missão Velha. A noticia não foi completa por falta de informações. Agora que as tenho ministradas por uma moça criteriosa que me escreveu d’aquella Povoação – vou transmitil-as a V.E^{xcia}. Oito horas da noite em que o Pe. Felix pernitoiu no Joazeiro – com Senhor Antonio Benicio, irmão germano do Pe. Silvino, Sacerdote que esteve com V.E^{xcia} nesta cidade em 1884 – montou à cavallo, percorreo as ruas, dando o grito de alerta pelo seguinte modo – o Vigário do Crato, de accordo com o Pe. Felis e outro sacerdote, vem com muita gente tirar a imagem de Nossa Senhora das Dores. Esta mentira requintada produziu o effeito que elle esperava. Mais de mil homens se puseram em armas, e cercaram a Capella para impedir o carregamento da imagem. Alguns d’elles na falta de outras armas, tinham nas mãos durante o cerco, machados e tições. Das quatro para as cinco horas da manhã dispersou-se o povo pela convicção que tiveram de haverem sido enganados. Eis o que se passou. O Pe. Cícero seguiu há dias para o Icó e ainda não voltou. Aquelle facto se deo na ausência d’elle.

03-06-1896 = CRA 8, 29

Jo “...O que disse João de França Cabral a respeito do Pe. Cícero – não é mais do que a reprodução do que se ouve todos os dias da boca dos negociantes do Joazeiro. Só querem alli o Pe. Cícero, porque elle espalha dinheiro. Consta que elle continua a receber dinheiro e o serviço da Capella está em construcção ainda, por ordem, ou então consentimento do Pe. Cícero. Este Padre, suspenso ou não, não deixará o Joazeiro, como bem disse V.E^{xcia}. Actualmente é impossível encontrar um Padre para ser Capellão do Joazeiro. Acredito que o Pe. Joaquim Sother não aceitará o encargo.

Antes da Decisão da Sancta Sé, já elle não gostava do povo d'alli que o maltratou. Padre e beatas. O meu Coadjutor, que já chegou irá supprindo esta falta. Tracei a elle a linha de conduta que deve seguir, enquanto estará prestando serviço na Capella do Joazeiro, e estou convencido de que cumprirá religiosamente as ordens que por mim foram transmitidas. (...) É provável que o José Marrocos tenha mandado publicar um chuveiro de impropérios contra V. E^{xcia} por causa da suspensão do Pe. Cícero. Fiquei bastante triste, sabendo que V. E^{xcia} deu carta de exconfirmação ao Pe. Dr. Antero por que, na minha opinião, o pedido de semelhante carta foi uma cilada de que ele se serviu para eximir-se da jurisdição de V. E^{xcia} que ipso facto cessou depois da concessão d'aquelle documento, ficando elle súbdito de outra Diocese. Por esta forma, ficou isento do castigo que merece pela sua rebeldia d'elle. Si a carta fosse de Exeat – não curaria a jurisdição, continuaria suspenso em qualquer parte, enquanto durasse a contumacia. Desculpe V.E^{xcia} ter eu usado d'esta franquesa.

09-06-1896 = CRA 8, 30

Jo "...Vou responder duas cartas de V.E^{xcia}, datadas de 25 e 28 de Maio passado. A primeira veio acompanhada de uma copia do requerimento do Pe. Cícero, copia que li attentamente. O Pe. Cícero continuará como di antes. Alguns especuladores do Joazeiro fizeram em nome do Pe. Cícero uma carta, affirmando que alli estava se dando milagres mais estrondosos do que outr'ora. A especulação produziu o effeito que elles esperavam. – Numero espantoso de romeiros, entre os quais alguns de primeira ordem estão affuindo ao Joazeiro, dando isto lugar a actividades do commercio como desejavam. Ainda sobre o Pe. Cícero. Tenho razão para suppor que elle não arripiará carreira, salvo um milagre estrondoso da graça divina. Cada dia se torna mais obstinado. Nesta cidade o procedimento do Pe. Cícero está sendo explicado por um desequilíbrio cerebral, e eu me inclino a esta opinião. Cumpro confessar a V. E^{xcia} que só para os romeiros e uma terça parte do povo da Freguesia vai o Pe. gozando de algum prestigio, digo, de muito prestigio; para os outros o prestigio d'elle quase que extinguiu-se. Acredito também que os P^{es} Cícero e Dr. Antero não irão a Roma: noticie o boato para que V.E^{xcia} d'elle tivesse sciencia. Não sei até onde irão os desatinos do povo do Joazeiro, que entretanto está actualmente um pouco calmo. Continuam implacáveis os Joazeiristas contra mim e V. E^{xcia}; mas eu não me altero mais com o procedimento de semelhante gente.

08-07-1896 = CRA 8, 31

Jo "...Já não me causa admiração o procedimento do Pe Cícero e do J^e Marrocos em negócios referentes ao Joazeiro onde a torpe especulação, activa e sobranceira, serve-se da religião para fins inconfessáveis. Disse muito bem V.E^{xcia}: As heresias e scismas sempre tiveram o orgulho por inicio e o interesse por sustentáculo. Começada a superstição do Joazeiro pelo orgulho, está sendo sustentada e alimentada pela especulação. Causou-me espécie o facto occorrido em Chartres. Nunca suppus que, em pais civilisado como é a França se dessem factos d'esta ordem acompanhado de circunstancias aggravantes, tais como a resistencia a Authoridade Diocesana e ao Sancto Officio. O espírito de revolta está minando a sociedade em suas bases. Se Deus não tiver compaixão de nós, onde iremos parar? Continuam em larga escala as romarias para o Joazeiro. Consta-me que o povo d'alli tem má vontade a mim e ao Coadjutor, cujo procedimento tem sido correctissimo em tudo, nomeadamente quando se trata de negócios do Joazeiro. Enérgico e prudente, tem sabido desempenhar o que lhe cabe no exercício de suas funções d'elle. Disse-me o Major José Joaquim da Rocha, morador nas immediações do Joazeiro, que, no Povoado, só existe uma casa prompta para receber a mim e ao Coadjutor- é a de João da Franca Cabral, porem (?) da representação do povo do Joazeiro. Estou resolvido à levar a Cruz até o Calvário. Serei sempre companheiro de luta de V.E^{xcia}, convencido que estou cumprindo um dever sagrado. Como Deus não abandona os seus na necessidade, espero

que não me faltarão a coragem, constancia e firmeza e paciência com os Joazeirenses apesar do ódio que me têm. Não duvido que o Marrocos se lembre de publicar alguma verrina contra mim a V.E^{xcia} porque o seu papel d'elle tem sido pescar nas águas turvas. Estou prompto à soffrer tudo por causa de Igreja que é também a nossa. Aqui esteve Pe Fernandes a respeito de quem vou contar à V.E^{xcia} o que occorreo. Pedi faculdades para celebrar Missa no Joazeiro e confessar quer aqui quer lá. Entendi que não devia recusal-a; dei-a com a condição de não absolver a quem acreditasse nos factos do Joazeiro, tendo o cuidado de interrogar antes os penitentes que o procurassem. Celebrou Missa na Capella do Joazeiro no dia 21, 24, 28 e 29 de junho, fez baptisados e confessou muita gente lá e aqui. Pelo que pude saber o Pe Fernandes não procedeo correctamente. Confessaram-se muitas pessoas aferradas à crença nos factos do Joazeiro, menos os implicados no Processo. Talvez V.E^{xcia} censure a minha condescendência permittindo o exercício das ordens ao Pe Fernandes n'esta Freguesia e no Joazeiro: Fil-o na supposição de que elle seria sincero. Fiquei com sal na moleira. D'ora em diante não permittirei mais à Sacerdote algum de fora celebrar no Joazeiro. Veja V.E^{xcia} qual foi o procedimento do Pe Cícero e Marrocos com o Pe Fernandes de quem, quando Vigário n'esta Freguesia, diziam horrores. O povo do Joazeiro chamavam-no de maçõ, hipócrita e injuriavam-no por mil modos diversos. Hoje para o Pe.Cícero, Marrocos e gente do Joazeiro elle o Pe Fernandes é um sancto! Este Padre fez conferencia no Joazeiro, onde, segundo me informaram disse o seguinte. A Sancta Sé ainda pode reformar a Decisão do Sancto Officio. Este ultimo facto carece de confirmação. O Padre Cícero, durante a demora do Pe Fernandes, n'esta Freguesia, andava com elle na palma das mãos como vulgarmente se diz. No dia da partida do Pe Fernandes, o Pe Cícero acompanhou-o até o descanso, onde tiveram larga conferencia além de outras aqui e no Joazeiro, assistindo à algumas d'ellas o José Marrocos. Ainda uma vez sobre o Pe Cícero. Este Padre se confessa não sei com quem, e na Matriz d'esta cidade tem recebido a communhão, não de minha mão felismente. O Pe Augusto deo a communhão a elle uma vez com grande reserva. O que devo fazer, vindo elle commungar em público?

04-11-1896 = CRA 04,30

Jo "...Agora escrevo de novo, tendo por principal objectivo communicar a V.E^{xcia} o estado actual do Joazeiro. Causa espanto o que por alli se passa. A affluencia de romeiros nunca foi tão grande como actualmente está sendo, e esta, cada dia, se avoluma, trazendo offerendas de dinheiro e objectos para o Padre Cícero. Continua em larga escala a edificação de casa e casebres em roda da Povoação, hoje maior e mais populosa do que o Crato no dizer do Pe. Augusto e todos que lá apparecem. O Padre Cícero, obstinado, como d'antes, continua a pregar em casas particulares, dando no fim a benção à todos os ouvintes. A excepção das mulheres, quase todos assistem a pratica de facas ao quarto e outras armas. Isto é certo, pois uma pessoa fidedigna mais de uma vez presenciou aquella scena. No dia 1 do corrente, às 7 horas da noite, mais ou menos (hora esta em que o Pe costuma falar apezar do inconveniente de se acharem misturadas pessoas de ambos os sexos) cinco homens, vindos de lugar estranho a reunião, tentaram approximar-se do Padre Cícero, e como encontrassem embaraço da parte das mulheres lançaram mão de facas que condusiam, feriram algumas mulheres, não podendo seguir adiante pela insistencia do povo amotinado, que deo como resultado a prisão de um d'elles, evadindo-se quatro. Algumas horas depois, espalharam um boato de que os tais homens foram por mim mandados com o fim de assassinare o Padre Cícero que, segundo me affirma pessoa de fides credito a elle. Pensam muitos dos meus parochianos residentes n'esta cidade que aquella imputação calumniosa sahio das beatas, tendo por fim indispor-me com os romeiros e mais fanáticos do Joazeiro, e dispôl-os a me assassinare. O Pe. Quintino e Augusto pensam do mesmo modo. Convem notar o seguinte. Uma grande parte do povo residente no Joazeiro já não faz caso do Pe. Cícero, e nem tão pouco das autoridades: não respeita as propriedades

alheias, invadem os sitios: cortam árvores seculares, derrubam roçados; e se os donos oppõem alguma resistencia, são ameaçados de bala. Este estado de cousas vem predispondo o animo dos proprietarios a deixarem os seus sitios e retirarem-se para outros lugares onde possam ter sossego. No Joazeiro está havendo muita fome: e se houver algum refrigerante de secca – o saque n'esta cidade e a casa dos capitalistas sera inevitável. O povo do Crato vive aterrado considerando n'isto e espera dos poderes publicos uma providencia qualquer que dê como resultado a internação de tanta gente pelos centros dos Estados vizinhos. Se não houver n'isto inconveniente, peço a V.E^{xcia} que se entenda com o Governador d'este Estado, fazendo-lhe vêr a necessidade da intervenção do poder civil, sem o qual serão improficuos todos os esforços no intuito de chamar à ordem aquella gente, e fazê-la voltar para os seus lares abandonados. Se o E^{xmo} S^r D^r Accioly attender as considerações que acabo de fazer – poderá mandar pessoa ou pessoas de toda confiança ao Joazeiro como meros expectadores, alli observarão tudo, e voltando entregarão a Elle um relatorio de tudo o que viram, afim de que Elle possa empregar com resultado satisfactorio as medidas indispensáveis para internação d'aquelle povo. A povoação do Joazeiro compõe-se de mais de dois mil fogos: calcula-se em mais de dezeceis mil os habitantes do districto respectivo. A um grito do Padre Cícero podem, em menos de uma hora, reunirem-se quatro ou cinco mil carabinas. Apesar de tudo isso, o Joazeiro nada rende para mim e o Coadjutor, e a razão é a seguinte = De lá vem casar-se uma ou outra pessoa, e isto por que exigimos dos noivos que vem se confessar a descrença nos factos do Joazeiro, e elles não obedecem. Grande parte das crianças são baptizadas pelo Padre Cícero quando soffrem qualquer doença, e não voltam ao supprimento das ceremonias, por que o padre Cícero, que é o Padrinho, se recusa a pagar a esportula taxada na Tabella Diocesana. D'isto resulta ficar um grande numero de crianças sem as ceremonias e o Vigario Coadjutor sem os emolumentos parochiais, dano este causado pelo Pe Cícero. O povo do Joazeiro não quis Capellão dado por V.E^{xcia}. Está agora dando uma porção ao Pe Vicente a quem pagam generosamente para todos os Domingos, celebrar Missa na Capella do Saquinho, onde o Padre Cícero dizia a Sancta Missa em quanto não foi suspenso de todas as ordens..."

1897

11-01-1897 = CRA 8, 32

Jo "...Foi para mim uma verdadeira surpresa o conteúdo d'ella, bem como o recebimento da nomeação de Camareiro secreto de Sua Santidade o Papa Leão XIII. A benevolência de V.E^{xcia} e a Munificência Pontifícia acabão de esmagar-me com uma distincção de que certamente não sou digno. V.E^{xcia} deo aos meus serviços mais valor do que eles merecem; e apresentando-os ao Sancto Padre, conseguiu d'elle amimarar-me entre os Seus camareiros secretos, honra esta pela qual não esperava. Mil vezes obrigado a V.E^{xcia} pelas prolfas a mim dirigidas e pelos bens que me deseja. Procurarei corresponder a confiança que V.E^{xcia} sempre em mim depositou, batalhando pela causa de nossa sancta Religião tão vilipendiada, menosprezada e desvirtuada nesta Freguesia. Nunca faltou-me o animo para a lucta na qual só procuro a gloria de Deus, tendo, como lemma principal a obediência a meus superiores, d'onde me vem toda a força de que careço. O rendimento da Freguesia tem diminuído de um modo que causa espanto. Para comprar as insígnias de Monsenhor foi necessário contrahir um empréstimo de quinhentos mil reis. Esta noticia causará, por certo, admiração a V.E^{xcia} a quem mais logo, exporei os motivos por que se tem dado tão grande decrescimento nos rendimentos desta Parochia..."

21-01-1897 = CRA 8, 33

Jo "...Outro assumpto. Desejo ansiosamente saber o resultado da conferencia havida entre V.E^{xcia} e o Governador do Estado sobre os negocios do Joazeiro.

31-01-1897 = CRA 8, 34

Jo "...Exmo. Senhor, o Padre Cicero continua, como d'antes, em sua teimosia d'elle. Todas as noites, as 7 horas, reúne-se uma massa quase inumeravel de povo em uma das ruas principais e da frente de uma casa faz uma practica que chama consagração, dando-se o maximo inconveniente da promiscuidade de pessoas de ambos os sexos no meio das trevas, que circundam a turba magna que enche ruas e travessas. Sou informado de que factos gravissimos tem se dado por occasião da reunião quotidianamente convocada pelo sancto Padre Cicero. A maior parte dos romeiros ouvem a tal practica armados de faca e garruchas. Continuam as romarias de modo espantoso, contam-se por centenas as pessoas que quotidianamente entram no Joazeiro sendo quase todas da ultima camada da sociedade. Além das miserias morais que alli existem em grande copia, tais como a prostituição, defloramento de virgens, está soffrendo aquelle povo uma fome horrorosa que unida a influenza e outras doenças, faz hebdomadariamente termo medio oitenta victimas. Os commerciantes e capitalistas desta cidade continuam a viver aterrados receiando um saque da população faminta do Joazeiro. Contou-se nesta cidade que Antonio Conselheiro passara em Milagres, já se achava no Joazeiro. Parece não ser exacta tal noticia. O Padre Cicero, raras vezes, vem a esta cidade. Quando não há Missa no Joazeiro, elle a ouve na Capella do Saquinho, sendo celebrante o Pe. Vicente Sother que recebe por cada uma boa esmola, ora quarenta, ora cincoenta e sessenta mil reis por cada uma. É elle o único Padre que gosta do Joazeiro, e o frequente. É certo que há entre elle e o Padre Cicero muita intimidade da qual vão resultando para o primeiro boas prebendas pelas Missas que no Saquinho celebra. Hesitei muito em communicar esta occurrencia por ser meu primo o Padre Vicente Sother, mas fil-o por suppor ser a isto obrigado por um dever de consciencia...."

14-02-1897 = CRA 8, 35

Jo "...Deo-se um facto entre Pe. Ignacio, Pe. Cicero e uma beata da Freguesia de Assaré do qual fiz exposição ao Seminarista Pedro Esmeraldo da Silva para referil-o a V. E^{xcia} que ficará conhecendo qual o espirito que actualmente está animando o Pe. Cicero. Há poucos dias houve um exodo de oitenta familias que do Joazeiro voltaram para os patrios seus. Talvez outros tratem de imital-os.

24-03-1897 = CRA 14,04

Jo "...Muito me admirou o que disse à V.E^{xcia} o Presidente do Estado no tocante aos negocios do Joazeiro, porque o C^{el} Belém, chefe supremo da politica Governista n'esta comarca me affirmou não ter recebido d'elle carta alguma que se referisse ao Joazeiro. O Pe.Cícero continua, como d'antes, a fazer practicas ao povo, e a receber offertas dos papalvos que em não pequena escala, vão chegando todos os dias no Joazeiro, onde mais da metade da população soffre horrorosa fome, que se denuncia pela magresa, palidez do rosto, e opilação nas pernas. Alguns dos famintos, ou antes muitos d'elles tem se espalhados pelas cidades e centros mais populosos deste Cariri que percorrem maltrapilhos e esmolando o pão da caridade. E apesar de tudo isto morrem de inanição dezenas de romeiros por semana. Eis o actual estado do Joazeiro. Chegou há poucos dias o José Lobo dizendo ter estado em Roma e ter conferenciado tres vezes com Sua Santidade. Nada respira sobre a missão que levou-o a aquella Cidade. Elle trouxe seis quadros com a effigie de Sua Santidade o Papa Leão XIII, tendo abaixo d'elle uma indulgencia plenária por Elle dada a diversas pessoas até a terceira geração. Sei apenas de dois que receberam a graça : são: C^{el} Belém e T^{ent}. C^{el} Rodrigues Monteiro, irmão germano de Monsenhor Monteiro. Não pude dar crédito nem ao que diz o José Lobo e nem a authenticidade de taes quadros. ..."

31-03-1897 = CRA 14,05

Jo "...Fazendo inventario das alfaias e do archivo da Matriz de São Pedro, encontrei um livro de assentos de baptismos registrados por ordem do Pe.Cícero que não foi numerado nem rubricado.

O Pe. Cícero começou e continuou a escrever n' elle sem aquella formalidade; e depois que eu comecei a reger a Freguesia o Sacristão, de ordem minha, continuou a fazer no referido livro o registro dos baptizados até ficar elle repleto sem que eu tivesse notado a falta pelo mencionado Reverendo. Para sanal-o peço a V.E^{xcia} authorização para rubricar,..."

25-04-1897 = CRA 04,31

Jo "...Não me foi possível entregar ao destinatário (Pe. Cícero) o mencionado officio, como V.E^{xcia} tanto desejava, mas o fiz por interposta pessoa, sendo esta das mais qualificadas, a qual trouxe o recibo que vai n'este incluso. Poucos dias depois, espalhou-se o boato de haver o Pe. Cícero recebido um Officio de V.E^{xcia}, e a cada momento apparecia grande numero de pessoas à me perguntar se eu não sabia do tal officio e do conteúdo d'elle. Respondendo que não sabia, diziam os interrogantes= é impossível que o Senhor ignore a existencia d'elle e o que elle contem. Continuando os curiosos a interrogar-me falei do seguinte modo. O Officio esteve em meu poder, mas ignoro o que elle contem, porque veio lacrado. Dada esta resposta, calaram-se todos, e assim fiquei livre da grande molta de curiosos. Hontem mostrei a carta de V.E^{xcia} ao Pe. Quintino, por que me disse elle já ter recebido carta de V.E^{xcia}, falando sobre o assumpto. Tenho, pois, guardado absoluta reserva. Convem comunicar a V.E^{xcia} que o officio foi entregue ao Pe. Cícero quinta feira sancta, como se vê da data do recibo e, até o dia 21 do corrente, não havia elle feito a leitura do mesmo apesar de o ter aberto para poder passar o recibo. Cousa boa, não é, disse o Padre, por isso não o leio agora, vou deixar esfriar. Circularam entre a massa do povo mil historias. Uns diziam = o officio que veio foi para o Padre Cícero tirar a batina, outros que era para dar as ordens ao Padre Cícero e mil outras cousas que não vale apenas mencionar. Ignoro se o Pe Cícero já leu o referido officio, não sabendo por isso mesmo se elle está resolvido a seguir para a Capital, accedendo ao convite de V.E^{xcia}. Nada mais tem respirado no tocante a este negocio. O que fôr occorrendo eu terei o cuidado de levar ao conhecimento de V.E^{xcia}. Consta por aqui que o Pe. Dr Antero, recebendo convite de V.E^{xcia} para ir até a Capital, respondera: não tenho o que ver na Capital, por isso de minha casa não sahirei. Tenho razões para crer que o Padre Cícero procederá do mesmo modo. Deus permitta que eu me engane. Pretendo no começo de Maio ir ao Joazeiro, onde provavelmente colherei informações sobre as ultimas occurencias. ..."

13-06-1897 = CRA 04,32

P.C.³ "...Em obediencia ao que me foi determinado em officio a mim endereçado por S.E^{xcia} Rev^{ma} o Senhor Bispo Diocesano em data de 18 de Maio do corrente anno, convido a V.Rev^{ma} para uma entrevista um tanto reservada, podendo esta ter lugar hoje mesmo, uma vez que V.Rev^{ma} esta n'esta cidade – das quatro horas em diante, no consistório da Egreja Matriz ou em outro lugar que V.Rev^{ma} designar... (Na mesma folha, - com letra do Pe. Alexandrino – cópia da resposta do Padre Cícero)à *Al⁴: Recebi as 5 horas da tarde de 13 de junho corrente o officio que n'este mesmo dia dirigiu-me V.Rev^{ma} marcando-me ás 4 horas uma entrevista reservada. Assim pois não tinha mais logar a satisfação do chamado, nem também se revelava a necessidade desta entrevista; por que se há algum assumpto reservado á tratar se – ainda hoje mesmo ou quando queira V.Rev^{ma} pode fazê-lo com melhor vantagem por escripto, pois Verba volant e scripta manent. E assim em tempo nenhum quem quer que seja não poderia attribuir-nos outra palavra, nem dar as nossas expressões sentidos que ellas não tenham. Convem pois e é necessário mesmo na confiança do presente, prevenir a vicissitude*

³ Al = Alexandrino

⁴ P.C. = Padre Cícero

incerta do futuro e salvaguardar um direito que nos é commun – principalmente quando a calúnia e a má vontade, que não respeita a ninguém – á muito me persegue e me faz sua vitima, pode ainda em desempenho de um officio attribuir-me crimes e desobediencias que por mercê de Deus nunca pensei. E do que tenho soffrido Deus livre e Deus guarde a V.R^{ma}. ”

24-06-1897 = CRA 04,35

Jo “... A primeira carta veio acompanhada dos seguintes papeis = Decreto do S.Officio, um officio a mim e outro ao Pe Cícero dirigidos por V.E^{xcia}, chegando todos ao meu poder no dia 12 do corrente. Dei execussão ao que me foi prescripto no meu officio do modo seguinte. No dia 13 do mês que corre, um dia depois do recebimento, officiei ao Pe.Cícero, convidando-o a uma entrevista em dia, hora e lugar determinado: não me deu resposta até o dia 19, quando segui para o Joazeiro afim de alli celebrar Missa que o povo já esperava, e encontrá-lo n’aquelle povoado onde pretendia fazer a intimação. Chegando ás seis horas da tarde d’aquelle mesmo dia, fui informado de que o Pe.Cícero se ausentára sem se saber para onde. Era esta a segunda vez que o Padre se retirava do Joazeiro para não ouvir a Sancta Missa que eu tinha de celebrar. Pensei commigo: elle retirou-se por odio a mim, para não me encontrar, temendo que a entrevista seja desfavoravel a elle. Elle está no Crato d’onde só voltará amanhã, digo, no dia 21, quando eu tenho de seguir para lá. Irei pela estrada do lado occidental do corrente e encontrá-lo-ei certamente. Não errei em meus calculos: encontrei-o no sitio Paúl uma legua distante d’esta cidade. Ahi fiz a intimação perante dois seculares de critério que de proposito me acompanhavam e grande número de pessoas que alli se achavam de viagem para a feira. Não o fiz mais secretamente por que o Pe.Cícero não quis, e nem li o Decreto por que a isto se oppoz formalmente apesar de eu affirmar a elle que estava fazendo a leitura por ordem de V.E^{xcia}. Não leia mais que eu não quero ouvir, e interrompeu-me de modo que eu não pude continuar a leitura. Não podendo intimal-o de outra maneira, entreguei o Officio e Decreto de que extrahí copia ao mesmo Padre que, n’esta mesma occasião, alardou a crença nos factos do Joazeiro e disse mil outras cousas das quais opportunamente darei sciencia a V.E^{xcia}: são a prova que elle não obedeceu. O que for occorrendo eu levarei ao conhecimento de V.E^{xcia}. Cumpre-me communicar a V.E^{xcia} que, chegando no dia 21 do corrente n’esta cidade de volta do Joazeiro encontrei a resposta ao meu officio dada pelo Pe.Cícero. Mais devagar mandarei a copia a V.E^{xcia}. É interessante. (...) Pelo correio de 1 de julho proximo farei a V.E^{xcia} remessa da copia de meu officio ao Pe.Cícero, da resposta d’elle e do termo de intimação assignada por mim e as duas testemunhas a que já me referi; e estando já decorrido n’aquelle dia, o prazo fatal, eu direi em carta que fizer qual foi o procedimento do Pe.Cícero....”

28-06-1897 = CRA 04,33

Jo “Na minha carta anterior que seguio pelo correio de 24 do corrente, eu disse a V.E^{xcia} que, pedindo uma entrevista ao Pe.Cícero, este o negou, mas não remetti a copia do meu officio e da resposta do mesmo Padre o que faço agora. Esta me fere bem de perto, acoimando-me de calumniador, como V.E^{xcia} verá, lendo com attenção. A esta acompanha também a nota de verdadeiros disparates pronunciados pelo Pe.Cícero durante a conferencia que tivemos. Foi o que pude guardar de memoria. Nunca tinha visto sahir da boca de um sacerdote tantos dislates os quais parecem denotar verdadeiro desequilibrio mental. Junto remetto também o termo da intimação assignada por mim, e duas testemunhas que são qualificadas e dignas de todo critério. No dia 30 do corrente expira o prazo de des dias concedido pelo Decreto do Santo Officio. Ainda não tive resposta do Pe. Cícero. Não sei o que fará agora o Senhor José Marrocos que n’estes últimos dias tem estado no Joazeiro. Este homem tanto fez que levou o Padre ao abysmo.

Sem José Marrocos não haveria questão no Joazeiro, dizem todos. Se expirado o prazo, o Pe.Cícero não tiver obedecido ao Decreto do Santo Officio – como eu espero – pelo correio de 12 de Julho darei noticia a V.E^{xcia} e no proximo domingo 4 de julho farei a leitura d'elle como V.E^{xcia} ordenou. Convem declarar a V.E^{xcia} que o Pe Cícero pelo seu modo de falar d'elle, não se julga obrigado a obedecer ao Santo Officio, e sim ao Papa, e será sem duvida esta a razão porque elle disse e affirmou nunca ter desobedecido a Egreja. ...”

30-06-1897 = CRA 04,34

Jo “Não tenho outro remédio senão escrever a V.E^{xcia}.R^{ma} com muita frequencia. Depois da intimação do ultimo Decreto do Santo Officio, os factos vão se succedendo; por conseguinte devo ir aproveitando o correio para leval-os ao conhecimento de V.E^{xcia}. Eu, Monsenhor Monteiro e T^{ne}.C^{el} Secundo presumiamos que o Padre Cícero, para não deixar o Joazeiro, sujeitar-se-hia as penas impostas por aquelle mesmo Decreto. Mas, felismente, assim não aconteceu. O Padre sahio hontem, à noite, não se sabe para onde. O Pe.Vicente Sother seguiu hoje muito cedo para o Joazeiro e o Dr Madeira e T^{en} C^{el} Secundo às 8h^{1/2}. Nenhum dos tres encontrou mais o Pe .Cícero. Era do dever d'elle communicar a sua retirada. Não o fez, apenas mandou-me um officio que, para o caso nada significa, e cuja cópia remetto inclusa. A vista do occorrido, não farei mais a leitura d'aquelle Documento à estação da Missa conventual, como V.E^{xcia} me ordenou. Há no Joazeiro uma prevenção extraordinaria contra mim, e o Padre Cícero indirectamente tem concorrido para isto, porque attribue, ao menos em parte, os seus soffrimentos d'elle a mim a quem atira a pedra de calumniador. Por este motivo, muita gente é de opinião que eu tão cedo não vá ao Joazeiro, ainda mesmo para confissões in articulo mortis. Eu tenho meus receios, mas estou resolvido a cumprir o meu dever com a graça de Deus, custe o que custar....”

29-07-1897 = CRA 14,06

Jo “...O Pe.Cícero continua no Salgueiro, e a respeito d'elle correm duas versões; uma que n'estes dias chegará no Joazeiro, e outra que está um tanto pendido a seguir para Roma sobre o qual conta ter dito = O Padre Antero já retractou-se, agora não tenho companheiro para ir comigo a Cidade Eterna. Não sei qual das duas versões é verdadeira. Pergunto: se o Padre Cícero vier de passagem, ou demorar-se poucos dias no Joazeiro – eu devo ler o Decreto à estação da Missa Conventual?...”

23-08-1897 = CRA 04,36

Jo “Depois de fechada minha carta datada de óntem, soube da boca do próprio Pe. Cícero que seguiria para Roma logo que se preparasse para tão longa viagem. Disse-me elle que não precisava o dia da viagem por que ainda lhe faltava algum dinheiro; obtido este, pôr-se- hia logo à caminho. ...”

...-08(?) -1897 = CRA 14,07

Jo “...Como disse em minha ultima carta, o Pe.Cícero deixou o Joazeiro no dia 29 de junho, à noite, e no dia seguinte partiu para longe daquelle lugar sem se saber então a direção que tomou. Alguns dias depois, tive a certeza de que se achava no Salgueiro, Estado de Pernambuco, onde existe uma estação telegraphica, segundo alguns com a pretensão de passar telegrammas ao Santo Padre. Estando alli alguns dias, com o Pe. João Carlos, consta achar-se com elle em Leopoldina, também do Estado de Pernambuco. Esta última noticia carece de confirmação. Tanto o Salgueiro, como a Leopoldina distão d'esta cidade umas trinta leguas mais ou menos. O Pe.Cícero, antes de seguir, declarou que a sua viagem d'elle seria de oito dias, por isso é esperado no Joazeiro desde o dias 8 do corrente. Os habitantes do Joazeiro (não há remedio senão repetir esta palavra para evitar

confusão) logo depois da partida do Pe.Cícero, começaram e continuam a vomitar as mais nojentas e negras calumnias contra mim, e ultimamente contra todos os Padres, aos quais acusam de viverem namorando com as moças que confessam, e de se servirem do confessionario para fins inconfessaveis. Atacam a reputação de todos os Padres d'esta cidade e a honra das famílias, sendo a principal victima a do proprio sacristão do Joazeiro, que, não podendo mais supportar tantas injurias e affrontas esta se preparando para mudar-se deste para o Estado de Pernambuco. Contra mim inventaram a seguinte farça, immoralmente urdida e pessimamente executada, como V.E^{xcia} verá. Imitaram a minha firma e acima d'ella escreveram o seguinte, como se fôra eu que o fizera – “Raymunda (tal é o nome da sujeita a quem affirmam ter eu dirigido a carta) venha depôr sob juramento contra os factos do Joazeiro, que eu lhe dou 150\$000, em vestido de chita, e um fichu!!!! A carta, dizem elles ter sido datada do mês de junho prox.passado. Um meu amigo, ouvindo falar na tal carta, pediu-a para ler. Responderam os infames; não temos o original, temos a copia. O original, a moça inutilisou. O Vigario calumniador há de vir justificar-se no Joazeiro sob pena de ficar com esta nodoa para sempre, disseram elles os protagonistas da infame farça que foi acolhida pela população quase toda do Joazeiro. Que há plano de me assassinar pelo punhal ou pelo veneno é certo, pois o amigo de que falei há pouco, e que é o Sr Antonio Coimbra Villa Nova, signatario do termo de entrega do Decreto do Santo Officio – me aconselhou a que não fosse ao Joazeiro, por que alli à punhal o a veneno procuravam desembaraçar-se de mim a quem responsabilisam por tudo quanto o Pe.Cícero está soffrendo. Não admiro que assim procedam, pois o santo Pe.Cícero tem dito a muitos que só está soffrendo por cousa das minhas calumnias que contra elle tenho erguido. Não obedeceu a Santa Sé, e por isso é castigado, e o culpado de tudo isto sou eu. A vista do exposto, não posso mais ir ao Joazeiro, e não há um só sacerdote que lá queira ir em meu lugar. Este estado de cousas só podera melhorar, quando se desenganarem de que o Pe.Cícero não voltará. Quando tiverem esta certeza – em pouco tempo ficará quase deserto o povoado do Joazeiro. O districto do Joazeiro contém a metade da população desta freguesia, e n'elle não se paga os direitos parochiais, resultando d'ahi um decrescimo nos rendimentos d'esta freguesia que não chega absolutamente para o custeio de minha casa. Precisam d'este modo render-me pela fome. Minhas condições são tais que não poderei em tempo solver todos os meus compromissos contrahidos por necessidade. Além das difficuldades financeiras de minha casa, devo perto de tres contos de reis que tomei emprestado para concluir o serviço de minha Matriz no qual despendi mais de vinte e um conto de reis. ...”

01-09-1897 = CRA 14,08

Jo “...Disse V.E^{xcia} na primeira (carta) que não acreditava que o povo do Joazeiro me quizesse fazer mal, suppondo serem arrufos de quem está despeitado. Não é assim. Há quem instiue os romeiros para me offenderem physicamente, e quem assim procede é gente natural do lugar, e que nelle tem estabelecimento commercial. Disse mais V.E^{xcia} que não devo abandonar o Joazeiro e nem deixar perecer os enfermos sem os sacramentos. É preciso, por amor a verdade, frisar bem o seguinte = que nunca recusei-me a fazer confissões de parochianos enfermos, salvo quando a montada era insufficiente, e neste caso dizia eu, venha melhor montada, ou tragão o enfermo para a Matriz onde darei todos os sacramentos. Releva notar que nunca sou chamado para confessar doentes no Joazeiro, ainda menos quando lá estou cumprindo com os deveres do parochiato. Poucas crianças apparecem para serem baptizadas, por que os pais occultam –nas afim de cortarem o mais possível os rendimentos da parochia, como elles mesmos confessam e alardeiam. Em outros pontos da freguesia há muitas pessoas que procedem do mesmo modo, resultando d'ahi o decrescimento das rendas da parochia que pode se a terça parte do que antes era. Mais de um terço dos parochianos

fogem de mim, e não me procuram para administrar-lhe o parto (ou será pasto?) espiritual. A vista do que acabo de expôr- não seria acertado deixar o parochiato? Cumprida a minha missão de auxiliar à V.E^{xcia} até levar a questão do Joazeiro ao desenlace final, não será opportuno a minha dispensa de vigário do Crato? Desejo que V.E^{xcia} diga-me alguma cousa sobre isto. Na segunda carta, V.E^{xcia} anuncia a proxima remessa da Pastoral publicativa do último decreto do Santo Officio sobre Joazeiro, do qual mandar-me ia muitos exemplares para distribuir com os sacerdotes e mais pessoas do Crato e Freguesias vizinhas. Peço a V.E^{xcia} que me dispense de ir por ora ao Joazeiro, onde não poderei lêr a dita Pastoral sem ser atacado, visto a prevenção o odio que existe alli contra minha humilde pessoa a quem o santo Pe.Cícero responsabilisa pelos seus soffrimentos, affirmando a quem quer ouvir que senão foram as minhas columnias nada estaria soffrendo. Desobedecer as decisões da Igreja, é por isso castigado, e o responsável e culpado sou eu !!!! (...) Só de viva voz poderia contar a V.E^{xcia} os meus soffrimentos causados pelo povo do Joazeiro, que attribue a mim tudo quanto soffre o Pe.Cícero. Felismente já não se occupam de V.E^{xcia}. (...) Em uma carta laconica que dirigi a V.E^{xcia} no dia 23 do corrente communiquei a V.E^{xcia} que o Padre Cícero se achava no Crato, dizendo que vinha se preparar para ir a Cidade Eterna. Entendi não dever lêr o ultimo Decreto, visto ter elle feito perante mim semelhante declaração. Na passagem dos romeiros para a casa onde elle estava, recebi d'elles insultos nos seguintes termos = Pode olhar como quizer, ninguém se importa com isto. Convem notar que eu não estava na porta da casa e nem estarei olhando para os que passavam. ..."

15-10-1897 = CRA 14,105

Jo "...Até agora não recebi uma só Pastoral. Talvez tenham extraviado se da Secretaria foram remetidas. Corre ainda o boato de que o Pe.Cícero pretende seguir para a Cidade Eterna, e que por falta de dinheiro ainda não sahio para aquelle destino. Admirado de que o Pe. não tivesse dinheiro, responderam algumas pessoas = o Pe.Cícero emprestou muitos contos de reis a negociantes: procurando d'estes a importancia toda, ou ao menos uma parte - responderam-lhe que não podiam dar cousa alguma senão depois que apurassem. (...) Estive no Joazeiro desde o dia 29 do mês passado até o dia 4 do corrente, durante os quais fiz cinco casamentos, confessei perto de duzentas pessoas, entre os quais alguns enfermos, e fiz grande número de baptizados. Desapareceu em grande parte a prevenção que alli contra mim havia - criada e gerada (ilegível) do povo por um Sr Aristides de Menezes o mais repulsivo, abjecto e miseravel d'esta freguesia na qual tem commettido infamias tais que a decência e as leis de decoro me mandam calar. Tendo o C^{el} Belem sciencia de que elle insuflava contra mim o povo do Joazeiro, chamou-o e disse em tom severissimo diante de algumas pessoas. Se tiveres audacia de tocar ainda no nome do Vigário, reduzir (?) hei à desgraça. Passou a tempestade de modo que os Joazeirenses me trataram bem, muitos d'elles me visitaram e me fizeram presentes. Como se mudaram as cousas!! O proprio C^{el} Belem disse que eu tinha obrado bem não ir ao Joazeiro no tempo em que dirigi uma carta a V.E^{xcia} pedindo demissão, carta que já foi respondida por V.E^{xcia} em data de 20 de Setembro, e se acha em meu poder. Fico certo de continuar no parochiato d'esta freguesia ao ver que V.E^{xcia} assim o determina. Vou agora occupar-me do Pe.Cícero. Antes de vir do Salgueiro para esta cidade, foi intimado pelo Governador de Pernambuco à deixar o Salgueiro, visto estar alli grande quantidade de povo à disposição d'elle para seguir a Canudos por outros fins inconfessáveis. Acalmou-se o Governador quando recebeu um telegrama do Juiz de Direito affirmando não haver perigo para a ordem pública (ilegível) do Pe.Cícero, embora houvesse alli grande número de povo vindo de diversos Estados de qual poderia (ilegível) se quizesse fazer revolução. D. Manuel, Bispo de Pernambuco, exigiu do Pe.João Carlos a retirada do Pe. Cícero, visto ser um sacerdote rebelde e desobediente. João Carlos respondeu que

ANEXO

o Pe. não sahiria porque alli não fazia mal a ninguem = veio depois com elle ao Crato, voltaram para o Salgueiro no mês passado e ultimamente D.Manoel intimou ao Pe.João Carlos que fizesse o Pe.Cícero sahir da casa d'elle; o Padre João Carlos desobedeceu a intimação, e lhe é por isso concedida a demissão de Vigario do Salgueiro, não sei se à pedido ou ex officio. Tenho o mesmo receio de V.E^{xcia}. Si (ilegível) que elle seguirá para Roma quando tiver a certeza absoluta de que embarcou. Ambos são esperados nesta cidade até o fim do corrente mês. (...) É curioso o telegrama do Pe.Cícero ao E^{xmo} Arcebispo da Bahia. Obedece e não obedece. Cada vez mais me convenço de que há no Padre Cícero algum desequilibrio ou requintada ma fé. Diz que se submete aos Decretos e defende os factos do Joazeiro, affirmando a veracidade d'elles..."

19-10-1897 = CRA 14,109

Jo "...O José Lobo há um mês mais ou menos chegou de Roma, o que trouxe ou arranjou, não sei. Contou a diversas pessoas nesta cidade que teve uma audiencia do Santo Padre que durou um quarto de horas, que entregou nas mãos do mesmo dois ou tres mil francos, offerta da associação – Legião da Cruz; que o mesmo Pontífice lhe havia declarado a elle nada saber do Joazeiro, etc.(...) Outro assumpto. A decadencia do Joazeiro vai em progresso tal que n'elle existem mais de quinhentas casas sem moradores. Já se vendeo uma por um kilo de carne, outra por tres mil reis, e outras não se vendem à falta de compradores. Corre como certo ter sido suspenso de todas as ordens o Pe.João Carlos, porque não obedecer a ordem de D.Manoel, despedindo da casa d'elle o Pe.Cícero. Não me occorre outra cousa de que dever dar noticia a V.E^{xcia} Rev^{ma} senão uma tristeza immensa do povo d'esta e de outras freguesias por temerem que o Seminario venha a deixar de funcionar para o futuro com a retirada do Padre Quintino. ..."

02-11-1897 = CRA 14,09

Jo "...No Joazeiro não se fala mais..."

12-11-1897 = CRA 14,10

Jo "...Vou consultar a V.E^{xcia} se devo consentir que um moço do Joazeiro ordenado há pouco celebrar alli durante o tempo que se demorar n'aquella localidade. Se eu negar o consentimento, havera por isso grande celeuma. O Joazeiro está se despovoando de um modo espantoso. As entradas estão repletas todos os dias de grande número de romeiros que ou regressam para os seus lares, ou seguem para outras Freguesias desenganados dos milagres. Fui segunda vez ao Joazeiro, encontrando o mesmo acolhimento, como da primeira vez. ..."

23-11-1897 = CRA 14,11

Jo "... O Padre Cícero continua no Joazeiro, digo no Salgueiro em companhia do Pe. João Carlos. O José Lobo está arranjando documentos, a saber attestados da Camara desta cidade e das autoridades não sei com que fim. O que é certo que o povo do Joazeiro, apesar dos ardis inventados para prolongar a comedia immoralmente urdida e pessimamente executada, está convencido de que a decadencia da cidade improvisada é inevitável. Os negociantes estão em grande parte procurando vender os estabelecimentos. (...) Ia me esquecendo: A retirada dos romeiros do Povoado do Joazeiro vai se avolumando, não só pela ausencia do Pe.Cícero mas também pela perseguição da policia aos muitos criminosos que lá se achavam. ... "

15-12-1897 = CRA 14,12

Jo "...Não tenho do Joazeiro cousas novas a communicar. O Padre Cícero ainda está para o lado do Salgueiro...."

22-12-1897 = CRA 14,13

Jo "... (fala do estado de saúde e de não poder fazer o retiro em Fortaleza... nada sobre Joazeiro nem Pe. Cícero)

23-12-1897 = CRA 14,14

Jo "..... O neo Sacerdote, filho de Joazeiro, cujo nome é Climerio Macedo, esperado alli para celebrar as Missas de festa, até agora não chegou e nem chegará a tempo de celebrá-las, segundo fui ultimamente informado. Como terá de vir pela Fortaleza, elle se entenderá com V.E^{xcia}, que conceder-lhe-a as faculdades que julgar convenientes. (...) O Padre Cícero, no dia 18 do corrente, chegou no Joazeiro, onde me achava eu desde o dia antecedente. Ignoro se veio somente a passeio, ou se pretende permanecer alli. Nesta ultima hypothese, farei a leitura do ultimo Decreto da Santa Sé. Durante a ausencia do Padre Cícero, affluíam sempre romeiros ao Joazeiro. Ainda há muito fanatismo alli, e muita prevenção contra mim. Tendo demorado n'aquella Povoação dois dias e parte de outro, a saber 18, 19 e 20 do corrente appareceram somente duas crianças para se baptizarem apezar de haverem decorrido vinte e dois dias da penultima que celebrei até a última. Raros são os doentes que pedem os sacramentos in articulo mortis durante o tempo que alli permaneço. Morrem sem elles, o que sei depois que me vem a noticia = morreu Fulano e não confessou-se. Se soubesse antes, procural-os hia..."

1898**12-01-1898 = CRA 14,15**

Jo "...O Pe. Climerio logo depois da chegada d'elle no Joazeiro veio ter comigo; e em conferencia disia-me que V.E^{xcia} havia-lhe feito à elle recommendações sobre o Joazeiro. Confiando que elle não abusaria não fiz restricção as faculdades que V.E^{xcia} a elle concedeu. Amanhã irei visitá-lo no Joazeiro quando observarei as ultimas, digo, quando indagarei pelas últimas occurencias. Há vinte e seis dias que o Padre Cícero chegou no Joazeiro; e até agora nada me communicou. Não fiz a leitura do Decreto ultimo, por que fui informado por pessoa fidedigna de que estava elle se preparando para a viagem a Roma que será logo, indo por Pernambuco sem ouvir a V.E^{xcia}. (...) O povo d'esta e das Freguesias vizinhas está amedrontado com a falta de chuvas a qual tem concorrido muito para a alta de genero. No Joazeiro e aqui está havendo muita fome. "

24-01-1898 = CRA 14,16

Jo "...O Padre Cícero Romão Baptista depois de ter permanecido cerca de um mês na Povoação do Joazeiro em preparar a viagem, seguiu para o Salgueiro do Estado de Pernambuco do dia 14 para 15 de janeiro do corrente ano com a pretensão de seguir de lá para Pernambuco e de Pernambuco para Roma. A viagem à Pernambuco realisou-se com certeza assim o disseram pessoas vindas do Salgueiro. Veremos se elle ira à Cidade Eterna. Estranhando o Major ...Gonçalves o procedimento d'elle por ter de fazer o itinerário sem passar na Fortaleza onde poderia ter uma entrevista com V.E^{xcia} respondeo: Não vou pela Capital do Ceará, porque o Bispo d'alli não gosta de mim: irei à Roma onde farei protesto de obediencia e adhesão ao Santo Padre, mas não me obrigará a negar o que vi, porque assim iria de encontro a minha consciencia. Calar-me-ei se Elle me mandar, e nada mais farei. Isto mostra ou o desequilibrio na mentalidade do Padre Cícero ou a mais requintada má fé. Coitado. Antes da partida d'elle para o Salgueiro – alguns agentes do mesmo Padre andaram n'esta Freguesia e na de Barbalha andando pedindo attestados affirmativos das virtudes e santidade d'elle, e outros procuraram documentos com o fim de me desconceituarem perante a Santa Sé, cheios de calumnias as mais aviltantes segundo sou informado. O Padre Climerio tem até agora permanecido no Joazeiro onde tem se comportado bem e feito muito bem ao povo d'alli..."

ANEXO

15-02-1898 = CRA 14,17

Jo "...O Padre Cícero há um mês mais ou menos seguiu para o Salgueiro como destino a Cidade Eterna, como já communiquei em minhas ultimas cartas. Fui informado por pessoas de fé ter elle partido do Salgueiro em companhia do Juiz de Direito d'alli para Pernambuco, dizendo constar ter embarcado em direcção a Cidade dos Papas...."

01-03-1898 = CRA 14,92

Jo "Não tenho notícia importante a communicar a V.^{Excia} ..."

16-03-1898 = CRA 14,18

Jo "...Nada há de novo pelo Joazeiro. Acham-se entre nós os Padres Agio e João Carlos."

13-04-1898 = CRA 14,19

Jo "... O Pe. João Carlos continua a residir aqui: disse-me que pretendia acabar os dias de vida n'esta Diocese. Apesar de ser doente (...) Disse-me o Pe João Carlos que não requerio Provisão por não ter trazido carta commendaticia em razão da pressa da viagem de Salgueiro para esta cidade. Pedirá dita carta no Correio da manha , e nisso haverá muita demora. Se não fosse contra a praxe – V.^{Excia} poderia exigil-a de D.Manuel por telegrama, e o Padre seria logo provisionado, e começaria a prestar serviços. "

02-05-1898 = CRA 14,20

Jo "...Estive há pouco tempo cinco dias no Joazeiro durante os quais o trabalho foi de esfolgar sendo consideravel o numero de doentes que sacramentei. Pouco a pouco estão se chegando...."

12-05-1898 = CRA 14,21

Jo "... V.^{Excia} sabe que Nossa Senhora das Dores tem no Joazeiro um património que comprehende grande número de casas da Povoação, na qual se dá com muita frequencia transmissão de propriedade pela venda das mesmas. Desde que consegui que o mencionado patrimonio passasse da mão do T.^{en} C.^{el}. Arristides para o meu poder ou antes para o do Fabriqueiro – não houve um só comprador que pagasse o laudemio, tributo que se paga ao Senhorio qualquer que elle seja. A lei que ordena pagal-o, vigorou sempre no tempo da Monarchia e continua depois da Republica sem ter soffrido modificação alguma, sendo em virtude d'elle obrigado a cada devedor, digo, cada comprador de propriedades ou bens de raiz a fazer a paga antes de ser passada a competente escriptura. Não pagam o laudemio Joazeiro, por que o José Lobo, pediu achates do Padre Cícero. Disse alto e bom som que aquelle imposto era e é um roubo. Tenho empregado e vou empregar meios diplomaticos, servindo-me das influências locais no intuito de conseguir que sejam pagos os laudemios atrasados e os que devam ser cobrados d'ora em diante. Senão derem resultado os meios que forem postos em prática, consulto à V.^{Excia} o que devo eu fazer? A lei é favoravel ao patrimonio que é do Senhorio; e se os Escrivãos comprirem o seu dever d'elles, passando as escripturas a vista dos bilhetes de laudemio, somente a vista d'elles como manda a referida lei o patrimonio não teria prejuizo, quero dizer a Fabrica não seria tão prejudicada como tem sido. (...) Os habitantes da cidade receiam ser atacados pelos romeiros que dizem francamente aqui acola = de fome não morreremos. Falam assim por que pretendem recorrer ao saque. Se não fosse uma mandioquinha que eu e o Pe Fr Alex temos no Araripe, não sei como poderíamos subsistir. Outro assumpto. O Padre Cícero escreveu a familia, dizendo que há dois meses que estava em Roma, e não tinha podido obter uma conferencia do Papa. É o que por aqui corre. ..."

20-06-1898 = CRA 14,110

Jo "...Estive ultimamente no Joazeiro donde cheguei hontem. Pessôas íntimas do Pe.Cícero me affirmaram que elle, no dia 12 do corrente partio de Roma, e nada mais adiantaram, e nem falaram no interrogatório feito pelo Santo Officio. A notícia foi dada por José Lobo em carta que dirigio ao velho Cap. Pedro Lobo de Menezes. ..."

13-09-1898 = CRA14,102

Jo "...no próximo correio seguirá um requerimento à V.E^{xcia} pedindo authorisação para cobrar judicialmente os laudemios no Joazeiro...."

22-09-1898 = CRA 14,22

Jo "...O Pe. Joaquim Marques Peixoto mandou um cunhado à minha casa com o fim de saber que eu permittia elle celebrar no Joazeiro todos os domingos. Hesitei antes de dar a resposta, e respondi affirmativamente, receiando que lá se dissesse que eu me oppunha a qualquer benefício espiritual que do Joazeiro reclamasse, impossibilitado de frequental-o todas as semanas. Julguei de meu dever communicar o occorrido a V.E^{xcia} e fazer as seguintes ponderações em vista das quais dará V.E^{xcia} resposta sábia e prudente. O Pe. Peixoto foi discípulo de José Marrocos com quem entretem relações: foi convidado pelo José Lobo para a celebração das missas alli, mas não frequenta o Joazeiro e nem tem, ao que me consta, laços de sympathia que o prendão a aquelle povo, mas é espeloteado como V.E^{xcia} sabe. Se V.E^{xcia} entender que o Padre não deve continuar a celebrar alli e administrar sacramentos, me communique que eu saberei cumprir, como sempre, as ordens de V.E^{xcia}"

28-09-1898 = CRA 14,129

Jo "...O Padre Peixoto, segundo sou informado, contratou capellania no Joazeiro por dois contos de reis talvez na presompção de que V.E^{xcia} permittirá que elle continue a celebrar Missa alli. O negocio foi feito por José Lobo, talvez com o fim de serem de preferencia administrados os sacramentos pelo dito Padre com exclusão do Vigáro n'aquella povoação; por isso desejo que V.E^{xcia} não dê assentimento à tal Capellania. (...) V.E^{xcia} ficou contrariado com a carta recebida no Araripe e desaparecida sem saber como tal se deo. Ella não continha segredo, senão notícias do Padre Cícero em Roma e outras cousas desta natureza. Foi a primeira vez que isto se deo. Peço a V.E^{xcia} desculpa do que occoreo. A carta em que V.E^{xcia} se refere ao Monsenhor Fernandes foi inutilizada logo depois de recebida e lida, e disto já dei sciência a V.E^{xcia} há mais de um mês, salvo engano. Farei o mesmo com as outras que contiverem particulares segredos. Communicarei aos interessados o proposito em que está V.E^{xcia} de não consentir na collocação da estatua do Coração de Jesus com as indulgencias exaradas na tal authentica(ção). Em vista do que me disse V.E^{xcia} continuarei à combater a Legião da Cruz que, muito à surdina, José Lobo e seus comparsas d'elle tem propagado n'esta freguesia e vizinhas. (...) Ia me esquecendo. Informou-me o Sachristão do Joazeiro que a frequencia de romeiros alli é insignificante, e que os poucos que chegam nada trazem, por isso os especuladores estão contrariadissimos. ..."

16-11-1898 = CRA 04,37

Jo "...Ha cerca de um mez, declarei ao Sr José Lobo que V.E^{xcia} prohibira de funcconar n'esta freguesia como em toda a Diocese a Legião da Cruz. Disse que eu dirigisse-lhe um offício para elle apresentar na sessão seguinte, e a tal associação não funcconaria mais. Officiei, mas não sei que effeito produziu, se de facto ella deixou de pôr-se em actividade. (...) Fico sciente do que decidio o Santo Officio relativamente ao Padre Cícero e ao Joazeiro. Li um telegramma delle a família declarando

seguir para essa Capital no dia 8 do corrente, vindo depois para o Joazeiro. Os mais íntimos do Padre dizem abertamente que se vier para o Joazeiro a cousa continuará do mesmo modo. Vai com esta a cópia do Offício do José Lobo em resposta ao meu. ...”

28-11-1898 = CRA 14,23

Marrocos “... Constando-me que o Senhor está agenciando donativos n’esta cidade e Freguesia no intuito de socorrer exclusivamente os pobres do Joazeiro, não tendo para isto authorisação, dirijo-lhe este, proibindo expressamente a continuação de semelhante abuso, previsto e mencionado no artº, digo, no Titulo XIX do Capitulo XVII das Constituições Synodales Diocesanas, que encarrega a conciencia dos Pastores no tocante ao cumprimento de semelhante dever. Deus guarde a V^{mcê}.”

14-12-1898 = CRA 04,38

Jo “... A seca nesta freguesia e vizinhas está fazendo estragos horrorrosos, principalmente no Joazeiro, cuja população faminta e maltrapilha, em sua maioria, sahe todos os dias a mendigar o pão em todas as direções. Fiquei satisfeitissimo com a promessa dada por V.E^{xcia} de nomear meu Coadjutor o Pe. Severiano. Entendi-me com elle, e consultei-o se aceitava a incumbencia de residir no Joazeiro? Respondeo que não. (...) A minha opinião é que no Joazeiro deve-se estabelecer um Padre de idade mais avançada, prudente e ao mesmo tempo energico, ao menos enquanto aquelle povo se submete aos decretos e ensinamentos da Santa Madre Igreja. (...) No dia 4 do corrente chegou no Joazeiro o Padre Cícero, e n’esta cidade no dia 7. Celebrou no dia 8 na Casa de Caridade. Visitei-o, mas nada conversamos sobre a questão que o levou à Roma. Disse elle ao Pe. Quintino que o Santo Offício lhe dera todas as ordens e que admirava V.E^{xcia} ainda não ter recebido communicação n’este sentido. Os apaniguados do Pe. Cícero dizem aos fanaticos = o Padre trouxe todas as Ordens, mas o Bispo tomou-as, resultando de semelhante embuste indignação geral contra V.E^{xcia}. Oportunamente benzerei a estatua do Coração de Jesus antes de ser collocada na Capella do Joazeiro, e n’esta occasião farei o que V.E^{xcia} prescreveo. (...) Consta-me que os romeiros não estão satisfeitos com o Padre Cícero, e estão se mudando em grande quantidade. O José Marrocos, sem authorisação minha, tratou de agenciar donativos n’esta cidade no intuito de fazer uma loteria em favor somente dos pobres do Joazeiro. Prohibi semelhante abuso por um officio cuja copia remetto a V.E^{xcia}. Não obstante a minha prohibição, levou a effeito a pretensão d’elle, deixando de responder meu officio. Ainda uma palavra sobre o Sacerdote que deve estabelecer-se no Joazeiro. Além das qualidades que já mencionei- deve ser estranho a localidade e tomar o alvitre de pregar e pregar sempre a aquelle povo supinamente ignorante em matéria de religião. (...) O que for occorrendo (?) a estada do Pe. Cícero no Joazeiro, mencionarei a V.E^{xcia}. “

1899

07-02-1899 = CRA 14,97

Jo “... Em observancia ao que V.E^{xcia} exigio de mim em carta datada de 25 de janeiro prox. passado, continuo a dar informação sobre o Padre Cícero. Obedecendo as terminantes ordens de V.E^{xcia}, deixou o Joazeiro no dia em que completou os dois meses de permanencia no Joazeiro permittidos por V.E^{xcia}, e está por ora n’esta cidade. O procedimento d’elle até agora nada teve de reprehensivel; pelo que me atrevo a pedir a V.E^{xcia} o seguinte. Que permita o Pe. Cícero demorar no Joazeiro ao menos uns tres meses, por que a mãe d’elle que se acha muito doente e que tanto o extremece tem muita necessidade d’elle; e, além disso, o povo faminto d’aquelle Povoado, durante a crise actual, que muitas vítimas tem feito por inanição, com a presença do Padre alli é em grande parte alliviada em suas mais rigorosas necessidades. Na confiança de que V.E^{xcia} attenderá ao meu pedido – manda o Padre Cícero um positivo, conduzindo esta carta cuja resposta elle deverá trazer em todo o caso, ainda que V.E^{xcia} não possa dal-o logo. ...”

01-03-1899 = CRA 04,40

Jo "... (nada sobre Joazeiro nem Pe.Cícero. Fala da morte da irmã dele.)

22-03-1899 = CRA 14,113

Jo "...Está V.E^{xcia} à partir para a Cidade Eterna, por isso pergunto se não deixará alguma disposição particular sobre os negocios do Joazeiro e mesmo sobre o Pe.Cícero. Outro assumpto = Parece prudente adiar para Junho a vinda dos Missionários por que grande parte de habitantes do Joazeiro no mês de Maio estará em colheita longe do Povoado. ..."

26-03-1899 = CRA 14,121

Jo "... (Nada sobre Joazeiro nem Pe.Cícero. Fala do Padre Peixoto que não pode assumir paróquia em razão de doença)

26-03-1899 (2) = CRA 14,122

Jo "... (é a mesma carta do que a CRA14,121!!)

26-03-1899 (3) = CRA 14,123

Jo "... (anuncia a morte de um sobrinho de 16 anos) Fico sciente da partida de V.E^{xcia} para a Cidade Eterna nos primeiros dias de Abril. Fico também certo da vinda dos Missionários no começo de Maio (...) O que dizer sobre o procedimento do Pe.Cícero, achando – regular – foi bancado nas minhas observações e informações de pessoas de critério, que vivem no Joazeiro. Admira, pois que elle anime os fanáticos dizendo que tenham paciencia, prudencia, etc que perante os catholicos adherentes se mostra obediente, e os asseclas – putinam, e não chegou isto ao meu conhecimento. Farei ver a este sacerdote que elle não podera mais permanecer no Joazeiro sob pena de V.E^{xcia} declarál-o in curso em excommunhão. ..."

10-07-1899 = CRA 04,41

Jo "...Como já communiquei a V.E^{xcia} que as Santas Missões começaram aqui no dia 10 de Junho, e findaram no dia 27 do mesmo mês. Nada se deo de notável no decurso d'ellas, como verá V.E^{xcia} no pequeno e mal elaborado relatório que a esta acompanha. Depressa se mudaram as cousas. O povo do Joazeiro, representado por duas pessoas mais notáveis d'alli, entrou em negociação com a Pe.Severiano no intuito de ficar lá como Capellão. Fizeram os dois a tentativa e não conseguiram formar o peculio para o pagamento do Capellão, por isso desistiram do negócio. É preciso, por tanto, que V.E^{xcia} arranje um Padre para ficar no Joazeiro, e este para viver independente e ter mais liberdade de acção não deve sujeitar-se a uma Capellania paga por aquelle povo, mas ser remunerado por V.E^{xcia}, embora isto lhe custe. O Padre Cícero, uma vez ou outra, vai ao Joazeiro, e acontece demorar dias por alli em razão do agravamento do padecimento da velha Mãe. Eu fiz-lhe vêr mais uma vez que elle não podia permanecer no Joazeiro, e que para satisfazer as ordens e desejo do Santo Offício – elle devia transportar a familia d'elle para esta cidade ou para outra parte. Respondeo que o estado da velha não permittia deixar o Joazeiro sem perigo de vida pelo abalo da viagem. Allegou a impossibilidade de vir com ella para esta cidade por não haver casa desocupada que possa conter a familia assaz numerosa. Sabendo o Missionario João Pedro desta relutancia em deixar o Joazeiro, disse: Os resultados obtidos com as Santas Missões foram satisfactorios; mas estes só serão duradouros se vier um sacerdote bom e o Padre Cícero deixar o Joazeiro, pois o Padre, por mais bem intencionado que seja, não terá liberdade de acção, permanecendo o Pe.Cícero n'aquelle logar. A culpa não é do Padre Cícero, mas do povo que fez d'elle um espécie de ídolo a que adoram. Eu e os meus Collegas pensamos do mesmo modo. ..."

ANEXO

29-09-1899 = CRA 14,24

Jo "... Logo depois da partida de V.E^{xcia} para a Cidade Eterna cahi tão doente que estive à ponto de morrer. O mal appareceu em Maio, recrudeceu muito de modo que no fim d'aquelle mês accompanhei os missionários para o Joazeiro com perigo de vida a despeito da prohibição dos curandeiros d'aqui. (e conta toda a doença dele e o projeto da viagem para Rio de Janeiro com o Dr . Madeira) (...) Por causa de minha doença foi um pouco tardia a remessa do relatorio das Missões do Joazeiro que seguio por intermedio do Pe. Julio Simão. (...) As Santas Missões diminuiram muito os abusos do Joazeiro, mas me consta haver quase diariamente affluencia de romeiros. O Padre Cícero ora está lá ora esta aqui, sendo certa a permanencia d'elle n'aquelle Povoado por causa das confissões na hora da morte, para as quais é chamado com frequencia. A velha Mãe d'elle continua muito doente, e é este o motivo, disse elle, de ir com alguma frequencia ao Joazeiro...."

10-11-1899 = CRA 14,26

Jo "... (Carta escrita de Nitheroy dando noticia da saúde etc.)

13-11-1899 = CRA 14,25

Jo "...Estimei muito saber que meu relatório e a carta dirigida por mim a V.E^{xcia} chegaram a tempo na Cidade Eterna, e que o Exmo Arcebispo Commissionário do Santo Officio, falando sobre os factos do Joazeiro, admirou não tanto a prudencia como a sabedoria com que V.E^{xcia} procedeo em tão malfadada questão.

13-12-1899 = CRA 14,27

Jo "... (Nada sobre Joazeiro nem Pe.Cicero. Conta a viagem de volta e o estado de saude bem melhor...)

26-12-1899 = CRA 14,28

Jo "...Vou agora escrever de novo a V.E^{xcia} para dar conhecimento das ultimas occorrencias que tomaram impossivel minha continuação no parochiato d'esta freguesia. No dia 24 do corrente, estando eu na Matriz confessando algumas mulheres, recebo um chamado de minha mana Mathilde: venho a casa, e n'ella encontro o Dr Ildefonso que pedio hospitalidade. Um quarto de hora depois, grande quantidade de pessoas, entre as quais soldados, presos criminosos, começam a soltar fogo sem bomba, bater em latas e à dirigir epithetos injuriosos ao Dr Ildefonso. Outro grupo de soldados e pessoas do povo, capitaneado pelo Delegado de policia que é o próprio commandante da guarda local tomou o portão e tentou arrancar do muro o cavallo da montada do mesmo Dr., ameaçando de botal-o em um jumento encangalhado e forçal-o a voltar para a serra do Araripe. Facto semelhante dado de surpresa em minha casa, produziu-me um choque tão grande que estive à ponto de causar-me a morte. Um moço das principais famílias d'aqui, tendo sido vaiado quando entrava em nossa casa com o fim de visitar o Dr. Ildefonso, sobe a escada, comprimenta o mesmo Dr. e logo depois soffre uma syncope da qual resultou a morte assistido pelo Dr Madeira, Ildefonso e o T^{ent} C^{el} Secundo que tudo empregaram para salvál-o. Chamado da Matriz onde me achava, vindo ás carreiras, ainda pude absolver-o Tudo quanto se deo foi de ordem do chefe José Belém que declarou não ter respeitado minha casa, porque eu dei hospitalidade a um inimigo d'elle. Sua petulancia e protonia da parte do chefe boçal e estúpido d'esta infeliz terra!! Desacatado em minha casa apesar de não me immiscuir em negocios políticos nem em outros quaisquer que não se refiram ao cargo que occupo, vejo-me forçado a retirar-me d'esta freguesia, ou demittido ou com licença de seis meses ou um ano enquanto melhora este estado de cousas. (...) Outro assumpto. Soube que o José Lobo há pouco chegado de Roma trouxera 8000 retratos do Pe.Cícero e a tem vendido até de 5#000. Nada mais sobre o Joazeiro...."

1900

03-01-1900 = CRA 14,29

Jo "...O triste acontecimento do dia 24 de dezembro já comunicado a V.E^{xcia} em carta que remetti pelo Dr. Madeira produziu alguma alteração em minha saúde. Persisto na resolução que tomei de ausentar-me d'aqui, ao menos temporariamente, embora os meus parochianos, em sua quase totalidade, não queiram se conformar com ella. (...) Sobre o Joazeiro, nada sei que devo comunicar à V.E^{xcia}.."

17-01-1900 = CRA 04,42

Jo "...voltando ao acontecimento do dia 24 do mês passado, cumpre-me declarar à V.E^{xcia} que, apesar do que soffri, não me metto na política, e nem pretendo imiscuir-me nos negócios políticos d'esta terra e a razão é que se eu aborrecia a política no tempo da monarchia – muito mais agora no regime republicano que eu detesto mais do que ninguém. Antes da minha viagem para o Rio dei sciencia ao Provisor do Bispado do procedimento criminoso do Pe. Joaquim Peixoto n'esta parochia. Nada mais adiantei a V.E^{xcia} no tocante à este assumpto por aquelle motivo. Mas como V.E^{xcia} indaga da conduta do referido Padre – vou de novo referir o que occorreu. Em dias de Agosto do anno passado o Pe. Peixoto conduziu as 10 horas da noite uma moça que se achava em sua própria casa, sem mais outra companhia, e depositou-a em casa de uma pobre viuva d'esta cidade. Algum tempo depois, mandou-a para a Freguesia do Exu, Bispado de Pernambuco, e lá visitou-a duas ou tres vezes, sendo as ultimas vezes em traje secular. Antes do fim de Setembro sahio d'aqui para o Bispado da Parahyba, onde permanece actualmente, levando consigo segundo me informaram a tal moça que era romeira e afilhada do Pe. Cícero. Garantiram-me pessoas da família do Padre e outros que elle mandou deixa-la nas mattas do Sul, lugar da naturalidade d'ella. Eis o que sei à respeito do Pe. Joaquim Peixoto. Este Padre é tão doente que não podera ser Vigario; é espeloteado de modo que não se dara bem em parte alguma. Isto que affirmo agora – já o disse por muitas vezes muito antes de receber a carta de V.E^{xcia}. Os curiosos (curandeiros) d'aqui são da minha opinião.

19-01-1900 = CRA 14,32

Jo "Nada sobre Pe. Cícero nem Joazeiro. Alexandrino fala de sua viagem para Fortaleza e que nenhum Padre quer substitui-lo na Freguesia do Crato)

01-02-1900 = CRA 14,30

Jo (nada sobre Joazeiro nem sobre o Pe. Cícero. Alexandrino fala de novo dos acontecimentos do dia 24 /12, da saúde, da viagem , da necessidade de se afastar...)

13-02-1900 = CRA 14,31

Jo "... (Nada sobre Joazeiro e Pe. Cícero... Alexandrino não acha ninguém para substitui-lo durante a sua ausencia...)

29-03-1900 = CRA 04,43

Jo (nada sobre Joazeiro nem Pe. Cícero. Alexandrino da notícia da viagem que está fazendo para Fortaleza, escreve de Quixada...)

03-04-1900 = CRA 04,44

Jo (escreve de Iguatu: "O Padre Vicente Sother, apesar de doente, encarregou-se de reger a Freguesia do Crato durante minha ausencia e como é vedado à elle celebrar no Joazeiro, peço a V.E^{xcia} que levante ou retire aquella prohibição afim de lá prestar todo cerviço religioso a aquella porção do rebanho Cratense. ..."

Sem data

sem data = CRA 14,33 (ainda é Padre e não Monsenhor)...deve ser no fim de 1894 (ver CRA 46)

Jo "...Depois de concluida minha carta de 14 do corrente recebi uma carta de V.E^{xcia} datada do 11 de Outubro passado. Dei inteiro cumprimento à tudo quanto V.E^{xcia} n'ella determinou do seguinte modo. Depois de lido o officio remetti-o por pessoa de confiança ao Pe.Cícero, o qual, no prazo fatal (5º dia) veio a nossa casa com um officio lacrado, mas não encontrou-me: entregou-o a minha mana Mathildes e das mãos d'ella recebi-o hontem. Sendo Vigário da Freguesia, entendi que podia abril-o, e o fiz na supposição que V.E^{xcia} não estranharia meu procedimento. Li com attenção aquella peça e não achei-a regular, e nem capaz de ser publicada. A meu ver, pode tudo ser menos uma retratação no sentido estrito da palavra. As quatro beatas do Joazeiro continuam em sua contumacia d'ellas. Agora vou dar à V.E^{xcia} informações sobre a Capella em que o Pe.Cícero tem celebrado quase sempre. A Capella dista meia legua d'esta Cidade e duas léguas do Joazeiro. Ella está encravada no districto do Crato, sendo para notar que no districto do Joazeiro não existe uma só Capella. Apesar da grande distancia de duas leguas do Joazeiro para a dita Capella, no sitio denominado Saquinho, tem vindo todos os dias grande multidão de povo ouvir missa do Pe. Cícero, e me consta que muitas vezes vem em apparato, tocando caixas e outros instrumentos talvez para despertar o povo. É o quanto posso informar V.E^{xcia}. A maior novidade aqui no Cariry é a retirada do Pe.Vicente Sother do Jardim para Barbalha afim de evitar a morte. Convém que eu informe a V.E^{xcia} sobre os factos alli occorridos ultimamente. Antes de fazê-lo devo dizer a V.E^{xcia} quem é José Marrocos Pires de Sá o perseguidor infrene do Pe.Vicente Sother. Este homem é habitualmente dado ao vicio da impureza e da embriagem, e apesar d'isto, como é chefe da situação na Freguesia do Jardim, tem uma certa roda que o cerca composta das pessoas mais salientes da localidade pela politica ou fortuna. Contando com tais elementos, resolveo enxotar o Pe.Sother e o fez, sahindo em uma passeata, com grande numero de capangas e soldados todos armados, ébrios e dizendo em voz alta no patamar da Igreja. Morra o padrico = acabemos com este padre besta, e outras quejandas injurias proferio por algum tempo contra o pobre Padre, levando consigo bombas de dynamite, talvez para arremessar-as contra o Padre. Garanto à V.E^{xcia} que o Pe Vicente Sother tem sempre procedido correctamente, e não deo de modo algum lugar as ultimas occurencias. O tal Marrocos e o Dr Gilberto há muito que o odeiam e para prevenir o animo de V.E^{xcia} contra o Pe.Sother falam em Joazeiro em fanatismo etc. O Pe.V.Sother vai perfeitamente de accordo connosco sobre a execução dos Mandamentos da ultima Pastoral. Só confessa e administra sacramentos a quem reprova e condemna os factos do Joazeiro. A conselho meu, do Pe. Manoel Candido e outros collegas não voltou mais para o Jardim entregando a Freguesia ao Pe Abbath, enquanto não vier ordem em contrario de V.E^{xcia}. ..."

sem data = CRA 14,34

Jo Nada sobre Juazeiro ou Pe.Cícero. Pede demissão por razão de saúde e pede para ir 3 ou 4 anos no Rio Grande do Sul com a família numerosa.

cartão = CRA 8, 02'

Jo "... Sobre as declarações dos Padres implicados na comedia do Joazeiro já emitti meu fraco juizo em outra carta que à V.E^{xcia} dirigi. Nunca suppuz que o Pe.Antero fosse tão refractario ao cumprimento do dever. Recebi o officio dirigido por V.E^{xcia} a Monsenhor Monteiro, e em obediencia a V.E^{xcia}, entreguei-o logo depois...."

...-...? = CRA 04,45

Jo "...Ha muito que o Pe. Me^l Candido insta commigo, porque eu prohibo as communhões dadas diariamente em outras capellas afim de que só tenham lugar na Matriz. Esta medida é de alta

conveniencia para a boa ordem na direção das almas de sua parochia. Devo exceptuar apenas o pessoal da Casa de Caridade, disse elle. Eu poderia por mim mesmo pôr em pratica o conselho do Pe. M^{el} Candido, mas temo difficuldades da parte do Pe. João Carlos que está residindo aqui; por isso rogo a V.E^{xcia} que mande lavrar uma Portaria com aquella prohibição que durará em quanto eu julgar conveniente. Duas palvras mais. Por causa do que soffri no Joazeiro, pretendo prohibir confissões, missas e administração de sacramentos na Capella do Joazeiro até que V.E^{xcia} responda-me esta carta. Não quero exorbitar: tomei esta medida que julguei necessária e disposto à fazer sempre o que V.E^{xcia} me determinou. Agora uma amostra do espirito religioso daquelle povo. Mui poucas pessoas do Joazeiro tem vindo se confessar aqui, e apenas chegam lá de volta, soffrem vaías do povo, inclusive as beatas. “

...-...? = CRA 04,46(para Ralph = 18-01-1895 ver p.88, nº57)

Jo “...Antes de tudo, declaro a V.E^{xcia} que o positivo por mim mandado com a retractação do Pe.Cícero, cahio doente no caminho e d’ahi remetto por outro os papeis. O portador d’esto é irmão d’elle e tudo contará a V.E^{xcia} no tocante à tão desagradável incidente. Cumpri as ordens de V.E^{xcia} entregando por intermédio de pessoa de minha confiança o officio de V.E^{xcia} ao Pe.Cícero e este no terceiro dia depois da entrega veio trazer a resposta que não satisfaz. Conversando hontem com elle que veio pessoalmente trazer o officio em resposta, perguntei-lhe à elle se elle era a cópia fiel da minuta que veio? Respondeo que não, allegando ter de salvar a dignidade d’elle. Disse mais que se V.E^{xcia} aceitasse a resposta que vai, não poria duvida em assignar a minuta tal qual veio, e remettê-la depois por meu intermédio. O Pe.Cícero, Sr. Bispo, está desequilibrado, senão ouça V.E^{xcia}. Hontem mesmo, na nossa conversa tratando-se da Decisão da Santa Sé pelo órgão da Congregação do Santo Officio, disse elle. Eu reprovo e condemno os factos do Joazeiro sem restricção alguma de accordo com a Congregação, mas não posso negar o que vi, e podem ser verdadeiros os factos porque a Decisão pode soffrer duas ou tres revisões, como me disse o Sr. Bispo e demais a Egreja, digo, a Congregação não poderá approvar um erro, mas pode condemnar uma verdade por não estar bem provada. Nada altero do que elle me disse. Pedio depois reserva do que havíamos conversado perante minha mana e mais duas ou tres pessoas, mas não devendo calar cousa alguma do que occorre sobre o Joazeiro me apressei em fazer a V.E^{xcia} a devida comunicação. Fiquei com a copia da minuta que V.E^{xcia} mandou para o Padre Cicero. Apesar de não ter elle dado a resposta no sentido proposto por V.E^{xcia}, todavia tomei a resolução de mandar sempre um positivo que será pago à minha conta. Remetto a V.E^{xcia} a adhesão ou submissão de algumas pessoas salientes do Joazeiro à Decisão da Sagrada Congregação. Em virtude d’esto documento, resolvi-me à ir celebrar uma missa de Natal no Joazeiro afim de ao mesmo tempo sondar o que alli se passa, e qual tem sido o procedimento do Pe.Cícero n’estes últimos tempos. Não sei se obrei mal procedendo assim. Alguns dos mais exaltados fanaticos assignaram-se no mencionado documento. Tres pessoas salientes d’esta cidade fizeram uma loteria de grande vantagem para as Casas de Caridade do Cariri. Peço autorisação para que os outros vigarios do Cariri possam com nosso prestigio concorrer para a venda dos bilhetes. Ainda sobre o Pe.Cícero. Em vista do que communiquei a V.E^{xcia} parece-me que o Pe.Cícero já incorreo em irregularidade; não pode por conseguinte celebrar. Ainda há uma concurrencia enorme nas missas por elle celebradas na Capella do Saquinho...”

sem data (1) = CRA 14,131

Jo “...Ha pouco andei no Joazeiro, encontrando alli o povo humilde e menos prevenido contra mim. ...”

ANEXO

sem data (2) = CRA14,132 (deve ser em 1894)

Jo "...Parece-me que o Pe.Clicério fará uma retratação em regra. O procedimento do Pe.Cícero tem sido altamente reprehensível. Vindo à minha casa durante minha ausencia no Araripe, perante o Pe. J^m Sother e muitas outras pessoas, defendeo os factos do Joazeiro e se em minha casa procedeo assim, o que não terá feito em outros lugares? A retratação delle foi conduzida por Mons.Monteiro e sobre ella já emitti meu fraco juizo. O Pe.Cícero acha-se actualmente no Icó em companhia de seu Fidem Achates d'elle. Informaram-me que partio do Joazeiro à meia noite.

...-...- ? = CRA 04,39 (deve ser 04-07-1893 = ver CRA04,17)

Jo ... "Na festa do Joazeiro de 3 de julho deo-se o seguinte. O Pe.Antero, sendo esperado no dia 2 à tarde, foi-lhe ao encontro um numero de cavaleiros superior a mil à cuja a frente iam o Pe.Cícero e Monsenhor Monteiro. Chegando (de) facto naquella tarde, sendo recebido com a maior pompa e solenidade possivel pois estava annunciando que a recepção seria papal = mais de 200 arcos comiavam todas as ruas que estavam todas illuminadas, salientando-se as luzes penduradas dos (?) arcos, uns de palmeiras e outros de diversas arvores. No espaço que mediava entre umas e outras ruas via-se galhos verdes de arvores enterrados que formavam uma floresta provisória. Apenas se approximou o imenso acompanhamento, gyrandolas de foguetes, em grandissima quantidade fendia enquanto que das casas de particulares sahião outros em tanta quantidade que (?) as ruas. Logo que se apeou o R^{do} D^r e collegas, algumas moças fizeram a elle discursos encomiasticos. Algum tempo depois, talvez as oito horas da noite, foram vistos diversos fogos de vinte e alguns balões. Nos mencionados arcos vião-se as seguintes inscrições = Viva o Pe. Antero = Viva o Pe. Cícero. Consta que o Pe. Antero declarou em sermão feito n'esta noite, que o negocio do Joazeiro estava decidido em sentido favoravel ao Pe. Cícero etc; apenas faltava pouca cousa. No dia seguinte houve missa cantada pelo Pe. Felix Aurelio acolitado pelos Padres Manoel Rodrigues e Vicente Sother. Orou ao Evangelho o Pe. João Carlos. Oito Padres achavam-se neste dia no Joazeiro; os quatro mencionados e Pe.Cícero, Monsenhor Monteiro, P^{re} D^r Antero e Padre Malachias, sendo este último da Parahyba. Grande número de moças e meninos, de cabelos soltos e a fronte ornada de grinaldas, vestidas de branco foram visitar o Pe. Antero. Estavam preparadas para a Procissão; mas como não chegou a licença sollicitada do Internuncio, foram cumprimentar o Pe.Antero. Pessoa grada d'aqui do Crato diz que a recepção foi accintosa à V.E^{acia}: não affirmo isto mas me parece ser assim mesmo. ..."